

Prodígios da Homeopatia

Dr. Penna Ribas

2ª Edição
SEPE

Copyright © Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas.
Rua Visconde de Itaboraí, 265 — CEP 24.030-091
Centro — Niterói-RJ
Telefones: (021) — 620-8574, 621-5200 e 714-0682.
Capa: Eduardo Garretano Moraes do Vale
Diagramação: Zilda Braga
Revisão: SEPE

Ribas, Randolpho Penna, 1907—1994.
Prodígios da Homeopatia/Penna Ribas;
2. ed. — Niterói, RJ : Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas,
2001.
432p.; 225 cm.
ISBN 85-86004-06-5 (broch.)
1. Homeopatia. 2. Religião.

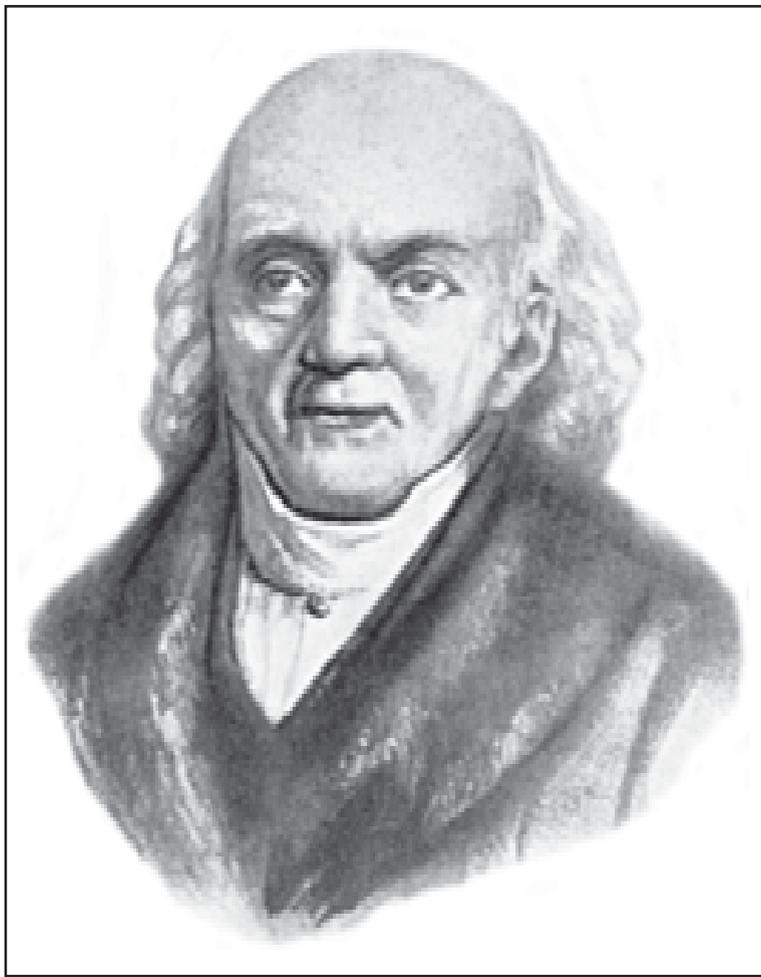
CDD — 615.532

Todos os direitos reservados com exclusividade pela SEPE. A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja ele total ou parcial, constitui violação de lei.

Aproveitando o ensejo desta minha singela homenagem ao Venerável Mestre Samuel Hahnemann, quero deixar aqui expresso o meu sincero agradecimento a toda equipe de discípulos que trabalhou na coordenação desta obra e a todos os demais amigos e admiradores que contribuíram com suas doações para que pudesse levar de vencido o trabalho dos sepeanos; doações, repito sem as quais seria de todo impossível editá-la, pois fui médico pobre e pobre estou, mas rico sim da Graça de Deus, por ter conhecido, entendido, sentido e praticado com muito amor estas duas maravilhosas Doutrinas que se completam: Homeopatia e Neo-espiritismo. A todos pois, as minhas melhores vibrações de saúde e paz.

A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

*Homenagem ao benfeitor
da humanidade
Samuel Hahnemann*



A SEPE divulga os livros do Dr. Penna Ribas gratuitamente em meio eletrônico

Sumário

Samuel Hahnemann, o benfeitor da humanidade	19
A influência dos fatores psíquicos na gênese das doenças	23
A Doutrina vitalista de Samuel Hahnemann	26
Medicina, Espiritismo e Neo-espiritismo	30
A Homeopatia não cura doenças — cura doentes	39
Mecanismos das curas homeopáticas	43
Fator emocional como agravante de infecções	46
Associada ao Neo-espiritismo, a Homeopatia cura grave cardiopatia	50
A Homeopatia cura edema angioneurótico da garganta por penicilina	54
A Homeopatia cura hemiplegia (caso Manhães)	57
A Homeopatia cura coma por traumatismo cerebral	61
A Homeopatia cura gangrena	65
A Homeopatia cura metrorragia <i>post-abortum</i> e adenoma de mama	69
A Homeopatia cura encefalite letárgica	74
A Homeopatia cura terçã maligna	81
A Homeopatia cura hidrocefalia	87
A Homeopatia cura envenenamento pelo arsênico	92
A Homeopatia cura herpes-zoster	98
A Homeopatia cura otite crônica	101
A Homeopatia cura septicemia	106
Associada ao Neo-espiritismo, a Homeopatia cura braquialgia por Espiritopatia	113
A Homeopatia cura pansinusite crônica	117
A Homeopatia cura enfarte do miocárdio	121
A Homeopatia cura epiteloma espinocelular	127
A Homeopatia cura volvo	133
Associada ao Neo-espiritismo, Homeopatia cura doenças do corpo e da alma	136
A Homeopatia cura vertigem de Ménière	140
A Homeopatia cura consecutivamente: labirin- tite — amigdalite aguda — angina pultácea — edema angioneurótico do laringe — desenteria bacilar — difteria nasal e paraplegia!	143

A Homeopatia cura intoxicação crônica pelo estanho	151
Conjugada com o Neo-espíritismo a Homeopatia cura Espiritopatia epilética	157
A Homeopatia cura distúrbios neuroglandulares	169
Associada ao Neo-espíritismo a Homeopatia cura cardiopatia por Espiritopatia	173
A Homeopatia cura úlcera do estômago e úlcera do duodeno.....	177
A Homeopatia cura prosopalgia	184
Com a força espiritual do Neo-espíritismo e a potência das altas dinamizações homeopáticas, foram expelidas cerca de mil agulhas, inteiras umas, fragmentadas outras, do corpo da “mulher das agulhas”... ..	188
A Homeopatia cura febre tifóide	199
O tratamento é individual.....	203
Questão de fé...I	205
Questão de fé... II	207
Questão de fé... III	208
Questão de fé... IV	210
Nem magia, nem sugestão	212
Experimente, quem duvidar... ..	215
Não creia — experimente!	218
Paradoxos das doses medicinais	220
Grandes doses, pequenos efeitos... ..	223
Samuel Hahnemann	225
Homeopatia e dietética.....	228
Alimentação e saúde	230
Saúde e temperança	233
Pela saúde das crianças.....	236
Bom para crianças... ..	238
Paralisia infantil	241
O <i>Curare</i> no tratamento da paralisia infantil — Alopacia ou Homeopatia?	244
Em prol da criança	247
Pela saúde e educação da criança	249
A arte de consultar	251
Receitas telefônicas	253
Medicina do futuro I	255
Medicina do futuro II	256
Não se podem queixar... ..	260
As doenças e os fatores psicológicos	263

Os fatores psíquicos na clínica I	265
Os fatores psíquicos na clínica II	267
A caminho da verdade... I	269
A caminho da verdade... II	272
Antes tarde do que nunca!	274
Sobre a cura do pemphigus	276
A projetada reforma do ensino médico no Brasil	279
O segredo da Homeopatia	282
Pela introdução da Homeopatia nos serviços médicos dos Institutos	284
Justa reivindicação (cura de infiltração do pulmão e sinusite) ...	286
A homeopatia, essa terapêutica milagrosa cura fístula retal	289
A cura da asma	292
Prodígios da Homeopatia I — cura crupe	294
Prodígios da Homeopatia II	296
Prodígios da Homeopatia III — cura furunculose	298
Prodígios da Homeopatia IV — cura asfixia lívida, por paralisia bulbar	301
Prodígios da Homeopatia V — cura <i>angina pectoris</i>	303
Prodígios da Homeopatia VI — cura pênfego foliáceo	305
Prodígios da Homeopatia VII — cura osteomielite do maxilar ..	307
Prodígios da Homeopatia VIII — cura radiodermite	309
Prodígios da Homeopatia IX — cura magacolo ou enfermidade de Hirschsprung	311
A Homeopatia e a guerra	313
Vento de obus	316
Mutilados da palavra	319
O valor da Homeopatia	322
Lamentável e acintoso!	325
Um equívoco lamentável	327
A Homeopatia no Brasil	329
Doenças laterais — os dimídios	333
Os milagres da Homeopatia	335
A Homeopatia cura traqueíte	336
A Homeopatia cura pneumonia	339
A Homeopatia cura broncopneumonia	343
A Homeopatia cura envenenamento por Belladonna	345
O Homeopatia cura? I	348
A Homeopatia cura transtorno do sistema nervoso vegetativo	350
A Homeopatia cura? II	353
A Homeopatia cura insuficiência tiro-ovariana	356

Crônica homeopática I.....	359
Crônica homeopática II	361
Crônica homeopática III.....	363
Crônica homeopática IV.....	365
Coluna homeopática I — A lei de cura	367
Coluna homeopática II	369
Coluna homeopática III	371
Coluna homeopática IV	373
Coluna homeopática V	375
Coluna homeopática VI.....	377
Coluna homeopática VII	379
Coluna homeopática VIII	381
Coluna homeopática IX.....	383
Coluna homeopática X	385
Coluna homeopática XI.....	387
Coluna homeopática XII	389
Coluna homeopática XIII	391
Coluna homeopática XIV	394
Coluna homeopática XV	396
Coluna homeopática XVI.....	398
Coluna homeopática XVII	399
Coluna homeopática XVIII	401
Coluna homeopática IXX.....	403
Coluna homeopática XX	405
<i>Similia Similibus</i> ...I	408
<i>Similia Similibus</i> ...II	410
A Homeopatia e a “espanhola”	413
Assim não vale.....	415
O rubicão da Medicina	418
Medicina de retalhos... ..	421
Os sentidos iludem.....	423
O que vale é a qualidade... ..	425
Os homeopatas não são charlatães	427

Prefácio

Nas páginas deste livro, prezado leitor, vos é dedicado mais de meio século de experiência de clínica médica, do amor e dedicação de um médico cujo único objetivo tem sido Curar. Curar tantos que sofrem dos males do corpo e mais ainda dos males do espírito — o Dr. Penna Ribas.

Prodígios da Homeopatia não é um livro teórico metamorfoseado com palavras greco-latinas do jargão científico, tal como muitos que por aí se encontram, os quais comparam-se a um fruto do qual desejando-se extrair o néctar, espreme-se, espreme-se e nada se obtém. Ao contrário, jorra como uma fonte viva conhecimentos que por mais de meio século foram passados no crivo estreito da lógica, do experimento organizado, replicado e sucessivamente confirmado.

Na Homeopatia, como muito bem o demonstra o Dr. Penna Ribas ao longo destas páginas, um dos pontos vitais que seus adversários sempre se apoiam é que devido a ausência de matéria nas dinamizações mais altas dos remédios, os mesmos não podem ter efeito curador. Duas observações se fazem necessárias sobre isto. Primeira: a ausência da evidência não é evidência da ausência. Isto é um fato irretorquível a qualquer homem de Ciência de nosso tempo. Medições impossíveis de se efetuar em laboratórios pouco tempo atrás, hoje podem ser feitas em campo aberto. A exatidão e precisão dos instrumentos de medidas melhoram a cada dia, e em breve poderemos medir com exatidão e precisão as preciosas energias curadoras dos remédios homeopáticos. Segunda: não há efeito sem causa. Se o efeito é a cura do doente, o qual em geral ao procurar a Homeopatia já se encontra desiludido da Medicina oficial, afastando *in limine* a hipótese da sugestão, a causa só pode ser um fator curador desconhecido para a Medicina, e este fator é utilizado pelos médicos homeopatas há longo tempo — a maravilhosa energia curadora dos remédios dinamizados.

Diversos trabalhos escritos sobre Homeopatia tentando comparar os seus remédios ao uso de placebos, não resistem a uma análise mais aprofundada, pois diversos pontos, como níveis de significância estatística dos resultados e outras informações significantes, são omitidas ao

estudioso. Em trabalhos deste tipo, confunde-se Homeopatia com Isopatia e taxam paradoxos à Homeopatia como a não utilização de certos produtos para males que os mesmos causam. Por acaso a própria Matemática não apresenta paradoxos? Lembrai-vos que a partir do axioma da **extensão** chega-se a prova de que não existe universo no sentido absoluto! Acaso o problema da consistência da Matemática já é um fato aceito pelos matemáticos de todo o mundo? Como exigir que a Homeopatia, subconjunto da Medicina, Ciência de probabilidades como bem o define o Dr. Penna Ribas seja perfeita? Como, novamente perguntamos?

Além disso, esquecem-se de que a Lei de Cura homeopática é a “lei dos semelhantes” e não “a lei dos iguais”. Pior do que isto, muitas vezes taxam os homeopatas de charlatães. Porém, todas as vezes que são chamados a provarem sob condições rigorosas de controle e experimento planejado tal asserção, desconversam e saem pela tangente.

Neste livro, muitos artigos são compilações de artigos escritos em diversos jornais desde a década de 40 pelo Dr. Penna Ribas. Ao longo do livro, podereis observar a preocupação e constante sugestão do Dr. Penna Ribas para solução de problemas de saúde, de alimentação, educação e tantos outros problemas que lamentavelmente ainda hoje persistem em nosso país. O problema do custo de tratamento médico nos Institutos de Previdência foi uma de suas preocupações, lutando desde a década de 40 para que a Homeopatia fosse incorporada ao tratamento médico nos Institutos de Previdência.

Ora o vemos orientando as autoridades para que experimentassem o tratamento homeopático em grandes centros de tratamento como os primeiros inaugurados em São Paulo, ora concitando as autoridades a usarem o tratamento homeopático na frente de batalha, na campanha da Itália, mostrando-lhes recursos que a Homeopatia tem para casos de difícil tratamento das doenças de guerra. Ao mesmo tempo, era mostrada a grande economia de “milhares de contos de réis” que poderia ser feita ao erário público, caso a mesma fosse adotada.

Em seu artigo *A Influência dos fatores psíquicos na gênese das doenças*, o Dr Penna Ribas nos dá uma aula de quanto os fatores psíquicos são determinantes nas causas das doenças e, sem dúvida, neste momento em que tantos surtos de epidemias de cólera, dengue e tantas outras grassam por nossa Pátria e outros países do mundo — quanto proveito não poderão obter aqueles que se avalancarem nesses ensinamentos e reforçarem-se nos ensinamentos do seu livro *Verdades Imperecíveis*.

Ao longo destas páginas, desfila uma quantidade enorme de Prodigiosas Curas de doentes portadores de câncer, tuberculose, hidrocefalia, vômito, vertigem de Ménière, otite crônica e tantos outros casos dramáticos, inclusive casos de Espiritopatia, doença causada por Espíritos, a qual foi pesquisada durante anos pelo Dr. Penna Ribas e que nos referiremos em breve. A todos estes casos permitimo-nos acrescentar mais dois entre muitos cuja cura se deu com membros de nossa família: o primeiro com nossa filha mais velha, acometida de forte coqueluche, ficou curada com um único remédio em cerca de uma semana. O segundo com o nosso filho, com problemas intestinais, tendo sido consultado por dois pediatras que deram o mesmo diagnóstico, e cuja solução deveria ser operatória. Embora não estivesse mais clinicando, com imensa bondade, o Dr. Penna Ribas, atendeu ao nosso pedido e consultou o menino. O resultado não se fez esperar: em três dias o quadro do menino era incomparavelmente melhor, e em cerca de uma semana nada mais apresentava.

Como bem demonstra neste livro o Dr Penna Ribas, as curas homeopáticas são rápidas e definitivas, desde que o diagnóstico seja correto, o remédio bem preparado e tomado conforme a prescrição médica.

Outro aspecto de extrema importância, e que constitui uma contribuição inestimável para a Medicina, é o estudo que o Dr. Penna Ribas fez sobre as Espiritopatias e cuja cura transcende aos recursos da Medicina por si só. Esta tese foi apresentada pelo Dr. Penna Ribas no V Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas em março de 1972, está descrita à página 212 do seu livro *Verdades Imperecíveis*. As interseções e diferenças entre Medicina, Espiritismo e Neo-espiritismo são claramente mostradas em artigo compilado do seu livro *Jesus de Nazaré — como Ele foi. Como Ele é*.

Abre-se com este enfoque revolucionário, um novo universo, de amplitude não inferior as muralhas galácticas recém-descobertas, em que soluções inimagináveis para os problemas tão antigos, conhecidos e insolúveis do corpo e do espírito poderão ser encontradas, para a felicidade da humanidade. O homem compreenderá então que não está só em sua jornada e que a solução para os seus problemas será razão direta da sua afinação com os amigos do mundo espiritual. Ninguém melhor do que o Dr. Penna Ribas nos exemplifica esta asserção e, lembramo-nos de suas palavras: “a confiança nos amigos do mundo espiritual multiplica a energia vital para o fortalecimento do Sistema

nervoso e, por conseqüência, apressa a restauração da saúde. Com a saúde restabelecida, garantida fica a missão bendita de curar aos irmãos que carecem de socorro para equilíbrio da saúde. Essa missão constitui para mim a verdadeira felicidade que se me depara nesta alongada fase de minha vida”.

Feitas estas notas, prezado leitor, não nos cabe o direito de vos privar por mais tempo da leitura deste livro inédito, o qual temos certeza muito contribuirá para o progresso da Homeopatia, cujo fundador, o Mestre e benfeitor da humanidade Samuel Hahnemann, é homenageado com eterna gratidão pelo seu discípulo Penna Ribas, e a sua dedicação em seguir as pegadas deste Mestre transcende às nossas palavras. Por fim, ao Dr. Penna Ribas agradecemos profundamente pelos ensinamentos e sobretudo pelo exemplo, cuja prática nos proporciona forças para as lutas da vida e a certeza de um futuro mais feliz.

Lafayette Ulhoa Tenorio

Samuel Hahnemann, o benfeitor da humanidade

A data de 10 de Abril de 1959, recentemente transcorrida, assinalou o ducentésimo quarto aniversário da encarnação de um Espírito de escol — Christian Friedrich Samuel Hahnemann, genial criador da Homeopatia e grande benfeitor da humanidade.

Oriundo de família humilde, a lutar, desde as primícias da vida, contra tremendos obstáculos materiais, Hahnemann, talento precoce, só conseguiu doutorar-se em Medicina mercê de seu entranhado amor ao trabalho e de seu acendrado devotamento ao estudo, qualidades essas que lhe valeram não só a dedicação de mestres provecos como a proteção de vultos influentes.

Pobre, mas dotado de marcante personalidade, um dos traços fundamentais do seu caráter sem jaça foi, sempre, a independência moral com que se irrogava o direito de criticar, e de opinar, sem a menor consideração pela posição, nem pela autoridade científica dos adversários.

Menor impúbere, com 12 anos apenas, ao freqüentar a primeira escola pública, já se lhe revelara a precocidade dos gênios, aliada à obstinação dos precusores. Estudando por favor, numa época em que a disciplina escolar se confundia com tirania mental, indiscutíveis como eram as opiniões dos mestres, Samuel Hahnemann, certo dia, ao traduzir consagrado autor latino, arvorou-se em árbitro da questão, e, à margem da tradução, externou francamente sua opinião, propugnando reformas do ensino que deixavam transparecer suas tendências liberais, numa época em que as prerrogativas reais exorbitavam até ao absolutismo dos sátrapas.

Irritado com a ousadia do pequeno plebeu, puniu-o severamente seu pirrônico professor. Inconformados, os condiscípulos, levam-no quase em triunfo ao Diretor do educandário, que, boquiaberto, ouviu de viva voz, a palavra convincente do empertigado pedagogo de calças curtas. E tão forte foi a impressão que lhe causou o futuro reformador da Medicina que a história registrou, com carinho, a surpreendente sentença do Dr. Müller, o Diretor da Escola: “Embora criança — disse-lhe ele — embora criança, sois mestre e mestre ficareis. A partir deste momento, tendes licença para freqüentar a classe que quiserdes”.

E assim, de aluno revolucionário, torna-se Hahnemann, em pouco tempo, repetidor, e mestre dos condiscípulos retardatários, até que, aos 14 anos, já é professor substituto de grego.

E tão sincera foi a admiração que conquistou do Dr. Müller, que, ao ser removido para a direção doutro colégio, destinado aos filhos dos nobres, o velho mestre se empenhou para levar Hahnemann consigo,

a despeito de sua origem plebéia. Foi ótima oportunidade para Hahnemann. Sedento de saber e podendo contar com os melhores mestres da época, conquistou rapidamente valiosa cultura, distinguindo-se pela prodigiosa facilidade com que aprendia os idiomas. De modo que, quando, aos 20 anos, partiu para Leipzig, a fim de estudar Medicina, apesar de levar as algibeiras vazias, pôde manter-se nos estudos lecionando grego, latim, italiano, francês e inglês e dedicando-se, ao mesmo passo, a verter para o alemão, obras didáticas de diversos países.

Formado, depois de árduas pelejas pelo ganha pão, lutou muito, mesmo depois que conquistou o título de doutor em Medicina, até que, ao cabo de ásperas labutas e ingentes sacrifícios, sacrifícios e labutas que o obrigaram a peregrinar através de várias vilas e povoados, obteve afinal destacada posição profissional em Dresden, onde chegou a ser Diretor de Saúde Pública. Já havia publicado muitas traduções e diversos trabalhos originais, onde reincidentemente escarpelara a terapêutica falaz e agressiva da época, investivando os sistematizadores da Medicina, que, com teorias absurdas, sem base experimental, induziam os profissionais incautos ao erro, com graves prejuízos para a humanidade sofredora. Agora, quando a sorte lhe sorria, quando as publicações já lhe rendiam e a clínica prosperava, quando finalmente a sociedade lhe reconhecia o valor, dia a dia, no íntimo de sua consciência, mais se revoltava contra o caos da Medicina e o empirismo da Terapêutica, inconformado com a falta duma lei de cura, e de princípios diretores, capazes de nortear uma Ciência que lida com o que o homem possui de mais precioso — a vida!

Era esse o estado de espírito de Hahnemann, quando, certo dia, foi chamado para prestar assistência a dileto amigo. Caso grave, caminhou rapidamente para a morte, apesar do terrível duelo que Hahnemann, dia e noite, incessantemente, travou com a doença cruel!

Esmagado com a decepção do óbito, Hahnemann revolta-se contra a ineficácia da Medicina e delibera encerrar a carreira de alopata, para dedicar-se, exclusivamente, às traduções e ao magistério particular. Escrevendo, então, a prestigioso amigo confessa-lhe a desilusão, desabafando-se nestes termos: “Oito anos de prática, exercida com escrupuloso cuidado, fizeram-me conhecer a ausência do valor dos métodos curativos ordinários. Não sei, em virtude de minha triste experiência, o que se deve esperar dos preceitos dos grandes mestres”.

Repudiando a clínica, fora obrigado, não obstante, a não abandonar a Medicina, pois, pai amoroso, graves enfermidades, no próprio recesso de seu lar, vieram desafiar-lhe a argúcia, em circunstâncias altamente emocionais!

Diante do leito de dor, vendo a morte a rondar os filhos, que estremecia, Hahnemann, desalentado, escrevia a um amigo: “Em torno de mim só encontro trevas e deserto. Nenhum conforto para meu coração oprimido!”...

Todavia, religioso como era, Hahnemann não podia conformar-se com a hipótese de não haver nenhum meio racional, nenhuma lei verdadeira, capaz de orientar o médico na prescrição do medicamento, tornando assim a Terapêutica uma arte positiva. Por isso, a si mesmo se interrogava muitas vezes: “A infinita sabedoria do Espírito que anima o Universo não teria podido produzir meios de debelar os sofrimentos causados pelas doenças, que Ele próprio consentiu viessem afligir os homens?” E tão convicto estava de que assim deveria ser que, na célebre carta dirigida ao ilustre Dr. Hufeland, seu particular amigo, afirmava solenemente: “...como deve haver um meio seguro e certo de curar, tal como há um Deus, o mais sábio e o melhor dos seres, abandonarei o campo ingrato das explicações ontológicas. Não ouvirei mais explicações arbitrárias ainda que tenham sido reduzidas a sistemas. Não me inclinarei diante da autoridade de nenhum nome célebre! Procurarei, onde se deve achar, esse meio de curar, que ninguém sonhou”...

E, de fato, decorridos vários anos de angustiante labuta diuturna para sustentar uma prole de onze filhos, praticamente já reduzido à miséria, morando em modestíssimo cômodo, onde seu escritório estava limitado a minguado escaninho, oculto por surrada cortina barata, Hahnemann que, de longa data vinha cogitando da aplicação de velho postulado hipocrático, a lei dos semelhantes, vislumbrou, de repente, num momento de inspirada intuição, o caminho que deveria seguir, para atingir a meta sonhada! Foi quando, ao traduzir certa Matéria Médica, percebeu claramente a semelhança existente entre algumas propriedades da Quina e os sintomas da febre palustre.

Dominado pela idéia, Hahnemann não hesitou em experimentar em si mesmo a ação da Quina, e de vários outros medicamentos, estabelecendo, assim, o primeiro método experimental para o conhecimento científico da ação dos medicamentos. Conhecido o verdadeiro efeito dos remédios, fácil se tornou a aplicação da “lei de semelhança” no combate aos estados mórbidos. Mas a glória de Hahnemann não se restringiu à descoberta de um método de investigação científica, o chamado experimento no homem são: foi muito além, ao descobrir que, reduzidas à doses infinitesimais e dinamizados os medicamentos se tornam muito mais ativos, provocando curas maravilhosas!

De modo que, sejam quais forem as restrições que o atual progresso da Ciência nos obrigue a fazer a certas hipóteses ou teorias do genial fundador da Homeopatia, uma glória ninguém lhe tirará jamais — a de haver criado a Terapêutica mais racional e mais agradável que até hoje se conhece!

Por isso mesmo, foi muito simpático o gesto da atual Diretoria do Instituto Hahnemanniano do Brasil, órgão máximo da cultura homeopática em nossa Pátria, que, devendo festejar o primeiro Centenário

de sua fundação a 6 de Junho de 1959, antecipou a solenidade, a fim de que coincidissem com a data do nascimento do venerável criador da Homeopatia, querendo, assim, significar que, não obstante o progresso dos conhecimentos humanos, Samuel Hahnemann ainda é o Guia e o Mestre, no mundo maravilhoso que descobriu para felicidade do gênero humano!

Na verdade, se algum novo argumento houvesse mister de ser acrescentado às demonstrações feitas, nesses últimos cento e cinquenta anos, para comprovar o valor da descoberta de Hahnemann, bastaria atentar na segurança com que os homeopatas, ainda hoje, empregam os mesmos medicamentos que, em idênticas circunstâncias, o Mestre costumava prescrever; e, depois, abarcar, numa visão panorâmica, a acidentada evolução da Medicina oficial, sufocada numa enxurrada de teorias e inundada numa aluvião de drogas e de medicamentos, decantados hoje, relegados amanhã, passando rapidamente da glória da fama efêmera para a penumbra de merecido ostracismo com a volubilidade das modas femininas, tudo a confirmar a insegurança da Terapêutica alopática.

E para provar que não vai nessa assertiva a mínima eiva de sectarismo, invoco o testemunho de dois vultos proeminentes da Medicina oficial: o Prof. Maurício de Medeiros e o Dr. Machado Costa. O primeiro, mestre consagrado e eminente homem público, o segundo cientista de renome e atual Diretor do Departamento de Tuberculose da P.D.F. — ambos concederam entrevista a O Globo; um no dia 08-4-59, outro no dia 10-4-59. Mostra o Prof. Maurício de Medeiros os perigos que podem advir do uso imoderado dos antibióticos e dos hormônios, chamando a atenção para casos de sensibilização que podem redundar até em morte!

Por outro lado, o Dr. Machado Costa aponta a crescente resistência aos antibióticos e à quimioterapia específica observada nos tuberculosos submetidos aos modernos tratamentos, razão por que advoga a volta aos velhos métodos cirúrgicos!

Diante, pois, de fatos deste jaez e em face de testemunhos deste quilate, fatos e testemunhos que demonstram a trilha zigzagueante da Medicina oficial, os homeopatas não podem deixar de se sentirem orgulhosos com Hahnemann e com a Homeopatia, cuja terapêutica repousa numa lei indestrutível, e, por isso mesmo é, sempre, segura e eficiente — tão eficiente e tão segura hoje quanto segura e eficiente o fora antanho e sê-lo-á no futuro!

A influência dos fatores psíquicos na gênese das doenças

No estado atual dos conhecimentos médicos, seria loucura negar a devastação que certos micróbios podem causar no organismo humano. Todavia, por mais substancial que seja a parcela pertinente às bactérias é insofismável a influência que os fatores psíquicos exercem na deflagração das doenças.

Hipnotizados, porém, pela fascinação da doutrina microbiana, os patologistas hodiernos obscurecem, ainda, o efeito decisivo dos estados anímicos, na aparição de quase todas as moléstias.

É notório, entretanto, que os germes patogênicos, nas condições normais de contágio, não provocam nenhum malefício. Se assim não fosse, a Humanidade estaria irremediavelmente perdida. Ainda recentemente, as pesquisas sistemáticas do Departamento de Saúde Pública dos Estados Unidos demonstraram que é, exatamente nos ambientes domésticos, que, existe maior acumulação de germes patogênicos. Se bastasse, pois, a presença do micróbio para que a doença se manifestasse, as moléstias contagiosas já teriam liquidado o mundo. Não, para que o microorganismo possa pulular na intimidade dos tecidos vivos, é necessário prévio desequilíbrio das funções normais do organismo — uma queda do coeficiente imunitário.

Tudo isso é sobejamente sabido. Mas, no cômputo dos fatores predisponentes, pouca importância se dá, geralmente, aos fatores psíquicos.

No inquérito clínico, na anamnese, esmiuça-se tudo: a idade, o sexo, a profissão... Mas não se toca na trama da vida espiritual do doente. Cuida-se do corpo, esquecendo-se do espírito. E, sobretudo, esquecendo-se de que as doenças da alma podem refletir-se sobre as funções orgânicas...

Entretanto, as recentes investigações de dois pesquisadores germânicos, Pfannenstiel e Doetzer, vieram comprovar que o medo, pela expectativa de raids aéreos, fazia baixar notavelmente o índice bactericida do sangue, e, *ipso facto*, predispunha o organismo para qualquer doença. Aliás, desde 1928, Lumière chamou a atenção do mundo científico para as alterações químicas do sangue sob a influência dos estados emocionais.

A modificação da estrutura coloidal, traduzida no fenômeno da floculação, é, no conceito do mestre francês, um fato constante. E é muito provável que a rapidez com que uma emoção violenta faz ex-

plodir a alergia de certos pacientes seja devida a esta alteração da crase sanguínea. É interessante assinalar que o venerando Trousseau já atribuíra, intuitivamente, estreita relação entre a sua primeira crise asmática e a emoção com que verificou a rapinagem dum servo de sua confiança.

Mas há observação em que o fator psíquico é tão transparente que é preciso ser cego, para não vê-lo.

Um sábio moderno, Erich Urbach relata no seu afamado tratado sobre Alergia, um fato interessantíssimo: um sujeito alérgico, que apresentava durante as crises os sintomas típicos da febre do feno, foi assistir a uma ópera em que apareceu um prado de feno: foi quanto bastou para que, incontinenti, fosse acometido por tremenda crise de espirros, defluxo e lacrimejamento, tal como se diante dum verdadeiro campo de feno se encontrasse!

Corroborando com esta, posso citar ainda a observação de Mackenzie: uma senhora alérgica ao odor de rosas entra num salão, e, de repente, começa a espirrar. Alega, então, que não pode suportar o perfume das rosas. Mas ficou espantada quando lhe disseram que, aquelas, não tinham cheiro; eram de papel!

É inegável, portanto, o efeito do fator psíquico nos casos deste jaez. A simples visão do alergênio — feno, no primeiro, a rosa, no segundo caso — provocou, por associação de idéias, um estado emocional, que, por sua vez, deflagrou as reações neuro-hormoniais causadoras da crise alérgica! Embora comprometendo, também, os elementos materiais do corpo, a crise foi, de início, exclusivamente de ordem psíquica. Um desequilíbrio do espírito — a emoção — causou o desequilíbrio das funções e, em conseqüência, a crise alérgica.

E ninguém pense que a emoção se restrinja a causar distúrbios sem gravidade. Ao contrário: pode matar. Nas calamidades públicas e nas hecatombes das guerras tombam sempre numerosas vítimas da emoção.

É muito conhecido o caso dum oficial francês que, supondo-se atingido por uma bala, caiu por terra, vítima dum choque emocional. E tão grave foi o seu estado de choque, que veio a falecer. Não obstante, a bala não o atingira. Ficara encravada na fivela do cinto!

Tão intensa fora, porém, a emoção, causada por sua própria imaginação, que os centros nervosos não resistiram!

Diante de fatos deste quilate, não se pode negar a influência dos “estados d’alma” na eclosão dos estados mórbidos. Porque a emoção é apanágio do espírito, e não produto de reações físico-químicas, apesar de William James, deslumbrado pelo surto materialista de sua época, não haver titubeado em afirmar, com Lange, que “o homem fica triste, porque chora, e não, chora porque fica triste”!

Mas isto já é abusar do direito de considerar os outros estúpidos!

Deixemos, pois, de preconceitos e tentemos enxergar a verdade,

como ela é, de fato. Os fatores psíquicos devem ser computados em todos os casos clínicos, e não, apenas, naqueles que giram na órbita da Psiquiatria.

A personalidade do doente precisa ser encarada na sua totalidade, como preconiza a escola de Samuel Hahnemann, há mais de um século, e, agora, começam a aconselhar os neo-hipocráticos da “medicina psicossomática”.

Urge que os clínicos compreendam esta verdade elementar: não se pode cuidar com grande sucesso das doenças do corpo, sem amenizar, ao mesmo tempo, os sofrimentos do espírito!

A Doutrina vitalista de Samuel Hahnemann

“No estado de saúde, a força vital, que anima dinamicamente o corpo material, governa autocraticamente e conserva todas as partes do organismo em admirável e harmoniosa operação vital, tanto em relação às sensações como às funções, de modo que o espírito dotado de razão, que em nós existe, pode empregar livremente estes instrumentos vivos e são para os mais altos fins de nossa existência.” S. Hahnemann — *Organon da Medicina* — parágrafo IX.

Em face das idéias e princípios materialistas, que prevalecem atualmente, nos meios científicos, o Vitalismo de Samuel Hahnemann, fundador da Homeopatia, destoa e aberrta de tal sorte, que, à primeira vista, parece um devaneio filosófico, sem base científica, desculpável, apenas, pela ignorância que reinava, a respeito de fatos fundamentais da Fisiologia, na época em que o genial autor do *Organon* delinhou as bases filosóficas do seu sistema médico.

De fato, inicialmente, compete ressaltar que os escritos de Hahnemann precederam de muitos lustros aos trabalhos experimentais de Claude Bernard e de Pasteur, cuja influência revolucionária se fez sentir, não só nas doutrinas médicas, como, também, em todos os setores ligados à investigação dos fenômenos biológicos. Ao longo período especulativo, em que as teorias médicas proliferavam como cogumelos, forjicadas, muita vez, pela vaidade, ou pelo cabotinismo de certos esculápios, gulosos de fama e de lucro, teorias que, na prática, esboroavam-se, ao contato dos fatos, à maneira dos castelos de areia, a este longo período especulativo devia suceder, como realmente sucedeu, uma época de intensa análise experimental e de verdadeira fobia às concepções puramente teóricas. Assim sendo, é natural que, para os que se deixaram impregnar pelas idéias predominantes nos dias que vivemos, e que perderam, de todo em todo, o contato com as correntes do pensamento filosófico, — correntes que, desde os primórdios da civilização, disputam a primazia, confluindo, umas, para a matéria, e desviando-se, outras, para o reino encantado do espírito, — é natural, repetimos, que, para estes, a doutrina vitalista de Hahnemann se lhes afigure uma formosa quimera, para não dizer o delírio de um místico sonhador. E muito provável mesmo que até dentre os discípulos de Hahnemann, no seio da classe homeopática,

minguado não seja o vulto dos que, neste particular, fazem severas restrições ao pensamento do Mestre. Isto é perfeitamente compreensível, porque Hahnemann não demonstrou, com fatos inequívocos, a presença da força vital, nem a do espírito, no corpo humano. Não desenvolveu mesmo sua doutrina vitalista. Deixou-a esboçada, apenas, em meia dúzia de parágrafos, ao passo que se deteve demoradamente na análise dos outros postulados de sua doutrina médica.

Contudo, em que pese a aparente contradição da doutrina vitalista, bosquejada no *Organon*, com os fatos de experiência, que serviram de base às teorias dominantes na Fisiologia, na Patologia e na Clínica, estamos tão longe ainda de um conhecimento preciso, a respeito de todos os fenômenos, que se observam no homem, que nenhum cientista poderá afirmar que as teorias imperantes, no presente, não serão, amanhã, refundidas ou modificadas inteiramente. Quantas vezes um simples aperfeiçoamento técnico, uma descoberta, aparentemente insignificante, só porque ampliou um dos nossos precários sentidos, colocando-nos em relação com fatos até então insuspeitados, destroçam, pulverizam, aniquilam certos dogmas da Ciência, considerados invulneráveis, indestrutíveis, eternos?! Na verdade, o vitalismo de Hahnemann não é tão quimérico como poderia parecer. No fundo, talvez encerre o germe de uma grande verdade, rebelde, ainda, aos métodos de investigação científica, mas demonstrável em futuro bem próximo, a julgar pelo progresso vertiginoso das técnicas de exploração científica.

Para Hahnemann, o homem é uma entidade composta de três elementos irreduzíveis: o corpo material, a força vital (princípio imaterial) e o Espírito (ser racional). Daí as três categorias de fenômenos bem distintos que se observam no homem: os físico-químicos, os fisiológicos e os mentais.

Normalmente, só por abstração podemos dissociar tais categorias fenomenais. A aparência é de que todos se reduzem à primeira categoria, a dos fenômenos físico-químicos, tal a interdependência manifestada entre os fenômenos físico-químicos, fisiológicos e mentais.

Está demonstrado que o pensamento e todas as faculdades espirituais dependem do cérebro. Ninguém contesta. Mas não está provado que não pode existir pensamento sem massa encefálica!

De resto, não se mediou ainda o grau de dependência existente entre o cérebro e as faculdades mentais. Mas esta dependência não é tão estreita quanto se imagina geralmente. Porque há cérebros lesados profundamente, em que as faculdades mentais continuam a brilhar, com todas as características pessoais de lucidez, precisão de raciocínio, facilidade de memória, etc.

Em contraposição, há cérebros, cujas lesões são quase imperceptíveis aos instrumentos de precisão, e que, no entanto, revelam um verdadeiro embotamento das faculdades espirituais, quando não se anuíam nas trevas da loucura.

É incontestável que o cérebro é o órgão das manifestações mentais. Mas há indícios de grande valor para que se lhe possa contestar a autoria do pensamento. Será o instrumento pelo qual o Espírito manifesta, normalmente, os seus atributos. Mas instrumento, apenas. Agente, não.

Em favor da tese, poderíamos enfileirar fatos sobre fatos. O nosso fito, entretanto, é outro. Citaremos, de passagem, um único fato: o sonho clarividente dos médiuns. A Ciência não tem dado o merecido valor ao fenômeno. O espírito de sistema tem conduzido muitos homens de saber a negar-lhe a existência. Mas negam por negar. Nunca estudaram, nem investigaram nada a respeito destes fatos. Contudo, eles são reais, verdadeiros, demonstráveis. Durante o sono normal, fisiológico, certos indivíduos, dotados de uma mediunidade especial, podem, a pedido de outro, transportar-se a grandes distâncias, para averiguar certos fatos, ou para receber instruções de Entidades que conhecem durante o sonho, mas que não podem identificar ao acordar. Tanto podem sentir-se transportados ao Amazonas, na casa de um desconhecido, para verificar o que se passa com um parente de um amigo, por exemplo, como podem encontrar-se, no sonho, em presença de um médico que lhe dá indicações precisas a respeito de fatos que ignora totalmente. Quer num, quer noutro caso, sempre se pode comprovar a veracidade do sonho. Estamos, portanto, diante de um fato surpreendente. Quando as condições cerebrais são menos propícias ao trabalho porque a circulação se tornou menos ativa, contra todas as hipóteses plausíveis, as faculdades espirituais se ampliam muito, nestes médiuns, como se o Espírito, menos preso aos centros nervosos, adquirisse novas energias. Estes fatos paradoxais, que surgem a todo momento, nas investigações psíquicas, são de molde a arrefecer um pouco o entusiasmo daqueles que presumiam haver encontrado na célula nervosa a origem dos fenômenos mentais...

Mas vamos adiante.

De acordo com a concepção de Hahnemann, a força vital não só governa autocraticamente o organismo, mantendo a harmonia das funções, como é o próprio agente das sensações. Aparentemente, nada mais absurdo. A harmonia das funções, concebe-se atualmente, como a resultante de um mecanismo de alta precisão, neuroglandular, e as sensações são coletadas pelos nervos periféricos, sensitivos, conduzidas, através da medula, ao cérebro, onde se transformam em percepção, ou então atingem à consciência pelas cinco janelinhas do sensorio: o olho, o ouvido, os corpúsculos táteis, o nervo olfativo e as fibras gustativas do glossofaringeo e do lingual.

Ainda aqui o absurdo não é real. A contradição é aparente.

Há incontestavelmente um mecanismo ultra-sensível, físico-químico, regulador das atividades biológicas de todos os elementos do

corpo humano. Sobejam porém razões, e boas razões, para que se possa aceitar que, também neste caso, todo este mecanismo seja controlado de modo absoluto por uma força vital, um fluido vital, como dizem os espíritos. Pode-se até dizer que de um modo geral todas as leis físicas e químicas sofrem modificações específicas no organismo dos seres vivos. Só depois da morte, é que, realmente, as coisas se passam em estrita conformidade com as leis físico-químicas. Qualquer membrana viva, se recusa, por exemplo, a seguir as leis da osmose. Ao contrário do que seria de esperar, não se deixam atravessar passivamente, como as membranas semipermeáveis, serão depois da morte.

Muitos outros fatos falam em favor da força vital, embora não se tenha, até hoje, um revelador específico para torná-la evidente, como a redução dos sais de prata tornou patente a existência da luz invisível, além da zona ultravioleta...

Quanto à hipótese hahnemanniana de ser a força vital a sede da sensação, também a asserção não é tão descabida quanto se afigura à primeira vista. De longa data, os magnetizadores sabem que a sensibilidade pode não só exteriorizar-se, conforme foi demonstrado cientificamente por De Rochas, como, ainda, transferir-se, parcialmente, para outra pessoa, como provou P. Janet, no estado hipnótico. Portanto seja exteriorizando de alguns centímetros até três metros fora do corpo, enquanto nesta ocasião a paciente permanece completamente insensível a todas excitações, seja transferindo-se para o hipnotizador de tal modo que tudo o que ele sente, gosto, dor, cheiro, tudo, a paciente sentirá também exatamente da mesma maneira, ao passo que fica insensível, se a excitação se efetua diretamente sobre o seu próprio organismo, seja como for, de um ou de outro modo, fica demonstrado que as sensações podem existir independentemente dos órgãos normais através dos quais elas nos atingem à consciência, e que, em consequência, esses mesmos órgãos são apenas os instrumentos pelos quais recebemos as sensações, e não os produtores das sensações. Nestas experiências, a sensibilidade parece sempre transportada por uma espécie de fluido, uma emanção particular, que pode impregnar certos corpos materiais, inclusive a água, desaparecendo, depois, ao fim de algum tempo. Tudo nos induz a crer que a doutrina vitalista de Hahnemann não constitui um salto nas trevas. Muito ao contrário, é a fulguração de uma intuição genial.

Medicina, Espiritismo e Neo-espiritismo

Eu vou começar pelo começo — vou limpar o caminho.

As relações entre a Medicina e o Espiritismo podem ser contempladas de diversos ângulos.

No meu caso pessoal, o binômio é Medicina e Espiritismo ou, melhor, Medicina e Neo-espiritismo. Ambos são muito ignorados. Grande número de criaturas imagina que a Homeopatia é uma espécie de terapêutica mágica, ligada ao misticismo; e, na maioria das vezes, a dedução inferida é que os homeopatas são espíritas. Tudo errado.

A Homeopatia, para Samuel Hahnemann e seus discípulos ortodoxos, é um sistema médico. Para mim, é, apenas, método terapêutico. Método racional e preciso. Racional, porque está baseado numa lei de cura — a lei dos semelhantes. Preciso, porque, bem aplicada a lei, os medicamentos atuam, sempre, com admirável eficiência.

Todavia, para a aplicação da lei de semelhança, é imprescindível o conhecimento da ação patogênica dos medicamentos no homem são. Na verdade, os quadros mórbidos provocados, *in anima nobili*, pelos medicamentos experimentados, constituem as patogênesias, que dão corpo à Matéria Médica Homeopática.

Cada patogênesia ou doença experimental, provocada pela ação prolongada de determinado medicamento sobre o organismo humano, é, sempre, constituída por complexa sintomatologia, reveladora de abundantes distúrbios funcionais psicossomáticos.

Em presença do doente, o médico compara o quadro clínico apresentado pelo paciente com as patogênesias incorporadas à Matéria Médica e seleciona o medicamento cujo quadro patogênico mais se assemelha ao quadro mórbido do enfermo. É a aplicação da lei de cura — *similia similibus curantur*; ou *curentur*, como preferem alguns doutos.

Aplicada a lei dos semelhantes, lei natural de cura, que, como toda lei natural, atua com a máxima eficácia, os remédios, prescritos em mínimas doses materiais, provocam curas assombrosas. É aí que o leigo se espanta e imagina que o mistério se prende a forças ocultas. Mas se engana. O prodígio é, apenas, o resultado de potente energia curativa a atuar sobre o organismo hipersensível. Potente energia curativa, porque bissecular observação clínica comprova notável incremento da ação terapêutica dos medicamentos homeopáticos, em virtude da dinamização a que são submetidos no laboratório farmacêutico. Hipersensibilidade orgânica, porque a prática demonstrou que o organismo reage brutalmente ao remédio prescrito de acordo com a lei de

semelhança, tornando-se necessário reduzir ao mínimo as doses empregadas, as quais perdem em matéria, mas ganham em energia curativa.

Na verdade, o organismo do doente reage ao remédio homeopático com a mesma sensibilidade que o organismo do alérgico reage aos alergênicos. Fica, assim, desvendado o mistério dos grandes efeitos provocados pelas mínimas doses homeopáticas...

Não há, pois, nada de misticismo na Homeopatia, que é ciência médica; nem no Neo-espiritismo, que é filosofia religiosa, ligada à Ciência, especialmente à Medicina e está decalcada em fatos inderrocáveis, experimentalmente comprovados.

Não procede, conseqüentemente, a suspeita de que todo homeopata é, *ipso facto*, espírita.

Sem embargo, como no meu caso, sobre ser homeopata, sou, outrossim, neo-espírita, urge definir, desde já, os rumos para evitar confusões.

Os fatos que me induziram a aceitar o Espiritismo e a fundar o Neo-espiritismo são fatos psicológicos e metapsicológicos ligados à mediunidade. Os fatos que me convenceram da admirável eficácia da terapêutica homeopática são fatos clínicos. Não há relação direta entre uns e outros. Primeiramente, de materialista que era, converti-me ao Espiritismo, continuando, porém, alopata. Mais tarde, diante da cura de minha esposa pela Homeopatia, em menos de 72 horas, depois de haver sido submetida, durante mais de 1 ano, sem resultado satisfatório, aos mais poderosos recursos da alopatia, senti-me impulsionado a estudar a doutrina hahnemanniana. E não tardou que eu próprio obtivesse curas que me entusiasmaram a ponto de recomençar, com apreciável prejuízo material, a vida profissional no campo da Homeopatia. Nunca, porém, misturei a Medicina com o Espiritismo, exceção feita para os casos em que, por minha sensibilidade, pude identificar, na enfermidade aparentemente orgânica, a presença de oculta Espiritopatia — casos que, destituindo-me dos proventos da clínica, sempre tratei, de graça, na SEPE — Sociedade neo-espírita que dirijo.

Entretanto, desde muitos anos, através da imprensa e de programas radiofônicos, procurei esclarecer que, pelo fato de ser homeopata, não se segue que o médico seja espírita e prescreva mediunizado. Pelo contrário, procurei demonstrar que os médicos, pelo fato de serem médicos e possuírem cultura própria para curar, não são dotados de mediunidade receitista, apanágio de poucas criaturas e cuja condição *sine qua non* é nada saberem de Medicina, pois a finalidade do receituário espírita ou receituário neo-espírita não é fazer clínica terrena — é chamar a atenção dos céticos para a interferência do mundo espiritual nos problemas humanos.

Verdade é que, todo médico, sem exceção, por intermédio da intuição clínica, recebe orientação de Protetores invisíveis, que o assistem.

Isso, porém, discretamente e em harmonia com sua cultura, seu caráter e sua vocação à caridade. Contudo, o fenômeno da mediunidade receitista não lhe seria lícito, porque não teria finalidade. Não provaria a ninguém a intervenção do Além. Conhecendo a Medicina, o médico, mediunizado, não convenceria nem aos seus íntimos de que o receituário era dádiva de antigos médicos terrenos, transformados, pela desencarnação, em Espíritos-médicos, com curso de aperfeiçoamento *post-tumular!*

Mas o pior é que o médico, feito médium receitista, passaria por misticador ou por fanático e maníaco. E tudo isso, de graça; porque, não sendo dele a prescrição, não poderia, em sã consciência, cobrar honorários. Seria, portanto, o massacre do médico-médium, sem proveito para o Espiritismo nem para o Neo-espiritismo, que visam, antes de tudo, a provar a sobrevivência do homem e a comunicação dos Espíritos; e, nunca, atrair Espíritos-médicos para, novamente, clinicarem na Terra, em desleal concorrência com os colegas encarnados!

Em suma: o médico poderá estar dotado de várias mediunidades, menos uma — a receitista. Por isso mesmo, sempre procurei ressaltar, perante meus clientes, que minha consulta é consulta médica e não consulta espiritual. Isso não significa, porém, que, nos casos em que o enfermo esteja sofrendo agravação da sintomatologia clínica por invisível atuação espiritual, eu, dotado de sensibilidade mediúnica e com responsabilidade espiritual de doutrinador, deva permanecer indiferente, sem obrigação de orientá-lo do ponto de vista espiritual, da mesma maneira que, como médico, tenho o dever de orientá-lo do ponto de vista clínico.

Agora, aplainado o caminho, entrarei no terreno do Espiritismo ou, mais precisamente, do Neo-espiritismo, que é o Espiritismo kardequiano enriquecido com valiosos ensinamentos, que, desde a década de 30, recebi, durante anos consecutivos, por intermédio da extraordinária mediunidade de minha primeira esposa — Palmyra de Carvalho Ribas, e, pessoalmente, mercê de indefectível intuição, que é mediunidade mundial.

Delimitei o campo da Homeopatia. Circunscreverei, agora, o campo do Espiritismo. Posteriormente, mostrarei as inter-relações entre ambos. Mas, primeiramente, as diferenças; depois, as interferências.

A Homeopatia é método terapêutico; o Espiritismo, filosofia religiosa. Ciência *in fieri*, como diriam os escolásticos, o Espiritismo será, amanhã, com o advento do Neo-espiritismo, ciência religiosa, que polarizará a humanidade pelo pensamento e pelo sentimento.

Vou sintetizá-lo. Primeiramente, as origens. O esboço é antiquíssimo. A mediunidade e a palingenesia estão camuflados nas sombras do mais remoto passado. Todavia, bruxoleiam nos *Vedas*, relampejam no *Bhagavad-Gita*, particularmente no *Shastah*, coriscam no

Dhamapada e no *Surungama Sutra* — Livros Sagrados do bramanismo e do budismo. E já palpitavam, em embrião, no seio do masdeísmo ou zoroastrismo. De resto, reluzem intensamente no druidismo e fulguram no tabernáculo dos Mistérios, no Egito, na Caldéia e na própria Grécia.

Vultos proeminentes, como Pitágoras, Platão, e, sobretudo, Sócrates, estavam convencidos de fatos e princípios que atualmente estão corporificados na doutrina espírita, como estarão na doutrina neo-espírita.

Sem embargo, a verdadeira origem do Espiritismo é outra.

Desde os tempos mais primitivos, Espíritos evoluídos, provenientes de outros planos do Espaço que envolve a Terra, encarnaram em nosso planeta na posição de Instrutores da humanidade. Dentre eles, destaco Buda e Jesus, outrora encarnados na Terra como Instrutores da humanidade, e cujas doutrinas apresentam sensíveis afinidades, de vez que o essenismo, doutrina abraçada pelo Profeta nazareno, se inspirou, em muitos tópicos, no budismo, não obstante o acatamento dado aos profetas israelitas.

Como se infere, toda revelação de verdades divinas origina-se de um profeta ou, apenas, de um Espírito missionário assistido por numerosos Protetores de elevada hierarquia espiritual incumbidos de transmitir-lhe o que sabem a respeito do “reino de Deus”. É de ver, pois, que as revelações variam em profundidade e em clareza consoante o nível de perfeição do seu “revelador” e a iluminação dos Mestres que o instruem.

Ora, sendo essa uma lei divina para garantia do progressivo conhecimento de verdades eternas, é óbvio que o Neo-espiritismo, tal qual o Espiritismo não poderia fugir à regra. Com efeito no que tange ao Espiritismo, prevaleceu, sobretudo, o trabalho de síntese feito pelo Mestre Allan Kardec. Como pioneiro, o fundador do Espiritismo lidou com um material eivado de erros, porquanto as comunicações dos Espíritos foram feitas pelos métodos primitivos das “pancadas” de um pé de mesa ou pelos movimentos duma taboinha triangular guiada por Protetores ainda ligados parcialmente ao catolicismo. Destarte, o Espiritismo não poderia libertar-se *in totum* de postulados católicos que prevaleceram na doutrina kardequiana e, dessa forma, foram aceitas muitas inverdades e omitidas significativas verdades, que depurariam o Espiritismo da prejudicial mescla católica.

No que tange ao Neo-espiritismo que me foi revelado em caráter pessoal, por uma plêiade de Mestres, dentre os quais destaco Allan Kardec, Léon Denis e Bezerra de Menezes, não houve vínculo com o catolicismo, porque nem a médium nem eu éramos católicos.

O fato é que, a partir de 1935, o Neo-espiritismo já transparecia em minhas doutrinações, escritas em jornais de Niterói e do Rio ou faladas em conferências efetuadas em diferentes centros de ambas as

capitais, motivo por que os confrades, perplexos, me acoimavam de distorcer o kardequismo com teorias pessoais.

Na verdade, não houve deturpação: houve retificação feita pelos Mestres que me revelaram o Neo-espiritismo, com fatos evidentes e postulados racionais. De sorte que o Neo-espiritismo, queiram ou não os retrógrados, trará novas perspectivas para o planeta, com maior compreensão de seu Criador, exata situação dos Espíritos nos intervalos de sucessivas encarnações, melhor explicação para a desigualdade dos destinos humanos, esclarecimento de numerosas síndromes e enfermidades provocadas pela atuação de Espíritos sofredores ou de Espíritos obsessores, causadores, respectivamente, de Espiritopatias clínicas ou de Espiritopatias obsessivas, consoante a terminologia criada por mim.

Quanto a Jesus, Espírito de escol, Mestre dos Mestres, dotado de excepcionais dons mediúnicos e de excelsas virtudes conquistadas em lutas ingentes, em muitas encarnações diferentes entre si, veio à Terra, em última encarnação, como incomparável missionário, que se obrigou perante os sapientíssimos Mestres, que governam nosso planeta, a ampliar a eterna revelação divina, sempre condicionada ao progresso moral e intelectual dos habitantes da Terra. Para desincumbir-se de tão gloriosa quanto espinhosa missão, Jesus fora preparado, desde os oito anos de idade, por um Mestre fora de série, o Senhor de Justiça, e por outros iniciados, que viviam como autênticos ascetas na comunidade do Qumrân, na qual Jesus fora educado e permanecera até, aproximadamente, trinta anos de idade.

“Iniciado” e com a auréola de Mestre, Jesus rompeu as algemas da clausura para dar ao mundo profano aquilo que, para os “iniciados”, era segredo sagrado. Mas, a despeito das precauções que tomou, pregando por parábolas e evitando retaliações com o mosaísmo, que deveria reformular, o Mestre insigne acabara envolvido sub-repticiamente na trama de implacáveis adversários, que o levaram ao martírio da crucificação — pena de morte reservada exclusivamente para escravos responsáveis por crimes hediondos!

Com a execrável morte precoce do incomparável Instrutor da humanidade, o planeta não só perdeu o melhor dos homens, como perdeu, outrossim, a oportunidade de receber, com todo resplendor, a revelação integral da doutrina de que Jesus foi portador, para aclarar as consciências, melhorar os sentimentos e confraternizar a humanidade. Tudo porque esses sublimes conhecimentos espirituais eram apanágio de Jesus, fruto de sua prodigiosa mediunidade e prêmio de suas excepcionais virtudes. Numa palavra: a garantia da transmissão da revelação divina de que Jesus fora incumbido dependeria da permanência do excelso Mestre na vida terrena, pelo tempo necessário, cujo termo deveria ser marcado por sua morte natural e nunca assassinado, por uma turba infrene, instigada por emissários disfarçados dos sacerdotes vingadores!

Com o Espiritismo, porém, jamais poderia ocorrer semelhante descalabro, porque ele não é revelação de um só profeta. É fruto do trabalho coletivo de milhares de Espíritos. Trabalho conjugado de Espíritos desencarnados e de Espíritos encarnados. De médiuns e de habitantes do Além. Médiuns de todas as crenças, e, até, sem crença alguma; Espíritos de todos os planos espirituais organizados na órbita da Terra.

Allan Kardec, como sempre afirmou, foi, apenas, o codificador da doutrina, que, genialmente, colheu dos fatos que pôde observar e das mensagens, que recebeu, dos Espíritos encarregados de instruí-lo, por intermédio de meia dúzia de médiuns ingênuos. Os ensinamentos vieram, todos, do mundo espiritual — deram-nos os próprios Espíritos. Por isso, Allan Kardec denominou o livro básico da doutrina — *Livro dos Espíritos*.

É de ver que Allan Kardec ou, melhor, o Professor Rivail, cujo nome integral, desgraçadamente, continua controvertido, dadas as contradições de seus biógrafos, fora discípulo dileto de Pestalozzi, renomado pedagogo suíço. E, depois de vários anos de magistério e sendo já autor de valiosas obras didáticas, Allan Kardec estava plenamente preparado para o cumprimento da missão que marcou sua brilhante encarnação. Por isso, à maneira de Galvani, que, na “dança das rãs”, vislumbrou novo roteiro para a Ciência, Allan Kardec claramente percebeu na “dança das mesas”, até então ridícula distração de ociosos, o esforço heróico de alguns habitantes do Além preocupados em comprovarem, em benefício da humanidade, a sobrevivência do homem, com suas indeclináveis conseqüências morais. Por isso, persistiu afrontando o preconceito e resistindo à zombaria.

Aliás, não tardou que os próprios Espíritos comunicantes sugerissem meios mais adequados para a produção das mensagens — a prancheta e a psicografia, sobretudo a psicografia. Foi por este processo que Allan Kardec recebeu as mensagens que o convenceram.

Moças ingênuas, profundamente católicas, serviram de instrumento à transmissão de mensagens heterodoxas, revolucionárias do ponto de vista da religião que professavam, mensagens que, não obstante, desvendavam nova faixa de luz da mente divina!

Além dessas, outras mensagens, de diversos padrões, foram dadas; mensagens, muitas vezes, duvidosas, que deveriam ser, como, de fato, foram, criteriosamente selecionadas ou rejeitadas.

Os ensinamentos, ratificados por intermédio de médiuns que se desconheciam e que atuavam em diferentes localidades e, até, em cidades distantes, cada qual ignorando o teor das mensagens recebidas pelos demais, foram os únicos considerados verdadeiramente significativos. Assertivas esdrúxulas, contrárias aos conceitos emitidos pela maioria dos habitantes do Além, foram computadas, como não poderiam deixar de ser, meras opiniões pessoais.

Allan Kardec concluiu, com toda razão, que, divergindo de opinião acerca de várias questões, os Espíritos estavam demonstrando, com isso, que não são oniscientes, como muita gente imagina, e que, na realidade, cada qual dá a mensagem correspondente ao seu saber, à sua moralidade e ao nível de cultura do plano espiritual que alcançaram. Por isso mesmo, a doutrina espírita não fora codificada, desde o princípio, com postulados irremovíveis, exceção feita, é claro, para os seus princípios fundamentais, como a existência de Deus, a existência e a sobrevivência do Espírito, a pluralidade de vidas, a pluralidade de mundos habitados e a comunicação dos Espíritos com os habitantes da Terra.

No que tange, porém, aos demais ensinamentos, ministrados pelos habitantes do Além, a doutrina dos Espíritos é dinâmica e evolutiva — deve avançar à medida que novas contribuições, comprovadas empírica ou experimentalmente, vêm dilatar seus horizontes.

Com efeito, o Espiritismo parte do pressuposto de que a revelação divina é incessante; e que, à medida que a humanidade evolui biologicamente e vai sendo dotada de cérebros mais aperfeiçoados e, sobretudo, à proporção que progride moralmente, vai absorvendo, do Além, novas verdades, que ela ainda não havia podido compreender.

Imbuída, pois, como está, desse espírito progressivo, e devendo caminhar paralelamente à Ciência, consoante preconizou seu venerável fundador, a doutrina espírita não poderia permanecer petrificada, com dogmas irremovíveis. Ao contrário, para não se fossilizar, à maneira de certas religiões, a doutrina espírita ratificará ou retificará seus postulados de acordo com o progresso dos conhecimentos humanos.

A sistemática recalitrância dos líderes espíritas em admitirem esse caráter dinâmico da doutrina kardequiana, que proclamam, mas não aceitam, é, sem dúvida, a razão da conspiração do silêncio em torno dos ensinamentos que, desde 1935, venho proclamando não só em auditórios espíritas, como pela imprensa escrita e falada.

Entretanto, esses ensinamentos abrem novas perspectivas sobre a movimentação do mundo espiritual que nos envolve na vida terrena, esclarecem o mecanismo da justiça do Criador e justificam a liberdade de atuação dos Espíritos, ensejando, dessa forma, maiores, e melhores, oportunidades para o homem livrar-se de muitíssimos sofrimentos morais e, até, de doenças enigmáticas, as Espiritopatias, as quais, via de regra, zombam de todos os recursos terapêuticos da Medicina.

Afirmo, sem cabotinismo, esta verdade, mil vezes comprovada na prática, na Sociedade que dirijo, porque os ensinamentos que transmito não foram criação de minha imaginação — surgiram no decurso de um decênio de contato diário com os Mestres, que me instruíram por intermédio da prodigiosa mediunidade de minha primeira esposa. Dotada, apenas, de instrução primária e ignorando inteiramente o teor

das mensagens que transmitia, médium inconsciente que foi, era flagrante e surpreendente a disparidade entre seu nível cultural e a profundidade dos ensinamentos que, mediunizada, me transmitia; ensinamentos que abrangiam não só a área filosófica e religiosa como a área científica e que antecederam, a miúdo, descobertas que ocorreram algum tempo depois de haverem sido a mim anunciadas e por mim proclamadas nas aulas doutrinárias da SEPE e várias outras que ainda deverão ocorrer, sem grande demora.

Em se tratando de uma médium de instrução primária, a variedade e a profundidade dos ensinamentos que me foram ministrados pelos Espíritos missionários que me revelaram o Neo-espiritismo foram, para mim, seguro penhor de que as mensagens provinham, de fato, do Além e nunca do Inconsciente da médium, como poderiam pretender os freudianos sistemáticos e os parapsicólogos atuais.

Além disso, se eu ainda carecesse de provas colaterais para firmar minha convicção bastariam as mensagens do Espírito de André Luiz, posteriormente transmitidas pelos médiuns Waldo Vieira e Chico Xavier e que, em síntese, concordavam integralmente com os ensinamentos que me haviam sido dados e com as revelações que me haviam sido feitas pela maravilhosa mediunidade de minha primeira esposa. E o curioso foi que, desencarnada esta, a corrente das revelações prosseguiu através da segunda esposa, Antonieta Moraes Ribas, sem nenhum interregno, desde que com ela me casei em 1965.

Ora, convencido de que os fatos que me foram revelados reformulam e engrandecem a codificação kardequiana e, por conseguinte, constituem sagrado patrimônio espiritual da humanidade, não me senti obrigado a tolerar, por mais tempo, a “conspiração do silêncio” promovida pelos espíritas despeitados e, por isso, atendi aos insistentes apelos de meus Mentores espirituais e fundei o Neo-espiritismo com esperança de que, ligado como está à Ciência em geral e à Medicina em particular, e consolidado com postulados morais e religiosos de cristalina racionalidade, a nova doutrina levará Paz e Saúde à humanidade!

De resto, além da moral cristã, o Neo-espiritismo preservará com ele os postulados fundamentais do Espiritismo.

O primeiro deles é, evidentemente, a existência de Deus, criador do Universo. Mas não se trata de um Deus antropomórfico, semelhante ao do Velho Testamento, idêntico ao homem no físico e, o que é pior, de moral duvidosa, e injusto, porque faccioso.

Na verdade, Deus não fez, nem poderia fazer, o homem à sua semelhança, de vez que há total antagonismo entre a natureza divina e a natureza humana. O que aconteceu foi exatamente o contrário daquilo que figura na *Bíblia*: foi o homem que fez Deus à sua semelhança, com as fraquezas que lhe são peculiares.

O Deus do Neo-espiritismo, da mesma sorte que o Deus do Espiritismo, é, na essência e na aparência, incognoscível e irrepresentável materialmente. É, apenas, pressentido na grandiosidade do Universo e na profunda sabedoria das leis que o regem.

Todavia, quando se descobre, nos paradoxos dos destinos humanos, sábia justiça inspirada no amor por todas as criaturas, principiamos a sentir pelo Criador, além da intraduzível admiração, profunda e sincera veneração. Para isso, porém, é imprescindível que se admita a reencarnação dos Espíritos, sob a tutela da lei de causalidade moral, que dá a cada qual exatamente o destino que merece.

Qualquer outra hipótese, como a da salvação pela graça e da predestinação, arrasa a justiça divina, transformando Deus num monstro de parcialidade, que poderá ser objeto de nosso terror, nunca, porém, de nosso amor!

O outro postulado básico da doutrina espírita — e sê-lo-á, outrossim, do Neo-espiritismo — é a existência, no homem, do Espírito imortal. Mas a existência do Espírito não principia na encarnação terrena, com toda a gama de diferenças individuais, que, à primeira vista, dão do Criador revoltante impressão de arbitrariedade. Não. A existência do Espírito, quer no Espiritismo, quer no Neo-espiritismo, está indissolivelmente ligada à preexistência e à sobrevivência. Na realidade, é plurivivência que se desenvolve em muitos planos — quiçá em muitos mundos — regulada infalivelmente por uma lei de causalidade moral — a lei do carma — que restitui a cada Espírito, esteja ele encarnado ou desencarnado, os frutos das sementes que plantou, aqui ou no Além.

Finalmente, outro postulado do Espiritismo, que continuará a prevalecer no Neo-espiritismo, é a igualdade na criação dos Espíritos e sua evolução gradativa, sujeita a penas e castigos provisórios e proporcionais à gravidade das faltas cometidas, sempre com finalidade corretiva — correção até merecer, um dia, a eterna felicidade, que Deus reserva para todas as criaturas humanas, por mais desgraçadas e perversas que sejam na atualidade!

A Homeopatia não cura doenças — cura doentes

Ao contrário do que ocorre na Medicina oficial, que costuma empregar o mesmo específico para todos os doentes afetados pela mesma doença, na Homeopatia, o tratamento é, sempre, estritamente individual, prescrito para cada doente.

Independentemente da doença, do micróbio ou de outro qualquer fator morbígeno, o remédio homeopático é prescrito de acordo com a totalidade dos sintomas de cada paciente. E como, à margem dos sintomas patognomônicos, característicos da doença, existem, sempre, sintomas anômalos, característicos da maneira de reagir de cada doente a um mesmo fator etiológico, é evidente que a sintomatologia considerada pelo médico homeopata é mais ampla e mais minuciosa que a do quadro clínico que interessa ao médico alopata.

Com efeito, somente com os sintomas patognomônicos, o alopata poderá fazer o diagnóstico da doença e indicar o tratamento que julgar adequado. Mas o médico homeopata, se quiser basear-se somente nos sintomas da doença e receitar remédios homeopáticos para a pneumonia, para o tifo, para a difteria, para a febre amarela, para o cólera, para a peste bubônica etc., sofrerá tremenda decepção, porquanto, na Homeopatia, não existem específicos para as diversas doenças. Nos referidos exemplos, o homeopata, para obter curas rápidas e sem convalescença, como são as curas verdadeiramente homeopáticas, teria de anotar a totalidade dos sintomas de cada pneumônico, de cada tifoso, de cada diftérico, de cada amarílico, de cada colérico, de cada bubônico, etc., e, ao depois, aplicar, a cada doente, o remédio ou os remédios que, alternados, lograssem “cobrir” a sintomatologia integral de cada caso. E a razão é muito simples. A eficácia dos remédios homeopáticos depende da correta aplicação da lei dos semelhantes, cuja obediência exige se dê ao doente o remédio que, no homem sã, provoca um quadro patogenético tão semelhante quanto possível ao quadro mórbido que se lhe manifestou.

Ora, é fato notório que os doentes não reagem exatamente de modo idêntico em face de uma mesma doença. Ainda mais — um paciente que, em diferentes épocas, é acometido por uma mesma doença, apresenta, infalivelmente, alguns sintomas diferentes dos anteriormente apresentados.

Vale dizer que, considerando-se a totalidade dos sintomas, jamais se reproduzirá, num mesmo doente, um quadro mórbido rigorosamente igual, embora a doença seja a mesma. Por isso mesmo, se se pres-

crever o remédio, ao arrepio da lei de cura, com menosprezo da totalidade dos sintomas, orientando-se, tão somente, pelo diagnóstico da doença, o tratamento será de todo em todo ineficaz.

Aliás, uma das prerrogativas da Homeopatia é esta: tomados corretamente, os remédios curam com rapidez e perfeição; tomados erradamente, os remédios não têm a mínima ação, nem curativa, nem prejudicial, fato que não deixa de ser altamente significativo, porque nunca há perigo de intoxicação, nem de efeitos secundários.

Vejamos, agora, como, na terapêutica homeopática, é preciso distinguir, da doença, o doente. Sirva-nos de exemplo uma doença banal — a gripe.

Toda gente sabe quanto é variável o quadro clínico dessa virose. Mas para simplificar, confrontemos somente três casos clínicos. Num paciente, a moléstia manifestou-se-lhe violentamente com calafrios, febre, dor de cabeça, dores generalizadas no corpo inteiro, mais acentuadas nas articulações e na região renal. O doente permanece inquieto, agitado e não encontra boa posição no leito. Vira-se ora para um lado, ora para outro. Cobre-se e descobre-se, ora com frio, ora com calor. Às vezes, senta-se no leito, mas, em seguida, deita-se, tonto, com zumbidos nos ouvidos. Está inquieto, ansioso e, sobretudo, medroso, receando que haja gravidade no seu estado. Chega a imaginar que está muito mal e que vai morrer. Inseguro, interroga freqüentemente os parentes. Quer saber se não o estão achando em estado muito grave e se não vai morrer. Como se vê, o estado mental — sempre muito importante para a seleção do remédio homeopático — oscila entre a ansiedade e o pavor da morte. De resto, a face está rubicunda, os olhos congestionados, vermelhos e lacrimosos, o pulso tenso e a cefaléia é latejante. O remédio seria *Aconitum napellus*.

Noutro paciente, a gripe manifestou-se-lhe com as seguintes características: depois de algumas horas de indefinível indisposição, com anormal cansaço, surgiram os primeiros espirros, seguidos de coriza, arrepios de frio, dor de cabeça, febre, dores musculares, sensação de abatimento geral, verdadeiro torpor. O gripado deseja permanecer sozinho, em repouso, sem dialogar. A face está congestionada e ligeiramente arroxeadada, o olhar é lânguido, com as escleróticas injetadas, vermelhas, e as pálpebras superiores ligeiramente caídas. E a clássica “facies de ébrio”. O paciente responde com certa dificuldade ao interrogatório médico, tamanho é o torpor. O gripado fica horas a fio prostrado, numa sonolência quase invencível, perturbada, de vez em quando, por tremores musculares localizados ou, quando o sono tende a aprofundar-se, por violento estremelecimento geral. Para este paciente, o remédio seria *Gelsemium sempervirens*.

Finalmente, o último exemplo. O gripado não teve calafrios, nem febre. Sentiu, apenas, ligeira dor de cabeça, com atordoamento. Olhos

congestionados, vermelhos, com as pálpebras edemaciadas e pruriginosas. Coriza abundante, cáustica, queimando o lábio superior nas proximidades dos orifícios nasais. Espirros tão freqüentes que se tornam quase insuportáveis. Não obstante, não dão o menor alívio à congestão da cabeça. O paciente acusa também desagradável sensação de secura e de ardor na laringe como se a mucosa houvesse sido esfolada, tudo agravado por incômoda cócegas na garganta. Esses sintomas agravam-se quando o paciente se deita com a cabeça baixa, melhorando, ao contrário, quando permanece sentado no leito. Para este gripado, o remédio seria *Allium cepa*.

Eis, em rápido bosquejo, três quadros dentre muitos que se nos apresentam na gripe, em suas múltiplas manifestações clínicas.

Todavia, com tais exemplos, já se nos torna evidente que, diversos como são os quadros clínicos de uma mesma moléstia, diferentes deverão ser os remédios que os debelem. E se o problema consiste em “cobrir” a totalidade dos sintomas de cada doente, como o exige a aplicação da lei de semelhança — bússola da terapêutica hahnemanniana — é evidente que imprescindível se faz minuciosa anamnese, demorada observação e cuidadoso exame do paciente, a fim de que se possa prescrever corretamente o remédio individual, único que o curará prontamente, com inequívoca demonstração do valor da Homeopatia.

A prova do que foi dito tem-na muitos clientes que, gripados, foram por mim rapidamente curados; e, não obstante, gripados novamente, em data posterior, nenhum benefício colheram, quando, partindo do pressuposto de que, sendo a doença a mesma, o mesmo deveria ser o remédio, mandaram aviar a mesma receita que, noutra ocasião, lhes prescrevera eu. Mas, com certo desapontamento, verificaram que, ao revés do que ocorrera na ocasião da prescrição, a receita, repetida, não surtiu o mínimo efeito. Nem poderia surtir, porque, na reincidência de uma mesma doença, jamais o quadro clínico se reproduz exatamente idêntico; e o remédio homeopático, para curar, deverá ser, sempre, prescrito com obediência à lei de semelhança, levando-se em consideração a totalidade dos sintomas — problema difícil, que escapa à alçada do leigo, incluído o farmacêutico, e, muitas vezes, desafia a argúcia dos próprios médicos!

Além disso, para que o homeopata possa prescrever corretamente, é imprescindível a presença do doente, pois, em geral, a seleção do remédio individual adequado a determinado doente, depende de sintomas aparentemente insignificantes, que passam despercebidos ao próprio doente.

Vou exemplificar: um paciente acometido de disenteria amebiana não havia obtido nenhuma melhora depois de 48 horas de tratamento alopático. Não obstante, ficou clinicamente curado em, apenas, algumas horas, com um único remédio homeopático — *Dioscorea villosa*.

Mas, para diagnosticar este remédio, o ponto de referência não foi a doença nem a ameiba — foi um sintoma aparentemente sem significação: o paciente, para aliviar as cólicas e minorar os tenesmos, ao invés de curvar-se para frente, flexionar os membros inferiores e apertar o ventre com as mãos, como é a regra nas crises abnormais, estirava-se, ao contrário, para trás, curvando a coluna vertebral e projetando, para frente, o abdome!

Numa paciente afetada por renitente ginecopatia, o sintoma que me orientou, na escolha do remédio, nada tinha a ver, aparentemente, com a afecção do aparelho genital: era estranha sensação de que a cabeça se lhe tornara enorme — sensação tão acentuada que a paciente, para convencer-se do contrário, via-se na contingência de apalpá-la, com as próprias mãos! Curei-a com *Bovista*. Noutro paciente, cardíaco, sofrendo de incômoda dispepsia, a bússola que me guiou na seleção do remédio foi a constante sensação de ter, no estômago, um corpo duro, “como uma pedra”, característica de *Bryonia alba*.

Em suma — em muitas centenas de doentes, por mim curados, foram sintomas aberrantes, aparentemente sem significação, que, prevalecendo sobre os sintomas patognomônicos, característicos da doença, me apontaram, à luz da lei de cura, o remédio individual de cada doente.

Mecanismos das curas homeopáticas

Como é notório, a dose infinitesimal sempre foi o ponto nevrálgico da terapêutica hahnemanniana.

De fato, contra a dose homeopática, travaram-se violentas e apaixonadas batalhas panfletárias, que, embora incruentas, estraçalharam os nervos de veementes e eruditos polemistas. Contra ela, vociferaram médicos provectoros e mestres dogmáticos. Combateram-na, outrossim, provectoros profissionais, irritados com a prescrição de doses imponderáveis, que se lhes afiguravam inoperantes e, portanto, ridículas!

Entretanto, dentre tantos que, outrora, malsinaram e apuparam as doses homeopáticas, além de outros, que, ainda hoje, as chacoteiam injustamente, quantos deixaram de lado a prosápia e os preconceitos, para irem observar, com imparcialidade, à cabeceira dos doentes, as curas verdadeiramente prodigiosas diariamente efetuadas pela Homeopatia, quantos? Poucos, quiçá pouquíssimos.

Mas, em compensação, todos, que assim procederam, converteram-se ao método hahnemanniano, porque, contra fatos, não há argumentos. E, ainda que não houvesse qualquer explicação para as curas constatadas, verificada que fosse a poderosa ação terapêutica das doses homeopáticas, mandam a reta razão e a sã consciência que se reconheça honestamente o fato clinicamente comprovado, máxime quando o fenômeno se vem repetindo numa rotina que já ultrapassa século e meio de ininterrupta prática.

De resto, existem, no Universo, muitos fatos que, embora inexplicados, não podem ser negados, porquanto são “fatos de observação”. E se aprofundarmos a análise, chegaremos a conclusão de que a maior parte das teorias em voga nos diferentes setores da Ciência equacionam a causalidade aparente, mas não apreendem a essência dos fenômenos — são formulações efêmeras, pouco mais que “hipóteses de trabalho” equivalentes a provisórios campos de pouso para o pensamento científico, no arrojado vôo em busca duma síntese universal, que abranja a Verdade Total!

Não há estranhar, portanto, que, no que concerne à Homeopatia, a despeito da comprovada eficiência de sua terapêutica, ainda não haja uma explicação cabal do mecanismo de ação da lei de cura, nem da atuação das doses infinitesimais dos remédios homeopáticos.

Aliás, escorado na comprovação clínica, Samuel Hahnemann, referindo-se à lei dos semelhantes já frisou, no *Órgão da Medicina* (parágrafo 28), que, em se tratando de uma lei natural, que se impõe “em

todo experimento e em toda observação” a lei de cura homeopática é um fato irremovível. “Pouco importa — acrescentou o genial criador da Homeopatia — pouco importa qual seja a explicação científica de seu *modus operandi*; e não dou muita importância aos esforços feitos para explicá-lo.”

Sem embargo, partindo do ponto de vista de que toda enfermidade, que não seja exclusivamente cirúrgica, consiste numa alteração dinâmica da energia vital, Samuel Hahnemann aventou a hipótese de que “em toda cura homeopática, a energia vital, dinamicamente alterada pela enfermidade natural, é controlada por outra enfermidade artificial semelhante, porém mais forte, provocada pela administração de uma potência medicinal, prescrita exatamente de acordo com a semelhança dos sintomas”. Dessa maneira, acredita Hahnemann, a sintomatologia da doença natural, mais débil que a doença artificial ou medicamentosa, cessa e desaparece. Contudo, prossegue Hahnemann no parágrafo 29 da citada obra, contudo, a doença artificial, mais forte do que a doença natural, continua a atuar sobre a energia vital, alterando a saúde. Todavia, essa enfermidade artificial, causada pela ação dinâmica dos medicamentos, prontamente esgota suas forças e desaparece, deixando o doente curado.

Esta, em síntese, a explicação de Hahnemann no que tange ao mecanismo da cura pela lei de semelhança.

Concordando, em parte, com sua interpretação, devo confessar, não obstante, que a mim se me afigura haver, na hipótese formulada pelo fundador da Homeopatia, insanável incoerência. Com efeito, se o organismo enfermo, sem ajuda da doença artificial ou medicamentosa, não teve forças para livrar-se da doença natural, mais débil, como poderia tê-lo para libertar-se, posteriormente, da doença artificial, mais forte? Além disso, os remédios homeopáticos, prescritos em doses infinitesimais, não provocam, durante a cura, nenhuma doença artificial. Pois não foi o próprio criador da Homeopatia que, no experimento das substâncias medicinais, comprovou que a ação patogenética só se desenvolvia depois de certo prazo de experimentação, quando o organismo são, já sensibilizado pela repetição das doses, reagia com rica sintomatologia, à maneira do que ocorre, com pequenas doses, na idiossincrasia? Portanto, se a cura dependesse da aparição da doença artificial, é óbvio que, fosse qual fosse a enfermidade, os efeitos curativos seriam retardados, porquanto, para atuarem, os remédios deveriam primeiramente provocar uma doença artificial. No entanto, como o provou o próprio Hahnemann, uma prescrição correta pode curar com uma única dose infinitesimal, sem possibilidade de haver prévia doença artificial! Logo o mecanismo da lei de semelhança deve ter outra explicação. Será a do Instituto Hahnemanniano?

“No Brasil, escreve o saudoso autor de *Homeopatia-Medicina Positiva*, Prof. Sylvio Braga e Costa, no Brasil temos 100 anos de orientação uniforme: explicamos a cura homeopática pela lei de ação e reação. Não é o medicamento que cura: é o organismo, reagindo ao medicamento, que neutraliza a moléstia semelhante a ele.”

De acordo com a representação gráfica do Prof. Licínio Cardoso, reproduzida na referida obra, os fatos se desdobram da seguinte maneira: a princípio, a moléstia agride o organismo; em seguida, o organismo reage, mas não consegue debelar a doença. Entra, então, em ação o medicamento. Como a reação do organismo é contrária ao medicamento, é, também contrária à moléstia: soma-se à reação anterior. Em seguida, o medicamento é eliminado, resultando: reação do organismo à moléstia e reação do organismo ao medicamento. Nessas condições, a soma das duas reações pode ser maior do que a ação morbífica. Essa, em síntese, a doutrina brasileira ou, melhor, a doutrina do Instituto Hahnemanniano, formulada, se não me engano, pelos engenheiros-médicos, membros do venerável cenáculo. Trocada em miúdos, eis a explicação oficial do Instituto Hahnemanniano, segundo a palavra do sábio Prof. Braga e Costa: “o medicamento introduzido no organismo provoca uma reação contrária; como o medicamento é semelhante à moléstia, a reação contrária a ele será forçosamente contrária à moléstia; eliminado o medicamento, fica a reação contrária agindo somente contra a doença, que será, aos poucos, neutralizada pelo próprio organismo.”

Nessa explicação, aparentemente escorado no princípio da ação e reação, encontro, outrossim, um paradoxo: o organismo sozinho não conseguiu curar-se, mas ajudado pelo medicamento, reage com mais violência. Até aí, tudo lógico. Mas o medicamento, eliminado com presteza deixa de agir. Conseqüentemente a reação à sua ação deverá também cessar incontinenti. Permanece porém a reação contra a moléstia, ineficaz inicialmente e que, logicamente, deverá permanecer ineficiente, quando passar a atuar, novamente sozinha, como a princípio. Noutros termos: se a doença natural é mais fraca do que a doença medicamentosa, é óbvio que a reação contra ela também é mais fraca do que a reação contra a doença medicamentosa. Se o organismo, durante a ação semelhante e simultânea das reações à doença natural e à doença medicamentosa, não teve força para equilibrar-se, é evidente que, cessada a reação contra a moléstia medicamentosa e permanecendo apenas a reação contra a doença natural, o organismo perderá grande parte da força de reação contra a doença. E como o menos não pode suplantar o mais, o que não logrou a soma das duas reações — a reação contra a moléstia e a reação contra o remédio, não é lógico que consiga somente a reação contra a doença. E, nessas condições, persistiria a impotência do organismo para eliminar a doença. Logo, não haveria cura!

Fator emocional como agravante de infecções

Precedida por espalhafatosa celeuma, acaba de invadir a “cidade maravilhosa” a famigerada “gripe asiática”. E seja em virtude do alarma dado pelos jornais, seja em conseqüência da hecatombe outrora causada pela “espanhola”, — de horripilante memória, — o fato é que muitas pessoas já não ocultam o pavor que as domina, em face da pandemia, que avança celeremente em direção de nossa Pátria.

Urge, pois, que os poderes públicos atentem no seguinte: se, por um lado, a preparação psicológica da população se tornou necessária para amortecer os efeitos e delimitar o raio de ação dos temíveis inimigos invisíveis, disseminadores do morbus, por outro lado, o desenfreado sensacionalismo de certos órgãos da imprensa pode contribuir, paradoxalmente, para deflagrar exatamente aquilo que se pretendia evitar — a agravação do mal — decorrente do impacto emocional coletivo!

E nisso é que reside o maior perigo. Porque, dos múltiplos fatores que entram em equação no desencadeamento de um surto epidêmico, talvez nenhum possa sobrepujar o elemento emocional, o medo coletivo. Na verdade, o vírus, por si só, não basta para provocar o estado mórbido, se, pelo fato do organismo apresentar perfeito equilíbrio psicossomático, as defesas naturais contra as infecções estiverem íntegras. Na verdade, embora o fato seja ainda ignorado, é a prévia ruptura do equilíbrio vital, apanágio do corpo espiritual ou, melhor, do perispírito — traço de união entre o Espírito imortal e a matéria efêmera que torna o organismo vulnerável aos agentes morbígenos. Sem o prévio desequilíbrio vibratório do perispírito que dá ensejo à chamada predisposição, não há infecção. Haja vista o que ocorre com os “iniciados”, inclusive os faquires, que se deixam espetar por instrumentos perfurantes, sem a mínima anti-sepsia e que nunca se infeccionam — fato que também pude comprovar, durante mais de cinco anos, na Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas, com médiuns pertencentes, ou não, à SEPE, todos eles “controlados” por Espíritos que, na vida terrena, foram ioguis e afeitos a tais fenômenos. Sem embargo, se o caso não for de “iniciados”, praticamente invulneráveis, e, em contraste com o que ocorre no contágio normal, for inoculada, experimentalmente, uma dose de cultura microbiana, é evidente que, haja ou não predisposição, de toda forma, a infecção será deflagrada.

Mas, nesse caso, o estado mórbido se assemelharia muito mais a gravíssima intoxicação do que propriamente a uma infecção comum — tão rápida seria a sideração do organismo. E é justamente por não se atentar na diferença

irredutível que existe entre a doença natural e a doença experimental, que, na clínica, se desprezam, muitas vezes, os fatores predisponentes, e, entre eles, os mais importantes de todos — os fatores emocionais.

Para exemplificar, vou relatar, sucintamente, dois casos, que, embora não tenham sido respigados na literatura médica, são verossímeis, porque quem m'os contou são pessoas dignas de todo crédito.

Um deles aconteceu, há muitos anos, em Paraíba do Sul, onde residia meu falecido avô — Dr. Randolpho Augusto de Oliveira Penna — médico filantropo, cujo nome declinou sempre com profunda saudade e veneração.

Dentre os freqüentadores de sua hospitaleira mansão, encontrava-se um rapaz oriundo de distinta estirpe, que, com platônico idílio, cortejava uma das minhas jovens tias.

Certa vez, ao regressar duma visita médica, meu avô, visivelmente preocupado, mal penetrou na sala de visitas, onde se encontravam as filhas em companhia do tímido Romeu, anunciou inopinadamente: “Temos cólera em Paraíba!”

Hoje não se tem bem uma idéia do que representa uma epidemia de cólera *morbis*. Outrora, no entanto, a doença causava pavor. E quem leu as páginas fulgurantes de *A retirada da Laguna* jamais esquecerá o quadro dantesco da devastação que o cólera infringiu em nossos heróicos compatriotas!

E o fato é que, quando ouviu de meu avô a trágica advertência, o romântico namorado, profundamente chocado, ficou silencioso, pálido e têmulos; e só ao termo de alguns minutos pôde falar, com a voz embargada na garganta, para vaticinar, sinistramente, que, daquela feita, não escaparia das garras da terrível doença, pela qual sempre votara supersticioso pavor, e acrescentou enfaticamente que morreria fatalmente!

Não houve argumento que o convencesse, nem pilhéria que o distraísse.

Completamente transfigurado com a notícia, perdeu a verve e, sorumbático, despediu-se e partiu precipitadamente...

Pouco depois, um portador, a galope, vinha buscar meu avô, a chamado do pobre rapaz. Encontrou-o já o caridoso médico em estado gravíssimo; e, ao anoitecer estava morto! Poucas horas decorreram entre a explosão dos primeiros sintomas e o coma final: cólera *morbis* fulminante, deflagrado pelo pânico!

Agora, o outro caso. Esse, ocorrido na família de minha primeira esposa, em Pernambuco. Sua tia, formosa mocetona, nutria estranho pavor pela varíola, razão por que não se descuidara de vacinar-se. Certa vez, porém, adoeceu uma criança da família e o médico diagnosticou — varíola. A moça ficou estarrecida. E pouco depois já estava acamada, tiritando de frio e escaldando num febrão de 40 graus! No dia seguinte, o corpo todo crivado de pústulas!

Um caso, portanto, de varíola a jato, evoluindo em poucas horas, quando, normalmente, a erupção só se manifesta depois do terceiro dia!

Eis aí como o choque emocional desencadeou uma verdadeira tormenta nesses organismos, rompendo todas as barreiras de defesa, a ponto de fulminar em poucas horas um deles; e o outro, embora se salvasse, não escapou de violenta infecção, que invadiu rapidamente todo o organismo, apesar da prévia vacinação, o que torna o caso ainda mais anormal e destaca a influência decisiva dos fatores psíquicos na gênese dos estados mórbidos!

Aliás, o fato está experimentalmente demonstrado com as investigações realizadas nos abrigos antiaéreos, durante os tremendos bombardeios da última guerra, pois as reações imunológicas positiveram a queda das defesas orgânicas durante as crises emocionais.

Por isso mesmo, meu caro leitor, no momento em que a “asiática” ameaça invadir nossa Pátria, é preciso que tenhais o máximo auto-domínio, controlando vossas emoções, sem vos deixardes acovardar com a exageração dos fatos.

E, para vos acalmar, posso vos assegurar que a Homeopatia embora não possua específicos, está armada contra a “asiática”, e que não a teme absolutamente.

Lembraí-vos de que durante a epidemia da “espanhola”, muito mais grave do que a atual gripe, a Homeopatia demonstrou irretorquivelmente sua enorme eficiência. A prova é que, em Paris, por exemplo, a estatística do hospital homeopático acusou 90% de curas, enquanto nas clínicas alopáticas, aconteceu exatamente o contrário: a mortandade foi de 90%!

Aliás, em que pese à opinião de certos ortodoxos, a vacina, que, incontestavelmente, é valiosíssimo recurso contra o mal, é, na verdade, Homeopatia, e da boa! Pois, como é notório, a Homeopatia, para curar, ministra a cada doente o remédio que, no homem são, provoca uma “doença experimental” semelhante à “doença natural” apresentada pelo doente. E que droga poderia, porventura, provocar no homem hígido um quadro mórbido mais parecido com a gripe asiática do que seu próprio vírus? E, como o vírus é modificado pela cultura no embrião de pinto e pela ação do formol, o que resulta não é o *equalia*, como poderiam argumentar os isopatistas, mas, na verdade, o *similimum*.

Por conseguinte, a vacina é Homeopatia. Homeopatia, porque atua pela “lei dos semelhantes”; Homeopatia, porque age em dose infinitesimal; Homeopatia, porque é substância simples, vírus puro, sem associação medicamentosa; Homeopatia, enfim, porque satisfaz aos requisitos fundamentais do Método Hahnemanniano: *similia similibus curentur* — doses mínimas e *unitas remedia*.

E o experimento no homem são, ponto vital do método homeopático, onde ficou? — Perguntar-me-ão os intransigentes.

O experimento, direi eu, o experimento fê-lo a natureza, pois invadindo, em massa, milhares de organismos, em pleno estado de saúde, e reproduzindo, em abundância, quadros mórbidos cujos sintomas-chaves são absolutamente os mesmos, deu-nos a natureza a patogenesia do vírus, tão válida quanto as patogenesias experimentalmente obtidas pelos investigadores homeopatas.

Completando, pois, o quadro do Método Hahnemanniano, poder-se-á acrescentar, em relação ao tratamento pela vacina, o postulado que faltava — *experientia in homine sano*, e, destarte, a vacina fica perfeitamente enquadrada nos moldes da Homeopatia, a despeito da recalcitrância de alguns homeopatas caturras.

Em conclusão: vacinando-se, ou tomando remédios homeopáticos, de toda forma, prezados leitores, estareis beneficiando-se com o tratamento homeopático. Homeopatia preventiva, no primeiro caso; Homeopatia curativa, no segundo. E, com Homeopatia preventiva e curativa, nada tereis de que recear, exceto nos casos em que as lesões orgânicas já forem incompatíveis com a vida. Porque, aí, só um milagre!

Associada ao Neo-espíritismo, a Homeopatia cura grave cardiopatia

Admiram-se, muitas vezes, os colegas alopatas do otimismo com que os homeopatas costumam enfrentar situações críticas, prognósticos sombrios, quando todas as esperanças de salvação do moribundo parecem perdidas. E, como não podem compreender a razão da confiança em remédios prescritos em doses imponderáveis, atribuem a serenidade dos homeopatas a uma espécie de sentimento místico, que empolga os discípulos de Samuel Hahnemann.

Nada mais falso. Porque, na verdade, a segurança do homeopata se prende ao fato de ser sua terapêutica estribada numa lei de cura, que, como toda lei natural, é indefectível. Aplicando-a, o homeopata está convicto de que, se o organismo do paciente ainda puder reagir ao estímulo da energia curativa do medicamento homeopático, o doente, por mais grave que seja o seu estado, será curado.

Isso é um fato de observação. Dispensa misticismo. Acontece com quem crê e com quem não crê na eficácia da terapêutica homeopática. Antes de sua conversão, os médicos homeopatas também não acreditavam que doses infinitesimais pudessem curar — e curar rapidamente. Acreditaram porque viram com os próprios olhos e consolidaram a convicção junto ao leito dos doentes. Também há, até hoje, muitos doentes que duvidam, mas, em desespero de causa, recorrem à Homeopatia; e são salvos!

Não há, pois, nenhuma mística homeopática: há fatos irremovíveis e provas insofismáveis, que redundam em arraigadas convicções. Porque uma coisa é seguir o roteiro traçado por uma lei natural de cura e outra, penetrar, sem um fio de Ariadne, no labirinto da Patologia humana.

Mas o curioso é que, no curso escabroso da antiga terapêutica alopática, muitos vultos proeminentes, aplicaram, sem o perceber, a lei dos semelhantes.

Com efeito, quando Trousseau recomendou o emprego de Arsênico, em pequenas doses, nos casos de diarréias rebeldes, aconselhou, sem o pressentir, a opção pela Homeopatia, porque, no exemplo, além da lei de cura, há a recomendação da dose exígua.

De fato, ingerido, experimentalmente ou acidentalmente, em doses subtóxicas, o citado metalóide provoca disenteria e, ministrado em pequenas doses, cura disenterias semelhantes à que provoca.

Da mesma forma, Black, ao prescrever o Arsênico no cólera, aplicou, sem o saber, a lei de semelhança e, conseqüentemente, praticou Homeopatia.

Praticou-a, igualmente, conhecido médico inglês que, em 1880, publicou a observação de um ancião de 70 anos, acometido de renitente coqueluche, que, depois de haver resistido a todos os recursos disponíveis na época, cedeu prontamente com Drosera, em doses mínimas, porque, com doses de cinco gotas, o mal, ao invés de melhorar, havia piorado. Homeopatia — e da legítima!

Anteriormente, em 1864, Beck, médico em Monthey, já havia chamado a atenção do mundo científico para a semelhança entre a sintomatologia da intoxicação pelo Cianureto de Mercúrio e a difteria, confirmando, destarte, a observação do fundador da Homeopatia. Dois anos depois, em 1866, Villards, durante uma epidemia de difteria em Petsburgo, aplicou, com grande êxito, o Cianureto de Mercúrio. E, ainda com intervalo de dois anos, em 1868, Sellden, conhecido médico sueco, publicou uma estatística abrangendo 200 doentes de difteria tratados pelo Cianureto de Mercúrio, com, apenas, quatro óbitos.

Donde se conclui que os homeopatas não estão desprovidos de razão quando receitam, para a difteria, *Mercurius cyanatus*...

Continuemos, porém, a respigar na seara alopática.

Ménière observou caso de zoadas, tonteiras e surdez, causadas pelo uso do Sulfato de quinino. Não obstante, Charcot aconselhou a quina para a “Vertigem de Ménière”, na qual os sintomas se assemelham muito aos provocados pelo Sulfato de quinino. Logo, Charcot, sem o querer, também praticou Homeopatia!

A terebintina ataca os rins e a pele, causando grave nefropatia, com albuminúria, hematúria e exantema escarlatiniforme em extensa área da pele. Entretanto, Tobitz e Nazarof empregavam e aconselhavam o emprego da terebintina nas nefrites e, particularmente, nas nefrites post-escarlatinosas! Portanto, Homeopatia!

Pouchet observou no ergotismo, intoxicação pelo centeio-espigado, sintomas semelhantes aos da *tabes dorsualis*. Todavia, Grasset e Strumpel, ambos professores alopatas, o primeiro francês e o segundo alemão, todos dois prescreviam a ergotina, em pequenas doses, no tratamento da *tabes dorsualis*. Novamente Homeopatia!

Como se vê, muitos alopatas, sabendo ou não, obtiveram sucessos com o emprego da lei dos semelhantes e com doses pequeninas. A diferença é que a Medicina oficial, desconhecendo a Matéria Médica Homeopática, não sabe aplicar conscientemente a lei de semelhança; e subestimando a dinamização, com a potenciação da energia curativa dos medicamentos, não admite, *a priori*, os maravilhosos efeitos terapêuticos das ridicularizadas doses infinitesimais da Homeopatia!

Os homeopatas, ao contrário, palmilhando as pegadas do genial criador da Homeopatia, convictos de que a lei de cura, como toda lei natural, nunca falha e certos de que os remédios, que prescrevem, estão dotados de poderosa energia curativa, se sentem absolutamente tranqüilos quanto ao resultado do tratamento que empreendem.

Entretanto, como os fatos dizem mais do que as palavras, vou exemplificar, a fim de que, mais uma vez, se evidencie quanto pode realizar a Homeopatia, máxime quando associada ao Neo-espiritismo — meta para o progresso, em futuro próximo, da “arte de curar”.

Certa manhã, há dois decênios, fui chamado, aos prantos, para dar assistência à esposa de alto funcionário do Banco do Brasil, residente no Canto do Rio, em Niterói.

Prevenido de que o caso, segundo a opinião do cardiologista, que lhe acabava de tirar o electrocardiograma, era desesperador, não me surpreendi, em lá chegando, com o tétrico ambiente de câmara mortuária, que se me deparou no lar torturado por grande dor. Desenganada, como estava a paciente, pelos médicos que me antecederam, era compreensível a consternação geral, a penumbra ambiente, o combate aos ruídos, o caminhar em pontas de pé e o murmúrio dos cochichos... E, de fato, ao penetrar no quarto da “moribunda”, encontrei a paciente estirada ao leito, em decúbito dorsal, imóvel, olhos encovados e semicerrados, nariz afilado, palidez cerácea, cadavérica, respiração superficial, bulhas abafadas, pulso impalpável. Contudo, desde que me aproximei da doente, um raio de esperança bruxoleou-me n’alma, porque senti, mediunicamente, a presença de um Espírito sofredor imantado à paciente e sei, de certeza certa, quanto uma Espiritopatia pode agravar qualquer estado mórbido, mental ou somático. Por isso, enquanto, calado, observava a paciente, orei mentalmente aos Mestres que dirigem o Neo-espiritismo, solicitando-lhes a presença de Espíritos socorristas para levarem o Espírito responsável pela Espiritopatia para um plano de readaptação espiritual, de acordo com seus merecimentos. Atendida a minha silenciosa prece mental, a paciente, até então imóvel, deu um estremecimento e um profundo suspiro e, em seguida, abriu os olhos, espantada de ainda estar viva e comigo a seu lado!

Diante da transformação do quadro da “moribunda”, pedi à família, admiradíssima, clareassem a casa, abrindo as janelas, pois a paciente precisava de mais oxigênio. Obedecido o meu pedido, vali-me da caixa de medicamentos de urgência que, em tais conjunturas, levo comigo, e, pedindo-lhe abrisse a boca, dei-lhe duas pastilhas de *Arsenicum album* C30.

Ao fim de dez minutos, a circulação periférica estava restabelecida, a coloração da pele normal, a face de aspeto quase normal, a testa seca, livre dos suores frios e viscosos, o pulso ritmado e cheio! Perplexa, a paciente disse ter tido a sensação de haver ressuscitado! Ouvi-lhe o coração e pude certificar-me de que as bulhas estavam normais e que não havia sopro em nenhum dos focos.

Diante da rapidíssima modificação do estado da “moribunda”, a família, bisonha em matéria de Neo-espiritismo e sem experiência acerca dos prodígios que a Homeopatia pode realizar, já estava pensando em termos de milagre!

Mas, na realidade, não houve milagre — e nem poderia haver, porque o milagre seria a revogação de uma lei natural, reflexo do Pensamento Divino; e como Deus, por sua onisciência não erra, jamais poderia revogar uma lei, ato que implicaria no reconhecimento de um erro! O que, de fato, houve foi o seguinte: afastado o Espírito responsável pela Espiritopatia e retirados, pelos protetores que sempre me assistiram no exercício da Medicina, os fluidos morbígenos irradiados, pelo Espírito sofredor, sobre o perispírito da paciente e, por intermédio do perispírito, sobre o seu Sistema nervoso, com subsequente expansão por todo o organismo, a “moribunda” incontinenti melhorou. E com a ajuda da energia curativa da trigésima dinamização do remédio homeopático, dinamização que, corretamente preparada, não possui nem traços de matéria, mas cuja energia curativa, pelo seu comprimento de onda e por sua frequência vibratória, pode atuar diretamente sobre o perispírito e, conseqüentemente, sobre o Sistema nervoso, que, direta ou indiretamente, controla todas as reações do organismo, foi possível, com uma única dose de remédio, prescrito em obediência à lei de cura homeopática, a espetacular transformação do dramático quadro clínico da doente. E, continuando, por sete dias, com o uso do *Arsenicum alb.* C30, na dose de 2 pastilhas de 3 em 3 horas e de *Naja trip.* C200 dil., na dose de 3 gotas, num cálice d’água, diariamente, ao dormir, a paciente pôde reassumir suas atividades domésticas, sem nada mais sentir!

Todavia, como os electrocardiogramas acusavam coronarite crônica com isquemia do miocárdio, o tratamento prolongou-se por mais sessenta dias, com nova prescrição, assim constituída: — De manhã, em jejum, *Bothrops lan.* C200, na dose de 3 gotas, num cálice d’água, e à noite, à hora de dormir, *Lachesis tri.* C200, na dose de 3 gotas, num cálice d’água. Durante o dia, *Aconit. nap.* C30 e *Ignatia am.* C30, alternados, na dose de 3 pastilhas de 2 em 2 horas.

Findo o prazo por mim marcado, a paciente estava otimamente bem disposta e, como os traçados elétricos demonstravam notável recuperação da cardiopatia, a paciente, por deliberação própria, parou o tratamento. Mesmo assim ainda viveu mais de três anos, vindo a falecer de causa por mim ignorada, porque, na ocasião, tinha direito a tratar-se com médicos do Banco do Brasil, não solicitou meus serviços profissionais.

Mas, de toda maneira, o caso demonstrou o valor da Homeopatia e, na hipótese de haver, concomitantemente, Espiritopatia ou “atuação espiritual”, a vantagem da associação da Medicina ao Neo-espiritismo!

A Homeopatia cura edema angioneurótico da garganta por penicilina

Ainda há muita gente que duvida da Homeopatia porque não pode compreender como doses tão mínimas possam ter ação terapêutica — ação terapêutica tão profunda, aliás, que, em certas circunstâncias, salvam casos desesperadores e, noutros, evitam intervenções cirúrgicas!

Sem embargo, o problema não é tão difícil. Vamos por partes. Em primeiro lugar, é preciso ressaltar que o medicamento homeopático atua em harmonia com a natureza porquanto é prescrito de acordo com uma lei natural de cura — a lei de semelhança.

Antevista desde remota antiguidade pela sagacidade de alguns esculápios e exaltada pela figura veneranda de Hipócrates, cognominado “Pai da Medicina”, essa lei de cura só pôde ser aplicada depois que o gênio de Samuel Hahnemann descobriu um método para experimentar, no próprio homem, a ação dos medicamentos. De fato, sem conhecer, previamente, os quadros patogenéticos provocados experimentalmente pelos medicamentos sobre o organismo do homem em estado hígido, como aplicar, no doente o remédio indicado pela semelhança de sintomas entre o quadro patogenético do remédio e o quadro mórbido do paciente? Exemplifiquemos. Como curar, homeopaticamente, pela lei de semelhança, uma simples dor de cabeça, congestiva, latejante e localizada na região frontal, sem conhecer ao menos um medicamento que, no homem são, provoque cefaléia com características semelhantes? Estabelecido, porém, pelo criador da Homeopatia, o experimento *in homine sano*, em pouco tempo a nova arte de curar estava dotada de valiosa Matéria Médica, contendo as patogenesias de numerosos medicamentos.

Em face disso, tornou-se exequível a aplicação da lei de cura sintetizada no postulado: *Similia similibus curentur*.

Todavia, com grande surpresa para o próprio fundador da Homeopatia, comprovou-se que, aplicados pela lei de semelhança, nas doses usuais, os remédios provocavam violentas reações, com passagem a agravação do quadro mórbido, surgindo, em seguida, a cura. Daí a necessidade de diminuir as doses. Diminuídas as doses, nova surpresa estava reservada a Samuel Hahnemann. Foi que, quanto menor a dose, maior o efeito produzido. Conseqüentemente, duas conclusões se lhe impuseram. A primeira foi que o organismo enfermo é muito sensível à ação do remédio, quando prescrito de acordo com a lei de semelhança; a segunda foi que, em virtude da extrema fragmentação e das sucessivas dinamizações das substâncias medicinais, multiplicava-se-lhes a energia curativa.

Façamos rápida análise dessas conclusões, que se tornaram pontos fundamentais da terapêutica hahnemanniana. Vejamos alhures outras provas de grandes efeitos provocadas por pequenas doses. A colheita deve ser feita no campo da Alergia, porque, na verdade, a hipersensibilidade do doente ao remédio homeopático é equivalente à hipersensibilidade do alérgico para o alergênio. Ora, como é sabido a sensibilidade dos alérgicos manifesta-se não só em relação aos medicamentos, como, também, aos alimentos e, até, aos odores e emanações. Com efeito, o paciente de Sulzberger, por exemplo, fora acometido de violenta dermatite pruriginosa causada pela droga anticoncepcional usada por sua esposa. Por outro lado, em pacientes alérgicos ao sumagre venenoso, o nosso *Rhus toxicodendron*, Shelmire fez a seguinte observação: ele próprio colheu a planta, depois lavou as mãos, bem lavadas, com sabonete; em seguida, esfregou as mãos, lavadas, no braço dos pacientes — imediatamente surgiu, no local da fricção, um eritema pruriginoso, que evoluiu rapidamente para a vesiculação, como se fosse queimadura do segundo grau! Outro afamado alergista, Urbach, cita o caso de um paciente de 22 anos e, aparentemente, sadio, mas tão sensível à tangerina que, se chupasse um único gomo, era instantaneamente acometido de choque nitritóide, com cianose da face e iminente risco de vida, se não fosse socorrido imediatamente! Completando a escala, podemos citar, outra observação do mesmo alergista. Refere-se a uma moça, tão sensível ao “cheiro de peixe” que, duma feita, ao passar numa rua próxima do mercado de peixe, mal sentiu o cheiro, caiu como que fulminada, por instantâneo edema angioneurótico do laringe e colapso cardíaco!

Todos esses exemplos servem para mostrar que, nos organismos hipersensíveis ou hipersensibilizados doses mínimas podem provocar grandes efeitos.

Fato semelhante ocorre com as doses homeopáticas, nos organismos enfermos. Com uma diferença: é que, na alergia, é para perturbar a saúde e, na Homeopatia, é para curar o doente.

Mas, independentemente da hipersensibilidade do doente ao remédio prescrito pela lei de semelhança, força é considerar que, na Homeopatia, a prévia fragmentação da substância medicinal seguida de demoradas triturações ou as crescentes diluições com consecutivas sucussões, incrementam fantásticamente a potência da energia curativa dos medicamentos. E a prova é que substâncias de todo em todo inertes do ponto de vista terapêutico, como o Lycopódio, a Silícea, o Chumbo, a Platina e muitas outras submetidas que sejam à farmacotécnica homeopática, isto é, suficientemente dinamizadas — embora materialmente reduzidas a doses infinitesimais e, até, totalmente desprovidas de um átomo sequer de matéria, como acontece

nas altas potenciações — demonstram possuir valiosíssima energia curativa pelas curas verdadeiramente assombrosas que realizam, inclusive em casos crônicos, considerados, muitas vezes, incuráveis!

Donde se infere que, quer pela hipersensibilidade do doente ao remédio homeopático, quer pela potência da energia curativa dos medicamentos, a Homeopatia, ainda mesmo nos casos mais graves, é terapêutica de inestimável valor!

E, como, mais do que palavras, falam os fatos, vou dar um exemplo.

Chamado com urgência, faz, alguns anos, fui socorrer, no Barreto, a esposa de um industrial, a qual, em consequência de uma injeção de Penicilina, fora acometida de perigosíssimo edema angioneurótico da língua e da garganta, prestes a asfixiá-la.

O quadro que se me deparou era impressionante. Sentada numa poltrona, cercada de familiares, que, aflitíssimos, a abanavam com leques improvisados, a paciente apresentava a face vultuosa, inchada, com extensas pápulas de urticária e a boca, entreaberta, deixava escapar a língua enormemente edemaciada, de dimensões quase duplicadas, obstando-lhe a deglutição e ameaçando-a de iminente sufocação. Abundante sialorréia, com eliminação de saliva espessa, viscosa, ligeiramente sanguinolenta a escorrer-lhe, incessantemente, pelos cantos da boca, obrigava-a a permanecer sentada, de cabeça inclinada para frente, a fim de evitar a asfixial!

O pior, no entanto, estava oculto e muito difícil de ser observado, porque, além do volume da língua, havia como irremovível obstáculo, forte trismus, que impedia maior abertura da cavidade oral. Mas, com paciência e muita precaução, pude observar o edema angioneurótico a invadir-lhe o véu palatino, a glote e o laringe, com ameaça de imediata asfixia — asfixia irremediável, porque a traqueotomia ou qualquer outra intervenção cirúrgica poderia ter consequências fatais, pois tão friáveis estavam os tecidos que impossibilitariam a ligadura dos vasos, redundando a intervenção cirúrgica em hemorragia mortal!

Tudo isso resultou de hipersensibilidade da paciente ao antibiótico, pois, segundo seu depoimento, foi a primeira vez que lh'o prescreveram. Desde a primeira dose sentiu-se muito mal, motivo por que consultou, pelo telefone, seu médico assistente. Todavia, preocupado com a amigdalite e não dando crédito à violenta reação acusada pela cliente, insistiu no sentido de que ela repetisse a dose da Penicilina, de vez que não podia descuidar-se da infecção da garganta. Repetida, porém, a dose, o choque foi muito mais violento, deixando-a no deplorável estado em que a encontrei!

Contudo, salvou-a a Homeopatia. E salvou com uma única prescrição: *Apis mel.* C30 — *Hepar sulph.* C30 — *Kali carb.* C30, tomados, alternadamente, de hora em hora, na dose de duas pastilhas.

No dia seguinte, a situação era muito diferente. Edemas e urticária haviam desaparecido, juntamente com a infecção das amígdalas!

A Homeopatia cura hemiplegia (caso Manhães)

Para maior infelicidade dos doentes, ainda é grande a aversão que se observa contra a Homeopatia. Mas, lamentavelmente, é no próprio seio da classe médica que a ojeriza assume superlativas proporções. Entretanto, até hoje, são raríssimos os profissionais que, ao menos por curiosidade, se deliberam a estudar a doutrina homeopática, e a por à prova o método terapêutica criado pelo gênio de Samuel Hahnemann. De modo que a maioria dos médicos opinam a respeito da Homeopatia escorados, apenas, nos conceitos da Medicina oficial, com completo desconhecimento dos fatos clínicos e dos dados experimentais que serviram de base à doutrina hahnemanniana.

Nessas condições, não se lhes deveria dar nenhum crédito, de vez que, procedendo com tamanha leviandade, o médico se equipara ao leigo — opina impulsionado pela paixão e argumenta com lógica afetiva, deformando a verdade! Entretanto, o povo, em geral, imagina ingenuamente que, pelo fato de ser médico, o adversário da Homeopatia fala revestido de autoridade científica, apoiado em fatos e escudado na experiência pessoal, o que não é exato.

Com efeito, há médicos que negam *a priori* a ação curativa dos remédios homeopáticos sob a alegação de que, para ter efeito terapêutico, quando prescritos em tintura, medicamentos como o Aconito, a Beladona, a Noz vomica etc., devem ser ministrados na dose de vinte ou mais gotas, enquanto que os homeopatas prescrevem esses mesmos medicamentos em doses infinitesimais, correspondentes à milésima, à milionésima e, até, à bilionésima fração duma gota.

Aparentemente, esses opositores têm carradas de razão. Mas, na realidade, por desconhecerem os postulados básicos da doutrina hahnemanniana, e de nunca haverem posto à prova o valor dos medicamentos, além de cometerem grave injustiça, perpetuam lastimável erro!

Em primeiro lugar, a prescrição do remédio homeopático obedece a uma lei de cura — privilégio que não existe na Medicina oficial; em segundo lugar, a aplicação da lei de semelhança veio comprovar que o organismo enfermo é hipersensível ao remédio prescrito de conformidade com a referida lei de cura. De sorte que, ministrado em doses materiais, o remédio homeopático provoca, sistematicamente, prévia agravação da sintomatologia, seguida de cura definitiva. Foi para evitar esse inconveniente — a agravação medicamentosa — que o criador da Homeopatia foi induzido a diminuir, cada vez mais, as doses prescritas. E, com grande surpresa, verificou que, à medida que as

doses se tornavam materialmente menores, aumentava a energia curativa abreviando as curas. Foi assim que Samuel Hahnemann chegou às doses infinitesimais e, embora não houvesse declarado taxativamente, ao “fluido vital”, muitíssimo mais eficiente que a energia medicinal. Daí, as curas maravilhosas!

Na verdade, não há motivo para perplexidade. Os partidários da terapêutica alopática sabem muito bem que o segredo de múltiplos fenômenos fisiológicos e de numerosos fenômenos patológicos dependem de delicados mecanismos bioquímicos nos quais a presença de determinadas substâncias, em doses mínimas e, até, infinitesimais é, de todo em todo, imprescindível. Haja vista o que ocorre em relação aos catalisadores biológicos e às toxinas microbianas.

Em verdade, o equilíbrio vital do organismo é mantido com doses infinitesimais e, se me permitem dar uma opinião pessoal, por um “fluido vital”, ainda não detectado pela Ciência o qual promanando do perispírito ou “corpo espiritual” expande-se a todas as células do organismo, nas quais preside ao dinamismo intracelular.

Por conseguinte, não há estranhar que, desequilibrada, a saúde deve equilibrar-se novamente com ajuda de doses infinitesimais de remédios adequados. Pelo contrário, o lógico é que, tal qual procede a Homeopatia, as doses terapêuticas sejam mínimas como mínimas são as doses dos biocatalisadores, os quais, no plano físico-químico, colaboram com o “fluido vital” do perispírito, cuja “aura”, se irradia além da superfície do corpo, e que, durante a vida terrena controla, ocultamente, os fenômenos biológicos e mantém a encarnação do Espírito eterno!

Independentemente desses argumentos, há outro fato decisivo a favor das doses homeopáticas: é que, consoante comprova a experiência clínica, à proporção que se fragmentam as substâncias medicinais, triturando-as, se são sólidas, ou diluindo-as e sacolejando-as, se são líquidas, incrementa-se de tal sorte a energia curativa nelas existentes que até substâncias inertes, como o Licopódio, a Silícea, o Ouro, a Platina etc., se transformam em ativíssimos medicamentos. Portanto, para justificar as doses homeopáticas há duas fortes razões: a hipersensibilidade do organismo doente ao remédio prescrito pela lei de semelhança; e a potência da energia curativa contida nas doses infinitesimais dos remédios homeopáticos!

Aqui está uma prova: há anos, fui chamado, com urgência, para socorrer um paciente septuagenário, conhecido industrial, residente em Icaraí, próximo de minha residência. Minutos antes, imediatamente depois do almoço, ao sair de casa para o trabalho, tombara ao solo, na via pública, como que fulminado, por um *ictus* apoplético.

Dias antes, ele estivera em meu Consultório, para consultar-me sobre pertinaz cefaléia que, cortejada com tonturas e zumbidos nos

ouvidos, o vinha incomodando havia cerca duma quinzena. Durante a anamnese, fiquei ciente de que, a despeito de contar mais de setenta anos, o paciente, além de não fazer nenhuma restrição alimentar, ainda costumava comportar-se com grande imprudência, não poupando esforços físicos, pois, sobre caminhar longas distâncias, não hesitava em tomar o bonde em marcha, como se estivesse dotado de pletórico vigor juvenil! Entretanto, sua pressão arterial era Mx27 X Mn 17 e a artéria radial, dando ao toque a impressão de traquéia de pássaro, acusava seu adiantado estado de arteriosclerose.

Conhecedor desses fatos, muni-me de duas dezenas de medicamentos homeopáticos, com maiores probabilidades de indicação para o caso, e parti incontinentemente. Chegando ao local, encontrei o ancião em pleno coma — face vultuosa, rubicunda, apoplética; respiração estertorosa; pulso cheio, tenso e lento; completa resolução muscular; ausência de reflexos e inconsciência total.

Não havia, pois, tempo a perder e, ali mesmo, na rua, com grande esforço, consegui colocar-lhe à boca duas pastilhas de *Opium* C30, que, dissolvidas na saliva, permaneceram alguns minutos na cavidade oral, sem sinal de deglutição, até que, finalmente, o paciente, com enorme dificuldade, conseguiu engolir a saliva, com a energia curativa.

Todavia, deglutindo ou não, de toda maneira, o apoplético seria beneficiado, porquanto, em se tratando de trigésima dinamização, na qual a quantidade de matéria é representada por uma fração, que tem, como numerador, a unidade e, como denominador, a mesma unidade seguida de sessenta zeros, o que equivale a dizer que não existe mais nem um átomo sequer da substância medicinal; mas, em compensação, contém indubitavelmente, poderosa energia curativa, ainda não detectada, cujas vibrações transmitidas aos capilares da cavidade bucal, em poucos minutos, alcançam o Sistema nervoso e, por intermédio dele, todo o organismo, realizando, assim, curas rápidas e perfeitas.

Mas, certa ou errada, minha teoria não importa. O que importa é que, de toda forma, prescritos de acordo com a lei de semelhança, os remédios homeopáticos, não somente na trigésima dinamização como em dinamizações de muito maior potência, como a milésima ou, mesmo, a décima milésima, realizam curas quase instantâneas, o que prova a presença da misteriosa energia curativa, que é fluido vital, emanação da Mente Divina.

E o fato foi que, decorridos alguns minutos após a ingestão do remédio, o paciente saiu do coma, permanecendo, porém, obnubilado e hemiplégico do lado esquerdo, com paralisia facial direita e comprometimento parcial dos nervos motores da língua, impedindo-lhe a expressão verbal.

Nessa altura, chegou a ambulância da Assistência Municipal e os colegas, gentilmente, puseram à minha disposição o material de urgên-

cia que porventura necessitasse. Contudo, como o paciente era homeopata convicto e sua esposa também, senti-me com autoridade para exigir que o tratamento fosse, exclusivamente, homeopático, sem sangria, purgativo ou punção lombar. De modo que, removido o paciente da rua para sua cama, prescrevi-lhe, após minucioso exame, a seguinte medicação: *Gelsemium* C200 — 2 gotas, num cálice d'água, diariamente, em jejum; *Plumbum met.* C200 — 2 gotas, num cálice d'água, diariamente, à noite, à hora de dormir; *Aconit. nap.* C30, *Apis mel* C30 e *Glonoinum* C30, para tomar, alternadamente, 2 pastilhas de hora em hora.

Com essa medicação, as melhoras foram acentuando-se dia a dia, com tamanha rapidez que, ao fim de uma quinzena, o arrojado ancião estava bom, caminhando perfeitamente, sem distúrbios funcionais, como se nunca houvesse estado em coma e hemiplégico — fato que, na época, conhecido como era o paciente, causou verdadeiro impacto em Niterói, onde, como agora, eu residia.

A Homeopatia cura coma por traumatismo cerebral

Impressionados com argumentos capciosos de adversários sistemáticos, muitos doentes deixam de recorrer, em desespero de causa, ao tratamento homeopático convictos de que, na Homeopatia, tudo é sugestão, nada mais.

Na verdade, tais doentes não podem conceber como doses infinitesimais e, até, imponderáveis, possam curar, inclusive casos malignos. Por isso, continuam a marcar passo na rotina das drogas de ação violenta, intoxicando, gradativamente, o organismo, até que se vejam obrigados a suspender a medicação e buscarem lenitivo em onerosa vilegiatura numa estância balneária.

O interessante é que, para o incruento combate à Homeopatia, estribam-se os opositores no fato de que, de acordo com os dados da Farmacologia Experimental da Medicina oficial, certos medicamentos, para surtirem bom resultado, devem ser prescritos em doses de um grama ou mais, diariamente, enquanto que os homeopatas receitam esses mesmos medicamentos em doses tão mínimas que são imponderáveis!

À primeira vista, o argumento pode parecer lógico. Contudo, não o é, porque não se pode combater a Homeopatia escudado em fatos colhidos, exclusivamente no campo da Medicina alopática. Independentemente uma da outra, Alopacia e Homeopatia, possuem postulados, processos e métodos que lhes são peculiares.

Na verdade, os homeopatas prescrevem os remédios em doses infinitesimais por dois motivos: primeiro — porque a observação clínica demonstrou que, ministrados em harmonia com a lei dos semelhantes, os remédios atuam com excepcional violência. Donde se inferiu que o organismo enfermo é hipersensível aos medicamentos selecionados de conformidade com a lei de cura homeopática e que, para evitar reações incômodas e desnecessárias, era imprescindível diminuir tanto as doses a ponto de torná-las imponderáveis; segundo — que a energia curativa das substâncias medicinais, quando submetidas à farmacotécnica hahnemanniana, adquirem enorme potência.

De modo que, quer pela hipersensibilidade do organismo enfermo, quer pela potência da energia curativa dos remédios homeopáticos, justifica-se plenamente o emprego, na Homeopatia, das doses infinitesimais — as únicas que curam, sem prévia agravação medicamentosa, isto é, sem provocar choque medicamentoso.

Outra diferença essencial é que, orientando-se, exclusivamente, pela lei de cura, o homeopata não se preocupa, do ponto de vista terapêutico, nem com a doença, nem com sua etiologia — norteia-se pela semelhança entre o quadro mórbido, formado pela totalidade dos sintomas do doente, e o quadro patogenésico do remédio. Vale dizer que a Homeopatia não trata de doenças — trata de doentes. É, portanto, uma terapêutica individual, analítica, que multiplica os problemas clínicos para curar mais depressa e com maior perfeição.

De resto, é obvio que, atuando sobre organismos hipersensíveis e empregando doses, que, embora infinitesimais, estão dotadas de potente dinamismo terapêutico, a Homeopatia, contrariamente, à imaginação dos leigos, nem cura lentamente, nem emprega remédios fracos! Nela, o que prevalece não é a quantidade de matéria, é a qualidade da energia curativa!

Ora, desconhecendo os dados teóricos e os fatos clínicos, sobre os quais se alicerça a terapêutica hahnemanniana, o juízo dos adversários, por mais proeminentes que sejam, é, de todo em todo, desprovido de valor científico, porquanto se inspira na paixão sectária — paixão sectária que, não somente no que tange à descoberta de Samuel Hahnemann, como em todos os setores da Ciência, desgraçadamente, sempre provocou acirradas emulações, com acerbos sofrimentos morais para os grandes benfeitores da humanidade!

Haja vista o que aconteceu com Jouffroy, que, em 1776, inventou o barco a vapor. Depois de ter feito navegar um barco no rio Doubs e outro, no Sena, Jouffroy tentou organizar uma empresa para explorar comercialmente o notável invento. Arruinado, porém, com os gastos da descoberta, o inventor tentou obter do governo francês o privilégio da exploração comercial — única maneira de atrair capitais em seu favor. Efêmera ilusão. Consultada pelas autoridades da época, a veneranda Academia de Ciências da França, em lugar de mandar ao menos um representante observar pessoalmente o funcionamento da nova máquina, deixou-se arrastar pelo preconceito de Perrier, que, *a priori*, emitiu parecer tentando ridicularizar o genial inventor, porque, na máquina de sua invenção, “pretendeu conciliar a água com o fogo”!

Idêntica oposição deveria enfrentar aquele, que, perante o mundo, arrebatou ao francês, a glória de passar para a posteridade como o autêntico inventor do barco a vapor — Fulton. Também incompreendido na França, que, mais uma vez perdeu a oportunidade de ser a primeira nação a possuir navegação a vapor, e repudiado, outrossim, na Inglaterra, Fulton teve de arrostar, na América do Norte, sua Pátria, forte oposição dos círculos científicos, até que, finalmente, em 1807, obteve a glória de ver seu barco singrar as águas do rio Hudson!

Para que se veja como o preconceito científico pode induzir ao erro até homens de gênio, recorro o exemplo de Babinet, um dos físicos mais eminentes de sua época. Ao saber que se projetava a ligação telegráfica entre a Europa e a América, por meio de um cabo submarino, o sábio francês apressou-se em vir a público e declarar, peremptoriamente, que o arrojado empreendimento era absolutamente impossível, porque a transmissão das mensagens se chocava com a teoria das correntes elétricas!

Sem embargo, contra o vaticínio dos sábios não tardou que o barco a vapor e o cabo submarino se transformassem em utilíssimas realidades em favor do progresso.

Donde se colhe que, por mais respeitáveis que sejam os opugnadores “teóricos”, nada valem suas opiniões, quando, para desprezarem novas descobertas, invocam teorias estranhas ao domínio dos fatos que combatem. Mas, infelizmente, é o que vem acontecendo, desde sua descoberta, em 1810, com a Homeopatia! Combatida, ao arripio das provas experimentais, de vez que, até ao presente, não se descobriu um aparelho com suficiente sensibilidade para detectar a energia curativa estimulada pela dinamização dos medicamentos homeopáticos, máxime a existente nas altas potências, nas quais não há mais traços de matéria, nem qualquer forma de energia conhecida; combatida, outrossim, pelos que não a quiseram testar na clínica, à cabeceira dos doentes, a Homeopatia, desgraçadamente, permanece até hoje, num nível de progresso muito aquém de seus reais méritos e de suas futuras contribuições à Medicina, em particular, e à Ciência, em geral!

Contudo, como, em benefício de um número incalculável de doentes, urge dar cobro às contumélias de adversários filauciosos ou interesseiros, os quais, à maneira dos demagogos acusados por Platão, “vão zoando frases, em sonoras diatribes, à guisa de vasos de bronze, que, percutidos, continuam a ressoar enquanto não se lhe encosta a mão”, vou relatar mais um caso clínico, no qual as duas mais corriqueiras explicações para as curas homeopáticas — a fé e a auto-sugestão — ficaram liminarmente excluídas como justificação para espetacular vitória da Homeopatia! Ei-lo.

O paciente foi garoto do morro, filho de humilde lavadeira. Sentado sobre elevado paredão, não se soube se empurrado por perverso companheiro ou se vitimado por inopinado desequilíbrio, o fato é que de lá despencou, caindo numa altura de vários metros e sofreu tão violento traumatismo, que, imediatamente, entrou em estado de choque, perdendo a consciência e os movimentos. Desesperada, a pobre mãe levou-o, de carreira, ao Hospital Antônio Pedro, que, naquela época, a despeito da competência e da heróica dedicação do corpo médico, estava, materialmente falando, mal aparelhado para socorros de urgência. De sorte que o menino lá permaneceu, em estado de cho-

que, das 8 às 18 horas, sem qualquer medicação e sem ter sido radiografado, apenas “em observação”, e, por conseguinte, em perigosa expectativa.

À noite, ao regressar do Consultório, encontrei em minha residência, a lavadeira que, em lágrimas, me relatou as ocorrências e suplicou-me que lhe salvasse o filho.

Diante da gravidade da situação e da demorada observação passiva no hospital, tomei a deliberação de aconselhá-la a retirar o filho e levá-lo para casa, onde eu assumiria a responsabilidade do tratamento. Dito e feito. E, quando lá cheguei, o menino continuava em coma. Para abreviar o socorro, pois àquela hora a farmácia homeopática já estava fechada, retirei de minha “caixa de urgência”, três remédios: *Arnica mont.* 5, *Gelsemium semp.* 1X e *Opium* 5 e disse à mãe que lhe desse, alternadamente, dissolvidas numa colherzinha d’água, 2 pastilhas, a princípio de 15 em 15 minutos e, à medida que o paciente fosse melhorando, espaçasse cada vez mais as doses, até dá-las de hora em hora.

O resultado foi espantoso. Com menos de duas horas de medicação, o paciente saiu do coma, voltando-lhe simultaneamente com a consciência, os movimentos e a palavra, permanecendo, porém, cego por mais uma hora. Tudo dizia, portanto, não ter havido fratura da base do crânio, mas como, no dia seguinte, a despeito da espetacular melhora do menino, restava-lhe forte cefalalgia, com um pouco de confusão mental, resolvi mudar a prescrição. Receitei-lhe: *Belladonna* C30, *Gelsemium semp.* C30 e *Glonoinum* C30, na dose de 2 pastilhas de hora em hora, durante seis horas; depois desse prazo, as doses seriam espaçadas de 2 em 2 horas.

Com essa medicação, no mesmo dia o menino se sentiu tão bem que não houve como mantê-lo acamado! E, somente por precaução, mandei continuar com a mesma medicação por mais 48 horas. De modo que, da queda e do coma, à cura perfeita, a duração foi de cerca de 24 horas!

Ora, diante de fatos como este, como pode haver quem continue a afirmar que a Homeopatia cura pela fé ou por auto-sugestão dos doentes?

A Homeopatia cura gangrena

Apesar de todas as provas em contrário, o tratamento homeopático ainda é considerado fraco e demorado pela maioria das criaturas. Demorado é, muitas vezes; não, porém, por deficiência da Homeopatia, mas, exclusivamente por culpa dos próprios doentes, que, para economizarem, deixam de consultar o médico para ouvirem a opinião do farmacêutico!

Na Medicina alopática tão insólita atitude, às vezes, pode dar certo. Mas, na Medicina homeopática, o sucesso é quase impossível. A explicação é fácil. Na Medicina oficial, a medicação é prescrita de acordo com a doença e sua etiologia. De modo que, com prática e inteligência, o farmacêutico, habituado a aviar receituários, pode orientar, com algumas probabilidades de êxito, seu ingênuo consulente. Mas, na verdade, esse expediente é arriscado, acarretando, posteriormente, maiores despesas com o médico e com a farmácia. E, na Homeopatia, a esquivança ao médico só por milagre poderia aproveitar ao enfermo. Por uma razão muito simples: o remédio homeopático é individual e não é indicado — é diagnosticado. De modo que, para acertar o remédio, não basta saber qual a doença, nem qual o microrganismo por ela responsável, porque, micróbio e doença, abstratamente considerados, não dão a representação exata do doente.

De fato, um mesmo microrganismo, consoante o potencial de sua virulência e de conformidade com o estado das defesas naturais do organismo, pode causar doenças totalmente diferentes. Exemplo: o gonococo, tanto pode provocar simples uretrite como grave meningite ou pior septicemia. Logo, a identificação do micróbio, por si só, não define a doença que ele poderá causar. Da mesma sorte, o diagnóstico da doença, sem a presença do doente, não traduz, para o médico homeopata, a totalidade dos sintomas. Dá-lhe, apenas, um bosquejo do quadro nosológico, realçando os sintomas patognomônicos da doença, sem individualização do doente. E isso é pouco para o médico homeopata. É pouco porque, para curar, com rapidez e perfeição, o remédio homeopático deverá ser prescrito comparando-se o seu quadro patogênico com a totalidade dos sintomas apresentados pelo doente, como o exige a lei de semelhança, ponto de apoio da terapêutica hahnemanniana.

Ora, é notório que uma mesma doença se nos apresenta, freqüentemente, com diferente sintomatologia em diferentes pacientes, ressaltados, é óbvio, os sintomas patognomônicos, que a caracte-

rizam. Por conseguinte, a doença, para o médico homeopata, representa um quadro clínico incompleto, no qual os sintomas característicos da doença estão traçados em tinta berrante, mas os sintomas característicos do doente nem esboçados estão.

Entretanto, para a correta aplicação da lei de cura homeopática, é imprescindível que se considerem também os sintomas aberrantes, que se manifestam, em todos os casos, à margem dos sintomas patognomônicos da doença, porque são precisamente eles que caracterizam o doente. Noutros termos: são os sintomas raros e esdrúxulos que, nos diferentes doentes afetados pela mesma doença, assinalam as reações individuais, típicas de cada paciente.

Despidos de significação na clínica alopática, são exatamente esses sintomas esquisitos que assumem enorme importância na clínica homeopática, porquanto indispensáveis à individualização do remédio.

Com efeito, conforme venho repetindo insistentemente, a terapêutica hahnemanniana baseia-se numa lei natural de cura, que foi assim formulada: *similia similibus curentur* — os semelhantes com os semelhantes se curam. Exemplo: para curar a gripe, o homeopata prescreve o remédio que, experimentado, de acordo com o método hahnemanniano, no homem em pleno estado de saúde, provoca um quadro patogenético com a máxima semelhança com o quadro do gripado que se pretende curar.

Aliás, basta atentar na diversidade dos quadros clínicos da gripe para que se deduza quanto é lógico o tratamento homeopático ao cuidar de doentes e não de doenças.

Na verdade, tudo isso são filigranas da clínica homeopática que ao leigo não lhe é dado apreender integralmente, mas que, em todo caso, facilitarão a compreensão de dois fatos de suma relevância: primeiro — que, na Homeopatia, não pode haver específicos, de vez que o tratamento é, sempre, individual; segundo — que, mesmo diagnosticada a doença e identificado o fator morbígeno, o médico homeopata não poderá prescrever corretamente se, pela totalidade dos sintomas, não houver individualizado o doente a fim de diagnosticar o remédio. Donde se infere que os leigos, inclusive os farmacêuticos, têm pouquíssimas probabilidades de acertar, em dado caso, o remédio individual — único que o curará rapidamente. De modo que quem se trata por conta própria ou consultando leigos não pode queixar-se da lentidão da cura homeopática. Digo mais — o remédio homeopático, indicado ao arrepio da lei de cura, não tem o mínimo efeito; é o mesmo que nada tomar!

Os prodígios da Homeopatia só se obtêm quando os remédios são prescritos rigorosamente de acordo com a lei dos semelhantes, mas, para isso, é mister conhecer a fundo a Matéria Médica Homeopática, assunto difícilíssimo, que é apanágio dos médicos.

Donde se colhe que, para valer, o tratamento homeopático terá de ser feito por um profissional. Caso contrário, para dar certo, é preciso que o leigo seja clarividente ou médium receitista — coisas raras, que se prestam a graves mistificações, com risco de vida para o doente.

Mas, seja como for, um fato é certo: prescritos corretamente, os remédios homeopáticos curam com espantosa celeridade até casos gravíssimos e, não raro, evitam a intervenção cirúrgica!

Para que se não duvide, à palavra, junto a prova.

Chamado a domicílio, há cerca de dois lustros, fui atender à rua Marquês do Paraná, em Niterói, o jovem L.S., de 14 anos, o qual, depois de alguns dias de violenta dor localizada no grande artelho do pé esquerdo, estava com o dedo muito edemaciado, enegrecido e recoberto por extensa flictena, cheia de líquido sanioso.

Ao chegar à residência do paciente, sua mãe, muito aflita, informou-me que, na véspera, furara a flictena com alfinete desinfetado, mas ficara com medo de prosseguir na “operação”, porque o líquido, que gotejou, estava extremamente fétido.

De fato, ao examinar o pé do rapaz, pude imediatamente certificar-me da gravidade do caso, evidente no seu histórico: primeiramente o distúrbio angioneurótico; depois a gangrena úmida!

Urgia, pois, a intervenção cirúrgica, quiçá a amputação do pé. Por isso aconselhei à progenitora do paciente que chamasse um cirurgião.

Mas não houve como demovê-la. Desejava tentar o tratamento homeopático e não queria outro médico, porque, em face de curas realizadas no seio da família, estava convicta de que, mais uma vez, eu poderia solucionar clinicamente o grave problema. E mostrou-se tão irredutível que me comoveu. Mesmo assim, ainda apelei para o jovem, alertando-o sobre a gravidade que poderia assumir o caso. Que ele compreendesse minha responsabilidade. Seria melhor a internação e o cirurgião. Nada adiantou. O jovem declarou-me peremptoriamente que confiava em mim e suplicou-me que o tratasse.

Na verdade, uma situação dramática para o homeopata, mormente em se tratando de antigos clientes, que sempre demonstraram confiança e lealdade, até nas mais dramáticas conjunturas!

Entrementes, lembrei-me do caso de M.O.P., abastado capitalista, o qual, com gangrena iniciada no dedo mínimo da mão direita e já prestes a amputar a mão, depois que os médicos assistentes lhe haviam prescrito os mais modernos recursos da Medicina oficial, resolveu apelar, em desespero de causa, para mim. Com a graça de Deus e ao valioso concurso da Homeopatia, pude curá-lo prontamente, evitando, assim, a mutiladora intervenção cirúrgica.

A recordação desse caso animou-me a aceitar o desafio e tentar curar o jovem, que, juntamente com sua mãe, estavam demonstrando ilimitada confiança em minha terapêutica. Por isso, resolvi agir sem

perda de tempo. E, na pequena intervenção cirúrgica que realizei para o escoamento do líquido sanioso, pude observar como os tecidos, necrosados, esfacelavam-se sem dor e sem sangramento! Entretanto, não desanimei porque sei o que posso obter com a Homeopatia, terapêutica tão maravilhosa quanto desconhecida! Depois de haver proibido a intromissão de outros tratamentos, inclusive, é lógico, os recursos caseiros, fiz a seguinte prescrição: *Lachesis trig.* C30 e *Carbo veg.* D1 tomados na dose de duas pastilhas, alternadamente, de hora em hora.

No dia seguinte, o aspeto do dedo e do pé eram outros e, decorridas 48 horas, a ferida necrosada já estava rubra e sangrando. Era a vida que voltava aos tecidos. E, com mais cinco dias de tratamento, ao todo sete dias, a cura era total, com o dedo perfeito!

A Homeopatia cura metrorragia *post-abortum* e adenoma de mama

Numa época em que a especialização é imperativo da cultura médica, causa espécie o arrojo com que os médicos homeopatas invadem domínios que, na Medicina oficial, constituem apanágio de especialistas. Entretanto, essa atitude, aparentemente insólita, é inevitável decorrência da própria técnica da terapêutica hahnemanniana.

De fato, como é notório, o tratamento homeopático orienta-se, em todos os casos, por uma lei de cura, cuja aplicação exige se considere a totalidade dos sintomas de cada doente, sem exclusão dos sintomas, sinais ou síndromes característicos das doenças tratadas, na Medicina alopática, por especialistas.

Embora já houvesse sido proclamada por Hipócrates, cognominado “Pai da Medicina”, a lei dos semelhantes, bússola da terapêutica homeopática, só teve ingresso na prática médica nos primórdios do século passado, com o advento da Homeopatia. Por um motivo muito simples — a aplicação da lei de semelhança exige prévio conhecimento da ação de grande número de medicamentos no organismo humano.

Com efeito, suponhamos que ao médico homeopata se lhe depare um paciente a queixar-se de violenta dor no membro superior direito, com irradiação para os dedos polegar e indicador. Se, no que tange à clínica alopática, é do máximo interesse a apuração da etiologia dessa mononevrite anatomicamente delimitada ao território do nervo radial, sob o ponto de vista da terapêutica homeopática, o que mais importa é conhecer, dentre vários, qual o medicamento capaz de causar, no homem são, uma nevrite com as mesmas características clínicas observadas no doente, única hipótese em que a lei de semelhança poderá ser corretamente empregada, com seleção do *similium*, o melhor remédio para cada caso.

Como se colhe, antes de Hahnemann, o problema fundamental para a aplicação da lei de cura era o descobrimento de um método que favorecesse o exato conhecimento da ação dos medicamentos no organismo humano. Ora, interditos, durante séculos, por invioláveis tabus, os estudos no cadáver, nem por hipótese poder-se-iam conceber experiências no corpo humano. E no que toca aos animais, posto que maior fosse a liberdade dos investigadores, pouco aproveitariam à Homeopatia, não só porque as reações às substâncias medicinais experimentadas não seriam exatamente idênticas às do organismo humano, como principalmente porque os animais não poderiam transmitir ao pesquisador a sintomatologia subjetiva, que, no transcurso da experiência, se lhe manifestasse.

Entretanto, contemplados do ângulo da clínica homeopática, os sintomas subjetivos são de suma importância, não só pelo fato de serem os precursores dos sintomas objetivos, como, sobretudo, porque servem para caracterizar as reações individuais de cada paciente — ponto vital numa terapêutica, como a homeopática, que não trata de doenças, mas somente de doentes!

Coube, pois, a Samuel Hahnemann a glória de haver instituído sem risco de vida, e, até, com posterior proveito para a saúde, o experimento *in homine sano*. E dando o exemplo, o genial fundador da Homeopatia principiou por experimentar, em si próprio, os efeitos de numerosas substâncias teoricamente consideradas medicinais. Os conhecimentos colhidos nessas memoráveis experiências, que, ainda hoje, constituem a coluna mais sólida da terapêutica homeopática, foram publicadas, sucessivamente, em seis volumes, no período compreendido entre 1805 e 1821 e abrangeram um total de sessenta e um medicamentos — a maioria deles experimentados pelo criador da Homeopatia e os restantes por seus discípulos mais fiéis.

Depois disso, em diferentes épocas, vários médicos e alguns leigos idealistas submeteram-se, voluntariamente, ao experimento hahnemanniano, para a conquista de novos medicamentos, em benefício da humanidade sofredora.

Entre nós, o antigo Instituto Homeopático do Brasil, sob a direção de dois denodados pioneiros, Beniot Mure e João Vicente Martins, um francês e português o outro, levou a termo o experimento de trinta e seis substâncias, oriundas, umas, do reino vegetal e outras, do reino animal.

Além desses, outros vultos exponenciais da Homeopatia em nossa Pátria, como os saudosos professores Francisco Dias da Cruz, Licínio Cardoso e José Egídio Rodrigues Galhardo experimentaram, em si próprios, várias substâncias a fim de esclarecer a sintomatologia por elas provocada. Dentre outras, posso destacar as seguintes: *Oryza mucida*, *Cyrtopodium punctatum* e *Amnius liquor*, cujas patogenesias enriquecem, atualmente, a Matéria Médica Homeopática, fato que representa maior liberdade de opção na escolha do *similimum*, e, por conseqüência, facilita a aplicação da lei dos semelhantes. Na verdade, é da minuciosa descrição de todos os sintomas mentais e funcionais acusados pelos auto-experimentadores sob a ação das substâncias postas à prova que resultam as “doenças experimentais” ou patogenesias, com as quais deve ser comparado o quadro clínico do doente, para a seleção do remédio “mais semelhante”, como o impõe a lei de cura homeopática.

Mas é necessário ressaltar que, no experimento *in homine sano*, ficou cabalmente demonstrada a latitude de ação das substâncias medicinais, quando são experimentadas em doses fracionadas, freqüentemente repetidas. Cria-se, assim, a idiossincrasia pela substância em experiên-

cia, de modo que, ao contrário do que ocorre na alergia, cujo quadro sintomático é restrito, manifesta-se amplo quadro patogenético. De modo que a sintomatologia da substância experimentada não fica adstrita ao território da Clínica Médica — invade a órbita de enfermidades, que, na Medicina alopática, constituem privilégio dos especialistas. Fato que, vale, aliás, como insofismável demonstração de que o organismo, quaisquer que sejam as eventualidades, reage, sempre, como um todo psicossomático, ao arrepio das arbitrárias divisões criadas pelas especialidades clínicas.

De resto, no tratamento homeopático, tudo depende da similitude entre o quadro sintomático apresentado pelo doente e o quadro patogenético do medicamento escolhido; porquanto, para que haja correta aplicação da lei de semelhança, doente e remédio devem formar, dois quadros tão semelhantes como se um, fosse o retrato e o outro, o seu negativo. Vale dizer que, colocados um sobre o outro, a sintomatologia de ambos deve coincidir em todos os pormenores!

É exatamente pela preocupação de recolher a totalidade dos sintomas da doença e dos sintomas do doente que o médico homeopata é obrigado a romper as fictícias barreiras das especialidades e, quando vê probabilidades de curar o paciente, comportar-se como autêntico policlinico.

Mas a verdade é que, escorado numa lei natural de cura, o homeopata não se sente constrangido pelo fato de intrometer-se na cidadela dos especialistas, porque, acima de tudo, deve prevalecer o direito do doente curar-se sem sofrimento e sem grandes ônus!

Tudo isso vem a propósito de dois casos, entre muitos e muitos outros, que tive a felicidade de curar, mas que, normalmente, são da alçada de especialistas. O primeiro diz respeito a um aborto incompleto, com subsequente metrorragia; o segundo, refere-se a um tumor da mama. Dois casos para os quais, não fora o valor da Homeopatia, a solução deveria ser encontrada na Cirurgia.

Primeiramente, a metrorragia. Trata-se de M.J.P, 30 anos, amasiada, residente à rua Visconde do Uruguai, Niterói.

Embora, em minha longa carreira profissional, tenha sido solicitado, como homeopata, para remediar, clinicamente, as lamentáveis conseqüências do aborto — tão freqüente nesses dias de frenético erotismo, agravado pela inexistência do divórcio e impedimento de legalização dos “filhos de ninguém” — o caso agora em foco afigura-se-me digno de destaque dada a gravidade que poderia assumir, com a manifestação de um tumor maligno.

Sem entrar em minúcias e confiando no depoimento do casal, sou levado a admitir que a tragédia principiou quando a paciente, ignorando estivesse grávida, foi submetter-se a tratamento anticoncepcional com um ginecologista, premida por situação conjugal ilegítima.

Feita, no entanto, a primeira inoculação intra-uterina, a paciente imediatamente sentiu as conseqüências, iniciando-se as perdas sanguíneas, que, a despeito de não serem abundantes, resistiram aos hemostáticos prescritos pelo especialista. E não somente aos hemostáticos resistiu a metrorragia, como permaneceu indiferente a quatro sucessivas curetagens, duas com especialistas, em clínica privada, e duas em Hospital, todas em Niterói, onde reside a paciente.

Não fora o testemunho de seu companheiro, homem de responsabilidade pela posição que ocupa, o relato da paciente afigurar-se-meia todo em todo fantasioso. Mas não era. E, em verdade, a hemorragia perdurava havia já cerca de sessenta dias, com eliminação de detritos que o exame anatomopatológico revelou serem fragmentos da placenta!

Em face da situação, expliquei claramente ao casal o perigo da proliferação maligna do epitélio das vilosidades coriônicas com a formação de temível corioepitelioma! Por isso, insisti recorressem a distinto colega, meu contemporâneo de Faculdade, e, na época, professor universitário, o qual, como especialista poderia, melhor do que eu, solucionar o problema.

Todavia, apavorado como estava o casal em conseqüência dos insucessos anteriores e dos sofrimentos da paciente, sobretudo no Hospital, onde a derradeira curetagem foi feita a frio, mulher e companheiro apelaram dramaticamente para mim, no sentido de que, ao menos, tentasse a Homeopatia, ficando ambos responsáveis pela prorelação da intervenção cirúrgica.

Sem embargo, impus, uma condição: se, porventura, a hemorragia não cedesse à minha medicação no prazo de sete dias, a paciente se comprometia a procurar o ginecologista por mim indicado.

Aceita a imposição, fiz a seguinte prescrição: *Arnica mont.* C200, para tomar, diariamente, 2 gotas, num cálice d'água, em jejum; *Aconitum nap.* C200 para tomar 2 gotas, diariamente, num cálice d'água, à hora de deitar-se; *Actea rac.* C30, *Kali car.* C30 e *Sabina* C30, para tomar, alternadamente, 2 pastilhas de 2 em 2 horas.

Graças a Deus e à Homeopatia, ao findar o prazo por mim marcado, o casal, radiante de alegria, retornou ao Consultório, levando num frasco o trágico troféu o último fragmento do embrião, que, a julgar pelas dimensões, deveria pesar, aproximadamente, 30 gramas, e que foi expelido exatamente 48 horas após o início do tratamento homeopático! Depois disso, a metrorragia cessou incontinente. Como se vê, a Homeopatia não só provocou a expulsão do fragmento de placenta que, por incrível que pareça, quatro sucessivas curetagens não haviam eliminado completamente, como fez estancar a hemorragia, que também não cedeu à medicação alopatíca!

Agora, o tumor da glândula mamária.

Trata-se duma jovem, J.S., 27 anos, solteira, comerciaria, residente à Avenida Amaral Peixoto, em Niterói, e de cuja família fui médico durante vários anos.

Certo dia, acompanhada por sua progenitora, a moça compareceu, muito apreensiva, ao meu Consultório, para ouvir-me a respeito de um tumor que se lhe apresentara no seio direito.

O histórico era breve. Havia cerca de seis meses, num movimento brusco e descontrolado, a paciente traumatizara a glândula mamária com violenta pancada de encontro à ponta de um móvel da sala de jantar.

A despeito da violência do choque e da dor que, no momento, sentiu, a paciente não deu maior importância ao incidente, até que, algum tempo depois, teve a atenção despertada por estranha intumescência que se lhe apresentara no seio anteriormente contundido — intumescência essa que se lhe tornava mais túrgida e, também, dolorosa, na fase pré-menstrual.

A princípio, por exagerado pudor e, quiçá, por temor de tomar consciência da presença de um tumor maligno, a paciente furtou-se ao exame médico. Mas, como vinha notando gradativa expansão da primitiva intumescência, e, em curto prazo, afigurou-se-lhe identificar a presença de um tumor de consistência dura, compreendeu que era urgente dar cobro à expectativa e ouvir a opinião de um médico.

Apavorada já a família inteira, a jovem resolveu consultar-me, antes de ouvir o cirurgião.

Pelo exame local, constatei, no seio direito, a presença de um tumor duro e arredondado, do tamanho de um ovo de galinha, que me pareceu ser um fibroadenoma da glândula mamária. O caso era cirúrgico. Mas, em face do pânico da paciente à cirurgia e considerando que, em várias oportunidades, eu já havia obtido curas inesperadas em casos idênticos, senti-me seguro para propor à família mais um teste para avaliação da eficiência do tratamento homeopático. Eu daria uma medicação para 30 dias. Se, ao fim desse prazo, não houvesse sensível regressão no tumor, eu não me arriscaria a prolongar a expectativa — a biópsia tornar-se-ia imprescindível e, provavelmente, o problema seria para cirurgia ou para radioterapia.

Aceita a proposta, fiz a seguinte prescrição: *Conium mac.* C200, para tomar, diariamente, 2 gotas, num cálice d'água, em jejum e *Graphites* C200, para tomar, diariamente, 2 gotas num cálice d'água, à hora de dormir.

Ao fim de um mês, a paciente voltou ao Consultório contentíssima, para mostrar-me sua espetacular melhora, com o tumor reduzido, no mínimo, a um quarto do primitivo tamanho!

Diante do sucesso, limitei-me a mandar repetir a receita por mais 30 dias; e findo o novo prazo por mim dado, a paciente, exultante, retornou ao Consultório para mostrar-me que estava, de fato, completamente curada!

Com efeito, decorrido um decênio, quando a vi pela última vez, ainda não havia o mínimo indício de recidiva, estando a moça definitivamente curada, para glória da Homeopatia!

A Homeopatia cura encefalite letárgica

Por desconhecerem o relevantíssimo papel desempenhado pelas doses infinitesimais no campo da Biologia e, particularmente, no setor da fisiologia celular, muitas pessoas ainda duvidam do valor da terapêutica homeopática. Estribadas no fato de que, no tratamento alopático, as doses, para surtirem efeito, devem ser suficientemente fortes e, muitas vezes, subtóxicas, essas pessoas negam *a priori* a eficácia da Homeopatia e, até, não se escusam de ridicularizá-la. Entretanto, como são pessoas leigas, que “não sabem que não sabem”, isto é, que ignoram a própria ignorância, sua opinião não tem o mínimo valor perante a Ciência. Mas o pior é que essa leviandade não é apanágio dos leigos. Infelizmente, para a humanidade sofredora, há também médicos, e bons médicos, que, a despeito de nunca haverem lido nem ao menos o *Órgão da Medicina* de autoria de Samuel Hahnemann obra básica da doutrina homeopática, proclamam por facciosismo, que a Homeopatia não tem valor científico e que as curas se processam, exclusivamente, por sugestão!

Sem embargo, o tirocínio clínico no campo da Homeopatia prova o contrário: a Homeopatia cura com sugestão ou sem sugestão. Exatamente como a Alopatia. Com uma diferença — é que, na Alopatia, toda droga lançada ao mercado é cercada, sistematicamente, de espetacular propaganda, de molde a preparar psicologicamente a multidão para aceitar suas propaladas maravilhosas propriedades terapêuticas; ao passo que, na órbita da Homeopatia, nenhuma propaganda se faz a respeito de qualquer medicamento. Todo remédio é ótimo, desde que seja preparado de acordo com a farmacotécnica e prescrito com obediência à lei de cura. Nenhum remédio é específico para doença nenhuma. Todo tratamento homeopático é, sempre, individual e só o médico sabe receitá-lo, porque somente ele conhece a Matéria Médica — fonte da terapêutica hahnemanniana.

Entretanto, não seria eu quem negasse a influência da sugestão na prática da Medicina, pois o efeito da sugestão sobre o organismo humano é tão poderoso que, não só pode determinar curas admiráveis, como provocar mortes inesperadas! Para poupar a desagradável emoção que deixaria nos leitores, vou inverter a ordem, citando primeiramente casos de morte e, ao depois, casos de cura. Dentre os casos de morte, um há, que ficou célebre, nos anais da Medicina — foi uma morte experimental, por sugestão! Nessa época Charcot e Bernheim, o primeiro em Paris, e o segundo em Nancy, polarizavam as atenções do

mundo científico com suas teorias a respeito do hipnotismo e da sugestão. Os médicos de Montpellier, devidamente autorizados, deliberaram realizar uma experiência capaz de comprovar até que ponto a sugestão poderia influir sobre o organismo. Com prévia autorização da Justiça, um condenado à morte, fora notificado, pelos médicos, que o matariam, sem dor, pela secção das artérias das mãos e dos pés.

Em seguida, deitaram-no sobre um leito, amarraram-lhe os membros superiores e inferiores, tolhendo-lhe todo movimento de defesa, e, finalmente, vendaram-lhe os olhos. Logo após, arranharam-lhe, de leve os pulsos e os tornozelos, causando-lhe a horrorosa sensação de ter sido cortado por afiado bisturi! Depois, sobre as arranhaduras, fizeram escorrer, continuamente, um filete d'água morna, que, caído num balde, dava ao infeliz condenado, pelo ruído provocado, a terrível impressão de que se lhe extravasava, aos borbotões, todo o sangue do organismo, através dos vasos seccionados! Em silêncio, os cientistas foram diminuindo gradativamente, o jato d'água, até gotejar, dando ao condenado pela audição, a pavorosa impressão de que se lhe esvaíam as derradeiras reservas do precioso líquido da vida!

Nessa altura, o desgraçado já manifestava evidentes sinais de choque emocional. Notava-se-lhe o fâcies hipocrático dos agônicos; o pulso, filiforme, quase imperceptível; a vasoconstrição periférica dava-lhe palidez cadavérica e álgido suor viscoso prenunciava colapso iminente... Momentos após, estava morto. Morto, apenas, por sugestão! Idêntica experiência fora, na ocasião, realizada em Copenhague. O resultado foi o mesmíssimo — morte apenas por sugestão!

Agora, o reverso. A ação da sugestão na cura das enfermidades. Aliás, a própria personalidade do médico influi sobremaneira no sucesso do tratamento. Quanto mais afinidade houver entre o médico e o doente, mais fácil será a cura. E se, ao invés de mútua simpatia, houver antipatia do paciente pelo médico ou vice-versa, dificilmente dar-se-á a cura; e quando se dá, é, sempre, morosa. Mas isso não é defeito da Homeopatia — ocorre em todas as formas de tratamento, inclusive nas chamadas “curas milagrosas”, nas quais a confiança no curador é, quase sempre, decisiva. E o motivo é simples. Exceção feita para as curas efetuadas por intermédio de autêntico médium curador, cujos “fluidos” específicos, armazenados no perispírito desde seu nascimento, regeneram, quase instantaneamente, os órgãos afetados, as “curas milagrosas” só ocorrem nos casos de Espiritopatia, seja qual for o quadro clínico com o qual se manifeste. Em se tratando, pois, de doenças provocadas pela imantação com o doente de Espíritos sofredores ou obsessores, atraídos pela afinidade de sentimentos, a confiança no médico ou no curador facilita muitíssimo o trabalho dos Espíritos Protetores para a repulsa do agente espiritual responsável pela Espiritopatia. Ora, afastado, pelos Protetores do médi-

co ou do curador, o Espírito causador da doença, a cura é tão rápida que aparenta ter sido milagrosa. Todavia, independentemente do papel favorável à cura representado pela confiança no curador, seja ele médico ou não, e, sobretudo, pela fé religiosa, a verdade é que, nas “curas milagrosas” como nas curas de quaisquer Espiritopatias, a ação decisiva é exercida pelos Espíritos Protetores, que amparam não só o enfermo, curando-o, como socorrem os Espíritos responsáveis pela doença, doutrinando-os. Praticam, assim, dupla caridade — à vítima, o Espírito encarnado e aos seus algozes, os Espíritos desencarnados, causadores de múltiplos e misteriosos sofrimentos!

Aqui está um exemplo de cura milagrosa, citado por Alberto Seabra, que foi, sem dúvida, um dos mais brilhantes médicos homeopatas brasileiros.

Uma médica francesa, Mézeray, depois de haver tentado, em vão, curar a paralisia de uma paciente riquíssima, teve uma idéia genial. Sabendo-a muito católica, de combinação com os membros da família, mandou construir, no parque do castelo da milionária parálitica, uma miniatura da gruta de Lourdes. Terminada a obra, convidou cerca de cinquenta aldeões para lá entoarem cânticos religiosos e, pondo-a em hipnose, sugeriu à paciente que ela estava em Lourdes, onde ficaria boa. Assim condicionada, a pseudo-parálitica fora carregada até à gruta, onde, ajudada pelos acompanhantes, três vezes consecutivas, banhou-se na fonte artificial. Na oportunidade, proferiu, em transe, um agradecimento à Virgem. Em seguida, colocada novamente na cadeira de rodas, declarou-se completamente curada. Mas, na hora, não andou. Contudo, no dia seguinte, ao receber a visita da médica, depois de lhe haver afirmado que, na véspera, estivera em Lourdes e que voltara totalmente curada, pode, finalmente, caminhar!

Aos que desconhecem o mecanismo das Espiritopatias, isto é, das doenças causadas por atuação espiritual, não poderá deixar de causar perplexidade o fato de haver a parálitica, ao sair da fonte “milagrosa”, declarado que se sentia curada e, no entretanto, só recobrou realmente os movimentos no dia seguinte. Todavia, o fato pode ocorrer sempre que, depois do afastamento compulsório do Espírito causador da Espiritopatia, não houver, no local, uma “corrente de médiuns”, que, com a ajuda de seus “fluidos vitais”, favoreça o trabalho dos Protetores, no sentido de realizarem a limpeza do perispírito da vítima, retirando-lhe os “fluidos mórbidos” como foi, propositadamente, impregnado no decurso da Espiritopatia — “fluidos” que, além de provocarem a sintomatologia clínica, ainda inibem a ação terapêutica dos medicamentos prescritos!

Constatados os efeitos não só negativos e, até, mortais e, também, os efeitos, positivos, curativos, da sugestão, vou mostrar, agora, como a Homeopatia cura, sem a mínima sugestão, somente pelo seu próprio valor intrínseco.

Aliás, é bom lembrar que, diariamente, a Homeopatia salva, no mundo inteiro, doentes em estado desesperador, alguns já em coma, além de inúmeras criancinhas, inclusive recém-nascidas, que se não deixam suggestionar, nem podem ter fé no tratamento homeopático!

Haja vista o caso duma menina de 6 anos, a qual, por duas vezes, teve a felicidade de salvar da morte, em Niterói, quando lá clinicava.

A primeira vez a menina encontrava-se em deplorável estado de miséria orgânica, magérrima e perigosamente intoxicada, com um quadro gravíssimo de diabete. Entretanto, com apenas 20 U.I. de Insulina em injeções diárias, e o uso de dois medicamentos homeopáticos — *Arsenicum alb.* 30 e *Plumbum met.* 30, durante 30 dias, a transformação da pacietezinha foi tão grande que eu próprio me surpreendi, quando ao findar o prazo marcado, a menina voltou ao Consultório gorda, corada e muito bem disposta! E assim permaneceu durante cerca de um ano. Até que, um dia, pouco depois de regressar da Escola, a criança, dizendo-se muito cansada e dominada por sono irresistível foi deitar-se; e, momentos depois, foi acometida por violentas convulsões. A família, apavorada, apelou para o SANDU, cujo médico lhe aplicou a medicação de urgência, deixando-a livre das violentas contraturas musculares e profundamente adormecida. Entretanto, como, no dia seguinte a criança permanecesse em estupor, indiferente aos chamados dos familiares, foi chamado distinto colega alopata, que hesitou entre o diagnóstico de tumor cerebral e encefalite letárgica. De toda forma, considerou o caso gravíssimo e, disso, preveniu à família. Diante do provável diagnóstico e do tético prognóstico, o pai da menina, desesperado, apelou para mim. Encontrei a menina com 40 graus de febre e em coma. Não reagia a nenhuma excitação e, mesmo sacudida, não abria as pálpebras, já paralisadas em ptose. De resto, mesmo sentada, não conseguia deglutir nem água — o líquido, após perigoso engasgo, refluía, parte pela boca, parte pelas narinas. De modo que, desde a véspera, a paciente não se alimentara. Sem embargo, o ventre estava enorme, timpânico, com evidente meteorismo, aliviado, espaçadamente, pela expulsão de gases muito fétidos. Mas o pior era que, agravando o diagnóstico de encefalite, havia a considerar que, embora com a glicemia até então equilibrada, a menina era diabética. Mas, apesar de tudo, não me senti desanimado. Receitei-lhe: *Baptisia tinct.* 1X, *Gelsemium semp.* 1X e *Belladonna* 5, para tomar, alternadamente, duas pastilhas de hora em hora.

Na manhã seguinte, o pai da menina, já esperançoso, participou-me que, durante a noite a doentinha apresentara sensíveis melhoras, com queda da temperatura para 38 graus e, de manhã, mal despertou, reclamou alimento e já pôde degluti-lo sem muita dificuldade! De modo que, decorridas 48 horas de medicação, a paciente já estava apirética, lúcida e sorridente! Em face da brusca mudança do quadro

clínico, substituí a medicação, reduzindo-a a um único remédio — *Gelsemium semp.* 30 — para tomar 2 pastilhas de 2 em 2 horas, durante 5 dias. Receita apenas para consolidar a cura, pois, na realidade, com quarenta e oito horas de tratamento homeopático, a menina já estava salva pela segunda vez!

Fosse ou não uma forma frusta de encefalite letárgica, o que não se pode negar é a presteza com que a Homeopatia debelou grave estado toxi-infeccioso, extinguiu o coma, eliminou os distúrbios oculares e curou a paralisia dos músculos da deglutição e a paresia dos membros e, além disso, restabeleceu prontamente a lucidez mental — tudo isso em cerca de 48 horas, fato que, por si só, comprova a rapidez e a perfeição das curas homeopáticas!

Agora, complementando esta observação, o caso de um menino de 8 anos, filho de modesto funcionário do Arsenal da Marinha, residente em São Gonçalo. O pai, desesperado, procurou-me, em minha residência, naquela época em Icarai, e rogou-me que, excepcionalmente, fosse ver seu filho, que acabava de ser desenganado por uma junta médica. O menino adoecera sem provocar, a princípio, nenhum pânico na família, porquanto se tratava de um caso banal de varicela. Entretanto, após o quinto dia de doença, o quadro clínico mudou de feição, tornando-se dramático!

Com efeito, o paciente amanhecera com quase 40 graus de febre, queixando-se de insuportável cefalalgia e psiquicamente superexcitado. Momentos depois, manifestou-se-lhe a primeira convulsão. Em polvorosa, a família apelou para um médico residente na vizinhança. Mas, como o caso, a despeito da medicação, se agravava de momento a momento, o próprio médico chamado pediu a colaboração de um pediatra. Todavia, diante da extrema gravidade do caso, o pediatra convocou o concurso de um neurologista. E, dessa maneira, uma junta de três médicos — um clínico, um pediatra e um neurologista — assumiu a responsabilidade do caso e empregou, durante dois dias, os mais modernos e poderosos recursos para salvar o menino, já com encefalite letárgica, provocada pelo vírus da varicela, complicação felizmente bastante rara!

Na verdade, três dias após ter acordado com hipertermia e cefalalgia, o pequeno paciente, apesar de haver tomado tantos remédios, estava aparentemente morto — paralítico, não se movia, não falava, não deglutia, perdera a visão e, quiçá, a audição, pois, de modo algum, reagia aos estímulos externos; parecia uma múmia!

Em face da dramática conjuntura, o próprio pediatra, que chefiava a equipe médica, declarou à família que o caso era inteiramente perdido!

Inconformado, o pai do menino, rogou ao pediatra que voltasse no dia seguinte. Mas o médico não atendeu ao apelo, sob alegação de que nada mais havia a tentar!

Diante dessa recusa e torturado com o tétrico prognóstico, o pobre pai não desistiu da luta pela salvação da vida do filho querido. Resolveu recorrer à Homeopatia e veio ao meu encontro, pedindo-me que lhe salvasse o filho. Encontrei o pequeno paciente em coma, ou, melhor em cârus, com completa resolução muscular, absoluta indiferença às excitações do mundo ambiente, completamente inconsciente! Segundo informação da família, o menino, antes de chegar a tal estado, vinha dia a dia ampliando o período de sono, de estupor, permanecendo em profunda letargia. A princípio, perdeu os movimentos dos membros inferiores e manifestava grande dificuldade de falar e de deglutir; depois, apesar da claridade do quarto, reclamava a escuridão ambiente e pedia que acendessem as luzes. Por fim, já não via nada, nem falava, nem deglutia. Também não se movia. Aparentemente, era um cadáver!

Na verdade um caso relativamente raro, de encefalite post-varicelosa. Geralmente esta forma clínica costuma ser mais benigna do que a encefalite epidêmica, mas, no caso em tela, a doença, a despeito de haver aparecido como consequência duma doença banal — a varicela — assumiu caráter gravíssimo, de marcha quase fulminante!

Contudo, convicto do valor da Homeopatia, não perdi a esperança de salvar a criança. Prescrevi-lhe os seguintes remédios: *Gelsemium semp.* 1X, *Belladonna* 5 e *Sulphur* 5, remédios que deveria tomar, alternadamente, na dose de duas pastilhas, a princípio, de meia em meia hora e, à medida que surgissem as melhoras, de hora em hora; *Opium* C200 para tomar 2 gotas ao amanhecer e *Crotalus ter.* C200 para tomar 2 gotas à noite.

Decorridas as primeiras 24 horas de medicação já se lhe evidenciavam acentuadas melhoras: manifestaram-se-lhe os primeiros movimentos, localizados, inicialmente, em alguns grupos de músculos e já reconhecia os familiares, acompanhando-os com o olhar embaciado. A mim mesmo me reconheceu, sorrindo-me significativamente. Mas ainda não conseguia falar e a mudez impressionava fortemente os pais. Também se alimentava com muita dificuldade. A paralisia dos músculos da deglutição obstava-lhe a ingestão dos alimentos sólidos; e mesmo os líquidos refluíam, em grande parte, pelas narinas. Contudo, não houve necessidade de colocar a sonda esofágiana, porque, no dia seguinte, a situação se modificara espantosamente — o menino já podia deglutir com muito maior facilidade e, embora com certa dificuldade, já articulava algumas palavras. Também os movimentos haviam melhorado espetacularmente, não obstante a permanência de evidente hemiparesia direita. Dia a dia, porém, o estado do pacientezinho transformava-se a galope. E, modificado o quadro do doente, modificados foram os medicamentos, que assim ficaram até a cura total e definitiva: *Gelsemium semp.* C200, 2 gotas, num cálice d'água diaria-

mente em jejum; *Graphites* C200, 2 gotas, num cálice d'água diariamente entre o almoço e o jantar e *Plumbum met.* C200, 2 gotas num cálice d'água, diariamente, ao deitar-se. Com as duas prescrições, a primeira válida por cinco dias e a segunda por trinta dias, já ao fim de, apenas, uma quinzena o menino podia ser considerado totalmente curado! E o mais importante foi que, contrariamente ao que sói acontecer na encefalite, máxime dessa gravidade, da terrível doença não resultou a mínima seqüela somática ou psíquica. A prova foi que, submetido, três meses após a doença, às provas mensais do Colégio, obteve o primeiro lugar da turma! E, assim são as curas da Homeopatia — rápidas e definitivas!

A Homeopatia cura terça maligna

Criaturas há que se escandalizam quando alguém lhes relata curas espetaculares realizadas pela Homeopatia. Tão absurda se lhes afigura a ação curativa de doses imponderáveis, como as homeopáticas, que se insurgem contra a falta de senso crítico dos apologistas do método hahnemanniano. E, arvorados em árbitros da Verdade, embora destituídos do mínimo conhecimento teórico ou prático, dogmatizam, *a priori*, que, na Homeopatia, tudo é fruto de sugestão ou de fé!

Todavia, parodiando Galileu, constrangido a desdizer-se, pela prepotência teológica, a respeito da rotação da Terra, os homeopatas, de cabeça erguida, pode-se afirmar: e, contudo, a Homeopatia cura!

E se nem tudo está explicado no delicado dinamismo das doses infinitesimais dos remédios homeopáticos, sirva-nos de consolo que, na ação das drogas alopáticas, vários fatores permanecem incógnitos, apesar das engenhosas teorias com as quais se disfarça o desconhecimento.

Todavia, independentemente das observações efetuadas na clínica homeopática, há muitos fatos que nos induzem à convicção de que, dependendo da sensibilidade do organismo, doses mínimas e, até, infinitesimais, podem produzir efeitos brutais, senão mortais!

Exemplo: Goodman e Gilman, afamados farmacologistas norte-americanos, citam, em *As Bases Farmacológicas da Terapêutica*, o caso de um menino, que, com apenas duas gotas de láudano de Sydenham, apresentou evidentes sintomas de intoxicação pela morfina!

Ora, a dose do conhecido alcalóide contida em duas gotas de láudano é, materialmente, desprezível e equivalente, sem dúvida, à de uma baixa dinamização homeopática.

Muitos outros exemplos eu poderia acrescentar para mostrar como em organismos hipersensíveis, por mínima que seja a dose, a idiosincrasia pode manifestar-se com assustadora sintomatologia.

Sem embargo, prefiro sair do terreno da Farmacologia, de vez que, no campo da Alergia, há mais, e melhor. Além disso, há evidente paralelismo entre o que ocorre, de um lado, entre o alérgico e o alérgico e, do outro, entre o enfermo e o remédio homeopático.

Agora, os fatos.

Filkelstein, por exemplo, afamado catedrático alemão, que tanta influência exerceu, há alguns anos, na Pediatria brasileira, cita, dentre outros, o caso duma criança que morreu após a ingestão de leite de vaca!

De resto, não é somente a ingestão direta do alimento que pode causar perigosas manifestações alérgicas. Há casos, indubitavelmente

demonstrados, dentre outros investigados, por Gyorgy, mundialmente afamado, há casos — insisto — nos quais os distúrbios alérgicos apareceram pela ingestão do leite materno, mas em consequência da alimentação da nutriz!

Aliás, nesta hipótese, basta que a progenitora se prive dos alimentos para os quais o lactante está sensibilizado para que a cura se realize não obstante haver resistido a todos os recursos terapêuticos!

O fato observa-se, outrossim, em relação ao leite heterólogo, provenha ele de vaca, cabra ou égua.

Com efeito, o pacientezinho de Balyeat, por exemplo, só era acometido de eczema da face quando, na alimentação da vaca, entrava uma cota de trigo. Caso contrário, suportava perfeitamente o leite. Contudo, é de ver-se quão mínima deveria ser a quantidade de proteína de trigo existente no leite ingerido pela criança sensibilizada. Mas isto não deve causar admiração, porque o paciente de Urbach, afamado alergista americano, era, sistematicamente, acometido de urticária e concomitantemente de edema da mucosa bucal, sempre que, por negligência, se lhe cortava o pão com a faca que, primeiramente, servira para cortar um ovo!

Mas o cúmulo da hipersensibilidade ao ovo estava com os pacientes de Sulton e de Dekker, pois somente pelo fato de penetrarem num aposento onde houvesse sido quebrado, em absoluto segredo, um ovo, apresentavam imediatamente graves sintomas de choque anafilático! E não se pode duvidar do fato, porque está provado — e provado não por homeopatas, mas por renomados alopatas — que muitos alérgicos são tão sensíveis que sofrem as consequências de certos odores e, até, de imperceptíveis emanações.

De fato, há alérgicos sensíveis à emanação das abelhas ou das mariposas. Entretanto, ninguém jamais sentiu qualquer odor nos referidos insetos!

Ora, em face das mencionadas observações clínicas acumuladas no campo da Alopátia, força é reconhecer que, atualmente, não se justifica a ridicularização das doses homeopáticas. Máxime se o escárnio partir de um médico, porque, com tão insólita atitude, ele não só demonstrará não conhecer os fatos equivalentes aos aqui relatados, como provará desconhecer uma doutrina médica que, a despeito dos progressos da Medicina oficial, continua a converter e a despertar o máximo entusiasmo em colegas, que não hesitaram em arrostar arraigados preconceitos para palmilharem as pegadas do genial fundador da Homeopatia!

Aliás, é fácil compreender por que os remédios homeopáticos, embora prescritos em doses infinitesimais, atuam com tamanha precisão e rapidez.

De fato, a experiência demonstrou que, quando o remédio é prescrito de acordo com a lei de semelhança, o organismo enfermo, à ma-

neira do que ocorre com o alérgico em face do alergênio, reage com evidente hipersensibilidade, de modo que pequeníssimas doses e, até, doses imponderáveis, produzem grandes efeitos, curando com presteza, inclusive casos crônicos. Mas se, com aplicação da lei de semelhança, forem ministradas doses equivalentes às da terapêutica alopática ou, mesmo, doses simplesmente ponderáveis, antes que o remédio cure, provocará violenta reação, verdadeira agravação do estado patológico, seguida, ao fim de poucas horas, da cura definitiva. Foi, exatamente, para evitar o inconveniente da agravação medicamentosa, que Samuel Hahnemann, de diminuição em diminuição, chegou às doses infinitesimais. E, contrariamente ao que seria de esperar, o descobridor da Homeopatia constatou que, à medida que as doses decresciam, crescia o poder curativo dos medicamentos. Desse fato de observação inferiu o descobridor da Homeopatia que, em consequência das operações farmacotécnicas a que são submetidas as substâncias medicinais, a energia curativa, que nelas existe em estado estático, passaria ao estado dinâmico, fato que contribuiria para aumentar de tal modo a ação curativa que até em doses infinitesimais os remédios são eficientes.

Por outro lado, à proporção que as substâncias medicinais são dinamizadas, ganham em energia curativa o que perdem de matéria; e a prova é que os efeitos terapêuticos se tornam cada vez mais eficientes.

Aceita esta premissa, a conclusão é que o dinamismo curativo das altas dinamizações homeopáticas é muito mais forte do que o das baixas dinamizações.

Donde se infere que, na Homeopatia, remédio forte é o que contém pouquíssima ou, mesmo, nenhuma matéria, mas, em compensação, possui energia curativa dotada de forte dinamismo; ao passo que remédio fraco é o que, embora contenha apreciável quantidade de matéria, a ponto de conservar as propriedades organoléticas da substância medicinal nela contida, como ocorre nas tinturas-mães e nas primeiras dinamizações, não possuem senão fraca energia curativa, porquanto dotada de pouco dinamismo.

Além disso, para que se torne mais inteligível o mecanismo de atuação dos remédios homeopáticos, é preciso atentar num fato sobre o qual Bier, afamado pesquisador, convertido à doutrina hahnemanniana, chamou a atenção do mundo científico. É que, em virtude das sucessivas triturações a que são submetidas as substâncias medicinais sólidas, a matéria, nos medicamentos homeopáticos, encontra-se em extremo grau de divisibilidade, fato que, por si só, contribui para aumentar fantasticamente a superfície de contato entre o organismo e o remédio e, conseqüentemente, multiplica sua ação terapêutica.

Com efeito, como o que cura é a energia desprendida, no organismo, pela substância medicinal, quanto mais dividida estiver a matéria,

quanto menores e mais numerosas forem as partículas circulantes no sangue e nos humores, maior será a quota de energia curativa libertada em todo o organismo.

Por outro lado, no que concerne às substâncias solúveis, as sucessivas diluições, com consecutivas sucussões, incrementam muitíssimo, a energia curativa dos medicamentos homeopáticos, conforme comprova secular observação à cabeceira dos doentes.

Mas seja qual for a explicação que se queira dar, um fato é pacífico — as doses infinitesimais dos remédios homeopáticos estão dotadas de poderosa energia curativa. E a prova é que realizam curas verdadeiramente assombrosas.

Aqui está um exemplo.

O paciente, menino de sete anos de idade, adoeceu repentinamente, no interior do Estado do Espírito Santo, onde residem seus pais, apresentando calafrios, febre oscilando entre 40 e 41 graus, violenta cefaléia, dores articulares e musculares generalizadas. Em síntese: um quadro clínico comum a toda infecção grave.

Medicado pelo médico do local, não obteve melhora alguma; pelo contrário, a febre não cedeu aos antitérmicos ministrados e acentuou-se sobremaneira o abatimento físico do doente. Diante disso, a família, levando em consideração a falta de recursos para um diagnóstico preciso, resolveu transportar o menino para Vitória, onde poderia ser cuidado por médicos afamados. E, com efeito, lá os médicos assistentes não tardaram a descobrir a etiologia da doença que, com tanta violência, vinha devastando o organismo jovem do pequeno enfermo — paludismo da pior espécie: terçã maligna!

Nessa espécie de paludismo, o parasita responsável — *Plasmodium falciparum* multiplicando-se com incrível rapidez, invade os glóbulos vermelhos do sangue de todo o corpo, com o agravante da segmentação dos esquizontes processar-se nos capilares das vísceras, algumas de inestimável significação para a vida como o cérebro, o coração, o fígado, o baço, a medula óssea... Como é óbvio, dessa invasão em massa, além da espoliação do organismo, com anemia precoce, há ameaça de uma série de acidentes circulatórios, que podem causar a morte do paciente. De toda maneira, como di-lo o próprio nome, o “acesso pernicioso” é, sempre de prognóstico reservado. Máxime nos casos, como o do paciente em foco, no qual não se notou reação benéfica a nenhum recurso terapêutico empregado. Cientificada, pelos médicos assistentes, da gravidade do caso, a mãe do menino, que, num programa de TV, me vira salvar, por meio de um “passe mediúnico”, o afamado animador J. Silvestre, vítima de inesperado “choque” provocado por uma injeção tomada antes do início do programa, superestimou, em termos de milagre, minha capacidade de curar, e não hesitou: voou, com o doentinho, escaldando de febre, no primeiro avião, ansiosa de

ouvir minha opinião sobre o caso do filho. Recebi-os, admirado, no Consultório, ignorando a gravidade do caso. E, depois de ouvir o relatório do caso e de examinar o documentário dos exames de laboratório realizados, examinei cuidadosamente o paciente, observando-lhe a hipertrofia, quicá a hiperplasia, de órgãos de enorme significação fisiológica, como o coração, de bulhas abafadas, o fígado e o baço, aumentados de volume e sensíveis à palpação. O paciente estava fisicamente abatido e psiquicamente deprimido, assustadicho e medroso e o caso se me afigurou, de fato, muito grave. Todavia, como, pelo exame clínico e minuciosa anamnese, pude chegar à convicção de que possuía, na terapêutica homeopática, recursos para salvar a criança, consultei sua progenitora, se, porventura, ela teria possibilidades de permanecer, ao menos, uma semana, em Niterói, onde eu residia, a fim de que pudesse acompanhar de perto a evolução clínica da infestação com vigilância da terapêutica, que, no método hahnemanniano, deve mudar à medida que o quadro mórbido sofre modificações. Imediatamente a mãe do menino prontificou-se a permanecer na capital fluminense o tempo que eu julgasse necessário, pois estava em casa de uma parenta, que participava de sua dor e desejava colaborar para salvar a criança. Diante dessa resposta, senti-me seguro de que iria curar o menino. Prescrevi, por três dias, a seguinte medicação: *Aconit. nap.* 30 e *Arsenicum alb.* 30, para a criança tomar 2 pastilhas de 2 em 2 horas, alternadamente. Pois bem, por incrível que pareça, na mesma noite, depois de uma crise de suor, a febre, que, antes não cedera a nenhum antitérmico, caiu abaixo de 36 graus, o que deu um susto na mãe. Contudo, o fato não era de assustar, pois a hipotermia foi consequência de longo período e de ininterrupta hipertermia, com alimentação deficitária. Indo imediatamente ao encontro do doentinho dei-lhe dos prováveis remédios de urgência que comigo levei, uma dose de *Carbo veg.* 1X. Minutos após, o efeito estava patente. A criança de pálida e coberta de suores frios que estava, voltara ao normal, equilibrando-se a temperatura axilar em 36,6 graus. Diante de tão rápida recuperação, aconselhei à progenitora do menino que, por garantia, lhe desse, com intervalo de uma hora, mais duas doses do *Carbo veg.*, voltando, em seguida, à medicação anteriormente prescrita. Com isso, o menino passou otimamente a noite, e, no dia seguinte, ainda melhor. E tão bem permaneceu que o deixei durante uma semana com a mesma medicação. Todavia como apresentava sinais de anemia e o estado psíquico já estava normal, substituí o *Aconit. nap.* por *China off.* 30, substituição que lhe deu grande impulso à recuperação. Vale a pena de chamar a atenção do leitor para um fato que se me afigura altamente significativo: o menino, enquanto se tratou pela alopatia, tomou, sem proveito, grandes doses de quinino. Mas, apesar de seu organismo ainda estar saturado dessa droga a mesmíssima substância, a quina

(*China officinalis*) transformada pelo processo da farmacotécnica homeopática, sobrepujando a ação das doses materiais, anteriormente prescrita pelos colegas alopatas, incrementou a formação de glóbulos vermelhos, imunes ao *Plasmodium falciparum*, debelando, destarte, a curto prazo, a anemia, da malária.

Em suma — o estado da criança, em cerca de dez dias de tratamento homeopático era tão bom, que permiti o regresso para Vitória, com a condição de o menino permanecer, por mais um mês, com a mesma medicação. Obedecidas as minhas determinações, os exames posteriores foram sucessivamente negativos e o menino nada mais apresentou da perigosa infestação, que é mortal em grande número de casos!

A Homeopatia cura hidrocefalia

Nenhuma Ciência abarca dentro de suas fronteiras problemas tão complexos quanto a Medicina. Por isso mesmo, comparativamente aos demais ramos de conhecimentos humano, a Medicina progride mais devagar. Contudo é inegável que a arte de curar tem evoluído muitíssimo. Principalmente no último século e, sobretudo, nas derradeiras décadas.

Confronte-se, por exemplo, a horripilante teriaga grega contra a mordedura de cobra, em cuja composição entravam, misturadas em asqueroso eletuário, cerca de quatrocentas drogas, com o moderno soro antiofídico, muito mais simples e de comprovada eficácia. Coteje-se, outrossim, a velha terapêutica das “garrafadas”, autêntica polifarmácia, na qual o álcool, disfarçado em vinho, favorecia o conluio de numerosas drogas incompatíveis, reunidas em macabra conjuração contra as defesas do organismo, com a moderna terapêutica dos hormônios, das vitaminas, dos antibióticos... Comparece-se, também, o tratamento por meio de injeções, de embrocações ou de instilações, com o tratamento homeopático, agradável, barato e eficientíssimo. A diferença é fantástica, não há negar. Sem embargo, ainda há retardatários que valorizam os purgativos, o escalda pé e o suador!

Mas o pior é que ainda existem muitas criaturas, que, sem tê-lo experimentado, repulsam, *a priori*, o mais perfeito método terapêutico até hoje descoberto — a Homeopatia! Repulsam-no apenas porque partem do pressuposto de que, infinitesimais como são, as doses homeopáticas não podem exercer a mínima ação terapêutica.

Entretanto, modernos estudos no campo da Bioquímica e da Biofísica vieram comprovar que o equilíbrio vital, isto é, o equilíbrio das funções celulares é muito mais questão de qualidade do que de quantidade dos elementos em equação. Donde se infere que também a saúde e a doença dependem muito mais da qualidade do que da quantidade de determinados fatores.

De fato, como é sabido, o organismo humano é constituído de trilhões de unidades biológicas denominadas — células. Ora, a despeito do assombroso grau de diferenciação morfológica e de especialização fisiológica das células, o seu elemento primordial é o protoplasma — substância semifluida, semelhante à cola, na qual partículas sólidas se encontram dispersas num meio líquido sem que se dê a mistura perfeita das moléculas dos dois elementos em contato. Às substâncias desse tipo convencionou-se denominar — colóides. Portanto, o

protoplasma celular é um colóide. E como o protoplasma é, para valer-me duma expressão consagrada, a base física da vida, força é concluir-se que os fenômenos vitais são, em grande parte, fenômenos coloidais. Conseqüentemente, o equilíbrio funcional do organismo, a saúde, deve depender precipuamente do dinamismo coloidal intracelular.

Ora, está provado que o equilíbrio das soluções coloidais depende de dois fatores principais: da carga elétrica das partículas sólidas ou micelas e da tensão superficial, força que se acumula nas superfícies de contato dos dois meios, o sólido e o líquido, denominados — fases.

Donde se colhe que tudo que contribua para modificar a carga elétrica das micelas ou para alterar a tensão superficial das fases, determinará, fatalmente, o desequilíbrio da solução coloidal, provocando a aglutinação total ou parcial das micelas, com formação de volumosos grumos, que se precipitarão sob a ação da gravidade.

Com efeito, está experimentalmente comprovado que doses imponderáveis de certas substâncias, denominadas catalisadores, podem destruir o equilíbrio coloidal; e que, em compensação, doses infinitesimais de outras substâncias de equivalente função, podem manter a estabilidade das soluções coloidais.

De fato, com menos de um miligrama de Ferrocianeto de Potássio, consegue-se manter em equilíbrio coloidal um quilograma de Ferrocianeto de Cobre — peso um milhão de vezes maior que o do catalisador que manteve o equilíbrio da solução coloidal! Em compensação, para destruir esse equilíbrio, com floculação das micelas e subsequente precipitação da fase sólida, basta a interferência de indosáveis vestígios de um sal de Alumínio!

Aliás, o fenômeno, que se constata *in vitro*, ocorre, outrossim, *in vivo*, com graves conseqüências, consoante demonstraram Raulin, na França, e Naegelli, na Alemanha.

Com efeito, traços imponderáveis de diversas substâncias, atuando como catalisadores, podem perturbar o equilíbrio coloidal, causando perigosas alterações estruturais celulares, que, nos seres inferiores, podem ser mortais!

De acordo com as investigações de Raulin, diluições de 1/1.000.000, equivalentes à sexta diluição da escala decimal homeopática, de Nitrato de Prata, de Cloreto de Mercúrio, de Cloreto de Ouro etc., podem comprometer a vida dos cogumelos.

Outro fato significativo é que o *Aspergillus niger*, cogumelo que medra profusamente em meios de cultura adequados, morre, rapidamente, se a cultura for transportada para um vaso de prata, apesar de não haver nenhum reagente químico, por mais sensível que seja, que possa caracterizar o mínimo traço do precioso metal no meio de cultura utilizado.

Donde se infere que, para matar o cogumelo, basta a “radiação” da Prata emitida pelo vaso!

Conhecido investigador, Coupin, provou que diluição de 1/700.000.000 — diluição que corresponde, aproximadamente, à nona diluição da escala decimal homeopática — pode afetar seriamente as células vegetais, a ponto de inibir o crescimento das radículas.

De resto, Naegelli demonstrou que certas algas são tão sensíveis ao Nitrato de Prata que morrem, quando submetidas à ação de uma diluição de 1/1.000.000.000.000 do referido sal — diluição que corresponde à décima segunda diluição da escala decimal homeopática!

Ora, se quantidades assim tão mínimas podem exercer profunda influência na economia celular, não é razoável que se negue, *a priori*, o efeito das doses homeopáticas. Máxime quando se atenta no fato de que todas as reações intracelulares são controladas por doses infinitesimais de enzimas ou de biocatalisadores.

Nessas condições, é evidente que a fisiologia e a patologia são, ambas, comandadas por doses infinitesimais. Logo, quer o estado hígido, quer o estado mórbido estão, todos dois, na dependência de doses infinitesimais de enzimas ou de toxinas e de vírus — doses, portanto, equivalentes às homeopáticas.

Portanto, teoricamente estão justificadas as doses homeopáticas. Sobretudo porque a terapêutica hahnemanniana gira em torno de uma lei natural de cura — a lei dos semelhantes — em face da qual o organismo enfermo manifesta hipersensibilidade ao remédio corretamente selecionado, de tal modo que doses imponderáveis produzem efeitos assombrosos.

Aliás, a hipersensibilidade do doente ao remédio homeopático encontra equivalência clínica na hipersensibilidade do alérgico ao alergênio — hipersensibilidade que pode manifestar-se até às mínúsculas doses empregadas nos testes alérgicos!

De fato, com recomendação de precaução na prática do teste cutâneo, conhecido alergista, Schmidt, cita o caso de um paciente tão sensível à pena de galinha, que, inoculado, por injeção intradérmica, com dois centésimos de centímetro cúbico de uma diluição cujo título era de 1/10.000.000.000 — diluição equivalente a da décima dinamização da escala decimal da Homeopatia — sofreu tremendo choque!

Outro alergista, De Besche, lidando com pacientes alérgicos ao cheiro de urina de cavalo, fez a seguinte experiência: extraiu quimicamente a substância odorífera da urina de equinos e, conservando-a em tubo de ensaio hermeticamente fechado, encaminhou-se para uma enfermaria na qual se encontravam diversos pacientes alérgicos ao referido odor. Em lá chegando, destampou, sub-repticiamente, o tubo, deixando exalar o odor. Resultado — imediatamente diversos pacientes foram acometidos de forte crise de asma!

Finalmente uma observação de Urbach, alergista norte-americano de reputação internacional. Trata-se de um alérgico, tão sensível ao cheiro de urina de cachorro, que, certa vez, ao chegar ao jardim de sua residência, onde, momentos antes, sem que ele o soubesse, estivera rapidamente o cão do vizinho, foi surpreendido por violenta crise de asma!

Como se vê, a simples “emanação” da urina fresca ali deixada pelo cachorro, bastou para afetar o alérgico.

Ora, se doses imponderáveis de “odores” e de “emanações” podem atuar com tanta intensidade em organismos hipersensíveis, por que motivo doses infinitesimais de remédios homeopáticos, agindo sobre organismos enfermos hipersensíveis aos medicamentos prescritos pela lei de semelhança, não poderiam efetuar as curas maravilhosas que, de fato, efetuam, por quê ?

A dúvida, prefiro, como sempre, dirimi-la com fatos, ao invés de palavras. Aqui está um exemplo, dentre centenas que pude observar em minha longa carreira profissional. É mais uma prova irretorquível da eficácia das doses homeopáticas, outrora tão ridicularizadas e, ainda hoje, encaradas com ceticismo por muitos médicos, que nem sequer se deram ao trabalho de manusear as obras de Samuel Hahnemann!

Reporto-me ao caso duma menina de 2 anos, hoje já moça, cujos pais, na época, residiam à rua Mariz e Barros, em Icarai.

A menina nascera perfeita e linda como uma boneca de biscuit: e linda permaneceu até completar pouco mais de um ano de idade. Depois, pouco a pouco, dia a dia, foi sofrendo visíveis modificações na conformação craniana e nas proporções da cabeça, que crescia exageradamente, em chocante contraste com o desenvolvimento corporal. As fontanelas, ao invés de desaparecerem, alargaram sua abertura. A fronte, ampliada e abaulada, contrastava com a face mimosa e de delicadas feições. Era a hidrocefalia, que, embora incipiente, já se desenhava, sem sombra de dúvida.

Não houve antecedente mórbido que justificasse a deformação craniana, causada pelo aumento do líquido cefalorraquiano, com compressão dos ventrículos cerebrais. Não houve meningite, nem qualquer outra infecção que pudesse justificar a hidrocefalia. Também ficou afastada, de início, a hipótese de estase circulatória causada por compressão de tumor cerebral. E embora as reações sorológicas, por motivo que desejo omitir, não houvessem sido feitas, admito que a etiologia da hidrocefalia estivesse adstrita à sífilis.

Mas, de toda forma, não houve prejuízo para a paciente, porque, do ponto de vista homeopático, a etiologia do estado mórbido não decide o tratamento. O que importa fundamentalmente, para a correta aplicação da lei de cura, é a totalidade dos sintomas de cada doente, porque o tratamento homeopático é, sempre, individual. De modo

que, aplicada com exatidão, a lei de semelhança, seja qual for a doença, dar-se-á prontamente a cura, a menos que, por sua natureza, a doença seja incurável.

No caso em foco, no qual a menina, de linda que nascera, estava ameaçada de transformar-se em horrenda macróbia por hidrocefalia, a prescrição foi a seguinte: *Apis mel.* C200, para tomar, diariamente, em jejum, duas gotas, num cálice d'água, durante noventa dias. E nada mais foi necessário, porque, ao findar o prazo por mim estipulado — três meses — a menina estava totalmente curada, com regressão do crânio ao volume normal de sua idade e novamente linda, como nascera! E, atualmente, jovem e formosa, não apresenta o mínimo estigma da hidrocefalia que a acometeu nas primícias da vida.

A Homeopatia cura envenenamento pelo arsênico

Os céticos perguntam, muitas vezes, por que motivo a terapêutica homeopática, agradável e barata, como é, não se expandiu, como seria de esperar, nem se impôs definitivamente ao mundo científico, se, de fato, é tão eficiente quanto o propalam seus prosélitos.

A resposta não é difícil.

Várias razões têm concorrido para impedir o progresso científico e a difusão mundial da Homeopatia. Umas, inerentes às dificuldades do próprio método terapêutico hahnemanniano; outras, porque contrariam interesses inconfessáveis dos adversários. Com efeito, contra a expansão da Homeopatia, arregimenta-se, em primeiro lugar, poderosa plutocracia que explora a indústria e o comércio de drogas farmacêuticas e cujos interesses financeiros se chocam frontalmente com a expansão da Homeopatia. Contra a expansão da Homeopatia, ergue-se, outrossim, obstinada resistência da classe médica, constituída, quase toda, por médicos alopatas, que nunca se preocuparam em apurar a verdade a respeito da Homeopatia, submetendo-a como seria justo, à prova clínica à cabeceira dos doentes. Lamentavelmente, repulsamna, *a priori*, porque os postulados filosóficos nos quais se inspira a doutrina de Samuel Hahnemann não se coadunam com o materialismo, que, até ao presente, prevalece na Medicina oficial.

Além disso, não raro, o sucesso espetacular da terapêutica homeopática em casos que desafiaram os recursos da terapêutica alopática fere a vaidade dos profissionais, que, no campo rival, logram renome e fortuna.

De resto, acresce ainda a circunstância de estarem nas mãos dos adversários todos os cargos estratégicos, que controlam as atividades científicas relativas à Medicina. De modo que, embora não possam eliminar a competição profissional dos discípulos de Samuel Hahnemann, os “medalhões” da Medicina oficial, aboletados nas chefias dos cargos públicos, sempre que podem, alijam os homeopatas de todos os setores nos quais poderiam demonstrar, oficialmente, o inestimável valor da Homeopatia!

Independentemente, porém, da pressão feita pela concorrência comercial e profissional, a própria terapêutica homeopática traz no bojo um fator responsável pelo ceticismo de muitas criaturas — é a prescrição de doses infinitesimais.

De fato, se ao aplicar a lei de cura, o médico homeopata pudesse prescrever, sem inconvenientes, doses químicas, nas quais os doentes

sentissem as propriedades organolépticas da substância medicinal, como o odor e o sabor; ou, se os remédios homeopáticos fossem injetados, com dor, ninguém duvidaria de seu valor terapêutico. Mas chupando gostosas pastilhas adocicadas ou ingerindo gotinhas de remédios incolores, inodoros e insípidos, o doente chega a imaginar que a cura se dá por sugestão!

Na verdade, a humanidade já se habituou à agressividade da Medicina oficial, a qual, quando não corta, espeta; e, quando não espeta, nem corta, intoxica com doses fortes, que, para equilibrarem um órgão, desequilibram outros, de sorte que, quase sempre, exigem a cura da cura, numa estância balneária!

Ora, acostumada às doses alopáticas, a massa popular não poderia aceitar, de chofre, as doses homeopáticas, nas quais não existe, aparentemente, nenhum remédio, embora, na realidade, haja poderosa energia curativa. Por conseguinte, nenhuma estranheza poderá haver na desconfiança dos apedeutas no que concerne ao valor terapêutico das doses infinitesimais da Homeopatia. Entretanto, é de causar estranheza a recalcitrância dos doutos no que tange ao valor terapêutico das doses homeopáticas, de vez que numerosas pesquisas modernas confirmam o papel decisivo representado pelas doses infinitesimais nos fenômenos biológicos.

Todavia, mesmo que recentes aquisições científicas não nos permitissem deduzir a significação que as doses homeopáticas podem ter no equilíbrio da saúde, ainda assim não se poderia negar o valor da Homeopatia, tão frequentes e espetaculares são as curas por ela diariamente realizadas!

Mas, por incrível que pareça, ainda há muitas criaturas que, sem jamais a haverem experimentado, votam ingênita ojeriza à Homeopatia só porque imaginam que, imponderáveis como são, as doses homeopáticas não podem possuir qualquer ação curativa.

Em verdade, diante de um fato novo, máxime de uma verdade tão revolucionária quanto o é a Homeopatia, poucas senão pouquíssimas criaturas procedem com isenção de ânimo. Sobretudo se a nova verdade contradiz arraigadas convicções científicas ou contraria interesses egoísticos!

Por isso mesmo, somente os gênios, como Samuel Hahnemann, conseguem sobrepujar as idéias vigentes na época em que viveram, para legarem à posteridade a dádiva de suas descobertas.

Com efeito, por ter vivido antes de Pasteur, Hahnemann não conheceu os micróbios patogênicos; e, por ter precedido a Claude Bernard, o fundador da Homeopatia não conheceu o método experimental aplicável à Medicina.

Em sua época, o que havia em matéria de Terapêutica era fruto espúrio de bárbaro empirismo como a aplicação de sanguessugas e a cauterização com ferro em brasa!

Destituída de base experimental, adstrita à rudimentar observação clínica, a Medicina de outrora transviava-se, a cada passo, impelida pelos devaneios de vaidosos sistematizadores. As mais dispares teorias surgiam, aqui e acolá, insufladas pelo cabotinismo de seus criadores. E algumas houve de lamentáveis conseqüências, como a de Broussais, cuja notoriedade contribuiu para que a sangria fosse consagrada como panacéia universal!

O descabro foi de tal monta que, na assertiva de um de seus críticos, a teoria da plethora como fator preponderante nos estados mórbidos, esposada pelo afamado médico parisiense fez verter, na França, mais sangue do que a própria Revolução Francesa!

Foi contra a barbaridade desse empirismo terapêutico que se insurgiu Samuel Hahnemann. Espírito clarividente e coração boníssimo e, além disso, profundamente religioso, Samuel Hahnemann não podia conceber que, onisciente e onipotente, como se nos revela por sua obra, o Criador do Universo, não houvesse estabelecido uma lei natural de cura, cuja aplicação teria o privilégio de restabelecer, com rapidez e perfeição, a saúde nos doentes.

Partindo dessa premissa e inspirado na tradição hipocrática, Samuel Hahnemann deliberou ensaiar, na clínica, a aplicação da lei dos semelhantes, sintetizada no seguinte aforisma latino: *Similia similibus curentur*. Todavia, como aplicar a lei de semelhança, sem conhecer, previamente, medicamentos cujos efeitos se assemelhassem aos da sintomatologia clínica dos pacientes? Foi diante desse dilema que Hipócrates, perplexo, se deteve. Mas, Hahnemann, mais inspirado, criou novo método experimental — o experimento *in homine sano* — com o qual, mais feliz que o Grande e Poderoso Alexandre, desatou o nó górdio do problema.

De fato, experimentando em si mesmo e noutros voluntários em perfeito estado hígido, o criador da Homeopatia obteve os quadros patogenéticos de numerosos medicamentos, que, aplicados por similitude com os quadros mórbidos dos doentes, efetuam curas verdadeiramente prodigiosas.

Contudo, desde os primeiros ensaios, um fato inesperado surpreendeu o fundador da Homeopatia: aplicada a lei dos semelhantes com as doses usuais dos medicamentos, surgia, sistematicamente, uma agravação da sintomatologia do paciente e só posteriormente a cura definitiva aparecia.

Um exemplo: a sintomatologia da Escarlatina é semelhante ao quadro do envenenamento pela *Belladonna*. Entretanto, ao prescrever, para a referida doença, *Belladonna* numa posologia variável entre vinte e trinta gotas, ao invés de cura ou, pelo menos, de melhora, Hahnemann, perplexo, observou inesperada piora do doente, seguida, ao depois, de cura total, sem período de convalescença.

Dessa observação, colheu Hahnemann que, para evitar a agravação medicamentosa, o emprego da lei de cura exigia a diminuição das doses. Diminuídas as doses, nova surpresa estava reservada ao fundador da Homeopatia: foi que, à proporção que as doses decresciam, aumentava-se-lhe o poder curativo.

Dos fatos expostos, inferiu Samuel Hahnemann: primeiro — que o doente é hipersensível ao remédio prescrito em obediência à lei de cura, razão pela qual reage, com choque medicamentoso, às doses ponderáveis; segundo — que, em consequência dos processos farmacotécnicos a que são submetidas as substâncias medicinais utilizadas na Homeopatia, a energia curativa normalmente nelas existente em estado estático, liberta-se, no organismo, já dotada de extraordinário dinamismo, motivo porque fica ampliada e acelerada a ação terapêutica das referidas substâncias; terceiro — que, em virtude das sucessivas dinamizações e consecutivas potenciações às quais são submetidos os medicamentos homeopáticos, as doses infinitesimais, embora materialmente sejam imponderáveis, possuem energia curativa em elevado grau de potenciação.

Em síntese — o admirável efeito terapêutico das doses homeopáticas deve-se à conjugação de dois fatores: à hipersensibilidade do doente ao remédio prescrito pela lei de cura e ao dinamismo da energia curativa, exaltado pela dinamização e pela potenciação efetivadas pela farmacotécnica hahnemanniana.

Como se vê, o genial fundador da Homeopatia previu, com antecedência de mais de um século, aquilo que somente na atualidade a Física atômica nos tornou inteligível; e pressentiu, com inquestionável prioridade, o relevantíssimo papel representado pelas doses infinitesimais na economia orgânica muito antes que a Bioquímica e a Biofísica nos houvessem demonstrado a ação decisiva de doses imponderáveis de enzimas e de biocatalisadores no controle de todas as reações intracelulares e, por conseguinte, no equilíbrio do estado hígido.

Em conclusão — queiram ou não os adversários, Samuel Hahnemann destaca-se, no cenário da História, como autêntico precursor e grande benfeitor da humanidade. E sua invenção, a Homeopatia, a despeito dos óbices que sempre enfrentou e que, por incrível que pareça, ainda enfrenta, é, como método terapêutico, insuperável, porquanto é o único que está decalcado sobre uma lei de cura, a qual, como toda lei natural, é eterna como a mesma Natureza!

Todavia, com essa afirmação, não quero dizer que a Homeopatia deverá permanecer estacionada no atual nível de progresso. Ao contrário, estou absolutamente convicto de que, quando os conhecimentos da Física nuclear, da Bioquímica, da Biofísica e da Fisiologia celular, juntamente com novos aperfeiçoamentos da tecnologia forem mobilizados no campo da Homeopatia, haverá vertiginoso progresso na Medicina, quer como Ciência, quer como Arte de curar!

Para que se veja que não exagero, basta atentar no fato de que, a despeito de relegada pela Medicina oficial e quase estacionada no ponto em que a deixou seu brilhante criador, a Homeopatia, ainda assim, realiza prodígios como este que vou relatar resumidamente.

O fato ocorreu há mais de vinte e cinco anos, quando eu residia em Icarai e clinicava em Niterói.

Chamado para atender um casal em Pendotiba, tive a desagradável surpresa de encontrá-los com grave envenenamento. Exercendo, desde muitos anos, exclusivamente, a clínica homeopática, minha primeira reação mental, foi transferir a espinhosa missão para o Pronto Socorro Municipal.

Todavia, como se tratava do casal de “caseiros” de afamado proctologista, em consideração ao colega, que, aliás, não conhecia pessoalmente, e dada a absoluta confiança que deposito na terapêutica hahnemanniana, resolvi, ousadamente, assumir a responsabilidade de tratar dos envenenados.

Grosso modo, a sintomatologia era idêntica em ambos, marido e mulher. Muito pálidos, olhos encovados e circundados por nítida orla arroxeadada, lábios e unhas cianosados, corpo coberto de suores frios, sensação de extrema fraqueza, como se lhes fugisse a vida. Desde que tomaram o café com leite da manhã, começaram a sentir-se cada vez pior. Já haviam vomitado e evacuado diversas vezes e, não obstante isso, sentiam, quase incessantemente, náuseas com sensação de lipotímia. Queixavam-se, outrossim, de forte dor abdominal e de queimor no reto. Denotando grande angústia, ambos estavam muito agitados no leito; e, de vez em quando, um deles tentava levantar-se, mas era tolhido na pretensão pela ameaça de desmaio. De resto, havia evidente taquicardia, com pulso filiforme, quase impalpável. E a pressão baixa: no marido 11 X 6; na esposa, 10X6. Entretanto, ambos já haviam ultrapassado a idade de 40 anos. Ambos se queixavam de terrível mal estar, indefinível para eles. Sentiam, também, forte sensação de ardor no estômago. Pela expressão fisionômica, o casal não podia ocultar o pavor de morrer, porque estavam já convictos de que haviam sido envenenados, embora, até então, não m'o houvessem declarado francamente. Mas, em face de minha advertência que, para salvá-los, necessitava de toda a verdade, o marido tomou a palavra e, a custo e com a voz apagada, disse-me que com eles morava um casal de empregados mas que, na véspera, depois de séria altercação, resolvera dispensá-los. No dia seguinte, depois de por à mesa, como de costume, o café da manhã, o casal havia desaparecido furtivamente sem se despedirem. E mal acabaram de tomar o café com leite, ambos principiaram a sentir-se cada vez pior até ficarem no estado em que os encontrei duas horas mais tarde. Diante do óbvio não lhes pude ocultar que, em minha opinião eles estavam envenenados com Arsênico,

mas que tinha convicção de poder salvá-los, se tomassem corretamente o remédio que lhes prescreveria. Receitei-lhes *Arsenicum album* 30, para tomarem 2 gotas, num cálice d'água de hora em hora, durante 48 horas. Entretanto, como o remédio só seria encontrado no Rio, para não perder nem mais um minuto, vali-me da caixa de remédios de urgência que sempre levo comigo nas visitas domiciliares. Pinguei, em meio copo d'água, 20 gotas de *Arsenicum album* 30 e expliquei que, da água do copo, tomassem, de meia em meia hora, uma colher das de sopa, até que chegasse o remédio prescrito.

Na verdade, outro homeopata teria optado por outro remédio, provavelmente pelo *Veratrum album*.

Com efeito, na opinião dos homeopatas ortodoxos, ao prescrever *Arsenicum album* no duplo envenenamento pelo Arsênico, eu não teria recorrido à Homeopatia, cuja lei de cura é lei dos semelhantes, enunciada no aforismo — *similia similibus curentur*, ao contrário, no conceito dos ortodoxos, eu teria aplicado a lei dos iguais — *equalia equalibus curentur* — e, conseqüentemente, teria feito Isopatia.

Acontece, porém, que a sutil e poderosa energia curativa existente na trigésima dinamização homeopática, embora não haja sido, por enquanto, detectada pela Ciência, difere muito da energia físico-química existente nas doses materiais, e tóxicas, da referida droga.

De modo que, do meu ponto de vista, com aplicar *Arsenicum album* no envenenamento pelo Arsênico, eu não só empreguei a lei dos semelhantes, ponto fundamental da Homeopatia, como apliquei o remédio mais semelhante ao quadro do envenenamento, o remédio ideal, o *similimum*. E a prova de que minha opinião está bem fundamentada, foi que, além de ter salvo os dois envenenados, evitei que aparecessem, mais tarde, desagradáveis seqüelas, inclusive o ataque ao sistema nervoso, como sói acontecer nas intoxicações arsenicais.

De resto, no que concerne à autenticidade do envenenamento não é lícito duvidar, porquanto, imediatamente depois que saí da residência dos envenenados dirigi-me à Chefatura de Polícia e depois de manifestar minha suspeita, solicitei exame toxicológico do material vomitado. Poucos dias depois, um jornal que deixou de circular mas que, na época, tinha grande prestígio, o *Diário da Noite*, publicou a notícia do caso e informou que o exame toxicológico havia confirmado o envenenamento pelo arsênico e que as autoridades estavam no encalço dos criminosos!

Depois disso — pergunto eu — como duvidar de que, nas doses imponderáveis das altas dinamizações homeopáticas, embora a Ciência atual não encontre traços de matéria, nem vestígios de energia, existe, apesar disso, poderosíssima energia curativa?

A Homeopatia cura herpes-zoster

Existem milhares de criaturas, que, por ignorarem a parte teórica da terapêutica homeopática, costumam julgá-la somente pela ilusória aparência das exíguas doses usualmente prescritas. E julgam-na mal, muito mal, porque desconhecem: primeiro — que os remédios homeopáticos são prescritos de acordo com uma lei natural de cura; segundo — que, em virtude da aplicação da lei de semelhança, o organismo enfermo, à maneira do que ocorre no alérgico face ao alergênio, reage com extraordinária sensibilidade à ação medicamentosa; terceiro — que os medicamentos homeopáticos, em consequência das operações farmacotécnicas a que são submetidos, à medida que perdem matéria, ganham energia curativa, de tal sorte que, quanto mais elevada a dinamização do medicamento, mais poderosa sua ação terapêutica. Noutros termos: a ação curativa é inversamente proporcional à quantidade de matéria e diretamente proporcional à potência da dinamização e da energia curativa existente no medicamento. Mais explicitamente: o remédio homeopático não atua quimicamente — atua fisicamente, modificando a dinâmica intracelular, à guisa dos biocatalisadores.

Ora, a hipersensibilidade ao remédio, por um lado, e, por outro, o elevado teor energético dos medicamentos, explicam logicamente as curas assombrosas freqüentemente obtidas pela Homeopatia. Não há mister, portanto, de atribuir a outros fatores aquilo que o remédio, por si só, pode realizar. De resto, é profundamente injusto o critério de considerar as curas homeopáticas como fruto exclusivo da fé ou da sugestão. Por que, na verdade, a Homeopatia cura com fé ou sem fé, com sugestão ou sem sugestão! O essencial é que os remédios sejam corretamente prescritos. Aliás, fato idêntico acontece na Alopatria. Com uma diferença: é que lá as características organolépticas das drogas ingeridas e, sobretudo, a espetacular propaganda que cerca o lançamento de cada novo medicamento, cria um clima de expectativa altamente sugestivo! De modo que, sugestão por sugestão, tanto há na Homeopatia como na Alopatria, muito mais na Alopatria do que na Homeopatia! E, para mostrar quanto a imaginação pode influir sobre o organismo, esteja ele com saúde ou doente, vou citar um exemplo curioso, extraído de *A Alma e o Subconsciente* de autoria do saudoso Dr. Alberto Seabra, que, sobre ter sido brilhante homeopata, fora, outrossim, primoroso escritor e sábio esoterista. Eis, em rápidas pinceladas, o quadro da tragédia.

À força de tanto ranzinzar com os alunos, o porteiro de certo Internato ficou odiado por todos. Duma feita, porém, a arbitrariedade atingiu o auge, motivando instintiva reação, que explodiu em original e fatídico paroxismo de ira coletiva. Reunidos em conselho, os rapazes deliberaram castigar o verdugo, pespegando-lhe tremendo susto. Para isso, simularam um tribunal de justiça, e, por pilhéria, condenaram o atrabiliário porteiro à morte, por decapitação. Para execução da pena, seqüestraram o “condenado”, que, depois de manietado e amordaçado, fora estendido no solo, totalmente imobilizado. Em seguida, leram-lhe, em voz alta, a terrível sentença do tribunal estudantil, enquanto que, a seu lado, bem à sua vista, um aluno de má carantonha, improvisado em “carrasco”, afiava, pachorentamente, o gume de ameaçador machado.

Lida a pavorosa sentença e terminada a operação de cutelaria, estudantes vendaram os olhos do “condenado” e comunicaram-lhe que teria, apenas, alguns segundos de vida. Pouco depois, com um pano molhado n’água fria, deram-lhe leve golpe na nuca. Foi quanto bastou, para acontecer a tragédia. Quando lhe retiraram as peias e a venda, o porteiro, com o impacto emocional causado pela imaginação de iminente decapitação, estava morto!

Contudo, se a sugestão, em determinados casos, pode provocar distúrbios orgânicos tão violentos a ponto de ocorrer o óbito do sugestionado, por outro lado, em certas situações pode realizar curas verdadeiramente maravilhosas.

Sem embargo, pelo fato de ser o primeiro a reconhecer a influência da sugestão na rotina da vida e, com mais forte razão, nas inter-relações dos pacientes com os médicos, não fico obrigado a aceitar que, grande parte do sucesso da Homeopatia corre por conta da sugestão. Ao contrário, se, em alguns casos, exatamente como acontece na Alopattia, não se pode desprezar o coeficiente de sugestão resultante da confiança depositada na sabedoria do médico, na imensa maioria dos casos, o sucesso do tratamento homeopático independe de sugestão. Basta recordar que a Homeopatia salva diariamente criancinhas nas primícias da vida, inteiramente infensas à sugestão; e, não raro, salva moribundos, em estado de coma, inconscientes, e, portanto, insugestionáveis.

De resto, por mera sugestão, não se curam casos como o que se segue. Há tempos, fui solicitado para visitar uma paciente septuagenária, vítima de recalcitrante dermatose por vírus — herpes-zoster — e de graves disfunções hepáticas, gastrintestinais e vesicais. Havia já cerca de três meses que estava sendo tratada pela Alopattia, sem obter melhoras. Ao contrário, apesar da violenta terapêutica prescrita pelo colega que a vinha assistindo, o seu estado agravou-se de tal sorte que ultimamente nada lhe demorava no estômago. Até água que bebesse,

momentos após vomitava, tamanha a intolerância do aparelho gastrointestinal. Além disso, o herpes estendeu-se por todo flanco direito e grande área do hipocôndrio, castigando-a incessantemente, com violenta dor, com sensação de queimar como fogo! Além disso, agravando-lhe o quadro dos sofrimentos, a paciente fora atacada por rebelde cistite, que lhe causava cruciante dor, irradiando-se-lhe para o reto e que a atormentava quase incessantemente com improficua vontade de urinar, obrigando-a a fazer esforços incompatíveis com seu extremo estado de debilidade, próximo da caquexia!

Na verdade, foi quando o desânimo já havia dominado a família e o caso estava considerado perdido que um membro da família se lembrou da Homeopatia, “por desencargo de consciência”...

Não obstante a gravidade do caso, depois de interrogar e de examinar minuciosamente a anciã, fiquei convencido de que ainda poderia salvá-la; e, de fato, salvei-a, sem tardança, prescrevendo-lhe: *Cantharis ves.* C30 e *Nux vomica* C30, para serem tomados, alternadamente, de hora em hora, na dose de duas pastilhas; *Lycopodium* C200, para ser tomado na dose de duas gotas, num cálice d'água, diariamente, em jejum. Com essa medicação, a paciente ficou totalmente curada em menos de dez dias!

Ora, se, diante de casos como esse, ainda houver alguém que possa atribuir a cura à sugestão, terá de convir, que a sugestão ocasionada pela Homeopatia tem tamanho valor terapêutico que curou, em poucos dias, uma doente que a Alopatria não conseguiu curar em três meses de tratamento maciço!

A Homeopatia cura otite crônica

A repetição é a melhor figura de retórica — já afirmava Cícero, “o mais eloqüente dos oradores romanos”.

Seguindo, pois, as pegadas do célebre tribuno de Catilinárias, venho repetindo constantemente, embora sem eloqüência, mas com muita sinceridade, conceitos relativos à genial descoberta de Samuel Hahnemann e, ao mesmo passo, apresentando fatos clínicos, com esperança de convencer os que, guiados por falso critério, repulsam, *a priori*, a Homeopatia, na suposição de que ela é inoperante!

Como é notório, nesse temerário e faccioso julgamento, o ponto crítico é, quase sempre, a dose infinitesimal e, até, ultra-infinitesimal, em que são prescritos, geralmente, os remédios homeopáticos.

Hipnotizada, como vive atualmente a humanidade, por alucinante propaganda de drogas milagrosas, injetadas na dose de milhões de unidades, é compreensível que as doses homeopáticas, na maioria das vezes, imponderáveis, não despertem grande confiança nos que nunca observaram os efeitos dos remédios homeopáticos.

Na verdade, o homem geralmente só se impressiona com o que lhe fere os sentidos. Por isso mesmo, a massa das drogas alopáticas dá-lhe ilusão de grande segurança e, quiçá, de efeito infalível; ao passo que, a poderosa energia curativa proveniente da dinamização dos medicamentos homeopáticos, imperceptível aos sentidos humanos e, por enquanto, ainda não detectada pela Ciência, deixa-o incrédulo, até que, inesperado fracasso da terapêutica de sua predileção, o obrigue a recorrer à desprezada Homeopatia. Só então, verá quanto fora injusto ao subestimar o valor do mais admirável método terapêutico até hoje concebido, embora o seu verdadeiro valor só será compreendido, em toda plenitude, quando o progresso da tecnologia permitir a descoberta de aparelhos suficientemente sensíveis para detectarem a energia curativa, liberada das substâncias medicinais, mercê da farmacotécnica hahnemanniana.

Entretanto, para que se compreenda a antinomia existente entre os efeitos das doses alopáticas e os das doses homeopáticas, basta atentar no seguinte: os remédios alopáticos, prescritos em doses ponderáveis, atuam quimicamente, sobre a causa da doença; os remédios homeopáticos, ao contrário, prescritos em doses infinitesimais e, até, ultra-infinitesimais, atuam dinamicamente sobre o organismo enfermo, de molde a restabelecer o ritmo vibratório do “fluido vital”, perturbado pelo fator morbígeno.

Nas baixas e médias dinamizações, isto é, da primeira à vigésima quarta dinamização, nas quais ainda há, numas, matéria e, noutras, apenas traços de matéria a energia curativa dos remédios homeopáticos atua, a princípio, sobre os biocatalisadores, por intermédio dos quais normaliza as reações intracelulares desajustadas pelo processo mórbido. Em seguida, depois de novamente dinamizadas, no próprio organismo, mediante a circulação no sangue e nos humores, a energia curativa, com maior frequência vibratória, é captada, no homem, pelo perispírito, e nos demais seres vivos, pelo “duplo etéreo”, verdadeiros mananciais do “fluido vital” que mantém a vida no padrão terreno. Captada pelo perispírito, a energia curativa nele entra em órbita e, absorvida pelo Sistema nervoso é novamente distribuída por todo o organismo, e captada pelas células enfermas, que a ela se tornam hipersensíveis em consequência da atuação da lei de cura homeopática.

Nas altas e, sobretudo nas altíssimas dinamizações, isto é, da vigésima quinta à décima ou, mesmo, à centésima milésima dinamização, a energia curativa, — equivalente a um “fluido vital”, por enquanto ainda não detectado pela Ciência, por falta de aparelhos adequados, mas clinicamente comprovado, pelas curas quase instantâneas que realiza, — é diretamente captada pelo perispírito, no qual entra em órbita até ser absorvida pelo Sistema nervoso e, por meio dele, difundida por todo o organismo, sendo imediatamente captada pelas células doentes, sob a influência da lei de semelhança, a lei de cura da Homeopatia.

Quer se origemem das baixas, quer provenham das altíssimas potências, a energia curativa dos remédios homeopáticos, ao ser captada pelo perispírito, restabelece-lhe o ritmo vibratório compatível com o estado hígido, primeiro passo para a cura rápida e perfeita de todas as células do organismo afetadas pela doença.

Agora, para ressaltar a diferença entre a terapêutica alopática e a terapêutica homeopática, figuremos um exemplo. Suponhamos que se trata duma infecção estafilocócica. O alopata prescreveria antibióticos, em altas doses, até atingir certo nível de saturação, visando a ação bactericida ou, pelo menos bacteriostática, isto é, a morte ou a paralisação dos movimentos do perigoso *coccus*. O homeopata, ao contrário, sem maior preocupação com a espécie de micróbio infectante, receitaria um remédio, que, indicado de conformidade com a lei de semelhança, reforçaria a *vis medicatrix naturae*, isto é, estimularia as defesas naturais do organismo, ajudando-o a libertar-se do micróbio patogênico e, dessa forma, restabeleceria prontamente a saúde.

Como se vê, são mecanismos diferentes com idêntica finalidade — a eliminação do fator patogênico. Um, persegue diretamente os micróbios responsáveis pelo estado mórbido; o outro, reforça as defesas naturais do organismo contra a invasão dos micróbios patogênicos. Duma e doutra maneira poderá dar-se a cura.

Todavia, confrontadas serenamente, as duas terapêuticas, a alopática e a homeopática, a Homeopatia leva a palma, porque, além de ser rápido e agradável, o tratamento homeopático nunca provoca reações perigosas, nem contribui para estimular a imunização dos próprios microrganismos patogênicos, os quais, como todo ser vivo, reagem contra as agressões, tornando-se inócuos os mais eficientes medicamentos, como sói acontecer na Alopatia, inclusive com os antibióticos!

De resto, a colimada esterilização do organismo infectado não passa de formosa quimera. Os próprios autores alopatas reconhecem que, a despeito de intenso tratamento, durante mais de um mês, pela sulfanilamida, por exemplo, *streptococcus hemoliticus* persistem, acintosamente, acantonados nas amígdalas!

Aliás, o conceito de microbismo latente, firmado no segundo quartel do século passado por Verneuil, na França, e, agora, ressuscitado pela moderna Patologia, mais uma vez, vem demonstrar que inúmeros micróbios patogênicos vivem, habitualmente, na intimidade do organismo, num estado particular de inatividade biológica, que não afeta a saúde; salvo se fatores intrínsecos ou extrínsecos romperem o equilíbrio vital, provocando queda da imunidade natural, e, destarte, criando ambiente favorável à exaltação da virulência dos mortíferos hóspedes microscópicos.

Ora, conforme frisou, dentre outros, Hélio Póvoa, no rol dos biotrópenos, isto é, dos fatores que podem favorecer a deflagração de auto-infecções oriundas de focos ocultos na intimidade do organismo, incluem-se várias substâncias químicas usualmente empregadas na clínica alopática.

Donde se infere que as doses alopáticas, além de não garantirem a esterilização do organismo, impotentes que são para eliminar o microbismo latente, ainda podem, em certos casos, ativar focos até então inofensivos, ocasionando, portanto, inesperadas auto-infecções, que, via de regra, não são diagnosticadas, porque geralmente só se pensa nas infecções exógenas, contraídas por contágio.

Não obstante, a significação das infecções endógenas é maior do que se imagina. Com efeito, grande número de infecções origina-se dos próprios focos microbianos escondidos no organismo. E o mais interessante é que, nesse paradoxal microbismo latente, germes banais, destituídos de ação patogênica, podem tornar-se perigosos atacando o organismo; e germes perigosos, patogênicos, ao contrário, podem permanecer inteiramente inofensivos — tudo dependendo do *modus operandi* das reações vitais, ora favoráveis a imunização, ora propícios à infecção!

Com efeito, numerosos fatos experimentais comprovaram que esporos microbianos, inoculados endovenosamente, podem permanecer, durante vários meses, em diferentes órgãos, sem que se manifeste a menor alteração da saúde. Entrementes, se surgirem certas modifi-

cações no dinamismo vital do organismo pode gerar-se ambiente adequado à germinação, acarretando brusca exaltação da virulência microbiana e, conseqüentemente, violenta infecção! Haja vista o que ocorreu na clássica experiência de Pasteur, reproduzida na própria Academia de Medicina, para liquidar o ceticismo do corpo médico da França. A galinha é refratária ao carbúnculo. Inoculados endovenosamente, aos milhões, os esporos do *Bacteridium anthracis* esparramam-se pelo corpo da ave, sem lhe causar o menor dano. Sem embargo, se a galinha for submetida a brusco resfriamento, mediante o mergulho dos pés em água fria, debilita-se a imunidade natural, exalta-se a virulência do *Bacteridium anthracis* e manifesta-se violenta infecção carbunculosa!

Houve quem, aventasse a hipótese de que, no caso em tela, o fator decisivo da refratariedade da galinha era a alta temperatura do corpo da ave, incompatível com a biologia do referido microrganismo. Mas não é exato. A prova é que o pombo, não obstante possuir temperatura idêntica à da galinha, não oferece resistência ao citado bacilo, infectando-se com o carbúnculo.

De resto, como a galinha, a rã também é refratária ao carbúnculo. E que não o é em virtude de sua baixa temperatura prova-o o fato de outro batráquio, o sapo, como a rã poiquilotermo, contrair, sem a mínima dificuldade, o carbúnculo. Logo, não é a temperatura corporal, em si, que favorece ou dificulta a infecção carbunculosa, nem outra qualquer infecção microbiana: — são, ao contrário, os desequilíbrios do dinamismo vital causados pela brusca variação de temperatura que geram um terreno favorável à reprodução dos microrganismos patogênicos. Donde se infere que, na gênese dos estados mórbidos, o desequilíbrio do dinamismo vital ou, como dizia Samuel Hahnemann, o desequilíbrio da “força vital” é, sem dúvida, mais importante do que o próprio micróbio patogênico. E não foi sem razão que Hélio Póvoa, consagrado patologista patricio, afirmara que “o germe sozinho não faz doença”, mas que “o terreno sozinho pode fazê-la”.

Na verdade, engenhosas experiências realizadas, na França, no Sistema Nervoso Vegetativo e, na Rússia, no Sistema Nervoso Central, demonstraram que as modificações locais, provocadas reflexamente, por meio de excitações ou de inibições dos neurônios correspondentes, podem alterar a biologia dos micróbios, de molde a tornar inofensivos germes perigosos e, contrariamente, tornar patogênicos germes normalmente inofensivos!

Reconhecida, na gênese das infecções, a prevalência do organismo sobre o micróbio e atuando os remédios homeopáticos não sobre os germes, mas diretamente sobre o dinamismo vital do organismo, de modo a restabelecer-lhe as defesas naturais, é lógico que a terapêutica homeopática tem uma ação mais consentânea com a Natureza, razão pela qual realiza curas verdadeiramente maravilhosas.

De resto, prescritos, como são, em obediência à uma lei natural de cura, os remédios homeopáticos reequilibram prontamente o dinamismo vital. Por conseguinte, tornam o organismo infenso à pululação dos micróbios patogênicos, obrigando-os a permanecerem em microbismo latente, condição perfeitamente compatível com o estado hígido. Por outro lado, os remédios homeopáticos exaltam o biotropismo dos focos latentes, impedindo, assim, a manifestação de graves enfermidades.

Donde se colhe que a cura homeopática, além de mais suave, é mais perfeita do que a cura alopática.

Aqui está um exemplo, dentre muitos que poderia citar.

Trata-se duma menina de 9 anos, descendente de japoneses, residente em Papuaia. Doente do ouvido, com otite média supurada, desde as primícias da vida, a menina vivia atormentada com constantes exacerbações da infecção, máxime quando se gripava. Além da otalgia, as periódicas exaltações da virulência do micróbio responsável — *Staphylococcus aureus* — provocavam incômodo incremento da supuração, com abundante eliminação de secreção muito fétida — fato que traumatizava a criança, humilhada, muitas vezes, no colégio, por suas colegas.

Submetida a diversos tratamentos com diferentes especialistas, a menina obtinha apenas efêmeras melhoras — e isto à custa de enormes doses de antibióticos. Mas bastava gripar-se para que, novamente, o foco, em microbismo latente, se exacerbasse, com virulência exaltada!

Assim decorreram os fatos até que, ultimamente, o especialista que a assistia acabou por confessar à progenitora da criança que já havia esgotado os recursos da Medicina, admitindo, *ipso facto*, que o caso da menina era incurável!

Inconformada, a mãe da menina, a conselho de pessoas amigas, resolveu apelar para a Homeopatia.

Gripada, a menina estava em fase de exaltação do foco infectuoso, com abundante eliminação de secreção purulenta, ligeiramente esverdeada, muito fétida. Prescrevi-lhe: *Pulsatilla* C30 e *Sulphur* C30, para tomar, alternadamente, 2 pastilhas de 2 em 2 horas — durante 7 dias.

Findo o prazo, a criança retornou ao Consultório praticamente curada. Todos os sintomas haviam desaparecido e a mãe da menina estava exultante, porque, quase sempre, nem os antibióticos conseguiam tanto em tão pouco tempo!

Todavia, em face dos antecedentes do caso, e por precaução, receitei-lhe *Pulsatilla* C200, para tomar 2 gotas, num cálice d'água, uma vez por dia, durante 15 dias!

Com essa medicação a paciente ficou definitivamente curada, de vez que decorridos mais de dois anos e, a despeito de, nesse interregno, a criança ter-se gripado várias vezes, jamais sentiu o menor sintoma no ouvido outrora afetado!

A Homeopatia cura septicemia

Cura de um caso de septicemia por streptococcus hemoliticus

A despeito das provas em contrário, ainda prevalecem, contra a Homeopatia, perniciosos preconceitos, que afugentam numerosos doentes, muitos dos quais poderiam ser salvos por ela.

Mas, infelizmente para a humanidade, no conceito ou, melhor, no preconceito de grande maioria, a dose homeopática é fraquíssima, o tratamento, moroso e o uso dos remédios, incômodo, com repetições a curto prazo, fato que obriga à vigilante atenção, nem sempre compatível com a trepidação da vida moderna. Além disso — imaginam os que opinam de ouvida — a terapêutica hahnemanniana está adstrita a restrito número de distúrbios funcionais, sem maior significação clínica. Tudo errado. Porque, em que pese à opinião dos que alimentam ingênita idiosincrasia pela Homeopatia, a realidade é muito diferente.

Seguindo o método cartesiano, vou dividir as dificuldades, para facilitar a compreensão do problema.

Em primeiro lugar, a dose.

Considerada do ponto de vista material, a dose homeopática, de tão mínima, é desprezível, nas baixas e nas médias dinamizações; e, nas altas e altíssimas dinamizações, nem matéria existe, substituída, que é, durante as operações farmacotécnicas hahnemannianas, por uma forma de energia curativa ainda desconhecida — uma espécie de “fluido vital”, que a Ciência talvez não tarde a detectar.

Contudo, se seguirmos as pegadas do genial criador da Homeopatia, verificaremos que, ao contrário do que aparentam, as doses homeopáticas, posto que dotadas de ínfima quantidade de matéria e até, dependendo do grau de dinamização, completamente desprovidos de matéria, são, apesar disso, detentoras de poderosa energia curativa.

Com efeito, quando, depois de haver observado, em si mesmo, os efeitos patogénéticos de várias substâncias, empiricamente consideradas medicinais, Samuel Hahnemann, remontando a Hipócrates, iniciou a aplicação, como lei de cura, da lei de semelhança, foi surpreendido por um fato inesperado. Preso, ainda, aos conceitos da Medicina oficial, na qual fora abalizado profissional, o criador da Homeopatia, aplicou, a princípio, a lei de semelhança empregando uma posologia equivalente à da Alopatria. O resultado foi que os pacientes, à guisa do que ocorre na idiosincrasia, sofriram, inicialmente, violenta “agravação medicamentosa” com recrudescência do quadro clínico e, em seguida, curavam-se rápida e definitivamente.

Em face desse grave inconveniente, o fundador da Homeopatia viu-se obrigado a diminuir cada vez mais as doses, até que as curas se efetuassem suavemente, sem prévia agravação do quadro mórbido. Maravilhado, Samuel Hahnemann observou que, ao revés do que imaginara, a diminuição das doses, não se limitavam a evitar a “agravação medicamentosa” — fato por si só muito importante — mas apressava surpreendentemente as curas — o que era muito mais importante! Além disso, Samuel Hahnemann observou que quanto mais dinamizados os medicamentos, mais espetaculares eram as curas, que faziam, por mínimas que fossem as doses ministradas!

Ora, observada essa estranha progressão da eficiência dos remédios homeopáticos em sentido inverso à quantidade de substância medicinal à grandeza das doses ministradas, Samuel Hahnemann, como seria de esperar, suspeitou que algo de extraordinário deveria ocorrer com as substâncias medicinais, quando submetidas a um grau de extrema divisão da matéria, fosse por meio de sucessivas e prolongadas triturações, fosse por intermédio de crescentes diluições, seguidas de numerosas succussões. Da suspeição ou, melhor, da intuição à comprovação clínica foi apenas um passo. Dividindo cada vez mais as substâncias medicinais, diminuindo as doses a ponto de torná-las imponderáveis, Hahnemann constatou que, não só a ação dos remédios se tornava muitíssimo mais eficiente, como novas propriedades se lhes manifestavam, de tal sorte que, substâncias tidas e havidas como totalmente inertes do ponto de vista terapêutico, se transmutavam misteriosamente em valiosíssimos medicamentos!

Diante desse fato, estranho e maravilhoso, deduziu o genial reformador da Arte de curar que, em conseqüência das operações farmacotécnicas a que são submetidos os medicamentos homeopáticos, a energia curativa, neles existente, normalmente em estado estático, transforma-se em energia dinâmica a qual libertada, quase instantaneamente, na intimidade do organismo, realiza curas rapidíssimas!

Como se vê, o gênio de Samuel Hahnemann fê-lo pressentir, com mais de um século de antecedência, a libertação da energia atômica!

E se o fundador da Homeopatia houvesse sido neo-espírita, certamente concordaria comigo que a “força vital” — base de sua Patofisiologia — promana, no homem do perispírito e, nos irracionais, de um “duplo etéreo”, irradiando-se, nas duas hipóteses, por intermédio do Sistema nervoso, para todas as células do organismo, a fim de assegurar-lhes a vitalidade e, conseqüentemente, garantir o equilíbrio fisiológico do organismo e manter a saúde.

Além disso, Samuel Hahnemann aceitaria, sem dúvida, a “hipótese de trabalho” por mim admitida, segundo a qual os remédios homeopáticos, consoante o grau de dinamização em que se encontrem, isto é, de acordo com a freqüência vibratória da energia curativa neles con-

tida, podem atuar por dois diferentes mecanismos: nas baixas dinamizações, a energia curativa, em virtude da aplicação da lei de semelhança, é atraída pelas células doentes que se lhes tornam hipersensíveis e, nas quais, ativa os biocatalisadores e, dessa maneira, acelera as reações intracelulares inerentes ao reequilíbrio da saúde.

Nas altas dinamizações, porém, quando já não existe mais nem traços de matéria e a Ciência nega a presença de energia, a energia curativa, comprovada pelas curas quase instantâneas realizadas pelos remédios prescritos, está transformada numa espécie de “fluido vital”, que é captado pelo perispírito, no qual entra em órbita, circulando em torno do corpo, até que, como consequência da aplicação da lei de cura homeopática, é atraído pelas células doentes, nas quais restabelece o ritmo vibratório do “fluido vital” intracelular, perturbado pelo fator patogênico e, com isso, equilibra a saúde.

Em síntese: de acordo com a hipótese por mim aceita, enquanto as baixas dinamizações curam pela ativação dos biocatalisadores intracelulares, as altas dinamizações curam por intermédio do perispírito — manancial do “fluido vital” que, no homem, mantém a encarnação e regula — por enquanto, de modo desconhecido — todos os fenômenos fisiológicos e fisiopatológicos.

Donde se infere que, restabelecido, pela energia curativa do remédio homeopático, o ritmo vibratório do perispírito, automaticamente dar-se-á a cura do doente, porque restabelecido ficará, também, o ritmo vibratório do “fluido vital” em todas as células afetadas pelo fator patogênico, seja ele qual for.

O erro dos que consideram as doses homeopáticas muito fracas provém do fato de não atentarem que o efeito dos remédios homeopáticos não depende de uma ação de massa, isto é, de uma ação química ou físico-química, mas de uma ação física, dinâmica, exercida, nas baixas dinamizações, especificamente sobre os catalisadores biológicos e, nas altas dinamizações, diretamente sobre o perispírito. Num e outro caso, o resultado final será o equilíbrio do ritmo vibratório do “fluido vital” nas células atingidas pelo processo mórbido e, conseqüentemente, o restabelecimento rápido e perfeito da saúde.

Encarados dessa maneira, as doses homeopáticas, longe de serem fracas, são fortíssimas, porque, a despeito de praticamente desprovidas de matéria, estão dotadas de poderosa energia curativa, com capacidade para debelar, com presteza, os mais graves estados mórbidos!

Contestada a propalada fraqueza das doses homeopáticas, mostrei, outrossim, que o tratamento, ao contrário do que muitos imaginam, não é, absolutamente, demorado.

Em primeiro lugar, é preciso deixar bem claro que a generalização desse falso conceito, resultou da leviandade com que os leigos indicam remédios, desconhecendo a Matéria Médica Homeopática, fonte

de toda a terapêutica hahnemanniana. Conforme venho repetindo, a cada passo, o sucesso do tratamento homeopático depende, antes de tudo, da correta aplicação da lei de semelhança, que exige a individualização do remédio. De fato, não se pode prescrever o remédio homeopático tomando como ponto de referência a doença, nem o microrganismo responsável pelo estado mórbido. O remédio, seja qual for a doença e o micróbio, deverá ser selecionado pela totalidade dos sintomas do doente — problema intrincado que é apanágio do médico homeopata. Tentar praticar a Homeopatia como se pratica Alopacia, é pura ilusão: o resultado será totalmente negativo, porque, não havendo obediência à lei de cura, os remédios homeopáticos não atuam, permanecem inertes e inócuos.

Com efeito, para que a ação curativa se manifeste, é condição *sine qua non* que o remédio homeopático seja prescrito rigorosamente de conformidade com a lei de semelhança, hipótese em que o organismo — à maneira do que ocorre com o alérgico em relação ao alergênio — se mostra hipersensível à energia curativa das doses infinitesimais.

Portanto, se em certas camadas sociais ainda se imagina que o efeito dos remédios homeopáticos é muito lento, a culpa cabe, toda inteira, à ousadia dos que, sem serem médicos, se arrogam o direito de receitar, confiados no fato de que o remédio homeopático jamais prejudica, porque não intoxica. Que não intoxica é verdade cristalina. Mas que nunca prejudica é sofisma. Porque, se indicado erradamente, o remédio não atua, é evidente que, em casos graves, com necessidade de urgente tratamento, a protelação da prescrição correta pode até contribuir para a morte do doente, que, iludido, estava imaginando que fazia tratamento homeopático!

Por outro lado, ao contrário daquilo que se conceitua nos meios médicos, nos quais o médico homeopata costuma ser taxado de “policlínico”, a intervenção do homeopata em diversos setores da Medicina, que constituem atualmente especialidades, é impositivo do próprio método hahnemanniano. Com efeito, a bússola que norteia o homeopata no tratamento de cada doente é a lei de cura, sintetizada neste aforismo latino: *similia similibus curentur*. Ora, para empregar, com perfeição, a lei de semelhança, o homeopata recolhe, através da anamnese e do exame clínico, a totalidade dos sintomas de cada paciente, não bastando, como na Alopacia, os sintomas patognomônicos de cada doença. De sorte que, ao reunir a totalidade dos sintomas do doente, o homeopata invade, automaticamente, o território das especialidades médicas e realiza curas que, na Medicina alopatia são apanágio de especialistas. Mas, de toda forma, a Homeopatia não elimina do campo da Medicina a especialização, porquanto, independentemente do setor da cirurgia, há, em todas as especialidades, técnicas que escapam à órbita da Homeopatia e constituem privilégio de especialistas.

Finalmente, contra a Homeopatia, resta, ainda a alegação dos comodistas, que não gostam de tomar remédio de hora em hora.

Entretanto, é preciso convir que os remédios homeopáticos nem sempre são repetidos em tão curto espaço de tempo. Consoante a dinamização prescrita, as doses são repetidas de 24 em 24 horas e, às vezes, com intervalo de vários dias.

De resto, ainda quando as doses devem ser repetidas várias vezes por dia, o tratamento é tão suave e tão eficaz, que compensa o cuidado com o horário da repetição das doses.

Aliás, como aconteceu com a maioria dos homeopatas, eu próprio só me converti à Homeopatia, porque fatos clínicos ocorridos em minha família, me convenceram do inestimável valor da terapêutica hahnemanniana, ainda tão desprezada quanto desconhecida no seio da própria classe médica!

Mas como, para mim, a Verdade sempre valeu mais do que os interesses materiais, não hesitei em sacrificar a clientela laboriosamente conquistada no campo da Medicina alopática, para terçar armas em favor da expansão da Homeopatia. E se, materialmente falando, não lucrei quanto poderia ter lucrado no exercício da clínica alopática, que corre a favor da corrente de pensamentos prevaletentes nos meios científicos, em compensação, até hoje sinto muita alegria com as curas que obtive e que continuo obter, muitas delas em casos considerados perdidos.

Além disso, tive a fortuna de criar meus filhos tratando-os exclusivamente pela Homeopatia, apesar de haverem sofrido doenças muito graves como a difteria, a escarlatina e, até, a septicemia!

Da difteria e da escarlatina não direi palavra porque foram relatadas noutra página desse livrinho. Falarei, apenas, da septicemia.

A vítima foi minha filha. Até aos dez anos de idade, a menina foi raro exemplo do que se pode chamar de saúde perfeita. Mas, como nessa idade, se lhe carearam dois dentes molares, mandei-a ao dentista, acompanhada pela babá que ajudou a criá-la, pois, na ocasião, minha esposa estava acamada, semi-paralítica, com polineurite, caso relatado nesse livrinho.

Tímida e sempre cercada de muito carinho, a menina reagiu, apavorada, ao doloroso tratamento dos canais, como era feito naquela época. O dentista, com injustificável transigência, obturou os dentes antes de terminar o tratamento dos canais. A intenção parece ter sido abreviar o tratamento para poupar a emoção que causava à menina. Mas, tocado na consciência, preveniu à babá de que, no futuro, os dentes poderiam acarretar complicações. Contudo, dessa advertência nem minha esposa nem eu tivemos notícia, porque a babá, na sua ingenuidade, talvez com o propósito de evitar que eu, pessoalmente,

voltasse ao dentista, para exigir-lhe a perfeita execução do trabalho profissional, manteve o mais absoluto silêncio a respeito do aviso do dentista.

Conseqüência: cerca de três meses após a obturação dos dentes, a menina, depois de queixar-se de discreta dor em ambos os dentes obturados, acusou, no dia seguinte, forte dor na articulação coxo-femural direita e não tardou a elevação de temperatura. Diante disso, e já prevenido a tragédia, levei-a imediatamente a outro dentista, professor da Faculdade de odontologia e solicitei-lhe que radiografasse os dentes obturados, de vez que, relacionando a coincidência da artralgia e da hipertermia com a odontalgia, previ iminente manifestação do reumatismo poliarticular infectuoso. Infelizmente, embora tenha sido alertado por mim, o professor, com as radiografias na mão, afirmou-me que as chapas nada acusavam e que a coxalgia deveria ter outra origem. Mas, desgraçadamente, não tinha; tudo proveio dos dentes mal obturados. Ao fim de mais 24 horas, a dolorosa, que, quase sempre “morde” o coração, declarou-se com dramática intensidade, de modo que, ao fim de sete dias, já com diversas articulações atacadas, minha adorada filha apresentava lamentável cardiopatia, com destruição parcial da válvula mitral!

Confirmando minhas suspeitas, no acidentado curso da doença, um fato ficou patente — precedendo ao ataque de cada articulação do reumatismo itinerante, surgia, sistematicamente, odontalgia ora num, ora noutro dente e, às vezes, simultaneamente nos dois dentes obturados e, em seguida, depois de fortes calafrios, a temperatura elevava-se a aproximadamente 39 graus!

Consultados diversos colegas, cheguei à conclusão de que, naquela época, como no meu tempo de alopata, o único paliativo ainda era o clássico Salicilato de Sódio! Diante disso, e estimulado por minha esposa e pela própria doentinha, resolvi assumir a responsabilidade do tratamento de minha querida filha.

Com a prescrição de *Aconit. nap.* 5 — *Gaultheria proc.* 3 — *Rus tox.* 3, tomados, alternadamente, na dose de 2 pastilhas, a princípio de meia em meia hora e, depois, à medida que ia melhorando o estado geral, espaçando mais as doses, pude amenizar a evolução do quadro mórbido, mitigando as terríveis dores a ponto de torná-las suportáveis. Mas, apesar disso, o problema fundamental permanecia sem solução antes do comprometimento de outras articulações, a odontalgia seguida de hipertermia, continuavam a demonstrar-me a relação de causalidade entre os focos conservados nos dentes obturados prematuramente, sem a necessária terminação do tratamento dos canais e a infecção.

Contudo, embora arrostando tremenda responsabilidade, não titubeei e, confiante em minha terapêutica, prossegui na luta com esperança de salvar a vida da filha adorada. E, graças a Deus e à Homeopatia, venci a batalha.

Foi esta a prescrição: *Aconitum nap.* C30, *Lachesis trig.* C30 e *Rus tox.* C30 tomados, alternadamente, de hora em hora, na dose de duas pastilhas.

Além dessa medicação, a amada filha tomou, de duas em duas horas, intercalado entre os remédios homeopáticos, um cálice de “água irradiada”, preparada por Espíritos curadores, por intermédio da mediunidade de sua mãe, minha primeira esposa.

Debelada, em poucos dias, a septicemia, urgia socorrer o coração, que, em curto prazo atingira o tamanho do chamado “coração bovino”!

Além disso, era necessário corrigir pequenas deformações das articulações resultantes da infecção reumática.

Prescrevi, para isso, os seguintes medicamentos: *Gelsemium semp.* C200, duas gotas num cálice d’água, diariamente, em jejum; *Naja trip.* C200, duas gotas, num cálice d’água, diariamente, à hora de dormir; *Guaiacum* C30 e *Sulphur* C30, alternados de duas em duas horas, na dose de duas pastilhas — durante 30 dias.

Com essa medicação, repetida, durante três meses, as articulações ficaram perfeitas, sem a mínima deformação, o coração voltou às dimensões normais e o próprio sopro mitral tornou-se muito mais suave, de modo que a menina podia suportar, sem dispnéia, exercícios violentos e, ao nadar, dava mergulhos prolongados. Era a cura, não só do reumatismo poliarticular infectuoso agudo como da septicemia!

E se, decorridos dois anos, a despeito de ter sido vacinada, a menina não se houvesse contagiado com Alastrim, cujo vírus lhe afetou o plexo solar e agravou a cardiopatia, minha adorada filha certamente não teria desencarnado na encantadora idade de 15 anos, privandome, tão cedo, de sua convivência, embora, para meu consolo, ela ainda venha, quando possível, dialogar como Espírito imortal, com seu velho pai, fortalecendo assim cada vez mais o amor que sempre nos uniu!

Associada ao Neo-espiritismo, a Homeopatia cura braquialgia por Espiritopatia

Como sempre aconteceu, com todas as descobertas verdadeiramente geniais, a Homeopatia, há mais de século e meio, vem lutando para desmentir preconceitos e demonstrar a verdade.

Terapêutica suave e agradável e, além disso barata de espantosa eficiência, não fora a ganância dos potentados beneficiários da indústria farmacêutica aliada à instintiva idiossincrasia dos médicos afeiçoados aos postulados da Medicina oficial, não se compreenderia por que a Homeopatia, até hoje, não conquistou maior progresso científico e mais elevado conceito na opinião pública.

Todavia, independentemente da sistemática oposição de poderosos adversários, força é reconhecer que dificuldades inerentes ao próprio método hahnemanniano contribuem para cercear-lhe a expansão no seio da classe médica. Dentre outros, posso citar dois exemplos, para confirmar minha assertiva. Um deles diz respeito a um general-médico, o qual, depois de reformado, pela constatação da cura de sua esposa e estimulado por mim, resolveu fazer o curso de Homeopatia, no Instituto Hahnemanniano. O outro, é um jovem pediatra que, inconformado com a posologia e com a toxidez de alguns medicamentos glorificados por espetacular propaganda comercial, optou pela Homeopatia e, para cumprir sua finalidade foi freqüentar um dos Cursos promovidos pelo referido Instituto. Ambos, o provector General e o jovem especialista, a despeito de diplomados, confessaram-me que estão sentindo sérias dificuldades para dominarem a terapêutica homeopática, cuja correta aplicação exige, além do diagnóstico da doença, o diagnóstico do doente e o diagnóstico do remédio individual!

Com a ressalva de que, dos três diagnósticos, o menos importante é o da doença, que, do ponto de vista homeopático, só é útil e, até, imprescindível, com vistas à profilaxia, enquanto que os outros dois — o do doente e o do remédio individual são fundamentais para a aplicação da lei de cura, é necessário frisar que a prescrição homeopática é, de fato, muitíssimo mais difícil do que aparenta.

Com efeito, se, por um lado, a sujeição a uma lei de cura que, como toda lei natural, nunca falha e, por isso, dá maior precisão e incomparável garantia ao tratamento, por outro, a individualização do tratamento multiplica os problemas, obrigando o médico homeopata a fazer, para uma mesma doença, tantas prescrições diferentes quantos sejam os quadros clínicos manifestados nos diversos doentes. Mas, para alcançar este objetivo, é indispensável que o médico possua pro-

fundo conhecimento da Matéria Médica Homeopática, constituída pelos quadros patogenéticos ou patogenesias dos medicamentos experimentados no homem são, de acordo com o método instituído pelo fundador da Homeopatia. Em suma: para aplicar corretamente a lei dos semelhantes — a lei de cura da Homeopatia — o médico deverá selecionar, dentre muitos milhares de sintomas registrados na Matéria Médica, o remédio cujo quadro patogenético mais se assemelhe à totalidade do quadro mórbido do doente que deseja curar.

É, sem dúvida, árdua operação mental, diante da qual muitos colegas, habituados à facilidade da prescrição na escola alopática, recuam desanimados. Imagine-se, agora, quantos erros devem cometer os curiosos que, embora desprovidos de cultura médica especializada, se arrojam a indicar remédios homeopáticos! E o pior é que, pela vaidade de aparentar um saber, que não possuem, contribuem para má conceituação sobre o valor da Homeopatia!

Na melhor das hipóteses, esses leigos, quando são criaturas de elevado Q.I., conseguem indicar remédios com remotas analogias, estribados em sintomas patognomônicos, destacados nos livros de propaganda popular, mais prejudiciais do que úteis à causa da Homeopatia.

Ao contrário do que imaginam, esses receitistas fazem alopatia com a Homeopatia, indicando remédios pelo quadro das doenças e não pelo quadro dos doentes. Na verdade, procedem à maneira daquele bisonho esculápio da vetusta escola de Salerno, o qual, no obscurantismo da Idade Média, baseado em remota analogia e em virtude de a urtiga, em contato com a epiderme, provocar forte queimor, aconselhava aos clientes, que sofriam violento ardor à micção, fossem “verter água” sobre as urtigas floridas!...

Mas não há de ser ao modo do ingênuo esculápio salermitano que se logrará provar o inestimável valor da Homeopatia. Ao contrário, é selecionando, para cada doente, o remédio que lhe cubra a totalidade dos sintomas, assim como o “positivo” duma fotografia deve coincidir, nos mínimos pormenores, com o “negativo” que o originou! É muito importante que, para a indicação do remédio, o médico homeopata, na complexidade do quadro mórbido que se lhe apresenta, dê ênfase aos sintomas aberrantes, que, contrastando com os sintomas patognomônicos, característicos da doença, identificam o doente, de vez que traduzem o modo individual pelo qual o organismo reage ao fator morbígeno.

Daí a relevância dos sintomas esdrúxulos na seleção do remédio individual, conforme obriga a terapêutica hahnemanniana.

De idêntica maneira, é imprescindível que, na complexidade dos quadros patogenéticos dos numerosos medicamentos homeopáticos, o médico saiba discernir os “sintomas-chaves”, característicos de cada remédio, porque, dessa forma, tornar-se-lhe-á mais fácil o diagnóstico

do remédio individual, indicado para determinado doente, consoante o exige o tratamento homeopático.

Para mostrar a importância dos “sintomas-chaves”, vou citar, dentre centenas que poderia mencionar, um caso que se me afigura muito significativo, porque, além de mostrar o valor dos referidos sintomas na clínica homeopática, esclarece como, simultaneamente com a doença física, pode coexistir uma doença espiritual, vulgarmente conhecida como “atuação espiritual” e que, desde a década de 60, quando iniciei minhas pesquisas na Sociedade de Estudos e Pesquisas Espirituais (SEPE), denominei — Espiritopatias.

Esse fato que, no presente, pode parecer sesquipedal absurdo, máxime ao médico materialista, no futuro, terá imensa significação nos diversos campos da Medicina. Porque, quer nas Espiritopatias provocados por Espíritos sofredores, que reproduzem quadros de doenças somáticas, quer nas Espiritopatias causadas por Espíritos obsessores, que configuram todos os quadros das doenças mentais, existe temível impregnação do perispírito ou “corpo espiritual”, com a contaminação do Sistema nervoso, máxime do córtex cerebral, com “fluidos” deletérios, que invadem todas as células do organismo, afetando tecidos e órgãos de acordo com a intenção do invisível agressor!

Além disso, Espíritos desse nível, por mim denominados “caçadores de fluidos”, usurpam, em proveito próprio, no organismo do enfermo, a energia curativa dos medicamentos, razão pela qual, quando há, numa doença, como causa eficiente ou adjuvante, uma Espiritopatia, nenhuma medicação surte efeito, a menos que o Espírito responsável pelo quadro mórbido ou por sua agravação, seja previamente afastado por quem tenha força espiritual para tanto!

Aliás, foi o que aconteceu no caso que passo a relatar.

O paciente, alto funcionário de importante organização comercial, com 41 anos de idade, compareceu ao Consultório acometido por violenta nevralgia do membro superior direito. A dor era mais intensa, quase intolerável mesmo, no ombro e no braço, delimitando-se, no antebraço, ao território do nervo cubital.

A despeito dos violentos medicamentos alopáticos que lhe prescreveram, havia mais de sessenta dias que vinha sofrendo dores terríveis, sem o mínimo alívio. Os próprios colegas que o trataram anteriormente não encontraram explicação plausível para a obstinada resistência da braquiálgia aos medicamentos ministrados.

Contudo, dotado de mediunidade, como tive a graça de ser, pude sentir, quando o paciente de mim se aproximou, a desagradável radiação do Espírito profundamente sofredor que o assediava; e, orientado espiritualmente, fiquei ciente de que o referido Espírito desencarnara vitimado por osteossarcoma da epífise do úmero, e continuava a sentir a dor que tanto o martirizou no derradeiro período de vida encarnada.

Entretanto, como o paciente, interpelado por mim, confessou-se agnóstico e, conseqüentemente, não poderia admitir a interferência dos Espíritos nos problemas do plano terreno, inclusive nas doenças, não perdi tempo para explicar-lhe o motivo da paradoxal rebeldia de sua enfermidade aos melhores recursos terapêuticos.

Sem embargo, sem proferir palavra, roguei mentalmente ao meu Mentor e demais Protetores que me assistem na prática da Medicina que levassem o Espírito sofredor desencarnado para um plano de readaptação à vida espiritual correspondente ao seu nível de evolução. Rogativa que foi atendida, porque, ignorando minha súplica em seu favor, o paciente confessou espontaneamente que, por incrível que parecesse, só de entrar em meu Consultório, sentiu alívio na terrível dor que o atormentava, sem que nenhum remédio lhe houvesse dado, até então, o mínimo lenitivo!

Fato corriqueiro em minha clínica, sempre coadjuvada por Mes-tres e Protetores espirituais, não lhe estranhei a declaração, nem me envaideci por um mérito que me não cabia.

Dirimida a causa oculta da Espiritopatia estereotipada sob forma de braquialgia, entrei no terreno da anamnese, que, na Homeopatia, é, sempre, minuciosa. Todavia, não havia muito a esmiuçar: a sintomatologia era paupérrima, fato que, do ponto de vista homeopático, acarreta sérias dificuldades à seleção do remédio individual. Mas, felizmente, para nós ambos, desde que o paciente penetrou no Consultório, mal sentou-se, foi logo cruzando as pernas e principiou a movimentar o pé em rápido e nervoso movimento vibratório.

Essa gesticulação que ao leigo se lhe afiguraria simples cacoete, foi, para mim, providencial sintoma-chave, porque, pelo fato de ser muito raro nos quadros patogénéticos dos medicamentos homeopáticos, limitou o número de remédios dentre os quais deveria ser eleito o mais semelhante, o *similimum*, isto é, o remédio ideal para uma cura rapidíssima.

De fato, foi guiado, à semelhança do fio de Ariadne, por esse sintoma-chave que, penetrei num labirinto mais complicado do que o de Creta — o *dédalo* dos quadros patogénéticos incorporados à Matéria Médica homeopática!

Com efeito, depois de minuciosa análise comparativa com os outros medicamentos que, em suas respectivas patogenesias, apresentam o referido sintoma-chave operação equivalente à que se processa para efetuar o diagnóstico diferencial das doenças — cheguei à conclusão de que, no caso, o *similimum* era — *Zincum metallicum*. Prescrito, pois, na ducentésima dinamização e tomado diariamente na dose de, apenas, duas gotas, o remédio curou, em menos duma semana, uma síndrome, aparentemente banal, mas que, durante dois meses, desafiou todos os tratamentos!

A Homeopatia cura pansinusite crônica

A desobediência às regras que norteiam a prescrição dos remédios homeopáticos tem sido, talvez, o maior obstáculo à propagação da Homeopatia. Com efeito, à margem dos que a combatem, movidos, exclusivamente, por interesses inconfessáveis, encontram-se, outrossim, adversários leais, que tentaram, de fato, o tratamento homeopático, mas que, desgraçadamente, não obtiveram o resultado esperado.

Ora, se formos apurar bem, verificaremos que, na maioria das vezes, o hipotético tratamento homeopático, de homeopático nada teve, porquanto os medicamentos foram indicados por curiosos, que, embora bem intencionados, desconheciam as dificuldades que se devem vencer para que se possa obter, com as doses infinitesimais da Homeopatia, curas rápidas e perfeitas.

É lamentável, pois, que a má indicação do remédio tenha contribuído para arregimentar maior número de adversários quando a correta prescrição poderia ter conquistado novo adepto para o método hahnemanniano.

E se os adeptos sinceros se compenetrassem dessa verdade, evitariam de indicar, levemente, remédios homeopáticos, preferindo indicar, como seria razoável, a consulta ao médico de sua confiança.

Infelizmente, porém, os leigos, em consequência da profunda penetração dos conceitos científicos da escola alopática nas camadas populares, têm grande dificuldade de assimilarem o mecanismo do tratamento homeopático.

Com efeito, quase todas as pessoas que se tratam pela Homeopatia imaginam que os remédios são prescritos de acordo com a doença, como na Alopacia. Mas enganam-se redondamente, porque a terapêutica homeopática é individual — beneficia, pessoalmente, cada doente, e não, coletivamente, um grupo de doentes da mesma doença, como na Medicina oficial. De fato, enquanto o alopata pode dar o mesmo medicamento para uma dúzia de doentes de pneumonia, por exemplo, o homeopata é obrigado a individualizar o remédio para cada pneumônico, de vez que, na Homeopatia, não existem específicos e os remédios devem ser prescritos de acordo com a totalidade de sintomas de cada doente. Conseqüentemente, ao passo que, no exemplo citado, ao alopata lhe bastaria, talvez, um único medicamento, o homeopata, teria de lançar mão de doze medicamentos diferentes, a menos que, entre os pneumônicos, houvessem alguns cujos sintomas fossem exatamente idênticos, o que seria uma raridade, porque, via de regra, não há dois organismos que reajam exatamente da mesma maneira diante de um mesmo fator morbígeno.

Como é fácil compreender, o problema terapêutico se complica muito no método de Hahnemann: o médico trata de cada doente, e não de cada doença. Qualquer que seja a doença que se lhe antepare, o segredo do sucesso depende de saber esmiuçar a sintomatologia clínica, apurando não só os chamados “sintomas patognomônicos”, característicos da doença, como os sintomas individuais, característicos das reações típicas de cada doente. E a razão é simples: qualquer que seja a situação, a bússola que orienta o médico homeopata é a lei de cura — a lei dos semelhantes — cuja aplicação é, sempre, individual e exige o estudo completo, psicossomático, de cada doente.

Ora, sem aplicação da lei dos semelhantes, não há Homeopatia. Entretanto, a maioria das pessoas toma remédios homeopáticos de palpite, ao arrepio da lei de cura, indicados por leigos, que se orientam pelo nome da doença, e não pelos sintomas, característicos do doente. Fazem, portanto, Alopata com a Homeopatia. Não podem, por conseguinte, demonstrar o valor do método hahnemanniano. Ao contrário, embora involuntariamente, contribuem para a desmoralização da Homeopatia, de vez que, tomados erradamente os remédios homeopáticos não têm nenhum efeito, nem bom nem mau!

Na verdade, a Homeopatia exige, sempre, o médico, porque só ele saberá diagnosticar o remédio individual, isto é, o remédio que, de acordo com a lei de semelhança, se ajusta exatamente ao quadro mórbido de cada doente, cobrindo-lhe a totalidade dos sintomas. Não adianta, pois, a interferência dos charlatães; e de nada vale a propaganda dos remédios. Todo remédio homeopático é bom; e nenhum é melhor do que outro, porque o que valoriza o remédio não é a propaganda comercial — é sua indicação pela lei de cura! O remédio ótimo é, em cada caso, o que corresponde à totalidade dos sintomas do doente — é o *similimum*. E não seriam os argumentos de ladinos propagandistas que modificariam a opinião do médico homeopata, quando ele, para curar, está estribado numa lei natural de cura, que não se sujeita aos caprichos da moda, nem se altera com as emoções da publicidade!

De suma importância é, no entanto, a idoneidade da fonte produtora dos remédios, pois o êxito do médico homeopata, muito mais do que o do alopata, depende da honestidade do farmacêutico, em virtude de serem os remédios, quase sempre, incolores, inodoros e insípidos, sendo perceptíveis somente os caracteres organolépticos do veículo: — álcool, nas tinturas; e lactose, nas triturações. O remédio propriamente dito, que, na maioria das vezes, exclusivamente, energia curativa não afeta os sentidos — somente pela rápida cura do doente revela sua presença.

É por isso mesmo que os médicos homeopatas, em defesa de sua própria dignidade profissional, recomendam aos seus clientes as farmácias que lhes granjearam confiança. E não há estranhar tal atitude,

de vez que, em face dum fracasso, o doente, antes de suspeitar da honestidade do farmacêutico, atribuirá à ignorância do médico o motivo do insucesso!

Contudo, quando o médico é competente e o farmacêutico criterioso, o remédio homeopático possui assombrosa eficiência, resolvendo quase todos os casos, exceto, é claro, os incuráveis e os que estão estritamente condicionados à técnica cirúrgica. Mesmo assim, casos há que, depois de mal sucedidos na cirurgia, ainda encontram solução definitiva na Homeopatia.

Dentre outros, posso destacar, para exemplo, o duma cliente, que me procurou em desespero de causa e que, prontamente curada, é, hoje, grande entusiasta da Homeopatia.

Moça ainda, a vida era-lhe constante amargura, em virtude de rebelde pansinusite que, havia nove anos, a martirizava incessantemente. Localizara-se o processo infectuoso no seio maxilar e no seio frontal, ambos do lado direito. Além da secreção nasal muco purulenta e da exalação de odor pútrido, que a humilhava e atormentava impregnando-lhe os alimentos e tornando-os repugnantes, a paciente era, diariamente acometida de violenta hemicrania, quando não de verdadeira nevralgia facial difusa, cuja área abarcava os maxilares, e, irradiando-se para cima, atingia, parcialmente, o frontal, e, totalmente, o parietal direito.

Durante as cefalalgias, as dores eram tão intensas que lhe provocavam autêntica inibição mental, prostrando-a ao leito, até que, à custa de poderosos analgésicos, amainavam durante poucas horas, e só então a paciente podia voltar aos labores caseiros.

O pior, porém, era o estado de depressão moral da enferma, já desanimada e sem esperança de cura, porque, havendo recorrido, desde o início da moléstia, a numerosos tratamentos, não obtivera senão efêmeras melhoras, seguidas de decepcionantes recrudescências. Banhos de luz, sulfas e antibióticos, não resolveram o problema. Nem tampouco as punções, que, por três diferentes ocasiões, lhe praticaram.

De resto, como a pansinusite foi considerada, pelo especialista, de origem odontológica, a cura da infecção ficou condicionada, desde o princípio, à extração dos focos dentários. Extraídos, no entanto, os dentes suspeitos, nem por isso melhorou a situação. Pensou-se, então, numa possível alergisação, sendo a doente submetida à vários testes, que redundaram em numerosas restrições alimentares. Apesar disso, efêmeras e duvidosas foram as melhoras obtidas. Resultado: desencantada da Medicina, estava já a doente a pique de abandonar todo tratamento, quando uma amiga a recriminou por tão insólita atitude insistindo que ela fosse tentar, na Homeopatia, a cura em vão procurada na Alopátia. E não a tentou de balde, de vez que, com a graça de Deus, pude curá-la com uma única receita. Prescrevi-lhe os seguintes remédios: *Gelsemium semp.* 1X, *Hepar sulphur* 3X e *Hydrastis can.* 3X, para serem tomados, alternadamente, de hora em hora, na dose de duas pastilhas.

Com esta prescrição, ao fim de 7 dias, a paciente estava totalmente curada. Manda, porém, a verdade que se diga ter havido, no caso, por minha intercessão espiritual, a intervenção dos Protetores que sempre me assistiram no exercício da Medicina.

Com efeito, médium destituído de orientação doutrinal, a paciente era vítima, de longa data, de forte atuação espiritual por parte de um parente que morreu de septicemia, originada de um foco dentário, complicado com pansinusite.

Ora, conforme aconteceu com o parente da paciente, os Espíritos que desencarnam sem aspirações à vida no “outro mundo”, permanecem, sistematicamente, apegados, por força de seus desejos, à vida terrena. Todavia, para que possam manter-se lúcidos e com as sensações inerentes ao corpo carnal, carecem de unir-se, à maneira de parasita, a alguma pessoa, médium ou não, com a qual tenha afinidade de sentimentos, a fim de que possa captar-lhe, constantemente, a imprescindível quota de “fluido vital”! Com isso, voluntária ou involuntariamente, causam, em suas vítimas, sérios prejuízos. Em primeiro lugar, pela incessante perda de “fluido vital”, provocam a queda da imunidade e, dessa maneira, seus “fornecedores de fluido”, ficam sujeitos a quaisquer doenças de origem microbiana; em segundo lugar, como eles próprios, por falta de merecimento perante à Justiça Divina, conservam no “corpo espiritual” ou perispírito as radiações mórbidas correspondentes à doença que os matou, podem, não só transmitir as sensações que continuam a atormentá-los, como, até, contaminarem suas vítimas com doença contagiosa, que porventura tenha ocasionado o óbito — hipótese em que serão causadores daquilo que eu denominei Espiritopatia. E o pior, nas Espiritopatias é que, além da Ciência desconhecer, por enquanto sua verdadeira etiologia, os Espíritos sofreadores ou obsessores que as provocam, sobre usurpam “fluido vital” de suas vítimas, ainda lhes roubam a energia curativa dos medicamentos ministrados! De modo que, para o médico que desconhece o Neo-espiritismo, à dificuldade de afastar o Espírito responsável pela doença, junta-se a inoperância de sua terapêutica, por mais eficientes que, normalmente, sejam os medicamentos prescritos!

Foi, exatamente, o que ocorreu com o caso em tela. Durante nove anos a paciente, que, aparentemente, sofria de uma pansinusite comum, mas, na realidade, era, concomitantemente, vítima de oculta Espiritopatia, ficou insensível a todos os recursos da Medicina oficial. Entretanto, bastou que, a meu rogo, os Protetores, que me assistem, amparassem o Espírito causador da Espiritopatia, levando-o para um plano de readaptação espiritual, para que o organismo da paciente, livre da radiação mórbida, e morbígena, do parente desencarnado, reagisse prontamente à medicação homeopática.

Por isso, a paciente obteve, com a Homeopatia, em sete dias, o que não havia conseguido, na Alopatria, em nove anos de tratamento — a cura total e definitiva!

A Homeopatia cura enfarte do miocárdio

Contra fatos, não há argumentos — di-lo o próprio bom senso.

A Homeopatia, desde sua descoberta, há cento e sessenta anos, vem salvando, diariamente, a vida de centenas de criaturas, afetadas pelas mais diversas manifestações mórbidas. Isto não é bazófia — é fato notório, comprovado em vasta área do mundo civilizado, máxime nos países mais cultos. Logo, por mais arraigados que sejam os preconceitos e o ceticismo dos adversários, o valor dos medicamentos homeopáticos, esse, ao menos, não lh'os poderão negar!

Pouco importa que certas hipóteses e algumas teorias formuladas pelo genial criador da Homeopatia não se harmonizem perfeitamente com os atuais conceitos científicos. Não obstante sua admirável clari-vidência, Samuel Hahnemann não poderia escapar à influência do meio e da época em que viveu. Por mais que houvesse ultrapassado a mentalidade de seus contemporâneos, suas concepções não poderiam deixar de estar impregnadas das idéias vigentes nos primórdios do século passado.

A despeito disso, sua doutrina é, no terreno da Medicina, uma revolução tão profunda que, até hoje, e, quiçá, no futuro, mais do que hoje, constitui, e constituirá certamente, o mais arrojado empreendimento jamais realizado por um só pensador na “arte de curar”!

De toda maneira, porém, uma coisa é o fato; outra, a teoria.

Bem comprovado que seja, o fato torna-se indestrutível. A teoria, a interpretação dos fatos, essa, ao contrário é mutável, sujeita, que está, ao coeficiente humano. Assim: um fato que, por um sábio foi encarado sob determinado aspeto, e, por isso, interpretado de certa maneira, poderá ser olhado, por outro cientista, de diferente ângulo e, conseqüentemente, interpretado de modo totalmente diferente.

Mas, de toda forma, a discordância teórica dos sábios, não proscreve a realidade dos fatos — confirma a relatividade dos conhecimentos humanos, sujeitos, como estão, às contingências dos sentidos e à falibilidade da razão, que, em última instância, é a bússola do Espírito no roteiro da Verdade.

Por conseguinte, quaisquer que sejam as explicações equacionadas, o valor intrínseco do fato não desaparece; nem diminui sequer. De toda maneira, o fato permanece intangível, embora as hipóteses e teorias formuladas para interpretá-lo possam caducar, como caducam muitas concepções humanas, à medida que, sob o impacto do progresso, a Ciência cresce em saber e em tecnologia e, por isso, pode retificar os equívocos das precedentes gerações.

Na tese em foco, a verdade irremovível é que os remédios homeopáticos, não obstante serem ministrados em doses infinitesimais, desde que aplicados de acordo com a lei de semelhança, curam com surpreendente rapidez e perfeição. Isto é fato de observação, comprovado, a cada passo, à cabeceira dos doentes. Portanto, para admitir-se a validade da lei de cura homeopática e a eficiência terapêutica das doses infinitesimais prescritas pelos médicos homeopatas, ainda que não houvesse nenhuma teoria plausível, bastariam as provas clínicas fartamente acumuladas.

Aliás, se não houvesse nenhuma explicação para o mecanismo da lei de cura, nem para a atuação de doses imponderáveis, cuja misteriosa energia curativa ainda não foi detectada pela Ciência, não se justificaria a negação, *a priori*, do valor da Homeopatia.

Na verdade, as leis naturais não se explicam — comprovam-se. Mas o homem, na eterna ânsia de compreender, formula hipótese e cria teorias, que se aproximam cada vez mais da Verdade, na proporção que a Ciência evolui.

Contudo, haverá quem saiba explicar, com integral autenticidade, por que, no Universo ou, pelo menos em nossa galáxia, “a matéria atrai a matéria na razão direta das massas e na razão inversa do quadrado das distâncias”; ou por que se atraem as cargas elétricas de nomes contrários, ao passo que mutuamente se repulsam as cargas elétricas de idênticos nomes; ou por que, posto em movimento, um corpo carregado de eletricidade gera um campo magnético?

Entretanto, esses e muitos outros fenômenos naturais continuam desconhecidos em sua essência, mas o hábito de observá-los em derredor de nós induziu-nos à convicção de que são realidades indiscutíveis!

Em verdade, a Ciência não explica a coisa em si — estabelece, apenas, ralações de causalidade e, com elas, formula as leis que, em dado setor, regem os fenômenos, aplicando-as, ao depois, consoante o objetivo em mira. O homem vence, portanto, a Natureza, não porque a haja compreendido, mas porque a obedeceu, conforme já percebera o fundador do Método Experimental — Bacon. Todavia, não compete à Ciência penetrar na quintessência das coisas, como diriam os alquimistas; nem tão pouco, se me permitem terminologia técnica, atinja a percepção do númeno, como se expressaria Emanuel Kant...

Ora, se para a admissão dos demais fenômenos naturais não se exige total compreensão do mecanismo integral, de vez que as causas primárias são inacessíveis à inteligência humana, como impor, em sua consciência, que o homeopata esclareça, de maneira inquestionável, o *modus operandi*, não somente da lei de cura como das doses imponderáveis?

Como é óbvio, para justificar os prodígios efetuados pela Homeopatia, há várias hipóteses e teorias. Algumas muito engenhoso-

sas e, todas, verossímeis. Eu mesmo tenho opiniões próprias. Mas só no futuro, talvez não muito remoto, com o avanço da tecnologia, os mistérios que ainda envolvem a maravilhosa terapêutica hahnemanniana, infelizmente estagnada em relação às pesquisas científicas, serão desvendados para felicidade da humanidade!

Mas, do ponto de vista utilitário, o que interessa é que os remédios homeopáticos, bem prescritos, curam as mais graves doenças, sejam elas infectuosas ou não. Como curam, é outro problema. Se ativam, por exemplo, reações intracelulares, à maneira de biocatalisadores, ou se atuam diretamente sobre os próprios biocatalisadores, como é mais provável, ou se restabelecem o ritmo vibratório do “fluido vital” do próprio “perispírito”, misteriosa radiação que, durante a encarnação, liga, por intermédio do Sistema Nervoso, o corpo somático ao Espírito imortal, tudo isso são temas para futuros debates e problemas para próximas descobertas, em prol do progresso da “arte de curar” em favor da humanidade sofredora!

Mas ainda que todas as hipóteses e teorias hahnemannianas estivessem erradas, nem por isso a Homeopatia perderia seu imenso valor como Terapêutica. De toda maneira, uma verdade permaneceria eternamente de pé: empregados em doses infinitesimais, medicamentos corretamente dinamizados, e prescritos de conformidade com a lei de semelhança, os medicamentos homeopáticos curam com presteza e perfeição os mais graves estados mórbidos. Somente este fato, bastaria para consagrar Samuel Hahnemann como genial benfeitor da humanidade!

Eis uma prova concreta da eficiência da Homeopatia, preservada em nosso arquivo.

Certa manhã, em janeiro de 1956, recebi telefonema de uma cliente, que, aflitíssima, me pedia socorro imediato para o marido, o qual, minutos após a primeira refeição, estava sentindo violenta dor precordial, com indescritível angústia, estado vertiginoso, náuseas, vômitos, suores frios e sensação de morte iminente.

Tratava-se de um paciente de 58 anos, compleição robusta, moderadamente hipertenso e que, como bom português, apreciava os prazeres da mesa e abusava de alimentos condimentados regados a vinho. Por isso, pressenti imediatamente a gravidade do caso. Mas, como nesse dia infelizmente eu também amanheci adoentado, com disenteria amebiana, não pude atendê-lo imediatamente. Razão porque, aconselhei à esposa do paciente que chamasse, sem perda de tempo, a ambulância do Pronto Socorro cardiológico e, ao mesmo tempo, indiquei conceituado cardiologista para assistir o paciente, até que meu estado me permitisse ir vê-lo.

Cerca de uma hora mais tarde, novo telefonema me instruíu que o paciente fora levado, de táxi, para o Hospital Santa Cruz, em Niterói,

onde, na época, eu residia e que o cardiologista estava sendo aguardado — aviso seguido de dramático apelo no sentido de que eu fosse vê-lo, logo que meu estado m'o permitisse, pois o paciente, que, meses antes, fora curado por mim de gangrena gasosa da mão, insistia em afirmar que só se salvaria se eu fosse socorrê-lo! Graças à Homeopatia, com poucas horas de tratamento, eu já me julgava curado e, dessa maneira, pude chegar ao Hospital às 14 horas, exatamente 7 horas após início do enfarte do miocárdio. À entrada do Hospital, encontrei o cardiologista que, depois de me informar que acabara de interpretar o electrocardiograma, preveniu-me de que meu cliente “era um homem liquidado”!

O vaticínio era desolador, mas, de qualquer forma, confio muito nos prodígios da Homeopatia e, por isso, convidei-o a retornar ao quarto do doente para um diálogo.

Na verdade, o quadro que se me deparou era desanimador. Apesar de já haver tomado nove injeções por indicação dos médicos do Hospital que o socorreram, o estado do paciente permanecera estacionário — nenhuma melhora se lhe manifestara. Terrivelmente pálido, alagado em suores frios, pulso filiforme, imóvel no leito, olhos cerrados, aparentava um cadáver. À minha aproximação, entreabriu os olhos e, muito angustiado, queixou-se em voz baixinha, cochichada, de tremenda dor constringente sobre o coração. Como se vê, nada lhe aproveitou a medicação feita no Hospital. Mas, ciente do caso e com o diagnóstico clinicamente feito, desde que às 7 horas, recebi o primeiro telefonema, levei comigo uma “caixa de urgência”, com 24 medicamentos de provável aplicação no enfarte do miocárdio. Dissolvidas numa colherzinha d'água, dei, alternadamente, de 15 em 15 minutos, 2 pastilhas dos seguintes remédios: *Cactus gran.* 3 e *Carbo veg.* 1X. Curioso, o especialista analisava todos os meus movimentos. No fundo, deveria estar ridicularizando minha medicação. Máxime porque os medicamentos alopáticos não haviam surtido o efeito esperado. Todavia, não durou muito a expectativa do gentil especialista. Momentos depois da primeira dose de *Cactus*, o paciente, que permanecia em profundo torpor, arregalou os olhos e, como que despertando de um pesadelo, interrogou à esposa: “Que aconteceu comigo? Pareceu-me que estava morrendo e, agora, tudo está passando...” Em seguida, fez menção de sentar-se no leito, no que foi obstado pelo especialista, que lhe proibiu o mínimo esforço. Mas como o paciente declarou que preferia o tratamento homeopático, o colega retirou-se, comprometendo-se comigo, porém, que, dentro de uma semana, tiraria o segundo electrocardiograma. Presente ainda o cardiologista, uma enfermeira entrou no quarto com a tenda de oxigênio. Mas o paciente já se sentia tão melhor, desde as primeiras doses da medicação homeopática, que eu, com assombro geral, dispensei o oxigênio. Fi-lo propositadamen-

te, a fim de que, mais uma vez, ficasse demonstrado o valor da Homeopatia, a qual, num caso daquela gravidade, podia sustentar o miocárdio sem o concurso duma quota extra de oxigênio! Também em relação à dieta, minha prescrição causou pasmo; e o mesmo aconteceu quando, desde o primeiro dia, permiti visitas, com uma única restrição — o número de visitantes seria limitado a um de cada vez e a conversa, alegre, e efêmera, para não cansar nem emocionar o doente. Apesar de minhas “inovações”, o estado geral do paciente se manteve relativamente muito bom. E, no dia seguinte, ao visitá-lo novamente, encontrei-o com boa aparência, embora, durante nosso diálogo, o paciente houvesse demonstrado medo de que a crise se lhe repetisse, e, além disso, mostrou-se bastante emotivo. Mudado o quadro, mudados os remédios, como o exige a lei de semelhança. A nova prescrição foi esta: *Aconit. nap.* C30, *Cactus grand.* C30 e *Ignatia Amara* C30 para tomar, alternadamente, 2 pastilhas de hora em hora, durante sete dias. Mas, como tudo correu às maravilhas, preferi prosseguir com os mesmos medicamentos durante um mês, até sua alta do Hospital.

Mas, decorrida a primeira semana solicitei novo traçado elétrico. As conseqüências do enfarte, como seria de esperar, estavam mais evidentes. Mas o próprio especialista não ocultou sua surpresa em face do ótimo estado geral do paciente. E, decorridos mais sete dias, para maior controle da marcha da enfermidade, solicitei a colaboração de outro cardiologista, sem dizer-lhe, no entanto, de que se tratava. O terceiro electrocardiograma confirmava os anteriores, mas já mostrava indícios de regeneração do miocárdio. Completando a comprovação que vinha fazendo de molde a não deixar pairar a mínima dúvida sobre o valor da Homeopatia, pedi a colaboração de um terceiro cardiologista, que, tirado o traçado elétrico, confirmou o diagnóstico, acusando, porém, maiores indícios de regeneração do miocárdio. Esse mesmo especialista, ao votar cerca de dez dias mais tarde para tirar outro electrocardiograma, declarou-me que, pela comparação que fizera com uma publicação da revista *Light*, o electrocardiograma do meu cliente era exatamente idêntico ao do Presidente Eisenhower. O mais admirável, porém, era que o Presidente, cercado de sumidades, havia três meses que se mantinha em absoluto repouso, ao passo que o meu paciente já tinha liberdade para locomover-se e só não tivera alta antes de trinta dias de tratamento por ser imprudente e gostar de jardinagem e de horticultura “por esporte”. Entretanto, quando o último electrocardiograma mostrou franca regeneração do coração, permiti que o paciente retornasse à casa e fiz-lhe apenas algumas restrições. Um mês depois, outro especialista, esse do Rio, contestou, com o electrocardiograma que acabara de tirar, na mão, que meu cliente tivesse tido enfarte do miocárdio! Mas, diante da exibição feita pelo meu cliente de todos os electrocardiogramas, no mês anterior obtidos

pelos especialistas de Niterói, viu-se obrigado a render-se à evidência dos fatos. E, dois meses depois, indo de passeio a Portugal, o paciente quis consultar afamado professor lisboeta. Diante da comparação dos primitivos traçados e do traçado por ele tirado, o mestre português fez questão de levar meu cliente à Faculdade, e deu uma aula sobre o seu caso, na qual afirmou ter sido aquele o único, por ele conhecido, que iniciado com tamanha gravidade, terminara, ao fim de noventa dias, radicalmente curado!

A Homeopatia cura epitelioma espinocelular

“Não gosto da Homeopatia porque cura lentamente”...

Ora, aí está uma dessas falsas sentenças que, à força de serem repetidas se expandem e, mascaradas de verdadeiras, se encravam como um quisto, no subconsciente da massa popular, perturbando o raciocínio e gerando, freqüentemente, a idiossincrasia coletiva.

E o resultado é sempre mau, senão péssimo. Pior, aliás, para o doente que se abstém, do que para o médico que se priva do cliente. Porque não há conta o número de desiludidos e desenganados, que poderiam ser confortados e aliviados, e, até, curados, se tentassem a experiência, e, que, no entanto, se deixam morrer, inertes e desesperados, presas dessa credence insólita. Por isso, nunca é demais martelar na evidência dos fatos, esmigalhando e pulverizando o despautério.

Obra da observação, da experiência e do saber, a Homeopatia se impõe pela lógica do método e pela harmonia dos princípios. E não cura lentamente, não. Cura, pelo contrário, de galope, impressionando por isso aos que se habituaram à terapêutica violenta e nem sempre eficiente da Medicina oficial.

Mas, na verdade, há Homeopatia e homeopatia — é bom não confundir.

Uma, é fruto da sabedoria e da experiência: nasce da observação meticulosa à beira do leito de dor; cresce ao sopro vivificante da cultura esmerada, ao preço de longas noites de vigílias; e, finalmente, frutifica ao calor do trabalho consciente e incessante, mas, por isso mesmo, útil e fecundo.

Outra, a homeopatia vulgar, brota num arremedo de geração espontânea, ao pé dos balcões comerciais; ou explode do impulso insopitável de um curioso gabolas, ávido de alardear conhecimentos que ignora.

A primeira, a Homeopatia de Samuel Hahnemann, é arte de curar, apanágio do clínico experiente, afeito às dificuldades da profissão e senhor dos segredos da doutrina. É patrimônio da Ciência e privilégio do médico.

A segunda, a homeopatia de balcão, ou de palpite, esta, tanto poderá ser a arte de mercar, como fruto da vaidade, contingência do interesse financeiro, como empáfia do charlatão! Não é dádiva do labor, nem luz do saber; é, sim, filho da cobiça ou produto da ignorância!

A prova do valor, a certeza da eficácia da Homeopatia há de buscar-se, se se quiser ser razoável, junto ao médico e não no balcão da farmácia.

Sujeita, como é, à princípios inflexíveis, subordinada à uma lei de cura e fiel às regras de administração dos medicamentos, a Homeopatia não é pródiga, senão para os que se familiarizaram com os seus arcanos.

Terapêutica individual, não trata de doenças: arma, para cada doente, uma equação, cuja solução implica conhecimentos inerentes às Ciências Médicas oficiais, além de outros, que constituem apanágio do método hahnemanniano.

Conhecer o diagnóstico da doença não adianta, porque não basta, para a prescrição do remédio.

Com efeito, na Matéria Médica homeopática, fonte da qual promana o manancial de informações mais seguras que, até ao presente, foram obtidas a respeito da ação dos medicamentos sobre o organismo humano — não se encontram remédios específicos para síndromes nem para doenças, quer se trate de simples dor de cabeça, quer se trate de doença grave como a meningite.

Em compensação a Matéria Médica homeopática está referta de patogenesias de numerosos medicamentos, que, individualizados pela totalidade dos sintomas de cada doente e aplicados pela lei de semelhança, realizam curas rápidas e perfeitas.

Vale dizer que o remédio para a dor de cabeça do doente A é remédio somente para A não para B ou C. Donde se conclui que, se A empregar o seu remédio no parente B ou no amigo C nem um nem outro serão aliviados, a menos que, um deles, B ou C, apresente um quadro mórbido idêntico ou pelo menos, semelhante, ao que A apresentava na ocasião em que consultou o médico homeopata. Mas isto não é caminhar à luz meridiana: é dar saltos no escuro, ou fazer jogo de azar.

Nada adianta a consulta a folhetos de propaganda popular, nem a livrinhos de Medicina caseira. Eivados de erros e de imprecisões, fazem mais mal do que bem à causa da Homeopatia. Iludem aos que os manuseiam, dando-lhes a impressão de uma facilidade de prescrição que, de fato, não existe; e estimulando-lhes a natural curiosidade de tentarem o receituário.

O fracasso, porém, não tardará, enterrando com sucessivas decepções, as esperanças e os sonhos do espectador simpatizante que, talvez, ainda se tornasse propagandista sincero. Iludido de haver-se tratado pela Homeopatia, em virtude de ter tomado remédios homeopáticos, embora ao arpejo da lei de cura homeopática, e não havendo obtido, como não poderia ter obtido, a cura, nem sequer melhoras, o neófito, decepcionado, investe de lança em riste contra uma terapêutica que apenas teve a ilusão de ter posto à prova.

Proporcionalmente falando, o ingênuo paciente colocou-se, em relação à Homeopatia, na posição dos contemporâneos de Anaxagoras. Ele, da Homeopatia viu tão somente as doses infinitesimais, inócuas porque aplicadas sem sujeição à lei de semelhança. Aqueles, do sol,

contemplado a olho nu, à distância de cento e cinquenta milhões de quilômetros, viram, apenas, um astro pouco maior do que um queijo, e, por isso, condenaram o sábio porque afirmou que o sol era maior do que o Peloponeso!

De toda forma, a Homeopatia não é aquilo que se encontra nos manuais de divulgação popular — é algo muito mais profundo, que se não dá a conhecer senão àqueles que à custa de ingente labor, desvendam os seus segredos.

É possível que essa homeopatia caseira, que escolhe remédios por palpite dentre os que figuram como mais prováveis para cada doença realize alguma cura. Mas, para isso, é imprescindível que o remédio haja sido indicado por intuição ou prescrito em receita mediúnica, de toda maneira o reflexo do pensamento científico de algum médico homeopata desencarnado, desejoso de praticar uma caridade, dando, ao mesmo passo, uma prova da sua sobrevivência. Fora disso, não há leigo que receite corretamente o remédio homeopático para dado paciente. A receita será ostensiva mistificação.

Lembra-me o caso daquele membro do Instituto de França, que, encarregado de colaborar na confecção do Dicionário da Academia, definiu o caranguejo como, “peixe vermelho, que anda para trás”...

Posteriormente, por desincargo de consciência ou mera prudência procurou o grande naturalista Cuvier, consultando-o sobre a definição. Sutil e cortês, o sábio ao outro sábio aplaude, mais ou menos, nestes termos: “Muito bem, ótima definição”. Não haverá comedor de caranguejos que, em a lendo, logo não a entenda. E quando o acadêmico, esfregando as mãos de contente, ia despedir-se, Cuvier, paternalmente, puxou-o pelo casaco e, formando concha com a mão, segredou-lhe, baixinho, ao ouvido: “Escute, para nós, naturalistas, o caranguejo não é peixe, não é vermelho e nem anda para trás”.

Mas, como nós nada temos com o “peixe”, continuemos analisando a doutrina homeopática. A doença, com todo o cortejo de sintomas objetivos, visíveis, palpáveis, audíveis, sujeitos, enfim, à observação direta, à análise dos sentidos, e com toda a constelação de sintomas subjetivos, que se não vêem, nem se palpam, nem se ouvem, mas que o doente traduz, especifica e aquilata, a doença é, para o homeopata, apenas o arcabouço material e grosseiro sobre o qual ele plasmará, depois de paciente e minuciosa análise, a individuação mórbida do doente. Cada sintoma é, então, avaliado de *per si*. A mentalidade é analisada. As sensações especificadas, as dores localizadas, traduzidas, quase pesadas, etc. Exemplifiquemos: dor, para nós, é termo vago. Dor latejante, dor em pontadas, dor que queima como água fervente, ou que penetra a carne como agulhas incandescentes, ou como estiletos gelados etc., isto sim, tem significado para o homeopata, porque tem valor terapêutico — orienta a escolha do re-

médio individual. Portanto, a Homeopatia vai além da Alopacia. Esta, detém-se nos sintomas patognomônicos da doença; aquela dissecar sintoma por sintoma, sensação por sensação, observa, minuciosamente, a lateralidade, as agravações horárias, as influências atmosféricas, o estado mental, sem nada desprezar porque é à custa desses sintomas, alguns aparentemente insignificantes, que os homeopatas obtêm o quadro mórbido ou a “fotografia” do doente, sobre a qual deve colocar a “fotografia” do remédio, de molde a cobri-la com a máxima perfeição como a fotografia cobre seu negativo, tudo de acordo com o postulado hahnemanniano — *Similia similibus curentur* !

Juntando o fato às palavras, aqui está um exemplo do valor da Homeopatia, a prodigiosa terapêutica que o progresso da tecnologia não tardará a implantar definitivamente no mundo.

Entusiasmado com a cura de minha primeira esposa, a qual, depois de haver sido tratada, sem resultado positivo, durante doze meses consecutivos, pelos melhores recursos alopáticos da época, ficou completa e definitivamente curada em apenas três dias, com uma única receita homeopática, obtida através de um médium receitista, entusiasmado com a cura de minha esposa, repito, converti-me, com grande prejuízo material, à doutrina de Samuel Hahnemann. E estava ainda nos primeiros meses de estudos e observações quando se me apresentou no Consultório um dos casos mais difíceis de toda a minha vida profissional: um paciente de 70 anos, com volumoso tumor, com exata aparência de couve-flor, localizado na palma da mão direita — um epiteloma espinocelular.

Devo esclarecer que, nessa época, eu ainda tinha numerosa clientela alopática. E não me acanho de confessar que, com poucos meses de prática da Homeopatia, eu ainda não me sentia com a segurança que, com o tempo, vim a adquirir no método hahnemanniano. De resto, o conceito que, embora muito moço, havia conquistado provinha de sucessivos êxitos obtidos como médico alopata.

Contudo, no caso do epiteloma, não hesitei em mudar de rumo — optei em favor da Homeopatia. Porque, na verdade, o paciente já me chegou às mãos saturado dos recursos da Alopacia; e, não obstante os tratamentos tentados, o canceroso estava condenado à morte.

Com efeito, o paciente estivera, primeiramente, durante vários meses, internado na Santa Casa, na enfermaria dirigida por afamado cancerologista. Foi lá que, de acordo com a informação dada pelo paciente, fora feito o diagnóstico de epiteloma espinocelular. Lá, depois de lhe haverem aplicado, sem o mínimo resultado, a radioterapia, pretenderam amputar-lhe o braço, operação que não se consumou, porque, nos exames previamente feitos, constatou-se metástase do neoplasma nos gânglios da axila homóloga, fato que tornaria inútil a intervenção cirúrgica.

Transferido, posteriormente, para o Hospital Pedro II, lá permaneceu o paciente durante um ano, com seu estado a agravar-se dia a dia. Até que decepcionado e convencido de que estava próxima sua morte pediu, e obteve, alta, voltando a morar, como outrora, com uma filha casada, residente em São Cristóvão pouco distante do Consultório. Conhecendo, “por ouvir dizer”, muitas curas por mim efetuadas, a filha do canceroso não hesitou em m’o trazer, na esperança de que eu faria “mais um milagre”. Embora, de fato, com a ajuda espiritual de meus Protetores, já houvesse salvo diversos doentes em estado desesperador, com o tratamento homeopático, nunca se me havia deparado um caso tão difícil quanto o do epiteloma do ancião. Contudo, mais para não decepcionar a filha do paciente, que se mostrou tão confiante em mim, do que pela convicção do sucesso, concordei em tratar do canceroso.

Depois de ressaltar que, diante do fracasso da Medicina alopática, a mim só me restava tentar a Homeopatia. Pai e filha perplexos com o que acabavam de ouvir da boca de um médico, que, embora muito jovem, era conhecido, no bairro, como competente alopata, ambos permaneceram alguns segundos como que obnubilados, mudos e estáticos. Até que, serenado o impacto da surpresa, a filha do canceroso me interpelou: “O sr. disse, doutor, que vai tratá-lo com Homeopatia?” — Exatamente, respondi-lhe; e não há admirar, minha filha, porquanto, como vocês mesmos acabam de me informar, já falharam todos os recursos alopáticos empregados por especialistas de renome. Agora, o recurso é tentar o tratamento homeopático, que já me deu insofismáveis provas de seu inestimável valor, salvando, inclusive minha esposa.

Em face de minha argumentação, o paciente, sem demonstrar esperanças, concordou em experimentar a Homeopatia. Com a anuência do paciente, prescrevi-lhe, com maior curiosidade científica do que certeza de êxito, a seguinte medicação: *Thuya occ.* C200 e *Kreosotum* C200, para tomar 2 gotas num cálice d’água uma vez por dia — o primeiro remédio ao acordar, o segundo, ao deitar-se, durante 30 dias.

Terminado o prazo marcado, eu, absorvido pelas lutas da clínica, sinceramente, já não me lembrava do canceroso, quando, estando no Consultório, principiei a ouvir, na longa fila de clientes que aguardavam a vez, inusitado alarido, entrecortado de exclamações e várias vezes a palavra “milagre” me ressoou nos ouvidos. Curioso, pedi licença ao paciente que estava atendendo e cheguei à janela. Admirado, vi o ancião canceroso rodeado pelos demais clientes que aguardavam sua vez. Um raio de esperança e de alegria inundou-me a alma. O indício era de algum sucesso da Homeopatia. E, minutos após, quando o ancião penetrou no Consultório, quem se espantou foi eu! Da volumosa e pútrida “couve-flor” que, um mês antes, ele carregava à mão direita, não havia mais nem sinal! A palma da mão completa-

mente lisa e lustrosa, com os músculos ligeiramente atrofiados e os dedos fixos em discreta flexão, aparentavam mão que houvesse sofrido queimadura por um ácido forte e que, como seqüela, permanecesse deformada “em garra”! Ninguém diria que trinta dias antes ali existira volumoso tumor maligno!

Interrogado, o paciente informou que desde os primeiros dias de medicação o tumor principiou a desagregar-se em pequenos pedaços, tão abundantes que se viu forçado a permanecer com um vaso junto à cadeira em que se sentasse, a fim de que os pedaços de “carne podre” não se esparramasse pelo chão da casa! Caindo incessantemente em pequenos fragmentos o tumor desaparecera em cerca de vinte dias, permanecendo no local uma chaga com as dimensões da palma da mão e que, com a continuação do tratamento também se cicatrizou a curto prazo, de sorte que, ao fim de trinta dias, a mão sofrera a prodigiosa transformação que se estava vendo!

Para complementar a cura, prescrevi: *Thuja occ.* C200 e *Graphites* C200 para o paciente tomar duas gotas por dia, de cada um, com intervalo de doze horas, durante mais trinta dias. Findo o prazo o paciente, considerando-se definitivamente curado, não voltou à consulta. Seis meses depois fui chamado às pressas para vê-lo. Havia amanhecido “dizendo bobagens” — disse-me a filha ao receber-me. Com efeito, encontrei-o sentado à cama, delirando, sem febre. Lembrei-me imediatamente duma lição do Prof. Peter e fui ouvir diretamente o ápice dos pulmões. Lá estava no ápice do pulmão esquerdo o característico sopro tubário, confirmando o diagnóstico — pneumonia do ápice, que outrora fazia tantas vítimas. No mesmo dia o coração do ancião baqueou e o paciente desencarnou. Mas desencarnou curado do câncer e, quiçá, de suas metástases!

Diante desse prodígio da Homeopatia, resolvi renunciar imediatamente à clínica alopática, integrando-me definitivamente na doutrina do genial benfeitor da humanidade que se chamou — Samuel Hahnemann!

A Homeopatia cura volvo

A dose infinitesimal é a “pedra de tropeço” da Homeopatia. Por incrível que pareça, até hoje muitas pessoas não puderam convencer-se de que as doses homeopáticas realizam curas admiráveis, debelam doenças gravíssimas e, em muitos casos, evitam intervenções cirúrgicas!

Entretanto, o seu valor é incontestável porque as curas da Homeopatia ocorrem diariamente à luz meridiana. Mas, incompreendido pela maioria, o fato, é atribuído a causas eventuais e, particularmente, à sugestão.

Contudo, não é difícil compreender por que doses tão mínimas provocam efeitos tão maravilhosos. Como é sabido, na aplicação de sua terapêutica, o homeopata orienta-se, sempre, por uma lei de cura, fato que não ocorre na Medicina oficial. Ora, a experiência demonstrou que o organismo enfermo é hipersensível ao remédio prescrito pela lei de semelhança, que é a lei de cura homeopática. Vale dizer que: se a dose for materialmente ponderável, deflagrará violento choque no organismo do doente, com agravação de todos os sintomas mórbidos e, destarte, retardará a cura ao invés de apressá-la.

Por conseguinte, se outras razões não houvessem para o emprego das doses infinitesimais, bastariam estes fatos — a hipersensibilidade do doente às doses infinitesimais e a agravação medicamentosa às doses ponderáveis — para justificar o comportamento do médico homeopata à cabeceira dos pacientes que lhes confiam a preservação daquilo que de mais precioso possuem — a saúde.

Aliás, existe, atualmente, no campo da Medicina Alopática, imensa literatura referente a pacientes hipersensíveis ou alérgicos, os quais, com doses mínimas tão mínimas quanto as doses homeopáticas, acusam sintomas de suma gravidade, registrando-se, inclusive, casos mortais!

Ora, se em organismos hipersensíveis, doses mínimas de determinadas substâncias podem provocar perigosos desequilíbrios da saúde, não é absurdo que, em doentes que se tornaram automaticamente hipersensíveis aos remédios, em virtude da aplicação da lei de semelhança — bússola que orienta a terapêutica hahnemanniana — doses infinitesimais possam realizar, em prazo exíguo, curas surpreendentes. Mais explicitamente: Na hipersensibilidade mórbida, como na alergia ou na idiossincrasia, doses mínimas podem afetar a saúde; em compensação, na hipersensibilidade ao remédio homeopático, doses infinitesimais equilibram quase instantaneamente a saúde. São reações em sentidos contrários, determinadas por uma causa comum —

a hipersensibilidade do organismo. Hipersensibilidade que, nos casos patológicos, manifesta-se não só em relação às drogas como aos alimentos e, até, aos odores!

No que concerne à hipersensibilidade aos medicamentos alopáticos, destaco o caso citado por Sulzberger. O paciente, alérgico, fora acometido de dermatite nas mãos, nos pés e nos órgãos genitais, causada pelo Calmitol. Mas o curioso é que a droga não foi usada por ele — usou-a a sua esposa!

Muito interessantes foram, outrossim, as observações de Shelmire, efetuadas em pacientes hipersensíveis ao Sumagre venenoso — o *Rhus toxicodendron* da Homeopatia, planta originária da América do Norte.

Para demonstrar até que ponto ia a sensibilidade de seus pacientes, o alergista norte-americano repetiu, muitas vezes a seguinte experiência: colhia, no pé, folhas do arbusto e, imediatamente depois, antes que se lhe manifestasse qualquer reação cutânea, lavava cuidadosamente as mãos, com água e sabão; minutos após, esfregava as mãos na pele de um paciente hipersensível à planta e, no local da fricção, surgia, incontinenti, as reações características — eritema pruriginoso, com rápida vesiculação!

Agora, um alimento, uma fruta. Urbach, afamado alergista norte-americano refere-se, dentre outros, ao caso de um rapaz de 22 anos, alérgico à tangerina. Bastava-lhe chupar um gomo da fruta, para ter, imediatamente, perigosíssimo choque nitritóide, com violenta cefalalgia e cianose da face!

O mesmo autor relata o caso duma paciente alérgica ao “cheiro de peixe”, que, ao passar perto do Mercado, fora acometida por perigoso edema angioneurótico da garganta. O choque anafilático foi tão violento que a paciente sofreu um colapso e teria morrido não fora o socorro imediato que recebeu!

Ora, diante de fatos como esses nos quais doses infinitesimais provocam, em pacientes hipersensíveis, reações violentas e, até, mortais, se não houver rápido socorro, como duvidar que as doses infinitesimais dos remédios homeopáticos, atuando em doentes a eles hipersensíveis, porque foram aplicados de acordo com uma lei natural de cura, possam ficar rapidamente curados?

Mas, como infelizmente ainda há muita gente que, por desconhecimento de causa e, também, por mero preconceito, nega valor à Homeopatia, vou contestar com mais um fato, porque, na verdade, “contra fatos não há argumentos”!

Certo dia, solicitado por uma mãe aflitíssima, fui dar assistência, à rua Visconde de Sepetiba, em Niterói, a um menino de 10 anos de idade, que, em estado grave, fora transportado de Raiz da Serra, local onde sua progenitora, professora estadual, residia e lecionava, para a Capital fluminense, onde não faltariam recursos para socorrê-lo.

Grosso modo, as ocorrências sucederam-se da seguinte maneira: o menino adoecera repentinamente, havia 24 horas, quando lá cheguei.

A princípio, sentiu, subitamente, violenta dor abdominal, acompanhada de sensação vertiginosa. Depois de acalmar-se durante curto lapso, a dor reapareceu mais intensa, a ponto de obrigar a criança a gritar. Aflita, a mãe valeu-se de todos os recursos caseiros que conhecia. Tudo em vão. De momento a momento, o estado do menino agravava-se a olhos vistos. Rapidamente, a dor abdominal alastrou-se, conquistando maior área. O abdome, muito sensível ao menor contato, avolumou-se gradualmente, propellido por inusitada formação de gases. Mostrando-se extremamente angustiado, o menino chorava e gritava de dor e de mal-estar indefinível. E não tardou que, a face do menino se lhe tornasse pálida e coberta de suores frios. Ao mesmo passo, arroxearam-se-lhe os lábios e as unhas. Em seguida, surgiram-lhe vômitos. Vômitos violentos, que se lhe afiguravam querer arrancar-lhe o estômago. Inicialmente, os vômitos foram alimentares; depois, biliosos; finalmente, escuros, pútridos, fecalóides! Entrementes, os intestinos estavam paralisados, totalmente paralisados; nem gases expeli-am. Foi assim que o menino chegou a Niterói. E encontrei-o prostrado ao leito, face lívida, cadavérica, nariz afilado, olhos fundos, circundados por profunda olheira arroxeadada, lábios cianosados, extremidades frias, unhas arroxeadas, respiração superficial e acelerada, pulso hipotenso, pequeno e intermitente. Dispneia moderada. Abdome dilatado, com acentuado meteorismo, abundante borborismo e muito sensível à palpação, máxime em derredor da cicatriz umbilical. De resto, forte solução exacerbava, a cada instante, a cruciante dor abdominal, arrancando lancinantes queixumes do pequeno paciente. Nesse ínterim, um vômito francamente fecal acabou de confirmar o diagnóstico: Volvo!

Dada a gravidade do caso, dei à família ampla liberdade para optar entre o tratamento homeopático e a intervenção cirúrgica. Mas, a despeito da gravidade do caso, a mãe do menino suplicou-me que tentasse salvar o filho, confessando que sentia verdadeiro pavor da cirurgia.

Ora, diante dessa prova de confiança, não hesitei em assumir a responsabilidade do tratamento.

Prescrevi dois remédios: *Carbo veg.* 1X e *Nux vom.* 30, para serem tomados, alternadamente, na dose de duas pastilhas, de hora em hora.

Graças a Deus não me arrependi, pela imensa responsabilidade, que assumi, porque, mais uma vez, a Homeopatia demonstrou seu inestimável valor.

Com impressionante rapidez o quadro clínico mudou de feição. Cessaram os vômitos, libertaram-se os gases intestinais e o ventre diminuiu de volume, com o restabelecimento do peristaltismo intestinal. A circulação geral normalizou-se, reequilibrando-se, simultaneamente, a circulação periférica. Conseqüentemente, a pele e as mucosas voltaram à cor normal. Em suma, ao fim de, apenas, seis horas, o “moribundo” estava salvo e completamente são!

Associada ao Neo-espiritismo, Homeopatia cura doenças do corpo e da alma

Muito antes da Psicanálise, e caminhando em sentido contrário, a Homeopatia já havia demonstrado experimentalmente a estreita correlação existente entre os distúrbios funcionais e os estados emocionais. Mostrou a Psicanálise que, com remover distúrbios psíquicos, remove-se automaticamente uma enfermidade funcional, e, até, uma doença orgânica. Provou a Homeopatia que, ao provocar-se experimentalmente uma enfermidade funcional, provoca-se, simultaneamente, variegado quadro mental, ornado de carregada tonalidade emocional. Da remoção dos distúrbios psíquicos, obteve a Psicanálise a cura de afecções somáticas. Da provocação de distúrbios funcionais, colheu a Homeopatia a manifestação de desequilíbrios psíquicos. De toda forma comprovado ficou, que, do ponto de vista fisiopatológico, o organismo se comporta como um todo psicossomático. Isso não significa, entretanto, que, pelo fato de ser a Homeopatia uma terapêutica psicossomática, o homeopata seja, necessariamente, adepto das teorias de Freud, nem da Psicanálise tal como é praticada. Não significa, mesmo, que o homeopata concorde com a chamada “Medicina Psicossomática”, que está, toda ela, decalcada nas conceituações freudianas. Significa, isso sim, que os discípulos de Samuel Hahnemann, tal qual o venerável fundador da Homeopatia, estão, historicamente, filiados à concepção hipocrática relativa à indissociabilidade que, sob o aspecto clínico, existe entre as manifestações mentais e as alterações corporais; indissociabilidade — diga-se de passagem que somente em determinados fenômenos mediúnicos é rompida, para maior autonomia do Espírito encarnado, e melhor atuação do Espírito desencarnado.

Todavia, como o que está em foco é o problema médico, quero, apenas, lembrar de que maneira a Homeopatia abordou a questão da correlação existente entre os distúrbios somáticos e as alterações do estado psíquico.

Como é notório, Hahnemann foi o primeiro investigador que ousou utilizar o próprio corpo humano, para estudar a ação dos medicamentos. Convicto de seu método, Hahnemann experimentou, em si mesmo, vários medicamentos, a fim de conhecer-lhes os verdadeiros efeitos. Ingerindo-os em pequenas doses diárias, provocando, gradativamente, a sensibilização do organismo, o abnegado auto-investigador foi acometido, no decurso de poucos anos, de várias “enfermidades medicamentosas”, com rico quadro sintomático, onde, par a par com os distúrbios funcionais, surgiam alterações da emotividade

e do psiquismo. À maneira do que ocorre na idiossincrasia, no experimento hahnemanniano, pequenas doses de medicamento despertam numerosos sintomas, alguns violentos, como se se tratasse de posologia tóxica, de tal forma que, para evitar maiores riscos, necessário se torna suspender a experiência. Contudo, armado de segura experiência pessoal, Hahnemann pôde orientar os discípulos, que, imitando o mestre, quiseram contribuir para o avanço da Homeopatia, investigando neles próprios novos medicamentos até então empiricamente conhecidos. E dessas memoráveis experiências, surgiram as “enfermidades medicamentosas”, ou, melhor, os “quadros patogenéticos” dos remédios homeopáticos. E é o conjunto desses quadros que constitui a Matéria Médica Homeopática — fonte da terapêutica hahnemanniana.

Ora, basta folhear, ao acaso, esse valioso repositório das investigações efetuadas no organismo do homem são, com a finalidade de descobrir os verdadeiros efeitos dos medicamentos, para que se veja imediatamente, de envolta com os sintomas funcionais provocados, inúmeras manifestações mentais anômalas.

Assim — medicamentos há, que, ao lado dos sintomas funcionais concernentes aos diversos sistemas e aparelhos, ocasionam, no auto-investigador, sintomas deste jaez: medo indefinido, sem motivo aparente, mas que perdura, a despeito do próprio doente raciocinar que não há lógica no caso — *Aconitum Nap.*; medo de sair à rua, só se sentindo seguro dentro de casa, acompanhado doutras pessoas; medo de dobrar as esquinas, pelo receio de que o prédio lhe caia em cima, e, por isso, só atravessa as esquinas passando pelo meio da rua; medo de subir em locais altos e, sobretudo, de contemplar, das alturas qualquer paisagem sentindo vertigem, se o tentar — *Argentum Nit.*...

Noutros medicamentos, o que ressalta sob o aspeto psíquico é a depressão, a melancolia, a emotividade exagerada, as crises de choro — *Ignatia Amara, Pulsatila* etc...

Também há medicamentos, como *Asarum eur.* que, experimentados *in homine sano*, provocam-lhe as mais aberrantes sensações, como a de levitação, durante a qual o paciente tem nítida impressão de flutuar em pleno ar, livre da atração da gravidade; ou, como ocorre com *Baptisia tin.* que, durante o experimento provoca, concomitantemente com profunda prostração, próxima do estupor, horrível sensação de que o corpo está dividido em pedaços, como se fora espostejado; outro remédio há — *Bovista* — que, experimentado no homem são, provoca-lhe a sensação de que a cabeça se lhe tornou exageradamente grande, obrigando-o a palpá-la, para convencer-se da ilusão!

Misturadas com as sensações de origem orgânicas, muitas outras existem, como a de que o paciente está prestes a enlouquecer, que provêm da sugestão telepática realizada durante a vigília, ou da sugestão post-hipnótica, efetuada, durante o sono, por Espíritos inamistosos.

A essas enfermidades, vulgarmente conhecidas com a denominação de “atuação espiritual”, eu denomino Espiritopatia.

Para distinguir, porém, as sensações de origem orgânica das sensações de origem espiritual, é imprescindível que haja, da parte do médico, pronunciada sensibilidade mediúnica. Isso, enquanto a Ciência não descobrir um aparelho que, detectando as vibrações do perispírito dos Espíritos, torná-los-á visíveis como se contemplados na TV; e, completando a descoberta, captará a vibração mental de cada Espírito, encarnado ou desencarnado, e transformá-la-á em voz, erradicando, deste modo, do nosso Planeta, não só o materialismo como o ceticismo no que tange à influência dos “mortos” sobre os “vivos”!

Mas, voltando à Homeopatia, convém frisar que o método experimental criado pelo gênio de Samuel Hahnemann deu oportunidade à observação de múltiplas sensações geralmente subestimadas na clínica, porque tidas e havidas como meras ilusões ou alucinações. Sem embargo, é inegável que a grande maioria das sensações observadas no experimento hahnemanniano tem base física; e a prova é que se repetem, sistematicamente, sob a influência farmaco-dinâmica de um mesmo medicamento toda vez que ele é utilizado, como contra-prova, em novos experimentos.

Todavia, o mais interessante é, que, senhor desses conhecimentos, se o médico aplicar a lei de cura, isto é, se prescrever para o doente o remédio que, no homem em estado hígido, provoca sintomas semelhantes, debelará rapidamente, quaisquer que sejam as doenças, sensações esquisitíssimas e distúrbios psíquicos, que costumam zombar dos medicamentos alopatícos.

Na verdade, para os que lutam pela disseminação da Homeopatia, tão ignorada ainda, é profundamente emocionante ouvir, como freqüentemente ouvem, entusiásticos depoimentos de doentes crônicos, já desiludidos da Medicina, os quais, depois de haverem sofrido, durante anos, cruciantes sensações, não raro negadas ou ridicularizadas, encontraram, finalmente, a cura definitiva na terapêutica do corpo e da alma — a Homeopatia!

Para ilustrar tudo que afirmei, citarei, apenas dois exemplos, dentre centenas de casos que poderia mencionar.

O primeiro refere-se a uma paciente trintona que, com olhar tresloucado e desatinada pela sensação que a perseguia, mal entrou em meu Consultório, desabafou-se nesses termos: “Doutor, o Sr. é minha última esperança; agora mesmo acabo de sair do Consultório do Professor X, que, mais uma vez, me repetiu o mesmo chavão, afirmando que tudo que eu sinto é fruto de minha imaginação! Mas eu juro, Doutor, que dia e noite, sinto a sensação de que uma gota d’água fria pinga em diferentes partes de meu corpo, inclusive dentro de meu coração e de meu cérebro! Se o Sr. não me curar, Doutor, já estou resolvida a suicidar-me!”

Como se infere, a situação era dramática. Mas como “senti”, junto à paciente, a presença de um Espírito inimigo, que a queria levar ao suicídio e como, na Homeopatia, há recurso para debelar a sensação acusada pela doente, pude, com toda convicção, afirmar à consulente que iria curá-la prontamente, exigindo, porém, uma condição: que ela rezasse diariamente em favor do Espírito que a perseguiu e que acabava de ser afastado dela pela intervenção de meus Protetores. A cliente prometeu fazer as orações por mim aconselhadas.

Ora, afastado o Espírito responsável pela Espiritopatia, com compulsão para o suicídio, Espírito que, além do “fluido vital” que lhe surripiava ainda lhe roubava grande parte da energia dos remédios prescritos pelos colegas que me antecederam, o organismo pôde receber, livremente, a energia curativa do remédio homeopático. E, de fato, com poucas doses de *Cannabis sativa* da trigésima dinamização, a paciente ficou radicalmente curada!

O segundo exemplo, diz respeito a uma paciente quarentona, que, a despeito de inúmeros tratamentos, sofreu durante mais de um decênio, de violentas crises de encefalalgia, agravadas com a perturbadora sensação de que se lhe abria “o tampo da cabeça”, e que “ia perder a razão”!

Ora, estribado na lei de semelhança, a lei de cura da Homeopatia, prescrevi para a paciente *Actea racemosa* da trigésima dinamização e a preveni de que deveria orar pelo Espírito que, até o momento em que ela entrou no Consultório, a acompanhava, mas que fora afastado compulsoriamente, dependendo a cura definitiva do amparo que, por intermédio de orações, ela desse àquele Espírito, que pretendia transformá-la numa psicopata. Com a obediência às minhas recomendações em favor de seu perseguidor, a paciente não temeu mais “perder a razão”; e com o remédio que lhe prescrevi não só ficou curada da cefalalgia como da sensação de que se lhe abria o “tampo da cabeça”!

Do que foi dito, deve concluir-se que, havendo Espiritopatia, os remédios só se tornam atuantes, com o prévio afastamento do Espírito responsável por apreciável porcentagem dos sintomas que constituem o quadro clínico do doente. Pouco importa que, no presente, tais assertivas pareçam fabulosas. Amanhã, quando a Homeopatia e o Neoespiritismo estiverem de mãos dadas, em benefício da humanidade sofredora, serão verdades científicas!

A Homeopatia cura vertigem de Ménière

O preconceito contra a Homeopatia ainda é maior do que se poderia imaginar. Aliás, quando, em 1936, deslumbrado pelo efeito espetacular da medicação homeopática numa infecção, que, havia doze meses, vinha ameaçando a vida de minha esposa, resolvi estudar a doutrina hahnemanniana, já previa os óbices que se me deparariam na prática. Contudo, nunca me arrependi de ter sacrificado grande clientela, conquistada no campo da Alopatria, em alguns anos de luta diuturna. E, desapegado como sempre fui dos bens materiais, pouco se me deu o prejuízo que tive, principiando, novamente, a vida profissional, depois de ter estado muito próximo daquilo que, para outros, seria vitória à vista. O que me interessava, acima de tudo, era ficar bem com minha consciência profissional. Se a Homeopatia, contrariamente a tudo que ouvia comentar, atuava com tamanha presteza, deveria merecer maior consideração. E todo médico, que, como eu, obtivesse a prova dessa eficiência, estava moralmente obrigado a estudá-la. De modo que, ao converter-me à Homeopatia, nada mais fiz do que cumprir um dever. De resto, força é confessar que, para compensar a árdua luta contra os falsos conceitos, que circulam não só nos meios científicos como em algumas camadas sociais, a Homeopatia, nesses longos anos em que a exerço, tem me proporcionado momentos de inolvidáveis emoções, pelas curas que pude realizar. Curas que se efetuaram inclusive no seio de minha família, onde nunca foi necessário recorrer à Alopatria, a despeito do avanço ultimamente verificado naquela terapêutica. Não obstante, porém, sua comprovada eficácia, o fato é que muita gente ainda duvida, do valor da terapêutica criada pelo gênio de Samuel Hahnemann. E o pior é que, para estimular tais dúvidas, muito tem concorrido a desorientação com que, entre nós, se pratica a Homeopatia. Via de regra, os doentes ou seguem os conselhos de amigos que se curaram com determinados remédios homeopáticos, ou consultam o farmacêutico.

Outros, confiantes na inocuidade dos medicamentos e iludidos quanto as dificuldades para correta prescrição, compram livros exageradamente sucintos e, por eles, passam a receitar ousadamente, esquecidos de que todo o segredo do sucesso da Homeopatia reside na correta aplicação da lei de semelhança, meta que só se alcança quando se conhece a difícilíssima Matéria Médica Homeopática. Portanto, receitar remédios homeopáticos não é tarefa fácil; ao contrário, é problema muito complexo — tão complexo que conheço colegas alopatas que,

depois de haverem feito o curso de Homeopatia, sentiram, durante muito tempo, tanta dificuldade em selecionar o medicamento indicado em cada caso que preferiram, muitas vezes, recorrer ao tratamento alopático, muito mais fácil de ser prescrito. Não há de ser, portanto, com remédios indicados por leigos que se fará a prova do valor da terapêutica homeopática. Isso é um ponto que deve ficar bem claro. O tratamento homeopático exige a presença do médico, único que saberá fazer o diagnóstico do remédio individual indicado, para cada paciente e selecionado de acordo com a totalidade dos sintomas. Ora, ainda que se admita que um leigo culto e inteligente possa conhecer a Matéria Médica Homeopática, assunto árido e complexo, não é provável que um consulente lhe vá confiar o segredo de certos males — segredos que só se revelam aos médicos, porque, além do juramento que fazem por ocasião da colação de grau, estão sujeitos a um Código de Ética. Ora, desconhecendo sintomas que o consulente não lhe quis confiar, o terapeuta amador, por mais atilado que seja, está desarmado para selecionar o remédio indicado no caso que pretende curar. Conseqüentemente, sua receita de nada valerá. A menos que o leigo seja médium receitista, hipótese na qual a receita será proveniente de um médico homeopata desencarnado. Posto que o fato, de acordo com pesquisas por mim realizadas durante muitos anos, seja autêntico, é tão raro que, embora sirva para provar a sobrevivência do médico que assiste o médium, não influi na clínica terrena, que permanece como apanágio dos diplomados em Medicina.

Na verdade, a solução para quem quer tirar o máximo proveito da Homeopatia é recorrer ao médico, sem perder tempo com curiosos, os quais, longe de contribuírem para a exaltação da Homeopatia, só contribuem para prejudicá-la, levando-a a constantes derrotas e à má conceituação de curar devagar!

Todavia, ao lado dessa má aplicação da Homeopatia, feita por leigos, há, na clínica homeopática, outros fatores negativos que o Médico deverá superar. Um deles é o estado de intoxicação medicamentosa observada em muitos pacientes que, desiludidos do tratamento alopático, vêm buscar lenitivo na Homeopatia. Nessas condições, muitos sintomas importantes, do ponto de vista homeopático, estão provisoriamente ausentes pela ação retardada de drogas violentas, de modo que o quadro clínico do paciente se nos antolha truncado, apresentando-se nos a doença como que mascarada, fato que dificulta sobremodo a seleção do remédio individual — o único que cura rapidamente!

Eis um exemplo. Certa vez, fui chamado para atender uma paciente, com repentino distúrbio do labirinto. Retida, imóvel, no leito, com constantes tonturas acompanhadas de sensação vertiginosa, a paciente, curiosa em matéria de Homeopatia, a despeito da medicação que em si mesma vinha fazendo, continuava a piorar cada vez mais

durante quarenta e oito horas seguidas. Encontrei-a já bastante apavorada com a vertigem de Ménière que se lhe manifestou e que estava desafiando seu charlatanismo vocacional! Bastou, porém, que, em vez dos remédios que vinha tomando, por conta própria, passasse a usar, de acordo com minha prescrição *Natrum salicylicum* 30, na dose de duas pastilhas de duas em duas horas, para que, no mesmo dia, todos os sintomas cessassem como que por encanto!

**A Homeopatia cura consecutivamente:
labirintite — amigdalite aguda — angina pultácea
— edema angioneurótico do laringe —
desenteria bacilar — difteria nasal e paraplegia!**

Crianças há, que, a despeito de todas precauções, vivem atormentadas por sucessivas infecções da garganta. Infecções tão freqüentes, em certos casos, que, como afirmou Lust, afamado pediatra alemão, “os intervalos apiréticos podem ser, às vezes, mais curtos do que os períodos de febre”.

Embora poucos órgãos estejam tão sujeitos à inflamação quanto a garganta, ou melhor — o anel linfático de Waldeyer, de vez que participa do quadro de diversas doenças infecciosas, tais como a gripe, o sarampo, a escarlatina, a rubéola, a meningite, a poliomielite anterior aguda etc., o fato é que, independentemente dessas moléstias, em certas crianças, as inflamações de garganta se lhes manifesta com irritante pertinácia, zombando da terapêutica e acarretando hipertrofias tão volumosas que podem, até, dificultar a deglutição.

Excusa dizer que, após o fracasso do tratamento clínico, a criança dificilmente escapará à exérese das amígdalas, pois ao cirurgião não faltarão argumentos em prol da extração do órgão degenerado, e, por conseguinte, inútil e perigoso.

Conquanto não seja especialista no assunto, julgo oportuno focalizar o problema, por dois motivos: primeiro, porque, como é notório, a Homeopatia cura grande porcentagem de amigdalites hipertróficas; segundo, porque tenho idéias próprias a respeito da misteriosa reincidência dos processos inflamatórios da garganta, nas crianças constitucionalmente predispostas.

Em virtude do tratamento homeopático ser individual, e não específico, como se poderia imaginar, a clínica homeopática abrange grande variedade de enfermidades, muitas das quais estão enquadradas nas especialidades médicas. Em conseqüência disto, o homeopata, honestamente adstrito ao método hahnemanniano, vê-se obrigado a invadir territórios, que, na Alopátia, constituem apanágio de especialistas. Nessas condições, desde que, há mais de 30 anos, me converti à Homeopatia, tenho estado freqüentemente em contato com muitos doentinhos afetados de rinofaringite e de amigdalite.

Com essa longa experiência clínica, pude chegar à conclusão de que a principal causa predisponente, nas mencionadas enfermidades, é, sem a menor dúvida, o fator emocional, o qual pelos distúrbios nervosos nele implicados, determina a queda da imunidade e, conseqüentemente, facilita a deflagração de reiteradas infecções da garganta, máxime nas crianças medrosas.

Aliás, não é preciso ser nenhum portento para perceber que são precisamente as crianças de temperamento nervoso, e tímidas, que adoecem, com maior frequência da garganta. E se houver acurada investigação junto aos membros da família, apurar-se-á que, na maioria dos casos, a amigdalite aguda explode poucas horas depois de um choque emocional ocasionado pelos gritos ameaçadores da mãe ou pelas palmadas do pai ou, mesmo, pela emoção causada por um folguedo inadequado ao temperamento da criança. Outras vezes, a emoção prejudicial é inevitável porquanto resultante de quedas ou de brigas com companheiros valentões.

De toda forma, porém, nas infecções de garganta, há, indefectivelmente, a participação do fator emocional — quase sempre o susto ou o pavor.

Outrora, quando orientava meus clientes neste sentido, talvez me pudessem argüir de estar a inventar teorias, sem base experimental. Hoje, porém, penso que tal objeção já não se justifica. De fato, não só as investigações de cientistas russos, sob a orientação de Speransky, diretor do Departamento de Fisiopatologia do Instituto de Medicina Experimental da União Soviética, como as pesquisas de cientistas franceses, sob a orientação de Reilly e Tardieu, as primeiras, referentes ao Sistema nervoso cérebro-espinhal, e as segundas, adstritas ao Sistema nervoso vegetativo, todas confirmaram que, ao contrário do que se supunha outrora, a participação do Sistema nervoso é fundamental na eclosão das infecções. De modo que, na etiologia das moléstias infecciosas, a influência do Sistema nervoso é na verdade, mais importante do que a do micróbio patogênico!

Com efeito, valendo-se de várias técnicas, os investigadores franceses provocaram, por intermédio de “reflexos de irritação”, reações do Sistema nervoso vegetativo, que modificaram inteiramente o processo inflamatório, de tal forma que ora reforçavam as defesas do organismo a ponto de torná-lo invulnerável à ação dos mais perigosos microrganismos, ora alteravam de tal jeito o meio interno que germes banais, absolutamente inócuos, adquiriam surpreendente exaltação da virulência, determinando infecções mortais. Exemplo: a inoculação duma cultura de bacilos tíficos nos gânglios mesentéricos do rato, ou da cobaia, provoca uma infecção mortal, contra a qual não prevalece a prévia imunização do animal — fato de indisfarçável gravidade. Não obstante, se, depois da inoculação, se submeter o nervo esplâncnico à faradização, nada acontecerá — fato mais extraordinário ainda!

Na verdade, como comprovaram as investigações de Reilly, Rivalier, Compagnon e outros, a excitação elétrica do nervo determina fantástica aceleração do processo inflamatório, com admirável incremento da diapedese e da fagocitose, findando pela rápida esclerose dos gânglios injetados!

Como se infere, o estímulo nervoso multiplica os meios de defesa, liquidando os germes patogênicos.

Agora, o reverso da medalha. A inoculação subcutânea duma cultura de *Proteus vulgaris*, micróbio inofensivo, provoca, apenas, ligeira reação inflamatória, rapidamente curável, até sem medicação alguma. Sem embargo, se, antes da inoculação, se fizer a faradização do nervo esplâncnico, aparecerá grave peritonite purulenta, que poderá resistir a todo tratamento!

Como se vê, do confronto dessas investigações, uma servindo de contra-experiência da outra, é fácil concluir a importância do Sistema nervoso na gênese dos estados mórbidos, inclusive das doenças infectuosas. Ainda mais: como acentuou Tardieu, “a reação nervosa não obedece a nenhuma finalidade — tanto pode ser útil como perigosa, tudo dependendo de sua intensidade”. Vale dizer que o Sistema nervoso, consoante o grau de excitação, tanto pode impedir como provocar uma infecção, fato de suma importância para a tese que defendo.

De fato, para explicar a eclosão das infecções endógenas, hoje um tanto desprezadas, afirmam Reilly e Laplane que a “irritação nervosa”, perturba o regime circulatório, determina isquemia prolongada, ocasiona perturbação da permeabilidade capilar e infiltração hemorrágica, alterando, assim, a nutrição dos tecidos e criando condições favoráveis à multiplicação, *in situ*, dos germes porventura aí existentes, em vida latente.

Ora *mutatis mutandis*, é exatamente isso que, em minha opinião, acontece em relação ao rino-faringe e, particularmente, em relação às amígdalas quando, ao invés da faradização, a “irritação nervosa” se dá em virtude de violento choque emocional! O germe que lá estava sem causar nenhum mal encontra ambiente para multiplicar-se, infectando o organismo.

Em verdade, discute-se até hoje se as amígdalas são órgãos de defesa, ou portas de entrada para micróbios patogênicos. O fato de encontrar-se, amiúde, na superfície das amígdalas, sem lhes causar qualquer dano, numerosos micróbios patogênicos fala em favor da hipótese que as considera como barreira defensiva do organismo. Por outro lado, o fato, também comprovado, de haver infecções gerais, originadas de focos amígdalianos, obriga a admitir a co-participação desses órgãos na gênese de várias enfermidades, algumas muito graves.

Ora, admitido que a interferência do Sistema nervoso tanto pode ser no sentido de aumentar como no de diminuir a defesa do organismo, claro se torna por quê, em certos casos, germes perigosos permanecem inativos nas amígdalas; e, noutros casos, germes inofensivos, de repente, adquirem perigosa virulência e invadem o organismo, para determinar uma doença à distância. Tudo dependerá do nível de excitação do Sistema nervoso, ou do grau de emotividade do paciente.

Em havendo vasodilatação, com maior afluxo sanguíneo, os fagócitos, ou células comedoras de micróbios, se encarregarão da defesa orgânica. Mas se, ao contrário, houver demorada vasoconstrição, com prejuízo da diapedese e da fagocitose, o micróbio, por banal que seja, pode encontrar campo para desenvolver-se, originando grave infecção, local, ou geral.

Toda gente sabe, na verdade, que os estados emocionais atuam intensamente sobre a circulação. Basta lembrar o rubor da raiva ou da encabulação e a lividez do medo, fenômenos corriqueiros, que, sem fazer blague, se pode afirmar — estão na cara!

Ora, admitindo-se que os choques emocionais, à guisa do que acontece na face, provoca, nos vasos da garganta, violenta vasoconstrição, a qual modifica as condições locais, obstando a fagocitose e simultaneamente, diminuindo, a vitalidade dos tecidos, evidente se torna que o susto e o medo podem provocar, conforme é minha convicção, graves infecções, quaisquer que sejam os microrganismos ali acantonados!

Aliás, que é o Sistema nervoso que, em última análise, determina o quadro mórbido prova-o o fato de um mesmo micróbio, como, por exemplo, o estreptococo, provocar quadros clínicos totalmente diferentes; e, reciprocamente, micróbios diferentes, como o estreptococo e o estafilococo, originarem, muitas vezes, quadros clínicos exatamente idênticos!

Logo, não só nas infecções da garganta como em todas as doenças infectuosas, não é o tropismo do microrganismo — é o ponto de menor resistência, determinado pelo prévio desequilíbrio do Sistema nervoso que configura o quadro mórbido. Por isso, é recomendável, máxime nas crianças de temperamento nervoso, evitar, tanto quanto possível, superexcitações psíquicas e fortes choques emocionais — choques emocionais e superexcitações psíquicas que, alterando o equilíbrio vital do Sistema nervoso, além de favorecerem a invasão de microrganismos patogênicos, com manifestação de graves infecções, podem causar sérios distúrbios do próprio Sistema nervoso, como a gaguez, a mudez e, até, paresias ou, mesmo, paralisias e, com maior frequência, a paraplegia!

Na verdade, os remédios homeopáticos curam, com presteza, todas as doenças curáveis, sejam elas infectuosas ou não, exatamente porque a energia curativa das doses infinitesimais, sob a ação da lei de semelhança — a lei de cura homeopática é atraída pelas vibrações anômalas das células enfermas de todos os tecidos e órgãos afetados no processo mórbido; atração essa que, conforme a potência da dinamização, será efetuada diretamente por intermédio do Sistema nervoso, ou indiretamente com ajuda dos catalisadores biológicos.

Passando, agora, da hipótese por mim aventada, aos fatos clínicos, vou apresentar um exemplo, cuja recordação ainda me compunge o

coração, mas que é muito elucidativo no que concerne aos prejuízos causados por determinados folguedos, sobretudo em crianças de temperamento nervoso, geralmente médiuns precoces e, por isso mesmo, dotados de Sistema nervoso hipersensível e lábil e, por conseqüência, sujeito a fácil desequilíbrio.

Trata-se de um filho, na época com 7 anos de idade, cujos sucessivos quadros clínicos foram acompanhados *pari passu* e carinhosamente tratados, durante 45 dias consecutivos.

A tragédia, que pôs à prova a Homeopatia, principiou quando o menino, a despeito de ser muito tímido e, conseqüentemente, sujeito a sofrer, sempre que, por motivos inevitáveis, se assustava ou se apavorava, violentas crises de amigdalite ou de angina, insistiu, obstinadamente, em aprender a andar de bicicleta.

Consultado sobre a pretensão do filho, opinei que, dada a sensibilidade de seu Sistema nervoso — sensibilidade que é apanágio dos médiuns altamente dotados, como ele, depois da puberdade, demonstrou ser — não julgava oportuna a aprendizagem.

Com efeito, longa prática no campo da Pediatria, me havia convencido de que os equilíbrios corporais, aliados a fortes emoções provocadas pelo medo de quedas iminentes, e, com mais forte razão, pelos sustos das quedas ocorridas, podem acarretar, nas crianças medrosas, além de graves distúrbios nervosos, perigosas infecções, máxime da garganta, deflagradas em conseqüência da queda da imunidade natural.

Não obstante minha advertência, eu próprio me vi forçado a transigir, tão traumatizado se mostrou o menino em face da frustração de seu ardente desejo.

Alugada a bicicleta, durante uma hora ininterrupta o menino sofreu fortíssima tensão emocional, para manter-se equilibrado em duas rodas ao preço de sucessivas quedas e de algumas arranhaduras, apesar de ter sido ajudado o tempo todo por zelosa serviçal. E, infelizmente, ao regressar à casa, o menino já dava inequívoca demonstração de quanto lhe foram prejudiciais as peripécias da acidentada aprendizagem. De fato, queixando-se de tonturas e de náuseas, o menino não quis jantar e não tardou a ir para a cama.

Ao chegar do Consultório, fui cientificado da lamentável ocorrência e pressenti a agravação do distúrbio do labirinto, partindo dos olhos e dos centros do equilíbrio corporal, localizados no ouvido interno. Mas, como o menino havia adormecido, preferi não medicá-lo imediatamente, para não interromper-lhe o repouso, utilíssimo em tais emergências. Durante a noite, agravou-se-lhe o quadro clínico. Além da labirintite, que lhe causava estado vertiginoso, não só nos deslocamentos da cabeça como, até, nos movimentos horizontais do globo ocular, obrigando-o a permanecer imóvel, em decúbito dorsal, manifestou-se-lhe forte dor de ouvido.

Medicado, porém, durante a noite toda, com *Natrum sulph.* C30 e *Pulsatilla nig.* C30, na dose de 2 pastilhas de hora em hora, o menino amanheceu completamente curado, não só da otalgia como da Síndrome de Ménière.

Mas a alegria durou pouco. Durante o dia, o menino principiou a queixar-se de dificuldade de deglutição, acusando, ao engolir, forte dor, como se tivesse uma espinha de peixe enterrada na garganta. A temperatura não tardou a elevar-se. A inspeção mostrou pequena placa de pus em ambas as amígdalas. Era a amigdalite pultácea. E não havia tempo a perder. Prescrevi os seguintes remédios *Aconit. nap.* C30 e *Hepar sulph.* C30, na dose de 2 pastilhas, alternadamente, de hora em hora. Não obstante, no dia seguinte, o problema se agravara — a infecção atingiu a faringe: manifestou-se a angina pultácea e a temperatura manteve-se entre 39 e 40 graus. Prossegui com a mesma medicação. No dia seguinte, a temperatura desceu para 38 graus e os pontos de pus diminuíram. Contudo, já se notava a glote edemaciada, prenúncio do edema do laringe, que, noutra ocasião, ameaçara asfixiar o menino, salvando-o, porém, a Homeopatia. E, de fato, cerca de duas horas mais tarde, toda a garganta estava afetada, com extenso e perigosíssimo edema angioneurótico! De resto, a glote e a epiglote se nos afiguravam constituídas de substância gelatinosa, com exsudação de um líquido sanguinolento, de consistência glutinosa, que, a cada momento, ameaçava asfixiar o querido paciente!

Em face da modificação do quadro laringológico, acrescentei aos dois remédios em uso, mais dois — o *Kali carbo.* C30, para ser tomado, alternadamente com o *Aconit. nap.* C30 e o *Hepar sulph.* C30, e o *Apis mel.* C200 para ser tomado, na dose de 2 gotas, num cálice d'água, uma vez por dia, à hora de dormir.

Em face, porém, da gravidade da situação, solicitei a presença de um otorrinolaringologista, o qual, em desacordo com minha opinião, diagnosticou abscesso da amígdala e só protelou a intervenção cirúrgica para o dia seguinte, porque reconheceu que, com a mucosa edemaciada daquela maneira seria difícil a hemostase, havendo o risco de hemorragia fulminante! Além disso, como o menino, desde que nasceu, sempre fora tratado, exclusivamente, pela Homeopatia, o especialista concordou comigo que qualquer antibiótico por ele prescrito, poderia provocar um choque fatal pela agravação do edema. Ficou, pois, estabelecido que eu continuaria com a iniciativa do tratamento, até haver possibilidade duma intervenção cirúrgica, para esvaziamento do abscesso.

Mas, graças a Deus, com a assistência de Espíritos curadores, que, por intermédio da mediunidade de minha primeira esposa, mãe do menino, deram “passes” e prepararam “água irradiada” para reforçar o perispírito e, dessa forma, equilibrar o Sistema nervoso do querido

paciente, os mesmíssimos remédios, que, dada a queda de imunidade natural do doente, vinham agindo, morosamente, até aquele momento, passaram a atuar com presteza, eliminando o edema e debelando a infecção em menos de 12 horas! De modo que, no dia seguinte, ao voltar para operar o menino, o otorrinolaringologista, encontrando-o praticamente bom, ficou abismado com a rapidez da cura; e mais — convencido de que, conforme eu lhe afirmara, não havia abscesso da amígdala e sim enorme edema angioneurótico do laringe, confessou-me, lealmente, que, se houvesse operado o menino, a hemorragia poderia ter sido mortal!

Mas, apesar de ter sido curado, sucessivamente, da otalgia, da síndrome de Ménière, da amigdalite aguda, da angina pultácea e do edema angioneurótico do laringe, não findara, ainda, a provação do menino — nem a de seus pais!

Decorridos dois ou três dias, o menino, novamente, sentiu-se muito indisposto, com náuseas, cefaléia, arrepios de frio e a temperatura elevou-se a 39 graus. Concomitantemente, começou a evacuar, com espantosa freqüência, dejeções aquosas e fétidas, em número superior a vinte vezes por dia.

Feito o exame de laboratório, ficou confirmada, de acordo com a nomenclatura da época, a presença do bacilo de Shiga-Kruse. Era a disenteria bacilar! Prescritos, no entanto, os remédios homeopáticos — *Arsenicum alb.* C30 e *Veratrum alb.* C30, na dose de 2 pastilhas de 2 em 2 horas, alternadamente, as melhoras não tardaram, de modo que, ao fim de três dias, o menino estava curado.

Contudo, a bonança pouco durou.

Decorridos quatro ou cinco dias, o menino queixou-se de dor de cabeça e, depois de alguns calafrios, a temperatura se lhe elevou, atingindo a 39 graus em menos duma hora. Mas não havia nenhum sinal clínico. O sintoma que mais o importunava, além da dor de cabeça, era a secura da mucosa bucal, que o levava a reclamar água, a cada momento. A língua saburrosa no centro, com uma listra vermelha em cada bordo, não tardou a tomar o “aspeto de framboesa”. Manifestou-se-lhe, também, a angina, com deglutição dolorosa e infarto dos gânglios linfáticos retro e submaxilares. Ao fim de mais dois dias, apareceu o exantema característico da escarlatina, com uma intensidade comparável à que eu, só havia visto em alguns ingleses, que, adoecidos a bordo, foram internados no hospital marítimo de isolamento, o Paula Cândido, em Jurujuba, do qual ainda acadêmico fui Interno durante quatro anos.

Foi, de fato, uma infecção muito violenta, cujo período final provocou nas mãos e nos pés, descamação de extensos retalhos de pele, comparáveis a “luvas” quase completas das mãos e a “moldes” bastante perfeitos dos pés! A cura completa se processou em menos de

vinte dias, compreendido o período descamativo. Durante a fase aguda, o remédio foi unicamente *Belladonna* e, na descamação, *Arsenicum album*, ambos da trigésima dinamização, tomados, alternadamente, de duas em duas horas.

Todavia, a nossa provação não estava terminada. Convalescente, ainda, da escarlatina, — e comprovando, mais uma vez, quanto os desequilíbrios do Sistema nervoso afetam as defesas orgânicas, — o menino principiou a queixar-se dumas “peles” que lhe entupiam as narinas, dificultando-lhe a respiração. Logo que pude observar tais “peles”, compreendi o perigo de contágio para os outros filhos. Levadas ao Laboratório, tive a confirmação por mim esperada — Difteria nasal!

Como a escarlatina estava curada e, apenas, em fase terminal de descamação, suspendi o *Arsenicum album* e, em seu lugar, prescrevi — *Mercurius cyanatus* C30, remédio que, 48 horas fez desaparecer as membranas provocadas pela Difteria. Contudo, a terrível toxina do *Corynebacterium diphtheriae* havia deixado, no menino, terrível seqüela — a paralisia!

Com efeito, uma semana depois de curado da Difteria, o menino principiou a queixar-se de “bambeza” das pernas, hipotonia muscular que se agravou celeremente, transformando-se em paraplexia!

Contudo, confiante em Deus e convicto do valor da Homeopatia, mais uma vez lutei para curar o filho tão amado! Prescrevi-lhe dois remédios — *Gelsemium semp.* C200 e *Conium mac.* C200, para tomar, do primeiro, 2 gotas diariamente em jejum; e, do segundo, 2 gotas diariamente ao deitar-se. Com esta prescrição, tive a fortuna de ver o filho totalmente curado, em quinze dias de tratamento! E, desta vez, definitivamente, para glória da Homeopatia!

A Homeopatia cura intoxicação crônica pelo estanho

Além de outras vantagens, o tratamento homeopático oferece maior garantia, não só porquê a terapêutica se estriba numa lei de cura, como pelo fato de haver mais precisão no conhecimento da ação dos medicamentos.

De fato, como é notório, a escola alopática realiza as investigações farmacológicas nos chamados “animais de laboratório” — a cobaia, o rato branco, o coelho, etc., — ao passo que a escola homeopática, valendo-se de método original, efetua os experimentos no próprio organismo humano, em estado hígido.

Lidando, na verdade, com doses tóxicas ou, pelo menos, subtóxicas, a escola alopática, a menos que quisesse arriscar-se a um homicídio, não poderia colher os dados da Farmacologia Experimental diretamente do organismo humano. Todavia, esporadicamente, costuma realizar um arremedo de experiência no corpo humano: é quando emprega, no doente, um medicamento novo, de ação pouco conhecida; ou quando prescreve medicamentos empíricos, tradicionalmente prestigiados pelo uso popular. Num ou noutro caso, porém, pouca utilidade terão os frutos dessa observação, porque, de toda forma, os efeitos do medicamento se misturarão com os sintomas da doença, formando, no conjunto, uma trama inextricável, de modo que, no fim, não se sabe o que é efeito do medicamento experimentado e o que é sintoma da doença existente.

De resto, o efeito de um mesmo medicamento varia segundo é empregado no homem doente, ou no homem sadio. Haja vista o que sói acontecer com os antipiréticos. Prescritos nos casos de hiperpirexia, quando a temperatura está muito elevada, fazem baixar a febre rapidamente. Ingeridos, porém, quando a temperatura é normal, nenhuma queda provocam no termômetro. Donde se infere que os efeitos das substâncias medicinais empregadas no organismo enfermo não traduzem exatamente a ação das drogas sobre o corpo humano, mas, tão somente, um modo particular de reação do organismo em estado patológico.

É verdade que, para os fins da terapêutica alopática, tal conhecimento basta. O que interessa, sob o aspeto clínico, é que o medicamento baixe a febre. Se toda a ação da droga se restringe, ou não, em combater a pirexia, isso pouco importa. No caso, o único escopo é extinguir a febre — fato que não significa, — diga-se de passagem, — a cura do doente, nem mesmo, muitas vezes, a melhora do estado geral, porquanto, forçada a queda da temperatura, pode ocorrer o óbito fase de apirexia!

O curioso é que, sob a alegação de que a Homeopatia é terapêutica sintomática, os alopatas costumam desprezá-la. Não obstante, exceção feita para o emprego dos antibióticos, que se orienta pelo espectro microbiano, o tratamento alopático é, quase sempre, sintomático; ao passo que, o tratamento homeopático, pelo fato de eliminar, simultaneamente, a totalidade dos sintomas mórbidos, cura, automática e integralmente a doença.

De resto, como já disse, os conhecimentos farmacológicos da Medicina oficial provêm de investigações realizadas em “animais de laboratório”. Sem subestimar a significação que, sob certos aspetos, podem assumir essas pesquisas, é preciso ressaltar, no entanto, um fato da máxima importância clínica: é que os diferentes animais reagem diferentemente à mesma droga, de sorte que, nem sempre são comparáveis os dados experimentais obtidos em tais condições. Assim: a morfina exerce ação letárgica sobre o cão; mas, no gato, tem efeito excitante. A cafeína provoca contraturas tetânicas nos músculos da perereca, e, no entanto, nenhum efeito aparente exerce sobre a musculatura da rã. O sapo é refratário aos efeitos da *Digitalis purpurea*; em compensação, a rã é muito sensível aos princípios ativos dessa planta. O coelho pode ingerir, impunemente, uma quota tão grande de folhas de *Belladonna* que a carne se torna tóxica para o homem. O rato é imune à difteria, a galinha ao carbúnculo e o gato à tuberculose. Em compensação, outros animais existem que são muito sensíveis às toxinas dos micróbios dessas doenças, como é o caso da cobaia, em relação ao bacilo da tuberculose. Em suma, como afirmou, em lição inaugural da Faculdade de Montpellier, o Prof. Vires: “O animal tem sua especificidade, como o homem possui a sua. As experiências sobre os animais, portanto, só têm valor para os animais, e para cada variedade de animal. *A fortiori*, não é possível estabelecer exato paralelismo entre os resultados das experiências no animal e no homem. A experiência só vale para cada animal”.

Com efeito, em apoio das assertivas do Mestre alopata, os fatos confirmam que, se, no estudo de dada substância supostamente medicinal, nos limitarmos à observação feita em uma única espécie de animal, podemos chegar a resultados contraditórios e, até, perigosos.

De fato, uma substância que, no animal, demonstrou ser inteiramente inócua, injetada ou, mesmo, ingerida pelo homem, pode revelar-se altamente tóxica e, até, matá-lo!

Sirva-nos de exemplo a *Belladonna* e seu alcalóide — a atropina. A cabra, o carneiro, o porco, o coelho, o pombo, o cavalo, o macaco e outros animais podem comer impunemente várias bagas de *Belladonna*. Mas o elefante, a despeito de seu tamanho, morrerá se comer, no máximo, quatro bagas da conhecida solanácea.

Vale dizer que, se um investigador, estribado, por exemplo, na inocuidade da *Belladonna* para o coelho, der ao seu elefante de estimação, cinco bagas de *Belladonna*, perdê-lo-á, fatalmente, envenenado.

Mutatis mutandis, se um investigador, depois de haver inoculado subcutaneamente, num coelho, vinte e cinco centigramas de atropina, sem o mínimo prejuízo, confiado nesse dado, aplicar num homem idêntica dose, matá-lo-á incontinente, pois, para o óbito bastariam cinco miligramas do violento alcalóide!

Aliás, o fato se reproduz, também, no campo da Microbiologia.

Se, para conhecer, por exemplo, a ação do micróbio do carbúnculo, um investigador o inoculasse na galinha, refratária à perigosa doença, chegaria, erradamente, à conclusão de que o bacilo é inócuo; e se, ao depois, confiado na inocuidade para a ave, injetasse, num homem, algumas gotas da cultura do *Bacteridium anthracis*, contamina-lo-ia, sem a mínima dúvida, com carbúnculo!

Donde se infere que: os elementos colhidos nas investigações realizadas em “animais de laboratório”, nem sempre se ajustam exatamente ao homem.

Contrastando com a Medicina oficial, a Homeopatia erigiu sua terapêutica em bases mais verossímeis — o experimento *in homine sano*, idealizado por Samuel Hahnemann. Nesse experimento, realizado em auto-experimentadores em perfeito estado hígido, empregam-se doses inofensivas e, repetindo-as diariamente, estimula-se a sensibilização do organismo, a ponto de provocar a idiossincrasia pela substância medicinal em experimentação.

Dessa maneira, ao contrário do que ocorre na alergia, cuja sintomatologia é, sempre, restrita, manifesta-se, no auto-experimentador, rico quadro sintomático, esboço de intoxicação ou de doença artificial, o quadro patogenético ou, simplesmente, a patogenesia do medicamento homeopático — fundamento da Matéria Médica e fonte da terapêutica hahnemanniana.

Contrariamente, pois, ao que sucede com os “animais de laboratório”, o auto-experimentador pode expressar e registrar em suas anotações, feitas em ordem cronológica, todos os sintomas subjetivos, todos os distúrbios funcionais, todos os desequilíbrios emocionais e todas as alterações mentais que se lhe manifestaram durante o tempo do experimento. E isso é muito importante, do ponto de vista homeopático, porque a lei de cura é aplicada com base na totalidade dos sintomas de cada doente, independentemente do diagnóstico da doença que o afete. Donde se infere que o tratamento homeopático é, sempre, individual e, conseqüentemente, não pode haver específicos na Homeopatia. Nem adianta dar para um doente o remédio que fez bem a outro. É imprescindível que o remédio ou, conforme o caso, os remédios, sejam selecionados ou, melhor, “diagnosticados” para cada paciente, tarefa da qual somente o médico homeopata saberá desincumbir-se.

Outro fato muito importante é que, aplicada que seja a lei de semelhança, o organismo enfermo reage com ostensiva hipersensibilidade à ação do remédio, de modo que doses infinitesimais atuam com assombrosa presteza e realizam curas admiráveis, ao passo que doses químicas, antes de efetuarem a cura, provocam desagradáveis agravações medicamentosas. Vale dizer que, na Homeopatia, as doses infinitesimais curam mais depressa do que as doses ponderáveis!

Comparada a hipersensibilidade provocada pela aplicação da lei de semelhança à alergia, poder-se-ia dizer que o doente está para o remédio homeopático como o alérgico está para o alérgeno. Conseqüentemente, bastaria a hipersensibilidade do doente ao remédio, para justificar a dose homeopática, ainda hoje ridicularizada pelos que não têm a mínima idéia do que seja a Homeopatia!

Aliás, fora do campo da Alergia e independentemente da aplicação da lei dos semelhantes, casos há em que o organismo denota estranha idiosincrasia a determinadas drogas medicinais. É o caso, por exemplo, em que, pequenas doses de atofan provocam hepatite tóxica; e doses moderadas de quinina causam tonturas e vertigens, num simulacro de Doença de Ménière...

Contudo, ainda aqui, está patente a diferença entre as duas escolas médicas. Enquanto na Alopatria a idiosincrasia constitui indesejável óbice à prescrição do remédio, na Homeopatia, enriquece o quadro experimental da substância medicinal e, por conseqüência, facilita a aplicação da lei de cura!

Por outro lado, para mostrar a universalidade da lei de cura, que rege a terapêutica homeopática, basta atentar, dentre muitos outros, no fato de que são, exatamente, os antipiréticos, isto é, os remédios que combatem a febre, que, em havendo hipersensibilidade do paciente, provocam hipertermia!

Noutros termos: o medicamento que, no estado febril, abaixa a temperatura, no organismo com temperatura normal, desde que haja hipersensibilidade, provoca febre. E como a recíproca também é verdadeira, evidente se torna que, à maneira do que acontece com todos os estados mórbidos, a febre se cura com um remédio que, no homem são, provoca febre!

Tudo isso, demonstra a autenticidade do postulado — *Similia similibus curentur* e o valor da Homeopatia como método terapêutico.

Contudo, há outro setor no qual o conhecimento da Matéria Médica homeopática pode tornar-se de inestimável valor: É no diagnóstico etiológico de enigmáticas doenças profissionais, máxime quando provocadas pela ação oligodinâmica de elementos insuspeitados, particularmente de metais considerados inócuos!

Eis um exemplo típico.

A paciente, professora, com 40 anos de idade, estava precocemente envelhecida e alquebrada e, além disso, desiludida da Medicina, porque, até ao momento em que me consultou, nenhum médico havia descoberto a causa de sua insidiosa enfermidade. Doente havia cerca de dois anos, de balde procurara lenitivo para seus sofrimentos, provavelmente mais morais do que físicos.

Clínicos e especialistas, sucessivamente consultados, aventaram as mais dispares hipóteses e, sem resultados positivos, prescreveram-lhe numerosos medicamentos.

Afastada da cátedra por causa de enigmática disfonia e em regime de sucessivas renovações de licença para tratamento, sentia-se exausta e frustrada.

A princípio foi a estafa sem motivo aparente. Depois, a sensação de fraqueza geral, acentuando-se-lhe, cada dia mais, no tórax, máxime na região esternal, a qual se lhe afigurava oca, desprovida dos órgãos internos. Pouco tempo decorrido, a sensação de fraqueza abrangeu a garganta e, apavorada, notou que, à medida que prolongava uma palestra, a voz, gradativamente, se lhe debilitava, embargada por estranha disfonia. E se, porventura, numa discussão, alterasse a voz, não tardava a incrementar-se-lhe a sensação de fraqueza no peito, apagando-se-lhe a palavra ou transmutando-se-lhe em murmúrios à flor dos lábios...

Nessas ocasiões, sentia-se angustiada e dispnéica, com sensação de que o diafragma e os músculos inspiratórios, pouco a pouco, se lhe paralisavam!

De resto, gripava-se à-toa, com aparição de renitentes acessos de tosse, recalcitrantes a toda medicação. E — fato curioso — a secreção catarral, que expectorava a miúdo, tinha sabor adocicado. Mas o pior é que vinha emagrecendo a olhos visto, razão por que temia viesse a ficar tuberculose, a despeito dos diagnósticos oscilarem entre psiconeurose e disfonia histérica.

Aconselhada por pessoas amigas, a paciente resolveu tentar, na Homeopatia, a cura que não lh'a deu a Medicina oficial. E ficou perplexa, quando, depois de minuciosa anamnese, lhe afirmei que sua enfermidade era idiossincrasia provocada pela ação oligodinâmica do Estanho e que, por conseguinte, ela deveria estar absorvendo, de longa data, algum alimento contendo traços do referido metal.

Muito encabulada, a professora confessou-me que, de fato, para livrar-se de vermes intestinais, ela se habituara, desde muitos anos, a beber, todas as manhãs, em jejum, água “dormida” numa vasilha de estanho!

Partindo da premissa de que, nas altas dinamizações homeopáticas, não existe mais nem traços de matéria e que o estado vibratório da energia curativa nelas existente difere da que determina a ação oligodinâmica exercida, em certas condições, pelos metais e outras

substâncias, considere o estanho, não o *equalibus*, mas o *similium*, que, do ponto de vista hahnemanniano, é o remédio ótimo, porque responde, com máxima precisão, à exigência da lei de semelhança. Por isso, prescrevi, para a sofrida paciente: *Stannum met.* C200, para tomar, diariamente, em jejum duas gotas diluídas num cálice d'água.

A cura foi rapidíssima. Com uma única prescrição, antes de sete dias, a voz da paciente já se lhe tornara normal, podendo falar à vontade; e, com menos de trinta dias de tratamento, a professora retornou à cátedra, completamente curada, para glória da Homeopatia!

Conjugada com o Neo-espíritismo a Homeopatia cura espiropatia epilética

Decantada como “divina arte” no estro poético de remotos menestréis, a Medicina, a despeito dos hiperbólicos panegíricos de inúmeros doentes curados, sempre progrediu num clima de violentas paixões.

Exaltada, muitas vezes, às culminâncias das coisas sagradas e manipulada nos tabernáculos pela Ciência hermética de sacerdotes iniciados nos Mistérios do Além, a Medicina também fora rebaixada outra-ora ao nível do rebotalho social e confinada à intuição de míseros escravos, como se fosse arte vil, indigna de praticada pela elite cultural.

Todavia, a distância que, através dos séculos, separou a Medicina teúrgica da medicina de senzala foi mais aparente que real, porque, numa e noutra, a tônica foi a mediunidade curadora. E, no fundo, o apelo ao misterioso Mundo dos Espíritos refletia a incapacidade da humanidade para valorizar uma Ciência, que, embora incipiente e, portanto, sujeita a muitos erros e fracassos, pôde mobilizar, com o progresso da civilização, todos os recursos técnicos para alcançar o atual nível de aperfeiçoamento e conquistar espetacular eficiência na erradicação de numerosas doenças, que, no passado, afligiram e dizimaram milhões de criaturas!

O mais paradoxal, porém, foi que, no ciclo de sua acidentada evolução, a Medicina — Ciência de probabilidade, que jamais poderá tornar-se infalível, como a Matemática — sofreu antanho a repulsa até de homens de gênio. E a prova é que Petrarca a insultou, Montaigne desprezou-a e Molière ridicularizou-a!

Ora, incompreendida como tem sido tantas vezes a Medicina, não é de admirar que a Homeopatia — o mais revolucionário método terapêutico até agora descoberto — tenha provocado, como ainda provoca, as mais esdrúxulas reações, quer nos círculos científicos, quer nos meios populares. E, não obstante as retumbantes vitórias do tratamento homeopático em mais de cento e cinquenta anos de prática, lamentavelmente a maioria da população mundial ainda não forma um conceito justo a respeito da genial descoberta de Samuel Hahnemann!

Na própria classe médica é muito restrito o número de profissionais que estudaram a doutrina hahnemanniana e submeteram-na ao teste clínico, de molde a poderem opinar sensatamente a seu respeito.

Força é reconhecer, no entanto, que a concepção de Samuel Hahnemann no que tange à etiologia dos estados mórbidos e à dinâmica das doses infinitesimais é tão original e destoa tanto dos cânones da

Medicina oficial que é desculpável que o neófito desavisado ao deletrear as primeiras linhas do órgão da Medicina não tarde a repudiá-lo escandalizado. Tudo se lhe afigurará obra de um nefelibata empolgado pela quimera de metamorfosear a volúvel arte de curar num método preciso e conciso, no qual, à maneira de uma equação matemática, a incógnita do remédio é solucionada mediante a aplicação de uma lei de cura infalível.

Entretanto, se o catecúmeno houvesse prosseguido na leitura da obra fundamental da doutrina homeopática, embora repelisse tudo que, atualmente, com o notável progresso da Ciência, já se não pode aceitar, não tergiversaria em reconhecer que, de fato, o gênio de Samuel Hahnemann abriu à arte de curar o roteiro mais seguro até hoje imaginado.

Mas, infelizmente para os doentes, a maioria dos médicos, tolhida por preconceitos científicos ou por conceitos apriorísticos, jamais se interessou pela Homeopatia. Afeitos à violenta posologia da Medicina oficial, os terapeutas alopatas não podem admitir a eficácia de doses imponderáveis, razão por que atribuem as curas homeopáticas exclusivamente à sugestão.

Sem embargo, bastariam as curas de criancinhas nas primícias da vida e de doentes em coma, inconscientes, com gotas pingadas no olho pela impossibilidade de deglutição, como aconteceu num caso relatado neste opúsculo, bastaria isso para fulminar a hipótese pura e simples de sugestão!

De resto, como a Homeopatia cura crentes e agnósticos, também a fé, por si só, não explica a eficiência da medicação homeopática. E, embora seja inegável que, em toda terapêutica, a fé e a sugestão são poderosos fatores adjuvantes para equilibrar o sistema nervoso e, *ipso facto*, para incrementar as defesas naturais do organismo, não se segue que o adepto da Homeopatia só se cure por um condicionamento psicológico ou por suas tendências místicas, de vez que sugestão e fé não constituem apanágio dos homeopatas, porquanto, entre os alopatas, muitos são religiosos e, sobre serem religiosos, são altamente suggestionáveis!

Além disso, se se quiser computar na cura do doente o coeficiente de fé ou de sugestão, é de justiça dar a primazia aos adeptos da Medicina oficial, cujos medicamentos são acolitados, desde as retortas do laboratório farmacêutico, por espalhafatosa propaganda, com utilização de todos os recursos para suggestionar os doentes, ao passo que os remédios homeopáticos, prescritos em caráter individual, não comportam a menor propaganda comercial!

Outro fato que merece ser assinalado é que não só entre os adeptos como até entre os Mestres da Medicina homeopática encontram-se agnósticos e positivistas. Logo, pelo fato de ser homeopata, não se pode deduzir que o partidário seja místico. Contudo, dada a preferência do receituário espírita pelos remédios homeopáticos, muitas pessoas

imaginam haver vinculação entre a Homeopatia e o Espiritismo. Mas, na verdade, a razão da preferência é porque, não sendo tóxicos, os medicamentos homeopáticos, mesmo errados, não arriscam a liberdade do médium receitista com acusação de homicídio por envenenamento.

Não há, pois, qualquer ligação entre o Espiritismo e a Homeopatia pela simples razão de que, não sendo médico, embora muitos espíritas o propalem erradamente, estribados em incomprovada assertiva de um de seus biógrafos, Allan Kardec não poderia vincular à Medicina a doutrina por ele codificada. Esta tremenda responsabilidade coube, incontestavelmente ao Neo-espiritismo, doutrina por mim fundada, por expressa determinação dos Mestres do Além que me instruíram pessoalmente durante um decênio. E, no futuro, quando a Ciência reconhecer a realidade das enfermidades por mim denominadas Espiritopatias, popularmente conhecidas como “encosto” ou “atuação espiritual”, a Medicina e, particularmente, a Homeopatia estarão, indissolúvelmente, ligadas ao Neo-espiritismo pelos capítulos da Patologia e da Terapêutica.

Espero que Deus me conceda mais dois ou três anos de vida terrena a fim de que possa escrever, dentre outros, um livrinho sobre as Espiritopatias, doenças que, entrelaçadas com a maioria dos estados mórbidos, abundam na patologia humana. De fato, durante mais de cinco anos de ininterruptas sessões experimentais hebdomadárias, realizadas no Departamento de Investigações Científicas da Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas (SEPE), na época sediada em Niterói, pude adquirir conhecimentos que me permitem asseverar, com absoluta convicção, que Espíritos de incipiente evolução moral, ainda que dotados de vasto cabedal intelectual, podem, realmente, causar ou agravar todos os estados patológicos conhecidos, sejam eles mentais ou somáticos!

Aliás essa é uma das poucas verdades que se encontram na *Bíblia*.

Jesus de Nazaré, que, como Supremo Instrutor da Humanidade, fora, outrossim, médium excepcional, dotado, dentre outras faculdades supranormais, de precognição, clarividência e de mediunidade curadora, desloca-se gloriosamente nas páginas do *Novo Testamento* advertindo, ensinando e curando, aqui e acolá, as mais diversas enfermidades, dentre as quais se destacam psicopatias obsessivas, paralisias, cegueira, surdo-mudez, hidropisia, epilepsia e, até, infecções agudas; doenças essas que, originariamente, foram, quase todas, exclusivamente Espiritopatias, transformadas ou agravadas, posteriormente, com lesões do corpo somático.

Com efeito, pelo fato de ser toda Espiritopatia primitivamente uma afeção do perispírito, cuja radiação, por intermédio do Sistema nervoso, invade todas as células do organismo, é curial que, com afetar o perispírito ou “corpo espiritual” a Espiritopatia, pelos fluidos morbígenos que lhe são inerentes, acabe afetando também o corpo físico.

Isso significa que, em toda Espiritopatia, além do tratamento espiritual, feito por uma pessoa que, por seus méritos morais, possua proteção e força espiritual para afastar Espíritos sofredores ou obsessores imantados ao enfermo, é imprescindível que se faça, complementarmente, o tratamento médico para combater, no corpo somático, os distúrbios originados da impregnação do perispírito do doente pelos fluidos patogênicos sobre ele irradiados pelos Espíritos causadores da Espiritopatia.

Vale dizer que a introdução, na Patologia humana, do capítulo referente às Espiritopatias, sobre não destruir nenhuma verdade experimentalmente comprovada pela Ciência, trará inestimáveis vantagens para a Medicina e para o médico. Para a Medicina, porque dar-lhe-á a chave para a solução de muitos problemas clínicos e, até, cirúrgicos, aparentemente banais, mas que, apesar disso, costumam zombar da argúcia do esculápio e desafiar todos os recursos terapêuticos; para o médico porque, com a constatação de que os agentes responsáveis pelas Espiritopatias são antigos habitantes da Terra, que, a despeito de desencarnados, permaneceram com os méritos e deméritos que possuíam e, inclusive, com a mesma sintomatologia da doença que os vitimou, fica implicitamente demonstrado que também ele sobreviverá.

Ora, além do conforto moral de tomar consciência de que a morte é pura ilusão, o conhecimento desses fatos, longe de desvalorizar o profissional, dar-lhe-á maior prestígio, porquanto lhe incrementará a eficiência como terapeuta, a ponto de poder solucionar os casos de Espiritopatia, com a vantagem de afastar do campo da Medicina os exorcistas e os curandeiros!

E, por falar em exorcistas e curandeiros, não me posso furtar à tentação de consignar um episódio comigo ocorrido dias depois que, atendendo a insistentes solicitações da emissora, anui em comparecer a TV Globo acompanhado por um grupo de médiuns da Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas com a finalidade de demonstrar, sob o controle de colegas convidados pela direção do programa, a autenticidade das Espiritopatias. Gravados em videotape, os dois programas, demasiado longos, foram arbitrariamente mutilados, com cortes de cenas e depoimentos que, no conjunto, fortaleciam minha tese, de modo que, ao serem exibidos, muitos telespectadores não compreenderam, nem poderiam compreender, o objetivo das experiências e observações provocadas, que, havia vários anos, eu vinha realizando, na SEPE, com participação de quantos colegas o desejassem.

Mas, apesar de tudo, sempre houve alguns telespectadores que perceberam onde eu pretendia chegar, não fora o tumulto dos diálogos e as podas posteriores. E dentre eles, destaco distinto colega alopata, que, preocupado com a possível ressonância de minha tese, perguntou-me, estomagado, onde ficaria a dignidade do médico se, porventura, minhas idéias se tornassem vitoriosas.

Sem hesitar, retruquei-lhe incontinenti que nada dignifica mais o homem do que a Verdade; e que, se, um dia, minha tese for aceita pela classe médica, a dignidade do médico alcançará um padrão jamais atingido. E exemplifiquei. Admitamos, para discutir, que o colega seja renomado pediatra e que fora chamado a domicílio para atender a uma criança gravemente doente. Como médico afamado, o colega chega à casa do novo cliente num lindo automóvel e vestindo um terno de linhas impecáveis. Ao transpor a soleira da porta, o colega depara-se com uma mãe aflita que lhe informa já haver recorrido debalde a todos os recursos domésticos, sem o mínimo proveito para o filho acamado. O colega, trepado no pedestal da fama, conserva-se discreto e circunspecto até penetrar no aposento do pequeno enfermo. Encontra-o agitado e irritado, indócil ao exame. A temperatura não é elevada, mas a sintomatologia é pobre. Há mais alterações psíquicas do que somáticas. O colega não concluiu por nenhum diagnóstico. Nem fez prognóstico. Mas o tempo todo falou difícil esbanjando terminologia técnica e embasbacando a família com tanta sabedoria. Terminado o exame, a receita prolixa e cara; e vários exames requisitados.

Todavia, a despeito da pose e dos termos empolados, o colega não venceu — foi vencido. O doentinho piorou. Seu estado psíquico agravou-se e a temperatura elevou-se.

Alarmada, a mãe extremosa, insiste em nova visita. O colega volta, mais posudo e mais bem vestido, Mas, no fundo, sente-se inseguro. E mais inseguro ficou quando leu a papelada remetida pelo laboratório. Tudo negativo. Nenhum roteiro para o diagnóstico etiológico. E, no entanto, a criança está evidentemente pior. Mais irritada, quase agressiva, recusando alimentação e medicação, que lhe provocam náuseas e vômitos. Bebe muita água, mas a temperatura permanece estável, sem sudorese.

Depois de reexaminar aparelho por aparelho, órgão por órgão e de empregar termos técnicos mais esdrúxulos do que os utilizados na primeira visita, o colega faz nova prescrição, com remédios de nomes mais complexos e muito mais caros; e pede novos exames ao laboratório.

Tudo em vão. Os exames foram novamente negativos e o menino, mais nervoso, mais rebelde e mais combalido, continuava piorando e a febre se agravando, sem identificação da infecção!

Desolada, a mãe da criança telefona-lhe e consulta-o sobre a conveniência duma conferência médica. O colega, cioso de seu nome e da ética, concorda imediatamente e propõe-se levar à cabeceira do pequeno enfermo um nome nacional, seu antigo mestre na Faculdade de Medicina.

Ambos chegam quase juntos. Mas o professor possui um automóvel mais luxuoso, trazido da América, por ocasião do último congresso internacional. Como mestre de renome mundial ainda é mais impo-

nente do que o colega; e fala em termos mais rebuscados, com tantos prefixos e sufixos gregos e latinos que os pais da criança ficam boquiabertos com tanta ciência!

Após demorado exame, mestre e ex-discípulo, isolam-se em discreto recanto da casa para o diálogo secreto. Resultado: nova prescrição, assinada pelo colega e por seu antigo professor, com remédios de nomes mais difíceis de soletrar e muitíssimos mais caros. Além disso, novas requisições de exames de laboratório.

Mas, apesar de tudo, ao fim de mais alguns dias, o doentinho não havia ainda apresentado qualquer melhora.

Os pais do pequeno, desolados, já estavam pensando em mudar de Medicina e apelar, como sói acontecer em casos desesperadores, para a Homeopatia. Foi aí que entrou em cena humilde negra velha, afeiçoada cozinheira da casa. Condoída da patroa e sentindo, por intuição, o que havia, na criança, por trás da doença, a boa fâmula, com muito jeito, acercou-se da patroa e disse-lhe: “Oia, nhá-nhá, negra véia num tem nada cum issu, mas se eu fosse vosmecê chamava D. Fulana pra rezá o minino. Issu é mal que dotô num conhece!”

A patroa aceitou o conselho e mandou chamar a rezadeira.

Criatura, pobrememente vestida, entrou na casa do rico casal cabisbaixa, quase envergonhada, e com receio de esbarrar em algum objeto de valor. Mas, ao penetrar no quarto do menino doente, aprumou o tronco, soergueu a cabeça e caminhou resolutamente em direção à cama do enfermo, junto à qual permaneceu em profunda e muda oração, rogando mentalmente a Deus o afastamento do Espírito que estava prejudicando a criança, para maior sofrimento dos pais. Ninguém ouviu palavra; mas todos observaram que, de agitado, irritado e malcriado que estava até então, o menino acalmou-se e entrou em profundo sono.

Observando a perplexidade da mãe da criança, a rezadeira advertiu-a: “deixa ele dormir, madama; quando ele acordar estará curado”. E, de fato, no mesmo dia, a temperatura, que vinha resistindo aos antitérmicos, voltou ao normal e, simultaneamente, desapareceu toda a sintomatologia mórbida. De modo que uma simples rezadeira, pouco menos que analfabeta, mas dotada de força espiritual para afastar o Espírito causador da Espiritopatia, pôde efetuar em poucas horas, uma cura que desafiou durante vários dias dois luminares da Medicina!

Agora, pergunto-lhe eu, meu ilustre colega: onde ficou, no caso em tela, a dignidade do médico?

Pois é para que isso não se repita indefinidamente, é para que o exorcista ou o curandeiro, em muitos casos, não continuem a sobrepular o médico, é para isso, meu ilustre colega, que eu me propus estudar o problema das Espiritopatias e enquadrá-las na Patologia humana, a fim de que os médicos, espiritualizando-se, aprendam, paralelamente com a ciência médica, o segredo dos exorcistas e a arte dos curandeiros!

O colega, que me interrogou, não tugiou nem mugiu. Apertou-me a mão e partiu meditando...

Aliás, posto que a Espiritopatia possa coexistir com todos os estados mórbidos é nas doenças mentais e na epilepsia que sua presença é mais frequente. Nas doenças mentais, quaisquer que sejam os rótulos, da psicose à paralisia geral, a Espiritopatia é indefectível. Na epilepsia, a incidência está caracterizada pelo comportamento anormal e pela dupla personalidade — fato que, a despeito das idéias vigentes, jamais ocorre na epilepsia exclusivamente orgânica. Todo epilético que agride não sofre, apenas, de disritmia cerebral de origem cortical ou subcortical. Ainda mesmo que o electroencefalograma acuse a onda espicular, a causa é atuação espiritual. Não se trata de epilepsia pura e simples. O caso é mais complexo, porque é epilepsia por Espiritopatia obsessiva. Se não houver prévio afastamento do Espírito obsessor, não haverá cura definitiva.

Também noutros casos nos quais a tônica é a depressão, a melancolia e o impulso ao suicídio o diagnóstico de epilepsia não traduz toda a doença. Pouco importa que hajam crises convulsivas, com descarga hipsincrônica. Por trás da espícula, acusada no traçado elétrico encefálico, está, invisível, um Espírito sofredor, que, se não for afastado, obstará a cura, neutralizando, tal qual ocorre na obsessão, a ação dos remédios, de vez que, sofredor ou obsessor, o Espírito tem recursos para captar não só o fluido vital do doente como a energia curativa dos medicamentos!

Embora atualmente esses conceitos possam parecer disparatados e anacrônicos, eu poderia citar, no mínimo, uma centena de casos de epilepsia electroencefalograficamente comprovados, por mim curados. Casos de Espiritopatia epilética obsessiva e casos de Espiritopatia epilética torturada. Em suma — Espiritopatias provocadas ou agravadas por Espíritos obsessores ou por Espíritos apenas sofredores.

Deixando, porém, à margem centenas, quiçá milhares, de casos de Espiritopatia obsessiva registrados, com a singela denominação de epilepsia, na literatura médica — casos cuja verdadeira etiologia passou despercebida porque o preconceito cega até às maiores sumidades médicas — escolhi, como exemplo, um caso milenarmente conhecido, no qual está evidente a presença de um Espírito obsessor, confrontando, aliás, a força espiritual do Mestre dos Mestres.

Com efeito, rompendo a multidão, um pai aflitíssimo acercou-se de Jesus e suplicou-lhe, mais ou menos nestes termos, a cura do filho epilético: Mestre, trouxe-te meu filho possesso de um Espírito mudo, o qual, onde quer que o apanhe lança-o por terra e ele espuma e rilha os dentes...

Jesus ordenou que lh'o levassem à sua presença, e, ao aproximar-se do Mestre, o rapaz foi dominado pelo obsessor que nele incorporado, lhe provocou violenta crise convulsiva, atirando-o ao solo, contorcendo-se e espumando.

Interrogado por Jesus, o pai do espiritopata respondeu-lhe que o filho, desde menino, sofria de ataques e que, muitas vezes, fora atirado ao fogo e à água pelo obsessor, em tentativas para matá-lo.

Médium vidente e, até, clarividente, Jesus não teve dificuldade em identificar o autor da Espiritopatia obsessiva — um Espírito inimigo de anterior encarnação, que fora, durante a vida terrena, surdo e mudo. Voltando-se, pois, para o obsessor, o Mestre ordenou-lhe: Espírito mudo e surdo: saia deste jovem e nunca mais tornes a molestá-lo!

Rugindo de raiva — e não clamando, como diz a *Bíblia*, porquanto mudo não clama — rugindo de raiva, o obsessor, arrancado por Protetores que assistiam o Mestre em sua espinhosa missão terrena, ao desprender-se do perispírito do jovem, provocou-lhe violenta excitação cortical que redundou em fortes contraturas musculares. Desligado, porém, o obsessor, o moço permaneceu algum tempo em aparente coma, mas, na verdade, em profunda letargia, motivo por que muitos dentre os que presenciaram o fato supuseram que o rapaz havia morrido. Impressão que logo desapareceu, porque Jesus, tomando-o pela mão, o soergueu do solo, completamente lúcido e definitivamente curado, numa demonstração espetacular de que muitos casos de epilepsias são, na realidade, Espiritopatias, com ou sem espículas!

Devo esclarecer que, na descrição do fato, louvei-me no relato reproduzido por Marcos, discípulo de Pedro, testemunha da cura. (Mc. IX, 17-27)

Agora, o caso de uma médium da SEPE, por mim curada em trinta dias pela Homeopatia, depois que, com o socorro do Neo-espiritismo, foi afastado o Espírito de ex-irmã de caridade, epilética na última encarnação, atraída pela médium, por força da afinidade espiritual entre ambas existente.

Trata-se de M.C.S.S. de 17 anos, solteira, estudante, residente à rua Dr. March, Barreto, Niterói. Desde os 7 anos de idade, quando se matriculou num colégio administrado por freiras, principiou a sofrer uma série de distúrbios, nunca se sentindo bem e, a todo momento, sem saber como, era vítima de tombos inexplicáveis. Em sucessivas quedas, fraturou um braço, quebrou a clavícula, e, freqüentemente, sofreu escoriações generalizadas. Algumas vezes, as quedas foram tão traumatizantes que a paciente fora levada, em ambulância, do colégio para o Hospital Orêncio de Freitas, do I.A.P.M., a fim de ser radiografada e lá permanecer algumas horas, em observação.

Aos 13 anos, coincidindo com a puberdade, o estado agravou-se com crises de dismnésias em plena aula, entrando, em seguida, em letargia; e, em letargia, permanecia várias horas, a despeito dos esforços médicos para despertá-la. Finalmente, acordava espontaneamente, sem a mínima noção do que lhe sucedera. As crises de “ausência”, sinal do “pequeno mal” de Charcot, ocorriam principalmente na igreja, durante a missa.

Outro fato frisante: seu Q.I. caiu a um nível quase crítico. Não conseguia assimilar as lições ouvidas, nem as páginas estudadas. E do que ouvia ou lia, quase nada retinha. De modo que sua vida escolar estacionou, com sucessivas reprovações e conseqüentes repetições de classe, apesar de ser aluna esforçada e estudiosa.

Aos 14 anos, às crises de “ausência” somaram-se os ataques convulsivos, com perda de consciência e posterior hiato de memória. Diante disso, a paciente passou às mãos dos especialistas. Especialistas não só do I.A.P.M., como particulares. Sucessivos electroencefalogramas registraram disritmia cerebral, com onda espicular, considerada patognomônica da epilepsia. E foi aí que principiaram os tratamentos agressivos.

De acordo com o depoimento escrito dado pela paciente e arquivado no Departamento de Investigações Científicas da SEPE, o impacto causado pelos medicamentos prescritos pelos especialistas era tão violento que a paciente, a cada novo remédio, era colocada acamada por uma semana, a fim de que o seu organismo pudesse adaptar-se à medicação sem maiores riscos. Mas, apesar do renome dos especialistas consultados e da violenta ação dos medicamentos prescritos, a verdade é que, ao fim de um ano de tratamento, a paciente não apresentava a mínima melhora; ao contrário, as crises convulsivas amiudaram-se e o estado psíquico agravou-se.

Em face do fracasso da Medicina oficial, uma de suas colegas, que freqüentava às sessões da SEPE, convidou-a para ouvir minhas preleções doutrinárias na esperança de que os Protetores da Instituição pudessem socorrê-la.

Desconhecendo o caso foi com surpresa que, ao encerrar a sessão, vi a jovem contorcer-se e tombar da cadeira com forte crise convulsiva, tipicamente epilética.

Ocupado ainda com as derradeiras obrigações da sessão que estava presidindo, solicitei a alguns discípulos que levassem a moça para o Ambulatório, deitassem-na na cama de exames clínicos e lá permanecessem vigilantes até minha chegada. Minutos após, estava eu junto ao leito da epilética, ainda em crise comicial. Mas não tardou que eu pudesse vislumbrar, agarrado à epilética, o Espírito de uma irmã de caridade e, num segundo, compreendi tudo. Pedi, pois, aos Protetores da SEPE que levassem o Espírito para um plano de readaptação espiritual, onde deveria ser esclarecido e amparado de acordo com os postulados do Neo-espiritismo.

Depois de algumas contrações musculares mais violentas, decorrentes da superexcitação cortical provocada pela brusca desimantação do Espírito sofredor, a epilética despertou admiradíssima de encontrar-se no Ambulatório da SEPE e, perfeitamente lúcida, pôde dialogar comigo, em rápida anamnese *a posteriori*!

A colega, que a acompanhava e que várias vezes a viu em crise e, após a crise, em prolongado estupor, não se continha de admiração por vê-la acordar, imediatamente depois que ordenei o afastamento do Espírito, completamente lúcida e dizendo-lhe que se sentia tão bem como havia muito tempo não acontecia!

Como na época, eu estava credenciado pelo I.A.P.M., aquiesci ao apelo da jovem e disse-lhe que, dois dias depois, segunda-feira, poderia procurar-me ali mesmo, no Ambulatório da SEPE, onde eu atendia aos marítimos.

De fato, no dia e hora aprazados, a jovem compareceu à consulta, mostrando-se alegre e confiante na cura pela Homeopatia.

Realmente, em toda Espiritopatia, afastado o espírito responsável, urge o tratamento médico a fim de remover os numerosos distúrbios funcionais ocasionados pela impregnação do perispírito do paciente com os fluidos morbígenos irradiados pelo Espírito sofredor ou, o que é pior, pelo Espírito obsessor.

Para apressar a cura, optei pelas altas dinamizações, cuja desconhecida energia curativa, por sua freqüência vibratória, é atraída diretamente pelo perispírito, no qual entra em órbita; e, impulsionada pela lei de semelhança, é propelida, gradativamente, para as células enfermas de todos os tecidos do organismo. Sintonizada com as vibrações do fluido vital intracelular, a energia curativa de alta potência restabelece, rapidísimamente, a saúde integral do organismo inteiro — fato insofismavelmente comprovado na clínica e que, espero, não tarde a ser demonstrado cientificamente, mercê do progresso tecnológico.

Foram esses os remédios, por mim diagnosticados, depois de demorada e minuciosa anamnese: *Hydrocyanicum acid.* C200 dil, para tomar diariamente, em jejum, 2 gotas num cálice d'água; *Ignatia amara* C200 dil, para tomar diariamente à hora de deitar-se, 2 gotas num cálice d'água. Medicação para 30 dias.

Findo o prazo estipulado, a paciente retornou ao Ambulatório Samuel Hahnemann. Mas estava tão bem disposta que nada lhe prescrevi. Apenas aconselhei-a a freqüentar assiduamente minhas preleções de doutrina neo-espírita, porquanto, médium como era, ficava sujeita à aproximação de outros quaisquer Espíritos “caçadores de fluidos”, dando ensejo a nova Espiritopatia, com as mais díspares manifestações; ao passo que estudando, compreendendo e praticando o Neo-espiritismo conquistaria proteção capaz de abroquelá-la contra a investida de Espíritos infensos à evolução e sequiosos de sensações carnavais, desfrutadas através de médiuns invigilantes.

A cliente aceitou minha sugestão e, por iniciativa própria, transferiu-se de colégio, abdicando à proteção de Espíritos católicos, patronos do educandário e, com essa resolução, muito lucrou, porque, desvinculada duma religião que repudia a mediunidade, a jovem, de

aluna medíocre que sempre foi, metamorfoseou-se, num colégio leigo, em aluna distinta, colocando-se, até ao final do curso, entre as primeiras da classe!

Aliás, independentemente da comprovação electroencefalográfica, como prova de sua cura definitiva, basta assinalar que, integrada no grupo de médiuns da Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas, a ex-epiléptica foi experimentalmente submetida, pelos Protetores da SEPE, dentre os quais se destacam Mestres hindus e cientistas de diferentes nacionalidades, além de humildes africanos e indígenas brasileiros, — a numerosas Espiritopatias, inclusive à epiléptica, sem que jamais a antiga doença se lhe manifestasse.

Em relação à Espiritopatia epiléptica devo ressaltar que a exibição feita na TV, em São Paulo, com imediata lucidez, quando interrompi o coma comicial, impressionou de tal maneira um professor paulista que ele, espontaneamente, se ofereceu para participar da mesa redonda promovida pela emissora paulista para debater os fenômenos por mim apresentados. Além disso, é justo destacar que, na complexa fenomenologia provocada, durante mais de um lustro, no grupo de médiuns da SEPE, a médium em foco foi submetida, pelos Protetores, a experiências que equivalem a uma contra-experiência comprobatória de sua cura. Os fatos estão registrados em atas assinadas por médicos, hipnólogos, psicólogos e, até, por parapsicólogos. Para sintetizar, direi, apenas, que numa ocasião, sob controle médico, foi feita, na médium em tela uma parada cardíaca que durou exatamente 0h:1':45"; e, noutra oportunidade, uma apnéia que se prolongou por 0h:23':0"!

Além disso, com a mesma médium, os Protetores efetuaram profunda letargia, com bloqueio total da sensibilidade e do sensorio. Com total hipotonia muscular e em morte aparente, a médium era perfurada, nas mais sensíveis regiões do corpo, com longas agulhas sem esterilização, e, muitas vezes, previamente esfregadas, com a sola do sapato no soalho da sala de sessões ou no chão de terra, tudo sem a mínima dor e sem qualquer sinal de infecção geral ou local, podendo haver, ou não, hemorragia nas perfurações efetuadas por mim ou por qualquer médico presente. De resto o chumaço de algodão encharcado de amônia e estacionado junto às narinas não a despertava do cárcus.

O mesmo ocorria com o carvão em brasa.

Nem queimadura, nem reação de defesa — imobilidade absoluta. E o choque elétrico de até 400 Volts, não lhe causava nenhum mal — nem a acordava. Ruídos agudíssimos provocados rente ao pavilhão da orelha não tinham resposta. A imobilidade cadavérica permanecia até que eu, mentalmente, solicitasse a manifestação de um Protetor. Então, de um salto, a médium erguia-se do solo, já transformada num africano ou num indígena, expressando-se no dialeto por ele falado durante a encarnação terrena!

Apesar de haver encerrado provisoriamente este ciclo de investigações relativas ao mecanismo das Espiritopatias, essa fenomenologia, que é apanágio dos Protetores da SEPE, poderá ser reproduzida, a qualquer momento, em defesa da tese neo-espírita. Mas queira Deus que, estimulados por minhas assertivas, que infelizmente não contei com verbas governamentais, nem com aparelhos ultra-sensíveis, os cientistas que podem equipar-se com a aparelhagem imprescindível, resolvam por à prova a veracidade das Espiritopatias, para maior avanço da Medicina e gáudio da humanidade sofredora!

A Homeopatia cura distúrbios neuroglandulares

Até hoje, mesmo entre os adeptos da Homeopatia, pouquíssimos serão os que compreenderam as tremendas dificuldades que o médico deverá vencer para prescrever cientificamente o remédio homeopático.

Aliás, a própria inocuidade das doses homeopáticas, doses tão exíguas que aparentam inoperância, contribui para dar ao leigo a falsa impressão de que a prescrição dos remédios homeopáticos não acarreta a mínima responsabilidade.

Pura ilusão. Pelo fato de nunca prejudicar, destituído como é de toda toxidez, não se segue que o remédio homeopático deva ser indicado por qualquer curioso. Se é verdade que o remédio homeopático não ataca o organismo, não é menos verdade que só corretamente prescrito surte efeito. De modo que, num caso grave, o remédio erradamente indicado, embora não atue sob o ponto de vista terapêutico, pode concorrer, por sua inatividade, para a agravação da doença e, até, para a morte do doente!

Como é óbvio, na clínica, não basta não prejudicar o doente — é preciso curá-lo! Ora, a cura homeopática está, sempre, subordinada a um conjunto de fatores que não podem ser aquilatados senão por quem tenha cultura médica. Não obstante, toda gente “receita” remédios homeopáticos com desconcertante sem cerimônia!

Conseqüência: de tanto serem tomados erradamente, os remédios homeopáticos adquiriram a má reputação de curarem lentamente, erro profundamente lamentável, porque, além dos múltiplos óbices provenientes dos interesses comerciais feridos, os próprios partidários da Homeopatia contribuem para desvalorizá-la, usando-a ao arrepio dos princípios que a regem! E, desgraçadamente, poucas criaturas raciocinam que, se a Homeopatia curasse morosamente, nenhum médico de bom senso optaria pela terapêutica hahnemanniana. Máxime num país como o nosso, no qual o exercício da profissão está obrigatoriamente condicionado à formatura na Medicina oficial, de sorte que todo médico homeopata é, por lei, um alopata que enriqueceu sua cultura com o currículo da escola homeopática e optou pela terapêutica hahnemanniana.

Ora, se a Homeopatia curasse devagar, não se compreenderia que o médico homeopata, cujo ideal é, como o de todo médico, curar depressa e com perfeição, estudasse também a doutrina hahnemanniana para curar lentamente, além de colocar-se na incômoda posição de ter de lutar contra arraigados preconceitos, não só da classe médica como

de vultosa parcela da massa popular, porquanto, a despeito do ingente labor de autênticos paladinos da cruzada hahnemanniana, o povo, em geral, desconhece o inestimável valor da Homeopatia!

Todavia, para ser eficiente, a Homeopatia exige que o remédio seja prescrito de acordo com a lei de cura. Para isso, receita-se para o doente o remédio que, experimentado no homem em estado hígido, provoca um quadro sintomático semelhante ao quadro mórbido do enfermo.

Ora, em face dessa exigência e dada a variedade de quadros mórbidos que se lhe deparam diariamente na clínica, o médico homeopata é forçado a conhecer os quadros sintomáticos provenientes dos efeitos experimentais de todos os medicamentos homeopáticos — quadros sintomáticos que, na escola hahnemanniana, se denominam quadros patogénéticos ou, simplesmente, patogenesisias.

É evidente, pois, que, quanto maior for o número de medicamentos que conheça, isto é, quanto maior for o número de patogenesisias que retenha na memória tanto maiores serão as probabilidades que terá o médico homeopata de aplicar corretamente a lei de semelhança, porque, dentre tantos quadros patogénéticos por ele conhecidos, certamente encontrará um, que muito se assemelhe ao quadro clínico do doente.

Contudo, ninguém imagine que é fácil o estudo dos quadros patogénéticos dos medicamentos homeopáticos. Sei de médicos, alopatas brilhantes, que recuaram, mal principiaram a estudar a doutrina hahnemanniana, diante da imensa e complexa sintomatologia acumulada na Matéria Médica Homeopática!

Entretanto, como se depreende do que deixei dito, sem profundo conhecimento da ação dos medicamentos homeopáticos sobre o organismo do homem sadio, ninguém poderá aplicá-los, pela lei dos semelhantes, nos diferentes doentes, mesmo que sofram da mesma doença.

Para dar ligeira mostra das dificuldades arrostadas pelo homeopata, vou sintetizar como se organizam os quadros patogénéticos e de que maneira são utilizados na clínica.

Em havendo voluntários, que, altruisticamente, queiram submeter-se ao experimento hahnemanniano, seleciona-se um grupo deles, em perfeito estado de saúde, e dá-se-lhes, sem identificá-la, a substância que deverão experimentar e cuja ação se pretende conhecer. Cada componente do grupo fará seu relatório, registrando, minuciosamente, toda a sintomatologia que, em si próprio observou. A dosagem será a mesma para todos os experimentadores e nenhum participante do experimento poderá comunicar a outro experimentador o quadro patogénético que se lhe apresentou a fim de evitar-se a interferência de sugestão. Terminado o experimento, fato que só deve ocorrer quando a intensidade dos sintomas já atingiu proporções ameaçadoras, os relatórios são enviados ao coordenador do experimento e, por seu intermédio, à comissão controladora, a qual, pelo método estatístico, orga-

nizará o quadro patogenético ou a patogenesia do medicamento experimentado. Trocado em miúdos: os sintomas acusados por todos os experimentadores são inscritos como sintomas característicos do medicamento; em seguida, por ordem cronológica e pela frequência com que se manifestaram, serão registrados os sintomas manifestados nos diversos voluntários submetidos à investigação. Fato importante: na hierarquização da sintomatologia, além da hegemonia concedida aos sintomas característicos de determinado medicamento, ressaltam-se os sintomas mentais. O motivo é óbvio. A Patologia hahnemanniana é dinâmica e funcional; e a Terapêutica é psicossomática, abrangendo, simultaneamente, sintomas da mente ou, melhor, da alma, e do corpo somático. E, como na gênese dos estados mórbidos, as modificações dos estados d'alma, isto é, as alterações psíquicas precedem aos distúrbios funcionais e, com mais forte razão, às lesões estruturais, é curial que, na organização do quadro patogenético do medicamento se dê justo relevo aos sintomas mentais, precursores, que são, do cortejo sintomático que irá configurar a patogenesia do remédio em foco.

Organizadas as patogenesias dos numerosos medicamentos homeopáticos e incorporadas à Matéria Médica Homeopática, cabe ao médico a tarefa de selecionar, para cada doente, independentemente da doença que o afetou, o remédio cujo quadro patogenético mais se assemelhe ao quadro mórbido do paciente. É a individualização do remédio homeopático, complexa operação mental, que corresponde a autêntico diagnóstico diferencial entre os diversos medicamentos que apresentam diferentes níveis de semelhança com o quadro clínico do doente. De modo que, por exclusão dos menos semelhantes, chegue, finalmente, à seleção do *similimum*, isto é, do remédio cujo quadro patogenético cobre, se não a totalidade, pelo menos, grande parte do quadro mórbido do doente. E é nessa seleção que os sintomas característicos de cada medicamento prestam relevantes serviços, porque facilitam a tarefa do médico, sobretudo quando os sintomas mentais são típicos.

Eis um exemplo, dentre muitos outros que poderia mencionar.

Refiro-me a uma jovem de aspeto taciturno e melancólico, que me consultou, no Rio, há cerca de quatro lustros. Escolhi-o para exemplo porque sua sintomatologia caracteriza, ao primeiro contato, conhecido medicamento homeopático. Vou esboçá-lo em largos traços.

Desde as primícias da puberdade, o catamênio foi sempre irregular. As regras ora atrasavam, ora falhavam, mas, de toda forma, eram escassas e muito dolorosas. Além disso, as menstruações eram precedidas ou seguidas de intensa hemicrania, acompanhadas de náuseas, vômitos, gastralgia, calafrios e sensação lipotímica. De resto, na maioria das vezes, as cólicas menstruais assumiam caráter agudíssimo, afetando o útero, a bexiga e o reto, com irradiação para as coxas. De

maneira que a paciente ficava aniquilada, de cama, impossibilitada de trabalhar durante dois ou três dias. Geralmente, tudo melhorava depois que o fluxo sanguíneo aparecia. Não obstante, o estado de melancolia era quase permanente, embora, por temperamento, não gostasse de queixar-se, mostrando-se, ao contrário, resignada e dócil, apesar da exagerada emotividade, que lhe provocava freqüentes crises de choro. Sistemáticamente, nas proximidades do catamênio, sentia-se nervosa, emotiva, angustiada e, não raro, medrosa. E não era só — estranha sensação de dispnéia, com a impressão de que a respiração se lhe ia paralisar repentinamente, martirizava-a a miúdo, obrigando-a a profundos movimentos inspiratórios, a fim de aliviar a falta de ar. Nessas ocasiões, sentia verdadeiro pavor em permanecer em ambientes confinados, sobretudo se as janelas estivessem fechadas, pois sua angústia, como a maioria dos sintomas, só melhorava ao ar livre.

Esse, em síntese, o quadro clínico da consulente. Na verdade, vários medicamentos homeopáticos poderiam ter indicação. Mas, para diagnosticar o mais correto, o *similimum*, tomei, como ponto de referência, os sintomas mentais: excessiva emotividade, permanente melancolia, resignação em face dos sofrimentos, docilidade de temperamento, dispnéia psicógena e claustrofobia, sintomas que, reunidos, formam valiosa síndrome homeopática, característica de *Pulsatilla nigricans*.

Com efeito, além dos sintomas correspondentes aos distúrbios neuroglandulares acusados pela paciente, *Pulsatilla*, experimentada em pessoas sãs, provoca os sintomas mentais observados na doente. Logo, para obedecer a lei dos semelhantes, não havia remédio mais bem indicado. E, como sói acontecer, para individualizar o remédio, os sintomas mentais foram decisivos, porque facilitaram o diagnóstico diferencial entre *Pulsatilla* e vários outros medicamentos, cujos quadros patogenéticos se assemelham ao quadro clínico da paciente em tela.

Para ser mais objetivo no que tange às dificuldades do diagnóstico do remédio individual de cada doente, vou transformar a exposição em cifras. Havendo, no caso da consulente, pelo menos uma dezena de medicamentos prováveis e possuindo cada qual, no mínimo, uma centena de sintomas significativos, não fora o quadro mental da doente, característico de *Pulsatilla*, o diagnóstico diferencial, entre os diversos medicamentos com probabilidades de satisfazerem à lei de semelhança, me obrigaria à estafante análise comparativa de mais de mil sintomas, até encontrar o remédio ideal — o *similimum*.

Entretanto, guiado, na aplicação da lei de cura, principalmente pelos sintomas mentais, receitei para a doente: *Pulsatilla nig.* C200, para tomar duas gotas, diluídas num cálice d'água, diariamente, em jejum, durante um mês; e, com esta prescrição, curei-a definitivamente, com uma única receita e um único remédio!

Associada ao Neo-espiritismo a Homeopatia cura cardiopatia por Espiritopatia

O gênio vive, previvendo. Por isso, toda descoberta genial atravessa, indefectivelmente, um período crítico marcado pela indiferença dos sábios, pelo combate dos despeitados e pelas chufas dos néscios! Mas, pouco a pouco, as luzes da razão vão espancando as trevas condensadas, em torno do invento, pela solércia de uns e a nequícia de outros. Até que, finalmente, a verdade fulge com esplendorosa realidade e impõe-se ao mundo científico, para maior glória do gênero humano!

Foi sempre assim. Foi assim com a máquina a vapor, com o motor a explosão, com o aeróstato, com o avião, com a jatopropulsão, com o telégrafo, com o telefone, com a radiotelegrafia, com a radiotelefonía...

Em suma, foi assim com todas as invenções, que, hoje, constituem o orgulho de nossa civilização. E assim é no presente como será no futuro. E se assim foi, é e será com tudo que é criação genial, por que não haveria de ser, também, com a Homeopatia, a maravilhosa descoberta de Samuel Hahnemann?

Com efeito, inspirada em sentimentos profundamente humanitários e norteadada por clarividente concepção filosófica, a doutrina médica de Samuel Hahnemann, a despeito de haver contraposto à bisonha terapêutica empírica dos primórdios do século passado um método racional, agradável e extraordinariamente eficiente, baseado numa lei natural de cura, não foi valorizada senão mais tarde, graças à tenacidade e ao espírito de renúncia de seu venerável criador. De fato, não obstante haver rasgado novos horizontes ao progresso da arte de curar, a Homeopatia não foi valorizada pelos médicos, que a refugaram, aprioristicamente, sem sujeitá-la, como seria de esperar, à experiência clínica; nem pelos leigos, que a confundiram com uma terapêutica mística, na qual a cura estaria adstrita à fé, de modo que, o profissional homeopata, mais do que médico, seria exótico taumaturgo!

Mas o pior é que, ainda hoje, depois que a Homeopatia já salvou tantos milhares de vidas e que os mais recentes progressos da Bioquímica e da Biofísica tendem a confirmar muitas assertivas de Samuel Hahnemann, não se pode deixar de lamentar a leviandade com que alguns médicos continuam a chacotear das doses homeopáticas!

Exemplo típico foi o que ocorreu, há alguns anos, com uma cliente, que, tendo saído de casa para ir ao dentista, na rua sentiu-se repentinamente mal, com violenta dor precordial, de caráter constritivo, propagando-se para a região cervical e para o braço esquerdo. Simultane-

amente, fora acometida de estranha fraqueza, com turvação da visão, suores frios, mais abundantes na testa, ligeira dispnéia e sensação de iminente lipotímia. Apavorada, tomou um táxi e mandou rumar para meu Consultório, próximo do local em que se encontrava.

Diante desse quadro, qualquer médico compreenderia a gravidade da situação. Gravidade que, no caso em foco, era mais aparente do que real, porque, graças à minha sensibilidade mediúnica, não me foi difícil identificar o Espírito sofredor, desencarnado de enfarte do miocárdio, que, por afinidade de sentimentos, pôde sintonizar as vibrações de seu perispírito com as do perispírito da paciente, provocando, destarte, uma cardiopatia por Espiritopatia. Ciente disso, antes de qualquer medicação, convidei a paciente a fazer uma oração mental em favor do Espírito que a assediava. Eu também orei e pedi ao Mentor do Irmão sofredor que o levasse para um plano de socorro espiritual. Fi-lo, no entanto, mentalmente, sem que a paciente o percebesse, pois desejava evitar sugestões. Terminada, porém, a minha prece, interpelei a consulente acerca de seu estado. Estava muito mais aliviada, respondeu-me ela. Bem, agora vou prescrever-lhe um remédio, porque, em todo caso de “atuação espiritual” ou de Espiritopatia, como prefiro denominar, permanece no perispírito e, por seu intermédio, irradia-se, através do Sistema nervoso por todas as células do organismo, apreciável quota de “fluidos mórbidos”, altamente prejudiciais, porquanto reproduzem, na vítima, as sensações do quadro mórbido que levou à desencarnação o Espírito responsável pela Espiritopatia. Donde se infere que, consoante ensina o Neo-espiritismo, em todo caso de Espiritopatia urge, primeiramente, afastar o Espírito atuante e, em segundo lugar, efetuar o tratamento médico do paciente que esteve atuado, a fim de equilibrar-lhe todas as funções afetadas no processo da atuação espiritual. Dito e feito. Prescrevi-lhe, para apressar a eliminação dos “fluidos mórbidos”, ainda retidos em vários órgãos, o seguinte medicamento: *Sulphur* C200, para tomar duas gotas, num cálice d’água, diariamente, em jejum; e para as coronárias — *Cactus gran.* C30, para tomar duas pastilhas de duas em duas horas. Tudo durante 3 dias.

A paciente saiu do Consultório aliviada e animada. Mas, dada a dificuldade de conseguir um táxi, viu-se obrigada a retornar ao lar de lotação. Como é natural, durante a viagem comentou o que lhe acontecera. Notou então que respeitável cavalheiro passou a observá-la “com olho clínico”. E, ao vê-la saltar, não pode mais sopitar o que lhe ia n’alma: “O seu caso, disse-lhe ele, o seu caso é mais sério do que a senhora imagina. Chame imediatamente um cardiologista. Não se fie nas “agüinhas” da Homeopatia. Falo como médico!” E mais não disse porque o lotação arrancou, levando o prestimoso profissional.

Na verdade, nada teria a reclamar contra a atitude desse colega. Ao contrário, reputo válido e altamente louvável o interesse demonstrado por minha cliente. Externou, com isso um sentimento muito nobre. Contudo, cometeu grave injustiça contra a Homeopatia. Além disso, deu prova de desconhecer o valor da potenciação da energia curativa das doses homeopáticas. Mas, apesar disso, não se eximiu de instilar, sub-repticiamente, no açúcar-cande do paternal conselho, algumas gotas do ácido sulfúrico de seu escárnio contra a Homeopatia!

Todavia, a despeito de não haver chamado nenhum cardiologista, preferindo optar por minhas “gotinhas”, a paciente, ao despertar na manhã seguinte, nada mais sentia. E ao retornar ao Consultório, com o electrocardiograma, três dias depois, tive a confirmação da Espiritopatia aguda que a afetou na rua, pois o traçado nada acusou. A paciente estava completamente curada!

Entretanto, o quadro clínico foi de enfarte do miocárdio; e se eu não houvesse intercedido espiritualmente no sentido do afastamento do Espírito, que com ela se sintonizou em plena via pública, o enfarte manifestar-se-ia sem a mínima dúvida. Mas, afastado o Espírito sofredor, retirados do perispírito da paciente os “fluidos morbígenos”, por ele deixados, e ministrados os remédios adequados, a cura processou-se a galope, sem deixar traços da efêmera, mas assustadora, cardiopatia!

Agora, um caso crônico.

A paciente estava doente, havia dois anos, sentindo cansaço geral, profunda astenia, constante dispnéia e freqüentes dores precordiais, razão por que procurou conceituado Serviço de Cardiologia de conhecido Hospital. Dos exames realizados, resultou o seguinte diagnóstico: “Coronarite crônica, com isquemia do miocárdio”.

Assombrada e inconformada, a paciente recorreu a reputado Instituto de Cardiologia, no qual foi confirmado o diagnóstico. Diante disso, viu-se condenada ao máximo repouso e a rigoroso tratamento pelos mais modernos medicamentos da Medicina oficial. Sem embargo, não colheu o mínimo proveito. Por isso, em desespero de causa, deliberou apelar para a Homeopatia, procurando-me no Consultório.

Inicialmente, expliquei-lhe a incompatibilidade que há entre os medicamentos homeopáticos e os alopáticos; em seguida, interpelei-a se estava disposta a abandonar todos os remédios alopáticos, prescritos pelos especialistas que consultara durante dois anos. Respondeu-me, sem relutar, que sim. Diante da resposta decisiva, prescrevi-lhe: *Naja tri.* C200. para tomar duas gotas, num cálice d’água, diariamente, ao despertar; *Cactus gran.* C30 e *Ignatia ama.* C30, para tomar duas pastilhas, alternadamente, de duas em duas horas, durante trinta dias.

Antes, porém, de despedir-me da paciente, vi-me obrigado, por um dever de consciência, a fazer-lhe uma advertência. Preveni-a de que, embora não fosse mais moça, estando já no climatério e, conseqüente-

mente, impossibilitada de desenvolver suas faculdades mediúnicas, obrigação que deveria ter principiado a cumprir exatamente na puberdade, de toda maneira, como todo médium, tinha ocultas ligações com o mundo dos Espíritos e, como era faltosa com os Espíritos que, antes de encarnar, prometera amparar com sua mediunidade, sofria, inclusive na saúde, as conseqüências de sua displicência. Exatamente por isso e contra meus interesses profissionais, convidei-a a freqüentar minhas aulas de filosofia neo-espírita. Nada mais lhe expliquei sobre o seu problema pessoal porque não recebi autorização do mundo espiritual. Nada obstante, a paciente aceitou o convite e lucrou tanto, sob todos os pontos de vista que à Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas jamais faltou, mas ao meu Consultório, no prazo de um ano, apenas uma vez retornou. Vale dizer que, com apenas duas receitas homeopáticas ficou curada, enquanto que, com dois anos de tratamento alopático, nem alívio sentiu. Manda a verdade, porém, que a glória da Homeopatia seja repartida com o Neo-espiritismo, porque imantado ao perispírito da paciente, sem que ela o soubesse, havia um Espírito outrora muito amado, desencarnado de cardiopatia, e que pela afeição que continuava a consagrar-lhe, vampirizava-lhe grande quantidade de “fluido vital”, a fim de manter-se com sensação de vida carnal. Por esse amor e por essa obstinação, o Espírito era o responsável pela cardiopatia da paciente, provocada por impregnação de toda a área cardíaca com “fluidos morbíficos”! Entretanto, como o problema era de amor e prendia-se a vínculos do passado, houve mister de dar tempo ao tempo, até que o próprio Espírito desencarnado aceitasse o amparo dos Espíritos socorristas da SEPE. Isso, finalmente aconteceu.

Com a freqüência da paciente à SEPE e as doutrinações hebdomadárias, proferidas em caráter genérico, o Espírito causador da Espiritopatia compreendeu que, sintonizado com a médium, não estava apenas prejudicando-a, mas também sendo muito prejudicado. Ora, alcançado este nível de compreensão, foi fácil socorrê-lo, levando-o para um plano de readaptação espiritual compatível com seu padrão de evolução. Levado o Espírito, neste mesmo dia, sem examiná-la, afirmei publicamente que a paciente acabava de ficar completamente curada e, para confirmação, pedi mandasse repetir, com os mesmos especialistas, todos os exames que outrora fizera. E para glória do Neo-espiritismo e da Homeopatia, todos os resultados foram negativos — nem coronarite crônica, nem isquemia de miocárdio!

A Homeopatia cura úlcera do estômago e úlcera do duodeno

Homeopatia não é, como muitos imaginam, remédio alopático tomado aos pingüinhos. Homeopatia, ao contrário, é remédio dinamizado, remédio com energia curativa potencializada, remédio de ação terapêutica multiplicada, inclusive porque atua em harmonia com uma lei natural de cura.

Remédio dinamizado é remédio cuja matéria foi de tal modo fragmentada, triturada, diluída e sacolejada que a energia curativa, nela existente em estado estático, se metamorfoseou em energia dinâmica, de rápida atuação terapêutica. Daí a presteza com que, em doses infinitesimais, os remédios homeopáticos restabelecem o equilíbrio vital em todas as células do organismo afetadas no *processus* mórbido.

Com efeito, assim como o atrito desenvolve, em certos corpos, a prodigiosa energia, que se denominou eletricidade, hoje utilizada em incontáveis atividades humanas, mas cuja essência, como toda causa primária, ainda escapa à Ciência, assim também as substâncias medicinais, submetidas à farmacotécnica hahnemanniana, libertam uma energia curativa, específica de cada medicamento e de cada dinamização — energia que, pelo desinteresse dos meios científicos ainda não foi detectada pela moderna tecnologia, mas que certamente o será no século vindouro, para glória da Medicina e felicidade de milhões de doentes, que se beneficiarão com o progresso da Homeopatia!

Mas, de toda maneira, a verdade é que a exaltação da ação terapêutica dos remédios homeopáticos, em consequência da dinamização da energia curativa, é fato de observação diariamente comprovado à cabeceira dos doentes.

Posto que o fenômeno ainda não esteja traduzido numa fórmula matemática — e não obstante comportar diferentes interpretações — um fato é, de todo em todo, irremovível — a farmacotécnica homeopática modifica de tal maneira as propriedades dos corpos que substâncias inteiramente inertes, do ponto de vista terapêutico, são transformadas, como que por encanto, em preciosos medicamentos, com numerosas aplicações.

A prova têm-na a cada momento nas lides da clínica homeopática, com a constatação de que muitas substâncias menosprezadas antes do advento da Homeopatia, realizam, em doses infinitesimais, curas verdadeiramente admiráveis!

Aliás, bastaria esta descoberta para consagrar Samuel Hahnemann como grande benfeitor da humanidade.

De fato, não há quem não conheça o carvão de madeira. Substância corriqueira, usada empiricamente pelo povo, há muitos séculos, para combater a azia, máxime a hipercloridria da gravidez, o carvão vegetal é cientificamente prescrito, na Medicina alopática, nas afecções gastrointestinais, em virtude de seu notável poder absorvente.

De toda forma, porém, a aplicação do carvão vegetal na Medicina oficial está adstrita a casos banais, destituídos de gravidade.

Entretanto, o mesmo carvão de madeira, que, preparado nos Laboratórios farmacêuticos alopáticos, tem ação limitada a ligeiros distúrbios do aparelho digestivo, dinamizado e potencializado de acordo com a Farmacopéia homeopática transforma-se de tal maneira que adquire assombroso valor terapêutico. E a prova é que o *Carbo Vegetabilis* da Homeopatia pode até salvar doentes em estado pré-agônico, quando o corpo já está coberto de suores frios, a face cadavérica, hipocrática, os olhos encovados em sulcos cianosados, o nariz afilado, o pulso filiforme, impalpável, apagadas as bulhas cardíacas e o colapso da circulação periférica prenuncia morte iminente!

Outro exemplo inofismável é o da *Terrae Silicea* ou, simplesmente, — *Silicea* — a argila pura, substância desprezada pela Medicina alopática, porque tida e havida como inteiramente desprovida de valor terapêutico. Todavia, submetida aos processos farmacotécnicos homeopáticos, torna-se poderosíssimo medicamento, com larga esfera de ação até em rebeldíssimos casos crônicos. Atua, até sobre os fâneros — unhas e pelos. Cura, outrossim, fístulas, inclusive do reto, quando a própria Cirurgia já fracassou!

Contudo, o mais espetacular é que a *Silicea*, dentre outras, possui a fantástica propriedade de provocar a expulsão de corpos estranhos enterrados, em acidentes, não só na superfície como até na profundidade do organismo, em órgãos de vital importância, como ocorreu no dramático caso da chamada “mulher das agulhas”, que, com a cooperação dos Espíritos Protetores do Neo-espiritismo, teve a ventura de solucionar — caso que vai, resumidamente, publicado neste livrinho.

Outro exemplo típico é o do Licópódio, pó totalmente inerte, usado, outrora, pela velha polifarmácia alopática, para evitar a aglutinação das pílulas, mantendo-as separadas dentro das caixas apropriadas. Entretanto, altamente dinamizado, o Licópódio adquire valiosas propriedades terapêuticas, impondo-se como remédio eficaz para casos gravíssimos de cirrose hepática e para doentes crônicos de caquexia!

Mas, para demonstrar a extraordinária transformação que a farmacotécnica homeopática imprime às substâncias medicinais não há melhor exemplo do que o do prosaico sal de cozinha. Ingerido diariamente, como condimento, numa dose mínima de sete gramas, o cloreto de sódio, embora imprescindível à vida, não exerce, apesar disso, nenhuma ação medicinal, exceto como purgativo, se for absorvido em dose maciça.

No entanto, dinamizado e potencializado de acordo com as regras da Farmacopéia homeopática, o banalíssimo condimento transmuta-se, quase miraculosamente, em poderoso medicamento útil até em casos crônicos.

Como se vê, as substâncias utilizadas na terapêutica homeopática adquirem singularíssimas propriedades e eficientíssimo poder curativo. Ora, como os prodígios que, a cada passo, realizam na clínica não podem ser atribuídos à massa, que, de tão mínima, é, quase sempre, imponderável, força é concluir que, em tese, a ação terapêutica das doses infinitesimais dos remédios homeopáticos decorre da frequência vibratória da energia curativa, — frequência vibratória que é inerente ao nível de dinamização de cada medicamento.

Investigando noutro setor, Robin demonstrou, no derradeiro quartel do século passado, que o valor terapêutico dos metais coloidais, também denominados fermentos coloidais, porque, à maneira das enzimas, atuam em doses mínimas, equivalentes às doses homeopáticas, — não depende tanto da quantidade quanto da exigüidade das partículas metálicas e, sobretudo, da velocidade do movimento browniano de que estão dotadas.

Vale dizer que: quanto menores e mais velozes forem as partículas metálicas, mais forte será a ação terapêutica dos metais coloidais.

Ora, sabido que o organismo é constituído de células e que as células são formadas, em grande parte, por colóides; sabido, outrossim, que o equilíbrio do estado coloidal pode alterar-se facilmente sob a influência de doses infinitesimais de diversas substâncias genericamente denominadas — catalisadores; sabido isso, não é absurdo admitir-se que os fermentos metálicos — cuja ação terapêutica é inversamente proporcional à dimensão das partículas metálicas e diretamente proporcional à velocidade do movimento browniano que as agita, — atuam à maneira de biocatalisadores, acelerando as reações intracelulares de molde a restabelecer o equilíbrio da saúde.

Com os remédios homeopáticos acontece algo semelhante. Quanto mais triturada, mais dissociada, mais diluída e mais dinamizada foi a substância medicinal, mais potencializada estará a energia curativa e, conseqüentemente, mais forte será a ação terapêutica do medicamento. Vale dizer que: quanto menos matéria contém, mais energia possuem os remédios homeopáticos.

Teoricamente, pelo menos, poder-se-á admitir que a energia curativa das baixas dinamizações atua sobre as enzimas e os biocatalisadores de molde a restabelecer o equilíbrio vital, perturbado pelos fatores morbígenos em equação; e que a elevada frequência vibratória da energia curativa das altas e, sobretudo, das altíssimas dinamizações, lhe assegura a sintonização com as vibrações do próprio perispírito ou “corpo espiritual”, fonte do “fluido vital”, que, difundindo-se, através do

Sistema nervoso, por todas as células do organismo, controla a Fisiologia e a Fisiopatologia do organismo humano.

Aceita que seja a hipótese, claro se torna a razão porque as altas e as altíssimas dinamizações homeopáticas, nas quais a Ciência, por enquanto, nada encontra, nem matéria, nem energia, realizam, apesar disso, curas quase instantâneas!

Quaisquer que sejam, no entanto, as explicações sobre o mecanismo das curas provocadas pelas doses infinitesimais dos remédios homeopáticos, um fato é inarredável: prescritos de acordo com a lei de cura, os remédios homeopáticos, seja nas baixas dinamizações, nas quais a presença da substância medicinal está patente por suas propriedades organolépticas, seja nas altíssimas dinamizações, nas quais a energia curativa ainda não foi detectada, — prescritos de acordo com a lei de cura, repito, os remédios homeopáticos realizam, diariamente, em quase todo orbe, curas equivalentes e, até, superiores às duas que passo a relatar, ambas em pacientes com prognóstico sombrio, pela suspeição de degeneração carcinomatosa.

Primeiramente um caso gravíssimo, que tive a fortuna de curar no decênio de 40.

Refiro-me a uma paciente de 42 anos de idade, viúva, de prendas domésticas, que, na época, residia à rua Visconde de Uruguai, a dois passos do antigo Pronto Socorro Municipal de Niterói, razão por que, por duas vezes, pôde ser salva de abundantíssimas hematêmeses.

Sofrendo de úlcera do estômago, a paciente, durante mais de dois lustros, tratou-se com diversos médicos, sem conseguir cura, nem, mesmo, melhora.

A dificuldade de digestão, a hipercloridria e a gastralgia persistiram, indiferentes à medicação. Mas o pior foi que as hematêmeses, que, a princípio, restringiam-se a vômitos de pequena quantidade de sangue parcialmente digerido, cor de borra de café, ao fim de certo tempo amiudaram-se e aumentaram em quantidade, de sorte que, por fim, as gastrorragias já eram copiosa quantidade de sangue rubro. Por isso, no decurso de um mês, a paciente fora levada às pressas ao Pronto Socorro, para imediata transfusão de sangue.

De resto, as chapas radiográficas assinalavam gradativo recrudescimento da lesão estomacal e, por fim, ao diagnóstico de úlcera gástrica foi acrescido o adendo — “com provável degeneração carcinomatosa”.

Em face da gravidade do caso, o cirurgião que deveria operá-la, um dos mais afamados na época, disse-lhe, francamente, que lhe faria uma laparotomia exploratória e, conforme encontrasse a situação, operá-la-ia ou não.

Foi assim que chocada com a verdade, desiludida do tratamento alopático e apavorada com a dramática possibilidade de estar cancerosa, a paciente, em desespero de causa, deliberou apelar para a Homeopatia.

Como é óbvio, em face de um caso de tão sombrio prognóstico, eu não poderia cometer a leviandade de prometer-lhe a cura. Contudo, dada a confiança que deposito em meu método terapêutico, procurei animar a paciente, concitando-a, ao mesmo passo, a confiar em seu Mentor, Protetor Espiritual, que, na posição de intérprete da Vontade Divina, poderia permitir sua cura.

Felizmente, a paciente saiu do Consultório mais consolada e, dada a gravidade de seu caso, para mim, tratá-la seria mais uma oportunidade para testar o valor da Homeopatia, que, desgraçadamente para a humanidade, continua, até hoje, a ser subestimada pela maioria dos médicos e relegada no currículo das Faculdades de Medicina!

Nessas condições, depois de aconselhar-lhe a prosseguir com o regime alimentar que, de longa data, vinha observando, prescrevi-lhe a seguinte medicação: *Calcarea car.* C30, *Nux vom.* C30 e *Sulphuris acid.* C30, para tomar, alternadamente, 2 pastilhas de 2 em 2 horas. *China off.* C200, para tomar, diariamente, em jejum, 2 gotas num cálice d'água e *Phosphorus* C200, para tomar, diariamente, ao deitar-se, 2 gotas, num cálice d'água. Tudo durante 30 dias.

Findo o prazo marcado, ao regressar à consulta, a paciente era outra, tamanha a transformação que sofrera, pois de magra, pálida e alquebrada, já se me apresentou mais gorda, corada e sorridente. E mais — ela própria já se considerava curada!

Todavia não me deixei embaixar pelo otimismo da paciente e insisti que continuasse o tratamento por mais um mês, podendo, no entanto, destituir-se gradativamente da dieta alimentar.

Para consolidar a cura, prescrevi-lhe: *Sulphuris acid.* C200, para tomar, diariamente, ao acordar e ao deitar-se, 2 gotas num cálice d'água. Tratamento para um mês.

Ao voltar ao Consultório, a paciente estava com ótima aparência e de nada mais se queixava, embora estivesse “comendo quase tudo” e livre o regime lácteo. Clinicamente, estava curada. Sem embargo, a prova decisiva chegou com as radiografias que solicitei. O aspeto local estava tão modificado que o radiologista não vislumbrou mais nem aparência de úlcera quanto mais de degeneração carcinomatosa!

Agora, um caso de úlcera gastroduodenal, também com suspeição radiológica de degeneração carcinomatosa.

Trata-se de um paciente de 51 anos de idade, residente no Fonseca, Niterói, negociante, que chegou ao meu Consultório em deplorável estado de magreza, com o rosto tão encarquilhado que se lhe dava idade muito mais avançada do que realmente tinha.

Queixa-se de rebelde dor com sensação de queimor e de contorção na região epigástrica, irradiando-se-lhe para o hipocôndrio direito e, às vezes, atingindo a região dorsal. Nas crises, a dor era terrível, prosstrando-o ao leito, e só cedia mediante a aplicação de injeção sedativa.

Independentemente dessa violenta dor irradiante e constrictiva, que o acometia, com maior frequência, quando o estômago estava vazio. Nessas ocasiões, sentia, também, na boca muita acidez e forte queimor no estômago. Além disso, o epigástrico apresentava-se-lhe doloroso, máxime se se lhe comprimisse mesmo ao de leve com a ponta dos dedos. De resto a própria pele e a musculatura da região epigástrica a miúdo, tornavam-se-lhe hiperestésicas.

Outro fato característico — a gastralgia, sempre acompanhada de sensação de vacuidade ou, melhor, de fome, surgia sistematicamente cerca de duas horas após as refeições e era aliviada, quase sempre, com alguns goles de leite.

A alimentação, embora frugal, era rejeitada, freqüentemente, por vômitos, com violentas contrações, sobretudo se o paciente sofresse qualquer impacto emocional. Aliás, o doente que já vinha sofrendo aproximadamente havia um decênio, sempre foi de temperamento nervoso, demonstrando ansiedade e tentando resolver precipitadamente os problemas de sua vida comercial. E, na ocasião, a despeito de depauperado, continuava ansioso e afobado por natureza; e, como sua atividade comercial se processava em encontros marcados na rua, caminhava sempre celeremente, apesar de sentir-se muito enfraquecido e de, amiúde, bambearem-se-lhe as pernas, máxime quando tenta ultrapassar a craveira de suas possibilidades orgânicas.

Havia já dois lustros que o diagnóstico radiológico lhe confirmara a existência de uma úlcera do duodeno, diagnóstico posteriormente confirmado, e agravado, com suspeição de degeneração carcinomatosa. Por isso, antes de submeter-se à Cirurgia, da qual sempre teve pavor, resolveu apelar para a Homeopatia.

Depois de minucioso exame clínico tive a alegria de poder informar-lhe que, apesar de tudo ainda nutria esperanças de curá-lo, desde que se abstivesse de qualquer outra medicação e se submetesse à dieta alimentar que lhe indicaria. Além disso, deveria limitar suas atividades profissionais e, tanto quanto possível, eliminar a tensão emocional, esquecendo as preocupações supérfluas.

Para convencê-lo da necessidade de cumprir minhas recomendações, expliquei-lhe que, no meu conceito, a causa de sua doença estava ligada aos espasmos musculares e vasculares do estômago, provocados por distúrbios neuro-vegetativos inerentes ao seu próprio temperamento. E, embora reconhecendo que não seria tarefa fácil,urgia que ele se reeducasse, sofrendo sua sofreguidão e sua ansiedade, para comportar-se com mais calma, estimulado pela convicção de que, da modificação de seu temperamento, dependeria, em grande parte, a cura.

Tudo prometido, fiz-lhe a seguinte prescrição: *Argentum nit.* C200, para tomar, diariamente, em jejum, 2 gotas num cálice d'água; *Plumbum met.* C200, para tomar, diariamente, ao deitar-se, 2 gotas num cálice

d'água. E mais — *Belladonna* C30, *Calcarea car.* C30 e *Sulphuris acid* C30, para tomar, alternadamente, 2 pastilhas, de 2 em 2 horas, todos durante 30 dias.

Não obstante o paciente não haver seguido, à risca, minhas exigências, as melhoras foram tão espetaculares que causaram perplexidade não só aos membros da família como a todas as pessoas de suas relações.

Modificado, pois, o quadro do doente, com o desaparecimento de numerosos sintomas, modifiquei, também, a receita, prescrevendo-lhe remédios dotados de fortíssima energia curativa, sem com isso correr o risco duma “agravação medicamentosa”, que, embora efêmera, é, sempre importuna. Foi esta a nova prescrição: *Argentum nit.* C200, *Calcarea car.* C200 e *Plumbum met.* C200, para tomar, alternadamente, 3 gotas num cálice d'água, de 3 em 3 horas, tendo, porém, o cuidado de preparar as doses num frasco, fechá-lo hermeticamente, e dar dez violentas sucussões na primeira dose de cada remédio e, na segunda, vinte sucussões, de modo que, pela diferença de estado vibratório da energia curativa, as doses de um mesmo medicamento não se neutralizassem mutuamente. O resultado foi maravilhoso. No fim de um mês deste tratamento o doente estava totalmente curado, com comprovação radiográfica!

A Homeopatia cura prosopalgia

Por incrível que pareça, não obstante as provas acumuladas durante mais de um século de experiência clínica, ainda é com um risinho de escárnio que a maioria dos homens de Ciência ouve falar dos prodigiosos efeitos das dinamizações homeopáticas!

O próprio Camille Flammarion, um dos espíritos mais fulgurantes e um dos caracteres mais independentes de quantos se destacaram na Ciência do século passado não poupou a Homeopatia de leve alfinetada, zombando dos que acreditam no efeito dum remédio de trigésima dinamização!

Todavia, aos homens de cultura é que não cabe o direito de duvidar das doses homeopáticas!

Com efeito, dentre outras razões, pode invocar-se o fato de ser o organismo humano constituído de alguns trilhões de células, cuja matéria prima é dotada primordialmente de estrutura coloidal. Ora, inúmeras pesquisas científicas demonstraram, há mais de cem anos, que doses infinitesimais de certos corpos, denominados catalisadores, podem não só manter a estabilidade como destruir o equilíbrio das soluções coloidais. Logo, em princípio, nada há de absurdo no efeito que as doses homeopáticas exercem sobre as células enfermas. Ao contrário, a hipótese se harmoniza perfeitamente com as teorias de Lumière, investigador insuspeito, porque não foi homeopata..

Por outro lado, deve considerar-se que, pelo fato de serem extremamente diluídos, a superfície de ação dos medicamentos homeopáticos fica fantásticamente multiplicada, o que equivale a dizer que sua ação terapêutica se torna muitíssimo mais poderosa. Esta é, aliás, a opinião de Bier, reputado investigador alemão, que se converteu à Homeopatia.

Corroborando com essas idéias e com esses fatos, encontram-se nos Anais da Ciência numerosas experiências, realizadas em diferentes países, que comprovam a prodigiosa sensibilidade da célula viva à dose infinitesimal. Assim é que soluções de 1/1.000.000, ou seja, um grama para uma tonelada d'água, de nitrato de prata, de cloreto de mercúrio, de cloreto de ouro ou de cloreto de platina afetam seriamente, e, às vezes, até matam, cogumelos e outros seres unicelulares, de acordo com as conclusões de Raulin e Jousset.

E para provar que tamanha sensibilidade não é apanágio de seres inferiores, de organismos unicelulares, existem, dentre outras, as conhecidas investigações de Coupin, de Devaux e de Naegeli.

Dessas experiências resulta que diluições de 1/700.000.000 que correspondem, aproximadamente, à nona diluição da escala decimal homeopática, de cloreto de sódio, cloreto de paládio, bicloreto de mercúrio, nitrato de prata, sulfato de zinco etc., ainda atuam poderosamente sobre as células vegetais, inibindo o crescimento das radículas.

Coupin afirma que a sensibilidade celular é tão grande a certos metais que a própria água destilada em alambique de cobre prejudica, e, até mata, as células vegetais. Por outro lado, Naegeli, valendo-se duma alga, pôde certificar-se de intensas alterações histológicas ocasionadas por diluições salinas cujo título atingiu até a assombrosa proporção de 1 para 1 quadrilhão, ou seja — um grama de sal, geralmente o Nitrato de Prata, para um bilhão de toneladas d'água, diluição que corresponde a 15X!

Outra prova decisiva da ação das doses infinitesimais sobre o equilíbrio vital das células é o efeito mortal que o cloro, em elevadíssima diluição, exerce sobre os microrganismos patogênicos, motivo por que os sanitaristas o empregam na depuração das águas que abastecem as cidades — processo descoberto, aliás, por um médico homeopata francês, durante a guerra de 1914, e experimentado em Verdun, entrando o cloro na proporção de 1 decimilograma para cada litro d'água, se me não falha a memória. De toda fortuna, uma dose mínima de cloro, que produz enorme mortandade celular, esterilizando as águas poluídas em poucos minutos, tão seguro é o efeito bactericida que possui.

Diante de tais fatos, sobejamente conhecidos, os homens de cultura não se deveriam espantar de que doses tão mínimas quanto as homeopáticas possam exercer pronta ação intracelular, e, em conseqüência, equilibrar o organismo doente.

É verdade que, embora sem muita razão, se poderia objetar que as experiências até aqui enumeradas demonstraram, apenas, a influência das doses infinitesimais sobre os seres inferiores, e não sobre o corpo humano.

Contudo, a objeção não procede, não só porque a Bioquímica não acusa diferenças substanciais entre as células dos microrganismos e as do corpo humano, como, também, porque muitos fatos clínicos e numerosos dados experimentais falam em favor da sensibilidade do organismo humano às doses infinitesimais.

Para restringir o assunto, basta assinalar o que acontece na alergia. A literatura médica, riquíssima nesse gênero, vem acumulando um número assombroso de observações, onde a sensibilidade dos alérgicos atinge quase o inacreditável. Pois quem não sabe hoje que indivíduos que se tornaram alérgicos no contacto com animais, como o cão, o gato, o boi, o cavalo etc., depois, para sofrerem uma crise alérgica, basta que sintam o odor do animal para o qual fora sensibilizado? Quem não sabe que, em certos casos, o alérgico nem o odor precisa sentir,

pois há criaturas que, ao chegarem a um local onde antes estivera o animal para o qual é alérgico, embora ignorem o fato e não sintam qualquer odor, são, inesperadamente, acometidas de violentas crises, numa demonstração ostensiva de quanto o organismo é sensível ao alergênio?!

É possível que, à primeira vista, não se veja nenhuma analogia entre a ação das doses infinitesimais dos alergênios e ação das doses infinitesimais dos medicamentos homeopáticos, pois se poderá alegar que, na alergia, o alergênio atua num organismo previamente alterado pela sensibilização, de sorte que a resposta do organismo alérgico à excitação do alergênio não se compara com a resposta que, em idênticas condições, daria o organismo normal. Entretanto, é muito grande a analogia que existe nos dois casos, porque, tanto na alergia como na Homeopatia, as doses infinitesimais atuam em organismos ultra-sensíveis — na alergia, em decorrência da formação de anticorpos específicos sob a influência de repetidos contactos com o alergênio; na Homeopatia, em virtude de ser a dose infinitesimal aplicada de acordo com uma lei de cura, que torna o organismo doente hipersensível à ação dos medicamentos.

De qualquer forma, porém, o fato é que a Homeopatia cura — e cura depressa. E como contra fatos não há argumentos, prefiro à discussão teórica a prova dos fatos concretos.

No princípio deste ano, compareceu ao meu Consultório uma senhora de Friburgo, que, havia dez anos, padecia horrivelmente de rebelde nevralgia facial. A princípio, as dores eram contínuas e afetavam toda a metade direita da face — a fronte, o globo ocular, o nariz, a região malar e as arcadas dentárias. Dor terrível, que a levava a verdadeiras crises de desespero. Por isso mesmo, submeteu-se, docilmente, aos mais diversos tratamentos, inclusive à extração de todos os dentes, apesar de ser muito moça ainda. Nada deu resultado positivo. Houve melhoras; cura, não. Ultimamente, o caráter da prosopalgia modificou-se sensivelmente. Havia períodos de acalmia, interrompidos, porém, pelo ato de mastigar, de deglutir ou de espirrar. Outras vezes, sem motivo aparente, de repente, era surpreendida por lancinante físgada, como se invisível estilete lhe varasse a face, esparramando-se, em seguida, a cruel algia por toda a hemiface direita. Já desesperançada de cura, acabara abandonando os tratamentos, que tantos gastos lhe davam, sem maiores proveitos. Foi quando deliberou vir a Niterói, para experimentar a Homeopatia.

De tudo que pude deduzir, o caso iniciou-se como uma trigemalgia deuteropática em que as terminações periféricas do trigêmeo foram afetadas por processo infectuoso, partindo de um foco não identificado, mas que poderia ter sido nos dentes, no nariz, no ouvido, nos *sini* dos ossos faciais, ou mesmo no globo ocular — foco que, embora

debelado pelos tratamentos anteriores, não deixou de provocar uma nevrite degenerativa, com o comprometimento do gânglio de Gasser, fato que transformou a nevralgia deuteropática em protopática, originada por uma afecção do próprio nervo, razão porque o quadro clínico também mudou, deixando de serem constantes para serem intermitentes, e por crises, as dores, que atormentavam a infeliz paciente. De qualquer forma, porém, não foi em vão que a doente se valeu da Homeopatia. Desde a primeira receita, prescrita para um período de 30 dias, em virtude do sacrifício que a viagem representava para a cliente, as melhoras foram verdadeiramente surpreendentes. Dores fortes não as teve mais — apenas uma “dorzinha manhosa”; e, assim mesmo, raramente, quando forçava a mastigação, dorzinha manhosa essa que desapareceu, como que por encanto, com a segunda receita, a despeito de datar de 10 anos o cruel sofrimento!

Como se vê, aquilo que não conseguiram todos os tratamentos alopáticos, conseguiu-o a Homeopatia, com apenas duas receitas!

E depois disso ainda há quem diga por aí que o remédio homeopático é fraco e cura devagar!

**Com a força espiritual do Neo-espiritismo e a
potência das altas dinamizações homeopáticas,
foram expelidas cerca de mil agulhas, inteiras umas,
fragmentadas outras, do corpo da “mulher das agulhas”.**

Consultado publicamente, em 27 de junho de 1971, no programa Silvio Santos, se eu seria capaz de curar a “mulher das agulhas”, embora possuísse acerca do caso notícias perfuntórias, respondi que: se a paciente fosse enviada para Niterói, se freqüentasse as aulas do Neo-espiritismo e, pela assimilação da doutrina, transformasse seus sentimentos de tal sorte que merecesse, perante Deus, o “desligamento” com o Espírito vingativo, que, valendo-se de sua mediunidade inaproveitada, materializava, na intimidade dos tecidos orgânicos, máxime no plano subcutâneo, as famigeradas agulhas, eu a curaria.

Devo ressaltar, desde logo que, a respeito do caso eu apenas sabia, por ter assistido, parcialmente, um programa de TV no qual fora mostrado, por conhecido escritor espírita, o enigma de D. Lucrécia Maria Januário. Pelas assertivas do apresentador, fiquei ciente de que agulhas se lhe apresentavam por todo corpo — nas paredes anterior e posterior do tórax, no abdome, na bacia e nos membros, regiões de onde a custo eram extraídas depois de pacientes manobras manuais, até que despontassem à superfície cutânea, sendo então arrancadas com alicate ou com torquês. E não foi só. Ressaltou-se, na oportunidade, um fato altamente significativo — as agulhas apresentavam-se sistematicamente de ponta voltada para a superfície do corpo, como se houvessem sido introduzidas pelo fundo, isto é, pela extremidade rombuda.

Ora, não só pelo número e pela localização como pela posição das agulhas um fato ficou, desde logo, evidente: quer por compulsão psicopática, quer em auto-hipnose, quer em transe mediúnico, a paciente, em hipótese alguma, teria podido colocar as agulhas com suas próprias mãos, em extensa área da região dorsal, inclusive nas proximidades de toda a coluna vertebral. Além disso, como posteriormente eu pude constatar, havia agulhas na vagina, na vulva, no períneo e, rente ao anus — zonas de grande sensibilidade e de fácil infecção. De toda sorte, em casos normais, a presença de tantos corpos estranhos na intimidade dos tecidos, ainda que houvesse prévia esterilização, teria provocado inúmeras supurações *a frigore*, como defesa do organismo para eliminar os referidos objetos. Portanto, a despeito da brevidade das informações, encontrei base para inferir que não se tratava duma burla e que o caso era digno de acurado estudo, por sua raridade, suas implicações e, sobretudo, pelos sofrimentos que causava.

Na verdade, ao receber em Niterói, remetidas pelo programa Silvio Santos, Lucrécia Maria Januário e sua filha menor Dalva, eu tinha

plena consciência das dificuldades que iria arrostar. *A priori*, já havia formulado duas hipóteses: o caso ou era de vingança de um Espírito inimigo, desta ou de anterior encarnação, que, aproveitando-se dos fluidos de materialização da médium, materializava-lhe agulhas dentro do organismo; ou, com maior probabilidade, tratava-se de um caso de magia negra, trabalho de perigoso feiticeiro!

De toda maneira, a primeira providência por mim tomada, foi abrigar D. Lucrécia e sua filha, em residência de casal neo-espírita, de minha absoluta confiança, onde, não obstante ser tratada como pessoa da família, ficou sob permanente vigilância, com todas as despesas custeadas, sem qualquer interesse material, pela Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas. É interessante anotar que, desde o dia de sua chegada, em 2 de julho de 1971, até a presente data, nesse longo e afanoso quinquênio, D. Lucrécia e sua filha moraram, sucessivamente, em três residências de famílias neo-espíritas, havendo ininterruptamente uma pessoa encarregada de anotar, diariamente, todos os fatos com ambas observados. De modo que, no presente, a Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas possui completo histórico da marcha do tratamento espiritual e do tratamento médico, da “mulher das agulhas”.

No mesmo dia da chegada de D. Lucrécia e de sua filha, eu recebi, às 20 horas, através da mediunidade de minha esposa, longa comunicação de um Espírito, chefe de uma falange de africanos, ex-quimbandeiro na Bahia, hoje convertido ao Neo-espiritismo e meu fiel amigo, que me expôs todo o problema. O caso era, realmente, de magia negra e o trabalho fora feito mediante a confecção de uma estatueta de pano, dentro da qual fora incluída uma toalha higiênica, suja com sangue do catamênio, sub-repticiamente surripiada à vítima. Numa palavra — o trabalho de magia, que, em geral, conta com a colaboração de, pelo menos sete Espíritos maléficos obedientes ao feiticeiro, tivera gravíssimas conseqüências, não só porque fortalecido com o fluido vital do sangue da vítima, como porque a vítima é médium de materialização. Caso contrário, embora a estatueta ou *mumie* houvesse sido espetada por numerosas agulhas, a vítima, se faltosa espiritualmente com o feiticeiro, poderia ser atormentada, pelos Espíritos a serviço do feiticeiro, com dores “em agulhadas” por todo corpo e, até, dependendo da gravidade da falta que desta ou doutra anterior encarnação tivesse com o feiticeiro, poderia desencarnar.

Todavia, como o Neo-espiritismo, seguindo as pegadas do Mestre Allan Kardec, que deixou bem claro que o Espírito, pelo fato de desencarnar, não muda imediatamente de personalidade, aceita, de bom grado, não só a colaboração de Espíritos cultos, dentre os quais se destacam cientistas e Mestres de cultos iniciáticos, como a preciosa cooperação de Espíritos de africanos e de ameríndios, previamente doutrinados nos planos espirituais do Neo-espiritismo, razão por que

possui excepcional força espiritual, com capacidade, inclusive, para neutralizar qualquer trabalho de magia, desde que a vítima esteja inocente, e, por conseqüência, amparada pela Justiça de Deus.

Na verdade, a essência da magia depende da força do pensamento e, sobretudo, da afinidade de sentimentos do feiticeiro, que, utilizando objetos impregnados de fluido vital da vítima — mecha de cabelo, peça de roupa íntima, etc. — dá força de volitação e de atuação aos Espíritos perversos, com ele compactuados na realização dos objetivos visados pelo feitiço.

Entretanto, acima da vontade e da maldade do feiticeiro, existe a Justiça de Deus, regulada por uma Lei de causalidade moral, que governa os destinos de todos os Espíritos, encarnados ou desencarnados. Para que a magia atinja a criatura visada, é imprescindível que, por afinidade de sentimentos, haja atração magnética entre o feiticeiro e a vítima.

Se, no caso específico da “mulher das agulhas”, não houvesse desta ou de anterior encarnação, arraigado ódio entre ambos, repúdio ao convite do feiticeiro para que ela, jovem de quinze anos, fosse morar em mancebia com ele, jamais daria ensanchas à consumação da vingança, pois ela estaria abrigada pela Justiça do Criador e protegida não só pelo seu Mentor, dono de seu destino na atual encarnação, como por outros amigos do mundo espiritual.

De toda forma, já orientado sobre o problema da “mulher das agulhas”, selecionei um grupo de médiuns e reservei um dia da semana para a realização de sessões especialmente destinadas a retirar gradativamente do perispírito da vítima, os vínculos magnéticos com os Espíritos maléficos que a vinham atormentando — Espíritos que, desde o dia de sua chegada a Niterói, haviam sido capturados pelos Espíritos encarregados de “desmanchar” a magia e estavam aprisionados num plano de correção aqui mesmo em nosso Planeta.

Nessas sessões, controladas por Espíritos africanos, com colaboração de Espíritos indígenas e ameríndios, tentei o diálogo com o feiticeiro de Lorena, o qual, desencarnado, redobrou a violência da vingança, multiplicando, no organismo da vítima, o número de agulhas, por ele, coadjuvado por seus sequazes, materializadas, também, em grande número, nos seios e nas partes pudendas, de maneira a inutilizá-la como mulher e uma das fortes razões pelas quais o marido a abandonou.

Infelizmente, não houve a mínima possibilidade de doutrinação. Mesmo controlado pelos Protetores africanos durante sua incorporação no médium, o espírito feiticeiro, proclamando-se “maior que Deus”, continuava a clamar vingança contra aquela que, quando ele estava encarnado, se recusou a entrar para o seu harém. Diante dessa obstinação na prática do mal, o recurso foi levá-lo para um plano infernal, no centro da Terra, onde permanecerá enquanto a “mulher das agulhas” permanecer sob a proteção da SEPE ou até que ele resolva aceitar a sua correção.

Com o afastamento dos algozes e o isolamento do perispírito da vítima, a macumbada pôde morar durante esses cinco anos, no seio de famílias neo-espíritas, sem lhes perturbar a saúde, nem roubar-lhes a paz que desfrutam, com a emanção da radiação de magia que ela ainda possui no corpo espiritual.

Contudo, faço questão de ressaltar que a Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas, com sua própria denominação o indica, não se destina a “desmanchar” trabalhos de magia e sim ao estudo da doutrina, à pesquisa da fenomenologia mediúnica e de suas implicações no campo da Medicina. Aceitei, excepcionalmente, o ônus dessa caridade, por que houve, publicamente, uma interpelação e eu, sempre que posso, sinto-me feliz em fazer o bem, sem olhar a quem.

Se o caso fosse, apenas, produto da vingança de um Espírito obsessivo contra um médium de materialização com ele faltoso, doutrinado e convertido que fosse o verdugo, seria fácil a desmaterialização das agulhas pelo próprio autor das materializações. Mas, no exemplo em tela, o problema é muito mais complexo. Com a força de seu pensamento, alimentado pelo desejo de vingança, em represália, pelo repúdio que sofreu, o feiticeiro, com evocação de Espíritos afeitos à magia negra, e aproveitando-se da força magnética do aço das agulhas imantou, com suas maléficas radiações perispirituais, algumas centenas de agulhas, que, assim “preparadas”, foram colocadas, num pacote, à porta da casa de Lucrécia, então com 15 anos de idade. Encontrando o pacote e verificando tratar-se de agulhas, Lucrécia deu-o à sua mãe, que era costureira e que, anteriormente, também tivera problemas com o feiticeiro. Em pouco tempo, a costureira adoeceu e, finalmente, acabou desencarnando louca, por obsessão. Pelo que ficou explícito, deve inferir-se que a cura rápida mercê da desmaterialização das agulhas só seria possível se o feiticeiro, convertido e arrependido da maldade por ele praticada, assumisse a responsabilidade de desfazer o “trabalho”, de vez que, cada agulha materializada no corpo da vítima constitui, por si só, um “ponto de magia”. De resto, para que a vítima da magia, sem risco para sua saúde e, quiçá, para sua vida, pudesse suportar, na intimidade de seu organismo, a desmaterialização, em massa, das agulhas, com libertação da perigosa radiação de magia negra nelas existente, seria necessário que ela, pela compreensão do Neo-espiritismo, houvesse reformado sua personalidade melhorando seus sentimentos a ponto de merecer a intervenção de seu Mentor, dono de seu destino, no sentido de sustar a dolorosa provação, que finca raízes em vidas anteriores dos dois principais implicados.

Em face, porém, da impossibilidade de uma cura rápida por meio da desmaterialização das agulhas portadoras de fluidos de magia, restava-me apenas uma opção: tentar a eliminação das agulhas, algumas profundamente localizadas, por meio da energia das altas potências

homeopáticas, que, no meu conceito, atuam diretamente sobre o “corpo espiritual”, emanação do Espírito imortal, que, protegida pelo perispírito, irradia-se sobre o córtex cerebral e, por seu intermédio, sobre todos os neurônios do organismo, governando, assim, a fisiologia e a patofisiologia humanas. Daí a rapidez das curas e os verdadeiros prodígios que a desconhecida terapêutica hahnemanniana há quase dois séculos vem realizando.

A favor da tentativa da cura da “mulher das agulhas” pela Homeopatia eu estava escorado em minha longa experiência clínica, com alguns casos de eliminação de corpos estranhos que, acidentalmente, haviam penetrado no organismo e que, com a energia resultante da dinamização hahnemanniana, foram eliminados, uns com prévia supuração, outros sem supuração. Vou dar, apenas, um exemplo de cada *modus operandi*.

Brincando no quintal de sua residência, em São Gonçalo, uma menina de 9 anos trepara, arteira, numa árvore e, quebrando-se o galho, despencou de encontro ao solo. Por infelicidade, caiu sobre um monte de gravetos e teve a coxa perfurada por longa e pontiaguda farpa de madeira, que lhe ficou enterrada no músculo, provocando-lhe hemorragia. Levada e socorrida no Pronto Socorro, pareceu que tudo estava solucionado. Mas não tardou que a menina principiasse a acusar dor na coxa atingida. Mostrando-se a menina apavorada com a ameaça de voltar ao cirurgião, sua progenitora resolveu consultar-me. Examinando a menina, localizei, no terço médio da coxa direita, enterrada na massa muscular, longo e rígido corpo estranho, que se me afigurou outra estilha de madeira. Opinei que o caso exigia cirurgia, mas a menina, ao ouvir minha opinião, caiu em pranto e a mãe, aflita, suplicou-me tentasse solucionar o problema com a Homeopatia. Diante da confiança demonstrada, não havia como recusar. Vali-me, inicialmente, do *Hepar Sulphuris*, que, em baixa dinamização, facilita a supuração. Supurado o local, prescrevi *Silicea* C200, uma dose de duas gotas diariamente. Ao fim de 48 horas, rompeu-se o abscesso e, com o pus, saiu grossa farpa de madeira, com cinco centímetros de comprimento.

Agora, o outro exemplo, escolhido dentre vários.

O paciente, torneiro mecânico, por displicência, não protegia os olhos durante a afiação de seus próprios instrumentos correndo o risco de ser atingido por partículas metálicas incandescentes. E, com efeito, até que se deliberasse a usar óculo protetor, foi vítima desses fragmentos metálicos, que se lhe enterravam na esclerótica, obrigando-o a recorrer ao especialista para a extração das referidas partículas metálicas. Nessas oportunidades, além da medicação sedativa para suavizar a forte dor provocada pela irritação local, era forçado a permanecer, em média, 48 horas em repouso e com o olho afetado totalmente ocluído. Todavia, havendo-lhe repetido o acidente depois que eu já

o havia curado de litíase renal, convicto do valor da Homeopatia, ao invés de recorrer, como anteriormente, ao oculista, preferiu procurar-me no Consultório. Apresentava um dos olhos muito irritado e lacrimajante, vendo-se, na esclerótica, o ponto de penetração da partícula metálica que lá permanecia presente e causando violenta dor. Prescrevi-lhe *Euphrasia* D3 para tomar duas pastilhas, a princípio, de meia em meia hora, e, à medida que a congestão e a dor melhorassem, espaçar gradativamente as doses, até permanecer de duas em duas horas. Além desse medicamento, prescrevi, para provocar a expulsão da partícula metálica, *Silicea* C200 para tomar 2 gotas, n'um cálice d'água, de 12 em 12 horas. Em menos de 24 horas de tratamento homeopático, a partícula fora expelida e o olho voltara ao estado normal.

Transcorrido, pois, o primeiro mês de estada de Lucrécia em Niterói, período que foi consagrado, exclusivamente ao tratamento espiritual, com colaboração de Espíritos Protetores de diversos níveis hierárquicos, com preponderância de Protetores africanos peritos em matéria de magia negra, principiei a atuar como médico homeopata, de vez que, além das centenas de agulhas materializadas predominantemente na superfície do corpo, a maioria enterrada nos músculos, a paciente apresentava várias afecções.

De acordo com seu próprio depoimento, em Lorena, vivia freqüentemente doente. “Havia ocasiões em que não podia caminhar sozinha e nem banho podia tomar sem ajuda de outras pessoas”. Sofria do fígado e dos intestinos, com tenaz obstipação, permanecendo até 15 dias sem defecar. Sofria, também, dos rins e da bexiga, com crises de micções extremamente dolorosa e, até, com impossibilidade de urinar. Nessas ocasiões, era internada no Hospital, onde só urinava com auxílio de sonda, porquanto a disúria resistia a todos os diuréticos e só voltava a urinar normalmente quando regressava à sua casa. Além disso, tinha abundante corrimento catarral, pronunciadamente fétido e sentia o útero caído, como se fosse sair pela vulva. Aliás, grande múltiparo e com partos assistidos por parteiras, talvez “curiosas”, não era de admirar que houvesse extensa rotura do períneo e, conseqüentemente, prolapso uterino.

Independentemente dos problemas dos aparelhos digestivo, urinário e genital, as agulhas, embora, pela lógica, devessem causar distúrbios muito mais graves do que os registrados durante quase quatro decênios, que é a quanto monta a aparição das primeiras agulhas, não deixou de afetar-lhe a saúde e houve uma ocasião em que sua perna esquerda apresentou extensa inflamação, que a “obrigava a passar a noite em claro, chorando de dor e rogando que a levassem para o Hospital, afim de que lhe amputassem o membro”. Mas não houve hospitalização e, decorrido certo prazo, sem tratamento (diz Lucrécia), a perna desinflamou e deixou de doer. Contudo, antes de ter ficado sob a

proteção da Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas, a paciente jamais gozara saúde e, freqüentemente, as agulhas lhe causavam sofrimento.

Como o caso de Lucrecia, sobre ser intrincado pelo fato de haver partido de um trabalho de magia negra, ainda se complicou, no decorrer da vida, com enfermidades que vinham desafiando os recursos médicos e a ajuda de Centros e Terreiros, vou focalizá-lo de diferentes ângulos afim de torná-lo mais inteligível.

Do ponto de vista médico, houve no caso de Lucrecia, três fatores negativos: o primeiro foi que, contrariamente ao que me informaram em São Paulo, não foi a paciente quem pediu a cura — disseram-lhe que eu a poderia curar, estimularam-na a vir, mesmo sem entusiasmo, ao meu encontro; segundo fator, foi que, como ocorre com todo médium permanentemente atuado, os Espíritos perseguidores, que são, sempre, “caçadores de fluidos” não só captam fluido vital da vítima como roubam, no perispírito, a energia medicinal dos medicamentos ministrados, de modo que, sem o prévio afastamento desses vampiros, nenhuma medicação surte o desejado efeito; finalmente, o terceiro fator negativo foi que Lucrecia não acreditava em sua cura e, muito menos, por meio da Homeopatia.

Apesar disso, por acréscimo de misericórdia, Deus nos poderia dar oportunidade de aliviar o sofrimento de uma criatura insensível à caridade que se lhe praticava. Por isso, a expulsão, até hoje, de 539 agulhas inteiras e 548 pedaços de agulhas e de uns poucos corpos metálicos, uns semelhantes a agulha, outros a anzol, todos propelidos de contextura das fibras musculares e de camada profunda do derma, sem a mínima ajuda mecânica, somente pela força das altas dinamizações hahnemannianas, constitui, por si só, estupenda demonstração da energia curativa dos medicamentos homeopáticos.

Afastada *a priori* a hipótese de uma cura cirúrgica, em face do número de agulhas enterradas, pelo fundo, em toda extensão da periferia do organismo e constatado que, mediante incisões cutâneas, o número de agulhas extraídas em Lorena foi simplesmente irrisório, selecionei na Matéria Médica Homeopática, dois medicamentos que se me afiguraram capazes de erradicar do organismo da paciente as centenas de agulhas nele distribuídas por toda parte. Escolhi *Silicea* ou *Terra Silicea*, que, no estado natural, é substância desprovida de ação terapêutica, mas que, dinamizada de acordo com o processo hahnemanniano, transforma-se num dos medicamentos mais poderosos da Homeopatia, com a propriedade, inclusive, de expulsar do organismo corpos estranhos acidentalmente introduzidos. E como a maioria das agulhas estavam materializadas havia mais de trinta anos e, por uma defesa natural do organismo, bloqueadas por camadas de tecido conjuntivo, escolhi, também, *Graphites*, carvão mineral com traços de ferro, que, no estado

natural, nenhum valor terapêutico possui, mas que, homeopaticamente dinamizado, transforma-se em precioso medicamento, podendo, até, amolecer o tecido fibroso das cicatrizes, melhorando, inclusive o aspeto estético.

No caso específico da “mulher das agulhas” havia necessidade de um medicamento que amolecasse velhas cicatrizes e de outro que empurrasse as agulhas, de ponta para fora, para a pele, na qual deveriam despontar, a fim de serem retiradas, facilmente, sem alicate nem torquês, como outrora, mas apenas com o polegar e o indicador em pinça, operação que se tornava imprescindível para evitar que agulhas já com a ponta de fora, em imprevista contração muscular, novamente penetrassem no músculo. Sem embargo, várias vezes aconteceu que, depois de haver tomado banho de mar ou banho de cachoeira, tratamento prescrito pelos Protetores responsáveis pela gradativa eliminação do organismo ou, melhor, do corpo espiritual da macumbada, dos fluidos de magia com que foi impregnado, quando a paciente ia tomar o banho de chuveiro, algumas agulhas, apontavam-lhe à superfície do corpo, perfurando, sem dor nem sangue, a pele e saindo sozinhas. Isto aconteceu, inclusive, com agulhas que saíram da vagina. Como se infere, no tratamento, somou-se à energia dos medicamentos homeopáticos, as cargas electromagnéticas do vapor da água do mar ou do vapor da água da cachoeira. E, em se tratando de ciclópico trabalho de anti-magia, em todos os momentos esteve em ação a força espiritual dos Protetores da SEPE, que dirigiram pela força do pensamento, as agulhas desprendidas com a energia das potências homeopáticas e que, na proporção que aumentavam os obstáculos ao deslocamento das agulhas, despedaçavam-nas em numerosos fragmentos, para dividir as dificuldades. Isso é fato comprovado em sucessivas radiografias. Nas primeiras, excepcionalmente aparece uma agulha fragmentada; depois de alguns meses de tratamento e, à medida que o tempo se prolonga, multiplica-se o número de agulhas quebradas, ao passo que vão rareando as inteiras. Sei perfeitamente os prodígios que a Homeopatia pode realizar. Todavia, no caso em foco, nem a terapêutica hahnemanniana, nem nenhuma outra forma de tratamento, poderia colher frutos sem o concurso dos Espíritos Protetores.

Bem claro este ponto, volto ao assunto dos medicamentos selecionados para a vítima das agulhas. Quer *Silicea*, quer o *Graphites*, sempre foram, e continuam sendo, ministrados em altas e, até, em altíssimas potências — únicas que penetram o perispírito, sede de atuação de toda forma de magia. Princípei com a ducentésima dinamização e, gradativamente, fui aumentando a energia, prescrevendo dinamizações cada vez mais elevadas, conforme observava o incremento do número de agulhas expelidas. Atingi até a vigésima milésima, dinamização com a qual o organismo da paciente perdeu a capacidade de reação e as agulhas deixaram de ser expulsas. Diante disso, desci a escala das

dinamizações, demorando-me pouco na décima milésima, depois na quinta milésima, na milésima, na quinquagésima e, finalmente, estacionei, até ao presente, na ducentésima, por ter observado ser esta a potência mais eficiente para a “mulher das agulhas”. Somente com essa dinamização foram expelidos pela *Silicea* alternada com *Graphites*, cerca de mil corpos estranhos entre agulhas e pedaços de agulhas, esparramados no organismo da paciente. E não fora a rebeldia e instabilidade emocional da paciente, não tenho a mínima dúvida de que já estaria completamente curada das conseqüências de magia, como ficou curada da angiocolicistite crônica, da colopatia e da renitente obstipação que a privava da defecação no mínimo dez dias, da metropatia crônica e do prolapso uterino de tal sorte que, com menos de dois meses de tratamento homeopático adquiriu a saúde que desfruta até o presente, não obstante reter ainda em seu organismo agulhas “trabalhadas”, que são pontos de magia negra, mantidos isolados pelo trabalho dos Protetores africanos e indígenas. Tudo isso, mostra quanto a paciente tem sido beneficiada, sem qualquer interesse subalterno, quer por mim pessoalmente, quer pela Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas, que, além de custear sua permanência na residência de uma família neo-espírita e de dar-lhe todos os medicamentos, proporcionou-lhe condução gratuita quer para os banhos de mar, quer para os banhos de cachoeira, necessários ao seu tratamento. Os banhos de mar foram tomados em diversas praias de Niterói e, também de Itaipu e de Piratininga e os de cachoeira, em Friburgo, durante o ano que a SEPE transferiu sua sede para aquela cidade. Como se infere a SEPE tudo tem feito para cercá-la de um conforto que ela jamais poderia almejar, pobre como é. Basta dizer que, dois meses depois de ter chegado à SEPE, época em que, mais de uma vez foi surpreendida, em flagrante, cuspiendo o remédio da Homeopatia que se lhe deu, se lhe apresentaram, no seio direito, com intervalos de dias, dois abscessos. Evidentemente um caso de cirurgia. Sem embargo, como, na época, a “mulher das agulhas” estava focalizada por reportagens nacionais e internacionais e por causa do problema da magia era de toda conveniência mantê-la em discreto isolamento, cercada, apenas, por um grupo de discípulos de minha absoluta confiança, resolvi abrigá-la, juntamente com a filha e as duas médiuns com as quais ela estava residindo, na própria sede da SEPE, à rua Visconde de Itaboraí, 265. Para essa transferência, foi instalada, em ampla sala, uma enfermaria improvisada, que, além do “leito fowler”, dispunha ar refrigerado, televisão e rádio de cabeceira. Realizada a mudança, suspendi a medicação destinada à expulsão das agulhas, para tentar resolver, com a Homeopatia, o problema dos abscessos em formação.

Com cinco dias de medicação *Hepar sulphuris* D3 e *Myristica sebifera* D3 de duas em duas horas, alternadamente o primeiro abscesso rom-

peu-se, com escoamento de cerca de 200 centímetros cúbicos de pus, amarelo pardo, muito fétido. O surpreendente foi que, a despeito de haver no seio, no mínimo uma centena de agulhas de diversos tamanhos, com o pus não saiu uma sequer. Mudada a prescrição, para *Calcarea sulphurica* C30 3 gotas de 3 em 3 horas, e, feitos curativos, com drenagem durante 24 horas, ao fim de 48 horas a cicatrização estava feita.

Sem embargo, o outro abscesso, próximo do primeiro havia alcançado grande volume, sem romper-se. Por isso, apesar da paciente, sob constante ação de medicamentos homeopáticos não acusar senão mínimo sofrimento, resolvi operá-la e, aceitando uma sugestão de um dos Espíritos Protetores que me assistem, fi-lo ao arrepio dos cânones da Ciência — sem anti-sepsia e sem anestesia — para demonstrar aos discípulos que, no momento, me cercavam, o poder supranormal dos Espíritos Protetores da Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas. Convertido à Homeopatia depois de seis anos de prática alopática, havia mais de 30 anos que não utilizava meu bisturi. Fui buscá-lo no meio de outros instrumentos, doados à SEPE; e como estava “cego”, e, até, enferrujado, afieci-o na pia da cozinha. Protegi as mãos com luva de borracha, sem esterilização e, sem hesitação, dei profunda incisão de cerca de 5 centímetros de extensão. O pus jorrou, amarelado e muito fétido, enchendo um recipiente de 500 cc. Entretanto, mais uma vez, paradoxalmente, não saiu, com o pus, nem uma agulha, das dezenas que lá se encontravam profundamente enterradas nas glândulas mamárias. Drenei, com mecha de gaze a abertura feita, mas, no dia seguinte, o aspeto da incisão era tão bom e em processo de rápida cicatrização que não repeti a drenagem. E, por incrível que pareça, 24 horas depois a cicatrização era perfeita.

Tudo isso se deve, em grande parte, ao trabalho dos Espíritos Protetores, realizado paralelamente à ação dos medicamentos homeopáticos.

Para prová-lo, basta atentar no seguinte fato: sempre que Lucrecia, fosse por desejo de abandonar o tratamento, fosse por ter sonhado com problemas com os filhos, além da transformação, para pior, de sua personalidade instável, ou diminuía o número de agulhas expelidas ou surgiam, materializadas, agulhas que antes não foram reveladas nas radiografias. Embora em número mínimo, meia dúzia ao todo, essas agulhas, duas delas enormes e uma, das de cozer saco, localizaram-se na vagina e todas estavam com linha ou barbante enfiados. Uma delas, a de saco, tinha, enfiado nela, um barbante que, desenfiado e esticado, mediu 2 metros! Como as outras cinco, essas agulhas, materializadas por Espíritos inimigos atraídos por momentos de invigilância e de ingratidão, só puderam ser retiradas, com pedido de socorro a Espíritos africanos e indígenas, e ao contrário das demais, que, entre agulhas inteiras e fragmentadas somam mais de mil corpos metálicos, saíram sempre, sem dor, sem sangue e como que deslizando através da

pele. Ainda mais: as seis agulhas, materializadas com linha ou barbante, estavam agarradas profundamente na vagina, saíram com fragmentos de mucosa aderentes, bastante sangue e dor!

Na verdade, não obstante a freqüente sintonia da paciente com Espíritos inimigos haja contribuído para obstar, até o presente, a eliminação da magia — mercê, que, em face da Justiça de Deus, só lhe poderá ser concedida mediante sua transformação moral e conseqüente desvinculação com o dono do “trabalho” e dos sequazes que o assistiram na funesta empreitada de vindita — o fato é que, durante esse quinquênio que ela permaneceu sob a proteção da Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas, ficou com o seu perispírito bloqueado e, por isso, pôde morar e conviver com meus discípulos sem o menor risco de contaminá-los com a radiação de magia que ela, por culpa própria, ainda conserva no duplo etéreo ou corpo espiritual, com irradiação para todas as células do organismo!

A Homeopatia cura febre tifóide

No estado atual dos conhecimentos médicos, ninguém ousaria negar o papel que os micróbios representam na Patologia Humana. Contudo, por maior que seja a participação dos microrganismos na eclosão das manifestações mórbidas, não se pode obscurecer a importância dos fatores psíquicos na gênese dos estados patológicos.

Contrariamente ao que se poderia supor, para produzir a doença, não basta a penetração dos micróbios na economia orgânica. Se assim fosse, desde muito, a vida humana estaria extinta neste Planeta — tão numerosos são os germes patogênicos e tão freqüentes as oportunidades de contágio! Basta dizer que, confirmando investigações realizadas em diversos países, pesquisas sistemáticas do Departamento de Saúde Pública da América do Norte comprovaram que a maior porcentagem de micróbios patogênicos se encontra, precisamente, dentro dos domicílios — fato explicável, porque aí, ao contrário do que ocorre na rua e nos campos, o sol não exerce, livremente, sua providencial ação bactericida.

Ora, vivendo como vivemos em permanente contato com nuvens de perigosos micróbios acumulados no recesso de nossos lares, é de ver que, se para romper o equilíbrio do organismo, fosse causa suficiente a presença dos microrganismos patogênicos, ninguém, absolutamente ninguém, escaparia de viver permanentemente doente, vítima perene das mais temíveis infecções. Nessas condições, a despeito da proteção da imunização natural, dificilmente o homem poderia resistir a tantas doenças diferentes, perecendo a maioria nas primícias da vida!

Mas, — louvado seja Deus! — para que os micróbios possam invadir o organismo, é preciso que outros fatores, as causas predisponentes e as causas adjuvantes, entrem em jogo. O micróbio sozinho é impotente para vencer as defesas naturais do organismo humano. Sua vitória depende de prévia ruptura do equilíbrio orgânico, ocasionado pelas referidas concausas.

Ora, nenhuma causa predisponente poderá causar distúrbios funcionais tão extensos quanto os choques emocionais. Daí a significação dos fatores psíquicos na deflagração dos estados mórbidos — fato já assinalado, numa página de penetrante observação, pelo genial fundador da Homeopatia.

Aliás, o fato está experimentalmente demonstrado, dentre outros, por Doetzer e Pfannenstiel, que, durante a última guerra, nos trágicos momentos que antecediam os raids aéreos, puderam constatar, nos indivíduos submetidos à tremenda tensão emocional dos abrigos anti-aéreos, notável baixa do índice bactericida do sangue. Isso, sob o pon-

to de vista imunológico, significa diminuição das defesas orgânicas, e, por conseqüência, predisposição às infecções.

Por outro lado, desde 1928, Lumière já havia chamado a atenção do mundo científico para as alterações químicas do sangue causadas pelos choques emocionais. Segundo sua opinião, a modificação da estrutura coloidal, com produção de floculação, é um fato constante durante os estados emocionais; o que explica certas manifestações alérgicas, que explodem, subitamente, sob o impacto de forte emoção.

O curioso é que Trousseau, o grande afamado professor da Faculdade de Medicina de Paris, no meado do século passado já atribuía, intuitivamente, sua primeira crise de asma, à emoção com que pilhou, em flagrante, um roubo praticado por seu empregado de confiança.

Agora, para rematar, vou focalizar o caso de um cliente, no qual a depressão moral, teve efeito inibidor sobre as defesas orgânicas, ameaçando a vida do doente. Refiro-me a um negociante italiano, de 45 anos de idade, que tratei em sua residência, à rua Salvador de Sá, no Rio. Médico de toda a família, estranhei que não me houvessem procurado no início da doença. Mas havia justificativa: o paciente, quando lhe apareceram os primeiros sintomas, estava em Minas. De resto, a princípio, não imaginou a gravidade do caso. Sentia, apenas, mal estar, sensação de cansaço geral e de grande lassidão muscular, com torpor cerebral, que o obrigava a recolher-se cedo ao leito. Mas, dia a dia, esse estado foi-se agravando. Desaparecera-lhe o apetite e a língua tornara-se-lhe saburrosa. Apareceram-lhe dores articulares e musculares, mais pronunciadas na nuca e nos membros inferiores. De resto, sentia-se muito nervoso e à noite não conseguia dormir satisfatoriamente — tinha insônia.

Foi nessa altura dos acontecimentos que se lhe manifestou a febre. Atemorizado, o paciente resolveu regressar imediatamente ao Rio, a fim de ouvir minha opinião. Com efeito, a febre que, a princípio, não lhe despertara a atenção, dia a dia, vinha aumentando gradativamente, a despeito dos antitérmicos por ele tomados, de tal modo que, na véspera de sua volta ao lar, atingiu a temperatura de 39,5°C! E, no dia seguinte, quando fui chamado para vê-lo, já o encontrei com 40 graus de febre e com quadro de febre tifóide. Excessivamente prostrado, em profunda modorra, o paciente a custo entreabria os olhos e mal respondia às perguntas que se lhe faziam, durante a anamnese! Mais resmungando do que falando, o paciente apontava a cabeça e queixava-se de forte cefalalgia. Entretanto, contrastando com a hipertermia, o pulso, acusava relativa bradisfigmia, com apenas 90 pulsações por minuto.

Havia, portanto, dissociação entre a temperatura e o pulso, ou seja — hipertermia com bradisfigmia, sinal importante nos estados típicos. Além disso, pelo exame clínico, pude observar que o fígado, hipertrofiado, estava muito sensível a pressão digital. Da mesma for-

ma, o baço acusava aumento de volume e sensibilidade anormal. E, na fossa ilíaca direita, deparei-me com o clássico “ruído de gargarejo”. Havia, também, como é freqüente entre nós, prisão de ventre. De modo que, para mim, com a prática adquirida, como Interno do Hospital Paula Cândido, nosocômio que, além de receber os casos de doenças contagiosas provenientes do Estado do Rio e do antigo Distrito Federal, hoje Estado da Guanabara, recebia, outrossim, os de bordo dos navios aportados no Rio, para mim, repito, o diagnóstico já estava feito — febre tifóide! Mas, apesar de não necessitar o diagnóstico etiológico para a prescrição dos remédios homeopáticos, de vez que, na Homeopatia, o que importa, em cada caso, é a totalidade dos sintomas, principalmente dos mais esdrúxulos, para a correta aplicação da lei de cura, fiz questão do controle do Laboratório. Contudo, para prescrever a medicação, não aguardei o resultado, o qual, decorridos alguns dias, veio positivo para *Salmonella Typhi*. Prescrevi, sem tardança, os seguintes remédios: *Gelsemium semp.* 1X, *Baptisia tin.* 1X e *Rhus tox.* 5X — remédios esses que deveriam ser tomados, alternadamente, na dose de duas pastilhas de hora em hora. Todavia, não obstante a rapidez com que atua os remédios homeopáticos, quando cientificamente prescritos, ao regressar, três dias depois, à casa do doente, encontrei-o praticamente no mesmo estado, ou pior, porque, além de tudo, estava muito emotivo, com crises de choro, e apavorado com a morte, que julgava próxima. Ora, afeito já à presteza com que curam os remédios homeopáticos e tendo a convicção de que havia aplicado a lei de cura com precisão, deduzi imediatamente que, no caso, deveria haver uma incógnita — um problema emocional capaz de inibir não só a reação do organismo contra os micróbios como a própria ação dos medicamentos prescritos. Exigi, pois, lealdade, afirmando, simultaneamente, que algo muito importante para a cura do paciente me estava sendo sonogado! Em face de minha atitude, a esposa do paciente resolveu relatar-me a verdade. Contou-me que o marido, poucos dias antes de adoecer, conhecera, numa cidade balneária, onde pretendia fazer agradável vilegiatura, um espertalhão que, julgando-o muito rico, maquinara um modo de estorquir-lhe polpuda quantia de dinheiro. Dizendo-se espírita e dotado de poderosos recursos mediúnicos, afirmou ao ingênuo negociante que ele estava macumbado e que, se não lhe desse cem mil cruzeiros para desmanchar o “trabalho”, não só se arriscaria a perder a fortuna como a própria vida! Moralmente abatido com a “revelação” do chantagista e profundamente preocupado com a extorsão, o negociante, desde então, se tornara taciturno e apavorado e, sem tardança, passou a acusar os pródromos da doença!

Estava, pois, descoberto o fator emocional responsável pela falta de reação do organismo à toxina microbiana e aos estímulos da ener-

gia curativa dos medicamentos homeopáticos! E a prova foi que, quando fiz o doente compreender, por *a* mais *b* que, não tendo ele feito mal a ninguém, mesmo que, por inveja ou por outro sentimento semelhante alguém o houvesse macumbado, a magia, de modo algum, poderia atingi-lo, porque acima de tudo, há, na Justiça divina, uma Lei de causalidade moral que rege os destinos humanos, o doente, pela primeira vez, abriu os lábios num largo sorriso de alegria e, desde então, mostrou-se mais comunicativo e mais otimista. E como havia melhorado das dores articulares e musculares, pude substituir o *Rhus tox.* pelo *Aconitum napellus* C30, remédio que não havia entrado na primeira receita, porque, devido ao sopor em que se encontrava o paciente não me pôde manifestar o pavor que o dominava em face das tétricas perspectivas de seu futuro, capciosamente descritas pelo macumbeiro!

Afastado o fator inibidor, e introduzido, na receita, o remédio homeopaticamente indicado para libertá-lo do medo, o paciente melhorou rapidamente como sói acontecer na Homeopatia, de sorte, que ao fim de dez dias estava definitivamente curado!

O tratamento é individual

O tratamento homeopático não se orienta pelo diagnóstico da doença; guia-se por uma lei, que determina o remédio para cada doente, individualmente.

As naturezas não são idênticas, e, por isso mesmo, nunca uma doença se apresenta exatamente com a mesma fisionomia clínica nos diferentes indivíduos. Receitar, portanto, um mesmo “específico”, para todos os doentes de uma mesma doença, só seria compreensível, se todas as naturezas fossem iguais ou, se a doença dependesse, exclusivamente, de uma única causa, o que não acontece. Nos fenômenos simples de mecânica, observa-se uma ligação muito simples, e muito constante, entre causa e efeito. Mas, em Biologia, não. Cada efeito está sujeito a várias causas: umas, principais, outras, secundárias, adjuvantes, predisponentes, mas todas necessárias. Esta complexidade dos fenômenos vitais, originários sempre de diversas causas, tem sido um imenso obstáculo ao tratamento etiológico. O que geralmente se considera causa da moléstia, como os micróbios, não passa na verdade de “uma das causas” da moléstia. A grande vantagem da Homeopatia, como arte de curar, é que ela afasta o prático, o clínico, dessas considerações angustiantes, no momento mesmo em que precisa de uma bússola, que o oriente na escolha do remédio. Agindo de acordo com uma lei natural, uma lei de cura, o homeopata sabe, com certeza, qual o melhor remédio para cada caso, embora ignore, como ignoram todos os sábios do mundo, a causa primária das doenças. Isto não quer dizer que os homeopatas desprezem o papel dos micróbios, na gênese de muitos estados mórbidos, mas significa que os discípulos de Hahnemann têm em grande conta o papel do organismo, que, para adoecer, deve sofrer, previamente, uma alteração da vitalidade. Restabelecida a vitalidade, estimuladas as defesas naturais do organismo, o micróbio, seja qual for, nada prejudicará; perderá a virulência e ficará acantonado, em vida latente, num dos departamentos orgânicos, ou será destruído, talvez, e eliminado com os excretas. Por não atinarem bem com este aspecto da questão, algumas pessoas se mostram receosas de se restringirem à Homeopatia, nas doenças infecto-contagiosas. Estou convencido, entretanto, que, aquelas que já se viram nessa conjuntura, e persistiram no tratamento exclusivamente homeopático, não terão motivos de arrependimento. O essencial, não obstante, é que não considerem a Homeopatia como uma terapêutica inócua e fácil, que qualquer um poderá aplicar, desde que possua, ao

alcance das mãos, um livreto de propaganda comercial. A ação rápida e eficiente do medicamento depende de empregá-lo de acordo com a “lei dos semelhantes”. Numa mesma doença, os remédios variam, conforme as características de cada doente. De sorte que, o tratamento sendo individual sempre, a clínica homeopática é mais trabalhosa e mais árdua, já que multiplica os casos, individualizando-os, em vez de considerá-los em bloco, rotulados com a mesma etiqueta nosológica, empilhados no mesmo capítulo da patologia, e, em conseqüência, sujeitos, todos, a uma terapêutica *standard*, conforme se observa atualmente nos arraiais da Alopátia.

Questão de fé...I

A concepção terapêutica da doutrina de Hahnemann, em síntese, se restringe a quatro postulados essenciais:

1) aplicar o remédio de acordo com a lei — *similia similibus curentur*, isto é, da para cada doente um remédio cujos efeitos tóxicos, no organismo do homem são, se assemelhem aos sintomas da doença;

2) experimentar, no homem em estado de saúde, toda e qualquer substância, cujos efeitos se queiram conhecer, administrando-a, porém, em doses fragmentadas e repetidas, de acordo com a intensidade das reações provocadas, de modo que, todos os fenômenos, possam ser debelados, logo após a suspensão da experimentação;

3) prescrever em doses mínimas, infinitesimais, os medicamentos preparados conforme a técnica da farmacopéia homeopática;

4) administrar um único remédio de cada vez. Não há justificativa para a famigerada ojeriza que a escola médica oficial vota à lei dos semelhantes. Além da tradição, ela tem sanção da experiência. Os vultos mais eminentes da medicina antiga já anteviam, nessa lei, o instrumento orientador de uma terapêutica mais segura. Hipócrates, o venerável Hipócrates, proclamou-a, reconhecendo o seu valor inestimável. Apenas nem ele, nem ninguém, que se saiba, foi capaz de aplicá-la, corretamente, antes de Hahnemann. Isto porque, não conhecendo senão empírica e muito imperfeitamente a ação dos medicamentos sobre o organismo humano, os antecessores de Hahnemann não sabiam como indicar remédios de efeitos semelhantes às moléstias que desejavam curar. O interessante é que a Alopátia, diariamente, se serve da lei dos semelhantes. O pior, porém, é que a emprega mal, inconscientemente, e sem um critério científico para selecionar, individualmente, os casos, razão porquê não é maior o sucesso. De outro modo não procede a Alopátia, quando indica a proteínaoterapia, para os estados infectuosos agudos, a quinina para o impaludismo, a emetina para a disenteria amebiana, o veneno da abelha para o reumatismo, a peçonha da cobra para o câncer, o raio ultravioleta para certas dermatites, o *radium* no epitélioma e, como muito bem frisou o professor Maranõn, o notável endocrinologista, ainda é consoante a concepção homeopática, que age a escola oficial, quando emprega a vacinoterapia e a soroterapia. Sejamos mesmos mais francos: o óleo canforado, nos estados sincopais, o *estrophantus*, na insuficiência cardíaca, também agem de conformidade com os princípios

hahnemannianos... O próprio professor Huchard confessa que “a terapêutica das moléstias internas obedece, muitas vezes, à lei dos semelhantes”. Aliás, o valor dessa lei está explicitamente sancionado por outro grande mestre, o prof. Trousseau, que, categoricamente, afirmou que “a analogia — este guia tão seguro em terapêutica — conduz a usar a *belladonna* no tratamento da loucura, por isso que a *belladonna* produz uma loucura passageira”. Acreditamos sinceramente que, se a Alopata não emprega mais freqüentemente a lei dos semelhantes, é porque não dispõe de base científica para aplicá-la.

Questão de fé... II

Não há quem possa negar que, a fonte mais perfeita, que possuímos, para conhecer o efeito de uma droga qualquer sobre o organismo humano, é o próprio organismo do homem saudável. Este é o método científico por excelência, que busca diretamente a informação na origem do fato. Em rigor, até filosófico, é como acentuou W. James, o notável psicólogo e filósofo norte-americano. Há, entretanto, uma objeção a fazer: tem o médico o direito de experimentar no homem? Se o paciente concorda, e, se o médico pode assegurar completo restabelecimento, não vemos como possa o fato ferir quaisquer prerrogativas inerentes ao direito das gentes. Hahnemann deu o exemplo. Experimentou em si mesmo inúmeras substâncias e, confessou que, após cada experimentação, se sentiu até mais bem disposto do que antes...

Graças a estas moléstias medicamentosas (patogenias), resultantes das experiências do grande benfeitor da humanidade, os homeopatas, ontem, como hoje e como amanhã, curaram, curam e curarão muitas moléstias, que resistem a todos os outros métodos terapêuticos. E é graças à abnegação de Hahnemann e de seus discípulos, que se deixaram intoxicar inúmeras vezes, que hoje a Homeopatia possui uma Matéria Médica que, além de ser o maior repositório de conhecimentos acerca da ação dos medicamentos sobre o organismo humano, é o manancial inesgotável, onde os homeopatas vão buscar o lenitivo, para estancar as dores e as lágrimas de muitos desenganados! Uma outra objeção é cabível. Se as substâncias experimentadas não devem provocar lesões irreparáveis, e, se todos os efeitos devem cessar com a suspensão da experimentação, então, como obter moléstias artificiais semelhantes às moléstias naturais, que determinam lesões extensas, alterações orgânicas evidentes, como a cirrose, a esplenomegalia, o aneurisma, etc.? É claro que, para obter-se moléstias artificiais desta ordem, ter-se-ia de empregar uma dose brutal, talvez mortal, o que seria absurdo. Servem-se, por isso, os homeopatas do método indireto, para estes casos. Buscam na toxicologia o que não lhes seria lícito provocar experimentalmente. Em consequência: as alterações psíquicas, sensoriais e funcionais obtêm-se pela experimentação direta, no homem são; as alterações lesionais, indiretamente, nos envenenamentos, voluntários ou não, na exploração clínica e no exame anatomopatológico. E a verdade é que, enquanto não possuímos instrumentos ópticos, que nos permitam observar diretamente a intimidade dos tecidos, das células, da vida orgânica, enfim, este é o método mais positivo e científico de que dispomos, para indagarmos dos efeitos duma droga, sobre o corpo humano.

Questão de fé... III

Para certos espíritos superficiais, a eficiência da Homeopatia é uma questão de fé.

Vale dizer que, no conceito desses levianos dogmatizadores de beira de calçada, todo esse monumento de sabedoria, plasmado pelo gênio intuitivo, pelo espírito investigador de Hahnemann, não passa de terapêutica obsoleta, inócua e inoperante, sujeita às marés de uma credence estrábica.

Por mais absurda que pareça semelhante afirmativa, não causa pasmo, nem aturdimento. A facilidade de opinar sem conhecimento é apanágio do homem vulgar, cuja mentalidade instável vacila sempre entre a dúvida obstinada, que tudo nega, e, o fanatismo exaltado, que tudo afirma. Todavia, parece incrível que homens de cultura, afeitos aos princípios filosóficos da escola experimental, se possam agregar aos palpiteiros de parvoíces, opinando, também, sem observar, sem estudar, sem experimentar. Entretanto, não ignoram que foi da metódica observância dos fatos preconizada por Bacon, quando mostrou a necessidade de se “pôr a natureza no cavalete da tortura, obrigando-a a prestar seu testemunho”, foi da metódica observância dos fatos que nasceu a Ciência moderna. Na Medicina, com Claude Bernard, a escola experimental adquire a potência do método e o esplendor da lógica, abrindo vastas perspectivas aos pesquisadores, favorecendo inúmeras descobertas, aumentando extraordinariamente o patrimônio universal.

Mas a verdade é que ainda são excepcionais os investigadores sinceros que, lealmente, procuram a verdade, livres de peias sociais, ou de preconceitos estultos. Razão por que muitos preferem à análise serena dos fatos, a sutileza do subterfúgio, ou a comodidade da conclusão apriorística, acastelando-se em hipóteses artificiosas, forjando teorias inconsistentes... Contudo, um fato não se elimina com argumentos capciosos, com ilações ardilosas. Um fato se verifica. Compete ao homem de Ciência explicá-lo; nunca negá-lo. Porque, filosófica e cientificamente, o fato é o melhor ponto de apoio da certeza. É partindo da hipótese à experiência e da experiência à contra-experiência, deduzindo as reações de causa e efeito, formulando as leis que regem o fenômeno, que o sábio dominará o fato, porque desvendará o mistério. Por isso mesmo, não se chega a compreender bem o motivo porque o estudo de uma doutrina racional, baseada em fatos corriqueiros, de observação cotidiana, como a Homeopatia, possa causar a certos espíritos uma repugnância tão ostensiva!

Seu fundador — Samuel Hahnemann — sobre ser um caráter ímpoluto, um esposo exemplar, um pai amoroso, foi, sem dúvida, uma das maiores cerebrações de sua época. Médico reputado, químico eminente, poliglota extraordinário, consagrou todos os instantes da vida ao conforto da família e ao bem da humanidade. Torturado pela dor de não ter podido salvar um amigo da morte, desgostoso com a terapêutica bárbara e irracional daquela época, abandona a profissão, com que granjeara, se não a opulência, pelo menos a reputação e invejável posição social. Dedicar-se, então, às traduções valendo-se dos preciosos conhecimentos linguísticos, que possuía. As traduções, porém, pouco rendem. Sofre, em conseqüência, privações e humilhações torturantes. Mas não desanima. Não perde a confiança em Deus, profundamente religioso que era. Noite e dia, trabalha, ora e medita. Não podia conceber que a Medicina permanecesse sem uma “lei de cura”, sujeita ao empirismo. Vários anos consecutivos, embora, não clinicando, esta idéia o absorvia. Um dia, quando a dor mais acerba lhe dilacera o coração de pai extremoso, o fogo que lhe cresta os nervos explode em luz, no cérebro e, iluminando-lhe o espírito, dá-lhe o roteiro glorioso... Daí em diante, é a trajetória do gênio. Como todo revelador de verdades, sua obra brota das entranhas do sofrimento. Sua vida é um modelo. Comove e infunde respeito. Este é o doutrinador.

Em outra oportunidade, analisaremos a doutrina.

Questão de fé... IV

Atingimos, finalmente, ao ponto culminante da questão. Nas três crônicas antecedentes, tentamos debuxar a personalidade singular do doutrinador — Samuel Hahnemann — e de sua doutrina médica — a Homeopatia. Demos, assim, margem para que todos compreendessem que a Homeopatia é que é, de fato, a Medicina moderna e que, todas as grandes conquistas da Ciência médica, neste último século, fogem da concepção alopática e se enquadram, perfeitamente, dentro dos princípios basilares do sistema Hahnemanniano. Parece paradoxo, mas é verdade. E, se nas escolas oficiais, se tornasse obrigatório o ensino da Homeopatia, onde todas as pesquisas se fazem em função da terapêutica, a Medicina, que é a arte de curar, teria um progresso imprevisível. Não observaríamos, pelo menos, essa triste desorientação da Ciência médica atual, que vai a ponto de um professor catedrático, nosso mestre na Faculdade, ter de apelar, no Congresso de Hidroclimatologia, para o Chefe da Nação, no sentido de impedir que, na reforma projetada no ensino médico, se extinguisse, como se inútil fosse, a cadeira de terapêutica! Referimo-nos a estes fatos para lamentar que, por um preconceito desrazoável e inconcebível, muitos colegas que, pelo talento, pela cultura e pela integridade moral, poderiam prestar os maiores serviços à humanidade se obstinam em não examinar, nem estudar um sistema, que empresta a maior dignidade ao médico. Se a Homeopatia fosse uma questão de fé, como muitos afirmam, nós não nos arriscaríamos a fazer clínica de crianças.

Todos os pediatras e psicólogos reconhecem que estas não são, certamente, os seres mais amoldáveis aos influxos da fé, nem tão pouco aos da sugestão. De resto, os sintomas subjetivos são da máxima importância, porque facilitam extraordinariamente a individualização do caso e, *ipso facto*, a escolha do remédio homeopático. Ora, as crianças, pelo menos até certa idade, não informam nada, ou quase nada. Fica, por isso, o homeopata, obrigado a obter, pela observação, o que não pode arrancar, pela anamnese. Como se vê, a pediatria é o terreno mais ingrato da clínica homeopática. Entretanto, afasta a hipótese da fé e alicerça a convicção científica do método. Além disso, citam-se inúmeros casos de indivíduos absolutamente céticos, que tomam Homeopatia por curiosidade, por experiência, para satisfazer a algum parente, ou amigo, e, que se curam, tão rapidamente, que chegam a pasmar, atribuindo aos remédios efeitos milagrosos... Mais concludentes ainda são as curas de animais. Em *Miracles of Healing*, Backer

dedicou um capítulo muito interessante ao estudo dessas curas. Mas, aqui mesmo, entre nós, o Dr. Cássio de Resende, médico eminente, membro da Academia Nacional de Medicina, que se tornou homeopata, depois de 26 anos de clínica alopática, fez em 1935, na mais alta instituição científica do país, uma memorável conferência, em que cita várias curas, que obteve, em animais, inclusive numa cadela, já parálitica e desenganada pelo veterinário! Não nos consta, entretanto, que, até ao presente, esteja demonstrado que os animais têm fé na Homeopatia... O principal fator para que se atribua uma estreita correlação entre as curas homeopáticas e o poder da fé, prende-se, sem dúvida, ao fato das receitas espíritas, mediúnicas, serem, de preferência, homeopáticas. Ainda aqui não é uma questão de fé; é uma questão de fato. Se os médiuns formulassem, ou indicassem remédios sujeitos à prescrição médica, os poderes competentes teriam já tomado medidas coercitivas que, para os espíritas, equivaleriam à privança da liberdade religiosa. Indicando remédios homeopáticos, na pior das hipóteses, os médiuns se colocam no mesmo plano que os caixeiros de drogarias, os práticos de farmácias e os locutores de rádio que, a cada momento, indicam remédios para todos e para tudo... Há, também, uma tendência a considerar-se como espírita o médico homeopata. A explicação é fácil. Todos os clínicos sabem que há sintomas que atraem sintomas, formando, destarte, uma constelação — uma síndrome. Assim como há, entre os órgãos, uma solidariedade psicológica, há também uma simpatia patológica. O desequilíbrio de uns implica no desequilíbrio de outros. Por isso, diante de certos sinais clínicos, quando o doente não sabe informar, o médico vai certo a outros pontos que, até então, o doente não supunha afetados. Na Homeopatia, como fruto da experimentação no homem, diante de certos sintomas típicos, o médico pode não só mostrar outros pontos afetados com descrever sensações esquisitas, agravações horárias, influências climatológicas, higroscópicas, etc., com tal precisão que o consulente, assombrado, julga que o médico está advinhando, ou que alguém lhe está falando ao ouvido... Mas isto, que parece obra de adivinhação, é, apenas, fruto da sabedoria. Damos estas explicações porque detestamos as mistificações. Não há correlação alguma entre a Homeopatia e o Espiritismo. Pode-se ser espírita sem ser homeopata. Pode-se ser homeopata sem ser espírita. Somos homeopatas porque, depois de cinco anos de clínica, os “fatos clínicos” nos conduziram ao estudo, à observação, à experimentação e, finalmente, à conclusão de que, no estado atual dos conhecimentos médicos, é com a Homeopatia que está o maior quinhão da verdade. Espíritas somos porque “os fatos psíquicos” nos levaram ao estudo, à observação, à experimentação e, finalmente, à absoluta convicção de que, no estado atual dos conhecimentos humanos, é o Espiritismo que possui o maior lastro de verdade sobre o homem e o seu destino.

Nem magia, nem sugestão

O ponto nevrálgico da doutrina de Hahnemann é, incontestavelmente, a dose infinitesimal. Apesar de mais de um século de comprovação diária, o povo não pôde ainda compreender como doses tão pequenas podem restabelecer a saúde. Por isso, para muitos, a cura homeopática é fenômeno sobrenatural — mágica de taumaturgo; para outros, mera sugestão.

Apenas alguns espíritos mais lúcidos puderam vislumbrar, no método homeopático, a aplicação prática duma lei natural e a obediência às regras seguidas pela natureza, quando reequilibra as funções num organismo doente.

Que a grande massa não percebesse o fato não admira, todavia. Chocante, porém, é a atitude mental de certos intelectuais, inclusive de alguns médicos. Imbuídos até a medula do “materialismo científico”, obstinam-se, ainda, em interpretar os fenômenos vitais à luz da mecânica pura. Repelem brutalmente, e *a priori*, a idéia de grandes efeitos causados por pequenas doses. Agarram-se ao conceito de que quanto mais intensa a causa, maior o efeito. Em consequência, preconizam doses máximas na esperança de obterem efeitos máximos. Esquecem-se, entretanto, de que, em Biologia, a lei de causalidade não se adstringe a um mecanismo tão singelo. Ao contrário, a relação de causa e efeito é sempre muito complexa. Para cada efeito, há muitas causas admiravelmente encadeadas. E no intrincado jogo de energias que se conjugam para restabelecer a saúde, nem sempre é fácil aferir o quinhão pertinente ao medicamento. Mais grave, ainda, é o problema, quando se cuida de escolher, para cada doente, a dose ótima. A sensibilidade à ação dos medicamentos varia de indivíduo a indivíduo, e, num mesmo indivíduo, de droga para droga. E a Ciência não dispõe doutro meio para sondar a reação de cada organismo senão o emprego do próprio remédio. De modo que é muito freqüente observar-se um fato paradoxal: quanto maior a dose, pior o efeito!

Aliás, não é difícil compreender que as doses verdadeiramente curativas (e não, apenas, paliativas como as alopáticas) devem ser sempre mínimas. Basta atentar no seguinte: o organismo nada mais é do que uma multidão de células especializadas, trabalhando incessantemente para a harmonia geral. Ora, todo o dinamismo celular, isto é, todos os fenômenos físico-químicos que se processam dentro das células são “orientados” e “regulados” pelos “catalisadores biológicos”, incluindo-se neste grupo as enzimas, os íons metálicos, os hormônios,

as vitaminas e várias outras substâncias, ainda mal definidas, mas já pressentidas pelos heróicos exploradores da microquímica. Pois bem: a característica fundamental dos “catalisadores biológicos” é exatamente a de provocar grandes efeitos sem, sequer, tomarem parte direta nas reações que desencadeiam! Agem em doses mínimas, imponderáveis quase sempre, provocando, instantaneamente, em frações de segundo, reações entre elementos que, entregues a si mesmos, atuando apenas por suas “valências”, ou afinidades químicas, levariam, talvez, muitos anos ou talvez muitos séculos para se combinarem!

E o mais fantástico é que no final, estes “catalisadores” e “enzimas celulares”, não aparecem integrados nos produtos da reação. Entram na equação das reações vitais à guisa do camelo, na lenda árabe. Conhecem a história? Vale a pena reproduzi-la, embora num breve rascunho. Um venerável chefe duma tribo árabe, sentindo aproximar-se o termo de sua jornada terrena, e desgostoso com os prenúncios de borrascas, que observara entre os seus herdeiros, deliberou castigar tamanha ambição, legando aos filhos ingratos, juntamente com os seus haveres, a preocupação dum grave problema a solucionar. Estipulou que a partilha de seus bens, dezessete camelos apenas, seria feita na seguinte base: o primeiro filho deveria receber a metade, o segundo a terça parte, cabendo ao terceiro um nono da herança. Feitos os cálculos, tocava a cada um uma fração de camelo. Estavam, pois, perplexos ante a iminência de espostejar os preciosos ruminantes, quando os salvou do terrível dilema a sabedoria dum ancião, chefe doutra tribo. “Alá me concedeu a dádiva de numerosos camelos” — diz ele aos herdeiros aflitos — “e em homenagem à memória de vosso pai, meu amigo, eu vos dou um camelo”. Estava resolvida a questão. Com dezoito camelos, não era mister retalhar nenhum dos ruminantes. Ao primeiro filho caberiam nove camelos, ao segundo seis e ao derradeiro, dois. E, para gáudio de todos, sobrava, novamente, um camelo, que fora restituído ao sábio ancião! O camelo, aqui, fez o papel de catalisador. Pela sua presença, resolveu um problema; mas, no fim de tudo, estava, outra vez, de fora e inteirinho! Raciocinemos, pois. Se os fenômenos biológicos são coordenados por forças imponderáveis; se as funções orgânicas são controladas por energias infinitesimais; se a saúde, enfim, depende, em última análise, de quantidades mínimas, por que, em boa lógica, uma dose homeopática não pode restabelecer o equilíbrio das funções alteradas, e curar, portanto, o doente? Não é, porventura, mais racional que o médico imite a natureza, empregando, como ela, doses infinitesimais? Além disso, se uma dose mínima de toxina microbiana, uma dose imponderável, pode enfermar e, até matar um homem, por que uma dose homeopática não o poderá curar? A defesa do organismo, em todas as infecções, depende, apenas, dos anticorpos. Ora, os anticorpos atuam em doses tão imperceptíveis que

os químicos não conseguiram analisá-los até hoje. Por que, então, uma quantidade infinitesimal de anticorpo pode curar o organismo doente e uma dose homeopática não o pode, por que?

Deixemos de preconceitos. Abramos os olhos à luz da verdade. Teoricamente, a “dose homeopática” está conforme à natureza, e, praticamente, a experiência clínica demonstra o seu valor. Não há, pois, necessidade de magia, nem de sugestão. Basta a competência.

Experimente, quem duvidar...

Os afeiçoados da Homeopatia muitas vezes se interrogam por que, apesar de ser o tratamento tão eficiente e agradável, o método de Hahnemann não se expandiu imediatamente, nem se impôs definitivamente.

Várias razões, com efeito concorrem lamentavelmente para coartar a difusão da Homeopatia. Além de prejudicial aos poderosos interesses materiais dos comerciantes de drogas, além de ferir a vaidade dos profissionais alopatas que galgaram os píncaros da glória, e que, em conseqüência, são detentores de postos verdadeiramente estratégicos sob o ponto de vista da expansão das idéias médicas, além disso, há na própria terapêutica homeopática, um fator de descrença: é a dose infinitesimal!

Se muitos homens de Ciência não se aperceberam até hoje, a despeito dos modernos estudos da Física atômica e dos fermentos biológicos, do formidável dinamismo inerente às minúsculas partículas que se desagregam com a trituração da matéria, como exigir que o povo, a grande massa sofredora da humanidade terrena, possa compreender, e aceitar facilmente, a ação curativa das doses homeopáticas?

Todos os que hoje se valem dessa admirável terapêutica inclusive eu próprio, já duvidaram outrora de sua eficácia. E duvidaram porque não podiam conceber que doses tão pequenas pudessem determinar curas tão prodigiosas! Desde que se resolveram, no entanto a experimentar, alguns talvez em situação desesperadora desenganados quiçá, todos se convenceram, como eu me convenci. A verdade é essa: diante de um fato novo, que se nos antolha pela primeira vez raramente procedemos com inteira isenção de ânimo. Sobretudo se tal fato se contrapõe aquilo que estamos habituados a observar, ou se vem chocar-se de encontro aos nossos preconceitos.

Creio até que o próprio Hahnemann, naquela época com mais razão do que hoje, teria negado, se lhe dissessem o efeito curativo das pequeníssimas doses homeopáticas.

Para a felicidade dos homens, no entanto, foi o próprio Hahnemann — um gênio — quem constatou o fato, e por não ser um espírito vulgar, imbuído de preconceitos e escravizado aos bens materiais perseverou heroicamente, vencendo tremendos obstáculos para legar à posteridade um tratamento agradável e racional.

Não pensem, os que me lêem que Hahnemann estipulou o emprego das doses infinitesimais por simples palpite. Ele foi, de fato, obri-

gado, pela observação clínica, a adotar as doses tais como os homeopatas atualmente as prescrevem.

Prefiro, por enquanto, não dar explicações teóricas. Não estou escrevendo para doutores e sim para leigos. Por isso, reputo de maior utilidade colocá-los na posição de Hahnemann, para que possam julgar com mais acerto.

Antecedendo a Pasteur, os micróbios não estavam descobertos; precedendo a Claude Bernard, o método experimental não era devidamente aplicado à Fisiologia. Nestas condições, os médicos, destituídos de outra base que não fosse a observação clínica, eram, freqüentemente, empolgados pela própria imaginação, criando cada qual, teorias pessoais, e interpretando os fatos ao sabor delas. Algumas bem nefastas; como a de Broussais, cuja fama não se circunscreveu à França, sua pátria, mas atravessou várias fronteiras inspirando a sangria de organismos debilitados e fazendo verter mais sangue do que a Revolução Francesa!

Por outro lado par a par com teorias estapafúrdias, vingava na prática médica o mais tacanho empirismo, com a supremacia de métodos bárbaros, como o ferro em brasa!

Foi contra isso que Hahnemann se rebelou. Não podia compreender que não houvesse na Medicina, um critério para a escolha dos remédios, consoante a natureza de cada doente; que não existisse, enfim, uma lei de cura, baseada na qual o clínico pudesse, com certeza, prescrever o remédio sem arriscar a vida e sem maltratar o doente. Pois bem; volvendo à tradição hipocrática, Hahnemann tomou, como base fundamental do seu método, a chamada “lei dos semelhantes”: — os semelhantes curam-se com os semelhantes. Ensaçando, porém, os medicamentos de acordo com esta lei observou um fato imprevisto: os doentes tinham reações tremendas antes de surgirem as melhores. Vou exemplificar: a *Atropa Belladonna* provoca, no homem são, e em doses tóxicas ou subtóxicas, sintomas semelhantes à escarlatina; aplicando, de acordo com a lei dos semelhantes, este medicamento na escarlatina, em dose alopática dez a trinta gotas de tintura o doente piora muito, a princípio, melhorando em seguida.

Para impedir tal inconveniente, para suavizar as reações, Hahnemann fez o que qualquer de nós faria: diminuiu cada vez mais as doses, até que não houvesse nenhuma reação. E notou, então, surpresa, conforme ele mesmo o confessa, que diminuindo as doses, não só as reações desapareciam como as curas se abreviavam. Em consequência, resolveu experimentar se, diminuindo ainda mais as doses, as curas eram mais rápidas. Verificou, admirado, que, atingindo às doses infinitesimais, imponderáveis, nas quais nenhum método de análise revelava o mínimo traço de matéria, os efeitos curativos se tornavam muito maiores!

Conclui, portanto, e com muita lógica, que, quando o remédio é selecionado pela “lei dos semelhantes”, o organismo é muito sensível à ação molecular, química, do medicamento, trazendo sempre, como consequência, uma agravação do mal; e que, quando ainda de acordo com a referida lei, se empregam doses infinitesimais, os remédios revelam novas propriedades terapêuticas em virtude das transformações que sofrem no decorrer das manipulações efetuadas para diminuir as doses.

Em suma: Hahnemann não “inventou” as doses infinitesimais; foi forçado, pela observação rigorosa e imparcial dos fatos, a adotá-las como um dos postulados essenciais do seu magnífico método terapêutico.

Não quero saturar a paciência de meus bondosos leitores. Oportunamente, analisarei muitas vezes ainda o enorme papel desempenhado nas funções do organismo humano pelas doses infinitesimais.

Antes de terminar, porém, desejo chamar a atenção para um fato: os alergistas, alopatas todos, já reconhecem que em certas circunstâncias, o organismo se torna hipersensível às coisas aparentemente mais inócuas, de sorte que um simples odor, ou um ligeiro contato podem determinar distúrbios muito graves. Sabem também, os alopatas, que os próprios alimentos básicos em doses infinitesimais provocam em alguns organismos, perturbações seríssimas, e até a morte!

Pois assim como o alérgico fica sensível ao alergênio, o doente fica sensível ao remédio homeopático, isto é, ao remédio escolhido de acordo com a “lei dos semelhantes”.

Duvidam? Então, experimentem.

Não creia — experimente!

O maior obstáculo à propagação da Medicina homeopática tem sido, incontestavelmente, a dose homeopática, ou, melhor, a dose infinitesimal.

Se a Homeopatia toda inteira se resumisse, exclusivamente, no emprego da “lei dos semelhantes”, talvez não houvesse encontrado tantos opositores, embora não faltasse quem objetasse contra a prescrição de substâncias que causam, ao homem são, distúrbios semelhantes aos do doente que se quer curar.

Mas, isto, que, à primeira vista, parece um contra-senso, não entra na cogitação da maioria dos enfermos. A teoria pouco interessa, em geral. O que o doente deseja é o resultado — a cura.

Em relação à dose infinitesimal, porém, a coisa é diferente. Poucas pessoas estão intelectualmente preparadas para compreenderem o valor dinâmico duma gotícula, ou duma pastilha medicinal. A maioria não acredita que uma dose infinitesimal possa curar. A experiência empírica vem utilizando, através dos séculos, doses imensas para obter algum efeito terapêutico. Por isso, o povo tem fé nas doses “cavallares” — gosta de ver volume, de sentir sabor, de perceber cheiro no remédio que toma. Ainda hoje, há partidários do óleo de rícino, de sal amargo, das garrafadas e outras polifarmácias...

Outros se impressionam muito com a bela apresentação dos produtos químicos — o aspecto exterior do medicamento. E não falta quem prefira a injeção, porque “cura mais depressa”...

Até certo ponto, a ilusão é perdoável. Geralmente só se acredita naquilo que impressiona os sentidos. E tanto maior seja o número de sentidos excitados, mais sólida a confiança que se adquire. Isso não obsta, no entanto, que as mais potentes energias do Universo não afetem os pobres sentidos humanos. Haja vista a gravidade. Viajamos, dia e noite, através do espaço, agarrados à crosta dum planeta, que rodopia e translada-se à grande velocidade. Entretanto, não temos a menor noção dessa velocíssima viagem, que empreendemos, incessantemente, seguindo a órbita helicoidal da Terra; nem, tampouco, percebemos a força colossal que nos retém na superfície deste mundo, contrabalançando a força centrífuga, que, fatalmente, nos atiraria, feitos projéteis humanos, na imensa amplidão dos imensos espaços interplanetários!

Analogamente, podemos argumentar que, pelo fato de não percebermos a portentosa energia acumulada numa gota homeopática, não

se segue que esta pequena dose não tenha grande efeito. Tudo depende, apenas, de o doente querer experimentar. Aquilo que os órgãos dos sentidos não revelaram, a cura rápida e suave comprovará: que as doses homeopáticas têm energia suficiente para equilibrar qualquer órgão afetado. Todavia, há uma condição essencial para esta averiguação: é que a pequena dose seja ministrada de acordo com a “lei dos semelhantes”. Caso contrário, nada feito: o remédio não agirá; é como se o doente nada houvesse tomado. Mas ainda aí se nota um fato importante: o remédio, errado, não prejudica; o que não deixa de ser grande coisa. Principalmente em se tratando de crianças, que tantas vezes são vítimas indefesas das drogas “modernas”!

Enfim, quem quiser chegar à conclusão do valor da Homeopatia basta experimentar — não precisa acreditar. Acreditando vai ficar depois, com a cura obtida, pois todos os que, atualmente, se tratam com Homeopatia, inclusive eu próprio, duvidaram, outrora, das doses infinitesimais...

Paradoxos das doses medicinais

Existe realmente alguma coisa de incompreensível, e de maravilhoso, no poder curativo das doses homeopáticas. Parece incrível que, gota a gota, um remédio possa curar, e curar depressa, muitos males que resistem, às vezes, aos outros métodos terapêuticos!

Para usar da máxima franqueza: o fato aberrante de tudo o que, geralmente, se observa na prática médica, e, por isso mesmo, as curas homeopáticas são freqüentemente negadas, ou ridicularizadas.

Não obstante, são verídicas, e de fácil observação. Não dependem de fé. Não exigem sugestão. Tanto o adulto, descrente, quanto o recém-nascido, insugestionável, se beneficiam. Não se pode negar.

Contudo, alopatas que fui compreendo a perplexidade de meus colegas e desculpo as pilhérias dos céticos. Só não perdoo as dúvidas e as pilhérias dos que, duvidando ou pilheriando, fogem, no entanto, à experiência e à comprovação.

Que se combata uma hipótese, ou que se rebata uma teoria, compreende-se, e até se justifica, muitas vezes. Mas que se negue, por negar, um fato de observação, isso, já é querer tapar o sol com a peneira...

Enfim, há indivíduos assim mesmo. Preferem ignorar a verdade, preferem até deturpá-la, contanto que não se vejam forçados a desmoronar os castelos imaginários, que construíram com falsas hipóteses, ao sabor de suas predileções e de suas convicções dogmáticas. São os que, vendo, não querem ver!

Essa gente procede à maneira daquele padre-mestre de Pisa, estigmatizado numa célebre carta de Galileu: convidado para ver, ao telescópio, os novos mundos que o instrumento desvendava à curiosidade científica, o clérigo não só recusou terminantemente, como, por meio de exorcismo, tentou destruir os planetas, que, a seu ver, infringiam as sagradas disposições bíblicas!

Todavia, à parte esses cabeçudos, existem muitas pessoas que, à míngua de informações fidedignas, não formaram ainda juízo definitivo a respeito do valor da Homeopatia. É movido pela esperança de contribuir para esclarecê-las que hoje inicio estas crônicas.

A observação diária demonstra que, dentro dos limites compatíveis com a vida, os efeitos das drogas medicinais se intensificam com o aumento das dosagens. Assim: se trinta gramas de um sal qualquer tem efeito purgativo, sessenta, o dobro, terão efeito muito maior.

À primeira vista, a coisa parece simples e fácil. Quanto maior a dose, maior, e melhor, o efeito. Majorada a causa, majorado o efeito.

Entretanto, como os fenômenos biológicos são complexos e dependentes de várias causas ao mesmo tempo, em terapêutica não há muita lógica; ao contrário, os paradoxos são desconcertantes.

De fato, os efeitos que se acentuam com o aumento das doses são os das doses químicas, tóxicas ou subtóxicas. Ora, os remédios, nestas dosagens, atuam sempre como paliativos, e nunca como curativos. Melhoram certos sintomas — febre, dor de cabeça, prisão de ventre, etc. — mas, ao mesmo tempo, provocam distúrbios noutros órgãos; agravam, ou provocam, uma lesão renal, ou exacerbam uma bronquite, ou um reumatismo, etc. Numa palavra: considerado que seja o organismo como uma unidade fisiológica, onde todas as funções cooperam para a harmonia geral, que constitui a saúde, um medicamento que melhora uma função em detrimento de outra, não cura de fato; palia apenas. Nessas condições, os remédios alopáticos curam aos solavancos: melhoram uma coisa, pioram outra. E o mais grave é que, quando o tratamento demora, se corre o risco de ficar pior da cura do que da doença...

Além disso, mesmo com as doses alopáticas, nem sempre os efeitos crescem com as doses. Pode acontecer, e isto acontece freqüentemente, que aumentando a dose, diminuam os efeitos, e que, diminuindo a dose, aumentem os efeitos!

Por exemplo: a *Terpina*, numa dose de vinte a cinqüenta centigramas, fluidifica o catarro dos brônquios — é expectorante; mas, numa dose de um grama, resseca a árvore respiratória, por inibição das células mucosas. Logo, se, depois de ministrar cinqüenta centigramas desta substância, o médico, para apressar a cura, dobrar a dose, em vez de cura mais rápida, causaria uma piora. Portanto, nem sempre ao aumento da dose corresponde um aumento dos efeitos medicinais. Em conseqüência, o critério de abreviar a cura, introduzindo no organismo doses cada vez maiores, sobre ser falho é, muita vez, desastroso.

Embora pareça paradoxal, os medicamentos, independentemente da sensibilidade de cada paciente, possuem, consoante a dose em que se prescrevem, efeitos muito diversos, e, até, contrários!

A *Ipeca* que, em dose alopática, provoca náuseas e vômitos, a ponto de já ter desfrutado outrora grande fama como vomitório, cura, no entanto, em dose homeopática, os vômitos e as náuseas semelhantes aos que ela própria provoca em dose tóxica!

Estes efeitos contrários determinados por um mesmo remédio são universais, aparecem em todos; dependem, somente de doses extremas — doses muito grandes e doses muito pequenas. Empregando doses muito pequenas, é lógico que os homeopatas indicam sempre seus remédios exatamente nos casos em que os alopatas os condenam...

Para terminar, um último paradoxo: em se tratando de dosagens muito pequenas, como as homeopáticas, os efeitos aumentam em sentido oposto às doses, isto é, quanto menor as doses, maior o efeito!

E substâncias existem, que, em dose grande, são quase inertes, ao passo que, em dose homeopática, são remédios prodigiosos!

Exemplo: a *Bryonia alba* e o *Gelsemium sempervirens* que, na Alopátia, até caíram em desuso, por ineficientes, mas que, em doses infinitesimais, homeopáticas, continuam, como sempre, a prestar os mais valiosos serviços.

Por mais paradoxais que estes fatos se nos afigurem, há explicações científicas para eles. Todavia, ainda que não houvesse, não poderiam ser negados porque são fatos de observação. E contra fatos não há argumentos...

Grandes doses, pequenos efeitos...

Conforme frisamos na derradeira crônica, observa-se, em certas camadas sociais, uma tendência muito generalizada para calcular os efeitos dos remédios pelas qualidades extrínsecas, organolépticas, como o sabor, o odor, a cor, etc.

Posto que a questão, em si, desse margem para um estudo psicológico, que se não poderia considerar inteiramente destituído de valor, o formato destas colunas não comporta problemas graves e indigestos, motivo porquê passamos de raspão sobre o assunto, focalizando-o tão somente e, evitando esgravatar esse reduto da mentalidade humana, aclaramos nossa crítica com a citação de um fato concreto.

Desejamos, agora, despertar a atenção dos que nos honram com a leitura dos nossos artiguetses para outro fato não menos corriqueiro: o hábito de se julgar que o efeito de um remédio deve ser proporcional à quota ingerida, de sorte que, quanto maior dose se tomar, mais rapidamente se obterá a saúde.

Materializando logo o caso, citaremos o exemplo de um cidadão que, afetado de bronquite e adquirindo, sob sua responsabilidade, um desses famigerados “explosivos”, que o rádio, de pleno acordo com as autoridades competentes, trombeteia aos quatro ventos, azoaindo e atazanando os ouvintes incautos, num supremo esforço de retórica barata para o impingir como verdadeira “maravilha” da Ciência, e, tendo o referido cidadão se inteirado, pela bula, que todos os prodigiosos benefícios se alcançariam absorvendo aquela maravilha, em doses fracionadas, para logo concluir que tão estupendos resultados seriam com certeza multiplicados se de um só trago a engolissem toda! E se assim pensou, melhor o fez. Não será desconcertante, prezado leitor, se vos disser que o restante da história figura nos anais do Pronto Socorro... Era isso mesmo que o bom senso já adivinhara.

Mas o fato é que, não somente entre leigos, mas também entre profissionais, perdura a convicção que tanto mais rebelde se mostre a afecção maior deve ser a dose ministrada. E, na verdade, as cousas não são assim tão singelas. O problema da cura é muito mais de qualidade do que de quantidade. O “busílis” da questão é a escolha do remédio. Não adianta insistir num medicamento que, desde os primeiros momentos, se mostrou incapaz de modificar o curso da doença. O resultado é sempre péssimo. Além da doença, o paciente terá de suportar a intoxicação do remédio!

Aliás, estes sintomas tóxicos são muito mal conhecidos e, frequentemente, interpretados como pertencentes ao quadro da moléstia; originam a concepção de um recrudescimento que, realmente, não existe.

Gera-se, destarte, o círculo vicioso: a doença se agravou porque a dose foi exagerada e aumenta-se ainda mais a dose porque a doença se agravou... Entretanto, os remédios não valem senão pela qualidade.

É fácil aconselhar fórmulas decoradas, ou confiar nas bulas comerciais: o difícil é saber indicar o remédio certo, eficiente, que cura de verdade. Apesar dos erros fundamentais, que desnorteiam a terapêutica alopática, forçando-a, constantemente, ao mais tacanho empirismo, apesar de tudo, a indicação do remédio será sempre privilégio do médico, nunca do comerciante. A sugestão do anúncio e a confiança exagerada no fabricante, não podem prevalecer quando a prescrição exige um saber do qual nos apossamos à custa de ingentes esforços e de árdua experiência. Não bastasse a harmonia da concepção, nem a eficiência do método, a Homeopatia, só e só pelo fato de arrancar os incautos sofredores à ganância dos comerciantes e entregá-los aos cuidados dos cientistas, ensinando que a doença é individual e que individual deve ser o remédio, e, estabelecendo leis precisas para a “equação da cura”, a Homeopatia somente por isso já teria prestado inestimável serviço à humanidade.

E, quando todos se aperceberem dessas verdades não se utilizará mais duma terapêutica agressiva, como a Alopacia que, para curar uma gripe provoca um desarranjo intestinal, para curar o desarranjo intestinal provoca uma alteração renal, para equilibrar o rim, desequilibra o fígado, etc. Embora a cada desequilíbrio se dê um nome, embora se rotulem como várias doenças as manifestações de uma mesma doença em evolução, embora se afirme, conforme o conceito da escola médica oficial, que o doente teve uma gripe, depois uma colite, depois uma nefrite, depois uma hepatite, etc., a realidade dolorosa é que as “grandes doses” são de pequenos efeitos, a par de submeter o organismo a um verdadeiro malabarismo fisiopatológico, obrigando-o a oscilações violentas e colocando-o numa instabilidade importuna, que se prolonga indefinidamente, pondo à prova a saúde, a paciência — e a bolsa do paciente!

Samuel Hahnemann

Samuel Hahnemann foi um apóstolo. Viveu como um sábio e um santo, consagrado à Ciência e à caridade.

Pobre, filho de pobres, sua vida é uma ascensão gloriosa, pelo trabalho incessante, pela abnegação e pelo altruísmo.

Na escola, sobrepuxa a penúria, lecionando aos condiscípulos retardatários. Aos 14 anos é mestre de grego. Na Universidade, estuda Medicina, ensina línguas, e traduz. Aos 23 anos é poliglota e tradutor emérito: traslada do inglês, e lança ao mercado, quase simultaneamente, quatro obras de fôlego. Mas está desiludido da Medicina de Leipzig, muito teórica e especulativa, naquela época.

De algibeiras vazias e com o cérebro povoado de sonhos, Hahnemann delibera, então, partir para Viena, o melhor centro de estudos médicos da Europa.

A miséria não o intimidou. A passagem obteve-a ele, empregando-se como intérprete de uma embarcação. Vencido o primeiro obstáculo, o restante foi obra do talento e do amor ao trabalho.

Em pouco, conquistou o coração de Quarin, afamado professor vienense e médico particular da Imperatriz. Empolgado pelas virtudes morais e intelectuais do discípulo, Quarin convida-o a acompanhá-lo nas visitas à clínica privada, favorecendo-lhe, destarte, um precioso aprendizado prático, inexistente ainda nas Universidades. Fez mais, Quarin. Reconhecendo as dificuldades pecuniárias de Hahnemann, conseguiu-lhe a nomeação de médico privado do governador na Transilvania. Isto, aos 23 anos e antes de defender a tese!

Contudo, o temperamento de Hahnemann não se coadunava com a placidez da sinecura palaciana. A sede de saber arrebatava seu espírito curioso. Borboleteando, aqui e acolá, ia sugando o néctar da Ciência, em toda parte. Não tardou muito que Hahnemann afivelasse as malas e partisse para Erlangen, em cuja Universidade defendeu tese, debatendo um assunto, que ainda hoje, não perdeu o interesse — os estados espasmódicos. Tinha, então 24 anos o novo doutor, que estava predestinado a revolucionar a arte de curar. Lutando, como há de lutar todo médico moço e inexperiente, o primeiro lustro da vida profissional de Hahnemann caracteriza-se pela instabilidade. Forçado, certamente, por imperativos de ordem econômica, sua correspondência íntima aponta-o, ora numa cidade, ora noutra, sempre lutando, sempre trabalhando e pouco produzindo.

A situação modifica-se, entretanto, nos anos subseqüentes. Hahnemann principia a produzir. E produzirá, doravante, quase ininterruptamente, até à morte. Traduções de diversos idiomas e trabalhos originais sobre vários assuntos, vão-se empilhando uns sobre os outros. A Medicina, a Química e a Mineralogia fascinam sua inteligência. E sobre todas escreve com proficiência. São mais de uma centena os trabalhos publicados, incluindo-se os oitenta e quatro escritos originais. E o valor dessa produção terá que multiplicar-se, se considerarmos a vida atribulada do autor, cujas rixas com os esculápios e farmacêuticos da época, feridos, uns, na vaidade, e outros, no interesse, resvalaram muitas vezes para o terreno ingrato das competições pessoais.

O ambiente estava impregnado de um dogmatismo pedantesco. A Medicina privada de base experimental, flutuava nas ondas das mais quiméricas especulações filosóficas, quando não se enredava nas filigranas de sistemas ortodoxos. Cada descoberta científica, ou, mesmo, cada teoria engenhosa, que surgia servia freqüentemente, de inspiração a novos sistemas, dentro dos sistemas médicos. Ainda não se haviam diluído no ocaso os últimos reflexos da Iatrofísica e da Iatroquímica e, no horizonte já brilhavam as cintilações matinais do “animismo” de Stahl, do “ecleticismo” de Boerhaave, do “organicismo” de Bichat, do “brownismo” de J. Brown, do “vitalismo” de Gau-Bordeu. Por toda parte, os sistemáticos pontificavam. Hoffmann tudo explicava com o éter semi-espiritual, vestígio da monadologia de Leibniz; Rollo atribuía ao oxigênio a responsabilidade de tudo, e, mais além, Broussais sangrava a torto e a direito...

As doutrinas pululavam como cogumelos, e, na prática, os fatos as desmentiam, a cada passo. A incerteza assaltava a consciência do profissional honesto, aniquilando-o de dúvidas, nos momentos de ação, ou, o que era pior, obrigando-o a agir intempestivamente.

Hahnemann, consciencioso, honesto e sensível ao sofrimento alheio, como sempre se revelou nos seus escritos, sentiu, desde o primeiro instante, a falácia das teorias de seus mestres. Várias vezes a pique de abandonar a liça, desgostoso com as incertezas da arte. A morte de um amigo, que não pôde salvar, fê-lo decidir. Casado, com família, cheio de encargos, não hesitou: abriu mão de uma grande clientela, para viver em paz com a consciência. Desde o primeiro trabalho que escrevera, estigmatizara o tratamento em voga para as úlceras — o ferro em brasa; depois se bateu contra o abuso da sangria; agora, estava desiludido de tudo porque não compreendia que a “arte de curar” não possuísse um princípio orientador, uma “lei de cura” para nortear o profissional, evitando assim, que jogasse com a vida de seus semelhantes com uma inconsciência criminoso. Depois de relativa opulência, Hahnemann, sufocando os mais ternos sentimentos de pai e espo-

so dedicado, atravessou as agruras da indigência, para não repartir com a família um pão ganho sem dignidade.

O destino porém, chamou-o à glória. A doença de um filho, desperta-o do torpor. Sua consciência de médico conclama-o a salvar o filho, e acusa-o de não ter persistido na luta, para salvar os filhos dos outros. É prostrado, de joelhos, que implora a Deus a orientação para a cura. E a orientação não tardou. Iluminado pela prece, o espírito foi deslumbrado pela intuição salvadora. O filho salvou-se. Estava descoberta a trilha, que, deste momento, seria palmilhada, até o túmulo, pelo sábio. Foi assim que germinou a idéia de observar o efeito dos remédios nos organismos sãos, e de aplicar nos doentes, os remédios de efeitos semelhantes aos sintomas da doença. Estava descoberta a Homeopatia.

Hahnemann foi sincero, quando, mais tarde, coberto de glórias, em Paris, escreveu no retrato de uma menina, que, desenganada pela Medicina, salvou-se pela Homeopatia — *Dieu l'a bénie et l'a sauvée*.

E no momento mesmo em que os homeopatas do mundo inteiro comemoram o centenário da morte do Mestre, penso que ao mais obscuro dos seus discípulos, não caberia honra maior do que relembrar, a largos traços, conforme me permite a angústia de espaço, estes episódios edificantes de uma existência devotada toda inteira ao bem da humanidade.

Homeopatia e dietética

O esmero, com que os homeopatas cuidam do regime alimentar, de seus clientes, tem induzido, certos indivíduos afoitos, à ilações errôneas, no que concerne à eficácia dos medicamentos dinamizados.

Na realidade, atribui-se freqüentemente à dieta o sucesso de muitos casos, dentre os mais graves, salvo mercê da ação prodigiosa dessas gotinhas miraculosas — tão repudiadas pelo espírito preconcebido de uns, quanto endeusadas pelos arroubos entusiásticos de outros.

A verdade, porém, como sempre acontece, está em meio termo.

Não se podem irrogar, em sã consciência, à dieta prescrita, em todos os proventos auferidos, também não se há de negar se se quiser ser absolutamente verídico, que, em muitas curas, à escolha de uma alimentação adequada se deve, em grande parte, o êxito obtido.

É certamente, muito mais ampla do que geralmente se imagina, a esfera das moléstias de nutrição. Pode dizer-se até, sem receio de hipérbole, que quase todas as doenças de causas internas correm por conta da alimentação, irracionalmente orientada, durante anos consecutivos.

De resto, as doenças oriundas de causas externas — as infecções e as infestações — também, até certo ponto, estão condicionadas a distúrbios nutritivos.

Não basta, para que haja infecções, que o microscópico tome contacto com o organismo. É mister que o organismo — o terreno — esteja em condições favoráveis à proliferação do germe.

A chamada imunidade natural é um fato geral; não é, absolutamente, uma exceção, como muitos opinam. Estamos, a cada momento, numa tremenda luta inconsciente com os mais variegados representantes do reino da morte, e, não obstante, logramos, amiúde, nos safar da virulência desses inimigos invisíveis e traiçoeiros.

O organismo, em boas condições fisiológicas, não é meio propício à vida dos germes patogênicos. É a ruptura do equilíbrio fisiológico que gera um clima favorável à infecção microbiana. E, na ruptura desse equilíbrio, nenhum fator pesa tanto quanto à alimentação.

Daí, portanto, a importância extraordinária que se há de emprestar ao regime alimentar, sempre que se queira curar com perfeição e rapidez. A preocupação do clínico deve concentrar-se no organismo, cujo ritmo fisiológico deseja restabelecer, e não no germe, no micróbio que para vingar exige como prévia condição, o desmoronamento das “defesas naturais”. Não é aconselhável subestimar o perigo dos micróbios; mas é indispensável que se confie nas defesas naturais do organis-

mo e que se aprenda a imitar a natureza, auxiliando-a a reagir, ao invés de perturbá-la, intoxicando o organismo, como acontece diariamente, nos arraiais dos apologistas das “doses cavalares”.

É evidente que, se numa experiência de laboratório, eu injetar alguns centímetros cúbicos de uma cultura microbiana, onde os habitantes do mundo microscópico se contam aos milhões de milhões quicá aos trilhões de trilhões, ou — quem sabe? — aos quatrilhões de quatrilhões, e onde dose de toxina injetada não encontra *simile*, em qualquer outra conjuntura da vida, é certo que, nesta situação excepcional, eu provocaria uma moléstia grave, uma doença talvez mortal, no abnegado, ou, melhor, no mártir que a tão radical experiência se sujeitasse.

Contudo nas labutas da vida, nunca o organismo entra, assim, de chofre, em contacto com tantos germes, ou, melhor, com tanta toxina já que é ela, e não o germe, que, em última análise, afeta o organismo. Ao contrário por mais que se esteja em contacto com doentes contagiosos, é sempre parcimoniosa a fração de morte que eles nos cedem, a menos que a imprevidência e o suinismo, aliados, ultrapassem o concebível, favorecendo o contágio no contacto direto com excreções nauseabundas!

Tirante, portanto, casos excepcionais, em que o contágio é fatal, por força de circunstâncias fortuitas o organismo só se contamina se estiver “preparado” para abrigar, sem resistência micróbios causadores de doenças.

É por compreender as coisas desse modo, que os homeopatas, últimos representantes do hipocratismo, voltam-se mais para o “terreno” do que para os “germes”.

Não é de estranhar, por consequência, que, nos tratamentos que orientam, sejam tão rigorosos em relação a certos alimentos, e que procurem sempre afastar todas as causas que contribuem para criar, no organismo, um ambiente favorável aos micróbios responsáveis pelos estados mórbidos que tentam curar.

Isto, entretanto, não vale dizer que a Homeopatia só cura em virtude da dietética que formula, não. Todos, que estão habituados ao tratamento homeopático, sabem, de ciência própria que, muitas vezes não há regime especial, e no entanto, a cura se processa com a maior prontidão.

A dietética — quer na Alopattia, quer na Homeopatia, — é sempre importante; às vezes é indispensável: mas a Homeopatia cura, também, sem a muleta do regime alimentar, toda vez que este não é formalmente indicado. Isto está demonstrado e redemonstrado, com milhares e milhares de observações, em todas as clínicas homeopáticas do mundo!

Alimentação e saúde

Nunca os problemas da alimentação preocuparam tanto os especialistas e os técnicos, como presentemente. E as razões são evidentes. O alimento é arma de guerra; tem grande valor estratégico.

No desenrolar dos combates, a “munição de boca” é, freqüentemente, um fator decisivo. Exército faminto é exército vencido.

Também na retaguarda a influência da alimentação não é menos ponderável. Um povo abatido, física e moralmente, pela fome, há de tornar-se, fatalmente, dócil à conquista. Daí os ingentes esforços dos beligerantes no sentido de assegurar uma alimentação racional para os soldados, e, também, as medidas drásticas de que lançam mão, para evitar a escassez dos gêneros alimentícios, nas zonas populosas.

Não obstante, os problemas da alimentação, encarados sob os seus múltiplos aspectos, não deverão ser resolvidos apenas em função das necessidades de guerra, não. O valor estratégico dos alimentos, embora vital, é efêmero sempre: desaparece desde que se ensarilham as armas.

Em contraposição, a alimentação tem, em qualquer época, um valor social e econômico da máxima importância.

A economia mundial, o progresso das nações depende do trabalho humano.

O trabalhador que tem saúde produz mais, e melhor. O trabalhador doente pouco produzirá, se produzir. A alimentação racional é a melhor fonte de saúde. Logo, alimentar racionalmente os trabalhadores é aumentar a produção e multiplicar os lucros. De resto, as despesas do Estado, com a massa improdutiva dos doentes de todas as categorias, são escorchantes. Tudo que se possa fazer para minorar este descalabro, sobre ser um imperativo da melhor filantropia, repercutirá como um desafogo para o erário público. De mais a mais, um país de alto índice de morbidade, e, conseqüentemente, de assustadora mortalidade, é um candidato à falência, quando não à escravidão. Portanto, as medidas adotadas em benefício da saúde pública, além do alcance social e da expressão econômica, têm, também, uma alta significação política.

E nenhuma medida será tão eficiente, para melhorar as condições sanitárias de um país, como facilitar uma boa alimentação, a todas as classes sociais. A desnutrição, ou, melhor, a subnutrição ainda é a maior responsável pela invasão microbiana do organismo.

Também, a supernutrição, a nutrição de gula, irracional quase sempre, tem graves inconvenientes. A saúde depende de uma alimentação escolhida, de acordo com princípios científicos, atualmente bem estu-

dados. Isto está demonstrado, no mundo inteiro, com estatísticas insofismáveis. O exemplo do Japão é típico. O japonês sempre se alimentou mal, qualitativa e quantitativamente, por miséria e por ignorância. Até que o governo resolvesse enfrentar o problema, o povo pagou oneroso tributo à desnutrição. Em 1937, porém, no Congresso de Alimentação de Paris, o diretor do Instituto Imperial de Nutrição, de Tóquio, revelou os assombrosos resultados obtidos no país do sol nascente, mercê da alimentação orientada cientificamente. Os casos de beribéri, por exemplo, decaíram de 87%; os de moléstia do aparelho digestivo diminuíram de 71%, e os de tuberculose sofreram, também, uma formidável redução — 78%! Citamos apenas três exemplos, embora a estatística do professor Saiki inclua outras doenças. Estes, no entanto, bastam, pela eloquência dos algarismos.

Existem no Brasil cerca de 350 mil tuberculosos. Com uma alimentação apropriada — e estribando-nos nos dados fornecidos pelo professor japonês, — não seria difícil reduzir essa imensa cifra a pouco mais de 70 mil tuberculosos. Quanto não representa semelhante fato para a prosperidade de nossa Pátria?

O problema da boa alimentação é, muitas vezes, angustiante. Sobretudo nos meios proletários. Em Recife, o inquérito do Prof. Josué de Castro revelou que o operariado consome 71,6% dos salários na aquisição do alimento. Sobra-lhe, em média, menos de 30% para o aluguel da casa, o vestuário, e todas as demais despesas! E, apesar da alimentação absorver quase três quartas partes do salário, o operário daquela região nutre-se pessimamente. As calorias absorvidas são as estritamente necessárias para manter o equilíbrio fisiológico, com o organismo em completo repouso! Como haverá ainda quem afirme que esta gente é indolente? Como poderá haver quem julgue o sertanejo, o jéca-tatú, um fraco? Desnutrido, infestado por verminoses, ou infectado por germes traiçoeiros, ele está ajudando a construir uma grande nação. Imagine-se o que este povo não fará, quando alcançar um nível de vida e uma cultura capazes de lhe assegurar vida higiênica e alimentação racional!

Tudo indica, aliás, que não tardará muito esta era venturosa para o Brasil. O problema da alimentação empolgou, nesses últimos anos, um grupo de investigadores patricios, cujos trabalhos já ecoaram no estrangeiro. Além disso, é notório o interesse do Presidente Vargas pela questão. O salário mínimo e os restaurantes para operários, são medidas práticas de extraordinária eficiência. Uma aumenta o poder aquisitivo; outra educa o paladar e ensina o valor dos alimentos. Claro que não se poderá pensar numa solução radical e imediata. Muitas dificuldades terão de ser removidas. Vários problemas se entrosam com o da alimentação. A solução integral dependerá de um plano de governo, nunca de um decreto, como muitos pensam.

Os Estados Unidos, por exemplo, há vários anos, vêm cuidando deste problema com o máximo afinho. No entanto, na Conferência de Nutrição de Washington, em 1941, Wickard, ilustre secretário da Agricultura, não hesitou em afirmar, textualmente, que “três quartas partes da população carece de uma alimentação correta, apesar de sermos o povo mais bem alimentado do mundo, o que possui os maiores recursos econômicos e o que tem os melhores conhecimentos acerca dos problemas da nutrição”.

O quadro é quase desolador. A impressão, todavia, modifica-se inteiramente, desde que se atente que a Nutrologia é uma ciência nova.

Durante muitos séculos, os governos não cogitaram de melhorar as condições da alimentação popular. Mas o que já se conseguiu, em benefício para a humanidade, nos últimos anos, dá-nos, nitidamente, uma visão panorâmica do que nos reserva o futuro.

Saúde e temperança

A saúde ainda é uma dessas dádivas preciosas que, na Terra, só se concede a alguns eleitos.

Na verdade, pela felicidade que proporciona, este brinde da natureza se equipara à suave paz interior que ilumina o espírito, quando a consciência está tranqüila, e o coração, livre de paixões mesquinhas, vibra, em uníssono, com as cordas delicadas dos sentimentos acrisolados, a sinfonia arrebatadora das grandes almas enamoradas do Bem e do Belo.

Entretanto, mau grado o vertiginoso progresso deste último quartel de século, o homem moderno, aturdido e deslumbrado pelos esplendores duma civilização materialista, sôfrega de gozo e de conforto, sente-se, a cada passo, enredado no turbilhão de forças antagônicas que o rodeiam, gerando, nos seus entrechoques, um clima de hostilidade às mais lídimas manifestações espirituais, e coibindo-o, portanto, de atingir aquele padrão de vida ideal, em que, ao mais perfeito equilíbrio de espírito, se acasala a saúde mais robusta.

Assim é que, apesar da opulência de nossa cultura e a despeito dos colossais empreendimentos materiais, temos conquistado o mundo, sem, contudo, lograrmos a conquista de nós mesmos. E várias gerações hão de suceder-se, primeiro que cristalize, na consciência da humanidade, a importância do *mens sana in corpore sano*, — sonho duma civilização que legou à posteridade, de par com as geniais criações de sua arte requintada, as reverberações resplandecentes do mais profundo pensamento filosófico.

Mas, ainda que o nosso otimismo raiasse pela exorbitância, ainda que minguado não fosse o número dos bem-aventurados contemplados com uma saúde perfeita, esta “graça dos deuses”, na expressão irreverente de Juvenal, o poeta satírico, ainda assim, quantos conseguiriam vencer as vicissitudes da trepidante vida hodierna, e guardar, intacto, tão tamanho patrimônio, quantos? É provável, é quase certo, que o milagre não durasse mais de mínima fração da vida de um mortal.

A explicação não é difícil. Salus, a deusa volúvel, tem mandingas de feiticeira. Não se valoriza nas delícias do contato; castiga nas crispções de angústia, que sua fuga desperta...

À guisa de certos influxos impalpáveis, mas muito reais, cuja potência só se pode inferir quando a fatalidade nos aparta do ser amado, também o valor da saúde só se aquilata, quando ela nos abandona.

Daí, a imprevidência dos que nunca a viram partir de vez...

Felizes aqueles que sabem captar os eflúvios mágicos da deusa caprichosa, que, em se agastando, voa alígera e arrufada, não retornando senão devagarinho, aos rogos suplicantes e ao apreço de grande engenho e arte, como diria o vate lusitano.

Não obstante, posto que ninguém duvide da veracidade do fato, contam-se pelos dedos os poucos que cultivam a saúde. A maioria, esbanja-a perdulária e inconscientemente.

Mergulhada no mar encapelado das paixões absorventes, arrastada no vórtice dessa caudal de ambições desencadeadas na mais feroz concorrência pela vida, a esta geração não sobeja lazer para mirar-se, numa análise introspectiva, inteirando-se das necessidades mais prementes do corpo e, sobretudo, das exigências mais imprescindíveis ao progresso do espírito.

Conseqüências insofismáveis do ritmo acelerado da vida moderna, de constante ansiedade e freqüente tensão nervosa, dos hábitos artificiais dos grandes centros urbanos e, principalmente, da alimentação irracional de quase todos, são, sem dúvida alguma, muitas moléstias, que afligem a humanidade, algumas das quais trazem, às faces, o selo de origem, tão tipicamente estampado, que, paradoxalmente, foram cognominadas de doenças da civilização!

Contudo, a maioria dos homens fecha os olhos ao perigo que os espreita e, à maneira de certas aves que, à aproximação do inimigo, metem a cabeça sob as asas, — como se a ausência da visão valesse o afastamento miraculoso do perigo iminente, — e também essas criaturas procuram iludir-se, ao invés de enfrentar e esmagar a interrogação, que os ameaça no futuro.

Nada fazem que os resguarde de uma velhice atribulada, ou que os preserve de uma mocidade enfermiça. Evitar os excessos, não evitam. Disciplinar os hábitos, não disciplinam. Regular as refeições, não regulam. Partilhar as horas de trabalho, com os períodos de repouso reparador, não partilham. Pelo contrário: superpõem aos déficits orgânicos residuais de uma infância descuidada, ou às taras inexoráveis de uma hereditariedade mórbida, as mazelas de uma mocidade imprevidente.

Muitos desperdiçam, em noitadas alegres de prazeres efêmeros, as energias penosamente armazenadas, à custa de ingentes esforços do organismo. Uns, depauperam-se nos orgasmos sensuais do leite de Afrodite, outros malbaratam a saúde, encharcando os órgãos de bebidas alcoólicas, fartando a gula com libações copiosas e comezainas indigestas...

Esquecem-se todos de que a virtude está no meio termo, e de que só existe uma maneira de vencer-se a natureza: é obedecendo-a.

De sorte que, quem infringir as leis fisiológicas, terá de pagar um pesadíssimo tributo à imprevidência. A Medicina, como todas as Ci-

ências, nada pode fazer contra as leis naturais. Ninguém conte com êxitos na arte de Hipócrates, se não quiser submeter-se às leis da Fisiologia. A função do remédio é justamente de restabelecer a ordem fisiológica no organismo. O medicamento é bastante, mas não é tudo. O método de vida e regime alimentar completam a terapêutica. Assim já pensava o “Pai da Medicina”...

Pela saúde das crianças

A conversa de hoje é com as mães. O meu largo tirocínio clínico, em ininterrupto contacto com as doenças da infância, levou-me à convicção de que os pais contribuem, em grande parte, para perturbar a saúde dos filhos. Mas cabe, à mulher a árdua e gloriosa missão de criar, no lar um ambiente favorável ao perfeito desenvolvimento físico e moral da prole. Por isso, escrevo com o pensamento reverentemente voltado para aquelas a quem toca o sagrado dever de preparar as futuras gerações de nossa Pátria.

Nunca pude ocultar o mal-estar, que de mim se apodera, quando em certos lares, observo a disparidade entre as criancinhas e os animais de estimação. Crianças criadas sem nenhum método: acordam e dormem quando querem; comem, ou melhor, lambiscam a cada momento; convivem com elementos indesejáveis, etc. Animais cuidados com rigor científico, com regimes criteriosamente escolhidos por veterinários afamados, e tão mimados que dormem no próprio leito do casal! No entanto quando um médico interroga uma destas mães a respeito da alimentação dos filhos, ou das suas funções fisiológicas, ela, atrapalhada, apela para a babá! Do cachorrinho sabe tudo; do filho quase nada!

Não pensem que exagero: o fato é bastante freqüente, infelizmente.

No entanto, nenhum ser necessita tanto dos cuidados maternos quanto a criança. Não só no primeiro período da vida, quando, privada da locomoção e da palavra, é forçada a traduzir as idéias confusas que se baralham no seu cérebro em formação, e toda a gama das múltiplas sensações que lhe atingem a alma, na brevidade de um leve sorriso, ou nos espasmos dum choro convulso, não só no primeiro período da vida, como, também, durante toda a adolescência a assistência materna bem orientada é, sempre, o fator primordial para o bem-estar e a saúde da criança. Não basta obedecer a uns tantos preceitos corriqueiros de higiene e de dietética. É indispensável, para que haja boa saúde, que a criança seja submetida a um método de criação e a um regime alimentar adequados ao seu temperamento e às suas características orgânicas. E ninguém melhor do que uma mãe inteligente e dedicada poderá auxiliar o médico nesta espinhosa tarefa. Já se foi o tempo em que, na produção das moléstias, os fatores psíquicos eram relegados para um plano muito secundário. Hoje, a tendência é para inverter os termos da questão, de acordo, aliás, com a concepção de Samuel Hahnemann. De fato, às superexcitações psíquicas e as fortes

emoções, pelos desequilíbrios neuroendócrinos que determinam, provocam distúrbios circulatórios e secretórios, os quais geram um ambiente favorável à proliferação de micróbios temíveis, micróbios que, no estado normal, vivem, sem maior prejuízo, nas cavidades naturais do organismo, principalmente na parte terminal do intestino. É a “infecção endógena” mais freqüente talvez do que a exógena que provém do contágio externo. Assim sendo, é evidente que até certos folguedos, geralmente considerados muito próprios para a idade infantil, podem tornar-se na verdade, perniciosos para as crianças de temperamento tímido ou excitável. Portanto, conhecer exatamente o que convém a seu filho, não só no regime alimentar, como, também, no método educativo, é um dever dos pais, e, particularmente, das mães. Aqui deixo, pois, os meus votos para que aquelas que costumam comprar livros custosos e consultar veterinários de renome a fim de proporcionar o máximo conforto aos seus animais de estimação, não se esqueçam nunca, de pedir o conselho do puericultor a respeito das necessidades dos seus filhos!

Bom para crianças...

Em certas rodas é comum, quando se quer lisonjear um homeopata presente, ouvir-se dizer que a Homeopatia, embora seja um tratamento lento, é um método muito bom... para crianças. Infelizmente há dessas coisas. Idéias, de todo em todo errôneas, vão se perpetuando, mercê da indulgência de uns, mancomunada com a ignorância de outros. Isto, em todos os setores do saber humano. A Homeopatia — tantas vezes detratada e tão pouco experimentada — não havia de escapar às retaliações dos fátuos, que se arrogam o direito de opinar sem conhecer, de criticar sem estudar.

Quanto a mim, confesso que, por mais que dê tratos à bola, não logro discernir em que se possa fundamentar racionalmente o conceito de morosidade da Homeopatia, compensada, apenas, pela inocuidade e pela alegria, que proporciona à infância, livrando-a de certos tratamentos brutais, tão preconizados, ainda, neste século da electrónica ...

Aliás, o despautério dos que teimam em enxergar na Homeopatia uma terapêutica ideal para tenros organismos infantis, contrasta, em flagrante contradição, com a asserção dos que afirmam que a cura pela Homeopatia deriva duma benéfica ação sugestiva, voluntária ou involuntariamente exercida pelo esculápio.

Está demonstrado que as crianças são refratárias à sugestão. As crianças curam-se com a Homeopatia. Logo, a Homeopatia não cura por sugestão. A hipótese da sugestão esmigalha-se, portanto, sob a pressão de um silogismo.

A hipótese de uma ação lenta, esta não. Depende de mais alguma coisa: da experiência. Mas experiência de quem sabe e pode experimentar. Não experiência empírica, sem regra prefixada, levada a cabo à *troche-moche*.

Porque a Homeopatia é uma terapêutica científica. A única que se orienta sempre por uma lei. Lei da qual depende a cura. Lei com a qual se indica o remédio. Não observá-la é fracassar. Mas observá-la, para aplicá-la é indispensável que reconheça, previamente, a ação dos medicamentos sobre o organismo de homens sadios.

Experimentar tal remédio porque disseram que é bom para tal doença, é regra na Alopátia; mas, na Homeopatia, é erro grave. Porque os remédios, na Homeopatia, não se prescrevem pela doença, e sim pela semelhança de seus efeitos, no organismo sadio, com os sintomas observados em cada doente, independentemente do nome da doença.

Assim sendo, erram sempre os que, vindos da Alopatria, querem tratar-se tomando remédios da Homeopatia, orientados, apenas, pelo diagnóstico da doença, sem maiores preocupações pelo conjunto, pela totalidade de sintomas da doença. E isto é fundamental. Porque a mesma doença não se reproduz nunca exatamente idêntica nos diversos indivíduos. Apresenta, pelo contrário, em cada qual, certos sintomas individuais, que emprestam à moléstia características pessoais. É claro, pois, que, embora sofrendo da mesma moléstia, o remédio deva variar de indivíduo a indivíduo, conforme a fisionomia clínica de cada caso, de cada doente, em suma.

O único meio conhecido, até o presente, para se determinar o remédio individual de cada doente é a aplicação da lei dos semelhantes — *similia similibus curantur* — a lei de cura dos homeopatas.

Está mais do que provado que os medicamentos dinamizados, tais como se receitam na Homeopatia, só atuam prontamente, curando com uma rapidez surpreendente, quando são ministrados em obediência à lei dos semelhantes.

Quem não os utiliza de acordo com essa lei, não tem o direito de menosprezar sua eficácia. Contudo, a imensa maioria das pessoas, que se tratam pela Homeopatia, desorientada pelos folhetos de propaganda popular — propaganda que a Homeopatia não comporta, porque é um método muito técnico — infringe a lei, ingerindo medicamentos que não são homeopáticos ao seu caso individual. Daí os fracassos. Daí a desilusão. Daí a balela do efeito demorado, da cura sempre preguiçosa. A verdade, entretanto, é outra. O remédio não está certo sempre que não obedece à lei de cura, e quando não está certo, não age: é inócuo; mais do que inócuo — é inerte!

Portanto, há muitos indivíduos que vivem a tomar remédios da Homeopatia, e que, não obstante, não podem sentir o menor benefício, de vez que não estão à altura de selecionar os remédios convenientes ao seu caso particular. Quando um deles experimentar o tratamento homeopático, prescrito por médico competente, mudará de opinião: verá como são rápidas as curas pela Homeopatia!

Quanto ao tratamento das crianças, pela Homeopatia, o que de verdadeiro existe é exatamente o contrário do que se pensa. É muito mais difícil receitar para uma criança do que para um adulto.

A criança pouco informa. A maioria nada, absolutamente nada, informa. E a informação do doente é essencial quase sempre. Porque, de um modo geral, os sintomas subjetivos — sentidos pelo doente e inacessíveis aos sentidos do observador — os sintomas subjetivos são mais importantes do que os objetivos, para a escolha do remédio homeopático, isto é, para a aplicação da lei dos semelhantes. De sorte que, é mais razoável admitir-se uma ação lenta da Homeopatia nas crianças, dada a maior probabilidade de erro na escolha do remédio, do que nos adultos.

Provada que seja a eficiência da Homeopatia na infância, como corre mundo, demonstrada estará, também, *a posteriori*, a eficácia do método no adulto. O essencial, todavia, é que, quem quiser experimentar a Homeopatia, experimente-a nas mãos de um clínico abalisado — e não guiado pela vaidade do falso saber, ou ludibriado pela cobiça do comerciante...

Paralisia infantil O Fluminense 15-04-53

Em virtude do atual surto epidêmico, sou, a cada passo, solicitado por clientes amedrontados, que me perguntam como deverão agir para evitar a paralisia infantil em seus lares.

Desgraçadamente a Medicina está desarmada para empreender a profilaxia dessa doença. Embora já se possa afirmar que o fator etiológico é um vírus, discute-se ainda qual seja. Não se sabe mesmo como se propaga. Ora se acusa a água, ora o leite, ora as poeiras. Outros suspeitam dos insetos, dos cães, das galinhas... O certo é que há “portadores de vírus”, isto é, indivíduos são, cujas secreções rinofaringianas contém o vírus. E a prova é que o muco nasal, ou faringiano, provoca, experimentalmente, a doença no macaco. São felizardos, dotados de “imunidade natural”, que, por isso, podem zombar da agressividade do vírus, sem receio de contraírem a doença. O pior, porém, é que disseminam o *morbis* em seus contactos sociais, não só diretamente, pelo aperto-de-mão, como indiretamente, através dos perdigotos projetados no ar, quando falam, e, sobretudo, quando tosem. Principalmente porque parece que a penetração do germe no organismo se processa através dos órgãos linfóides da faringe. É evidente, pois, que os “portadores de vírus” constituem uma das fontes disseminadoras do mal.

A verdade, porém, é que: ainda que se isolassem todos os “portadores de vírus” não se eliminaria o perigo. Porque o vírus, outrora denominado miasma, é tão sutil quanto certos fluidos imponderáveis, que se propagam rapidamente pelo ar. Não há, mesmo, nenhum motivo para negar tal possibilidade. Ao contrário, tudo indica que as doenças causadas por vírus, como a gripe, a varíola, o sarampo, a paralisia infantil, etc., propagam-se diretamente pelo ar, talvez nas próprias moléculas gasosas, dispensando outros intermediários. Por isso mesmo, a profilaxia dessas enfermidades sempre fracassou, exceção feita para o caso da varíola, onde, pela aplicação duma lei homeopática, — lei dos semelhantes, — se evita uma doença grave provocando-se outra doença semelhante — a vacina — porém muito mais benigna. Como o organismo, por uma lei patológica descoberta por Hahnemann, não pode sofrer, simultaneamente, a ação de duas causas morbígenas semelhantes — varíola e vacina — e como está, por uma inoculação artificial, imunizado contra o vírus da vacina, fica *ipso facto*, imunizado contra o vírus da doença semelhante, isto é, a varíola.

Donde se conclui que a verdadeira profilaxia da paralisia infantil poderia ser feita de duas maneiras: — ou pela inoculação de um vírus mais benigno, responsável por outra doença, semelhante à poliomielite anterior aguda, vulgarmente chamada paralisia infantil, e que, imunizando o organismo para essa hipotética enfermidade, automaticamente o imunizasse também, pela lei dos semelhantes, para a paralisia infantil, como no caso da vacina (doença bovina) e da varíola; ou, quando se descobrir o verdadeiro responsável pela paralisia infantil e quando se conseguir “domesticá-lo” nas culturas artificiais, a ponto de perder a virulência, pela inoculação da vacina assim preparada com o próprio vírus da doença. Tirante disso, todos os recursos profiláticos são mais ou menos falhos.

Infelizmente, a vacinação, que é um autêntico tratamento homeopático, e que seria o ideal como recurso profilático, ainda não pode ser aplicada, pelos motivos acima expostos. Todavia, não há motivos para desespero. Não só porque o atual surto epidêmico não tem a gravidade que muitos imaginam, como porque a Homeopatia tem recursos, senão para evitar todos os casos, pelo menos, para proteger o organismo contra a forma mais comum da enfermidade. É um procedimento parecido com o que se tem com a vacina em relação à varíola. Trata-se simplesmente de administrar, preventivamente, um veneno cuja ação sobre o organismo humano muito se assemelha ao quadro mais comum da poliomielite anterior aguda epidêmica, ou doença de Heine-Medin. Este veneno existe, felizmente. E sua ação sobre o corpo humano está estudada, com absoluta certeza, pelos homeopatas: — é o *Gelsemium sempervirens*. Em dose tóxica, este veneno provoca uma paralisia acompanhada de quase todos os sintomas da doença de Heine-Medin. Em dose pequena, dinamizada, ele cura, sistematicamente, a forma comum de paralisia infantil. Tomado diariamente, como preventivo, o *Gelsemium* evitará, fatalmente, a forma comum da doença, da mesma forma que a vacina evita a varíola. A lei é a mesma nos dois casos, embora, num, haja imunização durável e, noutro, apenas imunização efêmera, enquanto dura o uso do medicamento.

Reparem, porém, que eu ressalvo, a cada passo, o relativo valor do preventivo, referindo-me à forma comum, mais freqüente, da doença, cujos sintomas são: — febre, dores nos membros, faringite, amigdalite, às vezes perturbações digestivas, como vômitos, diarreia, etc. Pode aparecer exantema semelhante ao do sarampo ou ao da escarlatina. A dor de cabeça não costuma ser muito forte. Há, quase sempre, sudação exagerada e muita dor no corpo, seja espontaneamente, seja quando se obriga o doentinho a mudar de posição. Tudo muito semelhante à gripe. Entretanto, há formas clínicas completamente diversas em suas manifestações, nas quais o *Gelsemium* não está indicado, quer como curativo, quer como preventivo. Mas a Homeopatia, aplicada em tem-

po, possui outros medicamentos heróicos. Não percam tempo, pois. Aos primeiros sintomas antes que apareça a paralisia, chamem o médico homeopata. E se, porventura, seu filhinho adorado, amável leitor, já estiver paráltico não hesite mais um segundo sequer — experimente, enquanto antes a Homeopatia, porque o tratamento homeopático é o único que, empregado em tempo, evita as lamentáveis seqüelas da doença — as deformações corporais!

O *Curare* no tratameto da paralisia infantil Alopatia ou Homeopatia?

Um telegrama de Nova Jersey, amplamente divulgado pela imprensa do país, acaba de anunciar ao mundo a alviçareira notícia da descoberta de um novo recurso contra um dos piores flagelos da humanidade — a paralisia infantil. Doença insidiosa, que mata ou aleja, e contra a qual são irrisórios os expedientes da Medicina oficial, é natural que a esta altura, estejam voltadas para o longínquo recanto, donde nos veio a mensagem, não só as atenções dos cientistas como as ansiosas expectativas dos lares infelicitados pelo terrível vírus.

Em face do texto lacônico do alvoroçante despacho, não é razoável emitir um juízo definitivo acerca das probabilidades do método. Todavia, com as devidas ressalvas, de suas entrelinhas já se pode deduzir que, desgraçadamente, nem só a questão não foi solucionada, como o problema está mal armado. De fato, consoante as asserções do Dr. Ransohoff, inventor do novo tratamento pelo *curare*, o veneno predileto dos indígenas, dos dezenove doentes tratados, obtiveram “grande melhora” os que se encontravam nas “fases agudas” da moléstia.

Subentende-se, portanto, que os casos crônicos não se beneficiaram grandemente. E tanto mais razão nos assiste nesta ilação que é o próprio ortopedista americano quem confessa que, quanto às contraturas e aos espasmos, conseguiu apenas “melhoras”. Note-se a gradação: nas “fases agudas” houve “grande melhora”; nos espasmos, somente “melhora”, sem adjetivação.

Ora, é sabido que, na fase aguda, a doença de Heine-Medin provoca uma paralisia flácida: os músculos, hipotônicos, não sustentam mais o membro afetado, que, nos movimentos do corpo, permanece bambo, feito um trapo.

A sensibilidade, ao contrário, raramente é afetada. E quando o vago-simpático é atingido, surge uma dispnéia angustiante, mortal. Paralisia hipotônica, com sensibilidade normal, e ameaça de asfixia: é o quadro comum. As contraturas musculares, as retrações tendinosas e os espasmos só aparecem mais tarde — depois da fase aguda. Não constituem, verdadeiramente, características da doença. São antes seqüelas dum mal que se não pôde coibir. E, bem analisadas as coisas, das observações do especialista americano, devem-se inferir dois fatos surpreendentes: primeiro, que, nos casos agudos, o tratamento foi, na verdade, homeopático — daí as grandes melhoras; segundo, que, nos casos crônicos, o tratamento foi, agora sim, alopatico — daí os efeitos

paliativos obtidos. Embora sem o saber, o ortopedista de Nova Jersey, ao mesmo passo que demonstrou o valor do remédio homeopático, comprovou a ineficácia do remédio alopatóico. Para aclarar o assunto, grave-se desde já, que “remédio homeopático” é remédio selecionado de acordo com a “lei dos semelhantes”, lei, esta, que rege toda a terapêutica hahnemanniana; e que “remédio alopatóico” é remédio receitado pela “lei dos contrários”, lei que deveria orientar a terapêutica da escola oficial, se porventura pudesse ser aplicada corretamente.

Ora, desde os memoráveis trabalhos de Claude Bernard, ficou demonstrado que o *curare* intercepta o fluxo nervoso nas “placas motoras”, paralisando, primeiro, os músculos de ação voluntária, e depois, conforme a dose, atinge o vago-simpático, manifestando seus efeitos nos músculos involuntários. Apesar, porém, desta tremenda inibição sobre os nervos motores, o veneno respeita quase integralmente os nervos sensitivos. De sorte que o envenenamento pelo *curare* se caracteriza, sobretudo, pela paralisia com relaxamento muscular, pela pavorosa dispnéia causada em virtude da paralisação do diafragma, e pela conservação da sensibilidade das partes paralisadas. Quem não enxerga, pois, entre o quadro do envenenamento pelo *curare* e o quadro clínico da paralisia infantil uma acentuada semelhança?

Portanto, em todos os casos agudos, cujos sintomas primordiais foram a paralisia flácida, a dispnéia asfíxiante e a conservação da sensibilidade, o médico americano, empregando o *curare*, aplicou, de fato, sem saber disso, um tratamento homeopático, pois obedeceu à lei dos semelhantes — *similia similibus curantur*: tratou a doença com o remédio que, no homem são, produz efeitos semelhantes aos sintomas da moléstia que quis curar. E, se melhores frutos não colheu, foi, certamente, por ignorar a técnica correta para aplicar os remédios homeopáticos. Em primeiro lugar, obedecida que seja a lei dos semelhantes, a dose deve diminuir fantasticamente, porque a sensibilidade do organismo, em presença do remédio, multiplica-se prodigiosamente, tal como, na alergia, o alérgico em face do alergênio, — de modo que doses um pouco maiores agravam, em vez de melhorar, o estado do doente; em segundo lugar, porque a seleção do remédio homeopático não se faz apenas por alguns sintomas, mas por todos. Ora, a paralisia infantil não se manifesta sempre do mesmo modo: os sintomas diferem de caso para caso, embora todos eles apresentem uns poucos sintomas comuns. Assim sendo, o *curare* não poderia nunca dar resultados brilhantes senão nas mãos dum homeopata, habituado já as sutilidades da seleção do remédio individual de cada doente de paralisia infantil. Contudo, está, agora, em mãos da Medicina oficial um recurso extraordinário, que, em certos casos, evitará o “pulmão de aço” e salvará muitas vidas. Para isso, no entanto, é necessário que os investigadores orientem suas pesquisas pela “lei dos semelhantes”, lei tão

velha quanto a Medicina, lei proclamada como a bússola da terapêutica pelo próprio Hipócrates mas lei que só pôde ser corretamente obedecida depois que o gênio de Samuel Hahnemann apontou a trilha a seguir, para se conhecer a ação dos remédios.

Não se deve esperar de um medicamento mais do que ele nos pode dar. E tudo nos dará ele, quando receitado pela lei natural de cura — a lei dos semelhantes. Não é, portanto, contra as contraturas e os espasmos que o *curare* provará o seu valor, assim como não provou contra o tétano. É contra as paralisias hipotônicas que ele poderá demonstrar eficiência. Força é, no entanto, que tais paralisias se acompanham aos outros sintomas característicos do envenenamento pelo *curare*.

Empregado para combater contraturas e espasmos, em atenção à “lei dos contrários”, só em doses tóxicas produzirá efeitos. Mas efeitos paliativos, conforme verificou o Dr. Ransohoff, nos doentes de Nova Jersey. Cessada que seja a ação do remédio, os sintomas voltam à tona, agravados, muitas vezes.

A aplicação da “lei dos contrários”, dentre outros, tem este grave inconveniente: exige que os remédios sejam dados em doses tóxicas, doses que apagam certos sintomas, mas que, em compensação, provocam outros, consertando um órgão e desequilibrando outro, como sói acontecer, a cada passo, na clínica alopática.

O interessante, porém, é que os alopatas, embora o ignorem, fazem, diariamente, Homeopatia, quando empregam as vacinas, a anatoxina, o *radium* no câncer, o veneno de cobra na hemorragia, etc., pois, tudo isso, nada mais é do que a aplicação da “lei dos semelhantes”!

De tudo o que foi dito, deve-se concluir que o *curare*, quando, receitado pela “lei dos semelhantes”, poderá curar muitos casos de paralisia infantil, mas, em virtude da doença manifestar-se de várias formas, mister se faz selecionar, para cada doente, em obediência à lei dos semelhantes, o remédio individual, tal qual sempre procederam os homeopatas. E é profundamente lamentável que, por um preconceito estulto, a Homeopatia, dotada, como é, de inestimáveis recursos, não tenha sido ensaiada ainda nos hospitais do governo, não só nos casos de “poliomielite anterior aguda”, como, também, em tantos outros estados mórbidos, em que a Medicina oficial, a Alopatia, está inteiramente desarmada e impotente.

Em prol da criança

Para o lactente, só existe um único alimento perfeito: o leite materno.

Rico de todos os elementos necessários à vida incipiente da criancinha, dotado de surpreendente poder plástico e de fácil digestão, é rapidamente assimilável.

Além disso, sugado diretamente ao seio, tal qual a natureza o fabrica, guarda, intactos, elementos altamente valiosos, dentre os quais ressaltam as vitaminas e, quiçá, vários hormônios, responsáveis pelo estímulo de certas funções, algo obscuras ainda, do organismo infantil.

É mesmo muito provável que, à ausência desses hormônios, — e não à falta de vitaminas, — se deva atribuir alguns distúrbios frequentes nas crianças alimentadas artificialmente.

Seja como for, o fato incontestável é que às primícias da vida dependem, sobretudo, da possibilidade de alimentação natural, ministrada regularmente, de acordo com um horário prefixado, de molde a dar às glândulas digestivas o repouso indispensável, para a restauração dos sucos necessários à digestão do leite.

Outro fato, que se deve ter em boa conta, é que o leite, que passa diretamente da glândula mamária ao aparelho gástrico do lactente, não possui os germes perigosos, que nele se encontram, quando extraído, seja por processos manuais, seja por métodos mecânicos.

E, ainda mesmo que fosse possível obter-se, nas melhores condições, um alimento de substituição, como o leite de vaca, é compreensível que a natureza, sábia como é, prepara cada variedade de leite consoante a finalidade que almeja.

Assim sendo, não resta dúvida, o leite de vaca será o alimento ideal para o bezerro, como o de cabra não tem rival, em se tratando de cabritinhos, já se vê. Mas, para a criança, o leite materno é, positivamente, insuperável.

Apesar disso, tirante o leite de égua, cuja composição muito se assemelha ao da mulher, o melhor substituto para o alimento natural ainda é o de vaca.

Incontestavelmente superior a certos leites em pó, tão em voga, graças a uma propaganda bem orientada e altamente sugestiva, o leite, que geralmente se consome, está, não obstante, muito longe de satisfazer plenamente às exigências de uma alimentação ideal.

Postas de lado as características da espécie, há de considerar-se que a composição do leite varia conforme a alimentação da vaca, o

modo de extração, o vasilhame em que é conservado, o transporte a que foi submetido e o tempo decorrido entre a ordenha e o consumo.

Contudo, a questão mais grave desse problema alimentar, é a facilidade com que o leite se contamina, deteriorando-se.

Ótimo meio de cultura, o leite é farto pasto para micróbios perigosos, como o bacilo do tifo e o do crupe, hóspedes habituais do intestino da vaca.

Pela própria conformação anatômica do animal, à defecação, as fezes resvalam na traseira do úbere, largando detritos, que favorecem a fixação dos micróbios nos bulbos pilosos da glândula mamária, onde permanecerão em vida latente.

Quando, porém, se ordenha a vaca, arrancam-se muitos pelos, alguns tão finos, que invisíveis, a olho nu. Não obstante, cada pelo destes, é como um planeta imenso habitado por milhares de seres microscópicos temíveis, agressivos, que, ao contacto nutritivo do leite, pululam vertiginosamente, multiplicando-se com incrível rapidez, ávidos, todos, por devastar o primeiro organismo, que lhes cai nas garras.

Em conclusão: para afastar o perigo, torna-se indispensável submeter o leite à fervura, durante meia hora, pelo menos. Todavia, a fervura, se evita a infecção, também aniquila certos fatores de primeira ordem para a boa nutrição do pequerrucho. Portanto, a mãe que desejar filhos robustos, perfeitos, felizes, não pode, em sã consciência, furtar-se ao dever sagrado de nutrir aquele que, mais que uma parcela do seu corpo, é uma centelha do pensamento divino, confiada ao seu desvelo e ao seu carinho.

Pela saúde e educação da criança — Crianças que não comem —

Estejam calmos os “fãs” da Deusina. Não me vou referir a nenhum emulo dessa mulher extraordinária, que, numa época de miséria e fome como a que estamos vivendo, resolveu com uma singeleza verdadeiramente genial o seu problema econômico — deixou de comer.

Não; quero focalizar, ao contrário, os casos freqüentíssimos em que os pais vivem torturados porque, apesar do câmbio negro dos gêneros alimentícios, desejam que os filhos tenham mais apetite e recebam maior quota de alimentos. Como é muito justo, todo casal almeja possuir filhos robustos e inteligentes. Mas há alguns anos que vão ao exagero. Porque o filho está com alguns gramas a menos que o peso médio das tabelas, já se desesperam. Na expectativa de tremendos males, que imaginam advir, cometem verdadeiros desatinos. Consultam vários médicos ao mesmo tempo, impingem à inocente criança toda sorte de “fortificantes” espalhafatosamente propalados pela propaganda mercenária, e transformam a sagrada hora da refeição familiar num momento de cruciantes angústias. Ora com súplicas e promessas, ora com gritos e ameaças, ora com afagos e histórias fantásticas excitantes, ora com trejeitos e momices, ora com música e burlescas figurações coreográficas, por todos os meios e modos, procuram estes pais desorientados conquistar o acalentado objetivo: que a criança coma bem. Todavia, quase nunca conseguem bom resultado. Porque o essencial, no problema da anorexia, não é forçar a criança a comer: é desvendar a causa da falta de apetite. Obrigar uma criança inapetente a ingerir um alimento que não lhe sabe bem é atentar contra as leis da fisiologia. É estimular-lhe uma fingida gula, pela ambição dos prêmios, é cometer um duplo delito: um, contra o corpo e, outro, contra o espírito.

Porque se sobrecarrega um organismo enfermo e deturpa-se o caráter da criança. Não adianta tapar o sol com a peneira. O fingimento e a simulação não são normais na infância — são pragas da hipocrisia social. É necessário, portanto, respeitar a falta de apetite na criança, e admitir, sempre, que algo de anormal exista com ela. Muitas vezes o erro provém do próprio regime alimentar. O mais freqüente porém, é residir a fonte do mal num terreno muito diverso. Desde já, convém lembrar que as múltiplas funções do aparelho digestivo estão em estreita relação com os estados psíquicos, sobretudo com as emoções. E a experiência demonstra que a imensa maioria dos casos de anorexia, ou, como vulgarmente se diz, de falta de apetite, aparece exatamente

nas crianças de “temperamento nervoso” ; crianças muito vivas, e inteligentes, mas irrequietas, sôfregas mesmo, e tímidas, assustadiças, medrosas até. Numa palavra: crianças hiperemotivas. Ora, a ansiedade e a emoção são inimigas do apetite, porque determinam, através do Sistema nervoso, distúrbios circulatórios e secretórios das glândulas digestivas, que redundam num excesso de acidez estomacal — numa hipercloridria. E sempre que há hipercloridria, não há fome. Observem como o hálito das crianças inapetentes é sempre ácido. Gravem bem este fato: — a hiperexcitação psíquica, seja causada por certos jogos e brinquedos excitantes, seja provocada pela constante coação da criança, tolhida dentro de “apartamentos” luxuosos, ou de casebres superlotados e super-sublocados, como é a regra nestes trágicos dias de falta de habitação, seja, enfim, determinada pelo modo grosseiro com que certos pais costumam impor suas vontades, tentando educar pelo pavor do grito, ou da pancada, seja por que for, a hiperexcitação psíquica é a causa principal da falta de apetite. Não forcem nunca a alimentação duma criança. A digestão, desde a fase inicial, na cavidade bucal, ficará muitíssimo prejudicada. Em conseqüência, cada vez mais, aumentará a repugnância para os alimentos. Não percam tempo com “aperientes” e “fortificantes” charlatanescos. Ouçam a opinião dum especialista sensato, capaz de estudar criteriosamente os problemas de cada criança. Não só os problemas alimentares, como também, e principalmente, as questões relacionadas com o ambiente em que vive a criança, seu método de vida e fatores psicológicos que atuam sobre ela. Este é o caminho mais curto — e mais econômico.

A arte de consultar

A Homeopatia, como Ciência aplicada, como arte de curar, não exige, apenas, a competência do médico: requer, também, a perspicácia do doente. Quanto mais minucioso na descrição dos seus sintomas, tanto mais fácil se tornará a tarefa do clínico. Os enfermos habituados ao tratamento alopático, quiçá receosos de se tornarem prolixos, omitem propositalmente muitas sensações desagradáveis, que os atormentam. Outras vezes, não reparam bem a localização dos sintomas. E quase nunca sabem informar, com segurança, se seus males sofrem agravações periódicas, nem em que condições pioram ou melhoram. No entretanto, tudo isso é da máxima importância para o homeopata.

Afeitos ao interrogatório do alopata, ou preocupados com o diagnóstico de sua doença, tais doentes traduzem suas mazelas, ora num linguajar pitoresco, permutando a denominação da síndrome, da enfermidade ou da doença pelo nome do órgão, ora designando o *morbus* com os atavios do arrevesado vocabulário técnico. Uns dizem, por exemplo: “eu tenho fígado e rins”. Outros, ao contrário, buscam a precisão científica, e informam: — eu tenho uma “vagotonia”, ou uma “psicastenia”, ou uma “aortite luética” etc. Para o alopata o simples enunciado destes termos teria o efeito mágico de abreviar, e muito, a estrada a percorrer através das escabrosidades da anamnese; para o homeopata, não. São palavras sonoras, que lembram a caricatura indecisa de certos estados mórbidos, sem, contudo, emprestar-lhe a nitidez típica do caso individual. É como se disséssemos ao zoologista: eu possuo um mamífero. E deixássemos à sua sagacidade o cuidado de adivinhar os atributos do bicho.

Não. Esta linguagem vaga não se coaduna com a exigência da terapêutica homeopática. É preciso que o doente aprenda a consultar o médico. E, para isso, é indispensável que se acostume a observar e a descrever, minuciosamente, todos os sintomas do seu mal. Assim: “sofro uma dor de cabeça, localizada na testa com a sensação de constrição como se usasse um chapéu”. Pronto. Aí está uma bela informação acentuada para o homeopata. Outro exemplo: “tenho cólicas terríveis, mais na região inferior do abdome, e que só aliviam quando eu me curvo para frente e comprimo fortemente o ventre”. Ou ao contrário “tenho cólicas que só melhoram quando deitado de lado me encurvo para trás”. Mais exemplos: “estou com diarreia de sangue, com dejeções freqüentes e, ao defecar, sinto náuseas, suores

frios e estado vertiginoso” ; ou “tenho diarreia de sangue, com puxos terríveis e sinto que, ao defecar, o sangue vai para a cabeça e o rosto fica vermelho” etc.

A descrição dos sintomas talvez se afigure prosaica e numa linguagem cassange. Pouco importa, porém. O principal segredo da Homeopatia reside na aplicação correta da lei dos semelhantes — *similia similibus curantur*. Isto quer dizer que, para curar um doente, devemos dar-lhe um remédio que, no homem são, provoque sintomas semelhantes aos observados nele. Assim sendo, e havendo vários medicamentos que produzem sintomas parecidos, isto é, várias substâncias que, na experimentação em pessoas sadias, provocam cólicas, dor de cabeça, fobias arritmias, etc., é necessário escolher, dentre os medicamentos, aquele cujos efeitos mais se parecem com o quadro manifestado no doente. Por exemplo: o remédio que cura uma diarreia de sangue, como a disenteria amebiana, será muito diverso, se as dejeções são acompanhadas de náuseas, estado vertiginoso etc., ou se tais dejeções são, ao contrário, acompanhadas de congestão do rosto. O remédio que cura a cólica que se alivia pela inclinação do busto para diante, e pela compressão do ventre, é muito diferente do remédio que cura a cólica aliviada pelo encurvamento do busto para trás. O remédio, que cura a dor de cabeça frontal acompanhada da sensação de chapéu apertado, é muito diferente daquele que cura a cefaléia frontal acompanhada da sensação de latejamento, ou a dor de cabeça localizada na nuca, ou a dor de cabeça localizada sobre o olho direito, etc. Como é fácil deduzir, o diagnóstico da doença não influi na escolha do remédio. Cada caso é considerado isoladamente. Cada doente receberá o seu remédio pessoal. O medicamento que cura a dor de cabeça, ou a dor de dentes, ou a dor de ouvidos, ou a gripe, ou a disenteria, ou qualquer outro mal de determinado enfermo, só curará o mal desse enfermo — é individual. Para curar outro enfermo, necessário seria que todos os sintomas em ambos os doentes fossem muito semelhantes. Fora desta hipótese, o efeito seria nulo. Porque as doses homeopáticas só têm efeito quando prescritas pela lei dos semelhantes. Ora, a aplicação desta lei de cura exige que o paciente discrimine miudamente todos os sintomas. E ainda mais: que os analise com pachorra, observando a localização dos seus males, os fatores psíquicos, físicos, químicos, higiênicos ou profissionais, que os aliviam, ou que os agravam; o lado do corpo em que assumem maior intensidade; a hora do dia, ou da noite, em que atingem o máximo, etc.

Em conclusão: quanto mais observador e minucioso for o cliente, mais fácil será o diagnóstico do remédio homeopático ao seu caso, e, portanto, mais provável a sua cura rápida e perfeita. Não basta, pois, consultar — é preciso saber consultar.

Receitas telefônicas

Nada mais embaraçoso para o homeopata do que dar uma receita, sem ter, previamente, examinado criteriosamente e minuciosamente observado o doente. Partindo do falso pressuposto de que a Homeopatia é uma terapêutica fácil, acessível à curiosidade bisbilhoteira de qualquer leigo ladino, muita gente existe que, com a maior sem cerimônia, aborda o clínico, em plena via pública, ou na balbúrdia dos veículos coletivos, sondando-lhe a opinião a respeito de “casos” da família. Muito mais freqüente, porém, são as consultas pelo telefone. Trata-se, quase sempre, de moléstias de pouca gravidade, e, por isso mesmo, a família julga dispensável a presença do médico. Na verdade, assim não acontece.

Embora paradoxal, o fato é que é tanto mais difícil receitar o remédio homeopático quanto mais limitado for o número de sintomas do doente. E é exatamente para os casos reputados pela família como benignos, — porque de sintomatologia discreta, — que nós, homeopatas, somos diariamente solicitados a opinar. Falando com a franqueza com que sempre me dirigi aos meus amigos e clientes, posso, de antemão, lhes assegurar que estes consulentes “ambulantes” e “telefônicos” têm todas as probabilidades de serem logrados. E a razão é muito simples. Para escolher o remédio homeopático de determinado caso, é indispensável que o médico esteja de posse de um conjunto de sintomas. Sintomas objetivos, que transparecem ao exame e à observação clínica; e sintomas subjetivos, esmiuçados pela técnica analítica do interrogatório homeopático. Isto, porque, conforme tenho acentuado diversas vezes desta coluna, o remédio homeopático de dado doente é aquele cuja ação sobre o organismo do homem sadio se assemelha ao conjunto de sintomas mórbidos que se quer curar.

Quando, com um fito experimental, um homem são ingere uma droga qualquer, em doses suficientes, e de acordo com as regras aconselhadas, surgem numerosas manifestações — psíquicas, sensoriais e funcionais — que atestam os efeitos da droga e que constituem uma espécie de “doença medicamentosa” denominada “patogenesia”. Pois bem: é nas patogenesias dos diversos medicamentos que o homeopata vai haurir os recursos para estancar os sofrimentos, aplicando, para isso, a “lei dos semelhantes”, isto é, receitando, para cada caso, o remédio cuja patogenesia se assemelhe mais ao quadro mórbido do doente. Portanto, o homeopata é forçado a fazer o diagnóstico diferencial do remédio, coisa, aliás, inteiramente desconhecida na Alopátia.

Exemplificando, suponhamos que o homeopata seja consultado, pelo telefone, sobre um caso de indigestão. O paciente, depois de um sono agitado, acorda sobressaltado, com mal estar, náuseas, sensação vertiginosa, etc. Tem vômitos, diarreia, etc. A família, alarmada, corre ao telefone e pede uma solução rápida. O homeopata consciencioso está em face de um problema mais complexo do que ao leigo se lhe afigura. De fato, vários remédios existem que, em doses experimentais, subtóxicas, provocam tais fenômenos, nos indivíduos sãos. Várias patogenesias existem, em conseqüência, que mencionam tais sintomas. Ao espírito atilado do clínico experiente, surgem, nitidamente, os nomes de *Ipecacuanha*, *Tartarus Emeticus*, *Pulsatilla Nigricans*, *Nux Vomica*, *Arsenicum Album*, etc., etc. Qual deles, porém, será o remédio homeopático ao caso? Noutros termos: qual deles o remédio cuja ação é mais semelhante à doença daquele doente? O diagnóstico diferencial, impõe-se, portanto. Mas como fazê-lo?

Todos os medicamentos supramencionados apresentam, na esfera do aparelho digestivo, sintomas patogenéticos comuns, mas, em compensação, todos eles provocam muitos outros efeitos que os diferenciam radicalmente.

Necessário se torna, então, ao homeopata, observar pessoalmente o doente, verificando uma infinidade de fatos que passam despercebidos aos leigos, tais como o estado mental, as localizações dos sintomas, as modalidades, as agravações, etc., questões todas elas muito sutis, que escapam ao leigo, e, no entretanto, são fundamentais para a escolha do remédio homeopático.

De longe, sem examinar, sem observar o doente, o homeopata pode receitar “por aproximação”, acertando por acaso, e curando por sorte.

É certo que os medicamentos da Homeopatia, quando ministrados por palpite, sem obediência à “lei dos semelhantes”, não prejudicam — o que aliás é uma vantagem incontestável — mas também não curam!

Dependendo a cura da aplicação de uma lei, e dependendo a aplicação desta lei da obtenção de um conjunto de sintomas, é claro que, quanto menor o número de sintomas, mais difícil será aplicar a lei, e, portanto, curar homeopaticamente. Em conclusão: a Homeopatia não se presta à especulação; é uma terapêutica científica, que obedece a uma lei imutável. É difícil, muito difícil mesmo, para aplicar-se. Contudo, aplicada como deve, cura de fato — e cura depressa!

Medicina do futuro I

O futuro da Medicina pertence à Homeopatia. Ela deu ao médico uma lei de cura.

Relegou para plano secundário as experiências com animais de laboratório. Mas aprofundou o conhecimento da natureza humana.

Saltou sobre o conceito de “doença”, para melhor contemplar o “doente”. O homem só se assemelha ao homem; nunca ao rato, ao cobaio, ou ao coelho. Por isso, a terapêutica repele, muitas vezes, o que a farmacologia experimental afirma.

Uma droga, ingerida ou injetada num cobaio, nem sempre tem o mesmo efeito que no coelho, ou no macaco, etc.

Com maior razão no homem.

Um vaso dilatador, para o cão, poderá agir de modo muito diverso no gato...

Além disso, os efeitos variam conforme as doses, ingeridas ou injetadas. Substâncias existem que, numa dose, baixam a temperatura, ao passo que, noutra, a elevam. Isto no mesmo organismo. Imagine-se a experiência em diversos organismos!

Outro fator importante: os medicamentos são experimentados em animais presumivelmente sadios e, depois, empregados no homem doente.

Duas naturezas diversas e dois estados contrários...

A terapia tateia, então, no escuro. Uma variedade enorme de específicos são, constantemente, lançados no mercado. Todos prometem prodígios. Alguns ficam na moda. Um dia clínicos e clientes se desiludem. O laboratório afirmou; a clínica negou. Um resultado no cobaio; outro no homem. O remédio viverá, então artificialmente, em anúncios pomposos, com grande risco, para os doentes incautos, e, grave desprestígio para a Ciência médica...

Na Homeopatia não há moda. A experimentação é no homem são.

Os resultados confrontados. Os sintomas selecionados. Fixado o quadro, estabelecida a patogenesia, o remédio não sofrerá influência da moda. Curará sempre que for empregado, conforme a lei dos semelhantes, nos casos em que não haja lesão anatômica irreparável. Hahnemann dignificou a Medicina e abriu novos horizontes à Ciência. Falham os homeopatas. Mas a Homeopatia nunca falhou.

Medicina do futuro II

A função primacial do médico é curar. Todos os conhecimentos inerentes ao seu patrimônio intelectual devem cooperar harmoniosamente para este mesmo ideal — restabelecer a saúde dos enfermos.

Verdade que ressalta à simples enunciação, evidente como um axioma, é, não obstante, tarefa difícilíssima.

A vida, em sua essência mesma, escapa à pesquisa científica. Os biologistas não na puderam definir ainda, como definir não lograram a morte.

Por outro lado, os patologistas não conseguiram, até hoje, precisar exatamente o que é a doença. E não é para admirar. Porque os fisiologistas, a despeito do fantástico progresso da técnica moderna, não podem conceituar senão em termos muito vagos o que é a saúde...

Em suma — não se conhecem todas as energias que atuam — e como atuam — na manutenção do estado hígido. E, ignorando-se as componentes, não se pode determinar a resultante. Sem demarcar os limites da saúde, impossível será estabelecer o limiar dos estados mórbidos.

Em conclusão, biologicamente falando, vida e morte, saúde e doença, são fatos que se observam, mas que se não definem, porque não se compreendem.

Por paradoxal que pareça em terreno tão experimentável, é fora de dúvida que, às vezes, a intuição filosófica desvenda um mundo oculto às investigações dos sábios armados de possantes aparelhos...

Porque a verdade é esta: do turbilhão de forças que agem sobre esta maravilha que é o corpo humano — umas, em admirável sinergia, outras, em feroz antagonismo — apenas uma fração mínima se exterioriza para impressionar os sentidos humanos, ou para registrar sua presença nos aparelhos de precisão. Basta dizer que a alma e o mundo de energias espirituais que a rodeia continuam mergulhados no mais profundo mistério e conceituados em termos de massa cerebral!

E, no entanto, como curar o corpo sem equilibrar, primeiro, o espírito?

Infelizmente, tudo o que se consegue concatenar e sintetizar à cabeceira do doente, apesar dos poderosos métodos auxiliares da clínica, pouco é, em comparação à pluralidade de fenômenos que se processam ocultamente, na intimidade indevassável dos tecidos e das células.

A natureza guarda, avaramente, estes mistérios, à maneira dos antigos iniciados egípcios. Dá-nos, apenas, algumas chaves, da mesma forma que os esoteristas do país do Nilo só se comunicavam com o mundo profano através do simbolismo enigmático do véu de Ísis...

É por isso que a natureza se mostra, assim, tão ciosa de seus arcanos, exigem-se do clínico qualidades excepcionais: espírito analítico, sagacidade para concepções sintéticas e capacidade de observação constituem, para o médico, virtudes primordiais.

Porque, em verdade, se, pela análise, o investigador penetra nos segredos da microquímica celular, e desvenda os mistérios desse mundo maravilhoso dos infinitamente pequenos — os microrganismos — onde se confundem dois reinos da natureza, e cuja influência é tão palpável nos mecanismos fisiopatológicos; se, ainda pela análise, surpreende a delicada textura dos órgãos e a complexidade atordoante das funções especializadas, o certo é que só pela síntese mental poderá interpretar os fatos e colher os frutos da terapêutica.

Entretanto, os médicos modernos estão se empolgando cada vez mais pelo espírito de análise.

Como é notório, as geniais descobertas de Pasteur abriram novos rumos à Medicina e despertaram este interesse crescente pelas pesquisas de laboratório. Mas, força é confessar que, raramente, tais pesquisas se orientam dentro da realidade clínica.

A Medicina avançou muito em extensão, mas perdeu em profundidade. Porque se esqueceu de que a personalidade humana é indivisível na sua integridade psicossomática. Mergulhou-se nos mistérios do corpo; mas desprezou as necessidades da alma.

Além disso, estimulou as especializações precoces, sem prévio e sólido preparo básico. O organismo passou a ser retalhado e estudado em frações, isoladamente, como se a relativa autonomia fisiológica dos órgãos, dos tecidos e das células equivalesse à completa independência funcional!

O resultado foi que as conclusões dessa Medicina de retalhos são quase sempre contraditórios. Para certificar-se, é suficiente que um indivíduo percorra os consultórios de alguns médicos especializados em diferentes clínicas; com o intuito de saber, afinal, porquê está enfermo. Cada especialista interpretará o seu “caso” à luz de sua especialidade, exclusivamente, afastando as hipóteses dos outros. Duvido que ele chegue a uma conclusão. Duvido, também, que os próprios especialistas cheguem a um acordo...

É verdade que a Medicina não é, como a Matemática, Ciência exata: é, apenas, Ciência de probabilidades. A clínica continua sendo uma Ciência de observação, despida do rigor das Ciências experimentais, como a Química, por exemplo. Pois o homem — objeto da clínica — não é “animal de experiência”, como a cobaia. Entretanto, em matéria de terapêutica não basta observar — é preciso experimentar. É aí que está o nó górdio do problema, nó que foi cortado pelo gênio de Samuel Hahnemann, descobrindo um método de experimentação no homem sã.

Se a observação bastasse, a história da Medicina não registraria tantos erros grosseiros nas doutrinas médicas. O arcaísmo de Van Helmont, o animismo de Stahl, o quimismo de Sylvius, o organicismo de Bichat, como todos os sistemas médicos foram, sempre, baseados em fatos de observação...

Em fatos também se estribaram Boerhaave, Brown, Hoffmann, Razoni, Broussais...

Da mesma forma, a Medicina atual se baseia em fatos — fatos clínicos, observados à cabeceira dos doentes; fatos fisiopatológicos, observados na clínica e no laboratório; fatos anatomopatológicos, observados no cadáver.

Contudo, não se pode esconder que as doutrinas antigas, posto que escoradas em fatos, dormem hoje, esquecidas, na paz bolorenta dos velhos alfarrábios imprestáveis!

O fundamental não é, pois, catalogar doenças e micróbios, sistematizando quadros nosológicos e aventando hipóteses etiológicas. O essencial é — curar os doentes.

Para o enfermo deve ser bem triste consolo ouvir do esculápio a exclamação que tanta alegria proporcionava ao cirurgião Ambroise Paré — “Diagnosticuei tua doença; Deus te cure!”. Pois eu, por mim, confesso que preferiria ser curado, embora não fosse “diagnosticado”...

Na realidade, a Medicina sem terapêutica é letra morta. E não deixa de ser profundamente chocante o contraste que, a miúdo, se observa entre a precisão do diagnóstico e a incerteza da cura!

A despeito do impulso da moderna terapêutica alopática, é inegável que a Alopátia continua baseada, em grande parte, no empirismo; e orientada pelas experiências efetuadas em “animais de laboratório”, cujas naturezas diferem muito da natureza humana.

Ora, experimentando em naturezas diversas e aplicando o fruto dessas investigações em organismos que, além de diferentes normalmente, estão num estado anormal, patológico, porque estão doentes, como podem os alopatas chegar a uma conclusão lógica sobre a ação terapêutica da droga empregada?

Dentre os diversos animais de laboratório há divergências, que desnorteiam. Uma droga que fulmina um rato, por exemplo, pode ser inócua para a cobaia, e vice-versa. Donde se conclui que, se dois investigadores, experimentando separadamente, escolhessem, um, o rato e, outro, a cobaia, para verificarem a ação de certa substância, chegariam a ilações absolutamente contraditórias...

Com isto, não quero suprimir as experiências *in anima vili*. Sei quanto as Ciências médicas lhes devem. Apenas desejo salientar que tais experiências só podem ter um valor subsidiário. Valor intrínseco somente terá a experiência realizada no organismo do próprio homem, cuja natureza tanto difere da desses animais. Foi esse o caminho palmilhado pela Homeopatia.

Graças ao gênio de Samuel Hahnemann, os homeopatas podem experimentar, no próprio homem, o efeito das substâncias que desejam incorporar à Matéria Médica.

Conhecendo profundamente os efeitos dos medicamentos que emprega e baseada numa lei de cura, a Homeopatia será o farol para a Medicina do futuro, a Medicina integral, do corpo e da alma!

Não se podem queixar...

Já está arraigada na opinião pública a convicção de que a Homeopatia cura devagar. Como tantas outras crendices, tal conceito só se explica pela falta de critério no julgamento dos fatos. Em verdade, se se considerar como cura a extinção de sintomas isolados, ao invés da eliminação sumária de todos os sintomas, tem-se a ilusão de que a Alopátia atua mais depressa. Ainda assim em certos casos, apenas. Abstração feita do organismo em seu conjunto funcional, suponhamos um desses casos rebeldes de “prisão de ventre”, de enxaqueca, etc. Claro é que a aplicação dum laxativo qualquer, cuja ação é sempre irritante, embora agrave as lesões do tubo intestinal, determinará a evacuação. Note-se, porém, que nem as dejeções são normais, nem a defecação se efetua naturalmente. Além disso, sustado que seja o uso da droga, para logo se manifeste a preguiça intestinal; e, persistente que seja o emprego do laxante, em breve se torna ineficiente, não surte mais nenhum efeito. Depois de irritar a mucosa intestinal, já lesada, agravando, portanto, a doença, continua a irritá-la cada vez mais, sem, no entanto, lograr expelir as fezes. E a vítima incauta que busque noutro laxativo, charlatanesco propalado pela tuba da fama, o lenitivo que não obteve! Reiniciará, assim, novo ciclo de “efeitos paliativos”, até se desesperar da cura. Outro tanto se dirá da enxaqueca. Uma dose depressiva, que intoxica a célula nervosa, roubando-lhe a sensibilidade, pode, de fato, apagar celeremente a dor, e dar a impressão duma cura rápida. Impressão ilusória, aliás. Porque, ainda mesmo que a cefaléia não retorne logo que se esgote a ação da droga, todos os outros distúrbios, que perseguem as vítimas da enxaqueca, — e são numerosos, — não só persistirão, como até, se agravarão. Preparado fica, em conseqüência, o caminho para novas enxaquecas...

O que se disse da “prisão de ventre” e da enxaqueca, poder-se-ia afirmar para muitos outros casos em que o efeito da Alopátia parece mais rápido que o da Homeopatia. Se considerarmos, porém, que, no tratamento homeopático, embora alguns sintomas não regridam imediatamente após as primeiras doses de remédio, os sintomas em conjunto, ou seja a doença, — porque doença é, em última análise, um conjunto de sintomas sensoriais, funcionais e lesionais, — desaparecem com uma brevidade raramente alcançada na terapêutica alopática. Assim, nos exemplos mencionados, posto que as evacuações não se tornassem diárias, desde os primeiros dias, ir-se-iam aproximando gradativamente, até que os intestinos se exonerassem cotidianamente,

com a diferença, porém, que as fezes seriam, desde o início do tratamento, de aspecto normal, e a defecação não provocaria cólicas, nem outros quaisquer incômodos, como sói acontecer com os laxativos. Ainda mais: normalizado que fosse o intestino, a suspensão do remédio não redundaria num retrocesso da moléstia — a cura estava feita. O mesmo aconteceria no caso da enxaqueca. Embora a dor não cessasse tão prontamente, como pode ceder mediante algumas drogas alopáticas, o fato é que, no tratamento homeopático, não só o doente seria beneficiado, quanto à dor, como em relação a todos os sintomas hepáticos, gastrintestinais, uterovarianos, etc., que, porventura coexistissem com a cefalalgia. Portanto, se, em se encarando alguns sintomas isoladamente, a ação da Alopátia é, às vezes, mais célere, considerando-se o conjunto de todos os sintomas, isto é, a doença, a cura homeopática é, na verdade, muito mais rápida. Além disso note-se bem, a cura de sintomas isolados, como uma “prisão de ventre”, uma nevralgia, uma pontada, etc., nem sempre é mais demorada pela Homeopatia do que pela Alopátia. Tudo depende dum fator: da possibilidade de aplicação da “lei dos semelhantes”. Se, apesar de se tratar dum simples sintoma, for possível aplicar a referida lei, não haja a menor dúvida de que a Homeopatia curará mais depressa do que qualquer remédio alopático. O erro dos que teimam em afiançar uma ação morosa dos medicamentos homeopáticos reside, exatamente, no fato de ignorarem que os remédios homeopáticos só atuam, quando empregados consoante a “lei dos semelhantes”. Querem fazer Homeopatia como se faz Alopátia: para “prisão de ventre”, tais remédios; para enxaqueca, tais remédios; para gripe, tais remédios, etc. Ora, a aplicação da “lei dos semelhantes” abole inteiramente os “específicos”. O remédio é sempre individual!

Dois doentes, com a mesma doença, terão remédios homeopáticos diferentes. Porque, para aplicar a “lei dos semelhantes”, é necessário que se considerem todos os sintomas de cada doente, e nunca uma mesma doença se manifesta exatamente do mesmo modo, em dois doentes. Suponhamos dois casos de tifo: num, o doente está prostrado, indiferente, flegmático; noutro, o doente está agitado, nervoso, com pavor da doença, com medo de morrer. A doença é a mesma, mas os remédios homeopáticos são muito diferentes. Ao primeiro se dará um remédio que, no homem são, provoque, além dos outros sintomas do doente, a prostração, a indiferença pelas coisas que o cercam, a flegma quanto ao destino que o aguarda; ao segundo, se prescreverá outro remédio, que, no homem sadio, determinará, além dos outros sintomas deste doente, a agitação e o pânico da morte.

Vale dizer que: a correta aplicação da “lei dos semelhantes” exige a seleção do remédio “individual” de cada doente, e obriga, para isso, o “diagnóstico diferencial” entre os remédios cujos efeitos, no organis-

mo do homem sadio, se assemelham. Ora, a maioria das pessoas ignora inteiramente este rigor científico da terapêutica homeopática, e, sem atentar na aplicação da “lei dos semelhantes” , vai-se medicando, a torto e a direito, fiada de que a Homeopatia nunca faz mal. Mas, se é verdade que os medicamentos homeopáticos nunca prejudicam, também é certo que só fazem bem quando prescritos pela “lei dos semelhantes”. Ora, a aplicação desta lei é muito difícil. Não está no alcance do leigo: logo, as pessoas que se tratam por conta própria, sem receita médica, não se podem queixar da ação lenta dos remédios...

As doenças e os fatores psicológicos

É notável o descaso com que se considera a influência dos fatores psicológicos na gênese dos estados patológicos.

O conceito de doença está atualmente tão ligado à idéia de micróbio que dificilmente, se conceberá um distúrbio orgânico, sem coartá-lo à hipótese de um agente microbiano específico.

Revolucionando a Medicina, as descobertas de Pasteur de tal modo empolgaram os patologistas, que o clínico moderno, quando se vê constrangido a confessar a existência de manifestações mórbidas, cuja responsabilidade imediata não recai em um desses maléficos seres microscópicos, resmunga sempre entre dentes uma provável tara hereditária... sifilítica!

Entretanto, essa concepção exclusivista, não nos parece justa.

Se é verdade que não se pode negar a influência dos microrganismos patogênicos, não é menos certo que a presença do micróbio não basta por si só para deflagrar a moléstia.

O fato evidencia-se, se considerarmos que milhões e milhões de micróbios convivem, na maior intimidade, conosco, sem que dessa simbiose redunde graves prejuízos. Nem se diga que são germes inofensivos, porque, na realidade, são inimigos terríveis, perigosos e traiçoeiros, que aguardam apenas a oportunidade para atacar...

Não se argumente, outrossim, que, embora perigosos, estão mal alojados, à flor da pele. Porque, de fato, estão ocupando os pontos estratégicos, onde cada qual poderá tornar-se extremamente eficiente, na faina da destruição, logo se vê!

Penetrando, principalmente, pelas cavidades naturais, estes agourentos mensageiros da morte, se esparramam pelo organismo, penetrando-o a fundo.

Será difícil isolar um departamento qualquer do organismo, que não esteja freqüentemente sujeito às incursões destes minúsculos destruidores da vida.

Há mesmo indivíduos que, normalmente, são portadores de micróbios devastadores, como o bacilo do tifo e o da difteria. Contudo, nada sentem; gozam ótima saúde.

Notórios são também os casos de pessoas que, em períodos de graves epidemias, convivendo no foco mesmo da moléstia, nem de leve são atingidas, embora não se resguardem com cuidados higiênicos, que ignoram, e estejam, portanto, em constante contato com os mais temíveis e virulentos micróbios.

Ora, admitir, como geralmente se admite, que estes casos nada mais sejam do que espécimens de uma casta privilegiada de indivíduos, dotados de imunidade natural, é, positivamente, estender muito longe a evasiva e arriscar-se ao que se poderá chamar um tiro pela culatra...

Pois é justamente isso mesmo que estamos tentando focalizar, defendendo uma tese contrária à patrocinada pela Ciência oficial: a imunidade natural contra a agressão dos micróbios que, normalmente, todos os homens possuem.

E muito satisfeitos ficaríamos se conseguíssemos deixar patente que o fato de um germen patogênico coexistir com um perfeito estado de saúde, repele a hipótese de ser o micróbio a causa primária, essencial, das moléstias.

De fato, se em certos casos os micróbios provocam moléstias e então se revelam virulentos, e, se em outros casos estes mesmos micróbios se mostram inofensivos, parece lógico admitir-se, que só se tornam agressivos e perigosos, quando se rompe o equilíbrio biológico, gerando-se, em consequência, um ambiente favorável à sua proliferação.

Em conclusão: as causas das moléstias residem, em última análise, nos fatores que favorecem o desequilíbrio orgânico, tornando o meio propício à vida do micróbio — e não no micróbio mesmo.

Daí o inferir-se que, na produção da doença, as chamadas “causas predisponentes”, sobretudo os fatores psicológicos, (as causas morais, as emoções violentas, as superexcitações nervosas, o sofrimento moral, o ódio, o medo, o susto, etc.) têm um papel muito mais decisivo do que geralmente se imagina e representam, de fato, o estopim que determina a explosão das doenças.

Aliás, os antigos esculápios, posto que privados da aparatosa aparelhagem de que dispõe a clínica moderna, — e talvez por isso mesmo, — afeitos como eram à observação minuciosa e menos aferrados aos preconceitos da escola materialista do que os médicos contemporâneos, deixaram, em todos os seus escritos, traços indeléveis da suprema importância, que sempre deram, aos fatores morais, na gênese e na evolução de todos os estados patológicos!

Os fatores psíquicos na clínica I

A Homeopatia, inspirada no vitalismo espiritualista de Samuel Hahnemann, sempre teve na mais alta conta a influência que os fatores psíquicos podem exercer na gênese dos estados mórbidos.

Considerando a personalidade humana como um todo psicossomático, e admitindo que, na deflagração das moléstias, a parte que cabe ao organismo é essencial, em contraste com a que toca ao micróbio, que é assessória, é lógico que o homeopata, dadas as indissolúveis relações entre o corpo e a alma, não poderia nunca subestimar a ação que reciprocamente um deve exercer sobre o outro.

Assim sendo, o homeopata sonda minuciosamente o estado psíquico do enfermo e empresta grande valor aos sintomas mentais que porventura, despontem no quadro sintomático da doença. Ainda mais: quando faz a seleção do remédio individual, isto é, quando escolhe, de acordo, com a “lei dos semelhantes”, o remédio cujos efeitos se adaptam exatamente aos sintomas de cada doente, é sobretudo para os sintomas que se volta a atenção do homeopata. Porque, na verdade, é principalmente no psiquismo do doente que se reflete o seu modo pessoal de reagir em face das alterações mórbidas. E foi em virtude dessa orientação clínica que a Homeopatia pôde munir-se dum rico arsenal terapêutico, capaz de debelar certos males diante dos quais a Alopatria cruza os braços, impotente, quando não desabafa, no próprio doente, o recalque da sua incapacidade, atirando-lhe às faces, como um opróbrio, um diagnóstico que humilha — “nervoso”! Nada revelaram os métodos físicos? Não há lesão perceptível? Então pouco importa que o enfermo se queixe: não é nada; é nervoso... Os fatos, não obstante, desmentem a cada passo essa maneira grosseira de interpretar as coisas. Dia a dia, vai perdendo terreno o organicismo materialista da Medicina oficial. Os próprios alopatas principiam a reconhecer que o *substratum* da doença não deve ser perquirido no cadáver, na lesão orgânica, na anatomia patológica, mas ao contrário, no desequilíbrio das funções, na fisiopatologia. Em suma, a Medicina oficial, imitando a Homeopatia, tende para a patologia funcional, emprestando maior valor à função do que à lesão. Ainda mais, caminha a passos largos para uma concepção psicossomática dos estados mórbidos. Embora orientada, ou, melhor, desorientada pela doutrina de Freud, que sob certos aspetos, é absurda, repelente e baseada em analogias fantasiosas o fato é que, dum o doutro modo a escola alopática, pouco a pouco, sorratamente, como quem não quer, vai se apoderando das idéias de Hahnemann

e até já proclama a influência que os estados emocionais exercem em certos casos. Devagarinho, vão compreendendo que o terreno — o organismo — é fator mais decisivo do que o micróbio — a semente — na produção da doença e, o que é mais notável, vão percebendo que os desequilíbrios psíquicos, os estados emocionais, podem constituir o estopim para a deflagração de muitas doenças.

De fato, nesse particular, ser-me-ia fácil citar algumas centenas de observações, inclusive as colhidas na seara alheia, nas revistas e nos tratados dos médicos alopatas. O espaço não m'o permite, todavia. Restrinjo-me, por isso, a dois exemplos. Um colhido num autor americano; outro, num alemão. O americano, Urbach, relata o caso dum menino que, em virtude de sua hipersensibilidade ao ácido de certa lagarta padecia durante longo prazo duma dermatite vesiculosa, muito rebelde e dolorosa. Curado depois de muitos tratamentos improficuos, tomou pavor das lagartas. Aconteceu, porém, que um dia, em passeio, o menino viu uma lagarta da espécie que tanto mal lhe causara. Imediatamente, sob o influxo da emoção, e sem o mínimo contato direto com a larva, manifestou-se a antiga dermatite! Eis ai a emoção, o medo, determinando alterações funcionais estruturais, à guisa de micróbios patogênicos... Agora o caso do alemão. Este mais curioso ainda. Trata-se dum sujeito que reage às superexcitações psíquicas com edema angioneurótico da face e da boca. J. Wilder hipnotizou-o e sugeriu-lhe que, decorridas tantas horas depois que despertasse, teria a impressão de que seu clube predileto fora derrotado. Pois bem, tal como acontecia quando o fato era real, o paciente, no tempo prefixado, ficou repentinamente deformado pelo edema facial!

No primeiro caso foi o psiquismo do próprio indivíduo que provocou o distúrbio orgânico. No segundo, o fenômeno foi mais complexo. Houve uma espécie de contágio psíquico com tempo prefixado, um estado emocional gerado por influência psíquica dum hipnotizador!

E, diante de fatos dessa ordem, como menosprezar os fatores psíquicos na prática médica, na clínica diária?

Os fatores psíquicos na clínica II

A eclosão materialista do século passado teve a sua repercussão fatal nos domínios da Medicina.

Contemplado como uma genuína máquina transformadora de energias, o organismo humano perdeu a unidade psíquico-física. Do homem integral consubstanciado no binômio espírito-corpo, emergiu, apenas, a matéria com suas leis mecânicas. À alma soçobrou-a o dilúvio das paixões. O pensamento tornou-se um excreto cerebral. A massa encefálica erigiu-se à categoria de “polipeiro de idéias”. O Sistema nervoso transmutou-se, de instrumento, que era, das manifestações anímicas, em agente produtor de todas as faculdades do espírito. E a Ciência correu ao laboratório a arrancar das retortas e dos tubos de ensaio o tremendo mistério dos fenômenos vitais. Mas, na expressão matemática da equação da vida, surpreendeu-a uma incógnita martirizante. O homem não cabe todo inteiro na complexa arquitetura da química orgânica. Não. O pensamento, o sentimento e a vontade, com toda a prodigiosa energia de que são dotados, não se deixam coarctar na estruturação engenhosa da estero-química. Nem mensuráveis são. Escapam, pois, à expressão matemática. Não se coadunam mesmo com o rigor do método experimental, tão profícuo noutros setores científicos. Nem por isso, todavia, deixam de constituir a essência da personalidade humana. Porque, se não se revelam aos instrumentos de precisão, atingem diretamente a consciência e são percebidos à luz da razão. Dão-nos a certeza da evidência. Por conseguinte, não podem ser relegados da clínica, nem considerados de somenos e apoucados, como se epifenômenos fossem, nos quadros mórbidos dos enfermos. A Medicina errou. A inspiração materialista induziu-a ao estudo sistematizado das estruturas e das funções orgânicas; demoveu-a, porém, de mais atiladas investigações acerca da influência dos estados psíquicos na gênese das doenças. A alteração estrutural — a lesão constituiu o fulcro para as classificações nosológicas. Doença sem lesão, é doença sem importância, portanto. Daí o desprezo com que certos médicos tratam os distúrbios funcionais. Erro, grave esse. A lesão é o término da evolução do estado mórbido. É como que o cadáver da doença. Não constituiu a essência mesmo do *morbus*. Criteriosamente observada, a doença é inicialmente sensorial: mal-estar indefinível, cansaço, desânimo, irritabilidade, ansiedade etc., abrem, a miúdo, o cortejo dos sintomas precursores. Surgem, em seguida, os desequilíbrios funcionais. Só mais tarde apa-

rece a lesão. De sorte que, erigir uma patologia sobre as características morfológicas das lesões, é como construir um edifício principiando pelo telhado. E bem analisadas as coisas, a descrição das moléstias, tal como é feita na medicina oficial, assemelha-se, muita vez, a uma novela contada do fim para o princípio, do epílogo para o prólogo. Desta pecha se livrou, no entanto, a Homeopatia. Porque, em suas patogenesias, parte sempre dos sintomas mentais para os funcionais, pouco realçando as alterações estruturais, que marcam o termo dos desequilíbrios das funções. Noutras palavras: a patologia dos alopatas é estrutural e estática; a dos homeopatas é funcional e dinâmica. Não obstante, a Medicina oficial começa já a reconhecer quanto errou ao menosprezar os sintomas subjetivos, e ao repudiar a ação dos fatores psíquicos, na deflagração dos estados mórbidos.

O conceito psicossomático das doenças, apregoado por Hipócrates e defendido por Hahnemann, ressurgiu, agora, enfeitado com umas roupagens freudianas, sob a denominação de “medicina psicossomática”.

Apesar de eivada com a doutrina de famigerado psiquiatra austríaco, — doutrina nascida em contacto com a loucura, e, em consequência, plena de hipóteses absurdas e fantasistas, — é, fora de dúvida que a Medicina psicossomática veio valorizar a influência dos fatores psíquicos na eclosão dos estados patológicos, e, destarte, aproximar a Medicina oficial da doutrina hahnemanniana. Contudo, o significado real da influência psíquica sobre as múltiplas funções do organismo, só poderá ser suficientemente compreendido quando os médicos se despojarem do terrível lastro de preconceitos, que os aprisionam, e forem pesquisar, com isenção de ânimo, os admiráveis fenômenos do Hipnotismo e do Espiritismo!

A caminho da verdade... I

Ainda hoje, submeteremos à amável atenção dos nossos prezados leitores, alguns fragmentos da palestra, que proferimos, pelo microfone da Rádio Ipanema.

“O essencial é que diante de um fato dessa transcendência — de uma moléstia que, resistindo a todos os recursos da Alopatia, não resiste, entretanto, à ação de algumas dezenas de pastilhas que, aparentemente, não continham senão açúcar de leite — diante de um fato dessa transcendência, nossa dignidade de homem e nossa consciência de médico apontaram o caminho do dever: estudar e experimentar, para comprovar.

Oculto aos nossos sentidos, fugindo aos reativos químicos, devia haver, naquelas pastilhas, uma energia curativa. E não nos equivocamos. A experiência, a observação clínica convenceu-nos de que esta energia existe, indubitavelmente. Por isso, — falamos sem laivos de vaidade, — não sentimos o aguilhão do amor próprio ferido, nem o travo duma ilusão esmigalhada. Se há vitórias que são derrotas, derrotas há, que valem vitórias. Derrotados, sentimos a nulidade dos dogmas e a precariedade das concepções indutivas, em matéria de clínica... E vislumbramos, mercê de Deus, numa visão panorâmica das intrincadas concepções escolásticas, uma vereda que se palmilha com mais confiança, ao resguardo de muitas ciladas, porque nela nos orientamos por uma lei de cura, que, à guisa duma bússola, nos dará sempre o rumo, mesmo nos momentos mais críticos, quando os vagalhões encapelados da tormenta patológica entibia, perturba e desorienta até, aos capitães mais afeitos às lides profissionais!

A Medicina não se molda a princípios inflexíveis, como a Matemática. É Ciência de probabilidades, apenas. Desconhecemos, ainda, a essência da vida. Dos fenômenos vitais, conhecemos, tão somente, a parte que se exterioriza. Mas ignoramos o fenômeno integral. E é com a fração que conseguimos deitar a mão, que arquitetamos as hipóteses. Algumas frutíferas; outras estéreis. Umás dinâmicas; outras estáticas. E se a hipótese se cristaliza em dogma, então, não há progresso. O investigador ficará paralisado; o cientista manietado ficará. E é preciso investigar: é preciso progredir!

A verdade, em Ciência como em Filosofia, não pertence totalmente à ninguém. Quem assim pensar, ignora a própria ignorância.

A verdade se reparte, se fragmenta e se manifesta, aqui e acolá, de acordo com o cérebro, ou — mais explicitamente — com o espírito que a assimila e difunde...

Não temos, portanto, a veleidade de afirmar que a Alopátia está totalmente errada e a Homeopatia totalmente certa.

Alimentamos, não obstante, a convicção de que o sistema de Hahnemann é, dentre todos, o mais racional, o mais positivo, e o mais útil, porque é o que dá maiores perspectivas de progresso à Medicina, como arte de curar.

É, sobretudo, em função da terapêutica que se deve ensaiar, investigar e construir, porque Medicina, sem terapêutica, não é arte, nem Ciência!

Justamente porque confiam em sua terapêutica os discípulos de Hahnemann se mostram serenos e otimistas, nas situações mais delicadas. E essa grande confiança na lei de cura dá à clínica homeopática um encanto que nenhuma terapêutica poderá dar.

Entretanto, para que essa lei, prevista já, desde remota antiguidade, tivesse vida e ação, fora necessário que Hahnemann idealizasse um método de experimentação, provocando artificialmente moléstias medicamentosas que, comparadas às moléstias naturais, permitem a aplicação dos semelhantes, conforme o aforismo: *similia similibus curentur*.

As experiências, realizou-as Hahnemann, primeiro, em si mesmo, ingerindo as substâncias, cujos efeitos desejava conhecer, até que provocassem manifestações duma doença artificial, e, mais tarde, em várias pessoas de sua amizade que, em benefício da humanidade, consentiram na experimentação. De sorte que, a Matéria Médica Homeopática, onde, todos nós homeopatas, vamos sugar o bálsamo para saciar as dores, foi toda inteira construída à custa do sofrimento de muitos abnegados que, voluntariamente, adoeceram para que, hoje, pudéssemos conhecer os efeitos dos medicamentos, no organismo humano.

E, graças a Deus, aquela flama de idealismo, que iluminou a estrada do genial criador da Homeopatia, ainda não se extinguiu!

Apesar dos dias de materialismo, de egocentrismo, de subversão de valores e de crise moral em que o mundo vive, apesar de tudo, ainda há muitos corações iluminados pelos fulgores da fraternidade, palpitando sincronicamente com as dores alheias...

Há quatro anos, em 1936, quando engatinhávamos os primeiros passos na doutrina de Hahnemann lemos, cheios de emoção, uma notícia, que, talvez, tenha passado despercebida à maioria, ou que, pelo menos, não teve a repercussão, que merecia.

Um jovem homeopata, com o intuito de esclarecer a ação do sulfato de zinco sobre o organismo humano, resolveu ingeri-lo, de conformidade com as regras da experimentação hahnemanniana, redundando, em conseqüência, um quadro mórbido grave que, para debelar-se, exigiu a perícia de um clínico eminente — o Dr. Dias da Cruz.

E é a convite deste mesmo abnegado, cujo nome logo gravamos, porque medimos a extensão do seu gesto, e, do qual nos aproximamos, pela atração dos ideais comuns, é a convite deste mesmo abnegado que, agora, tenho a honra de vos dirigir a palavra, para vos mostrar que, em cada pastilha da Homeopatia, há mais do que uma energia curativa, porque há um pedaço da alma de todos os idealistas, que sofreram, para que, vós outros, pudésseis ser aliviados!”

A caminho da verdade... II

A convite do benemérito diretor de “A Voz Homeopática”, realizamos, a 14 do corrente, uma palestra, pelo microfone da Rádio Ipanema, da qual extrairemos alguns trechos, para fixá-los, com imenso prazer, nestas agasalhadoras colunas, onde certamente serão analisados com a mesma benevolência com que nos vêm distinguindo os nossos amáveis leitores: — “há fatos, que marcam um destino: são balizas cravadas nas encruzilhadas da vida, assinalando as pegadas de uma existência efêmera, ou apontando o roteiro escabroso de uma jornada penosa... Há dores, que se cravam no coração, à guisa de cicatrizes de fibras dilaceradas: são reminiscências de antigas tragédias extintas... Mas, fatos e dores, impelem ao progresso. Os fatos ferem a razão; as dores falam ao coração: ambos pedem explicação. Por isso, estimulam a pesquisa e forçam a meditação; reclamam a análise e exigem a síntese. Em compensação, conduzem à verdade. Os fatos pertencem à Ciência; a dor à Filosofia. Mas, Ciência e Filosofia, não se repelem, antes se completam: uma analisa, outra sintetiza. E é no cadinho da dor, que se expurgam os vícios, que se aprimoram as virtudes e que se sublimam as idéias. Ignição que caustica, mas não consome; combustão que queima, mas não destrói, — a dor é crisol e fanal, porque depura e ilumina! Contudo, se o sofrimento é da humanidade, a resignação é apanágio dos sábios e dos justos. E como dói a dor de um ser, que se ama! Parece, que dói mais do que as nossas próprias dores... Caprichos do amor, que multiplica a capacidade de sofrer e aguçam a faculdade de sentir... Maior que todas as dores é, porém, a dor moral. Impalpável como o ar, imponderável como o éter, é real como a luz! Invisível e intangível, não aparenta, nem deixa rastro. Não corrói, nem desagrega. Não desfibra, nem dilacera. Mas aflige e sufoca; oprime e tortura; suplicia e, até, mata — a dor da alma! E quantas vezes, à cabeceira do doente, ela tritura o coração do médico, nessa tremenda luta titânica do esculápio, que quer curar, e da natureza, que se rebela e recalcitra? Se é um ente querido — uma mãe que se adora, um pai que se venera, uma esposa que se ama, um filhinho que se idolatra — se é um ente querido que nos estende as mãos, pedindo alívio, e, se a arte falha, se a Ciência cala, podeis avaliar, prezados ouvintes, o que se passará no coração de quem não pôde aliviar! Filho querido, esposo amado, ou pai extremoso, o médico sentirá estalar, fibra a fibra, todas as cordas do coração, na suprema dor da impotência, diante das forças indevassáveis que quebram o ritmo da vida! Pois,

foi tangidos pela dor e deslumbrados pelos fatos, que penetramos os umbrais da escola de Hahnemann... Durante doze meses, acompanhamos os sofrimentos de uma criatura a quem dedicamos a mais pura das afeições. Empregamos todos os recursos terapêuticos e não logramos mais que curas aparentes e ilusórias, seguidas de perto pela ronda agourenta das recidivas imprevistas e importunas... Foram longos dias de esperanças frustradas, de ilusões baldadas, de dúvidas e receios mortificantes. Entretanto, quando um amargo desencanto ia, a pouco e pouco, arrefecendo o nosso entusiasmo e extinguindo a nossa confiança, um fato culminante veio nos demonstrar, de modo irretorquível e insofismável, o extraordinário poder curativo das dinamizações homeopáticas! A doente que, a custo aceitou a medicação, cética que era, quanto a eficácia de uma terapêutica que sempre julgara inócua e inoperante, — a doente teve a mais indescritível das surpresas, vendo-se curada, em menos de uma semana!

Antes tarde do que nunca!

O preconceito sempre foi um dos piores flagelos da humanidade. Grotresco simulacro do cêrbero mitológico, ele ronda os segredos da natureza, espreitando o ensejo para abocanhar a dignidade do primeiro sonhador que tente quebrar o círculo de ferro das idéias comuns, das teorias estratificadas e dos dogmas petrificados. Como escravos inermes, os homens submetem-se, cabisbaixos, ao jugo tirânico do convencionalismo, que eles próprios criaram. O criador faz-se servo da criatura. E, por força dessa paradoxal servidão, a Verdade, — a deusa dos sábios e dos santos, — é procrastinada, ou sufocada. Não só a verdade moral. Também a verdade científica. Mazela terrível, o preconceito não se insinua apenas na atmosfera nevoenta da especulação metafísica. Não se aninha somente na penumbra das revelações místicas e das disputas teológicas. Não. Libra-se muito além. Sobe aos páramos de Minerva. Paira nos alcantis da sabedoria. Desafia a luz da razão. Alimenta a paixão. Gera um clima de rivalidades estéreis. Deturpa a lógica. Congela o pensamento. Obscurece a observação. Falseia a investigação. Nega fatos ostensivos. Combate verdades evidentes. Em suma: mutila a Ciência e asfixia o progresso. Assim é o preconceito. Mas tão arraigado está no caráter da generalidade dos seres humanos, que, quando, por acaso, topamos com um desses raros espécimes desprovidos da crosta impermeável dos prejuízos, mal podemos ocultar o assombro que nos fascina. Empolga-nos a sensação de havermos sido arrebatados a outro mundo, lá para bem longe dos bípeds implumes de Pascal...

Pois foi possuído desse sentimento, misto de surpresa e de júbilo, que li, domingo próximo passado, a cintilante crônica da lavra do Dr. Floriano de Lemos, clínico provector e escritor de escol, publicada num matutino carioca.

Enaltecendo os primorosos dotes culturais e espirituais do falecido professor Egas Moniz, que, com extraordinário brilhantismo, pontificou na cátedra da Faculdade de Medicina da Bahia, e que se tornou um dos expoentes da Homeopatia, o Dr. Floriano de Lemos, nos judiciosos conceitos que emitiu, deixou transparecer uma virtude muito rara. Não tem preconceitos científicos. E, por não os ter, reconheceu, e abertamente o proclamou, que todas as descobertas da Medicina nestes últimos tempos convergem no sentido de confirmar a supremacia das pequenas doses de medicamentos.

Transcrevendo excertos da conferência realizada pelo docente da Bahia no Instituto Hahnemanniano, o ilustre cronista focalizou as experiências de Wright, as de Wheeler, as de Barret e as de Waters, mestres, todos eles, da escola alopática, e todos eles a concluírem de suas pesquisas, relativas às “opsoninas”, o valor das doses homeopáticas!

Em linguagem vulgar, opsonina é uma substância de estrutura química desconhecida, que existe no soro do sangue normal, e cuja função é preparar as bactérias para o repasto dos glóbulos brancos do sangue, e todos os elementos que “comem” micróbios. E, portanto, um fator indispensável à defesa do organismo. Tanto assim que existe em muito maior porcentagem no organismo imunizado. Ora, as experiências dos supracitados investigadores, demonstraram, insofismavelmente, que os remédios homeopáticos incrementam notavelmente a quantidade de opsoninas do sangue. Em conseqüência, os remédios homeopáticos estimulam as defesas naturais do organismo contra os germes patogênicos. Portanto, os remédios homeopáticos podem curar as doenças infecciosas, como tifo, o crupe, o tétano, etc., como, de fato, já tem curado, diversas vezes, nas mãos de homeopatas conscienciosos e cultos. Isto é sabido. Mas não é reconhecido. A maioria dos alopatas continua recusando-se a enxergar. E o pior cego é o que não quer ver. Os fatos aí estão. As curas homeopáticas são diárias. E às vezes, assombrosas. Eu próprio exerci a clínica alopática durante alguns anos, e não fui mal sucedido. Da mesma forma, outros colegas de maiores méritos, também abandonaram a velha terapêutica oficial, para ingressar nesta Medicina tão caluniada, quanto desconhecida: a Medicina de Hahnemann. Ora, se aqui, na Homeopatia, os insucessos fossem mais freqüentes, que vantagem teríamos nós em enveredar numa estrada ainda tão crivada de pedregulhos, e onde, a cada passo, espouca uma risota ou silva um motejo dos ignorantes e dos pernósticos? Por isso mesmo, quando vem à baila a opinião honesta de um colega alopata, e sobretudo de um colega brilhante como o Doutor Floriano de Lemos, nós homeopatas não podemos ocultar o nosso júbilo. Não tanto pelo que nos toca. Mas pelo prazer que nos dá a descoberta da Verdade.

Sobre a cura do *pemphigus*

Carta aberta ao Exmo. Sr. Dr. Adhemar de Barros

Excelência:

Expoente do Estado Novo, — obra ciclópica que está sendo forjada ao calor das virtudes cívicas de todos os brasileiros de boa vontade, inspirados pelo patriotismo e orientados pela clarividência do preclaro Chefe da Nação — V. Excia., Sr. interventor, imprimiu tal dinamismo à gestão dos negócios públicos, que impressiona, mesmo aos mais afeitos ao ritmo acelerado do fecundo labor bandeirante.

A notável obra médico-social realizada pelo governo de São Paulo, ultrapassou à expectativa de quantos confiavam na capacidade realizadora, na cultura aprimorada e no espírito de indefectível justiça de V. Excia...

A recente inauguração do Instituto de Patologia Experimental vale como mais uma demonstração do carinho que, do governo estadual, merecem os problemas adstritos à saúde pública.

Destinando-se, como se destina, o Instituto, ao estudo do *pemphigus*, — moléstia terrível, que castiga barbaramente e resiste a todos os tratamentos ensaiados pela Medicina oficial, — não há negar o sentido humanitário e o grande alcance social dessa obra. São Paulo paga pesado tributo à moléstia, havendo na capital, conforme notícias divulgadas pelo *Correio da Manhã*, cerca de 500 infelizes, dos quais apenas pequena fração se acha hospitalizada, e para os quais a Ciência não vê probabilidades de cura ou alívio.

Guardo vivo na retentiva o quadro desolador que, meses a fio, observei durante os tempos de acadêmico.

Um pobre menino de 12 anos, pele em trapos, carnes dilaceradas, corpo em chagas, decompondo-se em vida, aguardando no leito do hospital o lenitivo da morte...

Estimulado pelo particular interesse por V. Excia. demonstrado, pela cura da doença, e, vibrando o mais puro sentimento cristão, tomo a liberdade, Sr. interventor, de sugerir a V. Excia., que em benefício de centenas de infelizes condenados aos mais atrozes padecimentos, se experimente, no Instituto, o emprego da Homeopatia.

Posso asseverar, com a máxima convicção, que a terapêutica hahnemanniana dispõe de recursos, não só para aliviar — o que já é muito — mas para curar enorme percentagem de todas as modalidades clínicas da moléstia.

Já em 1848, em mãos de Teste, médico alopata que, como o humilde signatário desta carta, diante de evidência dos fatos, se tornou fervoroso adepto do sistema de Hahnemann, a Homeopatia obtinha uma cura brilhante de um caso gravíssimo de *pemphigus foliaceum*, desenganado já, por várias notabilidades clínicas da época.

Tratava-se de uma camponesa normanda, doente há 15 meses, e na qual “os ombros, o peito, as costas eram uma chaga enorme”.

Caso tão grave que, — confessa o médico francês, — “de todos os que observei em minha longa carreira clínica, foi talvez o que mais viva impressão me causou” e cuja cura foi tão rápida que “não se pode admitir um caso em que o poder de uma medicação se tenha manifestado de modo mais poderoso e irrefutável”.

Caso mais benigno, mas que não posso recordar sem grande emoção, foi o que, há cerca de um ano, observei em minha filhinha de três anos, aqui, em Icarai. Pode calcular V. Excia. médico ilustre que é, o drama que, em meu coração, se desenvolveu, vendo, em três dias apenas, toda a face externa da coxa esquerda de minha filhinha, desde o joelho até a crista ilíaca, semeada de vesículas, algumas grandes, do tamanho duma jaboticaba, que queimavam como fogo e que provocavam insuportável prurido. Pode, outrossim, V. Excia. calcular o júbilo e o entusiasmo com que vi a doença regredir, logo que, de acordo com o método hahnemanniano, consegui individualizar o remédio.

Curando à galope, em poucos dias, da tempestade o remédio permitia que restasse, apenas, algumas cicatrizes arroxeadas, hoje esmaecidas, quase imperceptíveis. Diante de fatos desta ordem, julgo do maior interesse para a humanidade a comprovação oficial desses sucessos clínicos. Tomo por isso, pessoalmente, a iniciativa de apelar para o espírito humanitário de V. Excia. no sentido de serem admitidos — sem quaisquer ônus para o Estado, — dois médicos homeopatas que, no Instituto, mais uma vez, demonstrariam a eficiência da Homeopatia, com grande proveito para os infelizes que lá se encontram internados.

Conhecedor profundo da doença, o abalizado cientista que dirige o Instituto, mais interessado do que ninguém na cura do *morbus*, controlaria os ensaios terapêuticos, dando, porém, ampla liberdade de ação aos homeopatas e lhes facilitando todos os comprovantes das curas realizadas.

São Paulo, — *cellula mater* de brasilidade e de trabalho construtivo, — centro de admirável cultura, conta com a colaboração de médicos homeopatas que fariam honra a qualquer centro cultural europeu.

Não creio que, estando em cheque o interesse da humanidade e a reputação da Homeopatia, pudessem prevalecer sentimentos de ordem pessoal. Ninguém teria, mesmo, o direito de recusar a colaboração, numa causa que afeta diretamente a São Paulo, quiçá ao Brasil

inteiro.

Os colegas que, de V. Excia., recebessem o honroso convite, teriam plena consciência de estarem contribuindo para o advento de uma nova era para a Ciência médica brasileira.

Colocando a questão no terreno dos fatos experimentais, patrocinando esta experiência clínica, V.Excia., médico e estadista, juntaria a tantos louros que tem colhido, presidindo aos destinos desse grande Estado, a glória de haver contribuído, decisivamente, na orientação profissional das futuras gerações médicas.

Com os melhores votos pela ventura pessoal de V.Excia., pela prosperidade de São Paulo e pela grandeza do Brasil, subscrevo-me de V. Excia., patricio e sincero admirador:

Randolpho Penna Ribas

A projetada reforma do ensino médico no Brasil

...prova a desorientação da Medicina Alopática pelo seu próprio método de curar — “Sendo homeopata, parece à primeira vista que eu deveria regozijar-me com a notícia da supressão, entre outras, da cadeira de terapêutica” — diz-nos o Dr. Penna Ribas, reputado clínico homeopata — à margem do discurso do professor Souza Lopes, verberando a atitude dos reformadores do ensino.

Foi ontem novamente noticiado pelo ministro Capanema, em São Paulo, a reforma do ensino superior em nosso país, contra a qual se levantaram muitos dos mais esclarecidos professores de Medicina em nosso país, em face das informações que transpiraram do gabinete do Ministério da Educação acerca de algumas das medidas que vão aparecer no misterioso projeto — que nem ao menos foi publicado para conhecimento dos técnicos. Ontem, deparamos com o Dr. Penna Ribas, reputado clínico homeopático, de quem conhecemos recente artigo sobre a matéria no qual o distinto especialista abordou a tese segundo a qual a supressão de várias cadeiras, inclusive e especialmente a terapêutica, prova a desorientação da Medicina Alopática na organização dos meios de tratar os doentes a quem deve socorrer.

Menosprezo dos Mestres da Medicina Oficial pelo seu próprio método de curar

Sendo, como sou, médico homeopata — disse-nos logo o Dr. Penna Ribas — poderia parecer lógico que me regozijasse com essa notícia, que é prova cabal do menosprezo dos Mestres da Medicina oficial pelo seu próprio método de curar. Entretanto, confesso que a leitura em revista especializada do discurso pronunciado pelo prof. Souza Lopes, no Congresso de hidroclimatismo, discurso que verberava a atitude dos reformadores do ensino médico e apelava para o espírito clarividente do chefe da Nação, me trouxe admiração e tristeza.

A terapêutica, razão de ser da Medicina

— Ignoro o motivo por que se pretende mutilar assim, visceralmente, o ensino médico, do mesmo modo que, até hoje, não tive a ventura de compreender a razão por que ao tempo em que cursava a Faculdade, o diretor da Escola suspendeu, durante um ano, o ensino de Farmacologia, prejudicando, destarte, seriamente, mais de duas centenas de alunos. Apesar de discordar fundamentalmente, da

orientação terapêutica da escola alopática, não concebo onde pretendem chegar os reformadores suprimindo ou subordinando, o estudo duma matéria que, em última análise, é a razão de ser da Medicina. Verdade é que um grande mestre da Medicina clássica já proclamara, desdenhoso, que todos os medicamentos úteis podiam caber no seu cachimbo; e que outro não menos provecto mestre da Ciência de Esculápio médico logrará “apropriar o agente medicamentoso ao temperamento, à constituição, à idade e ao sexo de cada indivíduo, bem como às suas circunstâncias idiossincrásicas”, conforme preconizava já o grande Torres Homem, em memorável aula inaugural, em 1882, e lição que, ainda hoje, deve de ser meditada por quantos se dedicam à gloriosa missão de mitigar os sofrimentos humanos. E se na Medicina oficial, “a fatura, em terapêutica, é sintoma de penúria”, como acentuara freqüentemente o professor Miguel Couto, não resta dúvida que o fato se prende justamente à ignorância da ação do medicamento sobre o organismo humano e da falta de uma lei, que estabeleça sua relação constante entre o doente e o remédio.

Reforma, mas em sentido contrário...

— Torna-se evidente, portanto que, ao invés, de eliminar, deve-se ampliar o âmbito da terapêutica facilitando investigações e incluindo no programa todos os métodos de eficácia provada. Não se pode ser sectarista em Medicina. Ciência de probabilidades ela nos dá apenas verdades relativas. No que diz respeito à arte de curar, então, a presunção de uma certeza absoluta, quando a essência mesma da vida ainda nos escapa, só é concebível na exaltação de um fanático. Entretanto, é fora de dúvida que a Homeopatia, graças ao gênio de Hahnemann, possui atualmente conhecimentos preciosos a respeito da ação de muitas substâncias, sobre o organismo do homem. É certo, também, que para obter estas informações a Homeopatia se utilizou da única fonte que, racionalmente, pode fornecer uma orientação segura — o próprio homem em bom estado de saúde. Além disso, está demonstrado que, empregando seus medicamentos, de acordo com a lei dos semelhantes — *similia similibus curantur* — a Homeopatia efetua uma cura rápida, suave e perfeita. Assim sendo, custa-se a atinar por que a terapêutica de Hahnemann não figura ainda nos programas oficiais.

Ponto em que não há divergências

Concluí o Dr. Penna Ribas:

— Alopatas e Homeopatas, somos antes de tudo — médicos. O nosso ideal ou, pelo menos, a nossa finalidade é a mesma — curar. Se incompatibilidades existem, entre a Alopatia e a Homeopatia, em compensação há alguns pontos de contato, que deixam antever maior com-

preensão entre os partidários de ambos os sistemas quando a fisiologia esclarecer certos mistérios... O essencial por enquanto, é que se arme o médico, cuja missão na sociedade é, precipuamente, de curar os que sofrem, o essencial — repito — é que se arme o médico de todos os meios eficientes para se desincumbir de sua honrosa tarefa. Em conclusão, ao contrário de supressão, o que seria razoável era a ampliação da terapêutica, em função da qual se devem fazer todas as investigações clínicas.

O segredo da Homeopatia

No conceito da maioria, inclusive das pessoas cultas, a Homeopatia resume-se, em última análise, numa espécie de Alopátia em doses microscópicas... Imaginem que cada doença possui os seus específicos. Assim: a sífilis teria o *Mercurius*, *Arsenicum*, o *Bismutum*; o paludismo, a *China*; a disenteria amebiana, a *Ipecacuanha* ou a *Emetina*, etc.

Se assim fosse, nada mais fácil do que tratar pela Homeopatia. Nem de ser médico se precisaria; bastaria dispor dum desses livros caseiros, que tanto tem contribuído para falsear o juízo a respeito do método de Hahnemann, para que armado se estivesse do instrumento necessário.

No entanto, a realidade é muito diversa. Só os que durante alguns anos exerceram a clínica alopatíca, como o signatário destas linhas, e que, mais tarde, se deixaram empolgar pelas curas admiráveis da Homeopatia, só estes, podem, de fato, aquilatar quanto é difícil a aplicação correta da terapêutica homeopática.

Enquanto na Medicina oficial, em se tratando de eliminar um estado mórbido, prevalece o espírito de síntese, com o intuito de apreender os sintomas característicos, patognomônicos da doença, na Homeopatia, o contrário, predomina o espírito de análise, mercê do qual todos os sintomas, sem a mínima exceção, desde os objetivos até aos mais intangíveis e esquisitos, entram no cômputo geral, hierarquicamente valorizados, e tanto mais valorizados quanto mais excepcionais são.

Justifica-se a divergência do proceder pela diferença do escopo a alcançar. Na Alopátia, o alvo é o diagnóstico da doença e o tratamento etiológico; na Homeopatia, a finalidade é a caracterização do doente, individualmente, sem quaisquer preocupações para enquadrá-la numa das doenças oficialmente reconhecidas, e, depois de caracterizado o doente, a seleção do remédio individual, pela “lei dos semelhantes”. Noutros termos: enquanto a Alopátia se esforça para agrupar todos os casos mórbidos em algumas “famílias” de doenças, tomando como base de classificação os sintomas e sinais comuns nos diversos doentes, a Homeopatia, em contraposição, pesquisa em cada doente, os sintomas e sinais mais raros, mais pessoais, mais típicos de cada doente, transformando, destarte, cada caso mórbido num problema à parte sem ligação alguma com os outros da mesma espécie. Vale dizer que, na Homeopatia, os sintomas patognomônicos, característicos das doenças batizadas pela Medicina oficial não têm maior significação; ao passo que, os sintomas individuais, bizarros e singulares, estes sim, são de imenso valor, porque, servem para identificar o doente dentre

os doentes da mesma doença. O tratamento homeopático é, portanto, individual: o remédio que cura um doente não curará outro, embora ambos sofram da mesma doença, a menos que, em ambos os doentes, a doença se manifeste exatamente com todos os sintomas e sinais idênticos, o que é improvável, senão impossível. Suponhamos, para facilitar a compreensão, que, ao homeopata, se lhe apresentem dois doentes: ambos atacados de febre intermitente precedida sempre de intensos calafrios transformados logo num frio horrível, de bater os queixos, com mal estar indefinível e tremenda cefaléia, tudo seguido dum febrão assustador, dum crise de copiosos suores, de queda de temperatura e novamente de bem estar, ao fim de algumas horas, como se de nada sofressem. Admitamos, também, que o laboratorista confirmou, no sangue, a presença do plasmódio do impaludismo. Feito estaria, pois, o diagnóstico da doença. Tudo isso, para o homeopata, nada representaria sob o ponto de vista terapêutico, embora, sob o ponto de vista profilático, fosse muito importante. Nada representaria sob o ponto de vista terapêutico, porque o homeopata, para debelar a infecção, não iria lançar mão de doses tóxicas capazes de, atingindo alta percentagem no sangue, exterminar o germe da doença, embora arruinando, ao mesmo tempo, o organismo, como sói acontecer nas vítimas da malária. Não. O homeopata valer-se-ia de doses infinitesimais, doses de notável eficiência curativa, quando empregadas pela lei dos semelhantes, porque, então, estimulam intensamente as defesas naturais do organismo. O alopata tentaria, pois, exterminar “diretamente” o germe da doença, sem maiores preocupações com o organismo do doente; o homeopata, ao contrário, tentaria destruir o germe “através do organismo” do doente, excitando-lhe a mobilização dos recursos naturais de que dispõe para se defender de todas as doenças. Condiionadas, como está, a eficácia das doses infinitesimais à aplicação da lei dos semelhantes, bastaria, no exemplo mencionado, que um doente sofresse suas crises diariamente e o outro em dias alternados, para que completamente diferentes, fossem os remédios homeopáticos, no dois casos. Um deles tomaria um medicamento que, em doses adequadas e no homem são, provocaria, ao fim de certo tempo, um estado de intoxicação semelhante ao paludismo, com crises diárias; ao passo que, ao outro doente, se prescreveria, outro medicamento que, nas condições de experimentação já referidas, provocaria uma intoxicação com os sintomas da malária, mas com crises em dias alternados.

Em conclusão: a aplicação da lei dos semelhantes — única bússola do homeopata — exige que o tratamento seja sempre individual, independente do nome da doença e do micróbio que provoca.

Esse é o segredo da Homeopatia...

Pela introdução da Homeopatia nos serviços médicos dos Institutos

“Que adianta o segurado ter médico de graça se não dispõe de recursos para adquirir o remédio?”, pergunta ao repórter o Dr. Penna Ribas — interessante entrevista concedida a *O Estado* pelo ilustre homeopata fluminense.

Em face do movimento que os homeopatas estão realizando para introduzirem a Homeopatia nos serviços médicos das Instituições de Previdência Social, julgamos interessante ouvir a opinião do Dr. Penna Ribas, que, além de conceituado homeopata, tem sido, em nosso meio, um grande batalhador em prol da difusão do método hahnemanniano.

Cientificado do nosso objetivo, e por nós interpelado, declarou-nos inicialmente o ilustre médico fluminense.

“Eu não seria sincero se me não confessasse empolgado com a luta que os homeopatas do Brasil — e, especialmente, os meus queridos conterrâneos do Estado do Rio — estão empreendendo pela vitória da Homeopatia.

Porque, como é notório, a Homeopatia, em que pese o glorioso acervo de retumbantes sucessos com que se assinala sua brilhante trajetória, continua combatida e ridicularizada. Ridicularizada e combatida, não pelos que já a experimentaram ou já se apossaram de seus fundamentos científicos; mas pelos que se negam a experimentá-la, e fazem praça da mais supina ignorância a respeito dos seus princípios basilares.

Portanto, sob o ponto de vista clínico, para nós, médicos homeopatas, a adoção da Homeopatia pelas Instituições da Previdência Social, será uma magnífica oportunidade para demonstrarmos oficialmente, e à luz das estatísticas, a eficácia de nossa terapêutica.

E para as Instituições — continuou o Dr. Penna Ribas — a inclusão da clínica homeopática em seus serviços médicos será medida de extraordinário alcance econômico mais do que recomendável na presente conjuntura em que o Governo preconiza diariamente redução das despesas públicas.

Todavia, focalizemos o problema por um prisma inteiramente impessoal. É incontestável que existe, nos Institutos, um grande número de segurados que preferem o tratamento homeopático: uns, porque estão convencidos de que a cura pela Homeopatia é, de fato, mais perfeita; outros, premidos pela situação financeira, por não poderem adquirir os modernos medicamentos alopáticos, quase todos de custo muito elevado.

Pergunto eu — é justo que os segurados que gostam e que podem tratar-se pela Alopátia tenham tudo nos serviços médicos dos Institutos, e os segurados homeopatas, que contribuem tanto quanto os ou-

tros, permaneçam privados de assistência médica, ou obrigados a se valerem duma terapêutica que repudiam? Não; tal disparidade de tratamento, por si, constitui uma injustiça tão clamorosa que reclama uma solução urgente.

Mas, há, ainda, um fato mais convincente: eu cuido, diariamente, em meu Consultório, de comerciários e industriários que se valem dos médicos desses Institutos, mas apavorados com o custo dos medicamentos, não podem continuar o tratamento, e recorrem à Homeopatia, que, apesar do preço da consulta, ainda fica muito mais em conta!

Que adianta — pergunta o ilustre homeopata — que adianta ao segurado ter o médico de graça se não dispõe de recursos para adquirir o remédio?

É inegável que a Homeopatia, encarada como uma especialidade, e enquadrada nos serviços médicos de qualquer Instituição que seja, longe de ‘criar um caso’, preencherá uma lacuna muito sensível, favorecendo os mais pobres, para quem se deve voltar, de preferência, a atenção dos responsáveis pela Previdência Social.”

À outra pergunta do repórter respondeu o Dr. Penna Ribas:

“Penso que, desta vez, venceremos. A causa está muito bem apadrinhada. Basta dizer que, no setor dos industriários, todos os órgãos representativos da classe aderiram ao movimento. E lá contamos com elementos do prestígio de João Antônio Alberto Júnior, homeopata sincero, presidente da Federação dos Trabalhadores nas Indústrias de Fiação e Tecelagem. E, no âmbito dos comerciários, temos o valioso apoio da Associação Comercial de Niterói, da Associação Comercial de São Gonçalo e do Sindicato dos Empregados no Comércio de São Gonçalo.

E com trabalhadores da envergadura de Adelino Câmara Pinto, José Lourenço de Azevedo, Agenor Lourenço de Azevedo, Rosendo Rica Marcos, Antônio Vieira Macedo e Simeão Lopes Ferreira, como pensar num fracasso?

Além disso, conheço, pessoalmente as qualidades de inteligência e caráter do Sr. Henrique La Roque, e estou convencido que a causa dos homeopatas do I.A.P.C., será estudada com a máxima isenção de ânimo e a melhor boa vontade.

Acresce ainda uma circunstância: os dirigentes do movimento já solicitaram os bons ofícios do preclaro Governador Amaral Peixoto junto às autoridades competentes. E se pudermos contar com o incontrastável prestígio de Sua Excia, nesta causa, que é de todos os homeopatas do Brasil, o Estado do Rio terá inscrito uma das mais belas páginas na história da Medicina — epílogo duma empolgante luta secular”, concluiu o afamado médico fluminense.

Justa reivindicação (cura de infiltração do pulmão e sinusite)

A inclusão da Homeopatia na clínica do I.A.P.M.

Esteve na redação de *Vanguarda* uma comissão do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos, representando cerca de 700 associados, para pleitear a inclusão da Homeopatia na clínica daquele Instituto. Este jornal vê com a maior simpatia a causa dos associados do I.A.P.M., porque se trata de uma reivindicação muito justa. Se grande número de associados do Instituto deseja tratar-se pela Homeopatia, porque tem confiança na terapêutica homeopática, nada mais justo, mais natural a nosso ver, do que atender a esses associados.

A Comissão pediu-nos a publicação do seguinte apelo:

“Conforme já é do conhecimento público, de alguns meses a esta data, iniciou-se em todo o Brasil, um grande movimento no sentido de ser incluída a clínica homeopática nos Institutos de Aposentadorias e Caixas de Pensões.

Em São Paulo, esse movimento, já está em parte, vitorioso, pois que vários Institutos e Caixas de Pensões daquele estado adotaram a clínica homeopática conforme se pode constatar pela troca de farta correspondência entre os mais conceituados médicos homeopatas da capital bandeirante, Rio de Janeiro, Niterói e outras capitais do País, toda ela atinente à Homeopatia além da adesão espontânea de vários grupos de segurados nos Institutos e Caixas de Pensões que vêm se manifestando através das colunas de grande número de jornais editados em nosso País, notadamente os de São Paulo, Niterói e Rio de Janeiro, no sentido de que os demais Institutos sigam o exemplo dado pelos de São Paulo.

Nós, os marítimos, que pontificamos a nossa fé na cura pela Homeopatia, não podíamos ficar à margem de tão justo movimento, visto que o reputamos de grande alcance social e econômico. E foi assim que resolvemos aderir ao movimento já existente, organizando um abaixo assinado onde colhemos 560 assinaturas e anexamos a um memorial redigido por nós, expondo uma série de motivos e vantagens do tratamento pela Homeopatia, e os encaminhamos ao Sr. Amâncio Palmeiro, presidente do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos. E ficamos na esperança de que o Sr. Amâncio Palmeiro nos atendesse, porquanto bastava cumprir o despacho do Sr. Ministro do Trabalho quando disse que a clínica homeopática podia ser incluída nos serviços médicos dos Institutos, quando exigida pelos segurados, conforme ofício número 4.076 de 12-7-47, expedido pelo Departamento Nacional de Previdência Social. No entanto, quão grande não

foi a decepção para nós quando recebemos o ofício GP número 322-51, com data de 24-10-51 do Sr. Amâncio Palmeiro, respondendo negativamente ao nosso pedido, alegando falta de verba para a instalação de novos ambulatórios, compra de novos aparelhos e despesas com os honorários dos médicos homeopatas que vai-se a nomear.

Nós, não nos conformando, em parte, com as razões alegadas pelo Sr. Palmeiro, resolvemos organizar outro abaixo assinado, desta vez com 765 assinaturas. Redigimos um outro memorial, no qual pedíamos que, visto não ser possível o inclusão da Homeopatia no I.A.P.M. pelas razões que o seu presidente alegara, que ao menos nomeasse o conceituado médico homeopata — Dr. Randolpho Penna Ribas — para a Delegacia do I.A.P.M. em Niterói exatamente onde reside o maior número de segurados do Instituto.

Juntamos esse memorial ao Abaixo Assinado e fomos, pessoalmente levar ao ilustre governador do Estado do Rio, Sr. Comandante Ernani do Amaral Peixoto, que nos recebeu com muita atenção e simpatia e a quem solicitamos sua valiosa intercessão junto ao presidente do I.A.P.M., a fim de que aquele Sr. atendesse o novo apelo. Passados alguns dias pelo ofício de 4-12-51, o ilustre Governador nos cientificava de que recebera do presidente do I.A.P.M. um ofício negando atender o novo apelo que lhe fizéramos por seu intermédio, alegando os mesmos motivos que alegara a nós.

Ora, diante da mesma alegação nos dois abaixo assinados, feita pelo presidente do I.A.P.M., tem que se chegar a uma de duas conclusões: ou o presidente do I.A.P.M., está de má fé, ou não nos entendeu. Porque, com franqueza, alegar falta de verba quanto ao segundo apelo? É irrisório! Parece que o Sr. Amâncio Palmeiro não compreendeu que nós ao pedirmos a nomeação de apenas um médico para a Delegacia do I.A.P.M. de Niterói, já, estamos de algum modo, contribuindo para a diminuição da despesa alegada, porquanto o I.A.P.M. só iria pagar os honorários de um médico. Invocar despesa com instalação de ambulatório e outros apetrechos, é ilógico, pois já está provado que o mesmo consultório onde o médico alopata dá consulta a seu cliente, o médico homeopata também dá consulta a seu cliente na sua hora de atender. Portanto, esse motivo apresentado não tem razão de ser. Além disso, se o Sr. Amâncio Palmeiro tivesse boa vontade de nos atender, poderia na pior das hipóteses, credenciar um médico homeopata e esse atenderia os segurados do I.A.P.M. em seu próprio consultório, e o I.A.P.M. pagava ao médico por consultas efetuadas. E, nesse caso talvez o Instituto nada tivesse a pagar, uma vez que não aparecesse cliente dessa clínica, conforme pense o presidente e muitos outros médicos alopatas do I.A.P.M., pois sabemos que muitos desses médicos acham que ninguém mais tem o direito de acreditar na cura pela Homeopatia, simplesmente porque eles não acreditam.

Mas, nós que pedimos a inclusão da clínica homeopática no I.A.P.M. é porque achamos o tratamento homeopático mais econômico, mais fácil o uso de seus tabletes ou gotas e mais acessível à nossa bolsa de pobres, além de acreditarmos firmemente na ação curadora desses medicamentos, conforme poderíamos mencionar muitos casos de cura pela Homeopatia, mas que, por premência de espaço citaremos apenas dois dos que conhecemos e que julgamos dignos de menção: dona Ivone Gondim, esposa do Sr. Luiz Gondim, associado do I.A.P.M., esteve gravemente enferma com infiltração no pulmão e, segundo a opinião de clínicos alopatas do próprio I.A.P.M., teria que se submeter, durante um ano, ao penoso tratamento pneumotórax. No entretanto, a conselho de amigos, o Sr. Gondim procurou em Niterói, o afamado clínico homeopata, Dr. Randolpho Penna Ribas, a quem expôs a situação de sua esposa. Aquele facultativo, no curto espaço de 90 dias, e pelo tratamento homeopático, pôs dona Ivone Gondim radicalmente curada da terrível enfermidade. O outro é o Sr. Henrique Lago Monteiro, também associado do I.A.P.M., estava com sua esposa sofrendo de sinusite há mais de 9 anos, sem que nunca chegasse a nenhuma melhora enquanto tratou da moléstia por meio de punções, banhos, infravermelho e inalações de penicilina. Aconselhado por um seu amigo, procurou o conhecido médico homeopata, Dr. Randolpho Penna Ribas que, com uma única receita homeopática, deixou aquela senhora completamente curada.

Mediante exemplos de curas como essas que acabamos de citar, não vemos por que razão o Sr. Amâncio Palmeiro insiste em negar um direito sagrado da laboriosa classe dos marítimos.

Temos fé em Deus que os nossos anseios serão satisfeitos um dia, uma vez que temos encontrado irrestrito apoio da esclarecida imprensa do nosso País, além do decidido apoio do ilustre deputado pessedista Dr. Brígido Tinoco, que falando da Tribuna da Câmara Federal, em sessão de 25-1-52, defendeu, com brilhantismo que lhe é peculiar a nossa justa e merecida campanha.

Depois dessa ligeira exposição do que tem sido a nossa luta aqui fica o nosso apelo a esse brilhante jornal — *Vanguarda* — a fim de que, através de suas colunas, nos ajude a vencer.”

A Homeopatia, essa terapêutica milagrosa, cura fistula retal

É raro o dia em que não sou solicitado para solucionar o caso de um doente desenganado. Muitas vezes o doente não foi propriamente condenado à morte; foi apenas desiludido da possibilidade de cura: sua doença não mata, mas poderá perdurar por tempo indefinido — informam-lhe os médicos consultados.

Nesse momento crítico, porém, alguém sugere timidamente o apelo para a Homeopatia. Assim — entre resignado e descrente — chega o enfermo à clínica homeopática. Decepcionado da Medicina, é um paciente praticamente imunizado contra qualquer espécie de sugestão. Além disso, desiludido, como está, da deficiência das “grandes” doses medicamentosas e dos “poderosos” recursos da moderna Medicina, dificilmente poderia confiar no valor das “doses homeopáticas”...

Como se depreende facilmente, em tais casos a Homeopatia tem tudo contra si: — a insidiosidade da doença, a intoxicação medicamentosa do organismo e — pior que tudo — o abatimento moral do doente!

Contudo, a despeito de tantos fatores negativos, a Homeopatia, quase sempre, vence o árduo embate e restitui a saúde ao enfermo desesperado. De sorte que não é sem certa comiseração que, de vez em quando, ouço algum sabichão pontificar, doutoralmente, que “Homeopatia é água pura e cura por sugestão”; ou que “a Homeopatia é muito bom para crianças, porque não intoxica”; ou ainda que “a Homeopatia cura, mas é tratamento muito demorado”!

Pobre humanidade! Há mais de um século que o gênio de Samuel Hahnemann desvendou ao mundo os segredos da única doutrina médica que se orienta por uma lei de cura — uma lei natural e, como toda lei natural, infalível quando obedecida rigorosamente. E, no entanto, até hoje, quase ninguém alcançou o imenso valor dessa preciosíssima descoberta!

O mais lamentável, porém, é que a classe médica, de um modo geral, continua a ignorar inteiramente o que é, afinal, a Homeopatia; e, não obstante, quando chamada a depor, opina com irritante parcialidade, partindo de pressupostos princípios teóricos, discorrendo sem base experimental, porque, sistematicamente, se tem recusado a estudar e a observar o valor clínico dessa admirável terapêutica!

Não obstante, em que pese a obstinação de seus adversários, as curas pelo tratamento homeopático são irrecusáveis. Vou dar alguns exemplos para comprovar. Toda gente sabe como os processos

fistulosos são rebeldes a todos os métodos terapêuticos. A própria cirurgia fracassa muitas vezes. E o pior é que, conforme a localização, o enfermo fica sujeito a tremendos vexames.

Pois bem, há quatro anos passados, tive oportunidade de curar um moço, bacharel em direito e funcionário autárquico, cuja ficha, neste momento, está diante de mim. Curado de tuberculose pulmonar, teve mais tarde uma afecção retal, que redundou numa fistula. Submetido a vários tratamentos com eminentes proctologistas, não obteve melhora sensível. Os exames de laboratório confirmaram as suspeitas dos especialistas: — fistula retal de origem tuberculosa. Foi assim, com este diagnóstico, e já desiludido de cura, que me procurou. Como é de meu feitio, depois de examiná-lo cuidadosamente, não lhe prometi nenhum milagre, mas afirmei-lhe que me parecia haver encontrado um remédio homeopático ao seu caso, isto é, um remédio que, no homem são, provoca uma sintomatologia semelhante a da sua enfermidade, e que, por conseguinte, era de esperar que viesse a ficar radicalmente curado, porque, qualquer que seja a doença, quando se pode aplicar a “lei dos semelhantes”, a cura é certa.

E, de fato, foi. O moço ficou radicalmente curado, com quatro consultas apenas! Posso adiantar que ele mora aqui, em Niterói, e que, freqüentemente, eu o encontro lépido e fagueiro, a cuidar de seus afazeres, livre do terrível incômodo que o obrigava a andar “de paninhos”, para evitar que uma excreção malcheirosa lhe impregnasse os fundilhos, sempre que sentasse em qualquer lugar...

Agora, estou com outro caso semelhante. É uma senhora, do Rio, que me foi trazida por um velho cliente, distinto engenheiro do DNER. Trata-se duma fistula retal conseqüente a uma intervenção cirúrgica. Já tentou tudo. Esgotou o arsenal de antibióticos. Agora, o especialista, que já fracassou uma vez, queria operá-la, de novo. Receosa doutro insucesso, aceitou o convite e veio procurar-me.

Depois de minucioso exame psicossomático, de acordo com a técnica hahnemanniana, consegui selecionar dois medicamentos, que me pareciam corresponder ao seu caso individual. Entre parêntese: — em Homeopatia, todo tratamento é individual, qualquer que seja a etiologia da doença. Para nós, homeopatas, não há doenças — só há doentes. Fechou o parêntese. Como ia dizendo, selecionei dois remédios. Qual deles seria, porém, mais homeopático ao caso? Noutros termos — qual deles produzia efeitos mais semelhantes aos sintomas apresentados pela paciente? Uma dúvida perdurava em meu espírito: a fistula teria comunicação com o reto? A doente disse que não. O especialista, dias antes, fizera o cateterismo do trajeto e dissera não haver comunicação com a mucosa retal.

Confiado nessa informação, escolhi o remédio para cicatrizar a fistula. Rapidamente o orifício externo principiou a cicatrizar-se. En-

tretanto, uma agravação do estado geral, com recrudescência de sintomas locais, veio demonstrar, que, de fato, havia comunicação com o reto. Resultado: selecionei um remédio para abrir, novamente, a parte cicatrizada, drenando, assim, a secreção retal retida no trajeto. E, na verdade, o remédio respondeu prontamente ao meu desejo. O trajeto ficou mais largo do que nunca, permitindo o escoamento da secreção, e, em seguida, como eu esperava, entrou em fase de cicatrização. A própria doente, que não acreditava em Homeopatia, está assombrada!...

Como negar, então, o valor da Homeopatia?

A cura da asma

A asma é uma dessas moléstias que tem brincado de cabra-cega com os médicos. Conhecida pelo menos desde os áureos tempos da civilização greco-romana, descrita por Hipócrates e citada por Heródoto, chegou até quase nossos dias sem revelar os mistérios de sua patogenia. E ainda hoje, apesar do prodigioso cabedal de conhecimentos adquiridos através de investigações incessantes no mundo inteiro, o problema da etiologia desta terrível afecção continua a desafiar a argúcia dos esculápios. Múltipla em suas manifestações clínicas, e deflagrando suas crises paroxísticas sob as mais diversas influências, é natural que houvesse dado margem à proliferação de inúmeras teorias explicativas do quadro mórbido proteiforme que apresenta nos diversos pacientes, e que despistasse os clínicos a respeito da verdadeira causa do mal. Contudo, é inegável que as modernas investigações nos deram um como denominador comum dos numerosos fatores que concorrem para a implantação do *morbus*: é a hipersensibilidade. Hipersensibilidade alérgica, específica, manifestando-se sempre em presença dum mesmo excitante ou alergênio; ou hipersensibilidade alérgica, inespecífica, que aparece diante de múltiplos fatores. De fato, indivíduos há que só padecem o brusco assalto dum crise em face dum determinado fator: quando ingerem ovo, por exemplo, ou quando sentem um certo odor. Mas a imensa maioria dos asmáticos principia sensível a uma só substância e acaba hipersensível a tudo: alimentos, emanções, animais, odores, mudanças atmosféricas, poeiras, etc. Essa poli hipersensibilidade inespecífica, que se manifesta sob as mais diversas situações, constitui, na verdade, o maior obstáculo para a cura da asma. Ela tem decepcionado um grande número de alergistas. Se houvesse uma relação simples de causa e efeito entre a asma e um dado alergênio, a coisa seria muito fácil. Bastaria dessensibilizar o organismo mediante a ação terapêutica de doses mínimas, homeopáticas, da própria substância para a qual o paciente se havia tornado hipersensível. Infelizmente, porém, a questão se complica, em virtude da sensibilidade do asmático não se restringir, nunca, a um pequeno grupo de alergênio. De sorte que o tratamento dessensibilizante é sempre, paliativo. Perdida a sensibilidade para determinado alergênio, logo aparece a hipersensibilidade para outro. Tudo indica, por conseguinte, que esta não é a via mais adequada à cura. Necessário se torna, portanto, que a Medicina se oriente noutra direção. O essencial não é a “causa desencadeante”, mas a “causa predisponente” da

hipersensibilidade orgânica. Removida que seja a causa que predispõe o organismo para reagir brutalmente em face de estímulos mínimos, estímulos que normalmente nada prejudicam, automaticamente cessará a hipersensibilidade para todos os alérgenos, e, *ipso facto*, curado estará o doente. Muitas hipóteses tem sido aventadas para explicar a asma brônquica. Não pretendo discuti-las, nem lembrá-las sequer, aqui. Direi, apenas, de passagem, que em todas elas há um pouco de verdade; porque vários fatores concorrem para que os pequenos brônquios se tornem hipersensíveis. Não obstante, tenho minha opinião formada. Certa ou errada, com ela venho obtendo muitas curas. Por isso, penso que é meu dever externá-la de público. É sabido que, na asma, se notam alterações microscópicas nas glândulas mucosas, nos capilares sanguíneos e na musculatura lisa da parede dos brônquios e, sobretudo, nos bronquíolos. Tais alterações justificam o mecanismo da crise asmática por uma distonia neuro-vegetativa, com predominância do *tonus* vagal, que determina violento espasmo dos músculos dos pequenos brônquios. A destruição das glândulas mucosas restringe a secreção do muco: resseca os brônquios. A escassa secreção do muco obtida mercê da congestão dos capilares sanguíneos, em vaso-dilatação forçada durante a crise, é tão viçosa que tapa a circulação aérea. Há, por conseqüência, na asma, destruição das glândulas mucosas e hipertrofia dos músculos lisos dos pequenos brônquios. O primeiro sintoma é fundamental. Em minha opinião, é a causa principal da hipersensibilidade dos receptores nervosos da parede dos brônquios aos inúmeros alérgenos. A hipertrofia muscular é, apenas funcional e resultante das freqüentes contraturas espasmódicas.

O ponto essencial da questão, porém, é que, em minha opinião, embora outros fatores, como algumas glândulas de secreção interna e o Sistema neuro-vegetativo, estejam entrosados no mecanismo, a causa primordial da asma brônquica reside, sempre, numa insuficiência funcional do fígado. Afetada a função antitóxica do fígado, seja na produção de anticorpos específicos para os germes patogênicos, seja na transmutação dos produtos metabólicos dos proteicos, a mucosa dos brônquios é atacada pelos micróbios, ou, simplesmente, irritada por metabólitos, de tal sorte que deperecem as glândulas mucosas, cuja secreção, bactericida, pouco a pouco se extingue, ao mesmo passo que as células epiteliais se tornam alérgicas, reagindo violentamente às menores excitações, enquanto que as terminações nervosas, superexcitáveis, respondem por via reflexa, com espasmos freqüentes. Assim conceituada, a asma é antes de tudo, uma resultante de disfunções hepáticas. Tratado que seja este órgão, e cuidada a parte psíquica, estreitamente vinculada às funções neurovegetativas e hepáticas, a cura da asma é certa e perfeita. É dentro dessa orientação que venho obtendo todas as curas, não só em crianças, mas, até, em velhos asmáticos encanecidos nos métodos alopáticos!

Prodígios da Homeopatia I cura do crupe

Ao contrário do que se propala, a eficiência do tratamento homeopático não depende de sugestão. Se fosse assim, a terapêutica hahnemanniana não salvaria doentes em coma, nem curaria crianças em estado desesperador, façanhas que realizei muitas vezes, durante os 40 anos em que cliniquei como homeopata. Agora, depois de encerrar minha carreira profissional, posso proclamar, sem reboços, curas que efetuei.

Em sã consciência, ninguém me poderá acoimar de cabotino. Cito vitórias que não me trazem qualquer proveito material. Mas podem estimular a adesão de alguns colegas. Espero mais: que cientistas e, principalmente físicos eletrônicos se esforcem para descobrir um aparelho tão sensível que possa detectar não só a energia curativa das baixas dinamizações como, sobretudo, o fluido vital que se irradia das altas potências dos medicamentos homeopáticos. Será, suponho, a maior revolução jamais realizada no campo da Medicina!

Todavia, enquanto a Ciência não dá esse gigantesco passo, é preciso ressaltar que para provar a notável atuação das doses infinitesimais de medicamentos previamente experimentados no homem em estado hígido, basta prescrevê-los de conformidade com a lei de cura, a lei de analogia ou de semelhança. Nesta hipótese, o “revelador” será o próprio organismo do enfermo. Com efeito, se há mais de 150 anos centenas de médicos homeopatas de todas as partes do mundo curaram milhares de doentes, vítimas das mais diversas doenças crônicas ou agudas, inclusive atingidos muitos deles por temíveis moléstias infectuosas, é óbvio que nas potências homeopáticas residem poderosas energias curativas. Entretanto, como o espaço de que disponho não comporta debates de teorias, vou direto ao caso, porque contra fatos não há argumentos.

Embora antigo e a despeito do progresso da Medicina oficial, o valor da Homeopatia permanece de pé, pois hoje como ontem o segredo da cura depende da correta aplicação da lei de cura que como toda lei natural é eterna. Refiro-me a uma criança de 6 meses, com a pior manifestação de difteria — o crupe —, desenganada no Pronto Socorro Municipal de Niterói, que na época ficava próximo de meu Consultório. Trouxe-me o dono da farmácia Mure, pedindo-me caridade. A criança estava semimorta. Magérrima, desidratada, olhos semicerrados, parados na órbita, esclerótica embaraçada, corpo gelado, coberto de suores frios. Imensa dificuldade de respirar. Ao inspi-

rar, com enorme esforço, afundavam-se-lhe as fossetas supraclaviculares e deprimia-se-lhe o epigástrio. Ouvia-se-lhe, a distância, o ruído de “cornagem”. A inspeção local, viam-se-lhe as tonsilas, o véu palatal e o laringe cobertos de membranas! Caso gravíssimo. Mas a Homeopatia triunfou. Prescrevi-lhe *Merc. iod. rub.* D3 e *Carbo veg.* D1, alternados de 15 em 15 minutos. Depois que melhorasse, de 30 em 30 minutos e, ao fim de 24 horas, alternados de hora em hora, durante 3 dias. A cura foi rápida — 3 dias! Todavia, para consolidar a cura e evitar uma “traição” do *Corinebacterium diphtheriae*, mandei continuar com o *Merc. iod. rub.* e acrescentei, para a distrofia: *Abrotanum* D3, alternado com *Merc. iod. rub.* de 2 em 2 horas, durante 10 dias, prazo suficiente para curá-lo e engordá-lo!

Prodígios da Homeopatia II

Quando, em princípios de 1940, Hitler, empolgado pelo poder efêmero da Terra, pensou em entronizar-se como semideus, abolindo do seio da “raça eleita” todas as formas de misticismo, um Espírito mau soprou-lhe ao ouvido que a Homeopatia era uma espécie de Ciência hermética, adstrita ao círculo esotérico de alguns fanáticos, transformados em perigosos charlatães.

Foi uma felicidade que, nesse dia, o truculento ditador germânico não se encontrasse numa daquelas crises sanguissedentas, que só se acalmavam com implacável massacre de inermes adversários! Talvez somente por isso haja poupado a vida dos homeopatas e, em vez de encurralá-los em campos de concentração ou mandar-lhes revólveres com fatal intimação de suicidarem-se, limitou-se, generosamente, a ordenar-lhes que, no prazo de um ano, provassem o valor científico da Homeopatia. Caso contrário, ela seria definitivamente banida da Alemanha e os homeopatas trancafiados como mistificadores.

Ora, por incrível que pareça, os médicos homeopatas de toda a Alemanha, cumprindo expressa determinação do Ministro do Interior, foram agregados, nas cidades em que clinicavam a uma clínica oficial, com doentes das mais diversas enfermidades, postos sob seus cuidados profissionais, tudo sob rigoroso controle de, pelo menos um professor catedrático e dois livres-docentes. Todos alopatas e, por consequência, sem a mínima noção do que é, realmente, a doutrina hahnemanniana, e, muito menos, de sua técnica terapêutica!

Contudo, apesar de haverem tratado dos pacientes mais graves, cavilosamente escolhidos em diversas enfermarias de diferentes clínicas universitárias, os médicos homeopatas não se entibiaram. Enfrentando todos os riscos na vexatória posição de médicos desprezíveis, os discípulos de Samuel Hahnemann obtiveram espetacular vitória, as curas foram tão assombrosas que, ao final de um ano de diuturnas observações, 80% dos relatórios das Universidades alemãs reconheceram que: “o tratamento homeopático mostrou-se eficiente para todas as doenças curáveis pela Alopatria, e, até, para muitas outras contra as quais ainda estamos desarmados” .

Força é reconhecer que essa imensa “observação armada” fora realizada em 1940, antes de surgirem as sulfas, os antibióticos e todos os modernos recursos da hodierna Medicina. Mas o pior é que, por interesses inconfessáveis, tudo foi abafado!

Mas, de toda maneira, os fatos foram tão ostensivos, as provas tão decisivas, que o próprio Hitler impressionado com os relatórios que lhe levou o Ministro do Interior, num desses lampejos de clarividência que raramente bruxuleiam no cérebro dos tiranos, decretou a Homeopatia a Medicina oficial da Alemanha — fato que não se consumou porque, invadindo, em junho de 1941, a Rússia, a Alemanha mudou o rumo da guerra, caminhando para a derrota.

É de lamentar-se, porém, que os sábios alemães, inclusive os físicos do Instituto do Radium, não tenham tido tempo de cumprir as ordens do Führer no sentido de detectar as misteriosas energias existentes nas dinamizações hahnemannianas, máxime nas altas, e, sobretudo, nas altíssimas potências homeopáticas, nas quais não pode haver nem vestígios de átomo!

Todavia, é inegável a consagração da Homeopatia na mais ampla e indubitável investigação clínica, realizada no seio das clínicas universitárias alemãs!

Agora, que não clínico mais, nem tenho qualquer interesse material, com a expansão da Homeopatia, me julgo com ampla liberdade de relatar tudo o que pude observar em 40 anos de prática.

Prodígios da Homeopatia III cura furunculose

Formado em 1930 pela Faculdade de Medicina da Praia Vermelha, a princípio cliniquei durante dois anos no Sul de Minas. Por ter obtido numerosos êxitos, vi-me solicitado por crescente clientela. Tudo indicava que não tardaria a enriquecer. Mas meu objetivo não era a riqueza — era a cultura. Por isso, regressei ao Rio, onde instalei dois Consultórios: um no Centro, outro no Catete; o primeiro, para os ricos e o segundo para os pobres. Conhecia bem Clínica Geral, inclusive doenças contagiosas, porque, desde o segundo ano do curso médico, fui acadêmico interno no tradicional Hospital Paula Cândido, em Jurujuaba. Para lá convergiam todos os casos de doenças contagiosas ocorridos em Niterói, São Gonçalo e adjacências. Para aquele nosocômio também iam os doentes de bordo dos navios que aqui aportavam. De modo que, independentemente da enfermaria de tuberculosos, havia sempre casos interessantes para estudantes. Além de duas epidemias, uma de varíola e outra de febre amarela, com as quais adquiri teoria e prática, observei e tratei de doenças exóticas, como o cólera morbo, num grupo de chineses e a doença do sono, em africanos. Mas, quando voltei do interior, quis especializar-me em Ginecologia e Cirurgia do abdome, razão por que ingressei no Hospital Pró-Matre. Lá encontrei uma enfermeira com a qual convivera, noutra maternidade, quando estudante. Convidada para atendente em meu Consultório, mal sabia eu que ela deveria exercer imensa influência em meu destino. Por intermédio de sua admirável mediunidade, entrei, inesperadamente, em contato com parentes desencarnados, que me destroçaram o materialismo, convencendo-me de sua sobrevivência. Sequioso de aprofundar conhecimentos, li numerosas obras espíritas, inclusive duas dezenas de autoria de renomados sábios que, no meado do século passado, com memoráveis “observações armadas”, comprovaram a autenticidade da fenomenologia mediúnica.

Ora, por ter-me aberto as portas do “Além”, só vi uma maneira para testemunhar à modesta enfermeira minha gratidão. Com escândalo para minha família, descendente de nobres do Império e próceres da República, casei-me com a “médium”! E nunca me arrependi: enquanto ela esteve encarnada, vivemos, durante trinta anos, em perene namoro, unidos pelo amor; e pelo ideal, que se tornou a razão de ser de nossa vida!

Graças a Deus, pouco depois de enviuvar, encontrei a sucessora, com a qual vivo com idêntica harmonia e com igual entusiasmo, agora

por um ideal ainda mais alevantado — a vitória do Neo-espíritismo, para a felicidade integral da humanidade!

Agora, voltando ao passado, recordo-me de uma provação, que, a despeito da angústia em que vivi durante doze meses, terminou com pasmosa vitória da Homeopatia, fato que me levou ao estudo da doutrina do genial Samuel Hahnemann. O resultado foi minha conversão, com grande prejuízo material. Vamos aos fatos: havendo engravidado pouco depois de nosso casamento, minha esposa, desde o segundo mês de gestação, apresentou, sem motivo aparente, abundantes diarreias indolores, sempre coincidentes com a época em que deveria dar-se o catamênio. O exame ginecológico nada acusou, exceto sinais de gravidez. Todavia, não tardou que, em ambas axilas, se lhe apresentassem vários furúnculos e antrazes muito dolorosos. Os exames bacterioscópicos identificaram o *Staphylococcus aureus*. O sofrimento de minha esposa só se equiparava à sua resignação. Houve épocas em que um colega abria, sem anestesia (porque não surtia efeito) mais de dez furúnculos, enquanto ela, estoicamente, não murmurava uma queixa! Houve dias em que se lhe aplicaram quatro ou mais medicamentos injetáveis, além de outros tantos por via oral — tudo debalde. E, infelizmente, eu sabia quanto o estafilococo é resistente, abroquelado em lesões confinadas e dotado de alta mutação no que concerne à resistência às drogas. De resto, invadindo o sangue, pode causar meningite, osteomielite e, até, septicemia mortal. Ressalvo, porém, que o drama aconteceu em 1936, quando a Medicina, máxime a terapêutica, comparadas às de hoje, estavam engatinhando. De toda sorte, me sentia desesperado e disposto a tentar tudo que pudesse curar minha amada esposa. Nessa época eu dava consulta aos pobres num Centro Espírita. Lá, ouvi elogios à Homeopatia. Mas estava hesitante, porque atribuí as curas a efeitos placebo em doentes medicalmente intoxicados, ou sugestionados por medicamentos rotulados em latim! Finalmente venceu o bom senso. Havia médicos alopatas convertidos à Homeopatia e havia pacientes céticos curados com as “agüinhas”. Ora, se a furunculose zombou da Alopátia, não custava tentar a Homeopatia. Acresce que, no Centro Espírita, havia um “médium” receitista testado por mim em curas feitas a distância, sem prévio exame do doente. Nunca trocara palavra com ele sobre a enfermidade de minha esposa. Portanto, era ótima oportunidade para pô-lo em cheque. Sem nada relatar-lhe, pedi-lhe que psicografasse uma receita para minha esposa. No mesmo dia ele me deu. O diagnóstico fora: “Furunculose por distúrbio hormonal” e o remédio, *Hepar sulphuris* D3 para tomar duas pastilhas de duas em duas horas, durante sete dias. O diagnóstico, achei-o contraditório. Mas, contra a vontade da enferma, que tinha ojeriza à Homeopatia, iniciei imediatamente o tratamento, dando-lhe duas pastilhas de duas em duas horas. Ela estava, nesse

dia, sentada no leito, toda calçada por travesseiros, com ambos os braços soerguidos, para evitar o mínimo contato com os dolorosíssimos furúnculos. Pois bem; meia hora após chupar as duas primeiras pastilhas, ela, muito admirada, acusou alívio. Com a segunda dose, pôde abaixar os braços. À noite, quase sem dor, depois de um ano de sofrimentos, dormiu bem. Com cinco dias de medicação, estava totalmente curada! Ao observar o prodígio, tomei a única resolução compatível com meu caráter — estudar e adotar a Homeopatia e desistir da grande clínica alopática que tinha!

Mas sempre preocupado com o enigma do diagnóstico, que supus haver o “médium” acertado pela metade, consultei todas as ginecologias de minha biblioteca, até que encontrei, no *Tratado de Doderlein*, referências à furunculose favorecida por deficiência de foliculina!

Prodígios da Homeopatia IV cura asfíxia lívida, por paralisia bulbar

Samuel Hahnemann, o genial fundador da Homeopatia, viveu na época dos Sistemas Médicos. Era natural, portanto, que, influenciado pelos conceitos vigentes, o sábio de Meissen considerasse a Homeopatia um novo Sistema Médico. Todavia, como grande parte das teses por ele defendidas, há quase dois séculos, está superada, com ressalva dos postulados fundamentais de sua “arte de curar”, prefiro considerar a Homeopatia como admirável método de curar, insuperado até o presente.

Com efeito, posto que, nas derradeiras décadas, sábios homeopatas hajam efetuado experiências com doses infinitesimais em plantas e em animais, muitas no próprio Instituto Pasteur, a verdade é que, para a correta aplicação da lei de cura, a lei de semelhança, torna-se imprescindível o experimento *in homine sano*. Na verdade, animais e plantas submetidos à experiência, não relatam o que sentem. Ora, o tratamento homeopático é individual, para cada doente, e não para cada doença. Como é óbvio, para diagnosticar o remédio individual, é indispensável que se conheça não só a sintomatologia do doente, com suas particularidades de agravação horária, lateralidade, etc., como o quadro integral dos sintomas objetivos e subjetivos provocados pelo medicamento no homem são. Por fim, teremos dois quadros clínicos: o quadro nosológico do doente e o quadro patogenético do remédio. Para a cura rápida, um quadro deve cobrir exatamente o outro. Noutros termos: o quadro mórbido do doente, como se fora um retrato, deverá coincidir exatamente com o negativo, que, no caso, seria o quadro patogenético do remédio. É o axioma do aforismo: *Similia similibus curentur*.

Em síntese: com o conhecimento das patogenesias — enfermidades experimentais provocadas, separadamente, em numerosos homens são — e rigorosa aplicação da lei de semelhança, obtém-se curas admiráveis, quase milagrosas. Sem embargo, é fundamental que os remédios sejam preparados com esmero, os sólidos com demorada trituração, os líquidos com numerosas succussões, todos com forte potencialização, porquanto o que cura, na Homeopatia, é a misteriosa energia que se desprende da matéria durante a manipulação farmacotécnica, exceção feita para as baixas dinamizações, que, circulando no sangue e nos humores do organismo, libertam energias medicinais, que, potencializadas pelo fluido vital do corpo espiritual, são atraídas sob o jugo da lei de semelhança, para as células enfermas,

curando-as rapidamente. Mas no que tange às altas e, sobretudo, às altíssimas potências, a energia curativa, sob o impulso da lei de cura, é atraída diretamente para o perispírito ou, se preferirem, para o *alter ego* ou duplo etéreo, que controla todas as reações vitais do organismo e, por isso, as curas com altas potências homeopáticas são quase instantâneas!

Mostrarei, agora, na prática, o valor terapêutico da Homeopatia, já esboçado na teoria. Antes, porém, quero reafirmar que, há mais de seis meses, deixei de clinicar e, por isso, não viso, com esses artigos hebdomadários, senão à expansão da Homeopatia, na qual muitos doentes desesperados poderão encontrar lenitivo, quiçá cura definitiva.

Enquanto exerci a clínica, evitei de publicar as curas que realizei, embora muitas tenham repercutido longinquamente.

Embora antigo, o caso que vou sintetizar mostra a rapidez da cura homeopática, independentemente de qualquer sugestão.

Refiro-me a um recém-nascido, cuja mãe fora submetida, depois de paciente espera, à operação cesariana na antiga Maternidade do SESC, nesta cidade. Feto débil, ressentiu-se, como se esperava, à demora do parto. Fosse como fosse, o parteiro, especialista de renome, vendo o feto em perigo de vida, reagiu contra a obstinação do pai, que, finalmente, concordou com a cesariana. O feto nasceu com asfixia lívida, por paralisia bulbar!

Médico da família, fui chamado com urgência. A situação era dramática. O recém-nascido estava impressionantemente lívido, com o corpinho gelado, faces hipocrática, temperatura retal de 35 graus! Ciente previamente da gravidade do caso, levei vinte medicamentos, que, no caso, poderiam ser considerados de urgência. Pinguei 2 gotas em pouca água e tentei dar-lhe a deglutir. Mas a criança não deglutiu a colherzinha d'água com o remédio! Além disso, o reflexo de sucção também estava abolido!

Diante da angustiante situação, mandei colocar a criança na incubadora e aguardei que a situação melhorasse. Momentos depois, com auxílio da enfermeira do berçário, consegui que o moribundo deglutisse, diluída n'água, uma dose de 2 gotas de *Arsenicum album* C 30. Rapidamente, o recém-nascido começou a reagir. A despeito de notar-se uma hostilidade mal disfarçada contra a Homeopatia, com apenas 3 doses do medicamento mencionado, o recém-nascido estava salvo. Contra os prognósticos de colegas alopatas e palpites de enfermeiras, na manhã seguinte, o recém-nascido, completamente restabelecido, já sugou o seio materno com voracidade!

Prodígios da Homeopatia V cura *angina pectoris*

Como é notório, a Homeopatia está estribada numa lei natural de cura, a lei dos semelhantes assim formulada: *Similia similibus curentur*. Trocada em miúdos: os semelhantes com os semelhantes se curam. Mais explicitamente: para curar uma doença ou, melhor, um doente, prescreve-se-lhe um remédio, que, experimentado no homem são, consoante as regras estabelecidas por Samuel Hahnemann, provoca-lhe um quadro patogenético semelhante ao quadro mórbido apresentado pelo enfermo.

Na verdade, antes de Hahnemann, Hipócrates, cognominado “Pai da Medicina” e, mais tarde, Haller, previram a hegemonia da lei de analogia ou de semelhança na cura dos doentes. Todavia, nem um nem outro atinou como aplicar a lei dos semelhantes. Coube a Hahnemann a glória de estabelecer o experimento *in homine sano* para rigoroso conhecimento da sintomatologia causada por cada substância separadamente experimentada. Comparando-se a totalidade dos sintomas de determinado paciente com a totalidade dos sintomas patogenéticos causados por certas substâncias medicinais, seleciona-se, para a prescrição, o remédio mais semelhante — o *Similimum*, que cura quase instantaneamente.

Sem embargo, quando entre o quadro mórbido e o quadro patogenético não há grande semelhança, o recurso é recorrer ao *simile*, medicamento que, alternado com outro, ou, mesmo, com outros, forma, no conjunto, um quadro patogenético que “cobre” o quadro clínico em equação! Mas, em tudo, há um fator oculto, porém essencial à vitória da terapêutica: a probidade e a competência do farmacêutico. Por um motivo muito simples: o que cura, na Homeopatia, é a energia despreendida dos medicamentos; e, como não transparecem propriedades organolépticas, o sucesso do médico nunca dependeu tanto do escrúpulo do farmacêutico.

Depois do exórdio, o fato.

Posto que antigo, o caso não perdeu o valor, não só pela gravidade como porque iniciei a medicação no próprio Pronto Socorro de Niterói, com testemunho de vários colegas. O paciente, hipertenso, já era meu cliente, havia vários meses, desde que o socorri numa crise de *angina pectoris*. Certo dia, ao regressar do Consultório do Rio, deparei-me com a esposa do paciente, que me aguardava na ponte das barcas. Aflitíssima, suplicou-me socorresse o marido, que, havia uma hora, estava no Pronto Socorro, sem melhoras. Depois de rápida anamnese e cuidadoso exa-

me do paciente, solicitei ao Diretor do Pronto Socorro — Dr. Alcides Pereira — uma ambulância e permissão para transportar o paciente para a residência, no que fui atendido. O paciente, deitado numa maca, contorcia-se de dor na região esternal, com irradiação para o pescoço e para o braço esquerdo e “sensação de morte próxima”. Contudo, havia sentido alívio, desde que, no Pronto Socorro, valendo-me da “caixa de urgência”, dei-lhe duas pastilhas de *Aconit. nap.* C 30 e, pouco depois, duas pastilhas de *Cactus gran.* C 30. Com esta medicação, já chegou à casa sem dor; e, depois de dez dias de tratamento, nunca mais teve crise de *angina pectoris*.

Prodígios da Homeopatia VI cura pênfigo foliáceo

Para demonstrar a potência da energia curativa existente nas altas dinamizações homeopáticas, nas quais não há nem vestígios de matéria, e a Ciência, por falta de um “revelador” tão sensível quanto o organismo do doente, ainda não pôde detectar nenhuma energia ou radiação, vou citar um caso clínico que, em minha opinião, dirime qualquer dúvida. Primeiramente, porque se trata de grave dermatopatia crônica, que, na época, era incurável e ainda hoje, decorridos três decênios, rarissimamente obtém-se a cura; e, em segundo lugar, porque a paciente, paupérrima e sem recursos para viajar para o Rio, foi curada a distância, sem a influência sugestiva de minha presença e despedida de capacidade mental para aquilatar do valor das “agüinhas” da Homeopatia!

A consulta, com súplica de caridade, foi feita por carta enviada de Goiás. Dentro da missiva encontrei uma fotografia da consulente, seminua, que ressaltava a enorme extensão já alcançada pela temível enfermidade, e, juntamente, os atestados de dois distintos colegas, concordantes no diagnóstico: pênfigo foliáceo!

De conformidade com a descrição feita na carta, a doença principiara, havia aproximadamente cinco anos, com erupção bolhosa e sensação de queimadura, que a paciente tentou debelar com recursos caseiros. Verificada a inocuidade das mesinhas, a paciente apelou para os médicos. Mas não logrou o resultado ansiosamente esperado. Na verdade, as bolhas, de paredes delgadas e flácidas, ao romperem-se, não se reparavam com epiderme normal e sim com escamas estratificantes, de modo que o pênfigo se transformava em eritrodermia esfoliativa generalizada. Nessa doença, a tendência é, sempre, a generalização com preservação da simetria. De resto, as escamas úmidas e maceradas, desprendem-se facilmente. As referidas escamas costumam cobrir máculas eritematosas e, às vezes, papilomatosas, que eliminam uma secreção fétida.

Todavia, no caso em tela, prevalecia constante descamação em retalhos, úmida e generalizada. Os retalhos eram tão abundantes que, durante a noite, a quantidade de pedaços de pele acumulados sobre o leito formava mancheias!

A paciente queixou-se, na carta, de sentir constante sensação de frio e de ter os intestinos sempre funcionando mal, geralmente com diarréia. Aliás, pela fotografia que me enviou, pude avaliar seu estado de desnutrição, com impressionante magreza, próxima da caquexia.

Como se infere, um caso grave quanto à cura e, até, quanto à vida!

Sem embargo, atendendo ao pedido de caridade, enviei-lhe os seguintes medicamentos: *Arsenicum alb.* C200 e *Graphites* C200; o primeiro para tomar três gotas, num cálice d'água, em jejum; e o segundo para tomar três gotas, num cálice d'água, à hora de dormir, durante noventa dias.

Em carta posterior, a paciente me afirmou que os colegas que atestaram o pênfigo foliáceo acompanharam o tratamento e puderam constatar a cura. E, ao fim de três meses de tratamento, a paciente, exultante de alegria, me enviou outra fotografia para comprovar que, de fato, estava completamente curada. Notícias posteriores confirmaram que jamais houve reincidência. Mais uma estupenda vitória da Homeopatia!

Prodígios da Homeopatia VII cura osteomielite do maxilar

Ao contrário do que muitos imaginam, os remédios homeopáticos curam com rapidez e perfeição, porque são conduzidos às células afetadas por uma lei de cura, infalível como a lei da gravitação universal. Os medicamentos em baixa dinamização, que contêm matéria, embora em mínima quantidade, atuam, inicialmente, ativando reações físico-químicas. Mas, depois de circularem, durante curto prazo, no sangue e nos humores, tornam-se mais dinamizados e libertam energia medicinal específica, que, captada pelo Sistema nervoso, nele passa a circular, até ser atraída, por sintonia de vibrações, pelo fluido vital do corpo espiritual, cujo contato lhe multiplica a potência. Do corpo espiritual, a energia curativa de cada medicamento ingerido é atraída, sob a ação da lei de semelhança, pelas células alteradas dos órgãos afetados pela doença. Dessa maneira, o estado vibratório das células doentes prontamente equilibra-se, restabelecendo integralmente o estado de saúde.

Nas altas dinamizações, porém, nas quais não há nem traços de matéria e a energia curativa está dotada de grande potência, o *modus operandi* é diferente. O *processus* inicia-se na cavidade bucal, cujos nervos e filetes nervosos absorvem instantaneamente a energia curativa. Dotada de elevada potência, a energia curativa expande-se por todos os nervos e filetes nervosos do organismo, dos quais é atraída pelo fluido vital do corpo espiritual e no qual entra em órbita, girando em torno do corpo físico, fato que fortalece cada vez mais sua potência medicinal. De lá, dirigida pela lei de semelhança, é atraída por sintonização com as vibrações anômalas das células de todos os órgãos atingidos pelo estado mórbido. Equilibrado o estado vibratório das energias intracelulares, a cura homeopática está feita. E nunca demora.

Eis a prova. Não importa que date de algumas décadas, porque os postulados básicos da Homeopatia são os mesmos. Refere-se a uma escolar de oito anos. Atormentada por terrível dor de dente e com a metade direita da face muito inchada, foi levada ao dentista da clínica escolar. Sem prévio tratamento, o dentista extraiu-lhe o molar cariado e infectado. A situação agravou-se. Além de violenta nevralgia facial, formou-se um abscesso, que fistulou não só a gengiva como perfurou a face, deixando escorrer pus. Por isso, foi levada ao médico. Feita a radiografia, comprovou-se temível infecção — osteomielite do maxi-

lar inferior. Submetida a vários tratamentos, não obteve melhoras. Ao contrário, a invasão do osso avançava implacavelmente e já havia visível depressão do ramo do maxilar, com feia deformação facial. O médico opinou pela ressecção do maxilar, operação que, naquela época, causaria irreparável deformação facial.

Em face da situação, a família deliberou tentar a Homeopatia. Prescrevi-lhe apenas — *Silicea* C30, duas pastilhas de 3 em 3 horas, durante trinta dias. As melhoras não tardaram e sete dias depois de iniciar o tratamento a menina começou a eliminar, pela fístula facial, esquirolas ósseas, guardadas pela mãe. Voltando à consulta, depois de um mês de tratamento, a pacientezinha me trouxe vinte e cinco esquirolas ósseas. Na face restava mínima fístula que, comprimida, expelia serosidade. Mudei a medicação para *Fluoris acidum* C200 na dose de duas gotas diariamente em jejum. Com esse remédio, usado durante três meses, a fístula fechou e a deformação da face ficou quase imperceptível!

Prodígios da Homeopatia VIII cura radiodermite

O fato de os médicos homeopatas tratarem de doenças que na Medicina alopática constituem apanágio de especialistas, além de causar perplexidade provoca imputação de charlatanismo.

Sem embargo, à luz da doutrina hahnemanniana, o comportamento dos homeopatas é de máxima lisura. De fato, como é notório, a terapêutica homeopática estriba-se na aplicação de uma lei de cura que impõe a prescrição para cada doente do medicamento que experimentado no homem em perfeito estado hígido, provoca um quadro patogenético semelhante ao quadro mórbido do paciente em foco. Ora, nos numerosos quadros patogenéticos da Matéria Médica Homeopática abunda diversificada sintomatologia que abrange não só sinais e sintomas patognomônicos das doenças enquadradas na Clínica Geral, como de afecções adstritas às especialidades médicas. Sabido que a bússola que norteia a seleção do remédio no tratamento homeopático é a lei dos semelhantes, o médico homeopata, qualquer que seja o caso, quando vê possibilidade de aplicá-la corretamente, sente-se à vontade para competir com os especialistas.

Agora, aposentado, sinto-me livre para relatar algumas curas que efetuei em quarenta e dois anos de clínica homeopática.

Aqui está um exemplo. Paciente de 48 anos de idade, hipertensa e neurótica, portadora de volumoso fibroma uterino, causador de frequentes metrorragias. Contra a opinião do ginecologista, recusou a cirurgia e optou pela radioterapia profunda. Mas não foi feliz. Tratada por renomado especialista, a princípio parecia que tudo ia bem; as hemorragias diminuíram em quantidade e frequência. Mas, ao afastar-se do Rio para curta vilegiatura, o mestre deixou a cliente aos cuidados de seu assistente, o qual a submeteu a demorada exposição da perigosa radiação. Em conseqüência, adveio-lhe temível radiodermite, que abrangeu toda a região hipogástrica, medindo, aproximadamente, quinze centímetros de altura por dez de largura!

A dermatopatia iniciou-se por uma flictena semelhante a uma bolha de queimadura de segundo grau. E não tardou que se lhe manifestassem além da infiltração do tecido subcutâneo, rápida degeneração da pele com extensa ulceração que dessorava pútrido líquido sanioso. A úlcera doía-lhe como se estivesse sendo cauterizada por ferro em brasa.

Tratada durante dez anos por afamados especialistas, sem obter nenhuma melhora, a paciente resolveu tentar a Homeopatia e veio consultar-me.

Quando a examinei pela primeira vez, observei que a pele da região afetada estava totalmente atrofiada, com destruição da epiderme, da derma e da hipoderma; e conseqüentemente, dos vasos sanguíneos e linfáticos. Além disso, os pelos, os folículos pilosos, as glândulas sudoríparas e as glândulas sebáceas, as fibras elásticas e o tecido gorduroso da pele, tudo fora destroçado no implacável processo esclerosante! E, no centro da zona comprometida, destacava-se enorme úlcera de bordos irregulares, espessos e avermelhados, a delimitar um fundo muco-purulento. Caprichosa pigmentação, com zonas de melanodermia entremeadas com placa de leucodermia davam um aspecto *sui generis* à zona comprometida. As telangiectasias, desenhadas na zona limítrofe da pele são com a pele afetada, completavam o quadro dramático da terrível dermatopatia.

Apesar da gravidade do caso, não desanimei. Prescrevi: *Fluoris acidum* C200, *Kreosotum* C200 e *Graphites* C200, para tomar 3 gotas, num cálice d'água, o primeiro ao despertar, o segundo entre o almoço e o jantar e o terceiro ao deitar-se, durante um mês.

Terminado o prazo, a paciente voltou ao Consultório entusiasmada. A radiodermite, que resistiu a dez anos de tratamento, estava quase curada e a úlcera já cicatrizada! Substituí *Kreosotum* por *Silicea*. Ao fim de sessenta dias, o aspecto da região esclerosada estava espantosamente modificado e a pele apresentava indubitáveis sinais de regeneração; e, com a repetição da receita, completou-se a cura. Tudo em cinco meses de tratamento homeopático!

Prodígios da Homeopatia IX cura magacolo ou enfermidade de Hirschsprung

Curando, como cura, crianças nas primícias da vida, a Homeopatia não atua como placebo, nem influencia por auto-sugestão, consoante assoalham levianos adversários.

Eis um caso que arreda toda dúvida. Embora antigo, foi tão dramático que jamais se me apagou da retentiva. Tratei-o, há muitos anos, em meu Consultório, em Niterói.

Uma mãe ainda jovem, mas marcada por prolongados sofrimentos, trouxe-me ao colo uma criança de nove meses, que aparentava, no máximo, quatro. Pesando menos de cinco quilos! A menina apresentava enorme dilatação do ventre, que contrastava com a magreza dos membros, reduzidos a pele e osso. Mesmo assim, em proporção com o corpo atrofiado, a cabeça, à maneira de certas múmias de aborígenes brasileiros, dava a impressão de haver sido artificialmente reduzida de tamanho, tão pequena era. A face, magérrima, com profundas covas laterais, e os olhos embaçados e encravados dentro de um círculo cutâneo arroxeadado, aparentava esquelético cadáver. De tão magra e de tão fraca, a criancinha não tinha forças para chorar: fazia, com os músculos atrofiados e a pele ressequida da bochecha, forçado esgar e emitia um ruído difícil de diferenciar entre um vagido e um miado!

De conformidade com o relato da mãe, a menina que, aparentemente, nascera normal, desde os primeiros dias de vida mostrou-se excessivamente nervosa, irritando-se e “engolindo o choro” freqüentemente. Também ao sugar o seio, engasgava-se a miúdo. Depois passou a vomitar o que mamava. A princípio, imediatamente depois da mamadura; posteriormente, já com rebelde anorexia e recusando os alimentos, passou a vomitar, no dia seguinte, o pouco que retivera no estômago do leite mamado.

Simultaneamente, dia a dia, crescia-lhe o ventre com assustadora rapidez e, ao mesmo tempo, manifestou-se-lhe rebelde prisão de ventre, com evacuações espaçadas por mais de uma semana. Evacuações provocadas, bem entendido, porque, ao invés de fezes de consistência normal, acumulavam-se nos intestinos da menina massas estercoreais e volumosos coprólitos, que eram retirados a custo, rompendo o esfíncter anal e a porção terminal do reto! O intestino grosso, enormemente dilatado e cheio de gases, comprimia os demais órgãos abdominais, confinados em reduzido espaço. O fígado e o baço estavam empurrados para cima, juntamente com o diafragma, até ao nível das primeiras costelas. Conseqüentemente, além da compressão das vias respiratórias, do coração e dos grandes vasos, havia taquipnéia e taquicardia acentuadas.

No abdome, mais precisamente, na região hipogástrica, viam-se veias dilatadas, cheias de sangue venoso e, pela compressão da veia cava, surgira abundante circulação colateral.

O mais impressionante, porém, eram os movimentos peristálticos visíveis e palpáveis através da parede delgada do abdome, as bolas duras de massas estercoreais e os coprólitos, que, com jeito, se tornavam palpáveis!

Caso gravíssimo de magacolo ou enfermidade de Hirschsprung, nem cirurgia se poderia tentar, dado o estado geral da pequena paciente.

O sombrio prognóstico dos colegas que a viram antes, levou à tentativa do tratamento homeopático.

Prescrevi-lhe: *Alumina* C200 — 3 gotas, diariamente, em jejum; *Plumbum met.* C200 — 3 gotas, diariamente, ao deitar-se; *Gelsemium* C30, *Lycopodium* C30 e *Nux vom.* C30 — 2 pastilhas de hora em hora. Com um mês de tratamento, dir-se-ia que houve uma metamorfose. Até o intestino grosso, de dilatadíssimo que estava, voltou ao calibre normal, com espontâneas evacuações diárias!

A Homeopatia e a guerra

“Os homeopatas devem ter o direito de contribuir para a vitória do Brasil” — uma economia de milhares de contos — apelo do Dr. Penna Ribas aos homeopatas brasileiros.

Esteve em nossa redação o Dr. Randolpho Penna Ribas, clínico homeopata de renome, nosso distinto colaborador e um dos primeiros médicos civis, que concluíram o Curso de Emergência de Medicina Militar, que, sob os auspícios de várias sociedades científicas vem se realizando na D.S.E.

O ilustre homeopata, conforme nos declarou, veio, por intermédio de *Vanguarda*, fazer um apelo aos homeopatas brasileiros, no sentido de se congregarem para pleitear do Governo, o direito de cooperar na defesa do Brasil, emprestando, oportunamente, às autoridades competentes, a colaboração de seu saber e de sua experiência clínica.

Iniciando a exposição dos motivos de sua amável visita, declaramos o Dr. Penna Ribas: — “O momento é de aproveitamento de todos os valores materiais, em prol da defesa da Pátria. Não se compreende, portanto, que os médicos homeopatas, bastante numerosos em nosso País, fiquem à margem dos acontecimentos, indiferentes ou conformados com uma deprimente situação de inferioridade que os impede de cumprir seus deveres cívicos, de acordo com a dignidade da profissão e obedientes aos imperativos de suas consciências.

Não se me afigura justo — continua o Dr. Penna Ribas — que os homeopatas, que freqüentaram os mesmos cursos que os demais médicos; que, além das cadeiras obrigatórias do curso médico, estudaram, voluntariamente, as matérias da doutrina de Hahnemann; que conhecem, *ipso facto*, uma terapêutica que os outros não quiseram conhecer; sejam, até certo ponto, menosprezados, quando, de fato, podem contribuir com um método de tratamento, que, sobre ser agradável e eficiente é, sobretudo, extraordinariamente econômico, poupando para o erário nacional algumas dezenas de milhares de contos!”

— Pensa, então, o doutor que os homeopatas poderiam colaborar com eficiência nos Serviços de Saúde?

“Exatamente. Da mesma forma que, em tempo de paz, várias clínicas homeopatas funcionam paralelamente, e em boa harmonia com os serviços hospitalares, não vejo por que não deva haver uma cooperação sincera, num momento de graves responsabilidades, em que todos devem ser, acima de tudo, bons brasileiros!

De resto, é notório que grande número de brasileiros, inclusive de militares, prefere o tratamento homeopático. Já houve, no Hospital Central do Exército e há, ainda hoje, na Marinha, uma clínica homeopática. Isto prova que, pelo menos em princípio as nossas forças armadas não são infensas à Homeopatia.

De mais a mais, a recusa formal da cooperação dos homeopatas não se coadunaria com a clarividência e com o espírito de justiça do ilustre Titular da Guerra que, há poucos dias, em declaração pública, agradecendo aos que se ofereceram para a defesa da Pátria, timbrou por salientar que, no momento azado, todos seriam mobilizados de acordo com suas aptidões.

Também não creio de forma alguma que a intolerância, que é apanágio dos mediócras, pudesse prevalecer no seio dos médicos militares, cujo alto nível de cultura é incontestável, e, onde, além do eminente chefe o general Souza Ferreira, se destacam cientistas da estirpe de Florencio de Abreu, Marques Porto, Marques Torres e tantos outros.

Nós médicos — prossegue o Dr. Penna Ribas — nós médicos temos acima de tudo, um grande ideal, o mais formoso dos ideais: aliviar o sofrimento humano.

Colocada a questão nestes termos só nos resta lançar mão de todos meios capazes de facilitar, da maneira mais perfeita, o desempenho de nossa missão.

Infelizmente, muitos recursos nos escapam, quando, ao invés de observar os fatos, argumentamos *a priori*, ou tagarelamos com paralogismos.

Aliás, um grande pensador e filósofo francês já afirmara, judiciosamente, que, “não são os fatos, mas as teorias que perturbam os homens”...

Deixando de lado as interpretações, o que todos homeopatas, sem exceção, afirmam é o seguinte: os remédios homeopáticos curam rapidamente, sempre que ministrados de acordo com a lei dos semelhantes. Isto é um fato tão palpável, tão ostensivo como diria Bacon, que, só assim, se justifica porque médicos alopatas, de opulenta clínica e grande reputação, se têm tornado homeopatas, arriscando-se novamente, às incertezas de um princípio de carreira, noutros moldes. Tal foi o caso do Dr. Cássio de Rezende, aliás, membro da Academia Nacional de Medicina.

O mais curioso, porém, é que, quando os alopatas receitam vacinas, soros ou hormônios: quando prescrevem o veneno de abelhas para o reumatismo mono-articular; o veneno ofídico, o rádio, ou o raio X para os tumores malignos; os raios ultravioletas para certas dermatoses, estão mais perto do que imaginam da Homeopatia...”

— Mas... o Doutor acredita que a Homeopatia poderia ter algumas aplicações na guerra?

“Não acredito, não: vou além: tenho a mais profunda convicção que a Homeopatia poderá prestar inestimáveis serviços à nação, se porventura, o Brasil for obrigado a tomar uma parte mais ativa na luta. É justamente, por isso, que não posso calar, quando minha consciência diz que o silêncio seria covardia. Conheço alguma coisa daquilo que a escola francesa pôde observar na guerra de 1914; e, embora a Homeopatia se aplique a todos os casos, que não sejam estritamente cirúrgicos, há situações dolorosas, em que os alopatas se sentem perplexos, como nos casos dos “mutilados da palavra”, nas “sinistroses de guerra” de Roussy, nas “psiconevroses” de Grasset, nas “paralisias reflexas”, nos “desvios de coluna”, nos “pés de trincheiras”, na “síndrome comocional”, na “síndrome emocional” e em tantos outros estados mórbidos obscuros, sobre cuja patogenia é melhor falar sinceramente, como Leri — *nous ne savons pour ceci dire rien*.

Pois bem: em muitos desses estados mórbidos, magistralmente observados por Laignel-Lavastine, P. Coubon, Liébault, Grasset, Leri Sicard, Roussy, Mairat, Souques, Guillaïn Meige, Gilbert-Ballet, Dupouy, Solier etc., em muitos desse estados mórbidos, em que o tratamento alopático se mostrou *malheureusement très peu efficace*, a Homeopatia não teme confrontos, e deve ser ensaiada porque poderá recuperar, com relativa brevidade, muitos soldados do Brasil.

Mas não será, certamente, apenas nesses estados mórbidos, ainda tão obscuros que a Homeopatia poderá ser útil. Ela pode prestar os maiores serviços no tratamento das queimaduras, do choque e, em todas moléstias infecto-contagiosas. É isto representaria uma grande economia para o Brasil!”

Vento de obus

A guerra coloca o médico diante de problemas intrincados, que não se lhe deparam quase nunca, — e isto mesmo esporadicamente, — na rotina da prática civil.

Excluídos, que sejam, os horríveis traumatismos provocados pelos engenhos e armas de guerra, traumatismos que só encontram similaridade nos que se observam, em certas catástrofes, e cujo tratamento é da órbita da cirurgia, ainda assim sobejam, e, talvez, em maior número, os casos da alçada do clínico, do terapeuta, na mais lídima expressão do termo.

Aliás, estes casos, variam de guerra para guerra, como variam de setor para setor, numa mesma guerra; pois dependem não só de fatores intrínsecos às operações bélicas, como também, podem decorrer de condições exteriores, se, porventura, o deslocamento de tropas se efetuar através de zonas insalubres.

Na conflagração de 1914, por exemplo, houve um fato, que, de início, absorveu a atenção de muitos médicos militares e não deixou de causar uma certa celeuma: foi o apreciável contingente de soldados evacuados das linhas de frente, vítimas todos de distúrbios nervosos, aparentemente da máxima gravidade, sem que, no entanto, apresentassem o mínimo vestígio de ferimento. Nenhum projétil os atingira diretamente. Mas o simples deslocamento de gases, determinado pela explosão dos obuses, deveria justificar as manifestações mórbidas claramente observadas. Contudo, a explicação científica do fato e a interpretação do quadro mórbido, no ponto em que atualmente se encontra a questão, foi obra de reiteradas inquirições, de pacientes investigações e de minuciosos exames clínicos.

Não é fácil imprensar, nestas colunas, a história dolorosa destes combatentes. Tentaremos, contudo, bosquejá-la de molde a salientar apenas os traços mais característicos.

No fragor da batalha, o formidável estampido de um obus. O soldado tomba incontinenti. Não foi ferido. Nenhum estilhaço o alcançou, apesar da explosão ter-se dado à distância de poucos metros. Mas o soldado jaz inerte, inconsciente, como fulminado. Dir-se-lo-ia morto, não fora a respiração estertorosa e um frêmito, que, rápido, perpassa, às vezes, um dos membros, ou agita, em vibrações convulsas, uma extremidade. Assim, estendido ao chão, permanecerá alguns minutos entre a vida e a morte. Há os que só despertam depois de muitas horas. E também os que nunca mais despertarão, porque foram

fulminados com uma hemorragia no bulbo, o ponto vital por excelência. A maioria, porém, passados dois ou três quartos de hora, levanta-se. Atordoados, enfraquecidos, pernas a vergar sob o peso do corpo dolorido, estes soldados, amparados pelos companheiros, ainda logram atingir o primeiro posto de socorro. Outros, todavia, aos primeiros passos ensaiados, baqueiam, feitos trapos. Pernas moles, braços moles, corpo mole, impressiona, nestes doentes a flacidez, a falta de tonus muscular. Mesmo amparados, escorados, não podem sentar-se. Pende-se-lhes a cabeça pela impotência da musculatura do pescoço: enverga-se-lhes o tronco para frente, como se impelido pelo peso da própria cabeça; os membros, bambos, balouçam frouxos quando sustentados, ou, caem inanimados, quando perdem o apoio. Fica-se tentado a crer que um milagre de metamorfose transformou um bravo, em um homem plástico, de borracha.

Examinados nos postos avançados, estes pacientes, trazem estampados no rosto, estigmas reveladores de alterações nervosas.

Fácies é típico, às vezes. Um dos olhos está semicerrado: a pálpebra caiu, paralisada. As pupilas retraídas; desigualmente retraídas, freqüentemente. As comissuras labiais desviadas para baixo. A língua, semi-paralítica, emperrada, trunca as palavras. E, completando o quadro, um filete de sangue corre, discretamente, do conduto auditivo, ou aflora numa das narinas...

Não obstante, a pesquisa dos reflexos, raramente, demonstra uma lesão indiscutível dos centros nervosos. Removidos para a retaguarda, os efeitos da comoção dos centros nervosos pelo vento do obus vão desenhar-se, berrantes, em quadros nítidos de lesões anatômicas bem conhecidas.

Nem sempre, porém, as coisas se passavam deste modo. Até aqui podia perdurar a dúvida. Seriam as lesões causadas, exclusivamente, pelo vento do obus? Acaso a projeção do soldado ao solo não explicaria melhor os distúrbios? A resposta foi dada pelos casos em que, sem queda e sem perda de consciência, as lesões se patentearam da maneira mais convincente.

Um soldado estava deitado. Um obus explode a dois ou três metros de seus pés, dando-lhe a sensação de um tremendo abalo, que, partindo dos pés, sacudiu as vísceras todas! Estonteadado, tenta levantar-se minutos após. Mas as pernas estão grudadas ao chão, pesadas como chumbo: estava paraplégico. No líquido da medula, o derrame sanguíneo atestava a ruptura de vasos. Outro soldado cavalgava, quando um obus arranca-lhe a cabeça do bucéfalo, fulminando-o. O cavaleiro, cuspidado pela cabeça do animal, amortece o choque, amparando-se no braço esquerdo. Não perde os sentidos, nem esbarra com a cabeça contra o solo. Fica, apenas aturdido, confuso, com uma violenta dor no lado da cabeça. Mas marchou, ainda, durante duas horas, embora

sentindo-se fraco, abatido e com as pernas, cada vez mais pesadas. Mais tarde, é acometido de uma crise epileptiforme. O cérebro fora, então, afetado na sua periferia, na cortiça.

Finalmente, um último exemplo dos muitos observados.

O soldado ouvindo o silvo do obus, pressente o perigo, atira-se por terra e, colado ao solo, procura salvar-se. A explosão dá-se, perto, ao lado dele. Sente, na ocasião, um formidável tapa na cabeça. Fica atordoado, mas não inconsciente. Tanto assim que, depois de repousar alguns instantes, vai jogar uma partida de futebol. Sempre com a dor de cabeça, ainda no campo, percebe que está perdendo paulatinamente o controle da metade do corpo. Mais tarde algumas horas, tem uma crise, perde a consciência e fica hemiplégico.

Fatos sobre fatos acumulados, chegou-se à conclusão que, independente, de qualquer ação traumática, transmitida pelo esqueleto aos centros nervosos, a vibração dos gases, que acompanha a explosão dos obuses, já era suficiente para justificar inúmeros distúrbios nervosos.

Atualmente, o que se discute ainda é: se as alterações orgânicas são causadas pela compressão do ar, ou, ao contrário, pela rarefação, que se segue. Contudo, aceitar em princípio, que o vento de obus pode assumir a responsabilidade de certas síndromes, que seriam, quiçá, atiradas à conta de manifestações histéricas, ou mesmo suspeitadas de simulação, já constitui um progresso, porque não retarda o tratamento — tanto mais eficaz quanto mais precoce.

Mutilados da palavra

A patologia de guerra está crivada de interrogações.

De permeio com os casos banais, surgem, a cada momento, os problemas nebulosos, esquivos à interpretação e rebeldes à terapêutica.

A responsabilidade do médico é, então, tremenda. Porque, no campo de batalha, ele encarna a dupla personalidade de apóstolo e de militar.

Apóstolo, que encara cada doente como um irmão merecedor de todas as atenções, de todo carinho, de todo conforto moral capaz de mitigar o sofrimento que o compunge; militar, que vê, em cada ferido, um elo partido da cadeia sagrada dos defensores da honra e da integridade da Pátria.

De sorte que, quando o melhor critério clínico, não coincide com a solução militar mais aconselhável, e o esculápio se encontra manietado nas pontas do dilema, entre os sentimentos mais ternos e os deveres mais imperiosos, sua missão é árdua e cruciante. No teatro da luta, da dor e do sacrifício, aquele, cuja vocação sublime é aliviar e confortar, arrasta também, penosamente, o madeiro das provações coletivas...

Nunca, porém, o profissional assume tamanha responsabilidade como quanto se lhe depara um desses casos mascarados, que, pela aparente integridade física, simulam saúde, mas cujos sintomas brotam, incongruentes, com estardalhaço, espoucando nas fronteiras indecisas das neuroses e das psicoses. Porque, aí, neste terreno ingrato, a despeito dos termos arvesados com que se tenta camuflar a deficiência do saber, a Ciência vem acumulando fatos sobre fatos sem lograr, contudo, interpretá-los rigorosamente.

Acresce ainda a circunstância de não ser fácil, muita vez, dissociar, uma dessas síndromes obscuras, duma simulação, adrede estudada, e, com tal maestria representada, que desafia o olhar percuciente dos mais afeitos aos segredos da arte de estereotipar, na plástica anatômica, na atitude do arcabouço e no mimetismo mágico da mímica, a materialização fidelíssima de um drama fictício, ou de aparentar, nas momices burlescas do histrião, uma jocosidade ilusória numa alma calcinada pelas desilusões mais acerbas.

Ao enfrentar a solução de um destes casos, à perspicácia do clínico experimentado, se há de somar a austeridade do cientista provecto.

Porque, se do acerto de seu diagnóstico depende a saúde do doente, do peso de sua opinião depende, outrossim, a honra do soldado.

Fichado como simulador, que procura resguardar-se dos perigos da frente de combate, o soldado estaria estigmatizado com o ferrete de uma covardia aviltante aos seus brios militares.

Daí as precauções, que se devem tomar, nos distúrbios vagamente denominados “sinistroses de guerra”, em que, se as lesões estão quase sempre ausentes, em compensação, as funções se revelam profundamente alteradas.

No grande grupo dos “funcionais”, destaca-se, pela freqüência, a categoria dos mutilados da palavra.

Já rascunhei, para esta folha, um artiguete fixando alguns instantâneos dos efeitos do “vento de obus”, isto é, da deslocação de gases resultantes da deflagração do projétil ao término da trajetória. Focalizei, então, da maneira mais singela possível, de modo tornar-me entendido pelos leigos, alguns exemplos de graves perturbações dos centros nervosos, manifestadas sem que os soldados, nem de leve, fossem tocados, diretamente, por qualquer estilhaço.

Escolhi, em meio de centenas de observações, casos típicos de lesões cerebrais, bulbares e medulares determinando fenômenos paralíticos.

Acontece, porém, que, explodindo a certa distância, em vez de paralisias, os projéteis de artilharia podem afetar o sensorio, causando a mudez, a surdez, ou a cegueira. Encontram-se mesmo observações de cegueira, mudez e surdez concomitantes, de tal modo que a vítima fica com os principais sentidos bloqueados, quase isolada, portanto, do mundo exterior! A regra, entretanto, para os casos mais benignos, pelo menos, que não chegam a perder a consciência no momento do acidente, é que a mudez se instale abruptamente, acompanhada de efêmera surdez e uma obnubilação passageira. A mudez, não obstante, só desaparece lentamente. Quando desaparece. Pois resiste, às vezes, a todos tratamentos, apesar da integridade aparente do órgão fonador...

Não raro, a privação da palavra é, positivamente, conseqüência nefasta de uma violenta emoção, como no caso citado por Liébault, chefe de um centro otorrinolaringológico na conflagração de 1914. O soldado perdeu a fala, quando, a seu lado, tombou o irmão, espedaçado por uma granada. Aliás, ainda quando a comoção é evidente, não se pode nunca afastar completamente a hipótese da emoção. Por isso, Grasset considera estes distúrbios da palavra como manifestações psiconeuróticas. E, de fato, o psiquismo representa um papel mais importante do que geralmente se admite, na gênese de todos os estados mórbidos. A verdade, contudo, é que a deficiência dos métodos exploratórios, e a tendência de julgar a doença pelos dados fornecidos pelo cadáver, pela anatomia patológica, em menosprezo da fisiologia, levam o clínico a desprezar o sofrimento, quando a causa não está ostensiva, ferindo os sentidos! Por isso, muitos mutilados da palavra percorreram uma verdadeira *via crucis* até que ficasse insofismavelmente demonstrado, que estes doentes não mentiam, nem fingiam, embora não houvesse nenhuma lesão visível como no caso do soldado de

Chavigny, que, angustiado, se limitava a escrever: *Je ne vois pas comment il faut dire le mot.* Em seus espíritos torturados, desenrola-se, pelo contrário tragédia gravada em versos de ouro pelo poeta de *Eu.*

A idéia “esbarra no molambo da língua parálitica”...

O valor da Homeopatia

O valor da Homeopatia não se demonstra com discursos: prova-se com fatos; nem se deduz de princípios apriorísticos: verifica-se à cabeça do doente.

Verdade palpável, a cura homeopática se impõe, apesar de todas as hostilidades, quebrando o pessimismo dos cépticos, esmagando as dúvidas dos incrédulos, pulverizando o preconceito dos dogmáticos, tal a evidência do efeito, tal a rapidez da ação, tal a suavidade do tratamento.

Entretanto, em que pese o acervo de triunfos estrondosos, galhardamente conquistados nessa luta desigual, em que se desafiam os mistérios da vida e se afrontam os enigmas da morte, avultado é, ainda, infelizmente, o número dos que se obstinam em não reconhecer o mérito da Homeopatia. Tentando justificar os sucessos da Homeopatia como meras coincidências de curas espontâneas, ou apelando, quiçá, para um efeito retardatório de drogas agressivas, porventura anteriormente ministradas, sem resultados plausíveis, estes recalitrantes sistemáticos preferem escudar-se em hipóteses ridículas a reconhecer a vitória dos adversários.

Se valesse a pena escarpelar artimanhas e rabulices, tão ao sabor de certos espíritos, que não se extasiam com o esplendor da verdade, mas que, pelo contrário, se exultam, ébrios de prazer, quando implantam a confusão, iríamos, agora mesmo, arrancar a máscara a estes argumentos graciosos, para verberar a improcedência do raciocínio capenga.

Mas a verdade, posto que nem sempre agradável a todos, destacando-se mesmo os que, freqüentemente, forcejam para ofuscá-la, valendo-se até dos passes mágicos da trapaça, a verdade retém em si mesma um potencial de energia de tal monta, que suplanta todos os obstáculos e vence todas as resistências!

Confirmação solene desta asserção é a vitória notável do método de Hahnemann. Pode-se asseverar, sem receio de contradição, que nenhuma doutrina médica provocou tanto alvoroço nos meios científicos, nem despertou, jamais, tantas represálias e objeções, quanto a Homeopatia...

Não obstante, a despeito de todas as animosidades, a Homeopatia venceu e, dia a dia, as novas aquisições da Biologia, da Fisiologia, da Química biológica e da Física, vêm confirmar muitas idéias previstas pela intuição genial de Samuel Hahnemann, idéias, que, na época em que foram antevistas, eram tidas e havidas como utopias de um visionário.

Embora se possa, e deva, fazer certas restrições a alguns conceitos da doutrina de Hahnemann, quando encarada como sistema médico, a questão muda inteiramente de feição, desde que se passe da região nebulosa da interpretação dos fenômenos, da teoria, para a simples verificação dos fatos, para a prática. Noutros termos: encarada como Ciência a Homeopatia, da mesma forma que a Alopacia, não resiste à crítica sem revelar muitos pontos fracos; mas examinada com arte, é, sem dúvida, o método terapêutico mais racional, mais perfeito e mais eficiente de que a Medicina pode dispor, até ao presente. Disto podem ufanar-se os discípulos daquele coração boníssimo, daquele espírito clarividente, que esculpiu, no primeiro parágrafo do Organon da Medicina: — “a única e elevada missão do médico é restabelecer a saúde dos enfermos”, acrescentando, logo adiante, que “o ideal mais sublime de uma cura é restabelecer a saúde de uma maneira rápida, suave e permanente”.

Depois de tantas lutas inglórias, entre os que estudaram e os que não quiseram estudar, entre os que experimentaram e os que não quiseram experimentar, a Homeopatia não precisa de outras credenciais, para demonstrar seu valor, além das conversões de inúmeros médicos alopatas, destacando-se dentre eles muitos clínicos de reputação, que não titubearam em desprezar os proventos de uma clientela polpuda, para enfrentar os lucros problemáticos de uma clínica a iniciar-se.

Este fato é tão significativo, que deveria forçar à meditação, os que balanceiam as vantagens da Homeopatia orçando-as conforme a dose de fé, ou de sugestão, com que se pode contar, em cada caso.

Esquecem-se, estes pândegos, de que as crianças, até certa idade, pelo menos, são infensas à sugestão e, que, também, são estéreis aos influxos do misticismo. Esquecem-se, também, de que muitos indivíduos céticos, desiludidos de tudo, intoxicados pelas drogas alopáticas, em desespero de causa, com o organismo em mísero estado e com o espírito narcotizado pela desilusão da Medicina, batem às portas da Homeopatia e regressam à Sociedade refeitos, curados, felizes e entusiasmados! Esquecem-se, ainda, de que são estes doentes crônicos, desenganados, muitas vezes, os maiores propagandistas da Homeopatia, aqueles que, vencendo a rotina, afrontando o preconceito, deram à terapêutica hahnemanniana a difusão e a reputação, que se observam, hoje, em quase todos os países civilizados!

E pena é que os médicos estejam, ainda, divididos em duas facções, que se não querem entender, cada qual acastelada na torre de marfim dos preconceitos de escola, negando e desconhecendo o que de útil realmente existe na escola oposta. Esta atitude de intransigência e de incompreensão, não se justifica, porque a Medicina não é absolutamente Ciência exata, de princípios irreduzíveis, mas, apenasmente, ciência de aproximação, de princípios flexíveis, sujeitos a constantes retificações e reajustamentos.

Para usar de toda a franqueza, não cremos que, enquanto ignorarmos, fundamentalmente, a vida; enquanto ignorarmos, lamentavelmente, o que é o homem e desconhecermos as causas profundas do seu destino; enquanto não dispusermos de novos instrumentos, capazes de multiplicar-nos os sentidos, ao ponto de nos colocar em contacto íntimo com as funções vitais; enquanto permanecermos, feito cegos, tateando no escuro, uma multidão de fatos, que, na verdade são apenas frações de fenômenos, porque é a parte dos fenômenos que se exterioriza, filtrando-se através da imperfeição dos nossos sentidos; enquanto, em suma, não estivermos de posse de todos os elos dessa cadeia misteriosa, que une a vida à morte, a saúde à doença, é vaidade estulta, é presunção ridícula, querer enquadrar a Medicina dentro de moldes tão rijos, que não comportem transigências, capazes de abrir à “divina arte”, novos horizontes, ampliando-lhe a esfera de ação, em benefício da humanidade sofredora.

Lamentável e acintoso!

Na derradeira vez que ocupei estas colunas hospitaleiras, tive a felicidade de poder exaltar a independência moral de um ilustre colega alopata, que, por ser alopata, nem por isso deixou de reconhecer, publicamente, que todas as descobertas modernas tendem a confirmar a supremacia das pequenas doses medicinais. Muito honroso para a classe médica seria, aliás, atitudes desta envergadura se renovassem mais amiúde. Porque, na verdade, antes de alopata ou homeopata, o médico é médico: tem o dever de conhecer todos os recursos úteis da arte de curar, para salvar a vida e para resguardar a saúde de seus semelhantes. Preferências terá, certamente, por este ou aquele método terapêutico, consoante sua experiência clínica. Mas, como nenhum é infalível, está moralmente obrigado, sempre que os métodos de sua preferência não surtam os efeitos desejados, a recorrer a todos os recursos que a Ciência lhe fornece. Ora, a Homeopatia, queiram ou não queiram, é, de fato, um método terapêutico de grande valia. Combatido desde o nascedouro, já porque os seus princípios se chocavam contra certos preconceitos científicos da época, já porque vinha de encontro aos interesses dos exploradores de drogas e panacéias, apesar de tudo, venceu preconceitos e interesses, e, há mais de um século, vem contribuindo brilhantemente para mitigar o sofrimento da humanidade. Não são raros mesmo os casos que, desenganados pela Medicina oficial, encontram o conforto da cura nas miraculosas gotazinhas homeopáticas. Isto não pode ser totalmente ignorado pelos alopatas. Que deve haver alguma coisa de verdadeiro, de positivo e de eficiente no tratamento homeopático, é fato que a Medicina oficial não pode desconhecer. E não pode desconhecer porque ela não pode ignorar que os médicos homeopatas são médicos alopatas também: alopatas que, verificando o prodigioso efeito curativo das doses infinitesimais, empregadas de conformidade com a “lei dos semelhantes”, preferem, na prática médica, seguir a orientação hahnemanniana, mas que, nem por isso, deixam de acompanhar os progressos da Medicina, nem tão pouco deixarão de aplicar alguns recursos da Medicina alopática, quando a “lei dos semelhantes” não puder ser corretamente aplicada. Não se compreende, portanto, que, ainda hoje, depois de tantos anos de lutas inglórias, em que os detratores da Homeopatia terminantemente se recusam a experimentar e insistem em não querer enxergar, tapando os olhos à luz dos fatos claríssimos, se exacerbem rivalidades, onde, pelo bem comum e pela felicidade dos sofredores, deveriam reinar a

tolerância e a compreensão. Infelizmente, porém, ainda se topam, a cada passo, com certos indivíduos cabeçudos e intransigentes, que, tudo desconhecendo da Homeopatia, não poupam a oportunidade de desancá-la de rijo, vociferando impropérios e sandices. Ao leigo, todavia, se perdoa a jactância verborrágica. Mas um médico nunca deveria proferir uma sentença a respeito de um método tão gabado por seus colegas, sem primeiro se assenhorear dos seus segredos e aquilatar dos seus recursos! Desgraçadamente, assim não acontece muitas vezes. E agora mesmo, acabo de ler, numa revista científica, a dolorosa notícia da extinção da enfermaria homeopática da Santa Casa. Não quero entrar no mérito da questão. O fato, porém, é que tal atitude só poderá ser interpretada como um ato de intolerância. Sobretudo em se tratando duma enfermaria que já prestou inestimáveis serviços à população carioca. Enfermaria, cujas tradições se ligam aos nomes aureolados do conselheiro Saturnino Meireles e do saudoso professor Licínio Cardoso. Enfermaria, que, nas várias epidemias de febre amarela que periodicamente assolavam a Capital Federal, obteve sempre as melhores estatísticas, demonstrando a superioridade da Homeopatia sobre os arcaicos tratamentos empíricos da velha Medicina galênica...

Foram sessenta e dois anos de trabalhos ininterruptos, de dedicações constantes e de sacrifícios diuturnos, tudo demolido pela fúria iconoclasta dum desses façanhudos sacrílegos que se divertem talando a seara alheia! Evoé!

Um equívoco lamentável

Muita gente supõe que o tratamento homeopático é demorado.

Não sei, sinceramente, como nasceu semelhante lenda. Mas o conceito, infelizmente, está muito generalizado. O curioso, entretanto, é que está generalizado justamente nos meios infensos à Homeopatia, entre pessoas que nunca quiseram experimentá-la. Um pouco de raciocínio talvez as fizesse compreender que estão destituídas de razão. Em primeiro lugar, seria de bom critério que, antes de opinar, pró ou contra o método de Hahnemann, se submetessem aos cuidados de alguém que tivesse as credenciais indispensáveis para aplicá-lo, com acerto. Em segundo lugar, deveriam lembrar-se de que todos os médicos homeopatas estudaram, também, a Alopatria. A maioria até é constituída de antigos profissionais, que, desiludidos da inconstância dos métodos e dos resultados da Medicina oficial, se voltaram para o sistema hahnemanniano, esperançados de obter resultados mais seguros. Conheço muitos, que, de alopatas, se fizeram homeopatas. Mas não conheço um único exemplo de homeopata, que, novamente, tenha voltado à Alopatria. E isto é bem significativo.

De resto, ninguém poderá duvidar que o ideal do médico é curar com perfeição e rapidez. Mesmo porque é esse o caminho mais curto para a glória.

Como explicar, então, que abandonassem métodos rápidos e eficientes, para adotarem um tratamento moroso? Que vantagem teriam em afrontar os preconceitos e o ridículo, se não estivessem convictos, absolutamente convictos, do valor da Homeopatia? Será, porventura, o método de Hahnemann mais fácil, mais cômodo e, portanto, mais atraente para os que se poupam ao trabalho mental? Acaso será a Homeopatia um refúgio para as mediocridades? Não me parece justo tal conceito. Bastaria lembrar os nomes aureolados de Joaquim Murtinho, Licínio Cardoso, Dias da Cruz, Alberto Seabra e tantos outros. A projeção desses nomes, no cenário da vida pública, e a reputação, que desfrutaram, nos meios científicos, dispensam encômios.

Não, meus prezados leitores, a Homeopatia não cura lentamente, como se diz. A Homeopatia cura mais depressa do que qualquer outro método terapêutico. Existem publicadas, no mundo inteiro, observações referentes a curas assombrosas. Muitas delas dizem respeito a casos desenganados já, pela Medicina oficial. Não é fácil admitir tais prodígios sem emprestar um grande mérito à Homeopatia. É necessário que se saiba, no entanto, que o emprego da Homeopatia tem limi-

tes. Ela não dispensa a cirurgia, nem se aplica, matematicamente, em todos os casos clínicos. O tratamento homeopático está condicionado a uma “lei”, uma lei de cura. Se o medicamento não for aplicado de acordo com esta lei, o resultado será nulo. É nisso que reside o principal segredo. O sucesso depende de conhecer-se quando se pode contar com a ação do medicamento. Ação rápida, sempre; nunca lenta. A concepção de um efeito demorado dos remédios homeopáticos está errada; não passa de um lamentável equívoco.

A Homeopatia no Brasil

O primeiro centenário da Homeopatia no Brasil vem de ser comemorado numa atmosfera de sadio realismo construtor.

Ressoam, ainda, os últimos acordes dos epinícios entoados pelas vozes mais autorizadas da Ciência médica hahnemanniana em nosso país, consagrando o nome do Dr. Benoit Mure, “um dos maiores gênios do século”, na expressão de Broussais, e introdutor da doutrina de Hahnemann no Brasil.

A carnificina que está afogando em sangue, em revoltante promiscuidade, uma juventude radiosa de esperanças e milhares de criancinhas inocentes, obstou que os homeopatas se reunissem em Congresso Internacional.

Fato lamentável, aliás. Porque um congresso científico dessa ordem, estabelecendo o contacto direto entre os expoentes da Medicina, é sempre da maior utilidade, não só no terreno diplomático e cultural, estreitando os laços de amizade internacional e estimulando o intercâmbio cultural, como no campo social, facilitando o balanço das realizações já empreendidas e o cômputo das forças que se podem ainda congregiar em benefício da humanidade sofredora. Forçados, porém, a renunciar a este nobre desejo, os homeopatas não se poderiam esquivar do dever e do prazer de festejar, na intimidade de suas instituições, uma data de tamanha relevância. E foi o que fez o Instituto Hahnemanniano, através da palavra fluente e erudita dos professores Sylvio Braga e Costa, Nogueira da Silva, Jorge Murtinho, Canuto de Abreu e, finalmente, pela palavra respeitável desse autêntico paladino da propagação homeopática em nossa Pátria, o eminente professor Galhardo.

Não se restringiram, contudo, as manifestações de júbilo aos centros científicos.

A imprensa, cujo papel foi sempre decisivo na corporificação de todas as aspirações nacionais, e de cuja colaboração dependeu e depende ainda, em grande parte, a divulgação dessa suave e poderosa terapêutica, que tanto favorece às classes de minguados recursos pecuniários, a imprensa ressaltou, em termos altamente honrosos, a expressão dessas comemorações.

Nunca será demais encarecer o inestimável concurso da imprensa, onde pontificaram homeopatas da maior projeção nacional, como Murtinho Nobre, Licínio Cardoso, Dias da Cruz e tantos outros de idêntico quilate, e onde colaboram, ainda, homeopatas de grande reputação.

Exaltando a atitude de simpatia e o precioso auxílio prestado à causa da Homeopatia por nossa imprensa, sinto-me no dever, o mais obscuro dos homeopatas, de consignar a minha gratidão à amabilidade dos diretores desta folha, de cujas colunas tenho procurado levar uma palavra de conforto e de fé aos desenganados dos recursos alopáticos e, sobretudo, àqueles que não dispõem de meios para tratamentos onerosos.

Deve ficar bem claro, não obstante, que o muito que se conseguiu, neste século de labor construtivo, vencendo obstáculos quase intransponíveis por força de inabalável convicção científica, é mais um estímulo à luta do que um convite ao repouso.

As mais recentes conquistas da Ciência, sobretudo nos domínios da Física, da Química e da Biologia, demonstrando à evidência o poder dos infinitesimais, afastou a barreira, o tabú — digamos assim — que se interpunha entre as duas escolas médicas.

Hoje, só por ignorância ou requintada má fé, se poderá ridicularizar ou menoscabar o poder curativo das dinamizações homeopáticas.

Os hormônios, as vitaminas, o bacteriófago, todos os alcalóides, várias substâncias, justamente as de maior eficiência, empregadas pela Alopatia, agem em doses mínimas, prejudicando, provocando distúrbios muito graves, quando empregadas sem cautela.

Nos domínios da Biologia, então, os exemplos proliferam, à medida que se pesquisa, que se estuda.

As experiências de Raulin demonstraram, há mais de meio século, o poder tóxico de doses infinitesimais dos sais de prata sobre certos vegetais inferiores, agindo numa diluição de 1 para um milhão, o que corresponde à terceira centesimal da Homeopatia.

Provaram mais: o *Aespegillus Niger*, quando cultivado em recipiente de prata, sofre profundas alterações morfológicas e biológicas, apesar das mais precisas e sensíveis reações químicas não revelarem traços sequer do metal no líquido de cultura!

Negeli verificou que, mesmo em extrema diluição, na proporção de 1 grama para um bilhão de toneladas, o que corresponde à décima quinta decimal homeopática, os sais de prata determinam a morte das *Spirogyras*.

Não são, apenas, os sais de prata que agem nestas diluições astronômicas, não. O próprio Negeli observou os efeitos oligodinâmicos, de vários metais, em doses infinitesimais.

O bicloreto de mercúrio, por exemplo, na proporção de 1 grama para um quintilhão de toneladas, o que equivale à vigésima quarta diluição decimal homeopática, manifesta intenso poder desagregador sobre o protoplasma de algumas algas.

Também os vegetais superiores sofrem a influência destas diluições.

Em mãos de Coupins, o sulfato de cobre, na proporção de 1 para setecentos milhões, diluição idêntica à oitava decimal homeopática,

inibe rapidamente o crescimento das radículas do trigo. Ainda mais: a água destilada em alambiques de cobre, sem que a química possa acusar vestígios do metal, é muito tóxica para a célula vegetal.

Os mesmos resultados foram obtidos, em rigorosas experiências, com o ferro, o ouro, a platina, o chumbo, o zinco, etc.

Haverá alguém, de mediana cultura, que ignore o papel dos catalisadores e dos fermentos, agindo, uns, pela simples ação de presença, e outros transformando, em doses infinitamente pequenas, quantidades grandes de matéria?

E não é, acaso, baseados neste extraordinário poder dos infinitesimais que os higienistas modernos defendem cerca de 300 cidades do mundo das moléstias causadas pelos micróbios das águas, que as abastece?

O método do Dr. Varilla, a verdunização, consiste em “introduzir”, em uma massa d’água vivamente agitada, uma dose de cloro na proporção de um decimilograma por litro d’água, proporção que corresponde — acentua o professor Galhardo em sua notável “Iniciação homeopática” — a uma sétima diluição decimal, cuja agitação (o grifo é nosso) transforma em sétima dinamização decimal homeopática.

Aceitando, como aceita, o poder dos infinitesimais, a Ciência moderna não tardará a fazer justiça ao gênio de Samuel Hahnemann, que, há mais de um século, previu a influência das sucussões e das triturações sobre a matéria, fazendo libertar novas energias, como no caso do licopódio, substância inerte, destituída de valor terapêutico, mas que se transforma, como por encanto, sob a influência da agitação molecular, ou, melhor, atômica, a que é submetido pela técnica das preparações homeopáticas, tornando-se, destarte, um medicamento de ação profunda, de extraordinário valor energético!

Aliás, esta relutância de leigos e doutos em relação ao poder curativo das dinamizações hahnemannianas é até certo ponto, desculpável. Há, no homem, uma tendência inata de medir as possibilidades da Ciência pela bitola de seus conhecimentos pessoais. Auto-frenação mental, que o torna impermeável à aquisição de conhecimentos que escapam à órbita de seus raciocínios rotineiros.

Esta espécie de auto-limitação voluntária, reflexo do orgulho humano, deforma a imagem real das coisas, como a superfície côncava de um espelho a plástica de um corpo formoso.

Os sábios, os homens de gênio, também, não se eximem desse erro. Prisioneiros de preconceitos, algemados a falsas convicções apriorísticas, desejam não raro moldar as leis universais, da verdade total, da essência mesma das coisas...

Quando Lavoisier afirmou que lograra decompor o ar em oxigênio e azoto, provocou tal repulsa no seio da Academia de Ciências, que Beaume — sábio e inventor — não hesitou em assegurar que “não se

poderia mais ter confiança em uma infinidade de descobertas e teorias, se o fogo, a água, o ar e a terra não fossem mais reconhecidos como elementos”.

E quando d’Arsonval, duma feita, interpelou, ao grande Berthelot: — “Então, vós, os químicos estais mesmo bem certos da composição do ar?”. O sábio químico, glória legítima de França, respondeu convicto, com rompante, quase ofendido *“qu’ayant tout explore, tout pesé, tout analyse, il n’y avait à trouver dans l’air rien d’autre que ce qu’on connaissait.”* Entretanto, não tardou muito, Cavendish e Ramsay descobriram novos componentes do ar — o Argônio, o Xenônio, o Criptônio, o Neônio...

E não foi o próprio Lavoisier, o sábio Lavoisier que, em memorável documento à Academia de Ciência, contestou a existência de aerólitos, alegando que “não havendo pedras no céu, do céu não poderiam cair pedras”?

Esta tendência a negar sem conhecer, sem pesquisar, sem experimentar não constitui apanágio dos cientistas afeitos ao rigorismo das Ciências experimentais. Este negativismo instintivo infiltra-se até nas regiões superiores do pensamento filosófico, das especulações metafísicas...

Quando Pitágoras, em um desses momentos supremos em que o espírito rompe os grilhões da matéria e, em um vôo de fé, vai buscar, nas paragens etéreas das vidas superiores, a centelha da inspiração divina, quando Pitágoras teve a intuição genial do movimento terrestre, Platão, o sublime Platão, repeliu, veementemente, esta hipótese!

O mais desconcertante, porém, é que astrônomos da envergadura de Hiparco e Ptolomeu, também se rebelaram contra a concepção Pitagórica.

Ptolomeu, sobretudo, bradou contra esta teoria “completamente ridícula” — *“panu guéloiotaton”!*

Os modestos exemplos aqui apontados poderiam multiplicar-se, infinitamente, se alguma vantagem houvesse, e, se eu desejasse abusar da paciência dos meus amáveis leitores...

Julgo, entretanto, que os fatos relatados já valem como uma advertência aos negativistas inveterados amantes de conclusões apriorísticas, que negam o que ignoram, afirmando o que sabem...

Doenças laterais — os dimídios

Um dos fatos mais curiosos da patologia humana é, sem dúvida, a predisposição que se observa, em certos indivíduos, para uma espécie de localização geométrica das moléstias. Neles, as enfermidades não se estabelecem de acordo com a arquitetura anatômica do corpo. Ao contrário, os distúrbios mórbidos são como que desenhados consoante determinados planos de interseção, que cortam o arcabouço, ora num sentido, ora noutro.

Embora o fato não seja de todo desconhecido — pois não escapara à observação dos médicos da antiguidade — o fenômeno é, aparentemente, tão contrário aos conceitos científicos em voga, que, para muitos clínicos, não existe senão na imaginação de alguns doentes altamente sugestionáveis.

Contudo, as investigações dos homeopatas vieram demonstrar, irretorquivelmente, a existência da lateralidade medicamental, ou seja — a afinidade específica de certos medicamentos por um dos lados do corpo. Conseqüentemente, a atenção dos clínicos homeopatas foi aguçada para a observação dos casos de lateralidade mórbida, isto é, para os doentes de um só lado do corpo.

Na verdade, posto que raro, o dimidismo não é tão escasso quanto se pensa geralmente. O que acontece é que a maioria dos médicos nunca se lembra dessa anomalia. De sorte que ela escapa, quase sempre, às observações de rotina.

Quanto a mim, devo confessá-lo, não me foi fácil aceitar o fato. Quando se me deparou o primeiro doente com tal predisposição — uma mulher — minha impressão foi de que a enferma estava auto-sugestionada. Todavia, como tive oportunidade de observá-la durante mais de um ano, fui forçado a aceitar a autenticidade do fenômeno como um fato demonstrado.

Havia muitos anos, tudo que esta senhora padecia localizava-se, sistematicamente, na metade direita do corpo. Fosse uma enxaqueca, uma nevralgia, um reumatismo ou uma cólica renal, tudo só se manifestava do lado direito. Teve pneumonia no pulmão direito, pielite no rim direito, anexite do lado direito... Além disso, sofria do fígado e apresentava uma hipertrofia do lobo direito da tireóide. Enfim, estava, como ela mesma se confessava, “toda podre do lado direito”!

Anos depois, quando ingressei nas hostes homeopáticas e tomei conhecimento das investigações relativas à ação dos medicamentos sobre o organismo do homem são — coisa que se desconhece na esco-

la alopática, onde as pesquisas se realizam em animais de laboratório — não deixei de me espantar como um fato tão curioso, qual o da lateralidade ou dimidismo, pôde passar despercebido aos luminares da Medicina oficial! E só então compreendi o valor da observação daquela pobre doente, que, na ocasião, supus histérica!

Hoje, como todo homeopata experiente, estou convencido da existência dos dimídios — doentes que sofrem, apenas, duma das metades do corpo.

Aliás, também com referência aos remédios se nota esta interessante eletividade de ação para determinados planos do organismo — sem nenhuma relação com a estrutura anatômica do corpo. Nem é necessário grande esforço para nos certificarmos dessa verdade. Basta abrir qualquer Matéria Médica Homeopática: nas primeiras páginas e sem sair da primeira letra do alfabeto, topamos *Aconitum napellus*, que age com muito maior intensidade sobre o lado esquerdo, e, logo adiante, encontramos o *Apis mellifica*, que atua de preferência sobre o lado direito...

Mas, além disso, há medicamentos de lateralidade cruzada, que agem sobre o lado direito, na parte superior do corpo, e sobre o lado esquerdo, na parte inferior, e vice-versa. Assim — atuam sobre o braço direito e a perna esquerda, ou sobre o braço esquerdo e a perna direita. Basta citar o *Antimonium crudum*, para exemplo do primeiro caso, e o *Anacardium orientale*, para prova do segundo.

Por conseguinte, em face das provas clínicas e experimentais, a Homeopatia empresta grande valor ao surpreendente fenômeno da lateralidade mórbida, da mesma forma que, ao prescrever, o médico homeopata tem em alta conta a lateralidade dos medicamentos, que é uma das chaves para a seleção do remédio individual — pedra angular da terapêutica homeopática.

Os milagres da Homeopatia

Por inacreditável que pareça, nunca houve uma terapêutica que encontrasse tanta resistência na opinião pública quanto a Homeopatia.

A despeito das curas sensacionais que vem fazendo há mais de um século, ainda hoje muita gente existe que duvida do genial método hahnemanniano.

Ora se alega que doses tão pequenas não podem curar; ora se afirma que o tratamento homeopático é muito lento; ora se diz que a Homeopatia só cura quando há resguardo e dieta...

Tudo errado. A Homeopatia cura muito depressa e só requer dieta e resguardo nos casos em que a Alopata também os exige.

E as doses homeopáticas, serão, de fato, pequenas? Depende da maneira de compreendê-las. Se se considerar apenas a quantidade de matéria nelas existentes, as doses são mais do que pequenas — são pequeníssimas. Mas se se levar em consideração a energia dessas doses, então, tudo muda de figura.

De fato, os remédios homeopáticos são dinamizados, isto é, a substância medicinal, de grosseira que era, desagrega-se em partículas infinitesimais, atômicas, dotadas de tremenda energia. Querem a prova? Conhecem o licopódio, esse pó amarelo que os alopatas usavam antigamente para impedir a aglutinação das pílulas que prescreviam, conhecem? Pois é considerado tão inerte, tão sem ação sobre o organismo que serve para separar as pílulas recentemente manipuladas — o que equivale a dizer: não serve para nada.

Entretanto, este mesmo licopódio preparado pela técnica homeopática, ou seja — dinamizado — se transforma, como por encanto, de inerte que era, em milagroso medicamento, capaz, quando bem receitado, de salvar certos doentes já em franco estado de caquexia!

Querem outro exemplo? A sílica, espécie de terra branca, para que serve? Para nada, exceto, talvez, como absorvente, quando há excesso de acidez estomacal.

No entanto, esta mesma terra inerte, imprestável, depois de preparada de acordo com a técnica farmacológica homeopática, se transmuta em prodigioso remédio, que tem arrancado das garras da morte milhares de enfermos!

Portanto, embora contendo pouca matéria, os remédios homeopáticos são, na verdade, muito fortes — contêm muita força curadora, força, esta, que, dada a fantástica divisibilidade da matéria empregada, já se encontra, quase toda, em estado atômico!

Eis por que a Homeopatia faz tantos milagres.

Homeopatia cura traqueíte

Inteligência brilhante, espírito culto, pesquisador escrupuloso, A. Teste foi um médico notável. Seu valor científico, sua capacidade de trabalho, sua intuição clínica se refletem em *Sistematização da Matéria Médica*. Mas, é em *Como nos tornamos homeopatas*, que se revela um caráter imaculável, um espírito de escol, que se não prende a dogmas, a preconceitos estultos, mas que procura a verdade e proclama as convicções, com calor e desassombro, ainda que delas advenham graves prejuízos pecuniários.

Livro precioso, impressiona, pela sinceridade da linguagem e pela eloquência dos fatos, a quantos se dediquem à sagrada missão de minorar os sofrimentos humanos.

A auto-observação da traqueíte rebelde, que o atacou, em Bagdolles, e, que o obrigou, depois de três meses de tratamento, pelos métodos mais em voga na escola alopata, a partir para Paris em busca de um lenitivo, é de palpitante interesse.

Nessa página memorável, Teste nos legou uma prova irrefutável do poder curativo dos infinitesimais. Observação longa, pontilhada de cintilantes considerações filosóficas, não nos é possível transcrevê-la. Focalizaremos, entretanto, o aspecto clínico do caso, sintetizando-o.

— “Um pouco de calor, uma vaga sensação de aperto e de embaraço na garganta, como se a mucosa fosse dilatada e escoriada e uma ligeira titilação, sem tosse. Durante oito ou dez dias, pelo menos. Depois a titilação aumenta, a tosse aparece. Tosse seca, sem arrepios de frio, sem febre, sem coriza, sem nenhum sintoma precursor de gripe. A tosse fraca e de curta duração, torna-se paulatinamente mais intensa, mais freqüente, com uma sensação semelhante a que se experimenta aspirando fumaça de madeira verde, ou o vapor acre do ácido sulfuroso. Sem irritação da mucosa nasal e sem lacrimação, no entanto.

A expectoração aumentou lentamente, como a tosse.

Tosse violenta, quase incessante, de manhã, desde que me levantava até ao meio-dia. A frescura da manhã, a fumaça mais imperceptível, o movimento, o falar, andar, rir, fumar, correr, tudo provocava acessos. Espasmos da glote durante a inspiração. Raramente começava uma refeição sem que algumas partículas do alimento fossem levadas às vias respiratórias. Tinha de levantar da mesa, com verdadeira angústia e tosse violenta.

Abolindo o uso da cidra, o fumo e a equitação, ligeira melhora da tosse, que continuou, não obstante, às refeições e entre três e quatro horas da madrugada.

Expectoração abundante, de mucosidades opacas, espessas, aglomeradas, com dores violentas, às vezes finas e agudas, nos músculos do tórax e nas articulações. Setenta pulsações, sem emagrecimento, sem suores noturnos; ligeira constipação, com bom apetite. Muito irritável. Vinte vezes aconteceu-me, talvez, acender um cigarro e logo jogá-lo fora, esmagá-lo com o pé, enfurecido tomado pela tosse à primeira aspiração da fumaça. Um dia, por me não poder alimentar, quebrei a xícara ainda cheia de chocolate, o que me fez rir um instante mais tarde.

Depois de tentar todos os recursos, parte para Paris.

Está desiludido. Desanimado, triste, irritado, aborrecido de mim e dos outros, comendo para viver, lendo romances para me distrair e Medicina para me rir, enfim passando 14 horas por dia na cama, o que achava insuportável.

Foi neste lastimável estado d'alma que uma manhã, “pelo maior e mais feliz dos acasos”, encontrou o Dr. Giraud, homeopata. Este, depois de examiná-lo minuciosamente, receita-lhe *Brionia alba* 12, em 150 g de água destilada.

Teste, hesitante e envergonhado, pensa, a princípio, em recusar a poção, a “agüinha”! Espírito lúcido, afeito à observação, à experimentação, raciocina melhor e compreende que se não deve concluir *a priori*. Manda aviar o remédio e o toma.

Às três horas e meia tomo uma primeira colher da minha poção, a qual não acho outro gosto senão de água comum ligeiramente alcoolizada. Será ilusão? Parece-me que sinto, “quase imediatamente” um sentimento de bem estar. No fim de menos de um quarto de hora, as mucosidades parecem se desprender espontaneamente da garganta e forçam-me a escarrar, o que faço sem tossir.

Às cinco horas não havia tossido ainda uma só vez. Nova colher da poção. Passo ainda uma hora sem o menor acesso. Às seis horas, sinto grande vontade de tomar uma terceira colher, mas é hora do jantar. Triste experiência que me tirará as ilusões.

Pois bem! Alimento-me sem tossir, o que há muito tempo não acontece. Não ousa ainda regozijar-me, mas estranho e experimento uma espécie de estupefação. Passa-se uma, duas horas, a noite inteira e eu não tusso! Nem uma única vez!

Às onze horas, terceira colher. Noite excelente. Noite como não passo há dois meses. Tossi dormindo? Ignoro, mas a tosse já não me acorda. Dormi um sono sem interrupção das onze às sete da manhã. Mas veio o momento que receio. Salto do meu leito e espero a tosse, que não vem. Escarro uma ou duas vezes, sem tossir, como fiz na véspera, e nada mais. Visto-me, faço a ablução do rosto, agito-me, tomo um florete e logo esgrimo; entrego-me aos movimentos mais desordenados, respiro a plenos pulmões, declamo, grito, rio-me das muitas loucuras, enfim, fumo... e não tusso.

Estava curado, bem curado, radicalmente curado. Juro, sobre o que tenho de mais sagrado no mundo, sobre o túmulo de meu pai e sobre a vida de meu filho, que o meu relato é verdadeiro, exatamente verdadeiro sem alteração de uma palavra ou de uma sílaba” .

Aí está, prezado leitor, o testemunho de um vulto notável da Medicina francesa e figura preeminente dentre quantos se dedicaram ao estudo esmerado da Homeopatia.

A Homeopatia cura pneumonia

Freqüente é a asserção, mesmo entre pessoas cultas, que são lentas as curas da Homeopatia. Entretanto, é injusto este conceito. De um modo geral, nenhuma terapêutica a supera em rapidez. Claro que o sucesso depende de conhecimentos que só estão ao alcance do médico. Ainda que se obtenha o diagnóstico da doença, nada se conseguirá sem o diagnóstico do doente e sem o diagnóstico do remédio. Enquanto a Alopatria cogita apenas da doença, na doce esperança de encontrar um específico para cada estado mórbido, a Homeopatia seleciona um remédio para cada doente. Os sintomas gerais da doença, os que se manifestam em todos os doentes, são insuficientes. Os sintomas individuais, os que indicam a maneira de cada organismo reagir a uma determinada doença, estes sim, têm uma importância capital na orientação da escolha do medicamento.

Quanto ao diagnóstico do remédio — coisa completamente ignorada na Alopatria — só o fará quem possuir esmerado estudo da Matéria Médica Homeopática, onde se encontram os frutos de laboriosas e pacientes experiências realizadas, com inúmeras substâncias medicamentosas, no organismo do homem em estado de saúde.

É muito raro encontrar-se um doente cujos sintomas sejam semelhantes aos despertados, no organismo do homem são, por uma única substância medicamentosa. Quando assim acontece, não há dificuldades; o remédio está claramente indicado: é o *similimum*, que curará rapidamente, de acordo com a lei dos semelhantes.

A regra, porém, é haver num mesmo doente sintomas comuns a vários remédios. E é preciso distinguir qual desses remédios provoca a doença artificial mais semelhante ao quadro clínico observado no doente, que se deseja curar. Verdadeiro diagnóstico diferencial clínico, dos alopatas.

Exigindo, portanto, a indicação de um remédio homeopático conhecimentos que escapam ao leigo, é natural o constante fracasso dos “curiosos” e dos “amadores”... Daí a credence da morosidade dos efeitos dos medicamentos homeopáticos!

Não há, na Homeopatia, remédios para as doenças: remédios para dor de dentes, para cólicas intestinais, para reumatismo, etc.

Há, sim — e poderosos — para a dor de dentes do doente A, para as cólicas do doente B, para o reumatismo do doente C, etc.

São remédios individuais. Curam somente os doentes para os quais foram cientificamente escolhidos. Se o doente A, que se curou com o

remédio X de sua dor de dentes, quiser aliviar, num gesto muito nobre de fraternidade, a odontalgia de um amigo é evidente que se arriscará a nada conseguir. O remédio para seu amigo será outro e só poderá ser encontrado, após um exame minucioso de todo o organismo, de conformidade com a técnica da escola hahnemanniana.

A tendência à individualização é, hoje, manifesta na própria Alopatia, em consequência dos estudos e pesquisas da escola italiana, a frente da qual se distinguem Viola e Pende, dois sábios de reputação universal.

Entre nós, o prof. Rocha Vaz vem emprestando todo o brilho de sua inteligência e de sua capacidade profissional no sentido de orientar a juventude médica nos princípios da “Ciência da Constituição”. Aliás, desde os tempos primitivos, aos grandes clínicos não passou despercebido o fato de uma mesma moléstia tomar uma fisionomia peculiar a cada indivíduo. Não basta, entretanto, a individualização clínica. Não é suficiente estabelecer o biotipo, estudar a constituição, o temperamento, os característicos morfológicos e psicológicos do doente. Todos os dados, que daí colhermos, servirão apenas para indicar o modo de reagir de um determinado organismo em face de um determinado estado mórbido. O essencial é, “apropriar o agente medicamentoso ao temperamento, à constituição, à idade e ao sexo de cada indivíduo”, como já dizia, em 1882, em aula inaugural, o abalizado professor Torres Homem.

Este *desideratum* só se logrará pela individualização terapêutica como se procede na Homeopatia.

Enquanto a escola oficial se esforça para estabelecer a individualidade clínica, a Homeopatia, orientada, há mais de um século, pelo gênio intuitivo de Hahnemann, não só estabeleceu a individualidade clínica e a individualidade terapêutica, como estabeleceu uma relação tão íntima entre ambas que a personalidade do doente se confunde, muitas vezes, com a personalidade do remédio.

Quando um homeopata diz que uma moça é *Pulsatilla* ou *Ignacia*, por exemplo, expressou, para os iniciados na doutrina hahnemanniana, uma individualidade clínica, uma individualidade patogenésica e, ao mesmo tempo, uma individualidade terapêutica! Mais explicitamente: a simples enunciação de um nome lembra um “quadro clínico” (insuficiência thyro-ovariana, no caso de *Pulsatilla*, e, distúrbios nervosos endócrino-simpáticos, impropriamente denominados histéricos, no caso de *Ignacia*), um “quadro patogenésico” (doença artificial, provocada no organismo, em estado de saúde, pelas mencionadas substâncias) e a “indicação do remédio” que, de acordo com a lei *similia similibus curentur*, curará o doente!

A linguagem dos fatos é sempre eloqüente. Escolheremos uma doença: a pneumonia. Estudaremos de raspão as várias modalidades

clínicas. Compreenderemos, assim, como, na verdade, não há pneumonia, mas pneumônicos. Compreenderemos mais: que variando as manifestações de uma mesma doença de indivíduo a indivíduo, a terapêutica deve variar de indivíduo a indivíduo. O tratamento, portanto, será específico para o doente e não para a doença, como almeja a Alopata.

A cura que vamos relatar, devemos-la, sem dúvida a esta orientação. Nas condições em que se realizou, equivaleu a um “teste”, a uma experiência. Estabeleceu um paralelo entre o tratamento da doença e o tratamento do doente.

Foi, há dois anos, quando residíamos em São Cristóvão. Uma noite, batem-nos à porta duas moças, muito aflitas, solicitando-nos que fôssemos ver um parente muito mal. Trata-se do filho de um funcionário da Saúde Pública. Rapaz de 18 anos, de compleição franzina. Adoeceu, repentinamente, poucas horas depois de haver tomado um banho frio, há três dias. Desde os primeiros momentos, esteve sob os cuidados de um colega alopata, que, em virtude de uma desinteligência com a família, não quis continuar assumindo a responsabilidade do tratamento.

Fomos encontrá-lo sentado ao leito, agitando-se constantemente, com ansiedade, muito nervoso, com medo de morrer.

Contrastando com a palidez do semblante, o rubor acarminado das maçãs do rosto. Olhos injetados e brilhantes. Lábios secos, rachados. Próximo da comissura labial, uma placa de herpes. Pele seca e muito quente. Respiração superficial e acelerada. Voz trêmula e entrecortada. Tosse breve, seguida de expectoração escassa, muito viscosa, aderente e fortemente tinta de sangue. Quando fala, tosse ou faz um movimento, pára estatelado, com uma contração facial, mão espalmada sobre o coração — um gemido angustiado, na garganta: — é a pontada, que o imobiliza, num espasmo de dor, como se fora a lâmina de um punhal cravado no peito! Pulso cheio, duro, rápido; temperatura 40,2 graus. À percussão som obscuro, maciço, de toda a área do pulmão esquerdo, desde a base até ao ápice. De resto, o clássico sopro tubário e os estertores húmulos, língua seca e saburrosa; boca seca, com muita sede. Anorexia. Constipação de ventre. Urinas escassas e carregadas. Fígado doloroso à palpação, ultrapassando dois dedos transversos do rebordo costal.

Como o prezado leitor já adivinhou, nós estamos diante de um caso típico de pneumonia.

Este havia sido o diagnóstico do culto colega que me precedera.

Como corolário lógico das idéias da escola alopata, não havendo ainda um tratamento específico para a moléstia, visto como a soroterapia e a vacinoterapia, até o presente, não deram senão resultados problemáticos nesta doença, contentou-se o meu ilustre colega

com o tratamento sintomático. Formulou uma poção estimulante, uma dúzia de cápsulas antitérmicas; receitou digaleno em gotas, injeções de óleo canforado. Conforme os preceitos alopáticos, penso que nada se poderia, em sã consciência, alterar nesse tratamento. Isso mesmo fizemos sentir à família e ao doente. Mas todos desejavam experimentar a Homeopatia, porque o rapaz não apresentava o menor sinal de melhora, depois de mais de quarenta e oito horas consecutivas de uso dos remédios alopáticos.

Receitamos, então, dois remedinhos, que deveriam ser tomados, alternadamente, de duas em duas horas. Era noite e as farmácias estavam fechadas. Por esse motivo, o doente ficou sem medicação alguma, durante toda a noite, até às 10 horas do dia seguinte, quando iniciou o tratamento. Seu estado não se havia modificado: a mesma agitação, o mesmo nervoso, a febre, a pontada...

Pois bem, desde as primeiras doze horas de uso dos remedinhos homeopáticos, as melhoras foram tão acentuadas que esta cura assumiu, no seio da família, as proporções de um milagre!

Este rapaz teve uma convalescença tão rápida, apesar da extensão da lesão pulmonar, que, pouco tempo depois, ingressou nas fileiras do Exército para se desobrigar dos deveres que todos temos com a Pátria.

A pneumonia nem sempre se manifesta deste modo. Toma uma feição particular, individual, conforme a vítima que ataca. É o que pretendemos mostrar, aos nossos prezados leitores, na primeira oportunidade.

A Homeopatia cura broncopneumonia

Há indivíduos que avaliam *a priori* e de maneira singular a eficiência dos remédios. Calculam o poder curativo proporcionalmente à intensidade com que as características extrínsecas da droga lhes fere os sentidos. Assim se o medicamento é tóxico e arde e queima, então, é bom, porque “o que aperta segura e o que arde cura”; se é por ingestão, que se deve absorver, e o remédio amarga “é porque tem remédio de fato” ; se o frasco é grande e as doses cavalares, tanto melhor — curará depressa! Raciocínio simplista. Cômodo talvez. Mas errado.

Entretanto, a convicção está ainda tão arraigada em certas camadas populares que vale a pena repisar no assunto. Seja por um conceito hereditário vinculado à época em que a terapêutica, à míngua de melhores recursos, se valia de famigeradas polifarmácias, fórmulas complexas em cuja composição figuravam as mais extravagantes combinações de drogas incompatíveis se entrechocando numa promiscuidade incrível, ou seja porque é dos próprios homens o vício de julgar instintivamente, deixando-se embair pelos sentidos, ao invés de submeter toda e qualquer análise ao crivo da razão, o fato é que os remédios que não agriem, que não maltratam, mas que confortam e aliviam, ainda são freqüentemente recebidos com hostilidade, não só pelo doente como pelas pessoas que o cercam. Daí, forçosamente, uma das maiores, senão a maior dificuldade com que sempre lutou a Homeopatia para se impor.

Partindo de um ponto de vista errôneo, de uma premissa de todo em todo falsa, os detratores da Homeopatia a consideram uma “agüinha” sem valor algum, e, *ipso facto*, se abstém de experimentá-la.

Claro que não se pode exigir do vulgo certos conhecimentos científicos capazes de o munir de um cabedal intelectual suficiente para compreender o que se passa com a matéria, quando lhes facilitamos a libertação da energia...

Não é menos claro, porém, que temos o direito de não aceitar o escárnio de certos intelectuais que, aceitando os efeitos curativos de doses infinitesimais de alcalóides, de vitaminas, de bacteriófagos, etc., ainda cruzam os braços diante dos recursos extraordinários da Homeopatia, receosos do ridículo, assustadiços e tímidos dalgum asobio irreverente, desferido à queima roupa por um desses patuscos inconscientes da própria papalvice, que perambulam, aos magotes, malsinando o labor alheio.

Argumentemos, porém, com fatos. O terreno é árido demais para devaneios dialéticos. Aos fatos devo minha conversão à Homeopatia. Nas ciências experimentais, os argumentos valem sempre menos...

Certa vez, quando ensaiávamos ainda os primeiros passos no método hahnemanniano, coligindo material para estratificação das nossas convicções, deparou-se-nos um desses “belos casos clínicos”, como os cognominam os esculápios. Um peixeiro, muito popular em São Cristóvão, entra-nos Consultório a dentro com um filhinho a morrer ao colo. Tinha a criança pouco mais de um ano e meio de idade. Tivera sarampo e fora tratada empiricamente, com remédios caseiros. Mas, ao fim de poucos dias, o quadro se complicou, com uma broncopneumonia que os pais tentaram debelar com mesinhas e panacéias. Resultado: quando nos procurou, o papai pensava mais no atestado de óbito do que na receita. Pois bem, apesar da gravidade do caso, gravidade reconhecida por todos os pediatras em circunstâncias tais, a criança salvou-se com um remedinho da Homeopatia, restabelecendo-se completamente em poucos dias, causando o fato uma certa sensação naquele bairro, a ponto de ser a cura taxada como um autêntico milagre! É por causa destes fatos que nós nos tornamos homeopatas...

A Homeopatia cura envenenamento por *Belladonna*

Não contesto as curas da Alopattia. Estudante, freqüentei e fui interno de vários hospitais. Médico, cliniquei cinco anos empregando o método, a técnica, os postulados que orientam a terapêutica da Medicina oficial. Assisti e obtive curas, que me proporcionaram imenso prazer. Nunca, porém, as obtive tão rápidas e impressionantes, como depois que assimilei os princípios norteadores da terapêutica hahnemanniana. Digo mais: nunca vi, nas clínicas que freqüentei, curas que se equiparassem às efetuadas pela Homeopatia. E é, sobretudo, nos casos desesperadores, quando a Alopattia cruza os braços, numa dolorosa expectativa, que o valor do método de Hahnemann se evidencia. A razão é simples. A Homeopatia estabelece uma relação íntima e constante entre o doente e o remédio. A Alopattia somente a relação que possa existir entre a doença e o remédio. A Alopattia colige sintomas, investiga, analisa visando o diagnóstico. Diagnóstico da doença. Estabelecido o diagnóstico, procura a causa geradora da doença para fazer o tratamento etiológico. Não há quem não compreenda que este seria o tratamento ideal. Entretanto, no estado atual dos conhecimentos humanos, o tratamento etiológico é um mito. A causa real das doenças nos escapa. O que nos parece causa é, muitas vezes, efeito. Da doença conhecemos a parte que se exterioriza, que se manifesta em sintomas objetivos e subjetivos. O laboratório, e raio X, todos recursos auxiliares da clínica, fornecem indicações preciosas. Indicam transformações orgânicas resultantes da doença. O resultado, não a causa. Os microorganismos, que, incontestavelmente, representam papel preponderante da gênese dos estados mórbidos, serão a causa primacial e primitiva da doença? Há fatos concretos, na Patologia, que demonstram que, pelo menos, na maioria das vezes o micróbio é causa adjuvante, nunca essencial. A imunidade natural, as predisposições individuais, etc., são problemas em equação. Os fatores morais, o medo, o susto, representam, certamente, na etiologia das moléstias, um papel tão importante quanto os micróbios.

Na impossibilidade de fazer o tratamento etiológico, visto que a causa da doença está quase sempre obscura, a Medicina oficial limita-se, geralmente, ao tratamento sintomático.

O próprio conceito de doença é vago. Há estados mórbidos díspares enquadrados na mesma entidade nosológica. A classificação é arbitrária. Uma mesma doença apresenta, em indivíduos diferentes, aspectos diversos. Não há fixidez de quadros. No entanto, a Alopattia visa encontrar sempre um específico para cada doença.

A Homeopatia, mais sábia, procura o específico para cada estado mórbido, para cada quadro da mesma doença. A gripe é bom exemplo.

Manifesta-se de modos tão diferentes, que a escola oficial teve necessidade de especificá-los: gripe nervosa, gripe gastrintestinal...

Para todas as formas de gripe emprega, porém, os mesmos recursos. Porque a doença é gripe... Não havendo ainda um específico para esta doença, resta o consolo do tratamento sintomático.

A Homeopatia, para cada forma de gripe, ou de outra qualquer doença, possui recursos admiráveis: a Matéria Médica Homeopática é uma verdadeira Patologia experimental. Um número considerável de quadros mórbidos e constitucionais, resultantes da ação de várias substâncias sobre o organismo do homem são, ali se encontram cuidadosamente registrados. São as patogenesias. Uma preciosidade, infelizmente desconhecida, da escola oficial.

Pois bem: conhecendo estas patogenesias e sabendo aplicar, com precisão, a lei de cura — a lei dos semelhantes, o médico tem formidável recurso contra as doenças.

Examinando minuciosamente o doente, colhendo a totalidade dos sintomas objetivos e subjetivos, observando a constituição, o temperamento, todos os característicos biopsíquicos, o homeopata fica de posse do quadro mórbido da doença, ou melhor do complexo doença-doente.

Havendo uma relação muito íntima entre este quadro e as patogenesias, cabe ao médico empregar o remédio capaz de produzir, em doses tóxicas, ou em pequenas doses repetidas, distúrbios semelhantes aos provocados pela doença.

Poderia citar uma infinidade de exemplos. Escolho um apenas. Raramente se obterão observações idênticas. A menos que, no Pronto Socorro, haja algum homeopata...

O caso foi comunicado ao Congresso Internacional de Paris, em 1871, pelo Dr. Teste.

Quatorze moças beberam, por um lamentável equívoco, uma infusão de folhas de *belladonna*. Doze ficaram seriamente envenenadas, apresentando, mais ou menos, o seguinte quadro: vertigens, sede insaciável, secura da boca e da garganta, constrição da glote, cefalalgia violenta, rigidez dos membros, face vermelha, pupilas dilatadas, perturbações visuais e, em seguida, cegueira completa. Estado de coma, interrompido por visões confusas e acessos de delírio; prostração geral, sobressaltos musculares; hipogastro timpânico e doloroso; micções involuntárias. Algumas tiveram dejeções diarréicas.

Examinadas quatro horas depois que tomaram a beberagem. Sete tomaram café, a conselho do farmacêutico; cinco nada haviam tomado.

O Dr. Teste ordenou que continuassem tomando café, as primeiras; para as outras receitou *Opium* 3a. No dia seguinte, as que não foram submetidas ao tratamento, continuavam atormentadas pelos importunos sintomas do envenenamento atropínico. As outras cinco, as que tomaram *Opium*, estavam totalmente curadas!

O *Opium*, veneno terrível do Sistema nervoso, provoca no organismo sintomas semelhantes aos produzidos, nessas moças, pela infusão de *Belladonna*. Portanto, *Opium* foi o específico, o *similimum*, para este envenenamento.

Nem todos os envenenamentos pela *Belladonna* se manifestam de modo idêntico. Depende da dose ingerida e do fator individual. *Opium* não é, pois, o remédio para todos os casos de envenenamento pela *Belladonna*.

Só o conhecimento profundo da Matéria Médica e a lei dos semelhantes podem orientar a escolha do remédio. Disto depende a cura, rápida e perfeita.

O Homeopatia cura? I

Assim como não há, na mão, dois dedos iguais, não existem, na natureza, dois organismos idênticos. Os homens não escapam à regra. A semelhança dos gêmeos é uma miragem, apenas. A parecença dos sócias, uma ilusão. Parecidos no físico, diferentes no moral; semelhantes no moral, diferentes no físico. Assim são os homens. Cada indivíduo possui uma personalidade própria, inconfundível. E, se na vida normal, no estado hígido, gozando saúde, os homens são dotados de características individuais, é natural, lógico é, que, em adoecendo, devam manifestar sintomas particulares, pessoais. Vale dizer que uma mesma moléstia, atacando a vários indivíduos, determinará vários quadros mórbidos. Verdade é que esses quadros apresentam alguns sintomas comuns entre si, o que justifica sejam rubricados sob a denominação genérica de uma mesma doença. Entretanto, a inconstância, a variedade dos sintomas duma enfermidade é tão sensível, tão palpável, que se pode afirmar, sem exagero, que não há doenças — há doentes. Objetivemos, porém, os fatos, com exemplos concretos. Focalizemos uma doença: a pneumonia. Passemos de raspão sobre algumas das modalidades clínicas mais encontradas. Para isso, convidamos o prezado leitor a entrar nessa enfermaria. O ambiente talvez não lhe agrade. Não tenha receio, porém. A observação direta é necessária. Detenhamo-nos, um momento, à cabeceira deste leito. Este moço, que aí está, adoeceu repentinamente. Um prolongado calafrio, um febrão assustador, a pontada no peito, o prenúncio do cortejo sintomático da moléstia... Sentado ao leito, agitado, ansioso, medroso, apavorado com a morte. Semblante pálido, ressaltando o acarminado das maçãs do rosto. Olhos injetados, brilhantes. Lábios secos, rachados, marginados de herpes. Pele seca e quente. Voz trêmula e entrecortada. Tosse rápida. Expectoração escassa, viscosa, aderente ao vaso, cor de tijolo. Quando tosse, quando faz movimento brusco, aquieta-se de repente estarecido, a mão espalmada sobre o coração, uma contração facial, um gemido angustiado na garganta: — é a pontada, que o imobiliza estatelado, num espasmo de dor, como se lhe cravassem a lâmina de um punhal no peito! Em síntese, um caso clássico de pneumonia. Desses que, quando, porventura, surgem assim tão característicos, encham de felicidade aos mestres ortodoxos, que dogmatizam do alto da cátedra para a curiosidade dos alunos inexperientes... Mas, vamos adiante. Vejamos, agora, este outro doente. Após várias horas de mau estar geral, de cansaço anormal, é acometido de ligeiros calafrios

e de febre intensa, que o prostrou. Imóvel, membros em resolução, olhos semicerrados, lábios entreabertos, face congestionada, sombreada, azulada, a testa coberta de suores, a feição alterada, embrutecida, como a do embriagado. Resmunga monossílabos incoerentes, e, forçado a sentar-se, sustentado pelo enfermeiro, procura desvencilhar-se, inconscientemente, para se esparramar no leito, estuporado... Diante de casos semelhantes, o esculápio vacila entre uma pneumonia ataxodinâmica e uma febre tifóide pneumônica. Continuemos, contudo, a nossa visita, amável leitor. Entremos nesse quarto. Este paciente precisa de cuidados especiais.

Por isso, foi isolado. Apesar de idoso, abusa do álcool, o que agrava muito a doença. É encerrador, e, a cada passo, se preocupa com os misteres da profissão... Apesar de muito trêmulo, mal se sustentando de pé, abandona insistentemente o leito, revolvendo-o, como se procurasse algum instrumento imaginário, retirando os lençóis, esfregando-os no chão...

Aparentemente bem, não se queixa, este doente! Não tem tosse, nem escarros sanguíneos, nem pontada... Proferindo palavras desconexas, monologando num linguajar arrastado e incompreensível, abstrato, indiferente a tudo e a todos, ou se dirigindo a personagens invisíveis, mal se pilha só, salta do leito e, afoito, reinicia a faina fantástica, a encenação imaginária... Deixemo-lo delirar em paz. Cerremos a porta. Antes de partirmos, um instantinho só, amável leitor, aqui junto deste pequeno leito... Esta formosa criança, em cuja fisionomia se estereotipam os estigmas da tragédia patológica, é mais uma vítima da imprevidência dos pais. Retida numa atmosfera sufocante e viciada foi, ao sair, fustigada por uma rajada de vento e chuviscos impertinentes. O resultado não se fez esperar. Poucas horas depois, a febre, os vômitos, as convulsões... Para que prosseguir? Em cada doente que observássemos, encontraríamos sempre sintomas individuais; às vezes tão evidentes que o leigo duvidaria que estivessem todos sofrendo da mesma doença. Em que se parecem, na realidade, os quatro doentes que acabamos de observar? Entretanto, a exploração clínica e o laboratório, atestam que todos têm a mesmíssima moléstia pneumônica. Variando, portanto, as manifestações, da mesma doença, de doente a doente, é racional que o tratamento deva variar, também, de doente a doente. O tratamento deve ser específico para o doente, como procede a Homeopatia e não para a doença, como quer a Alopátia. Cada doente tem, na Homeopatia, o seu remédio individual, conforme sua natureza, escolhido de acordo com uma lei de cura, e cujos efeitos, sobre o organismo, são perfeitamente conhecidos, porque as experiências são sempre realizadas com o homem, nunca com animais de laboratório. Terapêutica difícilíssima, exigindo do médico três diagnósticos, ao em vez de um, somente, como a Alopátia — a Homeopatia entusiasma pela certeza e pela rapidez das curas!

A Homeopatia cura transtorno do sistema nervoso vegetativo

— Não é nada, é nervoso!...

Capítulo nebuloso da Patologia é este em que se grupam estados mórbidos mal definidos, vulgarmente denominados — estados nervosos.

Síndromes onde os sintomas subjetivos se avultam sem equivalente anatomopatológico. Doentes torturados por detestáveis sensações, apelando debalde para os recursos da Ciência. Médicos que, à mímica de dados objetivos, afirmam: “Não é nada; é nervoso!”

Diagnóstico que humilha; consolo que constrange. Alívio para os parentes; conforto para os amigos; agravação para o doente.

Aparência de saúde; sensação de morte. Moléstia malvada que castiga à socapa. Pior que a cegueira, que inspira compaixão. Igual à lepra, que causa pavor. Porque atíça o ridículo. Provoca a chacota. Deflagra o riso. Estimula a revolta e alimenta o desprezo; desprezo dos amigos e revolta dos parentes.

Pobre doente! Sofre envergonhado ocultando a dor, fingindo saúde, fugindo ao ridículo...

A Ciência ainda não possui um método de verificação direta das sensações subjetivas. Por que, então, aceitar algumas e negar outras? Por que valorizar as que realçam os quadros nosológicos da sistemática alopatha, em detrimento de outras, que traduzem modalidades de reações individuais?

Simplesmente porque não têm expressão clínica. O esculápio hesita entre os quadros enigmáticos da Psiquiatria e as síndromes frustradas da Neurologia...

Entretanto é, sobretudo, pelo que sente que o cliente procura o médico. E é justamente no tratamento das sensações subjetivas que a Homeopatia obtém os resultados mais surpreendentes.

Frutos de experimentação no homem saudável, como fonte informativa e dedutiva da ação do remédio sobre o organismo.

As doenças artificiais, as patogenias da Matéria Médica Homeopática, revelaram uma multiplicidade de sensações meramente subjetivas, que, além do valor clínico possuem extraordinária significação terapêutica.

Um exemplo tornará mais compreensível esta asserção. Uma febre tifóide, que o exame clínico afirmou e o diagnóstico sexológico confirmou, apresenta um fenômeno impertinente: o doente se queixa da sensação de possuir dois corpos, ou de ter o corpo fragmentado. Sensação horrível, que exige a intervenção do médico. Delírio? Distúrbio mental?

Para a Homeopatia é mais que isso, é mais do que uma consequência, da intoxicação de certos centros nervosos, de determinadas fibras sensitivas. É a depressão de um medicamento — *Baptisia Tinet* — que, não só apagaria aquela terrível sensação como curaria a infecção.

A Homeopatia dispõe de um manancial de informações que, se não explica todas as síndromes, geralmente aglutinadas no capítulo dos estados, impropriamente, denominados nervosos, pelo menos as justifica e as cura. O caso que hoje publico, diante dos divulgados diariamente, nas revistas médicas dos centros de maior cultura mundial, vale apenas como mínima contribuição à confirmação do irrefutável valor terapêutico da Homeopatia.

As observações da escola de Hahnemann são minuciosas, prolixas.

Fixaremos apenas os aspectos mais salientes da doença.

Trata-se de um pobre operário, servente de pedreiro, residente à Rua Corujá s/n, em São Cristóvão. Entra no Consultório amparado a um braço amigo. Seu aspecto não justifica tal amparo. Mas o interrogatório o esclarece. Três meses de penosos padecimentos, percorrendo vários ambulatórios. Ultimamente, fora encaminhado a um Serviço de Doenças Mentais, onde estava tomando injeções de bismuto (sic). Mas sente-se cada vez pior. Sente uma fraqueza tão grande que é forçado a permanecer no leito. Tem a impressão que lhe faltam as forças, que não pode deslocar um membro, movimentar os dedos etc., tamanha é a intensidade dos fenômenos subjetivos. Afigura-se-lhe que o estômago está sempre, ou quase sempre, vazio, mesmo após as refeições; que o corpo lhe treme internamente.

Uma fraqueza semelhante à provocada pela falta de alimentos.

Irritado, ansioso, impaciente. Deseja realizar tudo rapidamente, precipitadamente. Mas a ansiedade lhe agrava a sensação de fraqueza, do mesmo modo que a contrariedade ou qualquer excitação. Não dorme senão alguns minutos, durante a noite. Sente-se então, agitado, ansioso, muito nervoso...

Às vezes amanhece bem disposto, tem um dia agradável; pensa que já está bom, que vai poder trabalhar. A desilusão não tarda, porém. Uma excitação qualquer, até mesmo uma grande alegria, lhe provoca a pavorosa impressão de extrema fraqueza...

Jura que sempre foi trabalhador, que seu maior sofrimento é porque “os doutores dizem que ele não tem nada, que só tem nervoso”, o que lhe trouxe uma situação muito desagradável no lar. Ninguém acredita nos seus sofrimentos. Isto o irrita porque “não é homem de mentiras”.

Objetivamente são escassos os sintomas. Abatido, pálido, olheiras profundas, olhar de grande sofrimento, seu aspecto não aparenta, entretanto, proporcionalidade com as sensações de que se queixa. Língua saburrosa, aftas da mucosa bucal. Prisão de ventre. Suores muito ácidos e fétidos. Principalmente nos pés.

Aí está, prezado leitor, um sofredor que sem apresentar perturbações mentais, acusando somente sensações subjetivas que denotam transtorno do Sistema nervoso vegetativo, estava a caminho do hospício..

Graças a Deus e graças a Hahnemann, porém, encontrou na Homeopatia um remédio que em vinte e quatro horas, apenas, apagou do seu organismo a fraqueza subjetiva que o aniquilava! E, com trinta dias de tratamento, esse pobre operário adquiria a dádiva mais preciosa que se pode receber na Terra — a saúde.

A Homeopatia cura? II

— Não é nada; é nervoso!...

Uma verdadeira multidão de doentes funcionais aflui, diariamente, em todas as partes do mundo, aos consultórios médicos, à procura dum lenitivo, ao menos, para os cruciantes sintomas que a martiriza.

São geralmente enfermos que apresentam boa saúde. Além disso, o exame clínico e as pesquisas de laboratório acusam apenas distúrbios funcionais insignificantes.

Contrastando, porém, com esse mínimo de desequilíbrio orgânico, a enfermidade provoca um quadro sintomatológico horripilante. Esquisitíssimas sensações, algumas pavorosas, torturam impiedosamente estes pobres enfermos. Podem até aniquilar a vontade do doente, levando-o a praticar lamentáveis atos de desespero.

Entretanto, como a Medicina conceitua as doenças sobre dados fornecidos pela anatomia patológica, isto é, sobre lesões observadas no cadáver, — é evidente que, não havendo alterações orgânicas perceptíveis, os médicos não dão, em geral, grande importância a estes casos. Muitas vezes, nem ouvem todo o repertório do doente. Atribuem a maioria dos sintomas ao estado mental do paciente. E, quase sempre, o diagnóstico oscila entre uma neurose de etiologia obscura e uma psicose problemática, ambas revestidas de arresadada terminologia greco-latina, consoante a erudição clássica do esculápio consultado. Mas a verdade é que o doente pouco proveito tira. O próprio clínico, em seu íntimo, talvez duvide muito da existência indecifrável *morbis sine materia*...

É, até, bastante freqüente, que, em face dos resultados negativos do laboratório, o infeliz doente receba, à guisa de consolo, este diagnóstico imbecil: — “O Sr. não tem nada; tudo isso é nervoso!”

Pena é que, em tais casos, os médicos não expliquem exatamente o que é, afinal, nervoso!

O fato é que, com semelhante diagnóstico, longe de melhorar, piora muito a situação desses desgraçados. Porque, além dos sofrimentos que a enfermidade lhes infringe, crescem os sofrimentos morais resultantes do descaso com que são tratados pelos entes queridos, já saturados de tantas queixas... Pois o doutor não disse que não era nada, que era nervoso? Por que, então, não reagir, como ele mandou?

Pobres doentes! Se eles pudessem, bem que reagiriam! É muito bonito, quando se goza saúde, aconselhar um doente desse tipo a rea-

gir contra as terríveis sensações que o atormentam. Mas eu queria ver, se os papéis se trocassem, como o conselheiro se comportaria...

Os homeopatas sabem, no entanto, que os sintomas acusados por estes doentes não são fictícios — são reais. Porque quando experimentam, em homens sãos, a ação dos medicamentos, provocam, experimentalmente, “doenças artificiais” que se assemelham às doenças desses pacientes. Assim, por exemplo, há dois remédios, bem estudados, na Matéria Médica Homeopática, que produzem, sistematicamente, em qualquer indivíduo são que os ingerir durante certo tempo, esta esquisita sensação: a impressão de que a cabeça cresceu, está enorme!

Este sintoma aparece com tal insistência no decurso da experimentação, que é considerado como característico. Ora, se os distúrbios causados experimentalmente, por determinada substância, podem provocar essa fantástica sensação de “cabeça grande”, por que razão certos distúrbios funcionais, oriundos de causas morbígenas obscuras, não poderão causar idêntica sensação em certos doentes?

Portanto, quando um enfermo acusa a estranha sensação de “cabeça grande”, não só o homeopata sabe que ele sente mesmo o que diz, que não está iludido por um sintoma imaginário, como tem muitas probabilidades de curá-lo, rapidamente, aplicando-lhe o mesmo remédio que, experimentalmente, provoca, no homem sadio, este incômodo sintoma. Pois, como todos sabem, a lei de cura utilizada pelos homeopatas é a lei dos semelhantes. Para curar uma doença, dá-se ao doente o remédio que, no homem são, provoca um quadro sintomático semelhante ao que ela apresenta.

Na verdade, a aplicação dessa lei é muito complexa. Exige profundo conhecimento da ação de muitas substâncias sobre o organismo humano, de modo que o homeopata possa ter, para cada doente, um remédio cujos efeitos se assemelhem aos sintomas de sua doença. Entretanto, se a lei dos semelhantes for aplicada corretamente, as curas são rápidas e, até, assombrosas. Um exemplo, apenas.

Certa vez, entrou em meu Consultório uma senhora muito aflita, em prantos convulsivos. Depois de muito esforço, conseguiu historiar seu caso. Havia vários anos, que percorria os Consultórios médicos à cata de alívio, sem qualquer proveito. Consultou, talvez, uma centena de médicos — clínicos, ginecologistas, neurologistas e psiquiatras. O último consultado, nesse mesmo dia, fora um afamado professor de Psiquiatria. Todos lhe diziam que ela “não tinha nada” e que sua doença era “nervoso”! Não obstante, sentia, noite e dia, a estranha sensação duma gota d’água a pingar sobre seu coração! E, voltando-se, trágica, para mim, disse-me, entre suplicante e ameaçadora: “O Sr. será o último; se não me curar, vou-me suicidar; não aguento mais!”

Graças a Deus, nessa época eu já era homeopata. E na Homeopatia existe um remédio que provoca este sintoma, no homem são; e, por

consequente, elimina este mesmo sintoma, quando aparece num doente. Pude, portanto, afirmar a doente que, naquele mesmo dia, eu a curaria com absoluta certeza. E curei mesmo, com tal rapidez que a própria doente se assombrou!

A Homeopatia cura insuficiência tiro-ovariana

Isto não é nada; é nervoso!...

Existe uma classe de doentes que me inspira a maior simpatia. Muito numerosos, estes sofredores perambulam de Consultório em Consultório, ansiosos por encontrarem um lenitivo para os seus angustiosos padecimentos.

De ilusão em ilusão, sempre atormentados por um cortejo lúgubre de, sensações pavorosas, percorrem uma dolorosa *via crucis* que termina, muita vez, no Pavilhão de Observações do Hospício.

Ao sofrimento físico, soma-se o sofrimento moral.

Aparentam saúde e, no entanto, sentem-se doentes.

O exame clínico, a inspeção, a auscultação, a percussão, as análises de laboratório, as radiologias e radiografias, todas as pesquisas e investigações dão resultado negativo.

O clínico não encontra lesões, ou alterações orgânicas, capazes de explicar as manifestações mórbidas acusadas, insistentemente, pelo cliente. Quando, após vários exames de sangue, de urina, de fezes, radiografias, etc., o paciente espera, finalmente, encontrar na Ciência, uma explicação e um alívio, ouve do médico, apenas, o triste, o doloroso conforto: “Isto não é nada; é nervoso! O Sr. precisa reagir, divertir-se, alimentar-se bem, fortificar-se...”

Ora, este diagnóstico pode confortar à família, nunca, porém, ao doente que, se sentindo, dia a dia pior, muitas vezes, humilhado pelos entes queridos, que o convidam a reagir, chega a duvidar das próprias faculdades mentais...

Os mais persistentes, os que se não conformam, são aconselhados a procurar um psiquiatra, um especialista de doenças mentais. Rotulado com nomes pomposos como psicose maniaco-depressiva, esquizofrenia, etc., submetido à malarioterapia, à insulino-terapia, ao tratamento anti-luético, à fisioterapia etc., o doente, se não sarar, pode morrer em paz, porque se utilizou de todos os recursos da Ciência!

De todos, não. Certamente, não procurou um homeopata.

Não quero dizer que o homeopata cure todas as síndromes clínicas, nem todas as doenças. Mas posso afirmar, com a máxima convicção, que, em todos os casos em que os sintomas subjetivos imperam e sobrepõem, onde as sensações são tudo, ou quase tudo e a lesão nada, ou quase nada, a cura pela Homeopatia é a regra, ao passo que, para Alopátia, é a exceção.

Isto, por que a Homeopatia, estabelecendo como ponto de apoio de sua terapêutica, a experimentação no homem em estado de saúde, pôde recolher um número apreciável de sensações, de sintomas subjetivos, provocados pelas substâncias medicamentosas, semelhantes a muitas síndromes clínicas que, embora freqüentes, não representam, para a Medicina oficial, senão — “nervoso”!

Como se “nervoso” fosse nada! Como é doloroso, ouvir, de um médico que se estima, ou de uma pessoa que se preza, este humilhante consolo: “Você não tem nada; você só tem nervoso!”

Não posso fugir ao dever de publicar uma pequena observação, de uma cliente que, há três anos, me procurou, em meu Consultório.

— Moça ainda, com 25 anos, na flor da idade, representava já idade bem mais avançada. Os sulcos da face, o abatimento moral, o desespero, a descrença da Medicina denotavam uma longa e penosa caminhada através de várias clínicas. “Doutor, estou cansada de sofrer; já consultei a muitos médicos; sofro muito, e, todos dizem que eu não tenho nada; meu marido já não liga às minhas queixas; todos dizem que eu sou nervosa, que não tenho nada; o Sr. será o último — ou me cura, ou me mato; não suporto mais!”

— Não desejo a ninguém, mesmo a um inimigo, — se é que o tenho — a situação em que me encontrei perante esta senhora.

Não me julgo mais sábio que nenhum colega. Não ignoro a minha ignorância. Se os outros colegas não tinham sido felizes, por que motivo seria eu intimado, agora, a curar esta moça?

Mas tenho muita fé na misericórdia de Deus e tenho confiança na Homeopatia. Examinei-a cerca de quarenta minutos; interroguei-a e observei-a demoradamente.

Esta moça, num período bastante delicado para as senhoras, se assustou e teve uma suspensão. Há oito meses. Não teve mais as regras. Sente-se irritada, cansada ao menor esforço. Várias vezes por dia, sobe-lhe à cabeça uma onda de calor, acompanhada de suores, ligeira tonteira, palpitações violentas, sensação de fraqueza, de tremor interno. Já se sentiu pior, mas melhorou quando um colega lhe ministrou hormônios. Entretanto, o que a incomoda mais, o que a martiriza é uma sensação de estrangulamento, de sufocação, que sente constantemente, e, que se exacerba, quando coloca qualquer objeto no pescoço. Não pode usar um colar, nem mesmo um lenço de seda no pescoço! Sente-se sufocada, angustiada; arranca-o depressa, para não ficar sem ar! O próprio vestido é frouxo; não suporta o menor aperto no corpo. Principalmente no pescoço e no estômago.

Tosse seca, impertinente, sufocante, com comichão na laringe, que se agrava quando deita. Sente-se pior depois que dorme. Levanta-se muitas vezes com dor de cabeça, melhorando durante o dia. Quando vai adormecer, acorda assustada, com a impressão de que não tem

forças para respirar, de que lhe falta o ar, de que tem uma bola na garganta, dificultando a deglutição.

O especialista nada encontrou na garganta, que justificasse estas sensações. Outros colegas, tentaram confortá-la, dizendo que não era senão nervoso, que reagisse e procurasse divertir-se, para esquecer a doença. Mas eu me via intimado a curá-la!

Clinicamente, tratava-se de uma insuficiência tiro-ovariana, com distonia do simpático. Nada posso afirmar sobre a orientação dos distintos e cultos colegas que trataram dessa moça. Pelas informações que recebi, trataram com tino clínico e revelaram grande cultura científica. Duvido, porém, que pudessem eliminar os sintomas subjetivos, que tanto atormentavam esta cliente.

Qualquer homeopata, porém, a curaria. Há um veneno, cuja ação no organismo do homem, em bom estado de saúde, reproduz muitas sensações acusadas pela paciente: *Lachesis Trigonocephalus*.

Considero uma das grandes graças que Deus tem me concedido, a satisfação com que pude afirmar, àquela moça, que tão desesperada se achava, a ponto de querer suicidar-se: “Não precisa matar-se; a Homeopatia a curará!” E *Lachesis* de 30 curou-a, completamente, de todos os sintomas subjetivos em poucos dias!

Crônica homeopática I

Receitar corretamente um remédio homeopático não é tarefa fácil. Disso já se capacitaram, com certeza, os que nos deram a honra de ler as crônicas anteriores. A Homeopatia não receita para os doentes. É uma terapêutica individual. Escolhe o remédio consoante à constituição, o temperamento, à natureza de cada doente. Se o homeopata é chamado a examinar dez doentes de gripe, por exemplo, terá que selecionar vários remédios. Talvez, dez, porque cada gripado receberá o seu remédio, de acordo com as manifestações da moléstia. E o remédio que curar a gripe de um, nada adiantará para outro. Porque o tratamento é individual e orientado por uma lei de cura, que estabelece uma relação constante entre o doente e o remédio. Por isso mesmo é seguro e rápido. Em compensação, exige estudos que são apanágio do médico.

Um “curioso”, folheador de manuais populares, todos eles eivados de erros crassos, nunca poderá indicar um remédio homeopático. A menos que acerte, por acaso, como na loteria... Poucos serão, entretanto, os doentes que se sujeitarão aos caprichos da sorte. A maioria, talvez forme, logo, um conceito pouco lisonjeiro da eficácia das dinamizações hahnemannianas. Contudo, são os únicos culpados. A Medicina, seja alopatia ou homeopata, é função do médico. E se, na Alopata, ainda há os específicos para as doenças, os preparados, cujas virtudes proclamadas e decantadas pelos mais estrepitosos instrumentos de propaganda, se verdadeiras, já teriam extirpado todos os males reais e imaginários da terra, se, na Alopata, ainda se permite uma indicação coletiva, de um mesmo remédio para muitos doentes, na Homeopatia, muito ao contrário, cada doente é um problema em equação, diferente dos outros doentes da mesma moléstia, e cuja solução depende de aprimorada cultura científica. Aliás, o resultado da terapêutica coletiva é sempre precário, incerto. Quando se receita uma fórmula alopatia para diversos doentes de gripe repisamos no mesmo exemplo, — observa-se que uns se dão bem, outros se dão mal, outros nem bem nem mal. Por que? Simplesmente porque não há uma relação íntima entre o doente e o remédio mas, apenas, entre o remédio e a doença.

Os efeitos dos remédios são, na escola oficial, ensaiados nos laboratórios, com animais, completamente diferentes do homem. Animais que não revelam, senão uma parte, a que se objetiva, dos efeitos produzidos pela droga experimentada. A Homeopatia não despreza, en-

tretanto, os ensaios farmacológicos. Serve-se até dos resultados dessa experimentação, não como fonte de indicação terapêutica, como da toxicologia, mas como Ciência subsidiária, que auxilia a compreensão de fenômenos observados nas experiências realizadas no homem.

Partindo da observação de que, não raro, uma moléstia crônica, rebelde a todos os tratamentos, sara, como por encanto, quando o organismo é acometido por uma enfermidade aguda, semelhante à primeira, Hahnemann teve a idéia genial de conceber a cura de uma moléstia por outra artificial, semelhante. Para isso, idealizou uma técnica especial e ensaiou, em si mesmo, depois em muitas pessoas de suas relações, vários remédios, em doses suficientes para despertar uma série de distúrbios, alguns bem graves, distúrbios esses que, registrados na ordem cronológica de sua aparição, representam uma doença artificial — a patogenesia. O conjunto dessas patogenesias, resultantes das experimentações de Hahnemann e seus discípulos, constitui a Matéria Médica Homeopática. Verdadeira patologia experimental, conjunto de doenças artificiais, experimentalmente provocadas, o conhecimento da Matéria Médica, — obra enciclopédica, — exige muita persistência e grande esforço mental. Mas, sem conhecer Matéria Médica, não se faz Homeopatia. Porque, em última análise, para receitar, o homeopata sempre que se encontre face a face com o doente, há de descobrir o remédio que provoque, no organismo do homem são, uma doença semelhante à observada nesse doente. Havendo várias substâncias que desenvolvem, no organismo, sintomas parecidos, precisa, ainda, o homeopata desvendar qual o remédio que determina a doença mais semelhante.

Sabendo-se que muitas substâncias despertam mais de um milhar de sintomas, demos de barato que o médico soubesse, apenas, dez patogenesias, o que equivaleria pouco mais que zero. Ainda assim, quando necessitasse de receitar, deveria ter em mente nada menos de dez mil sintomas. Entretanto, não há homeopata algum capaz de afixar qualquer cura, se conhecesse tão somente uma centena de patogenesias...

Crônica homeopática II

As pessoas que, pela primeira vez, procuram um homeopata, demonstram freqüentemente certa perplexidade diante do minudente interrogatório clínico. Não podem compreender a razão desse esmiuçar exagerado de sintomas, que nunca observaram nos consultórios alopáticos. Entretanto, no método terapêutico de Hahnemann, a análise meticulosa de cada sintoma, *de per se*, é mais do que justificável — é indispensável. Porque, como é notório, o tratamento homeopático é, sempre, individual. Não há, na Homeopatia, nenhum tratamento específico, estandardizado, para todos os doentes afetados dum mesmo mal. Isto seria possível se, em face de cada caso, pudéssemos asseverar qual a causa única responsável pela doença. Mas infelizmente os fenômenos biológicos são sobremaneira complexos. Não se sujeitam a uma relação simples de causa e efeito, a guisa dos fenômenos mecânicos. Ao contrário, há sempre muitas causas em jogo. E não se pode garantir, com absoluta certeza, qual a causa principal e quais as adjuvantes, que contribuíram para a manifestação de determinado estado mórbido. Mesmo nas moléstias infectuosas, em que está provada a interferência dos micróbios, bem pesadas e medidas as coisas, é temerário afirmar que o germe seja o fator principal. Porque, é sabido, não basta a presença do micróbio para que se manifeste obrigatoriamente o *morbus*. Necessário se faz, ao invés disso, que o organismo esteja “predisposto” à infecção. E essa “predisposição” constitui por si mesma uma grave incógnita: depende dum mecanismo muito obscuro, ainda. De sorte que não é fácil dirimir definitivamente a questão. E enquanto uns interpretam as doenças como alterações provocadas por causas exteriores, outros, ao contrário, concebem-nas sobretudo como manifestações de distúrbios internos, inerentes à economia orgânica. Noutros termos: na primeira hipótese, o micróbio seria o agente patogênico por excelência; na segunda, aos desequilíbrios funcionais, aos débitos da engrenagem fisiológica, tocaria a responsabilidade principal. É possível que, como sói acontecer, a verdade esteja no meio termo. A culpabilidade dos fatores morbigenos seria compartilhada doutra forma. Não se incriminariam os micróbios, nem o organismo, isoladamente, mas aos dois, concomitantemente. A doença resultaria, destarte, de fatores externos e internos, conjugados de tal modo que é impossível discernir qual deles representa, realmente, a causa fundamental dos distúrbios mórbidos. Nessas condições, um tratamento verdadeiramente etiológico ainda é uma formosa quimera.

E a experiência clínica comprova diariamente que, mesmo nos casos em que a ação microbiana está demonstrada, a terapêutica específica falha lamentavelmente. E até nos exemplos de eficiência comprovada, como na difteria, o tratamento denominado “etiológico” não basta: é preciso ajudá-lo com a terapêutica “sintomática”. Torna-se, por conseguinte, evidente a insegurança da terapêutica etiológica, em virtude, precisamente, da obscuridade que reina ainda acerca da verdadeira etiologia das doenças. É claro que, se a simples presença do micróbio tudo explicasse, independentemente do estado do organismo, o mistério da “etiologia” já estaria desvendado. Mas o corpo humano não é terreno inerte, ao sabor da primeira sementeira de germes. É dinamismo vivo, infenso à população microbiana. Para que a infecção vingue, é necessário, portanto, que o campo já se encontre lavrado, que o dinamismo vital já esteja perturbado, por fatores internos, dependentes do próprio organismo. A atenção do homeopata concentra-se, por consequência, muito mais sobre o terreno do que sobre a “semente”. Estuda pessoalmente cada caso, como se fora a única na espécie. Procura, pois, compreender a reação individual do doente em face do estado mórbido que o afetou, sem tentar relacioná-lo com os outros casos da mesma doença. Isto porquê, tanto na manifestação das doenças, quanto nos efeitos experimentais das drogas, observa-se, sistematicamente, que, à margem dos sintomas patognomônicos, surgem “sintomas individuais”, característicos da modalidade racional de cada indivíduo, em relação ao efeito dos medicamentos. Ora o homeopata seleciona sempre o remédio não apenas pelos sintomas patognomônicos (que representam a doença), mas, principalmente, pelos “sintomas individuais”, que aparecem dum modo particular, em cada organismo. Tal seleção, porém, só se torna possível sob a orientação da “lei dos semelhantes” — *similia similibus curantur*. Em conclusão, enquanto a Alopátia tenta destruir o micróbio, a Homeopatia procura, apenas, tornar o terreno estéril, reequilibrando suas funções, confiada em que, no organismo normal, em perfeito estado hígido, nenhum micróbio vingará. Mas, para estudar as reações individuais de cada doente, o homeopata é forçado a esmiuçar todos os sintomas, com método e paciência. Daí o cuidado com que procura localizar os sintomas, a minúcia com que analisa cada sensação, o rigor com que perquire as alterações observadas em certas horas do dia, ou da noite, a insistência, enfim, com que tenta obter um retrato fiel do quadro mórbido de cada paciente.

Crônica homeopática III

A Homeopatia não consiste em ministrar, em doses mínimas, os remédios alopatícos. Alopátia e Homeopatia são doutrinas muito diversas. A Homeopatia cura pela “lei dos semelhantes”: para uma diarreia de sangue indica um remédio que, no homem sã, provoca a diarreia de sangue. A Alopátia cura pela “lei dos contrários”: para uma diarreia, uma droga que constipe o ventre.

Os medicamentos homeopáticos agem dinamicamente, estimulando as defesas naturais do organismo, restabelecendo, destarte, a saúde. É uma cura suave, rápida e perfeita, não deixa vestígios da moléstia.

A Alopátia cura intoxicando. Dá, às vezes, um alívio rápido, surpreendente mesmo. Mas é ilusório, este alívio. Porque logo se manifesta outro desequilíbrio orgânico, geralmente mais importuno do que o precedente. Assim: cura uma bronquite, mas provoca uma colite; cura a colite, mas causa uma pielite...

É, portanto, uma cura pendular, que desloca a moléstia, mas não a extingue prontamente. O organismo oscila entre estados mórbidos, aparentemente diferentes, mas que, na realidade, se prendem a uma mesma doença agravada com os efeitos secundários, tóxicos, das drogas prescritas!

A Homeopatia, para certificar-se da ação de uma substância qualquer, experimenta-a no homem saudável, observando todas as alterações psíquicas, sensoriais, funcionais e lesionais produzidas sob sua influência, afastadas todas as causas intercorrentes que, durante a experimentação, porventura possam atuar sobre o paciente.

Quanto às alterações graves, às lesões que se não podem provocar sem correr o risco de comprometer a vida do paciente, observa-as a Homeopatia nas intoxicações profissionais e nos envenenamentos acidentais, ou voluntários. De sorte que, a toxicologia é recurso de primeira ordem, onde o homeopata busca dados e referências, que o norteiam, na escolha dos remédios, ao passo que, para o alopata, sua aplicação imediata é no setor das cogitações médico-legais. Reunindo a totalidade dos sintomas objetivos e subjetivos despertados, por uma mesma substância, no organismo de vários homens sãos, a Homeopatia esboça uma moléstia artificial — a patogenesia. De acordo com a lei dos semelhantes, sempre que o homeopata se encontre em presença de uma doença qualquer, cujos sintomas se assemelhem aos de uma moléstia artificial, nada mais terá a fazer, para curá-la, do que aplicar o remédio capaz de provocar a referida moléstia artificial. Verdade é

que, para lograr tal *desideratum*, conforme já tenho acentuado destas colunas, são necessários conhecimentos que só estão ao alcance do médico. Mas não é este o assunto que nos preocupa hoje. Deixemo-lo, portanto, de banda, e penetremos no cerne da questão. Vimos que a Homeopatia só se serve do homem sadio para experimentar as substâncias, cujos efeitos deseja conhecer. A Alopatria, não. Vale-se do empirismo, da observação clínica e das experiências com animais de laboratório. Sobre o ponto de vista terapêutico, todos são métodos precários. O próprio laboratório falha muito. O coelho, a cobaia, o rato, etc., são animais muito diferentes do homem. Os efeitos de uma substância qualquer, sobre o organismo de um desses animais, nunca se podem equiparar aos provocados no organismo humano.

Esta uma das razões por que os medicamentos alopáticos sofrem tão berrantemente a influência da propaganda, da moda.

Remédio de grande voga ontem, como o calomelano, é hoje quase proscrito. Em compensação, o que hoje corre mundo, de boca em boca, assombrando, fazendo milagres, curando tudo, servindo para tudo, amanhã estará relegado, desprezado.

Na Homeopatia, não obstante, não se nota este fato. Remédio experimentado é remédio imortal. Nunca mais deixará de viver na Matéria Médica, sempre solícito e eficiente, pronto para prestar o mais valioso auxílio ao clínico consciente.

Crônica homeopática IV

Quando, outrora, os médicos homeopatas afirmavam que, em das circunstâncias, o leite da nutriz poderia tornar-se prejudicial à saúde do lactente, a maioria dos colegas alopatas acolhia a observação com uma gostosa gargalhada.

Como? Porventura não é o leite materno o único alimento verdadeiramente fisiológico, o alimento ideal, portanto? Como admitir, por conseguinte, que possa afetar o organismo do bebê? Além disso, da mesma forma que as secreções glandulares em geral, o leite não terá acaso, a capacidade de manter sua fixidez de composição, quaisquer que sejam os fatores que, direta ou indiretamente, possam atuar sobre o organismo da nutriz?

Contra tais objeções, aparentemente muito razoáveis calcadas no cômputo estatístico entre os resultados da alimentação natural e os da alimentação artificial, por um lado, e, por outro, estribadas nas análises dos leites humanos de várias procedências, contra tais objeções os homeopatas continuaram sempre insistindo na possibilidade de certos fatores constitucionais, alimentares ou psíquicos, conjugados ou isolados, poderem determinar, em alguns casos, sensíveis alterações no leite materno, e, *ipso facto*, provocarem sérios distúrbios na criança.

Agora, com o aperfeiçoamento técnico das pesquisas de laboratório, ficou comprovado que aos clínicos homeopatas assistia a verdade. Não só está demonstrado que, em casos excepcionais, o leite materno pode ser mortal para o lactente, como também se sabe que, com muito maior freqüência do que se imaginava, os alimentos e os estados psíquicos, as emoções sobretudo, influem poderosamente na composição infinitesimal do leite.

O erro dos alopatas provinha de que a análise grosseira do leite, conforme revelaram os reagentes químicos usuais, não deixavam vislumbrar a menor modificação em sua composição normal sob a influência dos referidos fatores, e habituados como estão, a só admitirem aquilo que lhes cai diretamente sobre os órgãos dos sentidos, não poderiam conceber que alterações mínimas, microquímicas e microfísicas, redundassem em qualquer desequilíbrio orgânico ou funcional para o lactente. Os homeopatas, porém, acostumados a lidar com doses infinitesimais e conhecedores de que todas as reações intracelulares, sem exceção alguma, se processam sob a ação de catalisadores biológicos, que atuam em doses imponderáveis, estavam intelectualmente preparados para admitirem uma hipótese que repugnava “ao espírito

científico” dos alopatas. Felizmente esta barreira, que sempre separou mentalmente alopatas e homeopatas, vai sendo a pouco e pouco desmantelada.

É muito grande o número de investigadores alopatas que, diariamente, publicam trabalhos de fôlego em abono de muitas hipóteses já ventiladas pelos discípulos de Samuel Hahnemann.

Com referência à importância, do psiquismo na gênese de todos os estados mórbidos, por exemplo, que é um dos pontos fundamentais da doutrina hahnemanniana, temos aí a “medicina psicossomática” que, embora se ressentindo do exclusivismo com que aceita as mais absurdas hipóteses freudianas, constitui, incontestavelmente, um grande avanço das concepções patológicas da Medicina oficial. Pelo menos, os adeptos da psicossomática não hesitarão em admitir que os estados emocionais, pelos desequilíbrios funcionais que podem causar, justificam sérias alterações no leite materno, e, por conseqüência, esclarecem os graves distúrbios nutritivos que as vezes, sem causa aparente, surgem nos lactentes.

E quanto à influência da alimentação materna na composição do leite, nem há dúvida. Um investigador de fama mundial, Gyorgy, demonstrou, desde 1935, que as manifestações alérgicas de certos lactentes eram deflagradas pelos “vestígios” de leite de vaca e de ovo encontrados no leite materno. Não obstante, a nutriz, não sendo também alérgica, recebe estes alimentos sem o mínimo prejuízo, e, por isso, custa a acreditar que alimentos tão necessários como o leite e o ovo devam ser responsabilizados pelas graves alterações de seu pimpolho.

Entretanto, não pensem que apenas estes dois alimentos sejam capazes de afetar o bebê. Se a criança for alérgica, qualquer alimento que contenha o alergênio, ingerido pela mãe, afetará infalivelmente o filho amamentado ao seio. Isto também está provado desde 1930 com os trabalhos experimentais de H.H. Donnally, na América do Norte, trabalhos que foram confirmados por numerosos investigadores.

Portanto, o problema da alimentação do bebê é mais complexo do que podia parecer ao leigo. Muitas doenças da infância seriam evitadas e removidas se as mães compreendessem a necessidade indeclinável de orientarem sistematicamente a alimentação de seus filhos de acordo com as prescrições dum especialista. Esta é a verdade.

Coluna homeopática I A lei de cura

Na Homeopatia, a aplicação do remédio obedece a uma lei. Lei providencial, que estabelece uma relação constante entre o doente e o remédio, e dá à prescrição do médico uma segurança, uma precisão, uma certeza como não existe em qualquer outro método de tratamento. Esta “lei de cura”, Hahnemann, o genial criador da Homeopatia, sintetizou-a em um aforisma latino: — *similia similibus curantur*. Literalmente, o significado é este: os semelhantes curam-se com os semelhantes. É a decantada “lei dos semelhantes”, antevista já, desde os tempos mais remotos, e proclamada por muitos dentre os mais proeminentes vultos da Medicina antiga. O próprio Hipócrates, cognominado “Pai da Medicina” deixou-a impressa nestes termos: “a moléstia é produzida pelos semelhantes e pelos semelhantes, que se fazem tomar, o doente readquire a saúde”.

Os termos dessa proposição hipocrática, foram esclarecidos pelo venerável escultor, quando ele afirmou que “a febre é suprimida pelo que a produz e é produzida pelo que a suprime”. A lei dos semelhantes não foi, portanto, invenção de Hahnemann. Foi o ponto cardeal da Medicina primitiva. Todavia, a aplicação correta dessa lei só se tornou possível depois dos trabalhos de Hahnemann, conforme veremos oportunamente.

Feita a ressalva, expliquemo-nos melhor. Falando claramente, — porque, esta coluna, criamo-la nós para os leigos, e não para doutos iniciados na doutrina, falando claramente, a regra, para curar, pela Homeopatia é: — prescrever, para “cada doente”, o remédio, que, no homem são, seja capaz de provocar, em doses repetidas e mais ou menos ponderáveis, um conjunto de sintomas semelhante ao conjunto observado em cada caso. Portanto, a semelhança não é de sintomas isolados. É da “totalidade” dos sintomas. Ora, a totalidade dos sintomas é a doença. Logo, o tratamento homeopático não é apenas sintomático e paliativo: é curativo: elimina a totalidade dos sintomas “lesionais”, “funcionais” e “sensoriais”. Que restará, então, da doença? Nada mais. A saúde foi restabelecida.

Note-se, agora, uma diferença essencial entre a Medicina alopática e a homeopática. A primeira receita para grupos de doentes; a segunda para cada doente, individualmente. Uma, procura o específico para cada “doença”; outra, o específico para cada “doente”. Esta, a Medicina homeopática, como arte de curar, é, por isso mesmo, mais precisa, embora mais trabalhosa. A aplicação da lei dos semelhantes não é

fácil, como poderia parecer, à primeira vista. Quem não possuir um vasto cabedal a respeito da ação dos medicamentos sobre o organismo do homem, — do homem sadio, bem entendido, — nunca poderá empregar, corretamente, a lei de cura. E isto é fundamental. Quando o remédio, na Homeopatia, não é indicado, de acordo com a lei, não atua: o efeito é nulo. Pode-se ingerir o conteúdo de um frasco inteiro, sem o menor inconveniente, a menos que se trate de uma tintura mãe, ou de uma baixa dinamização de substâncias muito tóxicas. Mas, neste caso, a ação é química, tóxica, idêntica ao de qualquer droga alopática. Se o caso for, entretanto, de ingestão de uma dinamização mais alta, como as que se empregam geralmente, em que a ação do remédio é dinâmica e não química, o experimentador não correrá risco algum. Nada sofrerá. E concluirá, erroneamente, que, nos frascos da Homeopatia, não existe remédio algum. Em compensação, se estiver gravemente enfermo e o remédio for prescrito de acordo com a lei, verá o efeito assombroso, na primeira dose que tomar!

Coluna homeopática II

Para conhecer a ação dos medicamentos, a Medicina tem se valido de vários métodos. O mais antigo, o método empírico, o único que guiou os esculápios de antanho, subsiste, ainda, apesar de falho e ilusório. É o substrato da experiência clínica, e consiste, em última análise, em dar a um doente o medicamento cuja ação se quer verificar. Da cura do doente infere-se a ação do medicamento. Método imperfeito, como se vê. O máximo que nos permite saber é que tal substância teve, ação “curativa” sobre tal doente. Molière também já dizia que o ópio faz dormir porque tem propriedades dormitivas...

O maior inconveniente desse método reside em não se poderem separar claramente, durante a observação clínica, os sintomas pertencentes à doença, dos sintomas provocados pela influência da substância experimentada sobre o corpo humano. Este obstáculo, já de si insuperável, é acrescido, via de regra, pelo péssimo sistema de ministrarem-se fórmulas complexas, em cuja composição entram substâncias muito ativas, de sorte que, neste caso, se entremesclam os sintomas da doença com os efeitos das drogas ensaiadas, formando tudo uma mixórdia inextricável. De resto, se, sob o ponto de vista experimental, o método empírico não dá certeza alguma, encarado sob o aspecto clínico, deixa muito a desejar, além de não estar destituído de certo perigo. Nenhum médico consciencioso poderá ficar inteiramente tranquilo, quando, a título de observação, empregou, pela primeira vez, num doente mais ou menos grave, uma droga cuja ação desconhece, embora essa ação já tenha sido determinada para uma ou mais espécies de animais de laboratório. Porque há sempre muita diferença entre o organismo de um homem e o de uma cobaia; e, mesmo que houvesse identidade, a droga teria sido experimentada numa cobaia sã, que não é igual a uma cobaia doente, e, portanto, com mais forte razão, nunca poderia comparar-se com um homem doente. Além disso, deve-se considerar um outro fator importante. A toxidez dos medicamentos, e as doses máximas decorrentes dela, são avaliadas em função de animais, cujo grau de tolerância, em relação a estes medicamentos, não é proporcional, muitas vezes, à tolerância do organismo humano. Pequenos animais de laboratório existem, que se mostram refratários a venenos muito ativos para o homem. Ainda que cada nova droga, antes de empregada na clínica, fosse experimentada numa série de animais diferentes, para eliminar os refratários e escolher os mais sensíveis, o cálculo das doses a ensaiar no homem, raramente

corresponderiam à realidade. Em consequência, o método empírico, no qual se baseia a experiência clínica, sobre ser falho, incerto, não revelando nitidamente os efeitos do medicamento sobre o organismo humano, deve ser aplicado com muita circunspeção, para não por em risco vidas preciosas. Se cada medicamento novo, desses que surgem às centenas, e, quiçá, aos milhares, diariamente, no mundo inteiro devesse ser, obrigatoriamente, experimentado nos parentes dos médicos, nos seus filhos, por exemplo, creio que muitos deles estariam condenados antes de qualquer experimentação!

No próximo artigo prosseguirei e analisarei, então, as outras vias de acesso de que se serve a Medicina, para conhecer a ação dos remédios.

Coluna homeopática III

Em prosseguimento das considerações rascunhadas no artigo anterior, focalizaremos hoje, de relance, conforme nos permite a feitura desta coluna, outra via trilhada pela Medicina com o fito de conhecer a ação dos medicamentos.

Como devem recordar-se, os que nos deram a honra de ler nossa crônica, analisamos, num rápido bosquejo, os inconvenientes do chamado método empírico. Agora, para que o assunto se torne menos árido, e mais acessível aos leigos, englobaremos, para efeito de crítica, sob a epígrafe de método experimental indireto, os diversos métodos biológicos, físicos e químicos empregados, no laboratório, com a finalidade de investigar as propriedades terapêuticas das inúmeras substâncias cotidianamente lançadas ao mercado, com grande cartaz, pelas fantásticas virtudes curativas.

Embora seja inegável que, em muitos setores, o laboratório contribuiu, decisivamente, para as maiores conquistas da civilização moderna, no que concerne, porém, à Medicina, como arte de curar, o progresso não correspondeu à expectativa de seus apologistas. Se fosse possível, nestas pesquisas, reproduzir, no laboratório, exatamente as mesmas condições em que se efetuam os fenômenos vitais do organismo humano, então, sim, os dados da experiência poderiam aplicar-se ao homem, com grande precisão. Mas não é assim que se procede no método experimental indireto. Experimenta-se em organismos muito diferentes do organismo humano, e depois se quer ajustar os resultados de tais investigações à clínica!

É claro, é intuitivo que uma substância qualquer poderá ter um efeito sobre a cobaia, outro sobre o coelho, outro sobre o cavalo etc. E, se isto é claro, mais evidente ainda será que qualquer substância experimentada num desses animais deverá logicamente ter uma ação diferente no corpo humano. Portanto, quaisquer deduções extraídas dessas pesquisas não se podem aplicar à terapêutica senão com muitas restrições.

O mesmo se dirá das observações feitas *in vitro*. Por mais que se queiram criar analogias, nunca, num tubo de ensaio, se logrará obter aquilo que se passa na intimidade dos tecidos orgânicos. É de todo em todo temerário transferir para o “vivo” tudo que se observa no “vidro”.

Muitos investigadores, porque verificaram, por exemplo, a destruição de uma cultura artificial de certo micróbio, quando, no tubo de

ensaio, se pingaram umas poucas gotas de determinada substância, logo concluem, apressadamente, que esta mesma substância destruirá, no organismo vivo, o referido micróbio. A fama de muitos medicamentos, propalados como “específicos” de certas doenças, geralmente resistentes a todos eles, provém dessa ilação errônea e prejudicial. O sonho, ou, melhor, o delírio de uma terapia *magna sterilans*, já tem causado mais vítimas do que se imagina. Só se poderia admitir que a substância, que esteriliza uma cultura microbiana, devesse, forçosamente, destruir este micróbio sempre que infectasse o homem, se, entre o micróbio e a substância, não se intercalassem os múltiplos fatores do dinamismo vital. Mas o organismo não recebe, passivamente, a penetração de qualquer substância, inclusive dos alimentos mais assimiláveis. Reage sempre especificamente. Por isso, nenhum medicamento poderá atuar dentro do corpo humano da mesma forma que dentro de um tubo de vidro. E, isto, nem sempre é lembrado, infelizmente para os doentes. Qual será, então, o melhor caminho a seguir?

Coluna homeopática IV

Em nossa crônica de quinta-feira transata, depois de nos referirmos à inconsistência dos métodos geralmente empregados pelos clínicos, e pelos investigadores, com o fito de verificarem os efeitos das substâncias medicinais, perguntamos qual seria, afinal, o caminho mais seguro nesta ordem de pesquisas. Tentaremos, hoje, responder à interrogação, colocando a questão em termos acessíveis a todos.

Já vimos que o método empírico pouco nos adianta. Porque, nele, se administram as drogas, cujos efeitos se desejam conhecer, em indivíduos doentes. O resultado é que os sintomas da doença, se misturam de tal sorte com os efeitos das drogas que é, de todo em todo, impossível dissociá-los. Fica-se sem saber, ao certo, o que ocorre realmente por conta do estado mórbido, e o que é, na verdade, pura manifestação da influência da substância ensaiada. O máximo que tal método nos permite verificar é se a droga teve, ou não, ação curativa no caso observado. Nada mais.

Quanto ao método experimental indireto, de que se servem os farmacologistas, os bacteriologistas, e todos os investigadores interessados em novos descobrimentos para debelar as moléstias humanas, também este, não nos fornece nenhuma certeza em relação aos efeitos das substâncias experimentadas. Isto por dois motivos: em primeiro lugar, porque a ação das substâncias é experimentada em animais, cuja natureza difere berrantemente da do homem; e, em segundo lugar, porque não se podem reproduzir, no laboratório, as condições exatas em que se processam os fenômenos vitais no organismo humano. Portanto, os conhecimentos adquiridos com auxílio deste método, não se aplicam inteiramente à espécie humana.

Restar-nos-á, então, um único recurso seguro: o método experimental direto. De fato, nada mais lógico do que experimentar no próprio homem, as substâncias cujos efeitos se desejam saber. Mas experimentá-las no homem com saúde, e não no doente, como se procede na chamada “experiência clínica”.

É certo que a experiência *in anima nobili* tem limites.

Não se pode, impunemente, sacrificar a saúde, ou a vida, de um semelhante nosso. Mas também não há necessidade de levar a experiência ao ponto de causar malefícios irreparáveis. Pelo confronto sistemático entre os efeitos observados com pequenas doses, cautelosamente repetidas tantas vezes quantas necessárias à deflagração de ligeiros sintomas patológicos, e os tremendos efeitos registrados nas

grandes intoxicações (acidentes de trabalho, tentativas de suicídio etc.) pode-se obter uma vultosa soma de conhecimentos positivos a respeito da ação de muitas substâncias sobre o organismo humano. É isto mesmo que todos os homeopatas têm feito, desde que Hahnemann instituiu, genialmente, como base de seu método terapêutico, o prévio conhecimento da ação dos medicamentos sobre o organismo do homem são, para aplicá-los, depois, de acordo com uma “lei de cura”, nos casos em que a arte do médico deve intervir, para restabelecer a saúde.

Coluna homeopática V

Conforme já explicamos em crônicas anteriores, a Homeopatia escolheu, dentre os vários métodos que se podem empregar para esclarecer a ação das substâncias medicamentosas, o único capaz de assegurar bastante precisão nesta ordem de pesquisas: — a experiência no homem em pleno gozo de saúde.

Quaisquer outros elementos, sejam oriundos das investigações de laboratório, sejam extraídos da observação clínica, valem apenas como meros fatores subsidiários, cuja aplicação, na terapêutica homeopática, subordina-se sempre aos dados das experiências efetivadas diretamente no organismo do homem são. Fica, portanto, evidente que, para o homeopata, os elementos relativos à ação dos medicamentos têm um valor muito variável, de acordo com a fonte em que foram colhidos.

Estabelecendo uma hierarquia para os métodos de investigação, a Homeopatia aplainou o terreno para as incursões no domínio misterioso da vida, da saúde e da doença. Embora não se possa assegurar, — dadas as restrições imperativas nas experiências efetuadas sobre o organismo humano, — que o problema está radicalmente solucionado, é certo que muito já se obteve, desde que Samuel Hahnemann delineou o roteiro a seguir, quando se trata de coligir informes a respeito da ação dos medicamentos. Compete agora aos seus discípulos ampliarem o campo dessas investigações, utilizando-se de todos os recursos da técnica moderna, para maior perfeição no conhecimento da ação fisiológica dos medicamentos incorporados já à Matéria Médica Homeopática, bem como daqueles que, futuramente, a ela se venham incorporar.

Feita esta ressalva, perfeitamente compreensível quando se atenta que o saber está em constante evolução, dilatando-se à medida que ampliamos artificialmente os nossos sentidos, e entramos, assim, em mais íntimo contacto com os segredos da natureza, feita esta ressalva, não há paralelo entre o que a Homeopatia sabe a respeito da ação de seus medicamentos e o que a Alopata conhece sobre as suas drogas. Isto, por uma questão de “método”. Enquanto uma se volta para o homem, investigando e indagando do próprio homem o que no homem deve aplicar-se, a outra, a Medicina Alopata, quase que esquece o homem e confia demasiado nos resultados auferidos a custa de experiências em animais de laboratório. Que este método é falho, no que toca à revelação dos efeitos dos medicamentos, não há dúvida. Basta

dizer que ele oculta totalmente os sintomas subjetivos. O animal, seja qual for, é incapaz de revelar o que está sentindo, sob a influência da droga experimentada. E, não se pode, em sã consciência, negar a importância dos sintomas subjetivos. O que o doente sente não é, para ele pelo menos, de menor significação do que aquilo que o clínico vê, palpa, ou escuta!

Se a “lei dos contrários” fosse, de fato, aplicável na terapêutica interna, como pensam alguns, a simples eliminação dos sintomas subjetivos, nas experiências *in anima vilī*, bastaria para impedir a aplicação correta da mencionada lei! É graças aos sintomas subjetivos, revelados nas experiências com homens sãos, que os homeopatas, aplicando a “lei dos semelhantes”, a lei natural de cura, conseguem, muitas vezes, curas assombrosas!

Coluna homeopática VI

Os médicos geralmente não dão grande apreço aos sintomas subjetivos.

Muitos doentes perambulam, às vezes, de clínica em clínica, de Consultório em Consultório, submetendo-se, pacientemente, a exames enfadonhos, sujeitando-se, amiúde, a uma série de investigações incômodas e onerosas, ora espetados nas veias, ora furados na espinha, dando o sangue e o líquido raquidiano para as perquirições do laboratório, tangidos, sempre, pela doce esperança de encontrar, enfim, um dia, o almejado lenitivo para seus cruéis padecimentos, sem que os esculápios encontrem, no entanto, a mínima justificativa para tais sofrimentos.

Diante das pesquisas infrutíferas e dos exames negativos, os médicos lavram-lhes uma sentença terrível, afirmando-lhes que nada têm, que estão “nervosos” apenas e que devem reagir, para que a cura se dê.

Para um indivíduo de boa formação moral, incapaz de mentir ou de simular, uma asserção desse jaez, proferida por um profissional de reputação, é uma verdadeira catástrofe. Tendo plena consciência de seu estado, sabendo-se incapaz de poder eliminar, pela força de vontade, ou pelo disfarce de qualquer divertimento, as sensações angustiantes que o atormentam, e vendo-se, muita vez, desamparado no lar, onde a opinião do médico lhe roubou os carinhos e os cuidados especiais a que faz jus, convencendo a todos de que ele, de fato, não tem nada, este infeliz doente sofrerá envergonhado, ocultando o seu sofrer, para não ser taxado de maníaco ou de louco!

Não é raro, mesmo, que, inconformados com a opinião do clínico, o doente argumente, demonstrando por todos os meios e modos, que as sensações de que se queixa são de uma realidade chocante. Em troca, o pobre sofredor recebe um sorriso de dúvida e o conselho amável de procurar um psiquiatra!

Entretanto, a maioria desses doentes, nada têm de loucura.

A deficiência é da Medicina e não do doente. Os métodos grosseiros de investigação de que ainda nos valem não nos permitem estabelecer relações evidentes entre os numerosos sintomas subjetivos, que martirizam estes doentes, e as alterações funcionais e estruturais quase imperceptíveis, que, porventura, se observam. Mas não se pode inculcar de “mental” um estado que não afeta a razão, e que dá margem para que a vítima, a cada passo, manifeste uma inteligência equilibrada e um senso moral impecável.

Nem, tampouco se justifica o menoscabo pelos sintomas subjetivos, em proveito, só e só, dos sintomas berrantes, que ferem os sentidos do clínico. Muitas vezes, o doente prefere livrar-se de certas sensações do que de muitas lesões. Ainda ontem, vieram nos buscar para examinarmos uma pobre moça tuberculosa, desenganada já por outros colegas alopatas.

Pois bem; apesar do seu lamentável estado de miséria orgânica, de caquexia, o que mais atormenta esta doentinha é uma estranha sensação de angústia, acompanhada de pavor e de uma impressão muito viva de que o coração vai parar, sensação tão intensa, que quando, há dois anos, a sentiu pela primeira vez, pôs-se a correr e gritar pela casa!

Por causa desse sofrimento, exclusivamente subjetivo, tomou quase uma drogaria inteira, sem o menor proveito! Hoje, gravemente enferma, não foi para a febre, nem para a tosse, nem para a diarréia, que dia a dia, estão consumindo seu organismo, que ela nos pediu alívio, não! Foi, em primeiro lugar, para aquela sensação de iminente parada do coração que a doente nos suplicou um lenitivo! Felizmente, nós, homeopatas, sabemos que esta sensação é real, e que pode ser provocada experimentalmente. Há, na Matéria Médica Homeopática, alguns medicamentos, que, experimentados em indivíduos sadios, provocaram, em muitos deles, esta sensação acusada pela doente. Qualquer homeopata, portanto, aplicando a “lei dos semelhantes”, isto é, receitando um medicamento que, em doses experimentais, provoque os sintomas descritos por esta pobre moça, sem que, até ontem, lhe dessem maior importância ou, quiçá, sem que soubessem como curá-los, qualquer homeopata já a teria livrado, há muito tempo, desse tormento, embora, no caso, não pudesse nutrir esperanças de curar uma doença tão devastadora e já numa etapa tão avançada.

Coluna homeopática VII

O maior obstáculo à difusão da Homeopatia tem sido, desde seu descobrimento, o ceticismo inveterado com que se interpretam geralmente os efeitos das doses infinitesimais.

Se, ao expor seu admirável método terapêutico, Samuel Hahnemann se limitasse a formular uma lei geral de cura, exigindo, ao mesmo passo, fosse sistematicamente aplicada toda vez que se cuidasse de estipular um tratamento clínico qualquer; se além disso, houvesse estabelecido, para o emprego correto de cada medicamento, o prévio conhecimento de sua ação exata, mediante experiências efetuadas diretamente no organismo humano, e em indivíduos em perfeito estado de saúde; se, ademais, preconizasse a utilização de um só remédio de cada vez, aquele que, de acordo com a lei de cura, — a lei dos semelhantes, — tenha a virtude de despertar no homem sadio o maior número de sintomas semelhantes aos observados em cada doente; se se detivesse nestes três postulados, Hahnemann não teria provocado tanta celeuma, não teria ferido mortalmente os interesses comerciais dos droguistas e boticários, e a Homeopatia seria imediatamente consagrada como uma das descobertas mais geniais de todas as eras.

Porque, na realidade, a lei dos semelhantes, como lei natural de cura, fora já prevista desde os primórdios da Medicina. Hipócrates e Paracelso proclamaram-na abertamente como regra de terapêutica. Apenas não puderam aplicá-la corretamente porque desconheciam os verdadeiros efeitos dos medicamentos. Hahnemann afastou o óbice, mostrando a via natural para conseguir-se tal conhecimento: — a experiência no homem são.

E apesar das dificuldades e das restrições dessas experiências, não haverá quem deixe de reconhecer que, na verdade, é este o caminho ideal a seguir nesta ordem de pesquisas. E, quanto à necessidade de prescrever-se um único remédio de cada vez, é um fato absolutamente lógico, desde que a prescrição obedeça a uma lei e que, embora, se conheça a ação de inúmeras substâncias, isoladamente experimentadas, não se poderia conceber qual seria, de fato, o efeito de várias dessas substâncias misturadas, e concomitantemente absorvidas.

Portanto, até aí, a Homeopatia é um método tão rigorosamente lógico, que sua precisão e eficiência ressaltam sem esforço. Mas Hahnemann foi além, no seu vôo de condor, e descobriu que, aplicados conforme a lei dos semelhantes, os medicamentos se mostram tanto mais eficientes quanto mais divididos materialmente se encon-

tram. E descobriu mais: que a eficiência dos medicamentos se amplia, notavelmente, sob a influência do atrito e das vibrações a que são submetidos demoradamente no decurso da preparação, atribuindo, então, semelhante fato, à exaltação do dinamismo dos medicamentos, pela libertação de energias, que, no estado natural existem, em equilíbrio estático, no interior das moléculas de todas as substâncias medicamentosas. É contra esta hipótese de Hahnemann que tem surgido renitentes objeções. Veremos, não obstante, na próxima vez, até que ponto a intuição providencial de Hahnemann foi capaz de guiá-lo a uma descoberta tão simples na aparência, mas de conseqüências tão surpreendentes, que, ainda hoje, decorrido mais de um século, sua teoria não é aceita senão por um número restrito de intelectuais.

Coluna homeopática VIII

Que há, na natureza, numerosos agentes, que, em doses imponderáveis, podem provocar fenômenos físicos, químicos, fisiológicos, patológicos, etc., em assombrosa desproporção de causa e efeito, é fato que não padece dúvida. Disto mesmo já demos uma demonstração cabal, com os exemplos citados na derradeira vez que ocupamos estas colunas. Muitos outros poderíamos enfileirar aqui, se tanto nos permitisse a angústia de espaço. Contudo, para inteligência de nossa tese, basta que se atente no fato de que doses ínfimas, frações de gota, digamos assim, de certas substâncias como as toxinas microbianas, os venenos ofídicos e muitas outras, determinam distúrbios gravíssimos, quando não causam a morte rapidamente. Entretanto, é fato notório, os organismos vivos são dotados de prodigiosa capacidade de resistência, em face dos agentes agressivos, perturbadores da saúde, do equilíbrio vital. Além disso, ninguém ignora que, uma vez doente, o organismo tem uma tendência natural a restabelecer o equilíbrio vital, e curar-se espontaneamente. Portanto, é mais assombroso que doses exíguas, infinitesimais, imponderáveis, possam causar a moléstia e a morte do que a cura. E, se todos aceitam os efeitos nefastos, por que recusam os benefícios das doses infinitesimais?

Se as toxinas microbianas agem como os fermentos, transformando uma enorme quantidade de matéria em relação ao seu peso, por que não podem atuar de modo idêntico os medicamentos dinamizados? Acaso a experiência clínica não vem comprovando, há mais de um século, o efeito maravilhoso das doses infinitesimais não só no organismo humano como, também, nos animais, conforme atestam os sucessos dos veterinários homeopatas?

De resto, a Física moderna nos autoriza a interpretar a matéria como um fantástico repositório de energias.

A matéria e a força já não constituem dois elementos irreduzíveis. Desde as investigações de G. Le Bon, tão friamente recebidas nos meios acadêmicos, até que outros vultos de maior prestígio apadrinhassem as mesmas idéias, desde as investigações de Le Bon ficou demonstrado que a matéria se desmaterializa, transformando-se em energia. Assim sendo, o problema toma uma feição muito diversa. A matéria deixa de ser um mero depósito da energia recebida do exterior, sob quaisquer de suas modalidades, para tornar-se energia estática. Mas, energia estática ou repositório de energia intra-atômica, o fato é que, em determinadas condições, ou sob a influência de certas excitações

(caloríficas, luminosas, etc.), matéria pode dissociar-se, libertando, então uma prodigiosa quantidade de energia. Logo Hahnemann não estava de todo destituído de razão quando previu genialmente que a dissociação da matéria provocada pelo processo de preparação dos medicamentos homeopáticos, libertava a energia medicamentosa, que, em estado latente, existe, normalmente, em todos os medicamentos, mas que, nas doses ponderáveis, químicas, só se liberta no interior do organismo. É verdade que a diversidade de efeitos observada em relação aos medicamentos não permite reduzir as forças intra-atômicas a única força, como é tendência atual. Não obstante, futuras pesquisas decidirão a quem cabe a verdade. O essencial, no caso, é que as teorias da Física moderna já nos permitem vislumbrar a formidável transformação, que sofrem as substâncias medicamentosas, pelo método das triturações prolongadas, das diluições sucessivas e das freqüentes sucussões, consoante a técnica aconselhada pelo fundador da Homeopatia. De mais a mais, coincidindo com a exaltação do poder curativo dos medicamentos, pela libertação da energia curativa, há a assinalar um fato de suma importância: a energia medicamentosa não é empregada cegamente, por palpite, por confiança no fabricante, não! A energia medicamentosa, na Homeopatia, é dirigida para o organismo doente de acordo com uma lei de cura; lei natural, cuja obediência implica o maior proveito da ação do remédio. Isto esclarece ainda mais o efeito curativo dos remédios homeopáticos!

Coluna homeopática IX

Muitos doentes existem que, embora desiludidos dos onerosos e complicados tratamentos alopáticos, se abstêm de experimentar a Homeopatia, só porque estão convencidos de que a Medicina de Hahnemann consiste, apenas, em ministrar doses mínimas dos mesmos medicamentos prescritos pelos clínicos alopatas. Concluem, então, daí, com aparente lógica, que aquilo que não puderam obter com doses ponderáveis — cavalares, às vezes — não conseguirão, com mais forte razão com doses imponderáveis. Entretanto, a lógica do raciocínio é aparente, apenas. Porque os medicamentos homeopáticos não são absolutamente idênticos aos seus homônimos receitados pelos alopatas. O Aconito, a Beladonna, a Noz Vômica, etc., tais quais são empregados pela Alopátia, em doses maciças, sob a forma de tinctura ou de extrato fluido, têm uma ação, em certo sentido contrária à ação destas mesmas substâncias, quando preparadas pela técnica hahnemanniana. A farmacologia experimental, a toxicologia clínica e a observação clínica, conjugadas, não deixam margem a qualquer dúvida a respeito da dupla ação dos medicamentos: uma química, tóxica; outra, física, dinâmica. Ação dupla e contrária. Exemplo: em dose tóxica a Noz Vômica provoca violentas contraturas musculares, convulsões angustiosas; dinamizada, em dose imponderável, portanto, a mesma Noz Vômica cura convulsões semelhantes àquelas que provoca. Para que se possa compreender a ação profunda dos medicamentos homeopáticos, para que as curas assombrosas da Homeopatia não sejam incriminadas de frutos de uma exaltação supersticiosa, é essencial que se retenha o fato da transformação que sofrem as substâncias medicinais, submetidas aos processos de preparação homeopática. De fato, os remédios da Homeopatia não se receitam, salvo em casos excepcionais, *in natura*: prescrevem-se, ao contrário, quase sempre, dinamizados; isto é, num estado particular em que a matéria, dissociada, liberta facilmente a energia medicamentosa, curativa. Qualquer que seja a interpretação que se queira dar ao fato, quer se considere a “dissociação iônica” pelas diluições sucessivas, quer se encare como um fenômeno de “absorção” ampliando imensamente a superfície de contacto do remédio com o organismo, quer se aceite a libertação de “energias intra-atômicas”, específicas, o certo é que a experiência clínica abona, eloqüentemente, a modificação surpreendente, maravilhosa mesmo, que se processa no medicamento, sob a influência das triturações e das succussões prolongadas. Tanto assim que substâncias iner-

tes, de nenhum valor terapêutico, como o Licopódio, são transfiguradas de tal sorte que adquirem virtudes medicinais preciosíssimas, capazes de debelar estados mórbidos muito sérios.

Outro exemplo marcante é o do sal de cozinha, o cloreto de sódio. Embora exercendo, normalmente, uma função fisiológica primordial, este sal, *in natura*, não tem valor terapêutico: age como purgativo salino, apenas. Mas, dinamizado, transforma-se a ponto de torna-se um grande remédio, aplicável até em moléstias crônicas rebeldes! É notável. Ingerido, na dose de cinco a sete gramas diárias, como condimento, não exerce nenhuma influência terapêutica; absorvido em doses infinitesimais, dinamizado previamente, manifesta um poder curativo assombroso, em certos casos. De resto, a transformação dos medicamentos, pela técnica homeopática, não se revela, tão somente, pelos efeitos fisiológicos, não. A transformação físico-química é evidente. Substâncias insolúveis, como o licopódio, o carvão vegetal, a sílice, o ouro, a prata, a platina e tantas outras, à força de serem trituradas e retrituras, conforme ensinou Hahnemann, tornam-se, todas, perfeitamente solúveis, desde que o título da diluição corresponda a 1 por 1000, ao passo que, reduzidas a pó por outros processos, sem o cuidado de uma longa e possante trituração, não se dissolvem senão numa percentagem muito mais baixa. E isto é muito significativo e importante. Sobretudo porque acarreta uma grande responsabilidade para o farmacêutico, nem sempre preparado intelectualmente para compreender a vantagem de intermináveis triturações e de fatigantes succussões...

Coluna homeopática X

Quando se inicia o estudo do método terapêutico de Samuel Hahnemann, uma das maiores dificuldades a vencer — pelo menos para os clínicos que anteriormente adquiriram algum tirocínio na escola alopática — consiste exatamente no fato de aprender a fazer-se abstração da doença, tal como é considerada nos tratados clássicos.

À primeira vista, parece, de fato, um absurdo que se despreze o diagnóstico da doença, assim como se nos afigura perfeitamente lógico que o único tratamento científico seria o etiológico, isto é, o que remove a causa da doença. Entretanto, examinada mais a fundo a questão, para logo se há de concluir que esta trilha, no estado atual dos nossos conhecimentos a respeito da vida e dos fenômenos vitais, ainda não nos pode conduzir, com a certeza almejada, ao alvo por excelência da Medicina: a cura perfeita dos doentes.

As razões ressaltam mesma numa análise perfunctória. A doença, como se descreve nos livros de Patologia, é um esboço sintético, abrangendo os traços mais salientes da fisionomia clínica de um grupo de doentes, que, na realidade, apresentam, sempre, muitos sintomas individuais, capazes de diferenciá-los entre si emprestando a cada qual uma feição característica. Vale dizer, portanto, que nunca uma mesma moléstia se manifesta exatamente idêntica em diversos indivíduos, e que a doença — tifo, pneumonia, meningite, diabetes, reumatismo, arteriosclerose, etc., ou como quer que se chame — representa uma abstração, feita com o intuito de simplificar o estudo de casos mórbidos, enquadrando-os, à força, em alguns quadros nosológicos padrões.

De sorte que, se sob o ponto de vista do patologista este método satisfaz plenamente, porque aproxima os doentes que apresentam características comuns, grupando-os como se procedê nas classificações zoológicas e reduzindo, em conseqüência, o imenso número de doentes a umas poucas categorias de doenças, no que concerne ao escopo do terapeuta, não obstante, este critério não está isento de escolhos e ilusões. Pois é claro que, se, na mesma doença, os sintomas individuais são muito diferentes, diferentes deverão ser, também, os tratamentos de cada doente, embora sofrendo, todos, da mesma doença. Se assim não fosse, a Medicina seria, de veras, bem fácil. Feito o diagnóstico diferencial da moléstia, bastaria dar o mesmo remédio para todos os doentes de uma dada doença e a cura seria infalível. Nem teria o médico necessidade de certos conhecimentos. A farmacologia e a terapêutica clínica seriam ciências mortas. Bastava confiar na solécia

dos fabricantes de drogas, ou prestar atenção aos anúncios espetaculares da radiofonia. Toda a arte de curar se resumiria na literatura sugestiva das bulas dos preparados...

A Medicina seria, em suma, a arte de diagnosticar. Todo o valor do médico se resumiria em fazer um belo diagnóstico e deixar o doente em paz, satisfeito de saber o nome de sua doença. E se o doente não desejasse partir para o outro mundo, de posse do nome de sua doença, nada mais fácil do que ele mesmo curar-se. Nem precisaria ir à farmácia, onde deve haver sempre um cidadão que conhece manipulação e posologia. Poderia dirigir-se a qualquer leigo enfermo, achacado de mazelas e conhecedor, por experiência própria, dos nomes dos remédios de muitas doenças. Na verdade, a coisa tornar-se-ia fácil: tal doença, tal remédio. O problema estaria armado e prontamente solucionado, na simples expressão de um binômio.

Mas a prática desmente a eficiência de um mecanismo tão singelo, como este. O remédio, que cura um indivíduo de certa doença, não cura outro. Muitas vezes, até o piora. Não se pode, portanto, fazer terapêutica *standard*, tratamento padronizado, assim como quem fabrica automóveis em série...

Se a doença toma, em cada doente, uma feição individual, é claro que o tratamento só será racional se for individual, de acordo com a “totalidade” dos sintomas de cada doente. É assim que procede o homeopata. Em face de qualquer doente, em vez de preocupar-se de encaixá-lo logo num dos capítulos fictícios da nosologia, não o inclui em classe alguma, para considerá-lo, individualmente, como um caso que não tem *simile* e cujo tratamento deverá ser pessoal.

Tal atitude se justifica, porque a Homeopatia possui uma “lei de cura”, em função da qual o clínico investiga e age: é a “lei dos semelhantes”.

Interrogado o doente, interrogadas as pessoas que convivem com o doente e examinado minuciosamente o doente, o homeopata forma, com o conjunto dos sintomas, sem desprezar nenhum deles, um quadro, que reúne todos os sintomas mentais, sensoriais, funcionais e lesionais, e que constitui uma espécie de fotografia mórbida do doente.

De posse deste quadro, o homeopata escolhe o remédio que, no homem são, produz um quadro semelhante, quando tomado em doses suficientemente ativas ou suficientemente repetidas para causar desequilíbrios da saúde, é evidente. Seja qual for a doença, desde que não tenha causado lesões irreparáveis, aplicado o remédio de acordo com a lei, a cura será rápida. Considerada como “arte de curar”, como método terapêutico, a Homeopatia não teme confrontos. Individualiza, com rigor, os doentes, e prescreve, com certeza, o melhor remédio para cada caso. Tudo porque sua técnica obedece a uma Lei de Cura, que nos poupa andar a palpar nas trevas as causas ignoradas e obscuras da imensa maioria das doenças!

Coluna homeopática XI

Uma das características fundamentais da técnica da terapêutica homeopática reside na individualização do doente.

Infelizmente, esta sutileza do método hahnemanniano passa despercebida àqueles que se não familiarizaram ainda com a Homeopatia.

Por isso mesmo, vale a pena insistir nesta particularidade, sempre que se nos deparar uma oportunidade. Tentaremos focalizar suavemente o problema, tornando-o acessível a todos, já que é nosso intuito difundir a Homeopatia nos meios leigos, a fim de que muitos se possam beneficiar com este tratamento, tão módico e agradável, quanto eficiente e rápido.

Frente a frente com um cliente, é bem diversa a atitude mental de um alopata da de um homeopata. O alopata preocupa-se primeiro em estabelecer o diagnóstico da doença. Dos sintomas de cada doente, retém, de preferência, os que se consideram patognomônicos, isto é, os que se apresentam em todos os casos de uma mesma doença, e que servem, por conseguinte, de base para a classificação dos doentes. Além disso, dentre os sintomas acusados pelo doente, prevalecem, como de maior importância, para o alopata, os objetivos, os que impressionam os sentidos dos clínicos, ao passo que os sintomas “funcionais”, e, sobretudo, os “sensoriais”, subjetivos, portanto, estes, são via de regra relegados para um plano muito secundário. Isto se explica. A preocupação do alopata é de simplificar a multiplicidade dos estados mórbidos, agrupando-os em alguns quadros nosológicos, como se procede, de resto, nas Ciências naturais, na zoologia, por exemplo, onde organismos muito diferentes entre si, mas apresentando certas características morfológicas comuns, são reunidos numa mesma família.

A segunda preocupação do alopata, feito o diagnóstico da doença, é de prescrever um tratamento etiológico, ou seja, um tratamento causal.

Aparentemente, esta orientação é impecável. Em qualquer ramo do saber humano, onde os fenômenos não obedeçam a causas tão complexas, ninguém ousaria objetar quaisquer restrições. Mas em biologia, a coisa muda de figura. Os fenômenos não se prendem a um mecanismo simples de causa e efeito, como nos fenômenos mecânicos, não! Qualquer “fenômeno de vida” depende, sempre, de várias causas. Daí a dificuldade insuperável, que surge, quando se trata de reproduzir, experimentalmente, qualquer *processus* biológico. No que concerne à Patologia, todos sabem que as doenças dependem de várias causas, geralmente denominadas “eficientes, adjuvantes” e

“predisponentes”. E aí principia a divergência entre o homeopata e o alopata. Aquilo que para um é causa eficiente, para outro é predisponente, por exemplo. Os chamados micróbios patogênicos, tidos e havidos pelos alopatas como a causa eficiente das moléstias, são quase sempre, para o homeopata uma causa adjuvante, apenas; ao passo que distúrbios orgânicos de somenos, para o alopata, podem constituir, para o homeopata, a causa eficiente da doença.

Enquanto o alopata pretende eliminar o micróbio, agindo diretamente sobre ele, o homeopata considera o organismo como uma unidade, como um sistema fechado, onde nenhuma força poderá atuar sem co-participação de todo sistema. De sorte que só se poderá agir sobre um germe patogênico por intermédio das defesas naturais do organismo. Portanto, enquanto o tratamento alopatíco é microbicida, esterilizante, tóxico, o homeopático é estimulante das defesas naturais do organismo, fisiológico, por conseguinte.

De resto, como é fato de observação, as naturezas são sempre tão diferentes, as reações individuais em face dos fatores morbígenos são tão diversas, que o homeopata, em vez de considerar os doentes aos grupos e de tratá-los de modo idêntico sempre que se incluam na mesma rubrica nosológica, estuda-os individualmente, prescrevendo um tratamento específico para cada doente, e não para cada doença, como a Alopátia.

Para o homeopata, cada doente, que lhe surge, é como um problema que nunca dantes estivesse em equação. É um caso novo, particular, pessoal e cuja solução é sempre individual. Assim, se se depara com dez casos de gripe, longe de indicar o mesmo medicamento para esta doença indicará, certamente, um medicamento diferente para cada gripado; porque uma mesma moléstia nunca se apresenta exatamente idêntica em vários indivíduos, nem, tão pouco, se manifesta da mesma forma, em épocas diferentes, no mesmo indivíduo. É por isso mesmo que quando perguntam a um homeopata qual o melhor remédio para gripe ou para qualquer outra doença, ele não sabe responder. O nome da doença não significa nada, porque o conjunto dos sintomas é sempre variável de indivíduo a indivíduo, de gripado a gripado, no exemplo referido. E o medicamento homeopático, para surtir efeito rápido, assombroso mesmo deve ser escolhido de acordo com uma lei, cuja aplicação exige o conhecimento perfeito da “totalidade” dos sintomas da doença de cada indivíduo. Portanto, a Homeopatia, como arte de curar, é mais científica do que a Alopátia. Não se presta ao charlatanismo, nem se adapta à propaganda comercial, ultra-sensacional. O remédio, que cura um doente, não curará o outro, embora sofrendo da mesma doença! O remédio é individual e só o médico homeopata pode reunir um cabedal científico capaz de auxiliá-lo a selecionar o remédio individual de cada doente!

Coluna homeopática XII

Os homeopatas têm sido muitas vezes ridicularizados porque, na anamnese dos doentes, se preocupam até com a lateralidade dos sintomas. Parece, à primeira vista, que é indiferente que uma dor, por exemplo, se localize à direita, ou à esquerda, do plano mediano do corpo.

A terapêutica não deve condicionar-se às manifestações tópicas: deve eliminar os sintomas, sem subordinar-se à localização num ou noutro lado do corpo. Assim pensam os que nos criticam. Não obstante, os homeopatas têm suas razões. O mal é que, geralmente, os que menosprezam a Homeopatia nunca a estudaram, nem a praticaram. Falam e condenam sem uma base sólida, fiados de que aquilo que sabem é tudo o que de sapiência existe no universo, da mesma forma que homeopatas fanáticos existem que imaginam que tudo na Alopatria está errado, e que a doutrina de Hahnemann fez monopólio de todas as verdades da ciência médica. Na verdade, esta hostilidade surda, que reina entre as duas escolas, é sobremaneira lamentável. Se a intolerância religiosa é odienta, a científica é criminosa, porque retarda a conquista de progressos inestimáveis em todos os setores da civilização. E, se a intolerância é prejudicial na Ciência, na “divina arte”, então, a calamidade é maior. Porque, aqui, se joga com o que de mais precioso se pode conceber: — a vida humana. E, enquanto a essência dos fenômenos biológicos for tão ignorada quanto o é ainda presentemente, não há lugar para concepções dogmáticas, nem para sistemas definitivos dentro das fronteiras da Medicina. É interessante, para o próprio bem da humanidade, que os médicos conheçam todos os métodos de real valor terapêutico, e que, no momento azado, estejam preparados para saber, com proficiência, qual deles escolher. Já que não há contar com método algum infalível, já que as terapêuticas falham lamentavelmente diante de inúmeros casos desesperadores, que o médico seja, antes de tudo, médico, despindo-se do dogmatismo estéril dos mediócrs, para tirar de cada doutrina, e de cada método, tudo que deles se pode extrair em proveito da humanidade sofredora.

Quando são estes os sentimentos dominantes, os médicos, quaisquer que sejam suas preferências doutrinárias, e por mais contraditórias que sejam, nunca se defrontam como dois adversários ressabiados, mas como dois paladinos que se respeitam e que se estimam, porque, embora por caminhos diferentes, ambos almejam alcançar o mesmo ideal: — o alívio do próximo, a caridade.

E, se não fosse, infelizmente, da própria mentalidade humana uma instintiva resistência, uma impermeabilidade recalcitrante a todas as aquisições do pensamento que colidem com as convicções adquiridas, não se justificariam os apupos dos alopatas, no que tange à prescrição de um medicamento, para um lado do corpo. A Homeopatia tem uma parte teórica de interpretação, que pode suscitar discussões e controvérsias; mas é incontestável que a Homeopatia se baseia em fatos verificados e reverificados diariamente, por observadores perspicazes e idôneos.

A lateralidade, de resto, não é um fenômeno tão excepcional, como se poderia imaginar. Porque não é pesquisada, passa despercebida, quase sempre, aos alopatas. Mas casos existem em que está tão patente que o doente, por menos observador nota-a e chama atenção do clínico. Eu mesmo me recordo de uma senhora, que examinei há vários anos, ao tempo em que fazia terapêutica alopática, e que, durante o exame, diversas vezes acentuou que, desde alguns lustros, todos seus males se localizavam sistematicamente do lado direito do corpo. Sofria do fígado, do apêndice, do rim direito; teve pneumonia do pulmão direito, as dores de cabeça eram sempre do lado direito, e até a tireóide estava entumescida fartamente do lado direito do pescoço...

De resto, a clínica aponta, a cada passo, exemplos sobre exemplos de processos mórbidos que se assestam apenas num de dois órgãos simétricos. É comum a infecção de um rim, de um ouvido, de um pulmão etc., com a integridade fisiológica dos órgãos homônimos do outro lado do corpo, embora, pela origem embrionária e pela função que desempenham, em perfeita sintonia fisiológica, se se permite a força de expressão, tudo induza a supor que juntos deveriam adoecer.

Ora, estes fatos patológicos encontram correspondência nos fatos patogênicos das experimentações medicamentosas homeopáticas. Assim como os agentes mórbidos revelam os “dimídios”, que adoecem mais de um lado do corpo, os medicamentos experimentados em indivíduos sadios, e em doses suficientes para causar o desequilíbrio da saúde, revelam maior ou menor capacidade para afetar um ou outro lado do corpo. Numerosas experiências demonstram que *Lachesis* é um remédio “sinistrogiro”, ou seja de ação mais profunda sobre o lado esquerdo, e que *Licopodium* age melhor sobre o lado direito e é, portanto, um remédio “dextrogiro”. Assim, muitos exemplos ressaltam na Matéria Médica Homeopática.

Todos sabem que o homeopata, quando receita, aplica uma lei — a lei dos semelhantes. É exatamente por isso que dá valor à lateralidade. Para um mal que ataca o lado direito, um medicamento que ataca também o lado direito. Não há, pois, motivo para rir. Há, sim, fatos a observar e lei a formular. O que, hoje, parece ridículo, porque incompreensível, amanhã, será um esteio de novas teorias. O essencial é que se estude e investigue, ao invés de rir e desprezar.

Coluna homeopática XIII

A maioria das pessoas infensas à Homeopatia atribui à sugestão todo e qualquer sucesso, que se possa obter, pelo método hahnemanniano. O efeito prodigioso das doses infinitesimais é tão contrário aos fatos de observação diária que, na verdade, parece inverossímil que uma causa quantitativamente mínima determine efeitos assombrosos, quais são os necessários para equilibrar a saúde de um organismo combalido pela moléstia. Contudo, é preciso ressaltar que, aqui, estamos diante de uma categoria particular de fatos — fatos fisiológicos — onde não se observa proporcionalidade de causa e efeito, como nos fenômenos mais singelos da natureza, os mecânicos, por exemplo.

A Fisiologia, conquanto seja ainda uma ciência incipiente, nascida por assim dizer com Claude Bernard, no fim do século passado, a Fisiologia ensina como a saúde é mantida à custa de doses infinitesimais de “hormônios”, produtos fabricados pelo próprio organismo e, também, mercê de doses imponderáveis de “fermentos” estimulantes das afinidades químicas, e de traços ínfimos de certos “minerais”, que asseguram o equilíbrio coloidal das células vivas.

Não andarei muito apartado da realidade se afirmar que a vida se mantém graças aos infinitesimais, aos imponderáveis, aos elementos que menos impressionam os grosseiros sentidos humanos...

Não constitui, portanto, nenhum absurdo, desde que se saiba que a saúde depende muito de fatores que agem em doses imponderáveis, que a cura dependa, igualmente, de doses infinitesimais de medicamentos sabiamente ministrados. Aqui, exatamente, é que está o busillis. Conhecer com precisão o remédio capaz de estimular as defesas naturais do organismo — eis o problema.

Ora, apesar das densas trevas que obscurecem esses domínios, de tal sorte que nenhum sábio do mundo pode conceber todas as transformações, e muito menos as ações sucessivas, produzidas por qualquer medicamento, desde o momento em que é absorvido, até a extinção total de sua energia, no organismo, apesar disso, a Homeopatia tem um recurso valioso para guiar o clínico na escolha do “remédio ótimo” para cada caso — a lei dos semelhantes.

Estribados nessa lei natural, embora aturdidos pelos mistérios dos fenômenos fisiopatológicos, os homeopatas sabem, têm a certeza, que indicam, para cada caso, o melhor remédio, o que cura mais suave, rápida e permanentemente — o remédio homeopático ao quadro mór-

bido de cada doente. E porque escolhem o “melhor” remédio aquele de cuja energia o organismo mais necessita para estimular suas defesas naturais, segue-se que, em doses mínimas, a guisa dos fermentos e dos catalisadores, o remédio homeopático pode provocar um efeito aparentemente assombroso, quase inacreditável. Aliás, refletindo sem paixão, é tão assombroso que os micróbios causem infecções quanto que os remédios homeopáticos determinem a cura das doenças. Ambos atuam no terreno dos infinitesimais. É sabido que a hipótese de serem os micróbios os responsáveis pelas moléstias infectuosas surgiu nitidamente no cérebro privilegiado de Pasteur por uma feliz analogia com o fenômeno da fermentação, que tanto absorvera a atenção daquele sábio. Só agindo com os fermentos, as mínimas doses de toxinas microbianas podem transformar tanta matéria, a ponto de perturbar a harmonia do organismo até à morte! E, se doses mínimas de certas substâncias podem causar distúrbios tão graves, por que doses mínimas de um medicamento não podem corrigir tais distúrbios? É mais fácil auxiliar o organismo a reequilibrar-se do que provocar-lhe um desequilíbrio qualquer. A cada momento, os organismos vivos põem em jogo um complexo mecanismo de defesa, que os colocam a salvo das inúmeras agressões internas e externas. Adoecer não é tão fácil quanto se imagina geralmente. Se fácil fosse, tal a ignorância, a imprevidência, o descaso mesmo, com que a maioria dos homens trata de aprender e de submeter-se às melhores condições para a conservação da saúde, que, forçosamente, a situação da humanidade terrena seria mil vezes mais lastimável do que a atual, se, porventura, a raça humana não estivesse inteiramente extinta.

De resto, no fenômeno da cura, há um fato curioso a consignar: — o organismo manifesta uma sensibilidade particular pelo remédio que necessita, e só o aceita em doses mínimas. Assim como o faminto precisa de alimento, o doente precisa do remédio homeopático à sua doença, isto é, do remédio de ação semelhante à da causa morbígena. Mas, assim como o faminto pode até morrer, se, depois de vários dias de jejum, ingere grande quota de alimentos, o doente terá seus males agravados, se receber o remédio homeopático em doses maiores.

Em conclusão: a “lei dos semelhantes” é como uma bússola, que orienta o homeopata, mostrando-lhe o rumo do remédio homeopático de cada caso, remédio que, por ser aquele que o organismo mais precisa e para o qual apresenta maior sensibilidade, atua em doses imponderáveis, dinamicamente, mercê da energia específica que contém, e donde derivam suas propriedades terapêuticas.

Dadas estas explicações, embora não as revistam as galas da erudição, espero que os que me distinguem com a leitura destas anêmicas crônicas semanais, tenham encontrado uma base para a compreensão do efeito dos medicamentos dinamizados.

Quanto aos que teimam em ver, nestes efeitos uma ação sugestiva, desejo sinceramente que me digam como poderão explicar as curas de crianças nos primeiros meses de existência, refratárias, como são, às influências sugestivas, bem como a cura dos irracionais, obtidas diariamente pelos veterinários homeopatas!...

Coluna homeopática XIV

Ainda existem, inúmeras pessoas que imaginam sejam as curas homeopáticas muito mais um prodígio de mágica, ou um milagre de fé, do que propriamente o resultado da ação curativa dos medicamentos.

E, de fato, à primeira vista, semelhante conceito parece razoável. Eu mesmo, em virtude da falsa orientação científica que recebi da Medicina oficial, nunca suspeitei, durante os anos que pratiquei a clínica alopática, do extraordinário valor do método de Hahnemann. Convencido de que muitos males se curavam apesar dos remédios, atribuí as curas homeopáticas à ação sugestiva, nada mais. Foi-me necessário presenciar vários insucessos da terapêutica alopática, rapidamente solucionados pela Homeopatia, para me convencer da verdade. Por isso mesmo, sou indulgente para os que duvidam e, até, para os que zombam... A razão principal da descrença reside, porém, na ilusão de que a Homeopatia consiste, apenas, em dar doses pequenas, imponderáveis e inócuas. Não. A Homeopatia consiste, sobretudo, em aplicar sempre, sistematicamente, o remédio de acordo com uma lei de cura. Enquanto na Alopatia a preocupação é o diagnóstico da doença e a aplicação dum específico, na Homeopatia a finalidade é a seleção do remédio individual, de acordo com a “lei dos semelhantes”. Noutras palavras: o homeopata estuda cada caso isoladamente, sem se preocupar com o diagnóstico da doença, porque sabe que a “doença” é um conceito abstrato e que não há dois indivíduos em que a mesma doença se manifeste exatamente com os mesmos sintomas, enquanto que, para aplicar a lei dos semelhantes, precisa considerar “todos” os sintomas lesionais, funcionais, e mentais, sem desprezar nem um, sequer. Portanto, na Homeopatia, não há específicos: o tratamento é individual. Não há remédio para a pneumonia, nem para o tifo, nem para o tétano, nem para o crupe etc., considerados como entidades nosológicas, não; há, sim; e ótimos, remédios para cada pneumônico, para cada tífico, para cada tetânico etc. E a explicação é fácil. Para conhecer a ação dos medicamentos homeopáticos, experimenta-se o efeito das drogas no organismo de um homem em plena saúde: todos os sintomas são cuidadosamente anotados. Quando o homeopata se depara com um doente, seja de que doença for, aplica o remédio que no homem são, produz um quadro sintomatológico semelhante ao quadro mórbido desse doente. A cura é rápida. Isto é um fato de observação, ao alcance de qualquer um. Não depende de fé. Nem é sugestão. Porque a maioria dos que hoje se tratam pela

Homeopatia, quando dela se valeram a primeira vez, não tinham fé. Procuraram-na em desespero de causa, desenganados, muitas vezes, pela Medicina Alopática.

Todavia, o sucesso depende sempre, de aplicação correta da lei dos semelhantes. E isto é muito difícil. Só é possível quando o médico examina criteriosamente o doente. Razão porque não se pode dar um remédio homeopático pelo telefone ou por uma simples indicação, coisa muito possível na Alopacia onde se consegue debelar um sintoma isolado — seja dor de cabeça, seja dor de estômago, diarréia etc., — mas impossível na Homeopatia, onde não se logra extinguir um sintoma incômodo se, ao mesmo tempo, não se curam todos os sintomas que acompanham aquele para o qual o doente pede lenitivo. Porque a lei dos semelhantes, para ser aplicada com perfeição, impõe que se considere sempre o conjunto dos sintomas, e nunca um sintoma isolado. E a “lei dos semelhantes”, é a alma da Homeopatia. É em virtude dela que os medicamentos, em doses infinitesimais, têm um efeito miraculoso! Está demonstrado, por longa experiência clínica, que o organismo enfermo é muito sensível ao remédio, quando ministrado de acordo com a lei dos semelhantes. Um exemplo: o Ácido Fórmico determina, no homem são, um quadro sintomático muito semelhante ao artritismo. Pois bem; as investigações de Zimmer, da Universidade de Berlim, demonstraram que o artrítico reage, violentamente, a uma dose duzentos e cinquenta mil vezes menor desse ácido do que um sujeito sadio. Se toda gente soubesse que o organismo doente é hipersensível ao medicamento receitado pela lei dos semelhantes, compreenderia, também, porque os remédios homeopáticos só podem ser ministrados em doses mínimas. É um fenômeno parecido com o da alergia. Todo mundo bebe leite, por exemplo, e nada sente de anormal; ao contrário, fortifica-se. Mas se um alérgico tomar uma gota de leite (uma gota — notem bem!) pode sofrer uma reação tão enérgica que é capaz de fulminá-lo! Isto está provado pelos alergistas. Por que duvidar, então, da dose homeopática, desde que ela atua, sempre, num organismo hipersensível ao medicamento receitado pela lei dos semelhantes?

Coluna homeopática XV

A humanidade está hipnotizada pela alucinante propaganda radiofônica dos produtos farmacêuticos. De manhã à noite, milhares de locutores, no mundo inteiro, azucrinam a paciência dos radiouvintes, e impingem aos incautos uma infinidade de “específicos” para todos os males. A Medicina resvala, destarte, do augusto tabernáculo onde pontificam os sacerdotes da Ciência, — o Consultório médico, — para o balcão voraz e irresponsável dos exploradores da publicidade. E o pior é que a vazão do caudal desta publicidade capciosa e sensacional não se processa, apenas, através da verborragia dos locutores: alastra-se, outrossim, ora sorrateiramente num telegrama forjicado, ora brutalmente num anúncio escandaloso, através da imprensa leiga e dos cartazes berrantes. O resultado será fatalmente a desmoralização da Medicina e o desprestígio social do médico. Dando ao doente a ilusão duma eficiência infalível, e, dia a dia, amargurando-lhe a vida com a decepção da ineficácia dos medicamentos tão eloqüentemente propalados, é evidente que, mais cedo ou mais tarde, acabará revoltado com a Medicina e abespinhado com os esculápios. E o mais lamentável de tudo isso é que a culpa não cabe toda inteira aos exploradores da Medicina, aos negociantes apatacados que se imiscuem, como intermediários, no comércio das drogas. Não. Cabe, também, em grande parte, à errônea orientação da Medicina oficial, que preconiza “específicos” para numerosos males, quando, na verdade, os casos são, sempre, individuais. Até mesmo nos casos de evolução essencialmente crônica, como a sífilis, observa-se o fato. Há sífilíticos que se dão bem com Arsênico, por exemplo, mas se sentem mal com Bismuto, ou com Mercúrio, e vice-versa. Uma observação mais profunda evidenciaria que as manifestações clínicas são muito diferentes nos diversos casos, e que, por conseguinte, a indicação do medicamento deveria ser rigorosamente feita. Teoricamente a Alopátia preconiza isto mesmo; mas, na prática, acaba dando, em séries, os três anti-sifilíticos, porque não sabe, realmente, distinguir as características de cada um deles... E isto nos estados crônicos, cujos sintomas estão estabilizados e pouco variam de um para outro doente. Porque nos estados agudos a desorientação é muito maior. Até nos casos cuja etiologia é bem conhecida, como a difteria, nunca a cura é obtida, exclusivamente, com o soro, que é considerado o específico. Emprega-se, concomitantemente, um tratamento sintomático, o que demonstra que a confiança no “específico” não é lá muito grande...

Aliás, se meditarmos um instante no destino de tantas e tantas drogas, outrora tidas e havidas como infalíveis, e, hoje, inteiramente relegadas da arte de curar, somos forçados a duvidar dos prodígios dos “específicos”, isto é, dos remédios “infalíveis” para cada espécie de doença...

Desse mal, felizmente, se livrou a Homeopatia. Os homeopatas sabem que a doença é individual e individual deverá ser sempre o tratamento. Noutros termos: uma doença, qualquer que seja, não se manifesta nunca exatamente idêntica em dois indivíduos; há sintomas comuns, que aparecem em todos os doentes, mas há, em compensação, sintomas pessoais, característicos da constituição de cada enfermo. A Alopacia toma como ponto de referência, para diagnóstico e tratamento, os sintomas comuns, patognomônicos da doença; o homeopata, ao contrário, orienta-se pelos sintomas raros, pessoais, característicos do doente, e não da doença. Considera cada caso individualmente, e assim o trata. A consequência é que o remédio dá sempre bom resultado. Por isso, nunca um remédio homeopático caducará. Daqui a mil anos, os remédios atualmente prescritos, ainda serão receitados com a mesma confiança. Não cairão de moda, porque são receitados de acordo com uma lei da natureza — a lei dos semelhantes, que permite colocar em contacto com o organismo enfermo justamente o medicamento de que tem mais necessidade, para reequilibrar-se e adquirir a saúde.

Coluna homeopática XVI

Houve, outrora, muita mofa por conta das doses homeopáticas. Pândegos desocupados, postados às esquinas ou repoltreados nos cafés, afugentavam o tédio chacoteando as “agüinhas homeopáticas” e ridicularizando a fé dos doentes. Tal como sempre acontece com todas as grandes descobertas, a época dos apupos e das risotas havia de preceder à da reflexão e à da consagração. Mas agora já se pode asseverar que a Homeopatia venceu definitivamente. As curas se sucederam tão ostensivamente que nem o ridículo, nem a má fé, nem o despeito, nem os interesses econômicos, sacrificados puderam ofuscá-las!

Diariamente, no mundo inteiro, circulam revistas científicas relatando curas admiráveis. Na própria Alemanha, e em pleno regime nazista, o valor da Homeopatia foi galhardamente demonstrado. Hitler ordenou fosse nomeada uma comissão de catedráticos da Universidade de Berlim para fiscalizar, e dar parecer, a respeito do tratamento homeopático. Os médicos homeopatas se sujeitaram a tratar os doentes nas clínicas oficiais, num ambiente de hostilidade. Apesar disso, os resultados foram tão brilhantes, e o parecer da comissão tão taxativo, que o governo alemão resolveu oficializar a Homeopatia. Ora, uma doutrina médica que passou, incólume, através do crivo implacável do regime totalitário, e, sobretudo, que convenceu os expoentes da Ciência germânica acerca de sua eficácia curativa, não pode, nunca, dar motivo à galhofa e aos ditérios. Só os parvos ou os ignorantes poderão rir e zombar; riem e zombam, porém, porque ignoram a própria ignorância.

De fato, não só os conceitos modernos da Física e da Biologia, como também a mesma observação clínica impõem ao médico atilado e honesto a dedução lógica do poder curativo das doses infinitesimais. Todavia, ainda que os princípios científicos atualmente em voga se entrecocassem com os postulados homeopáticos, não se poderia menoscabar a Homeopatia, desde que, na prática, ela provasse a sua eficiência. A Ciência não é infalível, nem estática: é humana, e, portanto, progressiva e evolutiva. Por isso mesmo, a explicação dos fatos sofre modificações, à medida que a inteligência humana se amplia com os novos conhecimentos, constantemente adquiridos. É possível, pois, que a interpretação dos fatos, isto é, as teorias explicativas dos fenômenos observados na clínica homeopática sejam retificados com o evoluir da Ciência. Uma coisa não padece dúvida, entretanto: a eficiência da Homeopatia, e o valor curativo do remédio ministrado, consoante a lei dos semelhantes, e em dose infinitesimal, isto continuará sempre de pé. É uma verdade indestrutível.

Coluna homeopática XVII

Um dos fatores que mais influíram no meu espírito, quando, tocado pela evidência dos fatos, deliberei romper os liames que me prendiam à Medicina oficial e seguir o roteiro traçado pelo gênio de Samuel Hahnemann, foi a observação da facilidade com que a Homeopatia domina os sintomas subjetivos.

Bem sei que, para a maioria dos clínicos, certos queixumes não têm maior interesse. Quando o doente principia a esmiuçar as suas terríveis sensações desviam o curso da palestra. Chocam, muitas vezes, a sensibilidade do doente e dos amigos que o cercam; pois, ninguém pode compreender semelhante indiferença.

Há, no entanto, uma razão justificativa. Não é que o médico tenha o coração empedernido. Não. Está, apenas, mal orientado.

A Medicina oficial, a Alopata, deixou-se influenciar exageradamente pela Anatomia Patológica. Procurou buscar no cadáver o *substratum* material da doença. Fez da lesão o ponto crucial do diagnóstico. Desprezou, portanto, as doenças que não apresentavam lesões perceptíveis aos métodos de investigação clínica. Criou, até, um ambiente de hostilidade contra as chamadas doenças *sine materia*, como a história, por exemplo. Em suma: valorizou demasiadamente os sintomas objetivos e menosprezou os subjetivos. Resultado: para o médico alopata, o interessante não é propriamente aquilo que o cliente sente; é o que o médico percebe pela observação direta ou indireta. Ora, eu de mim confesso que, desde os bancos acadêmicos, nunca me pude conformar inteiramente com esta orientação. Porque, na verdade, se me mandassem escolher entre a cura duma lesão que não me causasse nenhum sofrimento e a eliminação duma sensação cruciante, não hesitaria um segundo: propenderia pela extinção do sintoma que me atormentava, embora continuasse com a lesão!

Isto de dizer a um paciente que ele não tem nada, que está nervoso, apenas, e que precisa reagir, talvez seja consolador para a família do cliente. Mas para o doente é terrível. Porque ele tem a consciência do seu padecer, e, não obstante, pela leviandade do médico, coloca-se diante dos seus entes mais caros na posição dum pusilânime, ou dum fingido!

Não. Há doenças sem lesões aparentes. Não são distúrbios mentais, ou imaginários. São perturbações funcionais, resultantes de microlesões imperceptíveis aos métodos clínicos, mas compreensíveis à luz da Fisiologia. E estas alterações funcionais, tão desprezadas

ainda, marcam, na verdade o início de todos os estados mórbidos. Devem, por conseguinte, absorver a atenção dos clínicos. Nelas está a chave, não só para evitar futuras complicações muito graves, como para a obtenção das curas mais rápidas e perfeitas.

A Homeopatia, ao experimentar a ação dos seus medicamentos no organismo humano, colheu uma messe abundante de sintomas subjetivos, que surgem no decorrer das experimentações. Com isso, provou que a maioria dos sintomas subjetivos não são imaginários, porquê aparecem, sistematicamente, num grupo de indivíduos submetidos à ação de dada substância, sem que cada um deles saiba a droga que ingere. Vou exemplificar: suponhamos que um grupo de pacientes submetidos à influência duma droga, cuja ação se quer conhecer, acusou dentre outros, um sintoma aberrante: sensação que a cabeça, de repente, cresceu, ficou enorme. Ora, se nem um só dos pacientes sabia a substância que estava sendo experimentada, e se todos acusaram a tal sensação de “cabeça grande”, não vejo como atribuir este sintoma a um distúrbio mental, ou imaginário. Não. A droga provoca, de fato, uma perturbação sensorial, cujo *substratum* anatômico é imperceptível à investigação clínica. Nem por isso, todavia, deixa de ser real.

De posse desse extraordinário repositório de sintomas subjetivos que despontam durante as experimentações medicamentosas, e aplicando a “lei dos semelhantes”, a Homeopatia obtém curas admiráveis! Foi o caso duma moça, que me procurou, atormentada pela sensação quase permanente, de que seu coração ia parar. Dei-lhe um remédio que, experimentado no homem são, provoca esta terrível sensação — e a cura foi rápida!

Coluna homeopática XVIII

Um dos melhores argumentos contra a Homeopatia era a alegação de que, da quinta dinamização em diante, não havia mais remédio algum, quer nas tinturas, quer nas pastilhas homeopáticas. E a prova invocada era que as reações químicas, por mais sensíveis, não revelam sequer, a presença de traços ou vestígios do medicamento.

De fato, à primeira vista, o argumento parece decisivo. E, sendo assim, a cura homeopática correria por conta da sugestão, apenas. Pelo menos nos casos em que a dinamização ultrapassasse a escala da quarta dinamização.

Não obstante, criteriosamente analisado, o argumento é frágil; bem frágil até. Por vários motivos. Em primeiro lugar, as reações químicas características das diversas substâncias só se efetuam quando os elementos entram em contacto em proporções definidas. É uma lei muito conhecida. De sorte que não basta existir o remédio no tubo de ensaio para que o reativo específico revele a sua presença. Necessário é que, entre os dois elementos, haja determinada proporcionalidade.

Ora, está demonstrado que as doses infinitesimais não obedecem a lei das proporções definidas. A quantidade de remédio existente numa quinta dinamização homeopática é, positivamente, infinitesimal. Logo, a reação não se efetua. Portanto, o remédio não se revela.

Isto posto, uma dúvida se manifesta. Como saber, então, que nas altas diluições homeopáticas existe alguma energia curativa, e que os prodigiosos efeitos dos remédios homeopáticos são devidos à fé, ou a auto-sugestão?

É muito fácil. Porventura uma criança recém-nascida poderá ter fé na Homeopatia? Acaso um lactente, nas primícias da vida, será sugestionável a ponto de curar-se de gravíssimas enfermidades sem remédio, só com gotas de álcool ou pastilhas de açúcar de leite, será? Não; não é crível tamanho absurdo.

Então, pelos próprios efeitos provocados no organismo enfermo temos a prova provada da existência duma grande energia curativa nas minúsculas doses homeopáticas!

Além disso, está demonstrado pelos próprios investigadores alopatas, que uma dose, tão pequena que se não revela aos reagentes químicos, pode causar efeitos brutais sobre o organismo humano. Já, em 1931, Urbach chamava a atenção do mundo científico para o seguinte fato: nenhum método químico conhecido é capaz de revelar a presença da proteína, que é a substância fundamental do organismo, diga-se de

passagem, — desde que a diluição atinja a proporção de 1 para 100.000, ao passo que um método biológico, o teste cutâneo, demonstra a presença da proteína até numa diluição de 1 para 1.000.000.000! Note-se: a primeira diluição corresponde exatamente à quinta, e a segunda à nona da Homeopatia. Portanto, é um grande cientista alopata que vem confirmar aquilo mesmo que nós, homeopatas, sempre proclamamos: que, pelo fato da reação química não revelar, não se segue que não haja remédio numa dose homeopática. O revelador, para a dose homeopática, é o próprio organismo doente, que se torna hipersensível ao remédio escolhido de acordo com a lei dos semelhantes!

Coluna homeopática IXX

Ainda há muita gente — e gente boa, de cultura — que imagina que o tratamento homeopático consiste, apenas, em aplicar doses pequeníssimas, com o intuito de não intoxicar o organismo. Seria, destarte, uma espécie de tratamento alopático em câmara lenta...

O curioso, porém, é que o princípio básico, a alma da Homeopatia — digamos assim — não é absolutamente a dose infinitesimal; é uma lei terapêutica formulada nestes termos: *similia similibus curantur*, que, em vernáculo, se poderá traduzir dizendo que os semelhantes se curam com semelhantes, ou, mais explicitamente, que as doenças se curam com os medicamentos que provocam sintomas semelhantes a elas.

Assim: uma gripe, por exemplo, cura-se com o remédio que provoca, no homem são, um quadro sintomático parecido com o do estado gripal; uma disenteria amebiana, da mesma forma, desaparece sob a ação duma droga que determina uma sintomatologia semelhante ao do referido estado mórbido.

De modo que, em aplicando a “lei dos semelhantes”, pratica-se Homeopatia, consoante indica a formação da palavra, sem que necessário seja o emprego de doses infinitesimais. Por exemplo: se receito Arsênico para um caso de *psoríasis*, estou, de fato, praticando Homeopatia, porquanto esta droga tem, sobre a pele, uma ação eruptiva e destruidora muito semelhante ao quadro sintomático da *psoríasis*. Tanto faz que aplique o medicamento em doses ponderáveis. Desde que aplique a lei dos semelhantes, faço Homeopatia.

Do mesmo modo, quando indico a radioterapia no câncer, não fujo da diretriz hahnemanniana. O rádio provoca o câncer, o rádio cura o câncer — esta é a lei. Todavia, há uma particularidade importantíssima: quando se aplica a lei dos semelhantes, o organismo reage brutalmente, com uma tremenda intensidade. Doses perfeitamente suportáveis, quando ministradas apenas pelo uso empírico, como se procede geralmente na terapêutica “clássica”, provocam, não obstante, reações temíveis, se prescritas para um medicamento selecionado de acordo com a lei dos semelhantes. O próprio Hahnemann se surpreendeu com o fato. Quando, desiludido da Medicina de sua época, deliberou reformá-la inspirando-se nos princípios hipocráticos, estava longe de supor a hipersensibilidade orgânica em face de remédios escolhidos pela lei dos semelhantes. O fato, despercebido aos antigos esculápios, porque eles, na verdade, nunca puderam aplicar a lei dos semelhantes. Aplicavam, somente, analogias grosseiras. Uma planta de suco amare-

lo, cor de bÍlis, era logo considerada medicamento hepático; outra de folhas cordiformes, em formato de coração, era receitada para os cardíacos, etc...

Como se vê, não se tomava em consideração o efeito de cada droga, andava-se às apalpadelas, tateando analogias, entre as formas, as cores, a consistência etc., das plantas e drogas medicinais, e as formas, as cores, a consistência etc., dos órgãos do corpo humano, tudo numa maneira muito imperfeita, pois o próprio estudo anatômico era vedado no corpo humano. Mesmo assim, por incrível que pareça, este método grosseiro permitiu aos médicos da antiguidade a descoberta de alguns medicamentos preciosos como a *Digitalis* e o *Chelidonium!*

Coube, entretanto, a Samuel Hahnemann a glória de mostrar o roteiro mediante o qual poderia conhecer, de fato, a ação verdadeira de cada medicamento: a experimentação no organismo do homem em perfeito estado de saúde. E quando, já conhecedor da ação de alguns medicamentos ensaiados sobre seu próprio organismo, Hahnemann pôde aplicar corretamente a lei dos semelhantes, a reação manifestada nos doentes foi tão violenta que ele resolveu diminuir cada vez mais as doses. Contra sua própria expectativa, as curas se processaram cada vez em melhores condições. A medida que as reações se tornavam menos intensas, o restabelecimento dos doentes se efetuava mais depressa. Era lógico, por conseguinte, que, indutivamente, se empregassem doses pequenas sempre que se aplicasse a lei dos semelhantes. A experiência clínica demonstrou a hipersensibilidade do organismo em face dos medicamentos receitados de acordo com a lei dos semelhantes, da mesma forma que as modernas investigações científicas comprovaram a hipersensibilidade do organismo alérgico em presença dos alergênicos. Fica, portanto, perfeitamente justificado por que o homeopata lida geralmente com doses infinitesimais!

Todavia, além deste fato importantíssimo — hipersensibilidade do doente em face do remédio homeopático — há no emprego das doses homeopáticas, outro fator não menos importante: a modificação do poder dinâmico dos medicamentos sob a influência da diluição e da dinamização homeopática, modificação muito compreensível atualmente, mercê da evolução da Física Atômica!

Coluna homeopática XX

Numa de suas páginas mais profundas, Pascal deixara assinalada, com a clareza de um espírito geométrico, a desconcertante incapacidade do homem para desvendar o mistério de certas verdades transcendentais.

Aturdido entre dois infinitos, sentindo-se infinitamente grande em relação ao infinitamente pequeno, e infinitamente pequeno em relação ao infinitamente grande, o homem de gênio pressente, há de pressentir forçosamente, que aquém e além dos seus cinco sentidos, dois Universos — um macrocosmo e um microcosmo — desafiam eternamente a argúcia dos mais sábios investigadores...

Condenado, em virtude de sua própria organização física e mental, a não discernir a essência das coisas, a coisa em si, o “neumeno”, para nos valermos da expressão de Kant, o sábio vai, gradativamente, a pouco e pouco, através dos séculos, construindo os esquemas provisórios da Ciência e, à custa de sucessivas retificações, é que obtém, penosamente, uma imagem que se aproxima cada vez mais da realidade das coisas. Cercado pela contingência dos sentidos e coarctado pela relatividade da razão, o espírito humano não percebe nem concebe senão uma fração quase ridícula dos fenômenos universais. Subentende-se, em consequência, que não pode haver uma Ciência perfeita, acabada, definitiva. Na realidade, a Ciência está sempre, incessantemente, em constante evolução, subordinada, como é, ao progressivo desenvolvimento intelectual do homem. Assim sendo, é natural que o que, hoje, se nos afigura a lídima expressão da verdade, amanhã, não se nos apresente mais senão como um esboço nebuloso de uma realidade fugidia...

Por isso, Montaigne, observador percuciente como se revelou em *Os Ensaíos*, mandara gravar indelevelmente, em letras berrantes, na sala de sua biblioteca, o seguinte dístico: “Não são os fatos, são as teorias que perturbam os homens”.

Não é para admirar, portanto, que a teoria de Hahnemann, o criador da Homeopatia, relativa à ação das pequenas doses medicamentosas, ainda presentemente, provoque um sorriso de mofa, naqueles que não quiseram entrar em contacto direto com os fatos. Entretanto, a teoria de Hahnemann não é fruto da especulação pura. Nasceu da necessidade de explicar um fato diariamente confirmado pela clínica homeopática. Ainda que sua teoria estivesse errada — o que não está demonstrado — a Homeopatia continuaria de pé,

porque é fato de observação que as doses infinitesimais, aplicadas de acordo com a lei dos semelhantes, curam, rapidamente, as mais diversas moléstias. De resto, muitos fatos comprovam a influência decisiva dos infinitesimais nos fenômenos biológicos. As diástases, por exemplo, indispensáveis ao desdobramento de inúmeras reações vitais, imprescindíveis, portanto, à manutenção da própria vida, atuam em doses infinitesimais, transformando quimicamente uma quantidade de matéria infinitamente superior ao seu peso, e sem que qualquer método científico possa acusar o mínimo dispêndio de fermento! Temos, pois, o exemplo de numerosas substâncias, que, sobre agirem em doses infinitesimais, não desgastam, apesar de provocarem enormes transformações químicas. A única explicação plausível para o fato seria a admissão de que tais substâncias atuam dinamicamente, por um movimento vibratório transmissível a certos elementos químicos com os quais entram em contacto, excitando-lhes, então, as afinidades químicas e determinando a reação. Numa palavra: a fermentação, em última análise, se reduziria a um mero fenômeno físico. Continuemos, contudo, a apontar fatos em favor do poder dos infinitesimais. Sabe-se, por exemplo, que numerosas substâncias podem, em doses infinitesimais, provocar notáveis fenômenos fisiológicos.

Pondo à margem os hormônios, que, em doses ínfimas, estimulam, e mantêm o equilíbrio funcional de todos os órgãos do corpo; desprezando o caso das vitaminas, que, também, em pequeníssimas porcentagens, regularizam todas as transformações metabólicas dos alimentos, restam-nos, ainda, de sobra, numerosas substâncias, como as antitoxinas, as hemolisinas, etc., cujas ações se fazem sentir, em doses mínimas. Mais ostensivo, no entanto é o efeito de certos venenos, como os das serpentes, que em doses quase imponderáveis, já fulminam o homem, em flagrante desproporção, portanto, de causa e efeito. Típico, outrossim, é o exemplo das toxinas microbianas. Não são os micróbios, em si, os causadores dos grandes malefícios: são os venenos, que eles fabricam, que determinam tantas calamidades! Pois bem: as toxinas dos bacilos do tétano e da difteria podem matar um peso de matéria viva equivalente a 100 milhões de vezes o peso destes venenos. Mais explicitamente: com um grama de um destes venenos matam-se 1666 homens, com um peso médio de 60 kg! Portanto, sobejam, na prática, exemplos de doses mínimas causando efeitos enormes. Efeitos químicos, efeitos fisiológicos, efeitos patológicos. Por que recusar-se, então, *a priori*, o valor dos infinitesimais homeopáticos? Porventura, a prática não prova que eles curam de fato? Que importa, sob o ponto de vista médico, que a Matemática não encontre mais matéria, depois de um certo grau de diluição; que importa que o químico não possua reagente algum capaz de revelar qualquer substância numa alta diluição homeopática; que importa, também, que o físico não tenha um “revelador” para a energia medicamentosa pre-

sente num vidro de Homeopatia; que importa, tudo isso, se na prática, um fato é indiscutível: — o organismo vivo responde ao remédio, e responde claramente, positivamente, insofismavelmente, revelando, portanto, que onde a Ciência nada pôde encontrar, há, de fato, uma energia imensa, capaz de provocar efeitos surpreendentes!

E de todo em todo prudente que o matemático se recorde, antes de tudo, que não é a “massa” que cura, e sim a “energia” específica de cada medicamento; que o químico não se esqueça que a célula viva é tão sensível ao efeito de certas substâncias que cogumelos existem, que não vingam, quando cultivados em vasos de prata, embora nenhum reativo, por mais sensível, seja capaz de revelar traços, sequer, do metal no meio de cultura; e que, finalmente, o físico tenha presente o fato de que inúmeras forças devem existir ainda na natureza, que nem pressentidas foram, quanto mais reveladas, e que, assim como os sais de prata revelaram, no espectro solar, uma zona invisível — exatamente a de maior atividade química — é bem provável que, futuramente, se obtenha um meio de revelar e medir a energia dos medicamentos homeopáticos. Até lá, porém, o juiz será o doente, e o “revelador” o corpo humano!

*Similia
Similibus...I*

Antigamente o sujeito, que se confessasse partidário da Homeopatia, seria, logo, fustigado com uma boa risota de escárnio, pelo primeiro sabichão, que topasse no caminho. Como todas as descobertas do gênio humano, a doutrina de Hahnemann teve de arrostar, a princípio, um período crítico, de incompreensão e ridículo. Revolucionando completamente as idéias predominantes na Medicina da época, era natural que os interesses feridos e os despeitos espicaçados redundassem numa feroz hostilidade, àquele cujo olhar aquilino desvendou uma nova via de acesso, nos fraguedos escabrosos da arte de curar... À medida, porém, que os ânimos serenaram e as paixões decantaram, a reflexão iluminou os espíritos conturbados, e, por um comezinho sentimento de justiça, fez o milagre de transformar adversários intransigentes em adeptos fervorosos, congregando, em torno da figura majestosa do Mestre, muitos nomes aureolados nas lidas da profissão. Mas apesar de tudo, ainda hoje, depois de mais de um século de sucessos admiráveis, de curas famosas, de verdadeiras ressurreições, poucas pessoas formam um conceito justo do que seja realmente a Homeopatia. Para a grande maioria, Hahnemann foi um visionário. Sonhou, como um bom sonhador, uma terapêutica muito poética e muito ineficaz; nada mais. Onde já se viu curar com agüinhas? Perguntam, duvidosos, os cépticos afeitos às doses maciças e agressivas.

Outros, não obstante, são mais razoáveis. Admitem mesmo um certo efeito; mas um efeito muito lento, capaz de pôr à prova a paciência de um novo Job... A verdade, entretanto, é que, os que pensam dessa maneira, nunca estudaram a doutrina de Hahnemann, nem experimentaram, sequer, uma única vez, algumas gotinhas das tais agüinhas. Se não, mudariam de opinião, como nós mesmos mudamos. O erro é justamente este: partem duma premissa falsa, supondo que os medicamentos da Homeopatia são idênticos aos da Alopacia, apenas com a diferença de serem ministrados extremamente diluídos. Concluem, então, com aparências de razão, que, sendo fraca a dose, fraco deve ser o efeito!

Mais do que qualquer explicação, sobre a transformação sofrida pelo medicamento, no decurso da preparação homeopática, — e aqui reside, sobretudo, a descoberta genial de Hahnemann, — valeria a auto-observação, que cada qual pode fazer, do efeito surpreendente, rápido e prodigioso, de uma simples gotinha de medicamento dinamizado.

Acresce, todavia, uma circunstância de suma gravidade. Os medicamentos homeopáticos só surtem efeito, se receitados de acordo com uma lei, assim formulada: — *similia similibus curantur*. Ora, se os semelhantes com os semelhantes se curam, antes de tudo, se torna indispensável conhecer a ação dos medicamentos, no organismo humano. Só assim, será possível empregar, numa doença qualquer, um remédio que tenha a propriedade de provocar, no organismo humano, efeitos semelhantes aos sintomas observados na moléstia. Por exemplo: a *Ipecacuanha*, ou poaia, numa dosagem subtóxica, provoca náuseas, vômitos, estado vertiginoso, com palidez, suores frios etc.. Se a dose for aumentada, ou se a tolerância individual for menor, surgem muitos outros sintomas — cólicas, disenterias, opressão respiratória, semelhante à da asma, etc. Pois bem; a *Ipecacuanha*, porque provoca estes sintomas, cura também as doenças que apresentam tais sintomas, trata-se duma indigestão, duma disenteria amebiana, ou duma crise de asma. Portanto, uma primeira advertência se impõe aos neófitos: — a Homeopatia não trata pelo diagnóstico da doença; não procura um específico para cada moléstia. Vai além: escolhe um específico para cada doente. Um mesmo remédio — *Ipecacuanha* — pode servir para várias doenças — indigestão, disenteria amebiana, asma, etc. Por outro lado, uma mesma doença (asma) — pode requerer o emprego de vários remédios, de acordo com o conjunto dos sintomas que apresente nos vários doentes. Por exemplo: a asma ora será debelada com *Ipecacuanha*, ora com *Arsenicum album*, ora com *Aconitum napellus*, etc. À primeira vista, parece, então, que o homeopata atua da mesma forma que qualquer outro clínico: tateando até acertar. Dá um medicamento. Se o resultado não corresponder à expectativa, dará outro e, assim, sucessivamente. Pois erra redondamente quem assim supuser. O homeopata, porque emprega os remédios, orientando-se por uma lei natural — imutável — sabe, *a priori*, se tal caso de asma deverá curar-se com *Ipecacuanha*, ou com *Arsenicum*, ou com *Aconitum*, etc.

Para isso, precisa de conhecer a ação dos remédios sobre o organismo humano, — e não sobre o organismo dos animais de laboratório, conforme a grande ilusão da Medicina oficial — e, mais do que isso: precisa de receitar o medicamento de acordo com a lei dos semelhantes.

Quem não procede deste modo, não é homeopata. Quem não se tratou com um profissional capaz de aplicar a lei de cura, não provou os efeitos admiráveis da “divina” Homeopatia, conforme a expressão de Hahnemann.

Porque, em síntese, o tratamento homeopático consiste em receitar o medicamento dinamizado, e de acordo com a lei dos semelhantes.

Similia Similibus...II

Toda arte tem o seu segredo, o seu “pulo da onça”, para valer-se da pitoresca expressão do matuto indígena. A mais nobre dentre todas, — “arte divina”, como a cognominou o venerando discípulo de Esculápio, a arte de curar possui também, e nem poderia deixar de possuir, a sua incógnita. A Homeopatia, que, como arte de curar, é incontestavelmente, um requinte de aperfeiçoamento, pois, restabelece a saúde de modo mais agradável possível, não está, contudo, isenta desse X, que é apanágio dos iniciados nos mistérios da sua técnica particular.

Como é notório, a bússola que nos orienta a nós médicos homeopatas é a lei dos semelhantes: *similia similibus curantur*, os semelhantes curam-se com os semelhantes. Vale dizer que, para debelar uma doença, empregamos sempre um medicamento capaz de provocar, no organismo são um estado mórbido análogo. Assim: curamos uma nevralgia, uma cólica ou uma febre, por exemplo, com remédios que provocam nevralgia, cólica ou febre... Parece paradoxal; mas é correto.

Aliás, se atentarmos no fato de que um mesmo medicamento possui efeitos muito diferentes, consoante as doses em que se prescreve e que, nos dois extremos limites terapêuticos — doses alopáticas, tóxicas, de ação química, e doses homeopáticas, infinitesimais, dinâmicas, de ação físico-química — os efeitos são contrários, e não idênticos, compreenderemos facilmente a razão do aparente absurdo. Se a dose homeopática tem ação diametralmente oposta à dose alopática, e se o alopata indica seus remédios estribado na “lei dos contrários”, ao passo que o homeopata se orienta pela “lei dos semelhantes”, é claro que no fim das contas, todos dois introduzem no organismo doente uma energia que atua em sentido contrário à doença. Partem de pontos diferentes e seguem direções opostas, mas topam no meio da estrada...

Observada a “lei dos contrários”, o organismo é “resistente” a ação do medicamento que só atua em dose química curando por intoxicação; obedecida a “lei dos semelhantes”, o organismo é “hipersensível” à ação do remédio, que age como um catalisador, estimulando a vitalidade das células afetadas, sem lhes alterar a integridade física.

Não se imagine, porém, que a Homeopatia logrou tal maravilha por um simples acaso. Que a “lei dos semelhantes” é a lei natural de cura, quando se pretende agir diretamente sobre o organismo afetado, e não sobre a causa externa que o afetou, isso já fora previsto de tem-

pos imemoriais. No vetusto *Tratado das Leis e do Homem* de Hipócrates, o “pai” da Medicina, encontram-se aforismas deste teor: “A moléstia é produzida pelos semelhantes e é pelos semelhantes que os doentes readquirem a saúde”. E, também, estoutro: “A febre é suprimida pelo que a produz, e produzida pelo que suprime”. Fato notável: durante mais duma centena de anos os homeopatas foram ridicularizados, quando, com Hahnemann, e baseados nas experiências pessoais desse abnegado precursor e de numerosos experimentadores, afirmavam que a quina provoca no organismo sã, um estado febril semelhante ao paludismo. Agora, só agora, os alergistas alopatas dão a mão à palmatória. Um deles, e dos mais reputados, Urbach, ao estudar a febre causada pela alergia medicamentosa e depois de salientar que, com doses mínimas de produtos químicos, o indivíduo alergizado pode ser acometido por temperaturas superiores a 40 graus, escreveu textualmente que a observação era muito curiosa “principalmente por se tratar de antipiréticos”, isto é, de remédios que abaixam a temperatura: enfim, antes tarde do que nunca — diz o adágio, e eu também... Mas, embora pressentida pelos esculápios da antiguidade, e proclamada através das idades por médicos de grande fama, como Paracelso e Stahl, ou reconhecida, a medo, por vultos de grande projeção científica, como Trousseau e Huchard, o fato é que a “lei dos semelhantes” nunca fora corretamente aplicada, antes do genial fundador da Homeopatia.

Muito simples a razão. Não se conheciam exatamente as ações dos medicamentos. Quase sempre, os antecessores de Hahnemann, partidários da terapêutica dos semelhantes perdiam-se, desorientados, em grosseiras analogias. Se a conformação duma folha lembrava o coração, valiam-se da planta para as doenças deste órgão; se o suco de tal outra se assemelhava a biles, receitavam-na para as doenças do fígado; se, porventura, encarnado feito sangue fosse o suco, nas hemorragias, seria aplicado... Parece incrível que, com tão precário critério, se descobrissem remédios preciosos, como o nosso afamado *Chelidonium* e o nosso não menos prestimoso *Hypericum*!

O espírito atilado de Hahnemann não se deteve, todavia nas analogias: penetrou no cerne do problema. Estipulou como única base racional para se conhecer a ação dos medicamentos, a experiência em homens sãos. À força de ingerir intermitentemente, pequenas doses da substância cujo efeito se deseja conhecer, o organismo torna-se hipersensível à droga, manifestando-se no fim de maior ou menor lapso de tempo, consoante a sensibilidade de cada auto-experimentador, uma série de distúrbios — alterações psíquicas, sensoriais, funcionais e lesionais, conforme se prolongue mais, ou menos, a experimentação. O conjunto desses sintomas é o que se chama “patogenesia” do medicamento, espécie de repertório de todas as ações desenvolvidas no corpo humano por cada medicamento. Agora, sim, de posse dessas

patogênesias, o médico fica munido do material indispensável à aplicação da lei de cura. Quando encontra um doente com sintomas parecidos aos registrados na patogênesia dum medicamento, qualquer que seja a doença, não há hesitar, é prescrever o remédio, que curará sempre, se o caso ainda for curável.

A Homeopatia e a “espanhola”

A guerra, a fome e a peste, são flagelos que se atraem. As páginas mais sangrentas da História estão, sempre, tarjadas de crepe pelas incontáveis vítimas da inanição e das epidemias, calamidades essas concomitantes, ou subseqüentes, à hecatombe dos campos de batalha.

É notório que, nas épocas dos grandes embates cruentos, o povo, na retaguarda, paga à morte um tributo muitas vezes mais oneroso do que o soldado, na linha de frente.

Por mais vulnerantes e agressivos que sejam, os engenhos de guerra não levam a palma, nessa macabra empresa de destroçar vidas humanas. Não. Os louros da carnificina, em todos os tempos, couberam às epidemias e à miséria, de parceria.

Não seria de estranhar, portanto, que, neste mundo conflagrado e freneticamente sacudido pelo furor duma guerra de colossais proporções, se observasse, dum momento para outro, a eclosão de tremendas epidemias.

É até surpreendente que tal desgraça não se tenha verificado ainda. O milagre só se explica, aliás, em virtude da providência e do rigor técnico com que os beligerantes, valendo-se da dolorosa experiência da guerra passada, e lançando mão de todos os recursos científicos disponíveis, organizaram os serviços de subsistência e de defesa sanitária.

Contudo, se, em grande parte, os malefícios de algumas epidemias têm sido brilhantemente afastados, mercê do esforço hercúleo e da capacidade profissional dos modernos sanitaristas, e, sobretudo, dos médicos militares, é inegável, por outro lado, que a Medicina oficial está, de fato, desarmada para subjugar a propagação fulminante da gripe espanhola, tal como sucedeu naqueles fatídicos dias de 1918.

Discutem ainda os doutores acerca do agente causal do *morbis*, e a Medicina alopática não descobriu, até ao presente, nenhum específico infalível para o tratamento eficiente.

Apesar de, em certas diretivas, a Medicina ter dado, nestes últimos tempos, um grande avanço, a verdade é que: — os médicos alopatas do presente não estão mais seguros do valor do arsenal terapêutico de que dispõem para debelar o flagelo do que o estavam seus colegas, na época calamitosa da “espanhola”.

É verdade que, graças a Deus, por enquanto, o surto epidêmico não assumiu caráter ameaçador, e que a doença, onde se alastrou, se caracterizou pela benignidade.

Todavia, a guerra não terminou ainda, nem se sabe, ao certo, quando terminará. E as guerras, já porque deslocam massas imensas de homens, já porque exigem dos soldados um esforço heróico extenuante mesmo, já porque, finalmente, a todos, soldados e civis, submete a um estado de constante super-tensão nervosa e de deplorável miséria orgânica, as guerras criam uma atmosfera propícia a todas doenças, sobretudo às contagiosas.

Justifica-se, pois, o estado de alerta em que a Saúde Pública vem depor a população, aconselhando-a pela imprensa, e instruindo-a a respeito de certas medidas preventivas.

Se não se puder evitar o mal, que ele seja, ao menos, minorado em suas conseqüências.

É fora de dúvida que uma das medidas de maior alcance, que cada um poderá tomar, individualmente, é estabelecer um método de vida morigerada, evitando todas as causas de esgotamento orgânico, e estipulando um regime alimentar sadio, de molde a manter o organismo nas melhores condições de defesa contra os micróbios patogênicos.

Entretanto, não podemos, nem queremos terminar, sem deixarmos bem evidente que, tal como já aconteceu com a famigerada “espanhola”, a Homeopatia possui, em sua Matéria Médica, inestimáveis recursos, que lhe permitem debelar prontamente qualquer forma de gripe.

Que tal asserção não é bazófia, nem promessa vã, atestam os fatos, eloqüentemente comprovados nas estatísticas das Clínicas Homeopáticas dos diversos centros civilizados.

Por mais infenso que se queira ser à Homeopatia, ninguém poderá negar, por exemplo, o que se passou no “Hospital Hahnemann”, de Paris, na epidemia de 18.

Enquanto a mortandade atingiu a cifras vertiginosas nas Clínicas Alopáticas, oficiais e particulares, o Dr. Léon Vannier, — antigo médico alopata de grande reputação, e, presentemente, uma das mais lídimas expressões da cultura homeopática, — o Dr. Léon Vannier, então diretor do referido hospital homeopático, apresentou aos meios científicos uma memorável estatística em que ficou patenteado que, a despeito de haver socorrido milhares de gripados, nem um só caso fatal se registrou naquele nosocômio parisiense!

É assim, com fatos, e não com palavras, com provas, e não com retórica, que os homeopatas esperam que se lhes faça justiça, e contam que a Homeopatia não seja, mais uma vez, ostensivamente repelida, quando dela, e dela só, pode depender a salvação de muitas centenas, ou, quiçá, de muitos milhares de cidadãos do Brasil!

Assim não vale...

Várias vezes já ouvi, em palestra, com pessoas letradas, um conceito tão injusto acerca da Homeopatia que desejo retificá-lo. São indivíduos que, em presença de um homeopata, e ignorando lamentavelmente o que é, afinal, a Homeopatia, disfarçam, sob a capa da lição os acúleos de um sarcasmo ferino. Tomando ares de importância empertigam-se solenemente e soltam a deixa: “Minha mãe — é sempre a mãe — tinha muita fé na Homeopatia, e, quando eu era menino, até gostava que ela me tratasse! Qualquer febrezinha que nos acomesse lá em casa, já se sabe, mamãe consultava o livro, pingava as gotas, e — deixe-os falar — quase sempre curava!”

Depois dessas palavras açucaradas, estes refinados detratores da Homeopatia fazem uma pausa cheia de reticências enquanto cravam um olhar penetrante no homeopata, para sondar o efeito do seu fraseado, e deixam transparecer, no olhar malicioso, que já antegozam a decepção do ingênuo esculápio, quando, para ferir-lhe o amor próprio, lhe contar uma história que lhe há de doer como uma estocada de florete...

“Imagine o senhor — prosseguem eles, numa entonação maldosa — imagine o senhor que, numa feita, minha mãe se distraiu, e eu, dum trago, bebi o vidro todo do remédio, e nada senti! E aquelas ‘balinhas’ de açúcar, como são gostosas! Quantas vezes fui furtá-las à botica de mamãe!”

Enfim, é uma maneira de instilar, com arte, a peçonha da zombaria...

Poderiam dizer nas bochechas do homeopata: “não creio que haja medicamento naqueles vidrinhos; se alguma coisa lá houvesse eu teria ficado envenenado!” Preferem, no entanto, arranhar com luvas de pelica. Pena é que se metam a gracejar sobre matéria de que nada pescam...

À primeira vista, não obstante, parece lógica a conclusão. O erro, porém, promana numa premissa falsa. Os homeopatas não afirmam que seus remédios são substâncias químicas, capazes, numa dose um pouco maior, de causar intoxicação. Ao contrário, asseveram os homeopatas que seus remédios possuem uma enorme energia curativa. Energia, repito. Mas os homeopatas afirmam, também, que tal energia só se manifesta, quando o remédio é empregado de acordo com uma lei — a “lei dos semelhantes”. É evidente, portanto, que o efeito de um medicamento homeopático não é incondicional; depende

de dois fatores: primeiro, que o organismo esteja doente; segundo, que a prescrição do remédio se faça conforme a “lei dos semelhantes”. Se o organismo está com saúde, ou se o remédio foi dado, sem atender a “lei dos semelhantes”, a energia, que existe no remédio dinamizado, não atua, não tem ação, ou, pelo menos não provoca nenhum efeito sensível. É um fato extraordinário, e de grande vantagem. Errado o remédio não tem ação, não prejudica, ainda que se tome um frasco inteiro; certo, o remédio age imediatamente, desde a primeira pastilha, desde a primeira gota. Aliás, é racional, que, atuando com doses infinitesimais, não se lhes possam demonstrar os efeitos em condições idênticas às empregadas para constatar as ações químicas, ou tóxicas, das doses ponderáveis.

Quem quiser, pois, pôr à prova o valor da Homeopatia há de sujeitar-se às condições inerentes à manifestação da energia das doses infinitesimais, energia essa que não se manifesta em condições, mas apenas em casos especiais.

Se alguém me dissesse que pequenas doses de alimento — já não digo medicamento — podem causar perturbações fatais no organismo humano, e não cuidasse de ressaltar previamente as condições particulares em que tal fato pode acontecer, é claro que eu duvidaria.

Estipuladas, porém, as condições excepcionais em que se verifica o fato, não há duvidar.

Normalmente, um indivíduo sadio bebe dois ou mais litros de leite, diariamente. No entanto, se houver uma sensibilidade anormal, uma alergia para este alimento precioso, o organismo pode sofrer um choque mortal, com uma dose desprezível! Não foram homeopatas, foram alopatas de envergadura, como Finkelstein, Wason, Hutinel e vários outros, que relataram casos de morte pela ingestão do leite! E não pensem que só o leite é capaz de agir assim como um veneno mortal. Todos os alimentos — sem exceção alguma — em casos especiais, podem, mesmo em quantidade mínima, causar a morte! Bowen, por exemplo, observou um caso fatal com a ingestão de ovo, e Von Stark verificou uma morte causada por ervilha! Só para não esticar o assunto, privo-me de citar mais alguns casos dolorosos, que figuram na literatura médica. Para o nosso fim estes bastam. Meditemos, pois, um instante. Se, em condições especiais, até os alimentos mais indispensáveis à vida podem, ainda quando ingeridos em doses mínimas, agredir o organismo com uma violência mortal, por que razão os medicamentos, também em condições especiais, não haviam de poder agir em doses muito pequenas?

Se eu, para provar que o leite, o ovo, o peixe, a ervilha, ou qualquer outro alimento, em certas circunstâncias, são venenos terríveis, principiasse por dá-los a pessoas normais, nada de grave, lograria ob-

servar, e minha tese pareceria absurda, senão ridícula. Mas, se para defendê-la, escolhesse pacientes alérgicos aos tais alimentos, logo provado ficaria o meu acerto. Assim como não é sobre organismos normais que se há de demonstrar o malefício de um alimento, não é, outrossim, numa pessoa sã que se deve positivar a eficácia duma dose homeopática ou mesmo a de um vidro inteiro de remédio, onde, apesar da aparência em contrário, a quantidade total de matéria, continua sendo mínima, imponderável!

Em conclusão: a experiência clínica demonstrou que o organismo doente se torna hipersensível aos remédios, se os mesmos são indicados pela lei dos semelhantes.

Demonstrou mais: que, em doses materiais, químicas, os remédios, prescritos pela lei dos semelhantes, provocam reações violentas, agravações importunas da doença que se pretende curar; e que as doses infinitesimais, ao contrário, curam rapidamente, e sem a menor reação desagradável.

Mas não foi dando “balinhas de Homeopatia” para consolar crianças recalcitrantes e gulosas, que se chegou a tais resultados...

Assim não vale...

O rubicão da Medicina

Houve outrora um momento histórico em que um riacho quase anônimo, — o Rubicão — por força das paixões políticas, transformou-se, de mero acidente geográfico que era, em laço estrangulador apertado à garganta duma província romana. Foi quando um senador decrépito, contaminado pelas tricas politiquieiras duma oligarquia ominosa, esperneou para coibir a supremacia de Cesar, no triunvirato.

Embora hesitante, o famigerado estadista guerreiro logrou transpor as margens do rio e conduzir suas hordas à vitória, esmigalhando, um a um, todos os obstáculos que obstavam a formação de um vasto império.

Menos venturosa do que César, a Medicina não pôde ainda varar o seu Rubicão e dilatar as fronteiras dos seus benéficos domínios, de molde a reduzir à impotência seu tradicional inimigo — a doença.

Fosse o óbice que se lhe antepõe uma dessas tremendas caudais, que tudo subvertem no torvelinho de suas frenéticas convulsões espasmódicas, cuspiendo furiosas jaculações de espuma e arrebatando, num ímpeto satânico, todos os elementos que suas águas tumultuosas vão carcomendo no leito torturado pela correnteza infrene, fosse este o óbice e a técnica moderna, já o teria sobrepujado galhardamente.

Por infelicidade nossa, porém é doutra espécie o empecilho. Porque é contra o misterioso “turbilhão vital” que se hão de arrojarem os abnegados pioneiros da Ciência de Hipócrates. É da exploração sistemática de um álveo quase insondável que se devem colher os elementos indispensáveis para que se desvendem os enigmas da arte de curar. É sondando, pacientemente, o modo do organismo reagir em face dos medicamentos que se poderá compreender alguma coisa a respeito da ação de cada um deles. E é intuitivo que, sem conhecer, exatamente, a ação de cada medicamento, não se pode receitar conscientemente.

A potência da Medicina, a eficiência da terapêutica, dependem, pois, desse conhecimento. Quanto melhor conhece um medicamento, e quanto maior é o número de medicamentos que conhece, tanto mais profícua vai se tornando a Medicina.

Como conhecer, no entanto, precisamente, a ação dos medicamentos no organismo humano?

O problema é muito mais árduo do que se nos afigura à primeira vista.

Por três vias diferentes a questão tem sido abordada. A primeira delas, — a experiência clínica, — única de que se serviram os esculápios de antanho, e que, ainda hoje, é trilhada por muitos médicos, consiste

em ministrar o medicamento, cujo efeito se quer constatar, a um doente escolhido, e observar, em seguida, os efeitos que surgem. Na verdade, é um mau caminho, esse. Porque os sintomas provocados pela ação da droga, misturam-se aos sintomas peculiares ao estado mórbido, de modo que, ao final não se sabe bem o que ocorre à conta da substância ensaiada nem o que pertence propriamente à moléstia. Quando muito, poder-se-á concluir, com aquela mordacidade causticante de Rabelais, que o ópio faz dormir porque é dormitivo!...

Outra via, que está muito em voga, é a experiência *in anima vili*.

Não resta dúvida que os poucos conhecimentos que possuímos acerca das funções das células, dos tecidos e dos órgãos do corpo humano foram obtidos, quase todos, por analogia, mercê de experiências realizadas em animais de laboratório. Não obstante, são de pouca monta os dados que tal via nos pode fornecer, no concernente à ação terapêutica dos medicamentos. Basta atentar na extraordinária variação de efeitos que uma mesma substância pode provocar, nos diversos animais. Querem um exemplo muito significativo?

Um dos princípios ativos da *Atropa Belladonna* é a atropina — veneno terrível, que precisa de ser manobrado com muito critério, para que não determine distúrbios no organismo humano. O coelho, no entanto, pode comer, impunemente, um montão de folhas de *belladonna*; de tal sorte que a carne se torne tóxica para a alimentação, sem que, todavia, o animal manifeste o menor sintoma de envenenamento!

Agora, o reverso da medalha: o elefante — um bichão enorme — morre fulminado, quando devora algumas bagas, apenas, da reputada solanácea! Vejam o contraste! Alimento para o coelho, veneno mortal para o elefante. Eis aí como dois cientistas que, separadamente, estudassem a ação da *Atropa Belladonna*, um, valendo-se do coelho, e servindo-se, outro, do elefante, chegariam a conclusões diametralmente opostas a respeito das propriedades farmaco-dinâmicas da planta!

Poderia, se quisesse, citar muitos outros exemplos decisivos. Prefiro, todavia, dar a palavra a um mestre da medicina oficial — da Alopata — para que ele mesmo faça a crítica do método. Tem, pois, a palavra o Prof. Vires, da Faculdade de Medicina de Montpellier: “O animal — é o professor quem o diz — tem a sua especificidade, como o homem possui a sua. As experiências sobre animais, portanto, só tem valor para os animais e para cada variedade de animal. *A fortiori*, não é possível estabelecer exato paralelismo entre os resultados das experiências no animal e no homem.” Aí está. Disse tudo o mestre alopata. Contudo, até o presente, as vias seguidas pela Medicina oficial tem sido justamente a experiência clínica e a experiência *in anima vili*, métodos falhos, consoante acabamos de ver. E sendo, como são, falhas e ilusórias ambas é evidente que os conhecimentos até hoje armazenados, pela Medicina oficial, acerca dos medicamentos que pres-

creve, não podem deixar de ser precários, e, muitas vezes, errôneos de todo em todo. Daí a volubilidade dos clínicos alopatas na confecção dos seus receituários. Medicamento que hoje está na moda, amanhã, relegado estará; da mesma forma que tantos outros, outrora tidos e havidos como milagrosos, e hoje desaparecidos do mercado, como que por encanto!

Tudo porque a cotação deles varia com os caprichos da época e da moda, alimentados sub-repticiamente pelo cabotinismo duma propaganda capciosa, nefasta à Medicina, e que não aproveita nem ao doente, nem ao médico.

Na Homeopatia, graças a Deus, a coisa é diferente. Não há moda, nem propaganda subversiva. Há uma lei inamovível a orientar todas as prescrições — a lei dos semelhantes. De modo que, nela, remédio estudado é remédio eternamente útil, e tão útil, hoje como o foi no pretérito e sê-lo-á no futuro! Nunca perderá seu valor, nem deixará de agir com a mesma presteza e eficiência, desde que surja a indicação, apontada pela lei de cura.

Tal resultado, porém, só o obteve a Homeopatia, porque, em experimentando a ação de seus medicamentos, trilhou um caminho muito diferente. Experimentou-os, não nos doentes, mas nos homens sadios, em perfeito estado de saúde, de modo que a sintomatologia observada representa, realmente, a ação da substância ensaiada.

Com isso não quero dizer que os homeopatas já atravessaram o Rubicão e recuaram as fronteiras da Medicina para o mundo das certezas matemáticas; não. Mas podem ficar certos de que os homeopatas não estão muito longe de topar o véu, através do qual se lançarão os vanguardeiros da Medicina do futuro...

Medicina de retalhos...

A função primacial do médico é curar.

Todos os conhecimentos inerentes ao seu patrimônio intelectual devem cooperar, harmoniosamente, para a consecução de um mesmo ideal: eliminar as doenças do organismo, ou mais explicitamente, — restabelecer a saúde.

Verdade que ressalta à simples enunciação, evidente como um axioma. Não obstante, é tarefa difícilíssima.

A vida, em sua essência mesma, escapa à Ciência. Os biólogos não a puderam ainda definir, como definir não conseguiram, até ao presente, a morte. Não puderam mesmo precisar claramente o que seja a saúde, nem a doença.

Não se conhecem todas as modalidades de energias que atuam — e como atuam — na manutenção do estado hígido. E ignorando-se as componentes, impossível será determinar as resultantes. Sem demarcar os limites da saúde, não se estabelecerá o limiar dos estados mórbidos.

Biologicamente, vida e morte, saúde e doença, são fatos que se verificam, mas que se não explicam, porque não se compreendem. Nesse terreno, a intuição e a especulação filosófica desvendam, às vezes, um mundo oculto às investigações dos sábios experimentadores...

A verdade é que, do turbilhão de forças que agem sobre esta maravilha que é o corpo humano, umas em admirável sinergia, outras em feroz antagonismo, apenas uma fração minúscula se exterioriza e impressiona os nossos sentidos.

Tudo o que se consegue concatenar e sintetizar à cabeceira do doente, a despeito dos preciosos recursos modernos do laboratório, da radiologia, da eletrocardiologia, etc., pouco é, em comparação à pluralidade de fenômenos, que se processam, ocultamente, na intimidade dos tecidos e das células.

A natureza guarda, avaramente, estes mistérios, como os antigos iniciados egípcios ocultavam o fruto de suas conquistas espirituais, no enigmático simbolismo do véu de Ísis...

E porque a natureza se mostra, assim, tão ciosa dos seus arcanos, se exigem do clínico qualidades excepcionais.

Espírito analítico, sagacidade para concepções sintéticas e capacidade de observação constituem, para o médico, virtudes essenciais. Porque, em verdade, se pela análise penetra os segredos da

microquímica, desvenda os mistérios do mundo maravilhoso dos infinitamente pequenos, onde se confundem dois reinos da natureza, e, cuja influência, sob múltiplos fenômenos biológicos, é tão decisiva; se, ainda pela análise, surpreende, na delicada contextura dos órgãos, a complexidade das funções especializadas, em compensação, só e só, pela síntese, colherá os frutos da clínica.

Entretanto, os médicos modernos se deixaram empolgar pelo espírito da análise.

As novas diretrizes abertas à Ciência, pelo gênio de Pasteur, despertaram, como era justo, o entusiasmo pelas pesquisas. Raramente, porém, estas pesquisas se orientaram dentro das realidades clínicas. A Medicina avançou em extensão, mas perdeu em profundidade. Esqueceu-se de que o corpo humano é indivisível, na integridade de suas funções biopsíquicas.

Estimulou as especializações precoces, sem prévio e sólido preparo basilar.

Em conseqüência, o organismo foi retalhado arbitrariamente e estudado em frações, isoladamente, como se a relativa autonomia fisiológica dos órgãos, dos tecidos e das células, equivalesse à completa independência funcional!

O resultado é que as conclusões dessa medicina de retalhos, ultra especializada, são sempre, ou quase sempre contraditórias...

Os sentidos iludem

Indivíduos há, que avaliam *a priori*, e de maneira singular, a eficiência dos medicamentos: calculam o poder curativo dos remédios pelo grau de agressividade com que as características extrínsecas da droga lhes ferem os sentidos!

Assim — se o medicamento é tópico, e arde, e queima, então é bom, — concluem eles, — por que “o que aperta, segura, e o que arde, cura”; se o remédio amarga e se a ingestão é penosa, pouco importa, porque o amargor vale como prova de que “ali existe remédio, de fato”; se o frasco é colossal e se as doses são cavalares, tanto melhor, deduzem os tais camaradas, porque, assim, curará depressa!

Raciocínio simplista. Cômico, talvez. Mas deploravelmente errado!

A verdade, no entanto, é que essa convicção está tão arraigada em certas camadas populares que vale a pena de repisar no assunto.

Seja por um conceito tradicional, vinculado à época em que a velha terapêutica de antanho se valia de famigeradas teriagas, fórmulas complexas, espécie de polifarmácia ambulante, em que, num só frasco, se continha todos os remédios conhecidos, embora, muitos deles, por incompatíveis, se entrechocassem, revoltados contra aquela incrível promiscuidade; ou seja porque é dos próprios homens o vizo dos julgamentos instintivos, em que, quase sempre, se deixam embaixar pelas contingências relativas aos sentidos humanos, o fato é que os remédios que não agridem, que não maltratam com reações intempestivas, que não ferem, em suma, os sentidos, mas que, ao contrário curam suavemente, rapidamente, sem convalescença, sem alarido e sem encenações de “casa de saúde” e de centenas de “exames de laboratório”, — como acontece com os medicamentos homeopáticos, — esses são freqüentemente recebidos, com escárnio, pelos partidários dos “milhões de unidades” da última droga anunciada pelo último correio estrangeiro! Pouco se lhes dá, que a tal droga se tenha revelado “milagrosa” na cobaia, ou no rato branco, ou, mesmo, simplesmente no tubo de ensaio. O que lhes interessa são os “milhões de unidades”. Isso, sim; já é remédio a valer!

Eis, por conseguinte, o principal obstáculo à propagação da Homeopatia, cujas pequeníssimas doses não impõem confiança à maioria das pessoas, inclusive, e lamentavelmente, à quase totalidade da classe médica. É verdade — diga-se de passagem — que a repulsa da classe médica, nesse caso, não é garantia alguma, de vez que os

médicos condenam e ridicularizam o que ignoram, porque nunca leram a doutrina, nem experimentaram o método hahnemanniano. Opõem, por conseqüência, movidos pela paixão e pelo interesse monetário. Os poucos médicos que, desde a genial descoberta de Hahnemann, se interessaram, de fato, pela Homeopatia, esses se tornaram, todos, homeopatas. E isso é, incontestavelmente, muito significativo...

O pior, porém, é que, partindo dum ponto de vista inteiramente falso, a maioria dos doentes se recusa a experimentar o tratamento homeopático, estribados, que se encontram na presunção de que os remédios são muito “fracos” e que não é possível haver curas com tais “agüinhas”!

É deveras lamentável que a generalidade da população terrena não esteja, ainda, preparada intelectualmente, para compreender o que acontece quando se transforma um pouco de matéria em energia. Pois, todo segredo da eficiência das doses homeopáticas reside na obediência ao binômio: — aplicação da lei dos semelhantes, como lei natural de cura, e emprego de remédios “dinamizados”, em que a “energia curadora” foi libertada da matéria e atingiu notável freqüência vibratória, agindo, portanto, fisicamente, por vibração intracelular, em toda a economia orgânica, revitalizando, destarte, todos os órgãos enfermos com uma rapidez desconcertante! É isto que a prática diária dos homeopatas vem comprovando no mundo inteiro, inclusive em casos desesperadores, quando não há mais esperança de salvar o doente!

Entretanto, se aos ignorantes é lícito duvidar das doses homeopáticas, aos cientistas é imperdoável a desídia com que sempre encararam as possibilidades das doses infinitesimais, quando não podem ignorar que todos os fenômenos fisiológicos são como que acionados à custa de doses imponderáveis de “catalisadores biológicos”!

E mais do que isto — quando sabem o que representam, no Universo, as formas de energia vibratória!

Além disso, por que aceitam o valor terapêutico duma dose infinitesimal de alcalóide, de hormônio ou de vitamina, e recusam, paradoxalmente, uma dose infinitesimal do remédio homeopático?

Bem sei que muitos médicos, no âmago de suas consciências, sabem perfeitamente o valor da Homeopatia e que, até, tratam seus parentes por este método mas, receosos do ridículo, estacam numa encruzilhada, hesitantes acerca do caminho que devem trilhar, assustadiços dalgum assobio irreverente do primeiro gaiato que os pilharem a experimentar o efeito das “agüinhas”!

Mas, convenhamos, essa atitude não fica bem a um indivíduo, que, por juramento, assumiu, perante Deus e perante a sociedade, a tremenda responsabilidade de zelar pela conservação da vida alheia.

Esteja onde estiver a fonte de cura, é dever do médico incorporá-la aos seus conhecimentos científicos, ainda que, para isso, tenha de esmagar preconceitos, ou de ferir interesses subalternos.

O que vale é a qualidade...

De médico e de louco todo mundo tem um pouco — diz o adágio. De louco não garanto. Mas de médico tem mesmo. Porque não há bípede implume que, em choramingando suas mazelas, não traga, dos encontros fortuitos com os mais variegados espécimes da fauna humana, as algibeiras recheadas de receitas infalíveis...

Nas ruas, nos cafés, nas repartições públicas, no bonde, no ônibus, nos salões de gala, nos palácios faustosos e nos casebres paupérrimos, em toda parte há sempre um pelintra vaidoso, uma matrona tagarela, um ancião jactancioso ou uma solteirona bisbilhoteira com uma panacéia engatilhada, para deflagrar na primeira vítima que murmurar um queixume à toa. Para a congestão do narigão, para reumatismo do dedão, para a pança empanturrada, para o “ventre virado”, para a “espinhela caída”, para todos os males da estapafúrdia nomenclatura popular, surgem de todos os cantos os remédios encantados — que curam tudo, desde a prosaica dor de barriga até a infame tosse de cachorro!

Às vezes por caridade, mas quase sempre por vaidade, esses “um pouco médico” vão esparramando uma mixórdia de mezinhas, panacéias e também de “específicos”, que ouviram radiofonizados, nas mais charlatanescas improvisações do cabotinismo indígena...

O pior é que, no fim de contas, é a Medicina que leva a pecha. Leva-a injustamente, porém. Porque os que sabem um pouco mais do que os que são “um pouco médico”, e sabem porque viveram longos anos curvados sobre os tratados e postados à cabeceira dos enfermos, esses, concordam que a Medicina é, de fato, muito difícil e que a “arte de curar” tem seus arcanos indevassáveis à curiosidade do leigo. Por isso mesmo, de mim para mim, muitas vezes tenho considerado à luz da filosofia a atitude de magistral e arrogante com que certos indivíduos se confessam apologistas da Homeopatia... para crianças. Para crianças, é ótimo tratamento, dizem eles. E justificam-no. Não estraga o estômago, não intoxica o organismo, etc., etc... Desfiam, enfim, um rosário de razões em favor do método de Hahnemann. E para adultos? Para adultos, não presta a Homeopatia. É tratamento muito lento...

Quanto a mim, confesso que ainda não atinei como tais portentos descobriram esta ação paradoxal da Homeopatia — rápida nos pequerruchos, morosa nos marmanjos. Tanto quanto me permite inferir a experiência acumulada de várias gerações de clínicos, e também o meu modesto contingente pessoal, o que ressalta das observações é

sempre a pronta eficácia do remédio homeopático. Quer se trate de criança, ou de adulto, a cura é galopante. O sucesso depende, todavia, da aplicação correta duma lei de cura — a lei dos semelhantes. E note-se: é mais difícil aplicá-la na infância. Porque as crianças não sabem definir as sensações anormais que surgem nos estados patológicos e, para a aplicação da lei dos semelhantes, é mais importante o que o doente sente do que aquilo que o médico vê! Tanto assim que o “bom doente” para o homeopata é justamente o que sente muitas coisas, porque, então, é mais fácil vislumbrarem-se entre os numerosos sintomas subjetivos, os que caracterizam a ação do remédio que se deve prescrever. Noutros termos: quando a sintomatologia é opulenta torna-se menos trabalhoso o diagnóstico do remédio homeopático. Isto talvez não seja muito claro para o leigo, mas é verdade.

O fato é que os homeopatas, agindo em concordância com uma lei natural, obtêm com doses mínimas, efeitos máximos. Pode-se dizer, sem exagero, que a lei dos semelhantes orienta o médico de tal modo que ele atua sempre a favor da natureza do organismo humano, reforçando a vitalidade orgânica, estimulando a *vis medicatrix naturae*. É este, aliás, o grande segredo do método de Hahnemann. Segredo que se torna compreensível quando se atenta no fato de que a saúde é mantida, não à custa de grandes acúmulos de matéria, mas graças ao dinamismo de doses imponderáveis de hormônios de fermentos biológicos e de catalisadores orgânicos. Tanto na criança como no adulto. Porque motivo, então, uma dose homeopática deverá agir rapidamente num garoto, devagarinho num velhote?

Se nem sempre a velocidade da cura corre parelhas nos dois exemplos, porque um organismo envelhecido não pode responder com a mesma presteza que o de um moço aos estímulos curativos, o certo é, no entanto, que a diferença não é tão sensível quanto proclamam os partidários da “Homeopatia só para crianças”. O essencial é que fiquem doravante sabendo que, em matéria de medicamento, o que vale é a qualidade e não a quantidade!

Os homeopatas não são charlatães

Meu repto ao catedrático de Pediatria da Universidade do Brasil

Parece que um gênio mau persegue a pobre humanidade terrena, retardando-lhe o progresso e privando-a, sempre que pode, de todos os instrumentos da felicidade. Nunca surgiu, talvez, neste planeta, uma idéia luminosa, uma hipótese fecunda, uma descoberta genial sem que, incontinenti, as forças do mal se congregassem em terrível conluio contra a inovação. Foi assim em todos os tempos. Assim é ainda hoje.

Tudo que constituiu o orgulho das antigas civilizações da mesma forma que tudo que exprime o índice do nosso progresso, tudo foi conquistado ao preço de ingentes sacrifícios e de atrozes sofrimentos. Raríssimos serão os benfeitores da humanidade que, ainda em vida, viram a consagração dos seus esforços. E, no entanto, todos eles provaram o fel do ódio, a peçonha da inveja, o veneno da calúnia...

Todavia, o que é mais triste, mais desolador, mais lamentável é que, não aos parvos, aos ignorantes se deveu, muitas vezes, a procrastinação dos benefícios, mas aos sábios, aos homens de ciência coube, amiúde, a tremenda responsabilidade de combater e ridicularizar descobrimentos providenciais, capazes de solucionar problemas angustiantes e de minorar os padecimentos de populações inteiras!

Os fatos são de todos conhecidos. Mas é fraca a memória dos homens e, apesar de tudo, a incidência nos mesmos erros é freqüente.

Muitos engenhos que agora se nos afiguram banais — a propulsão à vapor, o trem de ferro, o cabo submarino, a iluminação elétrica, o telefone, tudo foi obra da tenacidade de seus inventores, porque tudo isto, para se impor ao mundo, exacerbou rivalidades, competições e pugnas estrepitosas. Jouffroy — coitado! — morreu desiludido. Seus planos foram, pelos cientistas da época, considerados meras utopias de um cérebro desequilibrado. Ridicularizado, apupado, amargurado numa existência de cruéis provações, por onde passava a chacota explodia: lá vai o “Jouffroy das bombas!”... Sabem qual foi a “loucura” desse gênio? Os sábios o disseram: queria “conciliar o fogo com a água”.

Contudo, Fulton foi mais feliz. Venceu a graçola. Venceu o chiste. Venceu a obstinação da ciência oficial. Conciliou o fogo com a água: aí estão os “vapores”, os trens de ferro, muitos outros engenhos, todos impulsionados pela invenção ridicularizada! A Ciência erra...

Errou também com o trem de ferro. Arago, físico, matemático e astrônomo de reputação universal, terçou armas contra a inovação.

Na câmara dos deputados, ergueu a palavra eloqüente e erudita. Teceu considerações sobre a inércia da matéria, a tenacidade dos metais, a resistência do ar...

Não! O trem de ferro não aprovaria. A velocidade seria pequena. A economia da França prejudicada. O erário público desfalcado em cerca de dois bilhões de francos! Parece incrível.

Contudo, por mais incrível que pareça, não foi este o único sábio contra o invento. Na própria França, dentre outras vozes autorizadas, destacaram-se Thiers, o grande estadista e historiador, e Proudhon, sociólogo de remarcado renome.

O mais interessante, porém, é que o Colégio Real de Medicina, da Baviera, consultado a respeito, condenou o invento, taxando-o de danoso à saúde pública, por isso que, em virtude da velocidade, “provocaria abalos cerebrais nos viajantes e vertigens no público exterior”!

Não obstante a opinião apriorística de tantos sábios, o trem de ferro é, agora, transporte banal, sem abalos cerebrais e vertigens dos curiosos...

Contra o cabo submarino, basta citar um exemplo. Babinet, físico e matemático afamado, escreveu, na *Revue de Deux Mondes*, um substancioso artigo afirmando que, baseado na “teoria das correntes”, poderia dar provas insofismáveis da impossibilidade da transmissão das mensagens telegráficas.

Todavia, Babinet errou. E errou como errado têm numerosos sábios ortodoxos, que imaginam poder aprisionar todas as verdades do Universo na arapuca de princípios e teorias efêmeras, aos quais se apegam de unhas e dentes, por não se aperceberem dum fato capital: os princípios e teorias humanas não são nunca a expressão duma verdade absoluta, mas, apenas, momentos estáticos, na incessante evolução do pensamento científico.

É da incompreensão dessa verdade tão evidente que nascem as lutas inglórias, os embates estéreis, as rivalidades mesquinhas nos domínios da Ciência. É dessa incompreensão que se nutre o espírito de seita, o fanatismo científico, tão nefasto e daninho quanto o religioso.

Ainda agora se me depara um exemplo típico desse desolador sectarismo que, desgraçadamente, impera ainda, infrene, no tabernáculo da arte de Hipócrates.

Devo à solicitude dum amigo não me ter passado despercebido o lamentável episódio.

Trata-se de um artigo, assinado por um professor da Faculdade, da mesma Faculdade onde bebi os primeiros ensinamentos da Ciência, que, dia a dia, procuro aperfeiçoar, artigo este, jeitosamente confeccionado, para instilar sutilmente o tremendo vírus da *invidia medicorum*, e ferir a dignidade de colegas cujo único crime consiste em não pautarem as normas da vida profissional pela mesma cartilha que o articulista.

Velho é o vezo de, à míngua de recursos para pulverizar o competidor, resvalar o embate para o terreno lamacento da chocarrice. Tempo houve em que o método teve apologistas, e surtiu efeitos terríveis. Hoje, não. A época da calúnia já passou: Aretino está morto.

Contudo, em se tratando de um professor, de um mestre da Medicina, o fato é tão grave que não deixarei a afronta passar sem um reparo.

Bem sei que o Prof. José Martinho da Rocha — é este o homem — não se referiu à minha obscura personalidade. Não lhe interessaria certamente a atividade profissional de um modesto homeopata da Praia Grande.

Tentou macular a honra de outro, bem sei.

Acontece, porém, que, tal qual o colega escarnecido, eu também sou, agora, médico homeopata; e acontece mais — que, exatamente, como o colega ofendido, também eu sou, agora, especialista em doenças de crianças.

Assim sendo, não posso fugir à evidência de que, também eu, fui ofendido e troçado. E, como não estou disposto a tolerar a pilhéria, nem a ofensa, aqui me encontro com o meu protesto e o meu repto.

Sei agora, pelo que o referido professor escreveu, que, de Homeopatia ele nada pesca. É natural. Ler, não leu; observar, não observou; experimentar, não experimentou, como pode saber? E, sem saber, como pode criticar?

Em verdade, não há, como deixa transparecer o professor, a mínima incompatibilidade entre a Homeopatia e a Pediatria, exceto, é lógico, na parte concernente à terapêutica. Porventura pensará o “mestre” que os tratados e as revistas técnicas são apanágios dele? Pensará, porventura, que o homeopata não acompanha os progressos da Ciência, e que, não os aplica, sempre que os julga compatíveis com a sua experiência e com as suas convicções científicas, pensará? Pensa sim. E, porque pensa, se enganou lamentavelmente. Enganou-se também, e, o que é mais grave, enganou os seus discípulos quando lhes asseverou que o garbo da Pediatria moderna consiste em ter descoberto que a criança não é um homem em miniatura, e que, na equação da saúde da infância, tudo é questão de regime.

Ora, para saber que a criança não é um homúnculo não há mister de ser pediatra: basta possuir as noções essenciais de duas cadeiras básicas do curso — Anatomia e a Fisiologia. E quanto à eficiência do regime, houve proposital exagero do “mestre”, sem que atinasse ele que, ao mesmo tempo que feria a Homeopatia, feria também a Alopátia.

De um modo geral, o regime é fundamental na preservação de muitos males da infância. Não há negar. Entretanto, o regime, por si só, não impede absolutamente a doença, e nenhum pai, por mais calmo e crente que seja na “força vital”, a *vis medicatrix* dos antigos, con-

cordaria, num caso de pneumonia, por exemplo, em aguardar a reação orgânica, sem qualquer auxílio medicamentoso. Duvido que o professor Martinho resolva seus casos de tifo, de difteria, ou mesmo de um simples eczema, com regimes e calorias apenas! E é quando cessa o poder do regime, é quando o regime não basta — e quase nunca basta — é aí que se precisa agir, e agir com precisão, com certeza, com eficiência, porque está em jogo a vida de um semelhante nosso! Se o Professor não resolve tudo com calorias, é inepto quando insinua que nós, homeopatas curamos, porque a natureza cura por nós...

Seria paradoxal que os homeopatas dando “nada”, já que “nada” é o remédio homeopático na opinião do professor, curem tanto, e tão depressa, como, de fato, curam! Se a questão é de calorias somente, o melhor será o governo eliminar a cadeira de Pediatria do curso médico, e encaminhar os futuros esculápios para a cozinha; fonte de “calorias” — a nova panacéia da medicina infantil, no conceito do “mestre” da pediatria indígena!

Na verdade, porém, a Homeopatia é alguma coisa, embora não seja a perfeição.

Como doutrina médica, é um monumento de sabedoria, genialmente esboçado, posto que ainda inacabado, e dependente, em muitos pontos, de técnicas mais aprimoradas para ratificar ou para retificar alguns dos seus postulados. Não obstante, à medida que a Ciência avança, é a Alopatria que, consciente ou inconscientemente, vem ao encontro da Homeopatia. Haja vista a Biotipologia, e, mais do que a Biotipologia, a Patologia Funcional — base fundamental do método de Hahnemann — e que, só agora, com Bergmann e Lichtwitz, principia a mostrar aos alopatas quanto erraram, quando, no cadáver, foram buscar as bases, as características para os estados mórbidos com menosprezo dos “sintomas vitais”, que se patenteiam, no vivo, através das alterações funcionais e sensoriais. Mas se, como filosofia médica, a Homeopatia está apenas debuxada, e em plena evolução, como método terapêutico, como arte de curar, a Homeopatia é inatacável, porque se baseia na observação, na experiência e na lógica.

Entretanto, o professor Rocha soprou aos quatro ventos que a Homeopatia era coisa misteriosa, que o povo ama o mistério e que os seus colegas, médicos como ele, talvez mais médicos do que ele, porque, além de conhecerem o que ele conhece, conhecem, também, a Homeopatia que ele desconhece, — são charlatães, que se locupletam ilaqueando a boa fé dos incautos!

Se, acaso, os homeopatas pediatras estão prejudicando a clínica do “mestre”, o caso é sério; sinto muito; mas nada posso fazer! Aqui não vim, entretanto, debater interesses inconfessáveis. A opinião de um colega só merece consideração, quando ele não perde a compostura. No caso, porém, dada a posição do acusador, o silêncio seria covardia.

Eu também já pensei que a Homeopatia era água, mas sempre respeitei a convicção dos meus colegas. Quando, no entanto, tive oportunidade de verificar a primeira grande cura homeopática, coloquei de banda a presunção, e fui estudar e experimentar, para poder criticar com justiça. E nada mais do que isto desejam, dos seus colegas alopatas, os médicos homeopatas. A primeira “revelação” da Homeopatia, para mim, foi que ela, ao contrário da Alopacia, possui uma “lei de cura”, que orienta, em todos os casos, o clínico, apontando-lhe, à guisa duma bússola, o rumo a seguir para individualizar o remédio de “cada doente”. O remédio é sempre individual, de acordo com a natureza de cada doente. O que importa é o modo particular de cada doente reagir em face dum estado mórbido. O remédio escolhido pelas características reacionais, individuais, e não pela espécie do germe, pelo nome do micróbio ou da doença. O micróbio não é o fator principal. O organismo vivo, sim. Aqui, dá-se o contrário do que acontece na agricultura: é o mau terreno que permite a germinação...

Mais sensacional, porém, é a extrema sensibilidade do organismo em face dos estímulos do medicamento homeopático, isto é, do medicamento escolhido consoante a “lei dos semelhantes”. Todo doente é alérgico para seu remédio homeopático, de tal sorte que doses ponderáveis, químicas, provocam agravações, verdadeiros “choques”. Daí a necessidade de doses imponderáveis. Finalmente, para maior estupefação, de quem ainda duvida, os remédios, a medida que vão sendo triturados, divididos, diluídos, tanto menos matéria contenham, tanto mais ampliam a esfera de ação, tanto mais intensificam seus efeitos curativos. Tudo isto são fatos de observação.

Não há mistério, e muito menos mistificação. Não forço, contudo, convicções. Desejo que o assunto vá para o terreno das provas provadas. Por isso, repto o prof. Martinho da Rocha para uma demonstração. Eu me proponho a tratar cem doentes dos mais variados estados mórbidos, e o Professor tratará também outros cem dos mesmos males. Nós ambos ficaremos sob o controle duma comissão mista nomeada pela Academia de Medicina uma, e outra nomeada pelo Instituto Hahnemanniano. Se a estatística for favorável ao professor, eu me comprometo, sob palavra de honra, a não mais me intrometer na seara do “mestre”, mas, se a mim me for favorável, o professor renunciará à cadeira e fará um curso de Homeopatia. Está feito?